ILUSTRAÇÃO MODERNA

1.º-2.º ANO 1926-1927

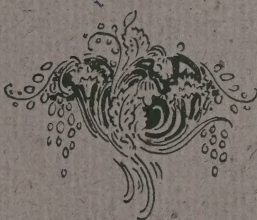



ILUSTRAÇÃO
MODERNA
PÔRTO -- MAIO -- 1926
1.º ANO
NÚMERO 1

ILUSTRAÇÃO MODERNA

ILUSTRAÇÃO MODERNA

DIRECTOR

MARQUES ABREU

1.º E 2.º ANO—1926-1927

AVENIDA RODRIGUES DE FREITAS, 310

PORTO

SUMÁRIO DO 1.º ANO

SUMÁRIO DO 2.º ANO

ILUSTRAÇÃO MODERNA

PUBLICAÇÃO MENSAL — EDITOR-DIRECTOR — MARQUES ABREU

1.º ANO — PORTO — MAIO — 1926 — NÚMERO 1

Imprensa das Oficinas de Fotogravura de Marques Abreu — Avenida Rodrigues de Freitas, 310 — PORTO

Cliché foto. de Marques Abreu

CRIANÇA TRISTE (Estudo em pedra) — ESCULTURA DE TEIXEIRA LOPES

Crónica do Mês — Abril

A Ilustração Moderna.—Um crime emocionante.—Dois dias de ansiedade.—Três conferências.

Há quási vinte e oito anos que Marques Abreu—ainda em plena mocidade—lançou a lume uma revista que se chamou *Ilustração Moderna*.

Muito modesta, certamente, como era próprio do acanhado meio de então e da deficiência dos processos artísticos, talvez por isso, viveu pouco favorecida pela fortuna, até que suspendeu a publicação em Fevereiro de 1899.

Reapareceu, muito melhorada, e impondo-se já pela apresentação inegàvelmente artística, em Setembro de 1900, e singrou em mar propício durante três anos até que, a 30 de Junho de 1903, desapareceu definitivamente da scena.

A partir daquele dia, a actividade de Marques Abreu disseminou-se por objectivos de maior monta, desde as suas oficinas modelares, que honram o Pôrto, até essas lindas e patrióticas publicações, conhecidas em todo o país, que foram *A Arte* e *A Arte Românica em Portugal*.

Parece, porém, que nunca da mente dêste obreiro do Belo se apagou a ideia primitiva. Há muitos anos—desde que o conheço—que o ouço exteriorizar o seu projecto de uma Revista, a um tempo literária, artística e documentadora dos acontecimentos, que viesse preencher uma lacuna fácil de constatar nesta operosa capital do norte português. Não me admirei, pois, quando há uns meses êle me comunicou o próximo aparecimento dêste mensário. E menos me admirou que, tal como um pai acostumado a pronunciar o nome de um filho querido, fizesse ressurgir a nova revista sob o nome de uma outra que êle muito amara.

Esta, como a anterior—e mais ainda do que ela—fará todo o possível por agradar, não talvez ao grande público, mas às pessoas cultas que sabem ler pensando e sentindo. Absolutamente imparcial, vivendo à margem de quaisquer *coteries* artísticas, literárias ou políticas, e aceitando a colaboração de todos os escritores de talento e de probidade sem olhar às suas opiniões pessoais, a nova *Ilustração Moderna* propõe-se—sem pôr de parte a anotação dos sucessos dignos de registo—ser uma visita amiga de todos aqueles que, refugindo à banalidade da vida hodierna, vivem mais pela alma que pelos sentidos, amando a Beleza e adorando a Verdade.

Consegui-lo há? Só o futuro poderá dizê-lo.

* * *

Foi fértil em acontecimentos sensacionais o mês de Abril.

Abriu pelo assassinato, verdadeiramente cinematográfico, da actriz Maria Alves, perpetrado por um homem que de simples marinheiro conseguiu, mercê da sua audácia e de descabeladas protecções, alçapremar-se a influente político *doublé* de empresário teatral. Geralmente temido, e parece que estimado por bastante gente, incluindo algumas autoridades, já a opinião pública e um iniludível conjunto de provas o apontavam como autor do crime, e ainda êle se pavoneava por Lisboa, em plena liberdade, chorando lágrimas fingidas sôbre o túmulo que abrira.

Foi fatal que se descobrisse tudo. E logo sôbre o homem que uma reviravolta súbita da fortuna projectara na prisão, e já não infundia receios, choveram as acusações: nada menos de três assassinatos, além dêste, e um crime de fôgo pôsto. E eu não sei quem revela, no episódio, mais cobardia: se o bandido que premeditadamente, pela calada da noite e no interior de um automóvel, estrangula uma mulher indefesa, se os seus acusadores de agora que, conhecendo há muito tôda a sua crónica criminosa, só se resolveram a denunciá-lo depois de o verem seguro e impotente, detrás das reixas de uma cadeia.

* * *

Apenas distendidos os nervos do público com a descoberta do autor dêsse repugnantíssimo flagício, novamente entraram de vibrar com ânsia, na angústia de se ignorar a sorte de dois denodados aviadores que se haviam proposto efectuar o *raid* Lisboa-Madeira-Açores.

Dois dias após a sua partida do Tejo, ainda do Funchal comunicavam desconhecer-se o paradeiro dos tenentes Moreira Campos e Neves Ferreira, que nesta sua primeira *étape* não deviam ter gasto mais de sete horas. Era indubitável tratar-se de um acidente cujas conseqüências se não podiam medir ainda, mas que se anunciavam densamente sombrias. E já nos lugares de reunião, nos cafés, nas praças públicas, deante dos *placards* dos jornais cujas notícias terminavam sempre com o mesmo acabrunhante ponto de interrogação, se proferia surdamente, numa opressiva associação de ideias, o nome de Sacadura Cabral, que o mar do Norte tragara.

Felizmente, não se consolidou o calamitoso prognóstico. Um desarranjo no motor obrigara os dois destemidos navegadores do ar a amarar perto da Ilha de Pôrto Santo. Dezoito horas sôbre as ondas, que deviam ter sido longas como dezoito dias... Um barco de pesca que surge no horizonte... Um foguetão que deflagra, chamando-lhe a atenção... E emfim, a bôrdo do navio salvador, e rebocando o avião gigantesco, os dois oficiais entram o pôrto do Funchal, em meio das aclamações populares, enquanto os telégrafos se apressam a libertar-nos do terrível pesadelo.

Em sinal de regosijo, o Govêrno concedeu indulto a um certo número de crimes militares. Foram umas centenas de almas que se ergueram para o céu abençoando os dois heróis. Já, antes disso, Deus e a Pátria os haviam abençoado.

* * *

A primavera é a época das conferências, literárias ou políticas. E esta de 1926 tem sido fértil dessa fruta do tempo. Três delas merecem referência especial, ou pelo seu valor intrínseco, ou pelo barulho que produziram.

Avultam entre as primeiras as dos srs. drs. Antero de Figueiredo e Visconde de Vila-Moura. Falou-nos aquele do P.ᵉ Sena Freitas, o vigoroso polemista católico que terçou armas com grandes e gloriosos escritores portugueses. Alguém, quis

ver, nas frases com que o ilustre evocador de Leonor Teles procurou exalçar o talentoso sacerdote açoriano, o propósito de denegrir os plumitivos que com êle se bateram. Daí alguns artigos violentos na imprensa, uma espécie de conferência contraditória e um justificado movimento de curiosidade no mundo intelectual.

Afinal, publicado em opúsculo o trabalho do snr. dr. Antero de Figueiredo, vê-se que as suas palavras foram mal interpretadas. Nêsse formoso pedaço de prosa, a figura de Sena Freitas destaca a plena luz, sem que sejam relegados para o segundo plano os seus ilustres contendores.

O snr. Visconde de Vila-Moura, falando no salão da Universidade àcêrca de Teixeira Lopes, manteve os seus créditos de prosador distintíssimo — quási um poeta — e conseguiu desenhar, a traços perfeitos e cheios de justeza, a fisionomia mental e artística do grande escultor. Crítico e criticado estiveram à altura um do outro.

A terceira conferência, que redundou num verdadeiro escândalo, foi a do snr. deputado Soares Branco no Ateneu Comercial. Vinha sua excelência defender a *régie* dos Tabacos, uma coisa que a opinião pública decididamente rejeita. Tentou a maioria dos sócios opôr-se a que êle falasse. Tentou, e quási que o conseguiu. O snr. Soares Branco perorou, em meio de um pavoroso escarcéu, durante vinte e cinco minutos escassos, — o que não impediu alguns jornais de inserirem um largo extracto da sua conferência, que leva o dôbro daquele tempo a ler. Por último, farto de apupos, pôs ponto às suas considerações.

Foi bem? Foi mal? Nêste ponto, as opiniões dividem-se em dois partidos: um que invoca as bizarras tradições de hospitalidade do Ateneu; outro que apela para as tradições liberais do Pôrto, onde não fazem ninho os milhafres... nem qualquer outra espécie de aves de rapina...

Et voilà, por êste mês.

Campos Monteiro.

EXPOSIÇÃO DE QUADROS A ÓLEO, DE AGUARELAS E DESENHOS

de *Maria de Lourdes Barahona de Matos Braancamp Figueiredo*

Encontrou-se há pouco em exposição, no magnífico salão «Silva Pôrto», à rua de Cedofeita, um conjunto de obras de arte pura, bem assinaláveis pela sua qualidade. A autora, D. Maria Barahona de Figueiredo, surpreendeu, pelo imprevisto de faculdades tão eminentes numa senhora, todo o público de critério e bom gôsto em assuntos de Arte. Trata-se duma produção séria em que resplandece uma sciência segura e uma execução culta, sem as ideologias excessivas que tanto repugnavam aos espíritos superiores de Alma Tadema e de Alfredo Stevens, pintores genuinos, consagradíssimos, de Inglaterra e Bélgica.

Há, em arte, axiomas irrefutáveis, afirmações de fundamento, que não se infringem impunemente. O génio moderno frui uma liberdade que levou séculos, com efeito, a conquistar, mas carece essa altíssima virtude de continência para não saírmos da órbita do razoável. O equilíbrio em tudo é condição imprescindível. A arte dos paranóicos, por vezes curiosa no campo de criações, não deixa de ser uma manifestação doentia a reclamar, quando incurável, a intervenção da caridade, apenas.

D. Maria de Lourdes Barahona de Matos Braancamp Figueiredo

O que é, em suma, possível verificar, após uma atenta análise dos trabalhos da ilustre expositora, é a preponderância duma base respeitável: o desenho; nisto dá provas sobejas de que, além duma natureza privilegiada, soube ela aproveitar lições de escrupulosos mestres. Pela série congregada no salão «Silva Pôrto» nos inteiramos bem do singular temperamento artístico da ilustre pintora, que é todo de delicadeza sã e de adaptação a argutas e subtis visualidades. Consciência e probidade se descobrem no decurso das ideias belamente objectivadas. Certos desenhos da preciosa colecção demonstram, como Ingres e Baudry demonstraram eloqüentemente, a vantagem que a simples linha de limite dos corpos oferece sem dependência de mais elementos plásticos. As silhuetas são, em geral, sugestivas, quanto a pormenores inexistentes, como se verifica soberbamente nas sombras projectadas em superfícies planas que com freqüência se nos deparam. A fim de corresponder à função pròpriamente artística — que reside na criação da obra, a prática quotidiana, com que

ORFÃS — QUADRO A ÓLEO DE D. MARIA DE LOURDES

conquistamos o automatismo dos meios, é de necessidade real e absoluta; sem linguagem correcta e gramatical não há verbalismos toleráveis, isto é de primeira intuição.

É um breve relato o que hoje oferecemos àcêrca dêste acontecimento artístico aos leitores nestas páginas já repletas de importante e variada colaboração.

Assim, citaremos o que de preferência se nos gravou na retina:

Orfãs, quadro a óleo, muito emotivo, com qualidades de execução de-véras apreciáveis, característica esta bem generalizada aos outros trabalhos da brilhante série.

Difícil é separar qualquer das obras apresentadas para chefiar, como é da praxe, uma reunião de nesgas de Natureza de incontestável primor, criteriosamente seleccionadas.

O retrato de menina, catalogado com o número 1, pela simplicidade de fixação e justeza de traços fisionómicos, é um quadro que se recomenda. Tem carácter, e é isso quanto importa num género tão escabroso e difícil como é o do retrato.

A *Onda,* uma guache animada, é uma prova das excepcionais aptidões da distintíssima artista. Prova de invulgar sintetismo, filiado, porventura involuntàriamente, no dinamismo estético nipónico, de ampla realização.

Dos desenhos, em que muito se notabilisa a insigne expositora, mostra-se exemplarmente o retrato, número 42, da Ex.ma Snr.a D. A. da F.

O *croquis* a côres dos *Pescadores* é uma página magistral a especializar, assim como a *Rapariga do Cão,* a pastel, em que a factura atinge o ideal de improvisação e de nervosidade.

Restringimos, pois, as nossas referências a alguns trabalhos para ùnicamente não excedermos o espaço destinado a assuntos com antecipação reservados a inserção no presente número da *Ilustração Moderna.* Dando cabimento a uma apreciação despretenciosa mas legítima pela sinceridade que lhe preside, cumprimos um dever apregoando pela nossa parte os méritos duma artista tão consumada, dignos de registo nesta revista.

A. R.

ALMA PORTUGUESA

Parece que vai ser decretada brevemente uma nova organização do ensino secundário, cujas bases não podemos apreciar, porque as não conhecemos. Todavia, como justa e grata aspiração, da qual nos últimos anos se tem afastado e quási divorciado o ensino, pode-se emitir já o parecer de que a nova organização, salvos os princípios gerais e comuns a toda a pedagogia, seja portuguesa e bem portuguesa: na preferência dada ao ensino das nossas cousas, na genuinidade da nossa língua, na pureza da técnica, no respeito das tradições nacionais que nos engrandeceram através da história.

Mal se pode compreender e de nenhum modo admitir, que em livros didáticos se abastarde miseràvelmente a nossa língua, preferindo à técnica portuguesa a adaptação grosseira de vocábulos estranjeiros; mas ¿como é possível estranhar essa ignara crassidão, se ela aparece perpetrada nos próprios programas oficiais? ¿E como pode o mestre falar de patriotismo aos seus alunos, se no ensino que ministra se põem de lado ou em segundo plano as cousas portuguesas, para se cultivar de preferência quanto é estranjeiro? Qualquer rapaz das nossas escolas conhece muito melhor os pormenores sangrentos da revolução francesa do que os feitos heróicos da nossa epopeia marítima e militar.

¡Patriotismo!

Eloqüência transportada nas azas da fantasia tem sido a forma literária preferida por quási todos os que em Portugal procuram fazer vibrar a corda patriótica da nossa gente. A nossa lua de prata, o céu azul, o sol deslumbrante, a beleza da paisagem, a constelação das nossas cidades,—eis a quanto êsse patriotismo ôco reduz o objecto das nossas predilecções de portugueses; como se não houvera outros países com belas e grandes cidades, e céu azul, e paisagens lindas e lua prateada. Reduzido a êste mesquinho conceito material, o patriotismo é estéril e vão; porque embora quando fôsse possível por

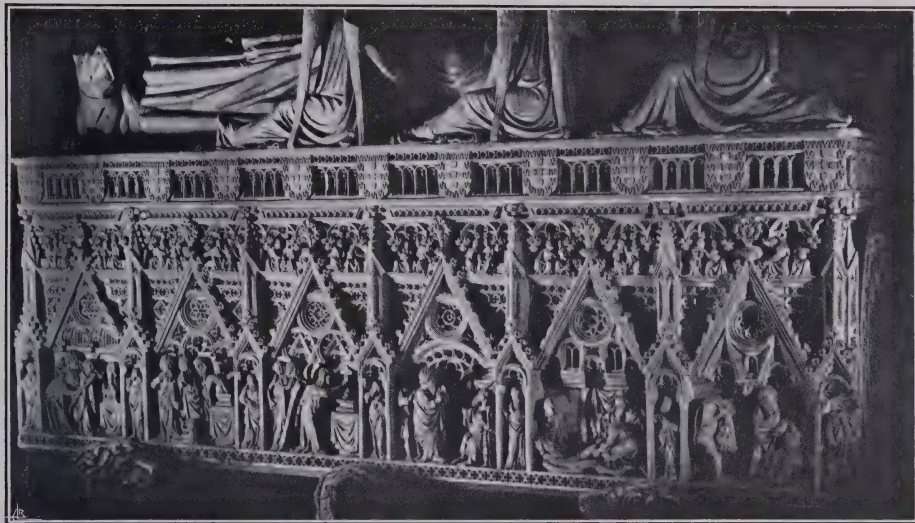
RETRATO DA MENINA B. DE F. — QUADRO A ÓLEO DE D. MARIA DE LOURDES

desgraça, nos aniquilassem como povo livre, nenhum despotismo poderia privar-nos daquelas magnificências, que Deus nos liberalizou sem as deixar ao alcance do poder destruidor dos homens.

O objecto do verdadeiro patriotismo é principalmente um complexo de sentimentos e ideias morais e de interesses materiais, que geram a homogeneidade e solidariedade da nação. Conjuntamente amamos as nossas belezas naturais, porque foram desde sempre o horizonte fagueiro aos nossos olhos, o meio em que decorreu a nossa existência e se formou e individualizou o caracter do nosso povo.

Bem a propósito vêm estas considerações, quando, depois da última guerra, todos os povos invocam e cultivam o espírito nacionalista. As guerras e convulsões sociais imprimiram sempre novas directrizes à evolução da humanidade, modificando os sentimentos, criando aspirações novas e até alterando o timbre da sensibilidade moral. Agitadas e revolvidas nas condições de existência, parece que as sociedades procuram então equilíbrio mais estável e mais forte resistência a perigos futuros.

Ora um dos sentimentos que a última guerra despertou e reacendeu por toda a parte foi o da solidariedade nacional, cimentada por mais estreitos vínculos de interesses morais e materiais. Todos os povos procuraram na tradição étnica e política o elemento informante da vida e unidade colectiva. Consagraram-se de novo as ideias e os factos que foram como a encarnação da alma nacional; contemplaram-se os monumentos do passado, haurindo alento e fôrça na evocação de exemplos gloriosos; começou-se a estabelecer quanto possível a homogeneidade nacional

CABRAS — CROQUIS Á PENA POR D. MARIA DE LOURDES

TÚMULO DE D. PEDRO – FRONTAL DA ESQUERDA

Cliché foto. de Vieira Natividade

na plataforma sagrada de princípios e factos tradicionais que são património moral de todos e de cada um; e em alguns países, ao mesmo tempo que melhor se asseguraram os direitos individuais das pessoas, cerraram-se fileiras para dominar e disciplinar elementos corrosivos e dissolventes da sociedade.

¿E em Portugal?

Têem-se aqui levantado isoladamente vozes, cujo prestígio ainda não bastou para levantar uma onda de espírito nacionalista; para provocar um movimento capaz de restituir à alma portuguesa o timbre que lhe é próprio, êsse conjunto admirável de sentimentos e virtudes que os nossos maiores possuiram em tão alto grau e que fizeram de Portugal uma nação inconfundível e gloriosa.

É que a emprêsa é difícil, e ninguém poderá levá-la a cabo sem a firme e inteligente cooperação de quem governa; e um dos poderosos meios que os poderes públicos têem ao seu alcance é a orientação dada ao ensino da mocidade. Veremos se na próxima reforma do ensino secundário se obedece ao critério nacionalista, ou se, pelo contrário, se pretende apagar o espírito português e seguir na esteira didática de estranjeiros.

FORTUNATO DE ALMEIDA.

O JUÍZO FINAL, NO TÚMULO DE D. INÊS DE CASTRO

(EXCERTO DO LIVRO *INÊS DE CASTRO*, EM PREPARAÇÃO, QUE HÁ DE SAIR DAS OFICINAS DA CASA EDITORA DE MARQUES ABREU) [1]

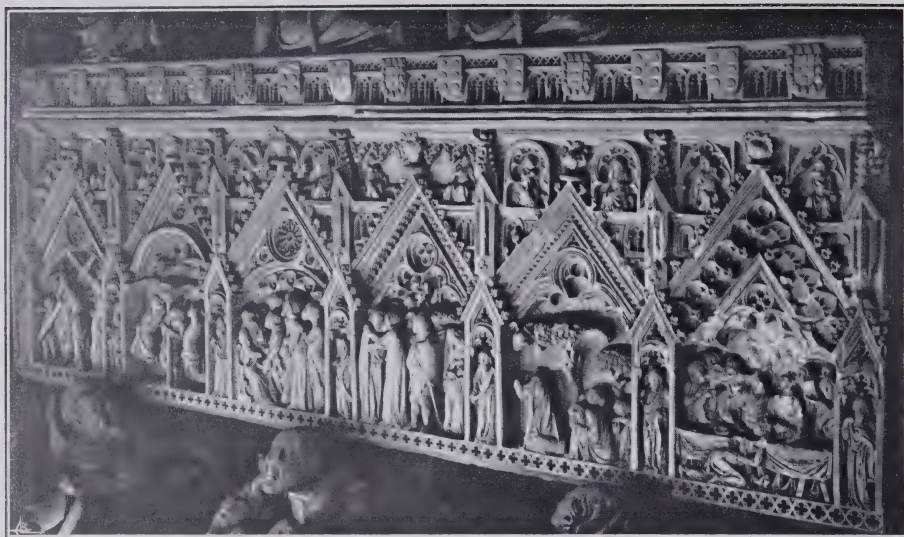
. . . .

Resta falar do facial dos pés, todo ocupado por uma grandiosa composição, que representa a ressurreição dos mortos no último dia, o julgamento geral e a subseqüente sorte dos bons e dos maus por toda a eternidade.

É cheia de grandeza e de imaginação, inspirada pela revelação cristã especialmente por algumas passagens dos Evangelhos e do Apocalipse, e por fantasias populares medievas.

Há ali três zonas distintas: — a superior, que representa o céu, o lugar destinado aos Anjos e Santos, onde Deus habita; — a média, que é de transição, uma espécie de *Vale de Josafat*, onde hão-de reunir-se todos os homens para ouvirem a sentença do Tribunal supremo, e onde se fará o apartamento dos bons e maus, subindo dali os primeiros à glória da bem-aventurança, descendo os segundos às penas eternas; — a inferior é dividida em duas partes, sendo a da esquerda do espectador ocupada

(1) Êste livro, profusamente ilustrado, consta de três partes: — na primeira estuda-se, em face das fontes históricas, a *História* de D. Inês de Castro até ao seu triunfo póstumo; a segunda tem por objecto o estudo minucioso dos *Túmulos* de Alcobaça, considerados como fontes monumentais da história ineseana, e a interpretação da sua iconografia; na terceira faz-se a crítica histórica da *Lenda* de Inês. — O trecho, que aqui transcrevemos, é extraído da parte segunda, capítulo II, o qual se intitula — *Notícia descritiva* (dos túmulos), secção *a) — Tumulo de D. Inês*.

Cliché foto. de Vieira Natividade

TÚMULO DE D. INÊS – FRONTAL DA DIREITA

por túmulos, onde se representa a ressurreição dos mortos, a da direita pela cabeça horrenda dum monstro, que simboliza o inferno, de fauces abertas, para receber os precitos.

Já soou a angélica trombeta. Cá no fundo, os túmulos abrem-se, e dêles erguem-se corpos de homens e mulheres de diversas categorias sociais, entre êles um rei e uma rainha, indicados pelas corôas.

No alto vê-se ao centro o eterno e incorrutível Juiz supremo, sentado no trono da divina majestade, tendo na dextra o gládio da Justiça erecto. Á direita e à esquerda do trono estão no alto seis Anjos, três de cada lado: o primeiro da direita ostenta a Cruz da Redenção erguida triunfalmente; o segundo dos que estão à esquerda apresenta os cravos com que o

Cliché foto. de Vieira Natividade

TÚMULO DE D. INÊS—FACIAL DOS PÉS—RESSURREIÇÃO DOS MORTOS; JUÍZO FINAL; SORTE DOS BONS E DOS MAUS

Senhor foi pregado; os restantes acham-se mutilados, mas com certeza expunham gloriosamente os restantes instrumentos da Paixão. Junto de Jesus a Virgem-Mãe, de joelhos, intercede pelos homens, exercendo o seu papel de Medianeira universal, e atrás dela os doze Apóstolos, à frente dos quais Pedro com as chaves do reino dos céus que o divino Mestre lhe confiou, estão como julgadores também sentados em cadeiras, pois a êles foi prometido: — *Cum sederit Filius hominis in sede maiestatis suae, sedebitis et uos super sedes duodecim, iudicantes duodecim tribus Israël* [1]. No mesmo plano, à esquerda do Senhor, vê-se um grupo de dois Anjos a conferenciarem.

(1) *Mat.* XIX, 28

É pois um tribunal colectivo, que ali está funcionando. Preside Jesus, Deus-homem, redentor da humanidade e triunfador da morte, que pede contas aos homens do modo como aproveitaram o Sangue preciosíssimo que por êles derramou; é assistido nêste acto pelos Apóstolos, que tanto trabalharam na edificação da Igreja, o reino moral de Christo, selando também com o seu sangue a verdade da doutrina cristã que prègaram; são advogados perante êste venerando Tribunal — a Virgem, *Omnipotentia supplex, Advocata peccatorum,* constituida no Calvário Mãe de todos os homens, e que naquela hora tremenda há-de manifestar as riquezas de ternura do seu maternal coração — e também os Anjos, que a Providência nos deu por companheiros, guias, guardas e intercessores; não faltam lá os acusadores, os demónios, que cá por baixo agem afanosamente para perdição dos maus.

Foi pronunciada a sentença irreformável. Como o pastor escolhe e separa as ovelhas das cabras, assim ali foram num momento divididos e apartados, os bons para a direita, os maus para a esquerda, e uns e outros ouviram as palavras do Filho do homem, sentado no trono da sua majestade: — *Venite, benedicti Patris mei, possidete paratum vobis regnum a constitutione mundi...* — *Discedite a me, maledicti, in ignem aeternum, qui paratus est diabolo et angelsi eius...* (1).

E a execução da sentença foi imediata; os seus efeitos lá estão bem significativamente representados. Os bons de um e outro sexo, não já nús, como abaixo se mostram a sair dos túmulos, mas vestidos da simples e gloriosa túnica da imortalidade, sobem uma rampa dôce e suave, brandamente auxiliados e impelidos por um Anjo, que os segue, e, de mãos e olhos erguidos, vão entrando a linda porta da celeste mansão, sôbre a qual um côro angélico entôa, com acompanhamento de órgão, hinos à glória do Eterno, convidando os Santos, que chegam, a unir-se aos seus cantares na celebração perene da majestade do Altíssimo. Ao mesmo tempo os desgraçados precitos são por um demónio empurrados violentamente por declive rápido para as fauces horrendas do monstro, que, de mandíbulas escancaradas, e um órgão apreensor composto de vários ganchos, de que é munido o medonho focinho, no qual se implanta como a tromba do elefante, agarra e acaba de fazer precipitar de cabeça para baixo na goela hiante os condenados, que desde o princípio da rampa fazem esforços baldados por firmar os pés.

(1) *Mat.* XXV, 31-46.

Cliché foto. de Vieira Natividade

TRECHO DO JUÍZO FINAL: — O JUIZ SUPREMO, A VIRGEM E OS APÓSTOLOS, OS JUSTOS ENTRANDO NO CÉU

Em contraste com êstes horrores e desgraças, lá cima, no paraíso, tudo é alegria, tudo satisfação e felicidade, bem revelada nos Anjos que cantam e tocam músicas celestiais, nos rostos serenos dos Justos, que de mãos erguidas, numa compostura sôbre-humana, em êxtase de beatitude, comparticipam já da felicidade eterna. É comovente a expressão de gôzo inefável de dois Justos, instalados num lugar ou compartimento especial da mansão celeste, onde os avistamos através duma linda janela geminada. São evidentemente dois bem-aventurados de régia estirpe, como indicam as corôas, marido e mulher, que unidos durante a vida terrena por laços de amor conjugal puro e santo, mereceram que Deus os premiasse sem os separar, dando-lhes no céu aquele lugar distinto, onde juntos gozam a visão beatífica, onde juntos cantam os louvores do Eterno. É-lhes aplicável o dito da Egreja: — *Quomodo in vita dilexerunt se, ita et in morte non sunt separati.*

¿Que par feliz será este? A seu tempo o veremos.

. . . .

DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS.

Cliché foto. de Vieira Natividade

TRECHO DO JUÍZO FINAL: — OS MAUS PRECIPITANDO-SE NA BOCA DO INFERNO

VARANDA DE PILATOS

ALI, a Ferreira Borges, á direita de quem desce a rua, ha uma linda casa apalaçada, — de um belo ar de burguez nobilitado por titulo de fresca data e sangue de alguns seculos de boas-maneiras — que, embora bem conhecida daquele Porto comercial que corre a *praça* todos os dias no desconto de letras e no jogo de cambios, ainda não foi talvez olhada, com a atenção e o carinho a que tem direito, por todos aqueles que, mercê de Deus, teem olhos para ver e entender.

Que essa casa, de um tardio Luiz XVI, tão linda de côr e pormenores, e até hoje conhecida apenas por Banco Comercial, — parece-me — pode e deve ser aproveitada para, depois de um pequeno arranjo, nela se instalar, com simplicidade e gosto, o Museu Municipal que se encontra, por falta de dinheiro, apesar da direcção carinhosa de Julio Brandão, amigo e escritor ilustre, meio abandonado lá para as bandas de S. Lazaro.

O Porto precisa de um Museu no sentido verdadeiro da palavra, que represente a vida artistica da cidade e do norte, e onde tenham abrigo as obras de arte, modernas e antigas, que por muito rica ter sido a fartura ainda existem, não, é certo, em grande numero, mas de real valor como qualidade. Para honra sua e nossa, o Porto comercial e burguez, fechado na rua de S. João, já acabou. E se não tem um grande publico educado (e como te-lo sem museus?) tem a sua elite, ainda que diminuta, capaz de ajudar a educar e formar esse publico consciente.

É para esses portanto que eu lanço, sem personalismos, esta ideia; é para esses e para os amadores de arte do Porto, e tantos são, que eu apelo.

Pois quê? Não será a cidade capaz de comprar por subscrição publica essa linda casa preromantica (salvo erro, coeva da fundação das duas Academias de Belas-Artes de Lisboa e Porto) agora que é já voz publica e corrente a insolvencia do velho Banco Comercial, de honrado passado e desacreditado presente?!

E não será a Camara, á frente da qual está o espirito e a vontade inteligente do Dr. Vasco de Oliveira, a sensibilidade culta e especializada do Dr. Aarão de Lacerda, de ajudar essa iniciativa e dotar o Museu com a verba indispensavel a uma instalação sem luxos, mas de bom gosto, de que o Museu Nacional de Arte Contemporanea, de Lisboa, é um exemplo?

E depois, acima de tudo, é

Cliché de Marques Abreu

IGREJA DE BRAVÃES — ASPECTO GERAL

preciso não esquecer; um museu tem por fim educar, e a cidade, *a baixa,* onde toda a gente anda e passa constantemente, está limitada por Carlos Alberto, a rua Formosa, a praça da Batalha e o Infante.

S. Lazaro morreu com os nossos avós, com os brasileiros de torna viagem, e ficou, como uma saudade, nos livros de Camilo e nas troças alegres de Urbano Loureiro.

MANUEL DE FIGUEIREDO.

A IGREJA DE S. SALVADOR DE BRAVÃES

EXCERTO DO LIVRO *IGREJAS E CAPELAS ROMANICAS DA RIBEIRA LIMA,* A SAÍR BREVEMENTE DAS OFICINAS DA CASA EDITORA DE MARQUES ABREU.

A FACHADA principal, que remata em campanário duplo, é quási toda ocupada, na cimafronte, pelo avantajado pórtico, que ressalta do paramento. Coroando os muros laterais sucedem-se os modilhões, que são lisos no corpo principal e sustentam um friso enxaquetado, ao passo que na abside mostram-se historiados. Uma imposta, mais elevada ao direito das portas, corre em bisel por baixo das frestas, as quais são em número de quatro — duas por banda não contando com a que se rasga na parede sul da capela-mór. No vértice da empêna sobranceira ao arco triunfal domina a cruz grega vasada em quadro, tendo por baixo, voltada ao telhado da abside, uma elegante rosácea, que circula em duplo arregace, tanto para o interior, como para o exterior.

Tais são, a largos traços, os componentes gerais da formosa e por todos os motivos interessante Igreja românica de S. Salvador de Bravães. Mister se faz, agora, analisá-los, a começar pelo pórtico principal.

Aparte a influência de mal ageitado cinzel, sobretudo, no que diz respeito à figura humana, êste pórtico é de um soberbo efeito, cavando-se profundamente num quadro mural aplicado à cimafronte, o que permitiu aumentar-lhe o número das arquivoltas. De aspecto bizarro, pela exuberante ornamentação que se estende a quatro pares de colunelos, constituem-no cinco arquivoltas sucessivas e descrentes, em arco de meio ponto, incluindo a primeira, a qual, guarnecida por um listel de miosótis soltos, se firma nos prumos angulares do muro saliente, contornados os topos, na direcção dos estribos, por uma faixa em cordão às ondas continuada dos ábacos. As bases das colunas, de arremêdo ático, compõem-se de três junquilhos, uma escóssia e um toro, levando *grifos* nos ângulos do plinto, e as jambas, encimadas de mochetas afeiçoadas em cabeças de touro, suportam o dintel e o tímpano.

Pelo que concerne à traça ornamental, é indubitável que ela visa um schema simbólico, cuja interpretação, ao menos a título de ensaio, convém tentar, que bem n'o merece êste pórtico, que eu saiba, entre nós e depois do de Vilar de Frades (concelho de Barcelos), o mais rico de pormenores iconográficos, a modos de texto, convidando-nos à sua leitura.

E' certo que não é esta, ainda mal, emprêsa recomendável e fácil, numa época em desvio, como a nossa, que de longe se vem mostrando alheada, e, por vezes, arisca aos atractivos do simbolismo cristão; isso, porém, não tolhe que deixe de impor-se curar de saber da *intenção* que presidiu ao arranjo simbólico dêste pórtico magnífico.

* * *

Dedicado a Nossa Senhora, o belo exemplar, num industrioso amanho de representações, de símbolos e alegorias convenientemente distribuidas, como que desfia à volta da scena da *Anunciação,* tão freqüente nas igrejas românicas

Cliché fotográfico de Marques Abreu

IGREJA DE BRAVÃES
PONTE DA BARCA
PORTA PRINCIPAL

da Galisa (entre outras merece especializar-se a de Sant'Iago de Gustey, a sete quilómetros de Orense, e não muito distante do rio Minho), a idéa dominante da

> «Acção redentora da Virgem assentindo, generosa e humilde, à vontade de Deus, expressa no convite do Enviado celeste para Mãe do Messias—o prometido Salvador do género humano, em desordem pela queda desastrosa do pecado original.»

Vá, agora, de desenvolver o tema proposto:

Adossadas ao segundo par de colunas conspectam-se duas figuras avantajadas, hieráticas e carecidas de *módulo*, de calçado ponteagudo e vestidas de túnica, cingida na cinta por uma fita apertada em laço, de frente. Na coluna da esquerda, a Virgem, coberta de véu repregado em touca, os olhos baixos, de tanta humildade, a mão direita no peito, em sinal de amorável aquiescência à vontade divina, e a esquerda apoiada no ventre, como que sentindo desde logo em si a realização do Inefável Mistério, pronuncia o *Fiat* redentor que a elevou à dignidade sem igual de Mãe de Deus. Na coluna da direita, o Arcanjo S. Gabriel, descoberto e atento, com os braços levantados à altura do peito e as mãos estendidas com as palmas para fora, em respeitosa atitude de veneração a mais rendida, espera da Senhora, como de sua rainha, após o extraordinário saüdar do *Ave gratia plena*, a anceada palavra do resgate.

Estas figuras são de uma grande rudeza, quási primitiva, de uma execução, na verdade, tôsca, dando-nos o vestuário a impressão de um saco que desce hirto, manietado ao corpo, sem uma prega, sequer, a amaciar-lhe a pobreza das linhas; mas através o balbuciar destas esculturas, de um arcaismo quási selvagem, que expressão a daqueles rostos, em que se destaca o que os arqueólogos denominam *fisionomia bisantina*, à primeira vista apagada e sem vida! E o mesmo se dá com a figura do Salvador que, no tímpano, empunhando o livro da Lei, abençôa, rodeado duma auréola em forma de amêndoa *(vesica piscis)* e assistido de dois anjos, a presidir ao destino das almas, pelas quais a Virgem, na sua qualidade de onipotente na súplica *(omnipotentia supplex)* vivamente se interessa.

A servir de comentário é toda uma ornamentação figurativa, variada e profusa, como que sublinhando o assunto principal com alusões a propósito deduzidas com método firme e admirável lógica.

Para melhor compreensão, convém, entretanto, agrupar êstes motivos ornamentais, que se alternam repetidos em série ao longo dos fustes, dos capitéis e das arquivoltas.

Ficou dito que no segundo par de colunas se ostenta o passo da *Anunciação;* pois aí, nos capitéis, duas águias mergulham os bicos numa cornocópia de flôres, símbolo das graças inexgotáveis que exornam a Virgem, conforme as palavras do Arcanjo: *Ave gratia plena;* na arquivolta respectiva, que é a terceira, particularizada por uma precinta circuitante de miosótis—tal como se vê na abertura do primeiro arco—exibe-se a figura humana em série consecutiva, aludindo à universalidade da Redenção do homem, operada pelo *Fruto bemdito das puríssimas entranhas da Virgem Maria.* A Ela se referem ainda, como seu mais cansagrado avatar, as pombas que preenchem as aduelas da primeira arquivolta, e as águias e cornocópias das colunas e capitéis que sustentam a quinta, enxaquetada na face e no intradorso. Intermediárias sucedem-se em alternância as segunda e quarta onde, como num reverso de medalha, se patenteia a razão daquela *embaixada misteriosa.* É que se fazia mister aludir ao pecado, verdadeira causa da ruina do género humano, agora resgatado desde aquele *Fiat* redentor da Virgem, pela Encarnação humilhante do Verbo.

Repare-se no símbolo conhecido da *astúcia* e da *maldade*—o macaco—repetido em cordão ao longo da segunda arquivolta, a partir da chave do arco incluindo o fuste e o capitel, de um lado, e do outro em igual disposição, a não menos significativa imagem da *rapacidade*—o chacal—que se interrompe nas fortes volutas flordelisadas do capitel, para em seguida continuar na meia curvatura do arco.

Mas é na quarta arquivolta que o pecado de origem, *o orgulho*, se lobriga mais fielmente representado sob a aparência da serpente, a qual o ingénuo alvenel, dando largas à fantasia, engenhosamente entrelaçou em número de quatro, num belo efeito decorativo, em volta do fuste da esquerda, distribuindo-lhes as cabeças aos lados das saliências angulares do capitel; já o que se defronta encontra-se adornado de uma bela fiada de pérolas em espiral acompanhada de um toro funicular, que, na arquivolta, boleando a aresta, adquire maior espessura.

Tal é, como parece, o que se depreende do arranjo simbólico dêste pórtico indiscutivelmente belo e grandioso, apesar do aspecto, à primeira vista, incoerente e confuso que lhe dão as espessas camadas de cal.

. . . .

Padre M. Aguiar Barreiros.

MUSEU REGIONAL DE AVEIRO

I

ORGANIZAÇÃO

Data a sua creação, que se deve ao governador civil dr. Rodrigo Rodrigues, de 1911. Está installado no edificio do antigo Convento de Jesus, de freiras dominicanas, fundado por D. Brites Leitão e D. Mecia Pereira em 1458 e que foi moradia da Princeza Santa Joana, filha de D. Affonso V, de 1472 a 1490, e onde está sepultada em sumptuoso mausoleu de marmores, trabalho de artistas portuguezes no ultimo quartel do seculo XVII.

Extincto pela morte da ultima religiosa em 1874, foi convertido em collegio de educação para meninas sob o titulo de Collegio de Santa Joana Princeza e assim se conservou até á proclamação da Republica. Um ou dois mezes depois era dirigido pela directora do Collegio de Nossa Senhora da Conceição, um requerimento ao Ministerio da Justiça pedindo de arrendamento o edificio. Informando, disse o governador civil Henrique Neiss de Oliveira em officio dirigido ao mesmo Ministerio em 7 de Janeiro de 1911:

> «A Commissão Municipal Republicana pediu já a concessão d'esse convento (o de Jesus) para n'elle se installar numerosas repartições. Mercê de Deus cabe lá tudo, entretanto parece-me que sem vista de delegados officiaes do Governo, architectos de renome ou archeologos abalisados, não se póde em nenhum caso dispôr da parte do convento, que é absolutamente nobre, que representa na arte do paiz uma alta significação de vida e de riqueza e que creio deve continuar a subsistir como um monumento nacional que faz parte do thesouro da arte em Portugal. Sou portanto de opinião que se deve regeitar *in limine* a proposta da directora do Collegio de Nossa Senhora da Conceição d'esta cidade.»

A pretensão foi portanto indeferida.

Mezes depois, em 29 de Março, um novo governador civil, dr. Rodrigo Rodrigues, advogando perante o mesmo Ministerio com verdadeiro interesse a cedencia á Camara Municipal dos Conventos de Jesus e das Carmelitas para installação de escolas e repartições publicas, indicava assim a creação d'um museu no primeiro d'estes edificios:

> «Como o mosteiro de Jesus seja muito amplo e porque se deva considerar monumento nacional a parte que veste a fachada principal, incluindo a egreja que é uma preciosidade recamada de talha valiosissima e o já mencionado tumulo (o de Santa Joana Princeza) que é um esplendido exemplar de mosaico, poderia reservar-se n'esta parte para um museu districtal ou municipal comprehendendo o claustro que é cercado de portadas ogivaes e que é digno de conservar-se.»

Cliché fotográfico de Manuel de Abreu

MUSEU REGIONAL DE AVEIRO — FRONTAL DE SÊDA BRANCA TECIDA A PRATA
COM FAIXAS DE VELUDO CARMEZIM TECIDAS A OIRO

Em 23 de Junho, n'um novo oficio, o governador civil, dr. Rodrigo Rodrigues, continuava a advogar por esta fórma a creação do museu:

«Secundando um telegramma que a V. Ex.ª foi dirigido pelo presidente da Camara Municipal de Aveiro, tenho a honra de pedir que os objectos de valor artistico que se encontram nos extinctos Conventos de Jesus e Carmelitas d'esta cidade, sejam concedidos á Camara com destino a um museu municipal. Acho de grande vantagem para esta cidade e região que se collecionem, guardem e exponham ao publico, como lição, aquelles objectos devidamente catalogados e etiquetados prestando serviço áquelles a quem a natureza predispõe para o amor d'estas reliquias e estudo do passado.»

Um ou dois dias depois a mesma auctoridade encarregava-me de mandar proceder á limpeza e arrumação do edificio, fechado desde Outubro de 1911, e de reunir e especificar o que encontrasse de ser aproveitado em um museu. Para me auxiliarem obtive da Camara Municipal dois trabalhadores de enxada e da Direcção das Obras Publicas dois cantoneiros. Para occorrer ás despezas que fosse mister fazer auctorizou-me a vender as hervagens e fructa da cêrca, madeiras velhas e objectos de uso domestico em mau estado ou inuteis para o fim que se tinha em vista n'um museu.

Com estes escassos recursos iniciei a organização do que havia de vir a ser o Museu Regional de Aveiro e que passado um anno, o meu amigo e mestre Joaquim de Vasconcellos classificava como o terceiro do paiz.

Em 11 de Julho de 1911 foram entregues por uma commissão composta do dr. Affonso de Mello Pinto Veloso, vogal da Commissão Jurisdiccional das Extinctas Congregações Religiosas, D. José Pessanha e José Alexandre Soares, delegados do Conselho de Arte e Archeologia, á Camara Municipal os dois conventos para lhes dar o destino que mais julgasse conveniente aos interesses do municipio, exceptuando as duas capellas e mais dependencias d'aquelles edificios já considerados monumentos nacionaes.

Do auto então lavrado consta que os vogaes d'esta commissão «tinham reconhecido que muitos dos moveis constantes do arrolamento judicial a que se tinha procedido em virtude do Decreto de 8 de Outubro de 1910 pertencentes aos dois Conventos das Carmelitas e de Jesus, bem como parte d'este, se prestavam á organização de um museu de arte n'esta cidade. Pelo presidente da Commissão Municipal Administrativa, em nome da mesma Commissão, foi dito que, pensando já ha tempo na creação de um museu municipal, acceitava com prazer o alvitre, comprommettendo-se a tomar a seu cargo as despezas a fazer com a installação e manutenção do dito museu e mais solicitava do digno representante da Commissão Jurisdiccional dos Bens das Extinctas Congregações Religiosas fosse interprete no seio da mesma Commissão da vontade que a Commissão Municipal tem de que lhe sejam concedidos todos os bens mobiliarios ora existentes nos ditos conventos e que sejam considerados dignos de serem incorporados no museu que se pretende crear e bem assim os diversos objectos de valor artistico ou documental que se encontram nos antigos conventos existentes n'este districto de Aveiro e onde não seja possivel fazer-se a creação de museus locaes».

Apesar da entrega feita á Camara, a concessão só se tornou effectiva pela Portaria de 23 de Agosto de 1911 que no numero 2.º determina que «a parte do Convento de Jesus, contigua ao claustro e á egreja, a qual já foi declarada monumento nacional, será destinada a um museu regional de arte antiga e moderna, na medida que fôr sendo necessaria, e sob a administração da Camara Municipal».

Apesar da boa vontade manifestada pelo seu presidente a Camara limitou a sua acção quanto ao Museu a conservar alli os dois trabalhadores de enxada a que me referi.

Ao dr. Rodrigo Rodrigues, que acompanhava de perto e com o maior interesse os meus trabalhos de adaptação e organização, expuz a necessidade de chamar operarios afim de proceder á mudança e collocação de retabulos, de imagens e de quadros tanto os existentes no Convento de Jesus, mas fóra do perimetro destinado ao Museu, no Convento das Carmelitas, bem como os da parte do edificio demolido ha annos, armazenados pela Direcção das Obras Publicas e á demolição de cubiculos e alargamento de compartimentos para melhor disposição do que se ia apurando para expôr. Á mesma auctoridade fiz ver que para occorrer a estas despezas não tinha meios alguns, pois estavam inteiramente exgotados os recursos primeiro obtidos, e que da Camara nada mais tinha a esperar além do auxilio dos dois trabalhadores a que já me referi. O governador civil, pedida auctorização superior e de accordo com o delegado do procurador da Republica na comarca, determinou que se annunciasse e fizesse a venda de velhos armarios e outras coisas inteiramente inaproveitaveis para o Museu.

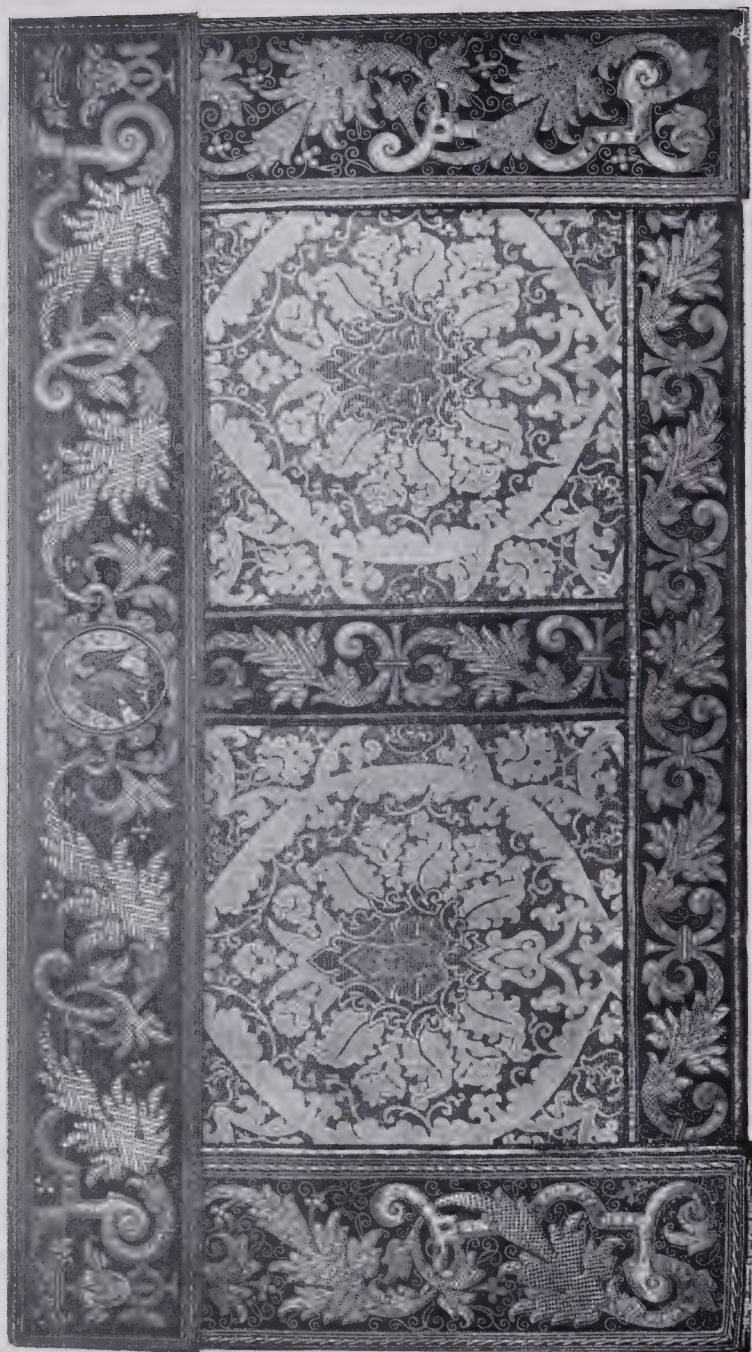
A seguir dirigiu á Camara Municipal este officio:

«Governo Civil de Aveiro. — Ao Ex.mo Presidente da Camara Municipal de Aveiro. — Este Governo Civil, no sentido de impedir a perda dos artigos contidos no Convento de Jesus pelos estragos do tempo, encarregou o amanuense d'este Governo Civil João Augusto Marques Gomes, cidadão de muito reconhecido merito e competencia como antiquario e cultor de arte, de proceder á sua ordenação e preparação para constituir a base do Museu Municipal de Arte Sacra que essa Camara Municipal determinou installar no Convento de Jesus.»

«Succede, porém, que ha necessidade de se deixar de proceder a esta installação como tal está a succeder e ao exclusivo cuidado d'este Governo Civil, visto que é á Camara da vossa presidencia que tal cabe, além de que póde a installação fazer-se sem ser da vontade d'essa Camara.

«N'estes termos, não deixando por este Governo Civil de ser posta toda a boa vontade e serviço á disposição d'essa Camara, podendo continuar a installação o mesmo amanuense d'este Governo Civil, julgo conveniente que a Camara da vossa presidencia chame a si a direcção d'este serviço

Cliché fotográfico de Manuel de Abreu

FRONTAL DE VELUDO CARMEZIM
COM FAIXAS BORDADAS A SÊDA FROUXA E OIRO

Cliché fotográfico de Manuel de Abreu

MUSEU REGIONAL DE AVEIRO — FRONTAL DE BROCADO COM FAIXAS DE VELUDO CARMEZIM BORDADO EM ALTO RELÊVO. NO CENTRO DA FAIXA SUPERIOR SOB FUNDO AZUL UMA ÁGUIA COROADA TENDO AOS LADOS UM CRESCENTE E UMA ESTRÊLA.

nomeando uma commissão a quem tal incumba e inscrevendo a verba sufficiente para estes trabalhos.

«Incidentalmente devo fazer-vos notar que esta resolução visa apenas a entregar a quem de direito e competencia a direcção d'este serviço, sem dar o menor valor ás allegações que appareceram n'um jornal local ácerca do descaminho de qualquer valor, porquanto tudo está inventariado e é absolutamente competente o funccionario que este serviço está a prestar a esta cidade.

«4 de Setembro de 1911. — O governador civil, *Rodrigo Rodrigues.*»

TECIDOS

A collecção de tecidos lavrados que enriquece o Museu é a mais numerosa e variada que n'elle ha.

Compõe-se de centenares de peças em que domina o elemento ecclesiastico, e que foram na sua grande maioria pertença do antigo Convento de Jesus onde está installado o Museu. Occupa a maior sala do edificio, que mede $51^m \times 7^m$ e guarnecem-na cincoenta e cinco vitrines parietaes e centraes.

Pela sua raridade e belleza chamam logo a attenção quatro grandes reposteiros ou panos de armar, tecidos a prata e oiro, do meado do seculo XVI e muito bem conservados. Cada um d'elles apresenta dois tons, o oiro é lavrado sobre fundo amarello e a prata sobre fundo vermelho, figurando albarradas de bello desenho.

O meu velho amigo e presado mestre snr. Joaquim de Vasconcellos examinando-os ha annos, affirmou-me que eram os exemplares mais perfeitos, de maiores dimensões e de melhor estylo que tinha visto em Portugal e pareciam ser fabrico italiano.

Depois d'elles occupa logar primacial um avultado numero de frontaes em que ha exemplares riquissimos como estes:

Frontal de seda branca tecida a prata com dois paineis divididos por uma estreita faixa de velludo carmezim, tendo bordado em cada um d'elles um vaso com flores. De um e outro lado do vaso um leão coroado. Passaros variegados em volta das flores. Faixas tambem de velludo carmezim, e como aquella bordadas a fio de oiro e prata em alto relevo, cercam-no por tres lados. No centro da superior um medalhão de prata com raios, symbolisando o sol, n'um circulo de pedras de várias côres. Seculo XVI.

Frontal de velludo carmezim, que substituiu decerto o brocado, com faixas inteiramente cobertas de bordados a seda frouxa e oiro de bello colorido, representando animaes, aves e flores symbolicas.

Frontal de brocado com faixas de velludo carmezim, bordadas a fio de oiro e prata, em alto relevo como as do primeiro, tendo a do centro sobre fundo azul uma aguia coroada, entre um crescente e uma estrella, bordado a prata. Seculo XVI.

MARQUES GOMES.

EX-LIBRIS PORTUGUESES

I

GENERALIDADES

ANTES de iniciarmos nesta revista a reprodução das marcas de posse portuguesas, acompanhadas das respectivas notícias informadoras, achamo-nos na obrigação de alguma coisa dizer, sôbre os *ex-libris,* e do estudo de que êles têm sido objecto em Portugal.

Com mais importância do que à primeira vista pode parecer, mas sem querermos dizer que o *ex-librismo* seja uma sciência — como alguns pretendem — é justo que reparemos no papel que a marca de posse pode desempenhar.

Pela interpretação do desenho, pode tomar-se um elemento biográfico de valor; pela forma do mesmo e características da gravura, pode identificar datas, mostrar-nos o gôsto mais ou menos apurado de uma ou de outra época, etc.

Como obras de arte, que são, os *ex-libris* despertaram logo a atenção dos coleccionadores.

Se quizessemos partir de longe e dissertar sôbre a marca de posse, poderíamos falar de uma célebre inscrição egípcia, em lousa, que existe no *Museu Britânico,* nuns *documentos possessivos* (como diz A. Fernandes Thomaz) japoneses e que datam do século X. P. C. e noutras antigas indicações de propriedade bibliográfica.

Mas nós começamos a nossa notícia, desde o *ex-libris própriamente dito* (segundo a classificação que adeante apontamos), isto é, da *marca de posse interior* e especialmente em fôlha sôlta.

Os mais antigos que nêsse género se conhecem são alemães.

Na opinião — que é das mais autorizadas no assunto — de Federico Warnecke, de Berlim, os mais antigos *ex-libris* foram gravados em madeira em forma de escudo heráldico e sustido por um anjo.

Estes *ex-libris* iam nos volumes que o *irmão* Hildebrando de Brandenburg de Biberach, doou ao Mosteiro de Buxheim, pelo ano de 1480.

Da Alemanha irradiou o costume para os outros países, — tendo por principal elemento de divulgação a imprensa — chegando a Portugal no século XVII.

É interessante notar nesta altura, quais os *ex-libris* mais antigos nos diversos países onde a marca de posse se desenvolveu.

Assim, temos em França o de João Bertaud de la Tour Blanche, de 1529. Em Inglaterra o de Sir Nicolas Bacon, que figurava nos livros que deu à Universidade de Cambridge. Na Holanda aparece-nos o de Anna Van der Aa, em 1597, e mais tarde a Itália dá-nos um que parece datar de 1622. Na América, o mais antigo de que há notícia, é o de João Williams, de 1679.

Em matéria de *ex-libris,* tem a primazia a Alemanha, não só por ser nêste país que se encontram os mais antigos, e já os usar antes que fôssem moda nos outros países, mas também por possuir o maior número sob o ponto de vista artístico.

Em Portugal, o mais antigo, no dizer de Martinho da Fonseca (na *Revista Portuguesa de Ex-libris*), é o do chantre da Sé de Évora, cónego Manuel Severim de Faria. Depois, aparece-nos o de José de Napoles Tello de Menezes, o de Diogo de Mello, Luiz José de Vasconcellos, etc.

Anteriores aos *ex-libris própriamente ditos,* aparecem-nos *ex-libris exteriores* ou *super-libris* (século XVI), gravados a ouro ou a frio na parte externa das encadernações.

O grande impulso pelo gôsto dos *ex-libris,* para o seu estudo e coleccionamento, parte da publicação do livro de Lord Tabley *Guide to the study of Book-plates* em 1880.

Este movimento em favor da marca de posse, foi secundado mais tarde em Espanha, desde 1895, pelo bibliógrafo Pablo Font de Rubinat de Reus, que teve a mais importante colecção do seu país e também desenhou alguns *ex-libris.*

S. João da Foz. — 926.

ARMANDO DE MATTOS.

ALGUNS ASPECTOS DA EXPOSIÇÃO DE CERAMICA NO MUSEU DO CARMO — LISBOA

EXPOSIÇÃO DE CERÂMICA

CONSTITUIU, na actualidade, um facto de importância estética e industrial a Exposição de Cerâmica, realizada no Museu do Carmo, em Lisboa, da fecunda iniciativa dos distintos artistas srs. Leopoldo Battistini e Viriato Silva, técnicos e dirigentes do respectivo fabrico.

As louças e azulejos, como fàcilmente se ajuiza pelas gravuras intercaladas no texto dêste número da *Ilustração Moderna,* devem merecer a atenção do público de bom-gôsto. Vêem-se nelas exemplares de notável beleza, imitando o antigo.

A arte dos geniais esmaltadores Della Robbia e Palissi atinge hoje, em Portugal, uma alta perfeição. É justo, por isso, assinalar com fervor êste acontecimento, e aconselhar a sua difusão pelas vivendas em que ao fim utilitário deve aliar-se o prazer espiritual das famílias cultas, zelosas do progresso nacional.

ROTEIRO BIBLIOGRAPHICO

«Antes poucas lettras com boa consciencia que muitas sem probidade.»

Padre Antonio Vieira.

SE bem que, nas suas varias modalidades, a litteratura portugueza logre abastosa opulencia, o certo é que largifica penuria n'uma se regista, a da critica, de cujos gravosos damnos muito ha que contar.

Em boa verdade, não é possivel uma sã e vívida litteratura sem espiritos d'analyse, imbuidos de basta cultura, adestrados n'um aficado e sério estudo, que não só hão-de assignalar, como guias próvidas e capazes, as directrizes adequadas ás epochas, as virtudes e desares dos escriptores, como aconselharão e elucidarão quer os estudiosos quer os curiosos, ou seja o escol e o publico. É que a litteratura, havida a meúdo como lazer ou folgura de vaganaus e peraltas, tem a cumprir uma alevantada missão de progresso espiritual e tanto que por ella se estima o jaez do desenvolvimento d'um povo.

De guisa tal, discorrerá sua realisação adentro de certas normas e preceitos; poderá divisar e alongar-se por latos horisontes, mas não revolver planos e perspectivas; poderá entrajar-se de tafularias e galas, sem aggravo, porém, do bom senso e do bom gôsto, pois suas funcções são as de aperfeiçoamento e melhoria que não d'abastardamento e corrupção.

Como todas as coisas sociais, não dispensa consciencia nem disciplina — esta não é obediencia nem uniformidade de vistas —, como attributos da sua pura organisação.

Aos deslises e senões acudirá então a critica, por moto do seu mùnus zelador da dignidade das boas lettras e do bem publico, e joeira severa ha-de ser para justamente firmar as hierarchias e valores, pois sem isto não póde haver nem ordem nem honra.

Á certa que tal se desconhece em Portugal, onde a dona critica nunca largou os biocos caçurrentos e rançosos da frivolidade, prenhe de narizes de cera, já por mesuras de compadrio ou falsa e estulta cordialidade, já por incompetencia e inapteza, do que tem resultado aquella alude de grandes talentos sob palavra d'honra, do menoscabo de Fialho, recolhidos liberalmente pelo publico, o qual vê como lhe dizem que é, assegura-nos Eça de Queiroz, pela simploria e passiva acceitação das opiniões impostas.

Um unico exemplo de critica válida, qual o da *Lusitania,* se acota, só prejudicado por alguns aspectos apaixonados.

Não é a feição d'esta revista convinhavel á magnitude de tal assumpto, a despeito do que esforçar-se-ha por resgatar-se aguisadamente do encarrego, consoante, sem rudezas, e favorezas, com o dictame de Boileau:

Le mal est, qu'en rimant, ma muse, un peu légère
Nomme tout par son nom et ne saurait rien taire.

Das sequelas do comprazimento critico, que a tudo accorda sancções d'ouro de lei, uma é o vezo tradicional dos escriptores haverem suas obras como perfeitas, sem jaças, e *alba avis* é o que as admitte e reconhece.

O notificar belezas e primores torna-se agradavel, é preciso e justo, mas mais justo e preciso, embora não aprazivel, será o propôr achaques e errores para futuras emendas, mas sem o exaggero vesano de Rufus, o grammatico, que ao classico Cicero apodava de barbaro, e sem o incongruo deleite de João Pedro Ribeiro, o pai da diplomatica nacional, por Camillo reverenciado como sabio sem grammatica, para quem o indicar os erros dos auctores não era menos interessante que o marcar os baixios e cachopos n'uma carta hydrographica.

Apoz isto, é de comprehender que esta secção não serve de vazadoiro a quantos aleijões e desconchavos alitteratados ou historicos gastem lettra de fôrma, pois aqui não ha tropos para as cocegas dos que coçam a sarna litteraria, historica e artistica, temerosa endemia que avassala agora os dois generos do paiz. Aqui só ha cabimento para obras de bom espirito, uteis e dignas, d'aquellas que lustram e afazendam a litteratura nacional, atravez, é claro, de quaisquer opiniões ou doutrinas expressas ou processos empregados.

Se na presente phase litteraria os estudos historico-ethnographicos e archeologico-artisticos logram basta medrança e criam bons cultores, o mesmo bom fado não revelam os litterarios propriamente ditos — prosa e poesia, pois é de mesquinha decadencia sua qualidade, ainda que sejam facultosos na quantidade. O numero, o nefasto numero soberano das democracias candongueiras, tem invadido impudentemente essas espheras superiores do espirito e da intelligencia e, com gravame dos valores reais e da pureza e da finalidade litterarias, tem-se esforçado por impôr, sem attentar em processos, pesporrentes e deslustrosos, por essencia fina o que não passa d'agua chilra ou muito almiscarada, no queimarço tresvairador d'influencias e popularidade boa, segundo Daudet, para nos sentarmos a seu lado, mas que nos queima lastimosamente quando cahe sobre nós n'uma insana rebentina de celebreira, a tal que impelliu Erostrato a incendiar o templo de Diana.

Uma vantagem se lucra do parallelo, talvez por, ditosa ou inditosamente, não haver mais templos de Diana, e essa é a de que os novos conquistadores da fama não queimam monumentos, nem sequer as pestanas; limitam-se a sujar papel e a gastar tinta, o que é lucrativo para a respectiva industria.

Livros surgem por ahi como tortulhos em brejos e lenteiros. *Que haja un libro más que importa al mundo?,* adiantou Espronceda, o lyrico maravilhoso. Importa tal. Quando é bom, se cumpre uma funcção artistica ou instructiva, se aproveita ao patrimonio mental dos povos, está bem, devemo-nos regosijar; mas se não attende estes requisitos, havemos de postergál-o por só servir de damno para o publico, pervertendo-lhe o gôsto e afagando-lhe os instinctos, pois que elle, em regra, tende para as coisas inferiores, as que se coadunam com suas más inclinações — os monstros de Epicteto. Decerto esse é o de mais larga vulgarisação, porque ha sempre, como diz João Penha, quem prefira o carrascão ao delicado môsto de Corintho.

A esta litteratura, parte de base accommodaticia, parte com a taboleta *Ineditismo e Originalidade & C.ª* — como se para ser-se original seja mistér parturejar necedades e absurdezas! — ha que appôr barreiras, um cordão sanitario, para que ella possa, fôrra d'excrescencias, proseguir no caminho claro, luminoso, de sua gloria.

Na de condição accommodaticia ha gente com talento, mas que não se exime a transigir com a deploravel corrente em voga e traceja, então, suas obras de molde a fazerem jús aos dois proveitos — o de toque e o da fama. Talvez seja isso por effeito do sôpro do bom senso, cujo patrono, reconhece Bartrina, é o Santo Exito. Ora a verdade é que a litteratura representa um sacerdocio e que aos escriptores cabem funcções elevadas, quais as de ensinar, guiar e aperfeiçoar, de modo que nunca acceitarão influencias do publico, antes hão-de elles impôr-lh'as. Isto, por fim, não é novo. Recordemos Herculano, o qual já se insurgiu contra os es-

criptores operarios da dissolução e não da civilisação, na mira do proveito do mercado, como authores da litteratura mercadoria.

A de rotulo inedito-original, horripilante e estercoroso cancro que maligna e entorpece a intelligencia portugueza e converte o campo intellectual nacional n'um circo de amorais e arlequins, offerece-nos dois aspectos, ambos dissolventes. Um é o das escurris e ignominiosas apologias licenciosas, do salaz panegyrico de tribadismos, prazeres illicitos e outras pestilências — como isto está longe das galantarias de Brantôme, Boccacio e Piron! —, sob a capa chispante das estheticas e dos requintes artisticos, que as tornam mais aviltantes que as obras do Lobo da Madragoa, de Gregorio Mattos e frei Simão Torto, pois estes não usavam, para desculpa de suas sordicias e aperitivo de gulas depravadas, rebuços dobres, tartufismos bastardos, fesceninos. Estas são as lettras das michelas e dos eguariços.

O outro, aquelle que manipulam comicas e jograis, qualifica-se pela habilidade de desfigurar o sentido logico e natural das palavras e pensamentos, de combinál-as em complexas peloticas de trocadilhos, equivocos e conceitos esdruxulos; é uma feira de jogos vocabulares de paradoxos burlescos, de bysantinismos e preciosismos burlescos, n'uma ausencia plena de ideias — estes tais não se gabam, como Emile Girardin, de ter uma ideia por dia —, d'intelligencia e cultura. Relembra as passadas correntes do gongorismo e do nephelibatismo, com a differença, porém, de n'estas haver cabeças com talento, ao passo que o figurino actual só dispõe de cabeças vasias.

Logo, a necessidade de limpar o campo, d'expurgál-o de vicios e parasitas, é grave e instante. Não sômos unico a reconhecêl-o — *solus peregrinus in Jerusalem,* antes muitos ha que verberam e evidenciam o mal, mas em voz baixa. Haverá, porém, alguns homens de bom espirito e boa vontade capazes da meritoria tarefa de sanear o paiz d'essa gafeira, qne tanto lhe deslustra o patrimonio espiritual?

* * *

UMA EPISTOLA DE NICOLAU CLENARDO A FERNANDO COLOMBO

PELO *DR. JOAQUIM DE CARVALHO*

Uma curiosidade d'espirito sempre attenta e bem sensivel é uma das qualidades essenciaes ao investigador erudito, mesmo que roce as fimbrias da diffidencia.

Por vezes, effectivamente, palavras ha que exhibem pareceres d'inteiriço esclarecimento e, á-cima, d'elle são mesquinhas, pois se com precato forem consideradas deixarão campo largo a achados de novidade e interesse.

Um exemplo dá-nos agora o Dr. Joaquim de Carvalho, tam douto escriptor e senhor de farta e sã erudição quam benemerito e consciencioso director da Imprensa da Universidade, cujas edições dos Classicos, da Historia da Arte e da Litteratura Portuguezas, logram subida valia pela casta e o melhor jús gratulatorio do paiz intelligente pelo derramamento d'obras raras e d'outras de grado merito, pois foi pelo reparo feito nas breves palavras escriptas por D. Fernando Colombo n'um livro rarissimo e quasi ignorado, da Bibliotheca Columbina de Sevilha, creada por este insigne bibliophilo, que pôde realçar com mais uma preciosa carta a collecção epistolar de Clenardo, «o cavalleiro andante das humanidades».

Este livro, o *T. Livii Patavini Historici,* adita a bibliographia de Clenardo, da qual se avantajam as cartas, as quaes encontraram em Portugal dois devotos admiradores, um o glorioso Mestre Joaquim de Vasconcellos, que d'ellas apparelhou uma edição, malfadadamente retida na Imprensa da Universidade, apezar d'impressa, o outro o illustrissimo escriptor Dr. Gonçalves Cerejeira, o qual traduziu as respeitantes ao paiz no livro *O Renascimento em Portugal: Clenardo.*

Isto, em boa verdade, é uma justa e devida homenagem ao inclito sabio hebraista e hellenista, porquanto muito lhe devem as patrias lettras e o humanismo luso, por bem certo ter sido Clenardo o reorganisador do estudo nacional das linguas mortas, aquando viveu entre nós, ventura essa que devemos ao notavel rei D. João III, tam calumniado nas sophisticas rhetoricas do ensino e da historia do Liberalismo, pois, por intermédio de André de Rezende, o famoso erudito e antiquario do seculo XVI, chamou a Portugal, em 1533, o insigne linguista para dirigir a educação do infante D. Henrique, ao depois cardeal-rei.

Tal livro escreveu-o Clenardo por causa da educação de D. Luiz de Toledo, rebento dos duques de Alba, na Universidade de Salamanca, cujo cárrego supportava, afim dos beneficios de seu methodo e trabalho não aproveitarem apenas ao pupillo e antes a toda a mocidade salamanquinha.

Eis, portanto, que Nicolau Clenardo juntava á sua qualidade de peregrino humanista a de dextro pedagogo, pois em tal obra se expressa um methodo claro e pratico, o dos colloquios, de ensino.

Como o livro abre por uma carta de Clenardo endereçada a D. Fernando Colombo — o Mecenas que o captou de Lovaina para Salamanca —, apojada com elogios á celebre livraria Fernandina (hoje Columbina), um dos mais valiosos recheios de incunabulos e edições de quinhentos, á Universidade salamantica, ao destinatario e ao bispo de Cordova D. João de Toledo, é obvio que sua publicação enriquece o excellente epistolario citado, tanto mais que andava perdido seu conhecimento, embora D. Simon de la Rosa y Lopez d'ella extractasse parcellas no *Catalogo de la Columbina.*

Tal beneficio executou-o judiciosamente o Dr. Joaquim de Carvalho, professor sapiente da illustrissima e veneravel Faculdade de Lettras coimbrã, cuja obra historico-philosophica não assenta, faustamente, em vãs e clamorosas logorrheias, em psitacismos estereis e estarrecedores, de gralha empavezada, antes a realisa uma solida erudição, um estudo árduo, um pensamento honesto e firme, pois *sua exhumação integral apoz alguns seculos constitue o mais vivo depoimento da communhão espiritual que ligou estes nobres espiritos, cujos talentos, por fórmas diversas, tão formosamente illustraram e serviram a cultura peninsular.*

Não é demais encarecer e louvar estes estudos, sempre ingratos e de parco lustre, mas que largamente cooperam no amplo conhecimento espiritual do passado, de que tanto carecemos.

Carlos de Passos.

SERENIDADE

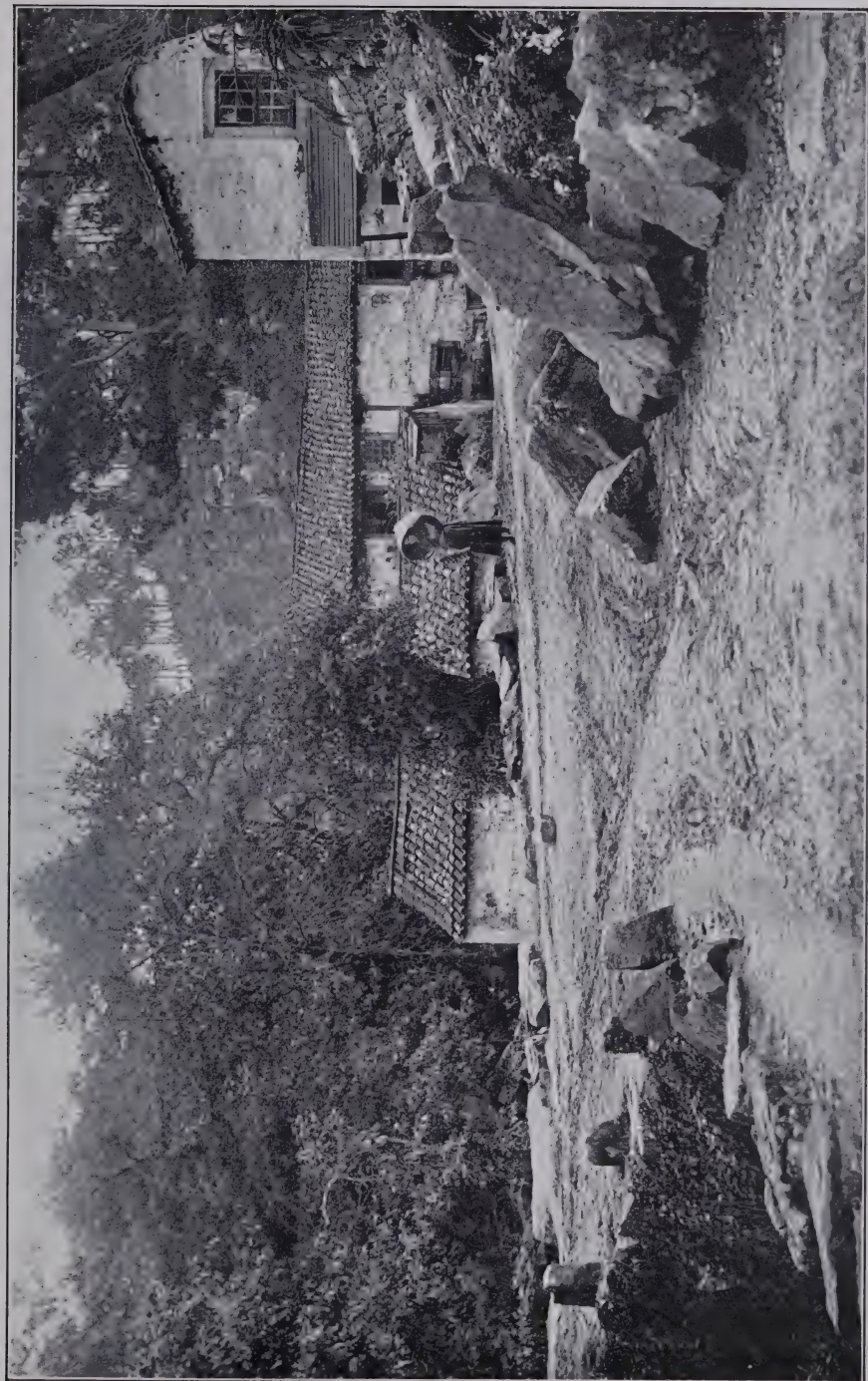
Fôra assim sempre o nosso amor, assim
como ora vae, num extase calado
— sob este céo, que é d'oiro e de setim,
neste canto de parque abandonado;

fôra assim sempre o nosso enlevo — brando,
e quieto, e fácil, sem ardôr nem ciumes,
com frautas d'água entre arvores murmurando
seus líquidos, tenuissimos queixumes;

fôra assim sempre a tua graça — álerta
e silenciosa, como luz acêsa
— e o teu sorriso uma carícia certa
quando a buscasse, em horas d'incerteza;

fôra assim sempre, Amiga, o nosso encanto
e egual e muda toda a nossa vida,
e eu entraria sem temor nem pranto
da morte em sua plácida guarida

— por ter amado sem o desencanto
— por ter vivido sem sentir a vida.

João de Lebre e Lima.

Cliché fotográfico de Marques Abreu

CASAL MINHOTO

Cliché fotográfico de Marques Abreu

REGRESSO DA FONTE (Louzada)

O CULTO DO PASSADO

A HOMENAGEM QUE VILA DO CONDE PRESTOU A MGR. J. AUGUSTO FERREIRA

Nesta revista, cujo primeiro número hoje aparece, tem de ser continuada a obra a que nos vimos devotando há longos anos, e cuja realização tem absorvido a maior sôma da nossa actividade, porque ela constitui o supremo enlêvo do nosso espírito. Vivendo no presente, e trabalhando na preparação dum futuro melhor, não podemos deixar de ir rebuscar no passado a seiva fecundadora da crença e da fé, guiados pelas quais os nossos maiores operaram prodígios, e a cujo fulgor poderemos ainda aquecer o ânimo tíbio, para a realização de novas maravilhas.

Estamos numa época de utilitarismo grosseiro. O interêsse mesquinho domina tudo. O brilho do oiro deslumbra os espíritos, abrasa as consciências, requeima os sentimentos. E hoje mais que nunca, pior ainda que no tempo de Camões, a Pátria

«. . . . . está metida
no gôsto da cobiça e na rudeza
duma austera, apagada e vil tristeza.»

É por isso que nos atrai e seduz a contemplação do passado, daquilo que de grande e de belo o passado contém. Para o passado se voltam hoje as mais claras e altas inteligências, os mais sinceros e ardentes patriotas. Porque o que fêz a grandeza das gerações extintas—a crença em Deus e o amor da Pátria—pode ser e há-de ser ainda a fôrça vivificadora das nossas almas, o impulso vigoroso que novamente faça erguer os nossos corações ao alto.

Esta revista, portanto, não só coadjuvará, dentro das suas possibilidades de acção, mas registará também, com prazer e regosijo, o labor reconstrutivo dos pacientes e abnegados obreiros que andam auscultando e fazendo reviver, dentre a poeira dos arquivos e as ruínas dos monumentos, as aspirações, as ideias, os sentimentos dos nossos antepassados, os seus gostos e predilecções, as suas agonias e martírios, o seu esfôrço atlético e sacrifício heróico, tudo isso, emfim que forma, concretiza e afirma a alma da nossa raça.

* * *

E, entre os homens do presente que com maior dedicação se teem consagrado ao estudo do passado, Mgr. J. Augusto Ferreira avulta como um dos nomes mais ilustres e respeitáveis. A homenagem que recentemente lhe prestou o povo de Vila do Conde constituiu uma verdadeira consagração ao seu trabalho consciencioso, meritório e patriótico. E' tarde já para a pormenorização dessa homenagem, que se realizou no dia 21 de Março findo, porque os jornais de então lhe fizeram circunstanciada referência. Mas não deixaremos, ainda assim, de arquivar em traços rápidos os principais episódios, para ensinamento dos pósteros.

Mgr. Augusto Ferreira, antigo prior de Vila do Conde e reconstrutor da sua grandiosa igreja matriz, publicou, entre outros, dois livros: *Vila do Conde e seu Alfoz* e *Os Tumulos da Egreja de Santa Clara de Vila do Conde.* Nêsses dois livros, que são admiráveis elementos para a história da arte portuguesa, descrevem-se as principais preciosidades arquitectónicas da vila e concelho, da Terra de Faria e da Terra do Maia, como diz o seu erudito autor. Por êles se ficou sabendo que Vila do Conde foi, noutros tempos, um opulento escrínio de joias artísticas, de que hoje restam ainda relíquias maravilhosas. Daí o motivo da homenagem, em que também tivemos a honra de colaborar.

Naquele domingo de Março, frio mas claro, a espaços iluminado por um sol tépido, o salão nobre da Câmara Municipal encheu-se de tudo que Vila do Conde possui de mais distinto e representativo no fôro, no professorado, no exército, no clero, no comércio, na indústria, na nobreza e também no povo, nêsse povo que abrange todas as classes, hierarquias e castas, e que é sempre distinto quando o adornam sentimentos nobres e o orientam princípios elevados.

A palavra quente, arrebatada e brilhante dos oradores —Dr. Américo José da Silva, Dr. João Canavarro e P.e José Praça—fêz-se ouvir burilada de imagens, enriquecida de altos conceitos, num hino vibrante à sua terra natal e à Pátria comum, que Mgr. Augusto Ferreira tão desinteressada e ale-

Mgr. J. Augusto Ferreira

vantadamente servia, com o fulgor vivo da sua inteligência, com o produto admirável do seu esfôrço.

Na impossibilidade de reproduzir, mesmo em resenha, êsses discursos, limitamo-nos a publicar a mensagem que então lhe foi lida e entregue, encerrada numa rica pasta de setim e escrita em papel pergaminho:

«Excelentíssimo Senhor,

«A Câmara Municipal de Vila do Conde, interpretando os sentimentos de todos os seus munícipes, vem prestar a V. Ex.a a homenagem da sua admiração, do seu respeito e do seu reconhecimento pelo muito que, em manifestações de fecundo carinho já lhe deve, e nos seus trabalhos valiosos de investigação se traduzem.

«Não é sem desvanecimento legitimo que uma terra vê que alguém lhe estuda e compõe a história, arrancando-a à confusão e ao esquecimento das velhas crónicas que a guardam; e quando êsse alguém tem as faculdades e a sciência do investigador inteligente e culto que V. Ex.a é, e em tantas obras de notável relêvo se assinalaram j,á maior é ainda o seu orgulho de se ver assim estudada e exaltada, nas suas origens e nos seus monumentos, nos seus factos de mais vulto e nos seus homens de melhor nome.

«A mais duma assembleia doutíssima, em que de nobres estudos se dá conta e nobres matérias se debatem, tem V. Ex.a levado o nome da nossa terra no estudo sempre interessante de alguns dos seus monumentos; e já antes, em trabalhos dispersos por várias publicações, V. Ex.a lhe dedicara o labor precioso de preciosas buscas nos esquecidos papéis que se lhe referem.

«Os seus dois últimos trabalhos sôbre *Villa do Conde e seu Alfoz* e *Os Túmulos de Santa Clara,* são a plena e brilhante confirmação de preferência que sempre tem merecido ao seu espírito de investigador diligente e de crítico esclarecido, as coisas belas que a Arte entre nós criou e que a incúria ou a incompreensão dos homens vai deixando que se mutilem e percam, como se pouco fôssem ou mesmo nada valessem. E é porque elas valem ainda como um apêlo eloqüente para que as defendamos e guardemos da indiferença que as esquece e dos vandalismos que as profanam, que maior é o nosso reconhecimento pelo esfôrço de tão generosa iniciativa, que nenhum interêsse solicitou e premiou e que só a nossa gratidão confessa e aplaude.

«Injustiça seria esquecer, nêste público testemunho dessa gratidão,

o pároco devotadíssimo a quem se deve a restauração magnífica da nossa Igreja Matriz, que só o seu amor, o seu cuidado e o seu esfôrço de verdadeiro artista conseguiram libertar e recompôr das dolorosas mutilações que a desfiguravam.

«Só por si seria essa obra motivo bastante para estas homenagens que nenhum favor de amizade inspira ou diminui, porque só um alto e puro sentimento de justiça as lembrou e valoriza.

«Aceite, pois, V. Ex.a as homenagens que todos os homens desta terra lhe devem, pelo muito que, longe embora, a tem sabido exaltar, homenagens que hoje, por intermédio da sua Câmara Municipal, com muita justiça êles lhe veem trazer, pela sua nobre figura moral significando ainda todo o seu respeito, e toda a sua admiração.»

Mgr. Augusto Ferreira, deixando falar apenas a alma e o coração, mas com palavra fluente, elegante e erudita, agradeceu, visivelmente impressionado, a homenagem que lhe era prestada. Historiou a sua obra e citou, envolvendo-os num halo doirado de reconhecimento, os nomes dos seus colaboradores. Tinha um fim em vista: roubar ao abandono, à incuria e até ao vandalismo as preciosidades antigas, para que o brilho, que delas ainda se desprende, pudesse alumiar o caminho das novas gerações. Servia apenas uma causa: a da Religião e da Pátria. E, se alguma glória lhe coubesse, não a queria para si, mas para o clero português, a cuja honrada classe pertencia.

Coroou aquela esplendida festa de homenagem um almôço admiravelmente servido numa das salas do Club 1.º de Dezembro, e em que tomaram parte as individualidades mais gradas e representativas de Vila do Conde e os representantes dos diários do Pôrto.

A parte que tomamos nessa festa não se justifica apenas pelo prazer de encomiar o homem, cujo alto mérito reconhecemos, e com cuja amizade muito nos honramos; mas explica-se também pelo desejo de salientar e perpetuar uma obra: a de Mgr. Ferreira, a nossa, a de todos que estão carreando materiais para a sua construção e acabamento: a ressurreição e conservação do nosso passado monumental.

A iniciativa dos vilacondenses foi extremamente simpática. Mas é necessário que à ideia, que a impulsionou, correspondam agora os factos. Êsse precioso monumento de Santa Clara, por exemplo, não deve ficar apenas arquivado em ilustrações e em memórias historico-descritivas. E' preciso também ampará-lo, limpá-lo das ruínas que de todos os lados se amontoam, conservar para satisfação e prazer dos olhos dos vindouros as relíquias gloriosas que ainda ali existem.

O espírito bairrista, que aplaudimos e gostosamente ajudamos á alimentar, só pode ser útil se tiver êste fim prático elevado: reconstruir e manter tudo que do passado nos resta ainda com algum valor.

E é conservando a obra do passado que lançaremos as bases do futuro, porque provaremos assim o nosso desejo ardente de viver, de perpetuar a raça, de nos tornarmos imortais.

MGR. J. AUGUSTO FERREIRA

Sua Santidade Pio XI acaba de elevar à dignidade de protonotário apostólico, por serviços relevantes prestados à religião e à pátria, o nosso querido amigo e distinto colaborador Mgr. José Augusto Ferreira. O documento em que o Sumo Pontífice lhe comunica essa mercê é extremamente honroso para o incansável trabalhador, ilustre homem de sciência e erudito arqueólogo, que tanto honra a benemérita classe a que pertence.

Congratulamo-nos sinceramente com êste facto, que representa a alta consideração em que é tido Mgr. J. Augusto Ferreira nêsse meio culto e ilustrado que é a Cúria Romana, a qual só costuma recompensar o mérito, o valor e a virtude, quando encontra homens que possuem essas qualidades em elevado grau.

DUAS FESTAS DE CARIDADE

Esta bela terra do Norte faz-nos lembrar o norte de França, a encantadora Terra Normanda, onde se mantém, vivo e fecundo, o sentimento religioso, o amor da família, o culto do passado, o espírito da tradição. Através de todas as vicissitudes políticas, o Norte de Portugal, e o Pôrto, principalmente, como sua capital legítima, conserva inalteráveis, trasbordantes de seiva, admiràvelmente eficazes, os sentimentos, as ideias e as crenças que nortearam os nossos antepassados, e que são o vínculo infrangível, que liga indissoluvelmente o pretérito ao futuro.

E é no coração generoso das senhoras, nas suas almas de eleição e de candura, que de preferência a imperecível scentelha rebrilha. Todos sabemos como as senhoras portuenses costumam acorrer pressurosas, solícitas, incansáveis, ao chamamento da pobreza, da miséria e do infortúnio, ou sempre que a sua acção benemérita se pode prodigalizar em frutos de benção a favor de qualquer obra humanitária e caritativa.

Os recursos da beleza, da inteligência e da arte, todos os dons naturais com que Deus dotou pròdigamente a mulher portuguesa, e as acquisições do seu estudo, do seu esfôrço e do seu trabalho, tudo é pôsto ao serviço da causa dos humildes, dos enfermos e dos desprotegidos, sempre que alguém se lembra de solicitar o seu concurso valioso.

Assim o demonstram eloqüentemente as duas festas de caridade realizadas no Teatro S. João em 22 de Abril findo e em 5 de Maio corrente, a primeira em benefício da Maternidade, que a Faculdade de Medicina do Pôrto vai criar, por iniciativa do seu ilustre director, sr. dr. Alfredo de Magalhães, e comemorativa do primeiro centenário da Real Escola de Cirurgia; a segunda a favor do Círculo Católico de Operários, prestante instituição tão perseguida mas sempre renascente, que faz lembrar com saüdade o nome do seu principal criador e impulsor, o grande jornalista católico Manuel Frutuoso da Fonseca.

Não podemos publicar relato circunstanciado dessas festas, nem os nomes de todas as ilustres senhoras e distintos cavalheiros que nelas tomaram parte. Não o consentem o espaço nem a índole duma publicação mensal. É nosso intuito apenas salientar a sua elevada significação moral, num tempo em que o egoismo tudo subordina ao interêsse pessoal; e o seu alcance humanitário, num meio em que a falta de recursos materiais faz alastrar e engrossar diáriamente a onda da miséria, tornando-se indispensável sustentar e desenvolver as instituições de beneficência, criadas pela fé inquebrantável e pela caridade heróica dos nossos maiores.

Registando gráficamente alguns dos mais curiosos aspectos dessas duas festas de benemerência, e também de Arte, a *Ilustração Moderna* vinca uma das facetas do seu programa. Não a interessam, de facto, os assuntos frívolos de puro mundanismo, de aparatosa exibição, quando as não assinale um elevado cunho de arte e de beleza. Mas arquivará, com prazer, a documentação de todas as iniciativas que tenham um fim de solidariedade humana e utilidade social.

Pela nossa terra e pela nossa gente — é o lêma que nos orienta, porque encerra as bases em que deve assentar a vida dum povo e duma nacionalidade. O que é puramente artificial, fictício, transitório não nos preocupa. As córes do arco-iris são passageiras; de beleza permanente, é a luz do sol que tudo vivifica; e o brilho da crença, que tudo sobredoira; e a obra da bondade, que tudo enobrece.

HOMENAGEM A MGR. AUGUSTO FERREIRA — Um aspecto da assistência à sessão solene, realizada nos Paços do Concelho de Vila do Conde

HOMENAGEM A MGR. AUGUSTO FERREIRA — Grupo de senhoras e cavalheiros que assistiram à sessão, à saída da Câmara Municipal, vendo-se Monsenhor no primeiro plano, tendo à direita o sr. dr. João Canavarro e à esquerda o sr. Conde de Azevedo

HOMENAGEM A MGR. AUGUSTO FERREIRA — Grupo de convivas que tomaram parte no almôço oferecido a Monsenhor, e que se realizou no salão nobre do Club Primeiro de Dezembro

DE SEVILHA A LISBOA NO *JUNKER'S* — Gago Coutinho aclamado pelo povo

DE SEVILHA A LISBOA NO *JUNKER'S* — Gago Coutinho recebendo cumprimentos. Ao centro, de boina, Cisneiros de Faria, um dos passageiros

FESTA DE CARIDADE, realizada no Teatro de S. João, do Pôrto, em benefício da Maternidade. Um aspecto da feérica Dança das Fadas, em que tomaram parte algumas das mais gentis senhoras da nossa primeira sociedade

FESTA DE CARIDADE em benefício da Maternidade, realizada no Teatro S. João, do Pôrto. Um deslumbrante quadro apoteótico da encantadora Dança das Fadas

QUADRO DE INTERPRETES — Gentis meninas, ilustres senhoras e distintos cavalheiros que tomaram parte na festa em benefício do Círculo Católico de Operários do Pôrto, realizada no Teatro S. João

QUADRO DAS FLORES — Da festa em benefício do Círculo Católico de Operários do Pôrto, realizada no Teatro S. João

Galantes meninas que tomaram parte no Quadro das Flores, na festa em benefício do Círculo Católico de Operários do Pôrto, realizada no Teatro S. João

ILUSTRAÇÃO MODERNA

PUBLICAÇÃO MENSAL — EDITOR-DIRECTOR — MARQUES ABREU

1.º ANO — PORTO — JUNHO — 1926 — NÚMERO 2

Imprensa das Oficinas de Fotogravura de Marques Abreu — Avenida Rodrigues de Freitas, 310 — PORTO

PENSATIVA — QUADRO DE JOÃO AUGUSTO RIBEIRO

Colecção do Sr. Dr. Leopoldo Mourão — Porto

Crónica do Mês

MAIO

A festa dos trabalhadores.—Temporal político.—Nova revolução.

O mês de Maio abriu, como é da praxe, pela festa dos proletários: festa um pouco diferente daquelas que há anos estávamos acostumados a ver, consistindo num cortejo-monstro onde tomavam parte todos os operários de ambos os sexos, e onde, por entre o estridor das músicas tocando o *Hino 1.º de Maio* e o trapejar de inúmeras bandeiras associativas, se erguiam brados platónicos saüdando a memória dos mártires de Chicago e reclamando os três 8 da aspiração socialista. Após o que, e em seguida a um pacífico comício onde as reivindicações operárias eram traduzidas em tropos inflamados, mas inofensivos, todos recolhiam a suas casas, preparando-se para o trabalho do outro dia, e sem pensarem mais no assunto até ao ano seguinte.

Agora o significado do 1.º de Maio vai-se deslocando e sintetizando em aspirações mais concretas e mais avançadas. Vai longe o massacre de Chicago e, depois dêsses proto-mártires, muitas outras vítimas das reivindicações proletárias teem caído. A grande guerra veio satisfazer as aspirações primitivas. As oito horas de trabalho, o aumento de salário, o seguro contra os sinistros e contra a invalidez, a melhoria das condições económicas das classes trabalhadoras, são um facto. ¿Para que, pois, êsse cortejo brilhante, servindo simultâneamente de elemento de propaganda entre as massas ainda mal despertas e de parada de fôrças destinadas a mostrar aos burgueses o valor numérico dos trabalhadores?

O cortejo, portanto, decaiu, perdendo em magnitude e brilho. Cresceram os comícios, as conferências, as sessões solenes. Mas — ai de nós! — enquanto que antigamente todos os manifestantes se encontravam concordes nas doutrinas expendidas e nas reclamações formuladas, agora degladiam-se, dividindo-se numa porção de partidos, cada um dêles proclamando a excelência das suas teorias e apetecendo um modo especial de realizar a felicidade do povo.

Os primeiros apóstolos do socialismo são hoje uns conservadores já passados de moda. Outros lhes sucederam mais avançados e exigindo à vida social infinitamente mais do que os primeiros lhe pediam. Já anotara êste progresso de ideias, numa fórmula pitoresca, um antigo ministro português: «Há três espécies de socialistas — dizia êle: — os que se contentam com andarem de blusa, não se importando que eu continue a vestir fraque; os que pretendem obrigar-me a andar de blusa, como êles; e os que querem andar também de fraque, como eu.»

Pois se o espirituoso estadista fôsse vivo, e ouvisse o que se disse no comício das Fontainhas, e visse os extremistas insultando e pretendendo agredir os colegas que não comungam no credo bolchevista, teria de estabelecer uma quarta espécie de socialistas: os que ambicionam que vistamos nós a blusa, para vestirem êles o fraque.

E não admira, porque o exemplo está aberto e patente, naquela antiga Rússia dos Czares, onde a inversão das classes se realizou num instante e se vai agüentando com uma solidez de cimento romano!

* * *

O Congresso Nacional, eleito em Novembro passado, teve uma vida pouco extensa, mas de uma formidável intensidade. Disse-se muito mal do parlamento antecedente. E eu não sei se aqui há dez ou onze meses houve alguém que, a exemplo da velhinha de Siracusa, pedisse a Deus a conservação do que estava, para que não viesse outro pior.

Se houve, acertou. De todos os parlamentos da República, foi êste o mais desastrado. Inferior ainda em nível intelectual, poderia dignificar-se ao menos trabalhando e mantendo a compostura das corporações que desejam ser úteis à Pátria. Mas nem isso. Lavrado por fundas dissidências e scindido numa infinidade de grupos — os próprios monárquicos, com serem meia dúzia, acabaram por se dividir em constitucionais e integralistas — era fatal que dificilmente navegaria por entre as sirtes erguidas à sua volta e açoutado pelo mais violento temporal político de que há memória. O qual temporal foi a questão dos tabacos.

Deu-se o facto curioso de, estando as oposições divididas, só a maioria se manter unida e compacta, como um monolito. Infelizmente, essa união efectuou-se em volta de uma medida administrativa que repugnava profundamente a quási todos os portugueses. «A *régie,* eis o inimigo!» gritaram as oposições. E devia sê-lo, na verdade. Fartos estamos nós de saber o que seja, em todos os ramos da pública administração, a gerência — e até a simples ingerência — do Estado.

Fazendo finca-pé na opinião geral, cuja voz angustiosa a maioria não quis ouvir, as oposições tomaram a peito impedir a aprovação do rebarbativo projecto de lei. Não o tendo conseguido com os seus indignados discursos — indignados mas ordeiros — resolveram chamar a desordem em seu auxílio. Ao «cinismo da maioria» — a frase é delas — responderam com o tumulto. E, durante muitos dias, viu-se esta coisa espantosa e inédita: apenas o presidente da Câmara ocupava o seu lugar, umas dezenas de deputados desatavam a bater nas carteiras, primeiro com as mãos fechadas, depois com os sarrafos de madeira assim arrancados, ao mesmo tempo que as

bôcas entoavam estentoreamente várias composições musicais, que iam desde o hino nacional até às cantigas de revista. . .

Imperturbáveis, os dois presidentes, do Ministério e da Câmara dos Deputados, esperavam que o vendaval passasse. Mas, vendo-o prolongar-se, punham os chapéus e iam-se embora. No outro dia, repetia-se a mesma scena. E assim durante algumas semanas.

De olhos cravados no calendário, o sr. António Maria da Silva esperava, com uma tenacidade digna de admiração, que chegasse o fim do mês, data fixada para o encerramento do Congresso. E o fim do mês chegou. E com êle a revolta de Braga. . .

* * *

Na madrugada do dia 28, o general Gomes da Costa, tendo viajado secretamente entre Lisboa e Braga, entrava na cidade dos arcebispos e apoderava-se do Quartel-General, enquanto os regimentos da guarnição saíam para a rua em som de rebelião contra o govêrno. Passaram cêrca de quarenta e oito horas sem que nenhum outro regimento do país parecesse apoiá-lo. Ao contrário, delineava-se uma certa oposição ao movimento, tendo chegado a avançar do Pôrto uma coluna destinada a combatê-lo. E já se falava numa segunda edição da célebre «Maria Bernarda», quando se soube que os dois regimentos de Viana haviam aderido. Logo a seguir, revoltaram-se as guarnições de Lamego, Vila-Real e Coimbra. E então, foi como se se inflamasse um rastilho de pólvora estendido por todo o país. Os regimentos do sul e do centro avançaram sôbre Lisboa, cuja guarnição acabou por aderir, dando a vitória decisiva ao general Gomes da Costa. O dr. Bernardino Machado via-se obrigado a demitir o Ministério, entregando o poder ao comandante Mendes Cabeçadas e renunciando ao seu alto cargo.

Logo se delineou uma profunda divergência de pontos de vista entre os dois chefes do movimento. Por algumas horas, chegou a recear-se uma luta do Norte contra o Sul. Um grande ponto de interrogação se desenhava nas almas, angustiando-as. ¿Iriamos ter uma guerra civil?

E assim, entre o contentamento de uns, o despeito de outros, e a ansiedade de todos, fechou o mês de Maio.

Os acontecimentos que sucederam depois— todos enormemente sensacionais—pertencem ao mês seguinte.

CAMPOS MONTEIRO.

Cliché da Fotografia Moderna

PALACETE DO SR. DR. LEOPOLDO MOURÃO — PORTO — SALA ESTILO LUIZ XVI

COLECÇÕES ARTÍSTICAS

As galerias de Arte, particulares, são, como é natural, de difícil acesso ao público. Os seus proprietários, porém, felizmente, estimam que os amadores ingressem em seus salões, por vezes opulentíssimos, para contemplação frutuosa das obras custosamente obtidas e ordenadamente agrupadas.

Jámais esqueceremos a salutar influência que a monumental galeria do conde Daupias, de Lisboa, uma das primeiras da Europa, exerceu principalmente no ânimo da juventude estudiosa, do tempo!

Exemplos bem concretos poderíamos aduzir em abôno desta afirmativa, se porventura nos convencessemos de que alguém seria capaz de duvidar dêste conceito. Triste acontecimento foi o do êxodo dêsse aglomerado de preciosidades artísticas, a que deu lugar a morte do ilustre titular. A imprensa francesa, nomeadamente *L'Art dans les deux Mondes,* anunciou em 1891 o esfacelamento dessa imponente galeria, sem que o Estado português interviesse preferentemente na conquista dêsse tesouro artístico, incomparável.

O conde Daupias, inteligentemente eclectico, oferecia aos seus visitantes elementos selectíssimos, que sintetisavam quási tôda a história da Arte. O transformismo artístico, desde os primitivos, sentia-se profícuamente na análise dos exemplares expostos. A Arte em evolução era evidente em face da representação dos góticos italianos, dos *petits-maîtres* holandeses, dos mestres do renascimento flamengo, etc., até ao moderno individualismo. Entre os góticos, um determinado número de pintores portugueses mostrava algumas obras deliciosas, duma certa conformidade de factura e concepção com as produções flamengas da mesma época. Foi, por isso, possível estabelecer que, de 1504 a 1559, muitos artistas portugueses se achavam inscritos na Gilde de São Lucas, em Antuérpia, seguindo aí as lições de Quintino Metsys e de Van der Weyden. Verifica-se, assim, a existência de relações assíduas entre Portugal e a Flandres, sem olvidar que João Van Eyck, chegado a Lisboa em 1428 para executar o retrato da infanta Isabel, noiva de Filipe le Bon de Borgonha, deixou aqui vestígios irrecusáveis duma regência artística.

A dispersão, por conseqüência, dessa colectânea extraordinária deve ser considerada como uma catástrofe nacional. . . Rememorar, pois, êste maguante episódio da vida portuguesa é sofrer uma das mais cruciantes dôres cívicas.

Novas iniciativas, no género, vêm surgindo, compensadoras de tanta tristeza, das quais, por

Cliché da Fotografia Moderna

PALACETE DO SR. DR. LEOPOLDO MOURÃO — PORTO — ASPECTO DE OUTRA SALA

CONDUÇÃO DOS CABRESTOS — QUADRO DE SILVA PORTO

Colecção do Sr. Dr. Leopoldo Mourão — Porto

agora, citaremos com calor a do eminente portuense Dr. Leopoldo Mourão. Reproduz hoje, a *Ilustração Moderna,* algumas das muitas obras guardadas no seu palacete do Pôrto, verdadeiro templo de Arte, por onde é possível ajuizar-se da qualidade dos trabalhos reunidos e magnificamente conservados. A Arte portuguesa figura-se aí, vivaz e palpitante, em série galhardamente exposta, acompanhada de soberbo mobiliário de estilo e de *bibelots* explendidos, numa familiaridade razoavel e justa. Não mais se apaga da memória a impressão fremente que a residência do ilustre português deixa em todos que a visitam. Falando de artistas, sinatários das produções acertadamente coligidas, basta citar, por exemplo, os nomes de Teixeira Lopes, de Silva Pôrto, de Sousa Pinto, de Marques de Oliveira, de Salgado, de Cândido da Cunha, sem diminuir os de outros, de idêntica envergadura, que dignamente sustentam a sua reputação nêsse grémio de almas divinamente tocadas pela chama do génio, para gôzo e proveito dos consultantes, na investigação da actividade das últimas gerações.

J. A. Ribeiro.

MUSEU REGIONAL DE AVEIRO

II *(Continuado do n.º 1)*

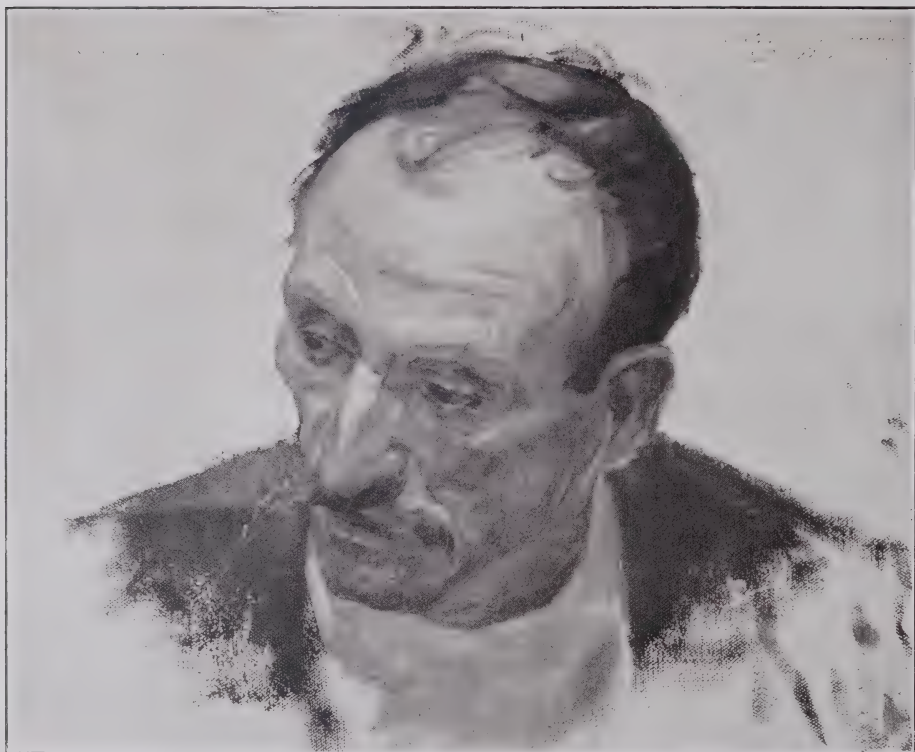
ORGANISAÇÃO

Um dos mais prestimosos auxiliares que tive na organisação do Museu foi o dr. José de Figueiredo, benemerito director do Museu Nacional de Arte Antiga.

Após a sua primeira visita ao incipiente Museu, escrevia-me da Curia, em data de 20-IX-911:

«*Meu amigo:*

«Dou-lhe os parabens pelo verdadeiro trabalho de Hercules que representa o Museu districtal de Aveiro, tal qual o vi hontem, quando ahi estive. É extraordinario que só, desajudado, e para mais, sem o menor subsidio monetario, pudesse em tão pouco tempo ter feito tanto.

«Evidentemente que a sua organisação, ainda incompleta, não é nem pode ser a definitiva, havendo certamente que alterar e mudar no que já está exposto, mas isso são correcções que a competencia de V. facilmente determinará e que só podem ser feitas com segurança depois de uma distribuição, como aquella que V. está a terminar.

CABEÇA (ESTUDO PARA O QUADRO «D. DINIZ» — NA BOLSA DO PORTO) — J. VELOSO SALGADO

Colecção do Sr. Dr. Leopoldo Mourão — Porto

MARGENS DA «PATEIRA» DE FERMENTELOS (Estudo a carvão) — CANDIDO DA CUNHA

Colecção do Sr. Dr. Leopoldo Mourão — Porto

«Certamente que a evocação do muito que ahi deveria estar e não está, encherá de melancolia os que como V., sem ignorar nem despresar o presente, teimam em volver os olhos para o passado que, nem só nas guerras, foi glorioso e illustre; mas por isso mesmo a satisfação de V. deve ser maior, constatando que sem o seu esforço, o naufragio teria sido completo, perdendo-se objectos, que uns pelo seu valor documental, outros pelo seu valor artistico, honram no seu conjunto a cidade que os guarda, e servem para regalo de alguns, e incitamento de todos.»

A estas referencias animadoras, a breve trecho veio juntar-se um grande numero de visitantes que principiou a afluir ao Museu e que bemdiziam o seu progressivo desenvolvimento, e a conferencia que, a instancias minhas, realizou ali o distincto escriptor e abalisado critico d'arte, Joaquim de Vasconcellos, na tarde de 28 d'Abril de 1912, e a que se referiu assim o jornal *A Liberdade* que então se publicava em Aveiro e de que era director o dr. Alberto Souto actualmente director do Museu:

«UMA CONFERENCIA SOBRE ARTE — O distincto polygrapho, sr. Joaquim de Vasconcellos, realizou, domingo, pelas 14 horas, n'um dos salões do antigo Convento de Jesus, a sua annunciada conferencia sobre as riquezas que encerra o referido convento, hoje, como se sabe, transformado em Museu Municipal.

«Pouco depois da hora aprasada para a conferencia, o sr. dr. Mello Freitas, usando da palavra, faz o elogio do conferente e tem para o sr. Marques Gomes, a quem se deve a organisação do Museu, palavras que traduzem a sua sincera admiração pelo trabalho que representa uma tão grande obra. Fala ainda na fórma como teem sido despresados varios monumentos nacionaes e nas barbaridades praticadas contra alguns objectos de incontestavel valor artistico e que por disparatados pruridos de republicanismo foram inutilizados após o movimento de 5 de Outubro. Termina por demonstrar a todos os presentes o valor que pode ter como fonte de informação um objecto antigo que aparentemente nada representa, mas que por datas de epochas immemoriaes serve para o estudo da arte d'esse tempo, quando um conjunto de circumstancias varias não faz revelações da mais alta importancia.

«Segue-se-lhe o sr. Joaquim de Vasconcellos que a assembleia acolhe com estrondosa salva de palmas.

«Disserta largamente sobre as riquezas de alguns monumentos nacionaes dizendo que ha quarenta e cinco annos percorre o paiz em missão de estudo não tendo ainda visto tudo o que na arte elle encerra de precioso. O sr. Joaquim de Vasconcellos, em cuja palavra facil e sugestiva se adivinha um espirito erudito, prende a attenção da assembleia mais de uma hora, analysando a arte em todas as suas manifestações e affirmando que ella não retrata só mas idealiza tambem, fala-nos de Raphael, Rubens, Leonardo de Vinci, Miguel Angelo, etc., fazendo um rapido escorço da obra de cada um.

«Refere-se depois ao nosso Museu affirmando com toda a convicção que elle é incontestavelmente o terceiro do paiz e, à proposito, cita o immenso valor de alguns dos quadros

Cliché foto. de Manuel de Abreu

CASULA DE TISSU ENCARNADO, BORDADO PROFUSAMENTE A OIRO, TENDO AO FUNDO DA FAIXA CENTRAL UM ESCUDO EPISCOPAL TECIDO A OIRO, PRATA E TORÇAL

expostos n'aquelle salão (1), entre os quaes merece especial destaque o da Princeza Santa Joana, que *não tem preço* e que é valiosissimo pelo cunho de originalidade que o reveste.

«O sr. Joaquim de Vasconcellos prometeu ainda voltar a Aveiro, fazendo uma palestra sobre o valor artistico dos quadros e objectos em exposição.

«As suas ultimas palavras foram sublinhadas com uma prolongada salva de palmas.

«Não queremos terminar esta noticia, sem testemunharmos ao sr. Marques Gomes, a quem o sr. Joaquim de Vasconcellos se referiu, enaltecendo as suas qualidades de organisador e prodigiosas faculdades de trabalho, o alto apreço em que temos a sua obra (2).»

Reconhecendo a impossibilidade do Museu ficar a cargo da Camara Municipal, tal era a indifferença, para não dizer hostilidade, com que a respectiva vereação olhava para a sua organisação, oficiei em 24 de Abril de 1912 ao Presidente do Conselho de Arte e Archeologia da 2.ª Circumscrição, Coimbra, pedindo que se dignasse propôr a nomeação d'uma Commissão que tomasse sobre si a organisação do Museu com caracter Regional, e de que fariam parte os seguintes cidadãos: dr. Jayme de Magalhães Lima; dr. Joaquim de Mello Freitas; Francisco Augusto da Fonseca Regala, 1.º tenente da Armada; dr. Alvaro Coutinho d'Almeida d'Eça, reitor do Lyceu; Jacinto Agapito Rebocho, presidente da Associação Commercial; José da Fonseca Prat, vogal da Commissão Municipal Administrativa; Antonio Augusto da Silva; Firmino de Sousa Huet; José Gonçalves Gamelas; dr. Antonio Carlos da Silva Metto Guimarães; dr. Luiz de Brito Guimarães e Mario Duarte.

Teve rapida solução o assumpto.

O Conselho de Arte tornou sua a minha proposta e aditando-lhe o meu nome propoz a nomeação d'aquelles cidadãos, o que se levou a effeito por Portaria do Ministerio do Interior de 7 de Julho de 1912.

Esta Commissão installou-se no dia 21 elegendo o dr. Jayme de Magalhães Lima presidente e a mim secretario.

* * *

TECIDOS

Frontal de brocado com faixas de tissu encarnado, bordado a oiro em alto relevo. Ao centro da faixa superior um medalhão com um cordeiro bordado a perolas.

Outros frontaes no mesmo genero, de diversas dimensões e côres, de primoroso bordado, possue ainda o Museu.

Depois dos frontaes que ha em numero avultado, são muito apreciaveis os paramentos para missa solemne e outros, a principiar pelo de lhama branca ricamente bordada a oiro que se completa com um gremial, tendo ao centro a cruz dominicana, e um palio de oito varas. D'este paramento fazem tambem parte a dalmatica que a gravura reproduz e um veu de calix e bolsa de corporaes bordados a fio de oiro, palheta e lentejoulas.

Não menos apreciaveis são estes:

Casula e capa de asperges de lhama encarnada, bordadas primorosamente tambem a oiro com um brazão prelaticio bordado a prata e torçal;—Casula de seda branca bordada a oiro, tendo ao centro da faixa central pequenos medalhões com os emblemas da Paixão de Christo, bordados a prata;—Pano de pulpito de setim verde delicadamente bordado a matiz, de côres vivas e brilhantes, flores e ramagens;—Paramento para missa solemne de seda branca bordada a matiz; Vestidos de imagens de seda branca e preta bordados a oiro, grande relevo;—Ornamentos de altares de damasco branco e encarnado com ramagem tecida a oiro;—Capa d'asperges de seda branca com pequenos ramos tecidos a matiz e prata;—Vestido de imagem de rendas de prata e oiro ligadas;—Veu de calix de lhama encarnada, bordada a oiro, tendo ao centro, entre raios, as iniciaes I. H. S.;—Casula de velludo encarnado com ramagem tecida a oiro;—Capa d'asperges de brocado, sebastos de velludo com bordados de aplicação e no dorsal a imagem da Virgem do Rosario bordada a fio de oiro e seda;—Casula de seda branca tecida a prata com faixa bordada a matiz;—Casula de setim branco, galões de oiro e faixa bordada a matiz em côres brilhantes;—Bandeira de damasco branco agaloada e franjada a oiro tendo ao centro as armas da Princeza Santa Joana e em baixo a Cruz da Ordem dominicana de prata com um laço de seda preta e branca, côres dos habitos da mesma Ordem.

Tanto estes paramentos, como outros que pertenceram ao Convento de Jesus, foram confeccionados pelas freiras e houve-as, ali, insignes n'esta ordem de trabalhos. Diz a tradição que esta casa religiosa, em tempos idos, foi uma escola de lavor conventual, de subtil execução e aprimorado bom gôsto. Então muitas senhoras da primeira nobreza empregavam os seus ocios debuxando e bordando e o mesmo se fazia nos conventos de freiras onde nem sempre a oração era sufficiente para fazer esquecer as saudades do mundo.

Que no Convento de Jesus houve bordadeiras insignes é fóra de duvida, mas os seus nomes perderam-se, com excepção do de Soror Maria das Chagas, que Fr. Lucas de Santa Catharina, na sua *Historia de S. Domingos* (liv. IV, cap. XVIII), diz «ser singular em obra de agulha e dextra em debuxos e na inventiva d'elles».

MARQUES GOMES.

(1) *Sala dos quadros* e então a maior do Museu.

(2) *A Liberdade*, n.º 64, de 2 de Maio de 1912.

Cliché foto. de Manuel de Abreu

CAPA DE ASPERGES DE BROCADO COM SEBASTOS E DORSAL DE VELUDO CARMEZIM

VARANDA DE PILATOS

O MOMENTO historico que nós, europeus, vamos lentamente atravessando, ainda imprecisamente defenido no seu aspecto politico, apresenta já, no entanto, nas suas diferentes modalidades externas e visiveis, uma caracteristica fundamental:—um novo imperialismo baseado num renovo nacionalista.

Os recentes acontecimentos passados em Portugal a poucos dias da revolução polaca, originadas as duas revoltas em causas identicas e fins semelhantes, são a segura garantia, a *prova provada,* que a marcha iniciada com o fascio italiano continua, não se tratando já assim de casos isolados e particulares, mas antes de uma reação geral e europeia de uma nova mentalidade politica, contra o formalismo sem vida de uma sociedade viciada e apodrecida por um seculo de falsos ideologismos sociaes e historicos.

Ora é para esse renovo nacionalista, por toda a Europa alastrando em aspectos diferentes, por vezes até opostos na aparencia, mas fins convergentes, que nós portuguezes precisamos de nos preparar com uma forte corrente doutrinaria que guiando internamente e com segurança os nossos passos, crie tambem uma politica externa, una consciente e continua, que seja a salvaguarda constante do nosso rico e poderoso dominio colonial.

Na sua recente viagem á Tripolitania, Mussolini, sabendo bem o que quere e não temendo falar claro e dizer alto o que deseja (não o que pensa) anunciando a vontade firme da Italia de um maior poderio colonial, referiu-se abertamente ao «Mare nostrum» mediterraneo, indo assim buscar a gloriosa tradição romana do Imperio, que de facto ou de direito tradicional a Italia d'hoje não encarna, nem pode sequer representar!

Nós, iberos, temos tambem o nosso «Mare nostrum», o Atlantico Sul, que nos pertence por direito de descobrimento e de conquista, e que todas as nações da Europa não podem saltar de um vôo, sem pedir licença a luzos e hispanicos;—espanhoes e argentinos, portuguezes e brazileiros.

E é sobre esta base unica e simples, profundamente nacionalista, com raizes de seculos, que todos os entendimentos são possiveis, entre irmãos e vizinhos. Não continuemos nós, espanhoes e portuguezes, a dar logar primordial á mercancia da sardinha e do atum, e não falemos tambem tão insistentemente a argentinos e brazileiros em tratados de comercio que não convenham aos mercadores de um e outro lado. Procuremos antes um fim mais alto, *um fim de Raça,* para um entendimento verdadeiro, que organise desde já o bloco ibero-americano na Sociedade das Nações, na certeza que o novo e grande imperialismo que desponta não é pertença d'um homem ou d'um Estado. Pertence aos povos fortes e, sobretudo, ás raças colonisadoras; é principalmente dos anglos, hispanicos e luzos que foram hontem e são ainda hoje creadores de novas nações e novos povos!

MANUEL DE FIGUEIREDO.

OS PAINÉIS DO INFANTE SANTO

DE *JOSÉ SARAIVA*

O LIVRO *Os painéis do Infante Santo,* da autoria do Dr. José Saraiva, agitou ultimamente o cérebro dos entendidos e amadores do nosso espólio artístico; deu motivo a uma intrincada contenda que, à falta de documentos de pêso, promete eternisar-se—contenda essa que assenta sôbre três pontos: identificação das personagens figuradas no célebre políptico, época da execução da obra, nome provável do autor.

Convencido estou de que jámais sairemos duma meada de hipóteses sôbre êste complexo problema. Em país algum, como nêste em que nascemos, se descuraram tanto as artes plásticas; os cronistas, pela sua educação humanística, importavam-se apenas com os feitos políticos onde predominavam homens de toga e espada; qualquer actividade saída dessa órbita considerava-se como exercida por vis escravos anónimos, tolerada por favor dos grandes sempre inclinados ao desprezo das plebeias iniciativas, por mais levantadas que estas fôssem. Tal era a fatal herança dos romanos, nossos principais dominadores. E esta terrível tara não se extinguiu, por atavismo irredutível; a cada momento, entre nós, se verifica esta pecha, *verbi gratia,* quando se trata de ilustração de livros ou de simples textos literários, enquanto lá fora (desculpe-se o logar comum), nos grandes países, se recorre de longa data ao eficaz expediente da representação plástica dos homens e dos factos, aqui ainda se desdenha dêste fecundo auxílio com o abjecto qualificativo de *bonecos!* Assim, por isso, a iconografia dos nossos mais ilustres varões não passa duma miséria pegada: é ver as efígies de Vasco da Gama, de Camões, etc., duma arte frouxa, rudimentar, rostos de similhança duvidosa, a que baldadamente recorre o investigador consciencioso para complemento de juízos mais substanciais e concludentes.

A nossa civilisação teve sempre leve cunho de semi-bárbara. Dos povos néo-latinos, é o português, sem dúvida, aquele que mais se distingue na incorrigibilidade dos costumes: daí, portanto, a penúria de documentação que sofremos e que hoje tanto amargamos.

Os referidos painéis, valha-nos essa feliz circunstância, pelo menos permitem aquilatar o valor técnico do trabalho e o grau de capacidade intelectual do agente dessa obra-prima, agora patente no Museu das Janelas Verdes. Da minha visita a esta notável galeria pública, há tempos, trouxe eu as mais nítidas impressões, e consagrei-a especialmente à observação cuidada dos famosos painéis, superiormente restaurados pelo reputado artista Luciano Freire. O pintor descobre-se como sequaz dos métodos picturais adoptados pelos profissionais neerlandeses. Gérard de Lairesse, que um tanto codificou em dois volumes as regras da pintura, embora vivesse no século XVII, transmitiu de certa maneira os modos de preparação técnica das grandes concepções picturais. A maior analogia se vislumbra no sistema praticado pelo autor dos painéis em questão com os preceitos revelados por Lairesse: o desenho, duma precisão grandiosa, calculadamente vincado e franco, assenta em preparações lisas, de côr local uniforme, meios êstes que bem sugerem os dos cartazes modernos, anunciadores. Dá-se o facto de ser necessária uma razoável distância para apreciação do políptico. O pintor, como muito posteriormente pensava o grande parmesão Lanfranco, convenceu-se, é evidente, de que o ar acabava o seu trabalho. Poderosa retina a do artista, sã e educada! O colorido dos acessórios dêsse conjunto animado é dum vigor cristalino, a que não foi extranho o emprêgo de redentoras veladuras. As cabeças têm carácter específico; é uma série iconográfica da maior beleza formal.

Mas há, ainda, uma qualidade eminente a frizar: a sciência óptica do genial pintor. Leonardo de Vinci, que nesta parte da física marcou a sua prodigiosa intuição, não suspeitou de que, porventura um século antes, aparecesse um português capaz de investigações idênticas, de realização absoluta. O nosso artista demonstrou sagacidade na consignação dos fenómenos luminosos; pelas penumbras projectadas, obedecendo à fórmula realística, é possível a reconstituição do local com o número de janelas iluminadoras dos seus modelos.

Francisco de Holanda, educado no comêço da Renascença, eivou-se do critério exclusivista dos mestres dêste glorioso período, àcêrca dos primitivos, que foram classificados de bárbaros pelas suas obras, hoje fartamente rehabi-

Cllché fotográfico de Marques Abreu

CAPELA DE S. JOÃO BAPTISTA
DA COMENDA DE TÁVORA
ARCOS DE VALE-DE-VEZ
VISTA LONGITUDINAL

litadas, principalmente após o advento do Prerafaelismo britânico, sem deixarmos de citar o erudito Viollet-le-Duc, apóstolo das medievais creações.

Os quadros atribuidos a Nuno Gonçalves apresentam a particularidade singularíssima da não intervenção de colaboradores especializados, como era freqüente nos passados tempos; são fruto genuino duma personalidade íntegra, e não duma escola determinada. Eis o que é possivel registar para glória nacional. Basta-nos esta honra; contentemo-nos com esta verificação.

O Dr. José Saraiva, *aequo animo,* insere no seu precioso livro razões de alta monta, muito seductoras; a paixão não o obceca; o desejo de acertar é bem ostensivo, o que lhe originou extensas simpatias e ainda a convicção de que o protagonista do políptico é o sacrificado de Ceuta, dessa aventura henriquina, que lancinantes apreensões causou à preclara rainha D. Filipa de Lencastre, mãe do santo príncipe.

Não pode o ilustre crítico d'Arte, Dr. José de Figueiredo, figura de altíssimo relêvo neste país, que imenso lhe deve pelo seu saber e notória solicitude, sentir-se amesquinhado por um contraditôr tão leal e de tanta probidade scientífica, como é o Dr. Saraiva.

O insigne director do Museu de Arte Antiga avulta mais ainda, sem paradoxo o afirmo, perante esta discussão como homem providencial nos destinos da Arte Portuguesa.

Conciliar ideias e reconciliar espíritos, eis a nossa divisa!

R. A. J.

ROTEIRO BIBLIOGRAPHICO

«Sem correcção de fórma não ha obra d'arte.»
BULHÃO PATO, *Memorias.*

HISTORIA DO ENSINO MEDICO NO PORTO

POR *MAXIMIANO LEMOS* e *HERNANI MONTEIRO*

Esta excellente obra, do mór interesse bairrista, agrupa-se no complexo de trabalhos historico-scientificos publicados pela doutissima Faculdade de Medicina do Porto, aquando da festosa memoração do primeiro centenario de seu estabelecimento, effeituado, em 1825, com a mingoada categoria de Régia Escola de Cirurgia, com a qual tanto apregoou eximiamente sua vitalidade como enalteceu galhardamente suas tradições gloriosas.

D'esses trabalhos, alem do posto em mira, ha que realçar os seguintes: *O Instituto de Anatomia,* do illustre Prof. Pires de Lima, *O Instituto de Medicina Legal* e *O Ensino de Pathologia Externa,* ainda que todos guardem grande apuro de feitura e testifiquem uma actividade ampla e fecunda, o vivo empenho d'um progresso scientifico firme e continuo. Registe-se mais o correcto alinho da apresentação graphica dos volumes, o que não deixa de provar o escrupulo e a diligencia da Faculdade até em pequeninezas.

Foi a *Historia do Ensino Medico* a ultima obra gerada pelo preclaro espirito de Maximiano Lemos e, talvez, a prova maior de seu fervoroso apêgo pela Faculdade, porquanto a urdiu, no afan de comparticipar da solemnização do Centenario, atravez de rudes e longos soffrimentos, que penou com rigida e stoica resignação, a do homem d'alma justa e intelligente, que foi, no dizer amargoso do Prof. Alfredo de Magalhães, *o exemplo crystallino d'uma vida publica toda feita de vontade, desinteresse e solidariedade humana.*

Na sua larga e relevante bibliographia põe um primoroso remate; é o fecho magistral de seus porfiosos e predilectos estudos de historia da medicina lusa, a que deu inicio com a these *A Medicina em Portugal até aos fins do seculo XVIII* e cuja culminancia lhes doou com a *Historia da Medicina em Portugal.* Se foi o promotor dos estudos d'este ramo, pois, consoante propõe Vauvenargues, os grandes homens atacam grandes coisas por ellas serem grandes e os tolos por julgarem-nas faceis, foi tambem seu fervençoso e auctorizado obreiro, e de tal guisa que mesmo álem raias campeava sua fama, á qual não regateavam homenagens homens do timbre do Prof. Neuburger, de Vienna, como o comprovam estas palavras: *Onde quer que se trate de historia da medicina brilhará o nome de Maximiano de Lemos em lettras immorredoiras.*

Superfluo, logo, seria aqui o encarecer os altos meritos do inclito historiador, demais que ontros já o fizeram supernamente. Mas o certo é o que tracejou Ricardo Jorge, prosador eximio e pujante, pois *quando se fizer o balanço da nossa contribuição do estudo historico da sciencia e dos sabios os livros de Maximiano Lemos formarão na primeira linha em Portugal e Hespanha.*

A obra presente serve d'epilogo á citada *Historia da Medicina em Portugal,* por começar no tempo da fundação das Régias Escolas de Cirurgia de Lisboa e Porto, em 1825, que é o termo da mesma Historia. Abre-a um breve relato do gafo e mesquinho ensino medico-cirurgico nas visinhanças d'esse anno. Depois, temos o debuxo do estabelecimento das Régias Escolas e suas phases até á reforma de Passos Manoel (1836), em que se intitulam Escolas Medico-Cirurgicas, e dos grados progressos do novo periodo pedagogico e da nova cultura medica, com preferencia, é obvio, do concernente ao Porto.

Por fim, desfilam as biographias de 46 professores, interessantissimas e plenas d'um diligente pormenor pessoal e scientifico. Só ellas dão arrhas do tésto pulso de historiador do mallogrado erudito.

Obra, pois, de sã consciencia e copiosas freimas, executada *ex-professo,* de tam pujante valia quam o era a capacidade do seu illustrissimo auctor, o qual bem merece o reconhecimento do paiz, da cidade e da Faculdade, que as dignificou com um trabalho esforçado e intelligente, crédor do antigo *ave labor,* de par e passo que honrava as gloriosas lettras nacionais.

E, com o desditoso José Duro diremos: *a saudade abraça os corações que morrem.*

* * *

Pertence ao distincto Prof. Hernani Monteiro o segundo volume da obra supra, que o escreveu como supplemento das ditas biographias, no qual se incluem as dos professores Roberto Frias, Maximiano Lemos, João de Meira e Julio de Mattos. Sem se apartar da meticulosa severidade requerida pelos estudos historicos, impregna o douto professor as suas biographias da grata reverencia que vota a tam illustres mestres; assim, pois, conjugando equilibradamente a emoção com a verdade no exame de suas caracteristicas morais e intellectivas, succedem-se com lustre ás anteriores e afiançam-nos que as fúlvidas tradições historico-litterarias da Faculdade não ficarão amortecidas com as lugentes perdas soffridas.

Carlos de Passos.

INTIMIDADE

Que cedo, Amiga, veio êste ano o outóno!

Do poente na luz mole, d'âmbar loiro,
sonha, lá fóra, o parque ao abandono.
Calou-se o mar... Murcham as rosas d'oiro
na seda azul-pavão do teu kimono.

Tomo-te as mãos... As pálpebras descidas,
sorris, deitada no divan imenso.
Morrem na alcova em nótulas delidas
a luz da tarde, o aroma do teu lenço...

Beijo-as... Sorris ainda. E, longamente,
volves teus olhos calmos para mim...
Sobe até nós, pela varanda em frente,
uma cantiga d'água no jardim.

E as folhas tombam... Súbito, pra vê-las,
ergues-te a meio (Um resto de sol arde
nas vidraças abertas das janelas)
E pões-te á escuta... já não ris...
A tarde
caíu de todo. Acendem-se as estrêlas.

João de Lebre e Lima.

O 27 DE MAIO

INCERTA era a hora que passava...
Uma cadeia interminável de crimes impunes ia-se, hora a hora, enriquecendo com novos elos.
Á desgraça da Pátria parecia que ninguém viria trazer um socorro eficaz.
Os governos eram delegados de interêsses inconfessáveis. O parlamento assemelhava-se a uma assembleia de tresloucados que combatia, numa luta feroz, o exército... das carteiras.
Os centos de milhares de contos do Angola e Metrópole —uma nuvem densa de papeis, e a fumarada dos... tabacos bastavam para formar como que uma poeira através da qual nenhuns olhos podiam ver claro.
Muitos julgavam que a Pátria ia morrer.
Se alguma voz se levantava para chamar à luta por ela, só os ecos lhe respondiam.
Porque as espadas do 18 de Abril se embainharam sem combate, até a esperança dos que a tinham no Exército se apagou como a derradeira luz.
Batiam mais baixo os corações.
Abafava-se. Eram tidos como visionários e tresloucados os raros que ainda falavam de melhores dias.
...E a espada dum Chefe ergueu-se como um facho de luz alumiando na escuridão.
A voz dum Chefe mandou que os clarins da Pátria tocassem a reunir. Os soldados de Portugal marcharam sôbre Lisboa.
Agradecida, a terra Mãe nos caminhos que êles pisaram desfez-se em pó e, leveirinha, foi beijar-lhes as frontes queimadas...
Pela noite adeante abriram-se mais os olhos de oiro das estrêlas e a madrugada que sobreveio esplendorosa foi como que uma maré viva de luz...
Bateram mais fortes os corações!
Louvado sejas Exército sacrificado e pobre de bens materiais, mas rico de heroísmos como nenhum outro!
Louvado sejas pelo amor da Pátria que quiseste salvar e a quem serves nesta hora, plena de fé, unido e vigilante, sentinela da vitória.

* * *

¿Como se fêz êste movimento? Ninguém pode responder com certeza. Muitos trabalharam nêle; grandes combinações se fizeram e no entanto há *qualquer coisa* que nos assegura ter-se êle desenrolado até ao triunfo um pouco contra os planos dos homens e mais segundo o bem da Pátria que o Chefe sempre desejou.

* * *

¡Quantas hesitações se deram e quantas demoras que podiam trazer a derrota!
Mas, ao mesmo tempo, quanto heroísmo quási louco houve no seu decurso!
¿Quem esteve perto do Campo da Amadora na noite de 27 de Maio à espera do sinal combinado e das armas para o combate?
¿Quem éreis vós vultos de oficiais encapotados, de estudantes e de homens de trabalho que passáveis em silêncio, pela estrada fora, pensando na desventura da Pátria a que buscáveis o termo?
...Num momento tôdas as esperanças de luta se desfazem como fumo leve:—chega alguém de Mafra que anuncia más novas.
A multidão dispersa lentamente.
Um a um seguem aqueles pacientes e heróicos soldados para Lisboa.
A cidade adormecida e deserta é um montão de casas rasgado de avenidas e ruas onde os que esperam vagueiam ainda aguardando um sinal tardio que nunca mais se ouve...

* * *

Quando Lisboa soube da sublevação de Braga quási sorriu com o seu orgulho de Capital. Mas ao ler nos *placards* o nome de Gomes da Costa acreditou logo na vitória do movimento.

Os jornais enviaram representantes ao encontro dos revoltosos para fazerem a reportagem do triunfo e não a da derrota.
Ainda de manhã, numa rua da Baixa um transeunte entusiasmado dizia, monologando em voz alta:
—Eh! bravo Gomes da Costa...
E uma patrulha de polícia que passava perto, ouvindo-o, olhou com receio à sua volta como se o vulto do general fôsse surgir-lhe, ameaçador, de qualquer esquina.

* * *

A Nação *queria* a vitória do Exército.
No Pôrto as colunas organizadas para combaterem os heroicos soldados de Braga, marchavam como num entêrro.
Os oficiais, de frontes enrugadas, mostravam bem terem a consciência de que não é nobre dar luta a camaradas que entre o desgovêrno dos políticos e a Nação preferiram a última.
Lembra-me de ver descer a rua dos Clérigos uma coluna de infantaria que marchava apressada, com ar de mêdo, como se as tropas de Gomes da Costa viessem a persegui-la...
¿Eram maus êstes soldados? ¿Eram fracos os seus chefes?—Não. Mas não há heróis, nem almas fortes quando se não pisa o verdadeiro caminho do dever.

* * *

Em Braga o movimento foi um milagre de heroísmo e de vontades fortes. Sem cavalaria, sem artilharia, sem metralhadoras pesadas, a divisão revoltou-se e aguardava serenamente a hora do combate. Nuns cêrros para lá de Famalicão, já perto da cidade, as guardas avançadas embuscaram-se num pinhal e sôbre os fragaredos com metralhadoras ligeiras. Os soldados esperavam firmes no seu pôsto a hora da luta. Sabiam que eram menos. Sabiam que tinham piores armas e nada temiam e esperavam a vitória! Porque? —Porque ao passarem junto do Quartel General, de dia, de noite, a toda a hora viram o Chefe belo e forte, como se fôsse o soldado mais antigo e o mais valente de todos. Olhavam-lhe o peito cheio de medalhas e partiam mais seguros...

* * *

Houve—na segunda ou terceira noite depois da sublevação—uma hora em que todos supozeram que a vitória pairaria longe das armas do General. E eu creio mesmo que o próprio Chefe assim o supôs. Mas ninguém desanimou, ninguém pensou em abandonar o seu pôsto!
E mais do que todos, o General foi o exemplo vivo e belo da valentia, conversando alegre e partindo, já noite alta, a passar revista às guardas avançadas, a levar-lhes o espírito da vitória.

* * *

Há nêste movimento um nome que tem de ficar como o do melhor soldado de Gomes da Costa:—é o do Tenente Armando Pinto Corrêa. Olhos cheios de luz, peito largo e forte, vontade de ferro, inteligência superior, êle foi, ao lado do General, a sentinela mais vigilante e o companheiro mais leal.

* * *

Houve em Braga um momento em que a esperança da vitória se fêz certeza. Em filas compactas passava subindo a rua do Quartel General a «procissão das velas». Gente do povo, sacerdotes e colégios, em duas filas intermináveis, iam seguindo lentamente, levando nas mãos erguidas as velas acesas e entoando cânticos religiosos, hinos de amor à Virgem Mãe que se misturavam num marulhar de vozes.
E, em sentido contrário, marchavam os soldados para os postos deanteiros. Uns não perturbavam os outros. Os crentes continuaram a sua marcha lenta e os soldados a sua marcha rápida. Uns seguiram num sentido e outros no outro. Mas quem os olhou com os olhos da alma viu bem que pisavam o mesmo Caminho, que as orações e as armas serviam o mesmo amor...

ANGELO CÉSAR.

CONGRESSO MARIANO DE BRAGA — Prelados assistindo à cerimónia religiosa na esplanada do Sameiro: da esquerda para a direita — D. Manuel Vieira de Matos, Arcebispo de Braga; D. António Mendes Belo, Cardeal-Patriarca de Lisboa; D. António Alves Martins, Bispo de Vizeu; Monsig. Nicotra, Núncio Apostólico

Cliché de Alvaro Martins

CONGRESSO MARIANO DE BRAGA — S. Ex.ª Rev.ma o Sr. D. João, Bispo auxiliar da Guarda, prégando no alto do Sameiro

VIDA CATÓLICA

Maio e Junho foram dois meses férteis em manifestações de crença, de fé e de religiosidade. O sentimento católico é, indubitàvelmente, o que melhor se coaduna com a mentalidade do nosso povo, o que mais enraizado se conserva em seu coração. O Congresso Mariano de Braga e o Congresso Litúrgico de Vila-Real foram demonstrações eloqüentes da vitalidade dêsse sentimento e um alto sintoma de revivescência da ideia cristã, orientada pelos fecundos ensinamentos e pelos dogmas salutares da Igreja Católica.

De 25 a 31 de Maio, Braga, a terra por excelência do Culto de Maria, vibrou de entusiasmo, de fervor e devoção, foi arrebatada pelo turbilhão sagrado em que se enovelam as almas, a caminho da Verdade e da Bemaventurança, que fulgem para além da vida, nas regiões luminosas da Paz duradoira e da Felicidade imperecível.

Prelados ilustres, altas dignidades eclesiásticas, sábios, filósofos, escritores, artistas, senhoras nobres pelo sangue ou pela educação, o que há de mais notável no nosso meio católico, — tudo acudiu nêsses dias a Braga, com razão denominada a Roma portuguesa. Os trabalhos do Congresso foram importantíssimos, e tão variados que impossível nos é fazer dêles uma resenha. Coroou-o uma imponente e grandiosa peregrinação ao Sameiro, em que tomaram parte muitos milhares de pessoas. Contrita e fervorosa, ajoelhou aos pés da Virgem a alma do povo, do verdadeiro povo de Portugal.

Cliché de Alvaro Martins

CONGRESSO MARIANO DE BRAGA — Um aspecto da peregrinação, vendo-se o andor da Senhora do Sameiro

MOVIMENTO NACIONAL

Foi realmente com as características dum movimento nacional que se realizou a última revolução militar, iniciada em Braga no dia 28 de Maio e secundada imediatamente pelas principais guarnições do país, de que resultou a constituição do Govêrno que actualmente preside aos destinos da Nação.

Erros que de longe veem, na frase consagrada, e que, em vez de sofrerem emenda, se teem acumulado, com o decorrer dos anos, em desmandos, perturbações e desvarios, por diversas vezes engendraram movimentos de protesto e reacção que não conseguiram, contudo, vingar, por fôrça das circunstâncias, por inaptidão dos orientadores ou porque não tinha chegado a hora própria.

A revolução de 28 de Maio foi sèriamente preparada, gerou-a o ardor patriótico da «ala dos namorados» do nosso exército e assumiu a sua direcção uma alta e nobre figura de militar, requeimada pelos sóis ardentes da África, tostada pelos ares enregelados da Flandres, arcabouço hercúleo de soldado, alma fervorosa de patriota — o general Gomes da Costa.

A guarnição de Braga, por onde parecia reboarem ainda os ecos da «Maria da Fonte», deu o brado e aceitou a direcção do valente cabo de guerra. O eco foi ouvido noutras províncias. Trás-os-Montes, o Douro, as Beiras, o Alentejo, o Algarve, a própria Extremadura acodem ao chamamento. Há tibiezas e hesitações, em certas partes, mas a chama patriótica não tarda a aquecer e a abrasar os corações e as almas.

Cliché de André Moura

General Gomes da Costa

Chefe do Movimento Nacional de 28 de Maio na sua passagem pelo Pôrto

Em obediência à disciplina, forma-se no Pôrto uma coluna mixta que marcha ao encontro das hostes do General. As fôrças aproximavam-se. Está iminente o embate. Mas o equívoco desfaz-se ràpidamente. A energia propulsora domina o obstáculo. E, num terreno que poderia ser juncado de cadáveres, nêsse já histórico Largo da Feira de Famalicão, e no memorável dia 30 de Maio, Gomes da Costa passa revista às fôrças do coronel David Rodrigues, na véspera ainda hostis, agora submetidas.

O quartel-general da revolução desloca-se para o Pôrto, são visitados os quartéis, há por tôda a parte um entusiasmo delirante. Agora é a partida para Coimbra, onde os ares se turvam. A política partidária, ameaçada no seu mais forte reduto, que era Lisboa, estende ao longe a sua rêde de intrigas. E a marcha sôbre Lisboa começa, portanto, entrecortada de sobressaltos, interrompida de insinuações. No Entroncamento, em Sacavém, na Amadora, novamente em Sacavém, há conciliábulos, reticências, acordos, contemporizações. Por fim, as tropas nacionais entram na capital, num delírio de aclamação, numa apoteóse triunfal. É que Lisboa não é apenas o asilo dos políticos, dos revolucionários, das clientelas famintas, dos devoristas do tesouro. É também uma cidade de trabalho, dum grande comércio e duma grande indústria. E foi êsse honesto povo de Lisboa que saudou os soldados da revolução e o seu heróico chefe.

Acabara a marcha, era preciso agir. As discórdias surgem, porém. O veneno alastra, entorpece, paraliza. Passam-se muitos dias de inacção. Mas o pensamento impulsor reage, domina, impera. O barco singra. ¿Lentamente, cautelosamente, sôbre um mar agitado, de vaga áspera e coleante? É possível. ¿Chegará mesmo ao pôrto? ¿É guiado por timoneiros seguros? Só Deus o sabe.

Há, contudo, uma grande aspiração na alma dos verdadeiros portugueses: a de que reine finalmente paz e concórdia em nossa terra, para que esta inditosa terra de alguns seja, por fim, a terra de todos, valorizada pelo trabalho, vitalizada pela crença nos destinos da raça, e para que Portugal continue a ser uma Nação, para que possamos viver numa Pátria.

Cliché de Alvaro Martins

O general Gomes da Costa no Campo da Feira, em Famalicão, antes de passar revista às fôrças da coluna mixta do coronel David Rodrigues, que está à sua esquerda, na manhã de 30 de Maio

Cliché de André Moura

O general Gomes da Costa passando revista ao regimento de infantaria 18, acompanhado dos seus ajudantes e do comandante do regimento

Cliché de André Moura

O general Gomes da Costa saindo do quartel-general do Pôrto, quando se dirigiu para Coimbra

Cliché de Francisco Santos

Uma bateria de artilharia em marcha sôbre Lisboa

Cliché de André Moura

NO ENTRONCAMENTO — O general Gomes da Costa cumprimentando o comandante militar de Sacavém, vendo-se à esquerda dêste o tenente-coronel sr. Raul Esteves. Á paisana: o comandante Filomeno da Câmara

Cliché de Ferreira da Cunha

As bandeiras regimentais que se encorporaram na parada militar de Lisboa, quando entraram na capital as fôrças nacionais

Cliché de Ferreira da Cunha

NA PARADA MILITAR DE LISBOA — Tribuna em que se vêem o general Gomes da Costa, o general Carmona, o comandante Mendes Cabeçadas e membros do corpo diplomático

Cliché de Andre Moura

A parada militar do Pôrto, após o regresso das bandeiras que tomaram parte na parada de Lisboa — As tropas desfilando na Praça da Liberdade

Cliché de Miguel Monteiro

CONGRESSO LITÚRGICO DE VILA-REAL — Grupo de congressistas no momento da recepção que lhes foi feita na Câmara Municipal, vendo-se entre êles S. Ex.ª Rev.ᵐᵃ o Núncio Apostólico, e os ilustres Prelados do Pôrto, da Guarda, de Lamego e de Vila-Real. Deu-lhes as boas-vindas num brilhante discurso o vereador sr. Augusto Rua.

Cliché de Miguel Monteiro

Inauguração solene do Congresso Litúrgico por S. Ex.ª Rev.ᵐᵃ o Arcebispo-Bispo de Vila-Real, D. João Evangelista de Lima Vial.
(No próximo número publicaremos alguns aspectos mais dêste Congresso)

ILUSTRAÇÃO MODERNA
PUBLICAÇÃO MENSAL — EDITOR-DIRECTOR — MARQUES ABREU
1.º ANO — PORTO — JULHO — 1926 — NÚMERO 3
Imprensa das Oficinas de Fotogravura de Marques Abreu — Avenida Rodrigues de Freitas, 310 — PORTO

TIPO BRETÃO — QUADRO DE SOUZA PINTO

Colecção do Sr. Dr. Leopoldo Mourão — Pôrto

CRÓNICA DO MÊS — JUNHO

Os acontecimentos políticos. — Um triunvirato efêmero.

FICAMOS na crónica anterior na altura em que os dois chefes do movimento de 28 de Maio se encontravam, um em Lisboa, senhor do poder por transmissão directa do presidente da República, o outro no Norte, de espada desembainhada à frente de três divisões do exército.

De facto, o general Gomes da Costa fôra um pouco além da incumbência recebida por parte da Junta Revolucionária. Supozera esta que o ilustre militar, afastado como estava da conspiração, e chamado apenas dois dias antes da eclosão do movimento para revoltar a guarnição de Braga, se deixasse ficar plácidamente na cidade dos arcebispos, de pantufas nos pés e espada a um canto do quartel-general, gozando os loiros da vitória. Mas assim não aconteceu. O general Gomes da Costa, entendeu, e muito bem, que não era menos que os outros.

Fôra êle o primeiro a arriscar a pele; passara em Braga quarenta e oito amarguradas horas antes que os regimentos de Viana lhe dessem a mão e antes que a guarnição do Pôrto aderisse. Tinha atrás de si um respeitável corpo de exército. Para mais, o comandante Mendes Cabeçadas, preocupado com o constitucionalismo, parecia disposto a deturpar a directriz do movimento organizando um simples ministério nem peor nem melhor que os anteriores, e dando assim a impressão de que o movimento fôra feito apenas contra o partido democrático e não contra todos os políticos, como ousadamente proclamara o general Gomes da Costa.

Por todos êstes motivos, e talvez ainda por um pouco de vaidade pessoal, naturalíssima de resto em tão insigne cabo de guerra, o general Gomes da Costa, apenas entrou no Pôrto, fêz sentir o seu descontentamento ao Terreiro do Paço e ordenou que as tropas sob as suas ordens seguissem para o Entroncamento. Houve em Lisboa um pouco de pânico. Mais uma vez a eterna ameaça da questão do Norte contra o Sul se delineou no horizonte. O comandante Cabeçadas solicitou do general Gomes da Costa uma entrevista que se realizou em Coimbra. Dessa conferência saíu um triunvirato encarregado de presidir aos destinos do país, composto do general Gomes da Costa, comandante Cabeçadas e comandante Ochoa. Era bem, e sem máscara alguma a velar-lhe o rosto, a ditadura militar.

O país rejubilou. O país, farto duma liberdade que não é mais que a tirania das massas e o império da imoralidade administrativa, péla-se pelas ditaduras. E tranqüilo, contentíssimo e feliz, ficou-se esperando os actos de fôrça dêstes novos Octávio, António e Lépido.

¡Ai de nós! Octávio, hesitante, obedecendo a inspirações de ocasião e, mais ainda, aos conselhos de amigos nem sempre desinteressados, não sabia bem o que queria. Nos seus pitorescos discursos, que certamente não ficarão entre os lugares selectos como modelos de oratória, pronunciara-se a princípio contra a ditadura, depois a favor dela, e agora decididamente contra essa horripilante forma de govêrno. E tendo assentado uma coisa em Coimbra, eis que já no Entroncamento ergue a voz para exigir outra: nada menos que um ministério completo, com os vinte braços necessários a sobraçar as dez pastas da praxe. Sem o que, avançaria sôbre Sacavem, juntando as suas tropas às do Alemtejo, que ali se encontravam concentradas. E, se bem o anunciou, melhor o fêz.

Marco António e Lépido fizeram-lhe ainda a vontade, naturalmente porque não tinham outro remédio. Octávio entrou vitoriosamente em Roma à frente das suas tropas. Não levava prisioneiros nem despojos de guerra jungidos ao seu carro de triunfo, porque os não havia. A campanha fôra incruenta e não custara a vida sequer a uma mosca. Mas levava o peito constelado de medalhas honrosamente ganhas no Ultramar e na Flandres; e a sua figura marcial, erecta e desempenada, irradiava simpatia. Por isso o povo o acolheu entre manifestações festivas e o saudou calorosamente vendo-o assistir ao desfile das tropas na tribuna forrada de veludo e em meio do corpo diplomático.

Porque o corpo diplomático, de ordinário tão susceptível, não encontrára motivo algum que o impedisse de reconhecer imediatamente o novo estado de coisas. O sr. Mendes Cabeçadas recebera o poder das mãos do sr. Bernardino Machado, e tinha o direito, portanto, de nomear e demitir livremente os seus auxiliares no govêrno. Apesar de ter havido uma revolução, — a maior e mais extensa de quantas se fizeram em Portugal, — não houvera solução de continuidade revolucionária. A locomotiva da pública administração mudara bruscamente de carris, é certo. Mas se fôra a revolução quem a impelira, o Presidente da República prestara-se gentilmeute a fazer-lhe a agulha...

O poder das fórmulas!

* * *

Dissolvera-se o triunvirato. Lépido, tal como o outro da história, desaparecera apagando-se voluntáriamente. Ficavam no poleiro, entre aves miudas e de pouco vistosa plumagem, os dois galos. Cêdo Marco António, acicatado pelas solicitações dos políticos e talvez ilaqueado por compromissos anteriores, deu mostras de não poder abandonar sem pena os braços cariciosos e tépidos dessa outra Cleópatra que se chama Constituição. Isto descontentou o exército, que não fizera uma revolução para que a impudica, constantemente violada, sempre dissoluta, mas dando-se ares de virgem, continuasse reinando. Octávio aproveitou hábilmente êste descontentamento. De surpresa, pôs-se novamente à frente das tropas e marchou para Accio, perdão, para Sacavem. António, mais patriota que o outro da antiguidade, e desejando evitar a efusão de sangue, entregou-se sem combate. E Octávio ascendeu à presidência do ministério e implicitamente à chefia do Estado.

¿Á chefia do Estado? — perguntará o leitor de longes terras menos versado em coisas portuguesas. Sim senhor: à chefia do Estado. Certo é encontrar-se estatuido na constituição que, na falta do Presidente da República, será o ministério investido na plenitude do poder executivo. Mas todo o ministério, entenda-se, e não um só dos seus membros. O sr. Gomes da Costa, porém, não o quiz assim. De tão nobre atribuição dividida por todos, tocava-lhe apenas a décima parte. Era pouco. ¡Ou tudo ou nada! E, mediante um simples decreto, apoderou-se de tudo.

Desta maneira, Octávio iniciou a sua evolução para Augusto. A breve trecho, decretava para si próprio os vencimentos de presidente da República e transferia a sua residência para o paço de Belem.

Quanto ao corpo diplomático, achou que tudo corra de acôrdo com as boas normas do direito internacional. Tinha havido, sem sombra de dúvida, um golpe de Estado. Mas o Comandante Mendes Cabeçadas, antes de abandonar o govêrno, transferira os seus poderes para o general Gomes da Costa.

Não podia haver nada mais regular...

* * *

E o mês de Junho acabou, numa paz que, para continuarmos o «símile» histórico, bem se podia chamar octaviana...

CAMPOS MONTEIRO.

O PODER DE UM RETALHO DE PAPEL

"PELAS freqüentes tentativas feitas para pintar os objectos naturais, nas circunstâncias mais desfavoráveis e com os mais pobres meios, é manifesto em todas as raças humanas e em todo o tempo o amor da representação pictórica que lhes é inerente. O desenho grosseiro com que o habitante das cavernas dos tempos pre-históricos arranhou o osso liso de um animal, os rochedos pintados das florestas mexicanas, as pinturas das cavernas dos selvagens sul-africanos, tudo isso revela até à evidência essa paixão, profundamente enraizada. A criança da gente civilizada contempla com delícia o seu livro de pinturas, muito antes de saber soletrar as letras do alfabeto; e o rude ésquimo guarda como um tesouro o número perdido de uma gazeta ilustrada que a tripulação do barco que andava na pesca da baleia lhe deixou na cabana, embora o ésquimo não seja capaz de decifrar nem uma só palavra de uma fôlha impressa. É que as pinturas falam uma linguagem universal que não carece de ensino para ser compreendida.»

Começava assim, há quarenta anos, o livro de Mason Jackson sôbre a origem e progressos da imprensa ilustrada, *The Pictorial Press,* publicado em 1885; e se muita razão lhe assistia para falar de tal modo ao tempo em que semelhantes feitos e tendências recordava e comentava, observando-lhes a insistência e a amplitude do seu desenvolvimento étnico e histórico, hoje, se de novo houvesse de considerar essa actividade, já não viria encontrá-la movendo-se e afirmando-se nas sociedades cultas contemporâneas, sòmente em termos de mero autor de criações esporádicas, acidentais e ancilares, servindo o desenfado e a fantasia, como outr'ora foi, pelo menos aparentemente Constituida em necessidade quotidiana, a arte gráfica, e a sua copiosa abundância e o seu esplendor actual, tornou-se em alimento imprescindível dos nossos olhos e companheiro inseparável da nossa habitação, esmorecida e fria e deserta onde êsses afagos não a confortam e alegram.

Por um dêsses impulsos misteriosos de nossa alma que instintivamente a dominam, a necessidade gráfica cresceu e dilatou-se a tal ponto em nosso ser normal que já não sabemos viver contentes se em volta de nós não sentirmos um mundo de linhas gravadas, a transposição gráfica da vida em traços lisos e singelos, certa destilação e resumo e concentração da vida no traço colorido ou negro. E nem a voz mais doce nem o discurso mais sonoro e retumbante nem o adejar da graça do mais subtil murmúrio suprem o apetite

RETRATO DE MADAME MICHON — VELOSO SALGADO

Colecção do Sr. Dr. Leopoldo Mourão — Pôrto

e a avidez e a exigência da comunicação directa do nosso sêr com todo o ambiente, pelo desenho, pela côr e pela gravura.

* * *

Quando alguem guarda e venera carinhosamente a carta de amor que o comove, tenhamos por certo que não será sòmente porque êsse retalho de papel contém confissões que por qualquer motivo lhe são caras ou o interessam e lhe alvoroçam a sensibilidade. Se tanto quere a tão pequenina coisa, é porque a simples letra em que a carta foi escrita é só por si um desenho, um objecto de arte, a representação gráfica do sentimento de uma pessoa amada, é uma comunicação directa com a sua existência, independentemente da voz em que poderia falar e da interpretação oral do seu pensamento. Há na grafia certa e obscura refundição da personalidade que a executa, e eis que o nosso retrato é uma coisa diferente da nossa presença, e com a sua significação e os seus meios de revelação próprios, e eis que, semelhantemente, a paisagem é uma em a natureza e outra na estampa, acontecendo bastas vezes que aquela mesma que em a natureza não nos tocou e foi vista com indiferença, foi essa que na estampa se nos tornou fagueira ou mais nos arrebatou a admiração; e, inversamente, aquela que em a natureza havíamos contemplado com entusiasmo, mostrou-se afinal pobre de harmonia e confrange-nos pelas suas manifestas dissonâncias, se na estampa a colhemos e nêsse estado a observamos.

* * *

Foi por êstes trâmites e por fôrça destas inclinações e da sua expressão prática que o livro e o jornal ilustrado e a estampa e o quadro se converteram em verdadeiras divindades lares, a que a multidão dos fieis acende devotadamente a sua alampada. Daqui nasceu o culto doméstico da estampa, e êste com os mais de significação estética congénere passou a juiz da civilização e a confessor do gráu de cultura e elevação da gente que o ministra, e a indício da rudeza da gente que o desconhece. Pela pressão e alargamento desta qualidade específica das castas nobres ou susceptíveis de se nobilitarem, viemos a não reputar mobilada a casa enquanto não a houvermos povoado de estampas e desenhos suficientes. Pressentimos o retardatário da educação onde não encontramos o seu duplicado pela imagem do sêr, abrangendo essa duplicação a transposição pictórica de tudo o que somos e de tudo o que nos cerca, e de toda a condição íntima ou externa da nossa existência, desde a expressão da face humana e de todos os nossos actos até à mais complexa como a mais singela palpitação cósmica, até ao insecto e ao musgo e à montanha e aos mares e aos astros.

¡Que singular capricho da sensibilidade na solicitude, aliás vulgar, com que deixamos a floresta para com superior prazer corrermos a contemplar nas quatro polegadas de um retalho de papel a imagem relativamente microscópica e mutilada e morta das árvores que na floresta tínhamos diante dos olhos, completas, na plenitude da sua integridade e da sua pujança, e na profundeza insondável de todos os seus alentos! ¡Que extravagante e inexplicável afeição esta pela qual quási queremos tanto à catedral que nos fascina como à exígua fôlha de papel que a estampou e interpretou, pois que em cada desenho, fotográfico que êle seja, há invariàvelmente uma interpretação e uma arte que se sobrepõe a toda a natureza e a toda a arte, e as altera e muda!...

Terá seus laivos de mistério religioso esta paixão gráfica que nos é congénita e vai operando maravilhas infinitas, cada vez maiores.

E o certo é que onde não a achamos fecunda e florescente em seus templos e nas suas capelinhas e ermidas, logo nos imaginamos exilados da civilização. A sua prosperidade é

MARGENS DO RIO ÁGUEDA — *POCHADE* — MARQUES DE OLIVEIRA

Colecção do Sr. Sr. Leopoldo Mourão — Pôrto

testemunho da graduação de cultura.

Os velhos, os que já passaram os sessenta anos, muito bem se lembram do aplauso com que há cêrca de meio século vimos a expansão das artes gráficas em o nosso país, como arautos consoladores do advento de novas energias civilizadoras. Quedavamo-nos embevecidos a admirar as gravuras de Pedroso e os desenhos de Lupi e de Manuel de Macedo, e as caricaturas de Bordalo e as fantasias desenvoltas da pena de El-Rei D. Fernando, e a cópia dos quadros de Sequeira e Anunciação, avós amados de muita beleza moderna que geraram nobilíssimas linhagens.

A publicação de *O Ocidente,* em 1878, foi um acontecimento. Respiravamos. Tínhamos uma publicação periódica ilustrada. Salvava-nos de uma míngua vexatória; íamos a emancipar-nos da servidão humilhante das ilustrações estrangeiras.

* * *

Recentemente, uma descoberta admirável e de estupendo alcance poderá parecer que ameaça a decadência ou ruina da devoção atribuida entre as divindades lares ao livro e ao jornal ilustrado. Parecerá que a telefonia sem fios, cantando e discursando e por sua vez pintando também, está destinada a varrer de cima da mesa do serão as ilustrações, para distrair dos seus regalos aqueles que pausadamente costumavam folheá-las à luz do candieiro. Correriam todos agora a aglomerar-se em volta das sereias e trombetas da miraculosa aparição.

UM INTERIOR — QUADRO DE SOFIA DE SOUZA

Colecção do Sr. Dr. Leopoldo Mourão — Pôrto

Mas logo a estampa recupera o seu domínio intangível. Porque a voz passa e a estampa fica, e a seu modo nos fala incessantemente. A voz é hóspede fugitivo e a estampa é o companheiro certo de toda a hora, não teme as tormentas das nuvens, mora onde nós moramos, segue-nos em todas as nossas peregrinações, desterra-se para onde nos desterramos, e fielmente nos repete os seus segredos e encantos, e, diferente da ave de arribação que é a telefonia sem fios, não vem a acariciar-nos para imediatamente levantar vôo e se perder na vastidão dos céos. Fica connosco.

Uma estampa é uma luz que se acendeu junto de nós e em a nossa intimidade se tornou o amigo e confidente de máguas infinitas e infinitas alegrias; a todas assiste; e ora alivia, e ora castiga, e sempre nos fala e afugenta as penas da solidão. Uma voz como a da telefonia sem fios, por mais bela que seja, é muito diversa — um arrebatamento, e depois, sem tardar, como por punição do deleite, o eclipse instantâneo, e precipita-nos no abandôno; é um turbilhão e uma torrente, não poisa, e onde por um momento matou a sêde de comunicação e simpatia com os mundos extranhos, aí mesmo inflamou a sêde que deixou penando em nosso sêr, esperando em vão que a divindade volte a visitá-la e a saciá-la.

¡Quanto pode um retalho de papel que a mão do homem tocou e a alma animou com o seu sôpro! ¡Que magia divina e que grandeza se acoitam na pequenez de uma apagada sombra que as nossas mãos esboçaram entre as quatro linhas de uma fôlha de papel!... A imagem do santo que piedosamente vela à cabeceira do crente e o protege é um retalho de papel — não raro grotesco. E entretanto, na sua tôsca indigência de seduções estéticas, um poder oculto lhe dá virtudes de sacerdócio e apostolado que igualam a fortaleza dos mártires e os seus milagres. Porque êsse retalho de papel — bem o sabem quantos têm memória para as recordações da infância — êsse retalho de papel iniciou a criança na fé cristã, foi-lhe um segundo baptismo em Jesus e Maria, deu alentos de esperança ao enfêrmo, mitigou a ansiedade, enxugou lágrimas, ensinou orações, verteu a consolação na desgraça, salvou do êrro, limpou ódios, inflamou afectos, deu coragem ao soldado na guerra; até o moribundo, sorrindo à sua humildade e levando-a nos olhos, partiu dêste mundo e adormeceu.

Eixo — Quinta de S. Francisco, 8-VI-1926.

JAIME DE MAGALHÃES LIMA.

MUSEU REGIONAL DE AVEIRO

(Continuado do número anterior)

OURIVESARIA LITURGICA

NÃO é tão numerosa, mas não é menos importante que a dos tecidos e bordados, a collecção de *Ourivesaria liturgica do Museu*.

Compõe-se de calices, custodias, pyxedes, candelabros, imagens, vasos, relicarios, baculos, corôas, colares, rosarios e cruzes de prata e oiro.

Nem tudo, porém, era pertença do Convento de Jesus onde está installado o Museu, taes como o calix que a gravura representa.

O calix é de prata dourada e pertenceu em tempos idos a uma confraria de mareantes e pescadores erecta na Capella de Santa Maria de Sá, hoje de Senhora da Alegria, dependencia da parochia de Vera Cruz. Vem descripto no *Tombo* da confraria organisado em 1670 pelo licenceado Miguel da Fonseca Moniz por esta forma: «Item. Um calix de prata, grande que serve nas festas, dourado e tem quatro campainhas de prata tambem douradas, com sua patena da mesma maneira.»

Esteve exposto em Lisboa em 1882 na *Exposição retrospectiva de arte ornamental portugueza e hespanhola*, Sala *M*, n.º 75, e Augusto Fillipe Simões descreve-o assim no livro que escreveu sobre o certamen [1]:

«O calix da Vera Cruz, de Aveiro (75), aproxima-se já dos exemplares do seculo XVI nos ornatos de aplicação na copa e de relevo na base; mas o nó volumoso, faceado, e os losangos que o adornam são caracteristicos do seculo XV. E' tambem de caracter anterior ao seculo XVI o engradado do bordo ou frizo da base e o plano liso, que tem á roda.»

As galhetas, essas, foram sempre pertença do Convento de Jesus. O meu velho amigo e mestre snr. Joaquim de Vasconcellos, descreveu-as assim:

«A guarnição de prata dourada d'esta peça é um primor de arte; o crystal forte das vasilhas, cuja lapidação offereceu decerto as maiores difficuldades, é materia rara e preciosa; a adaptação

(1) *A Exposição retrospectiva de arte ornamental portugueza e hespanhola em Lisboa.* — Cartas ao redactor do *Correio da Noite*. Lisboa, 1882, pag. 73.

MARGENS DO CÁVADO NA BARCA DO LAGO — AO PÔR DO SOL — CANDIDO DA CUNHA

Colecção do Sr. Dr. Leopoldo Mourão — Pôrto

MUSEU REGIONAL DE AVEIRO—
PYXIDE DE PRATA DOURADA COM RELÊVOS

do metal a um corpo tão fragil foi sempre um escolho sob o ponto de vista da technica e do estylo, pela difficuldade de ligar elementos que não se casam, o metal opaco e o crystal transparente. Teve o artista de cobrir as vasilhas com uma renda de prata dourada, de estylo *rocaille,* semelhante aos bordados do meado do seculo XVIII; com o cinzel e o buril imitou os recortes dos velludos e brocados; fez um primor. Estou convencido de que estamos em frente de alguma offerta do faustuoso D. João V.»

* * *

TUMULO DE SANTA JOANA PRINCEZA

Faz parte do Museu. Está collocado no côro baixo, que é revestido de belos marmores e ornatos de talha dourada. No seu genero é uma preciosidade e no mais perfeito estado de conservação. Data de 1707 e foi executado por artistas portuguezes com marmores vindos de Italia sob a direcção e plano do insigne João Antunes que D. Pedro II promoveu em 29 de Maio de 1699 de «praça de aprender Architectura civil, que serviu com satisfação sua dezasseis annos á praça de Architecto que vagou pelo fallecimento de Francisco da Silva Tinoco. Deu o mesmo D. Pedro II doze mil cruzados com que se custearam as despezas do tumulo de finos jaspes e curiosos embutidos e se ornou das mesmas pedras todo o côro.» Informa Fr. Pedro Monteiro, no seu *Claustro domenicano* — Lisboa, 1729, pag. 503.

Fr. Lucas de Santa Catharina, continuador da *Historia de S. Domingos* de Fr. Luiz de Sousa, faz do tumulo esta veridica descripção:

«É o tumulo quadrado e alteroso, lavrado de jaspes finissimos com variedade de embutidos primorosos, e em cada remate um anjo; sobre o tumulo se vêem as Quinas Portuguezas, e na face a corôa de espinhos que a Santa escolheu para gloriosa empreza, e teve por estimavel troca. Toda a obra respira magestade, e saudosas lembranças.»

As cinzas da Santa Princeza foram trasladadas para o novo tumulo pelo bispo de Coimbra D. Antonio de Vasconcellos e Sousa, a 25 de Outubro de 1711.

MARQUES GOMES.

Clichés foto. de Manuel de Abreu

MUSEU REGIONAL DE AVEIRO—
CALICE DE PRATA DOURADA. SECULO XVI

Cliché foto. de Manuel de Abreu

MUSEU REGIONAL DE AVEIRO — PAR DE GALHETAS DE CRYSTAL E PRATA DOURADA

TRÊS PEÇAS DE CERÂMICA VIANESA

MONÇÃO, terra do nascimento e da criação do subscritor dêste comento, é uma vilinha da extrema norte do país. O escasso curso dum rio, que, na estiagem, chega a ser vadeável, mais pròpriamente liga o burgo português à confinante Galiza do que dela o separa. Essa vizinhança que, na literatura contemporânea (JOÃO VERDE, *Ares da Raia*, 1902), foi celebrada, em versos felizes, como de boa irmandade, ou melhor do que isso,

> «Vendo-os assim tão pertinho,
> a Galiza e mai'lo o Minho
> parecem dois namorados
> que o rio traz separados
> quási desde o nascimento.
> Deixá-los, pois, namorar,
> já que os pais para casar
> lhes não dão consentimento»,

ocasionou, em vários lances da história, lutas violentas e pertinazes, cada qual defendendo o seu torrão ou depredando o limítrofe.

Por isso a vilita alto-minhota desde longe curou de se couraçar de pedra contra os arremessos do fronteiro. Já em tempos do rei Dom Denis as crónicas (RUI DE PINA, *Crónica do Príncipe D. Denís*, cap. XXXII) mencionam a reforma da cêrca defensiva monçanense; a tradição deu-la-deiana é referida à época de Dom Fernando; e no *Livro das Fortalezas do Reino* (século XVI) é a vila figurada a coberto de uma fortaleza redonda, com sua tôrre de menagem alta de doze varas, mais uma couraça, fundada no rio, com nove varas, baluartes cuja altura ia de quatro varas e dois palmos até seis varas, regulando a grossura dos muros por duas varas e alguns palmos. Mais tarde, esta obra de defesa cedeu o lugar a uma fortificação de tipo Vauban, que hoje se vai fendendo para dar passo a uma população que não cabe na estreiteza das ruelas em que se apertaram os vizinhos de épocas em que o ouriçamento de pedra era indispensável à vida normal dos povoados, e maiòrmente à dos arraianos.

A couraça era o resguardo previdente, mas não a imunidade; e, por mais do que uma vez, o povoado sofreu apertos de cercos, um dos quais, o que heròicamente suportou desde 7 de Outubro de 1658 a 7 de Fevereiro do ano seguinte, nas lutas da Restauração, deixou defesas e defendido quási totalmente arrasados, o que explica que tão antiga povoação seja mingoada em edificações anteriores ao século dos seiscentos. O pórtico românico da paroquial, com parte da silharia temporânea, devidamente siglada, e um ou outro pormenor semi-obliterado do primitivo arcaboiço, mais uma capela gótico-florida que nêste arcaboiço se enxertou, e uma meia-dúzia de portadas, ao rés-da-rua, de casas particulares, é tudo quanto, em Monção, resta para trás daquele período.

Sôme-se à vida incerta e vária de fronteira a circunstância de não serem nem bastas, nem fáceis, nem seguras, as vias de comunicação; considere-se que, àparte o reduzido funcionalismo provincial e um ou outro fidalgo, senhor de breves terras numa região de propriedade fragmentária, a vizinharia do povoado devia ser constituida por ínfima burguesia, sobretudo composta de rústicos proprietários-cultivadores das leiras do arrabalde, com alguns mercantes à mistura. Concluir-se há que não era Monção meio próprio para entesoirar magnificências de sumptuária artística.

São ali raros, portanto, os espécimes da arte de ante-seiscentos; e dos posteriores também não se opulentam a vila e seu termo, porque, embora após 1659 não voltassem a sofrer as inclemências da devastação pelo ferro e pelo fogo, ficaram, pela situação na extrêma, mal servidos de comunicações com os centros de produção artística, e porque à mediania do grosso da sua população estava naturalmente tolhida a posse de rica alfaiagem.

Sem embargo da safarez assinalada, alguns raros exemplares das artes-maiores aparecem, — e aqui se dirá, um dia, de peças de ourivesaria verdadeiramente notáveis, — e não faltam produtos de artes-menores. Dentre êstes logrou o autor destas notas reunir bastantes dezenas de criações da cerâmica nacional, massa em que avultam, como é óbvio, as das fábricas mais achegadas, — Viana e Caminha.

Examinadas amiúde e carinhosamente, algumas nos trouxeram motivos de surpresa, observações que julgamos terem

passado despercebidas a ceramólogos de competência com que não pode confrontar-se o nosso amadorismo, quando estudaram colecções a que, por muito mais ricas, não deverão faltar notas semelhantes àquelas a que aqui vimos, ao que supomos pela primeira vez, dar o relêvo que nos parece merecido.

Se nos enganamos no carácter de ineditismo que atribuimos às nossas observações, ou se nestas erramos, sirvam-nos de justificatório as palavras de FREI LUÍS DE SOUSA:

«Todo o homem ama os partos de seu entendimento, e às vezes mais que aos mesmos filhos: e esta é a causa de muitos se cegarem com suas cousas.» *(Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires,* liv. I, cap. XXVI).

...Se nos não cegamos com as nossas cousas, por demasiado amor a partos do nosso entendimento...

Cliché foto. de Manuel de Abreu

MUSEU REGIONAL DE AVEIRO — TUMULO DA PRINCEZA SANTA JOANA

FIG, 1 — SALADEIRA

I

A peça cerâmica figurada na gravura 1 topou-a o autor em casa duma lavradeira da fréguesia de Pias, concelho de Monção, que a tinha acamaradada com um gomil, êste marcado V[iana], aquela sem qualquer marca, constituindo as duas peças o serviço de lavatório (bacia e jarro) da respectiva proprietária.

O gomil veio a partir-se, já na nossa posse: mas bem nos recordamos de o seu esmalte ser diverso do da peça que lhe era camarada. Esta última, conquanto desprovida de marca, como freqüentemente sucede, é, sem dúvida, produto da fábrica de Viana: o desenho, a côr da decoração pictórica (unicroma, a vinho-roxo), os motivos desta, não consentem hesitações.

Não havia correspondência entre êstes motivos nas duas peças, o tom crómico era mais carregado numa do que noutra, e estas circunstâncias, acrescidas à dissimilitude dos esmaltes, conduziram-nos a uma primeira observação: era desparelho o serviço de lavatório da camponeza de Pias. E tanto o era que nem sequer a bacia era uma... bacia. Aquilo de que a lavradeira fizera uma bacia-de-água-às-mãos fôra moldado pelo oleiro para bem diverso destino: era, com certeza, uma saladeira, o que nos consolou um tanto da perda do gomil. Tem, de facto, um pé, ou base, que se não observa em qualquer bacia da produção vianense, ou seja das de água-às-mãos ou das barbeiras.

A observação-surpresa, porém, só surgiu mais tarde, quando, vista e revista aquela peça, fizemos alvoroçadamente o descobrimento de que o motivo central da decoração do fundo da peça reproduzia um assunto real, — e assunto vianense.

Na cidade de Viana-do-Castelo, na hoje Praça da República, que anteriormente se chamou da Rainha, e, mais remotamente, Campo do Forno, agrupam-se, ao lado nascente, três monumentos que são outras tantas joias da trabalhosa arte do canteiro de granito: os edifícios da Misericórdia e dos Paços-do-Concelho e um chafariz. Uma gravura notular, que vai com o n.º 3, destina-se ao duplo serviço de documentar a observação a que acima aludimos e de fornecer ao leitor que desconheça o local uma ideia do conjunto monumental que oferecem as construções aludidas.

A última delas, de que o Frei Luís de Sousa disse ser «fonte fermosa em abundância de água e feítio de pedraria», (*Vida* cit., liv. vi, cap. ix), foi, segundo Figueiredo da Guerra, executada em 1553-1554 por João Lopes, o Velho (*Arquivo Vianense*, pág. 154).

Compare o leitor, agora, o chafariz dessa gravura notular com o inscrito como figura central da decoração pictórica na saladeira de que vimos falando. Depois de eliminar mentalmente a gradaria que, na gravura n.º 3, cerca a magnífica fonte, gradaria que é de recente e bárbaro acrescento, notará, sem esfôrço, que o decorador da peça cerâmica de que se trata quis reproduzir, no lugar de honra do desenho principal, o chafariz-monumento que se ostentava na praça nobre da cidade sede da fábrica em que o artista trabalhava: o mesmo tanque fundeiro, a que se seguem três taças idênticas, sucessivamente decrescentes para o alto, o todo sobrepujado pelos remates comuns da esfera armilar e da cruz, os símbolos da alta e antiga fé nacionalista e cristã do Portugal-Velho.

O pintor faiancista não rodeou êsse motivo central com um enquadramento correspondente à nota local do referido motivo. Pelo contrário, a decoração circundante, longe de manter ou de acentuar essa nota, regressa aos modelos vulgares no adôrno pictural vianense: casas ao gôsto mais ou menos oriental, paisagem exótica ou de fantasia. Na aba, também as ligeiras pinceladas decorativas se não afastam dos cânones tradicionais da fábrica.

O motivo do centro, porém, não pode, — se não nos cega o amor a êste parto do nosso entendimento, — ter outra interpretação que não seja aquela que deixamos assinalada: reproduz, deliberadamente, o chafariz do velho Campo do Forno da antiga vila de Viana da Foz do Lima.

II

Com a peça reproduzida na gravura n.º 2 dá-se ainda, — se aquela cegueira nos não tolhe a exacta compreensão das coisas, — idêntico caso, mais relevante, todavia, porque, aqui,

FIG. 2 — ALMOFIA

o artista foi mais escrupuloso em manter, na máxima parte da composição. a côr local, acentuando mais fortemente a nota de reprodução do real.

Com efeito, se exceptuarmos a aba da peça, em que o decorador se submeteu aos tipos correntes da fábrica,—*corda* modelada a relevar a borda e a conhecida fita de *bambú*, corrida paralelamente à borda e picada de grinaldas,—toda a composição central representa, na nossa interpretação, nada menos do que a saída da barra do Lima. Na margem direita do rio «brando, manso, claro e fresco, de veia doce e vagarosa», que DIOGO BERNARDES exalçou, vê-se o forte destinado a guardar a boca daquela veia azul da terra minhota. Dentro dos respectivos muros, um casarão; fora, casas humildes. Duas cancelas rústicas, de arrabalde, uma no primeiro plano, a outra ao fundo. Árvores anaínhas, como soem ser as da beira-mar, às quais a natureza protege defendendo-as com o pequeno porte do ventar desabrido e constante. Dois veleiros vão largando a barra, prôa ao Atlântico, um, o da frente, já de velame desfraldado e pando, o outro, que segue na peugada do primeiro, ainda com a velaria ferrada. Gaivotas no ar.

Êstes temas são desenvolvidos em policromia,—azul, vinho-roxo e amarelo, em vários tons,—sem grande respeito pelas leis da perspectiva (pois que o casarão quási enche o forte, e êste, em plano mais próximo do observador, é mais pequeno que os barcos), mas com seguro êxito decorativo.

Devo esta peça, que também não foi marcada mas é um claro Viana, à bizarra generosidade do opulento coleccionador de cerâmica DR. LUÍS AUGUSTO DE OLIVEIRA, autor de vários trabalhos de ceramologia, um dos quais, a *Exposição Retrospectiva de Cerâmica Nacional em Viana-do-Castelo no ano de 1916*, constitui o mais amplamente documentado estudo da especialidade.

III

Figura-se na gravura n.º 4 um vaso purificador para as pontas dos dedos de sacerdote ao altar. A peça, que é policroma,—verde, azul, amarelo-palha, amarelo-tostado e vinho-roxo,—com esmalte francamente anilado, pertenceu à paroquial de uma das fréguesias do concelho de Melgaço, onde a obtive, por dádiva do respectivo cura-de-almas. Não é marcada, mas não pode duvidar-se da procedência,—Viana. Vi outra, parecidíssima, no espólio em leilão do engenheiro-agrónomo Navarro Lobo, falecido em Viana-do-Castelo.

Nesta peça não há o intuito deliberado de reproduzir precisamente um assunto vianense; mas a decoração circular que ornamenta quer o copo quer a sua tampa inspira-se, sem dúvida, nas rendas de bilros que toda Viana tecia pacientemente quando o autor destas linhas era menino e moço, e que, agora, dobrado o equador da vida, ali voltou a ver fabricar, numa aplaudível ressurreição da antiga indústria caseira da localidade.

FIG. 4—VASO PURIFICADOR PARA ALTAR

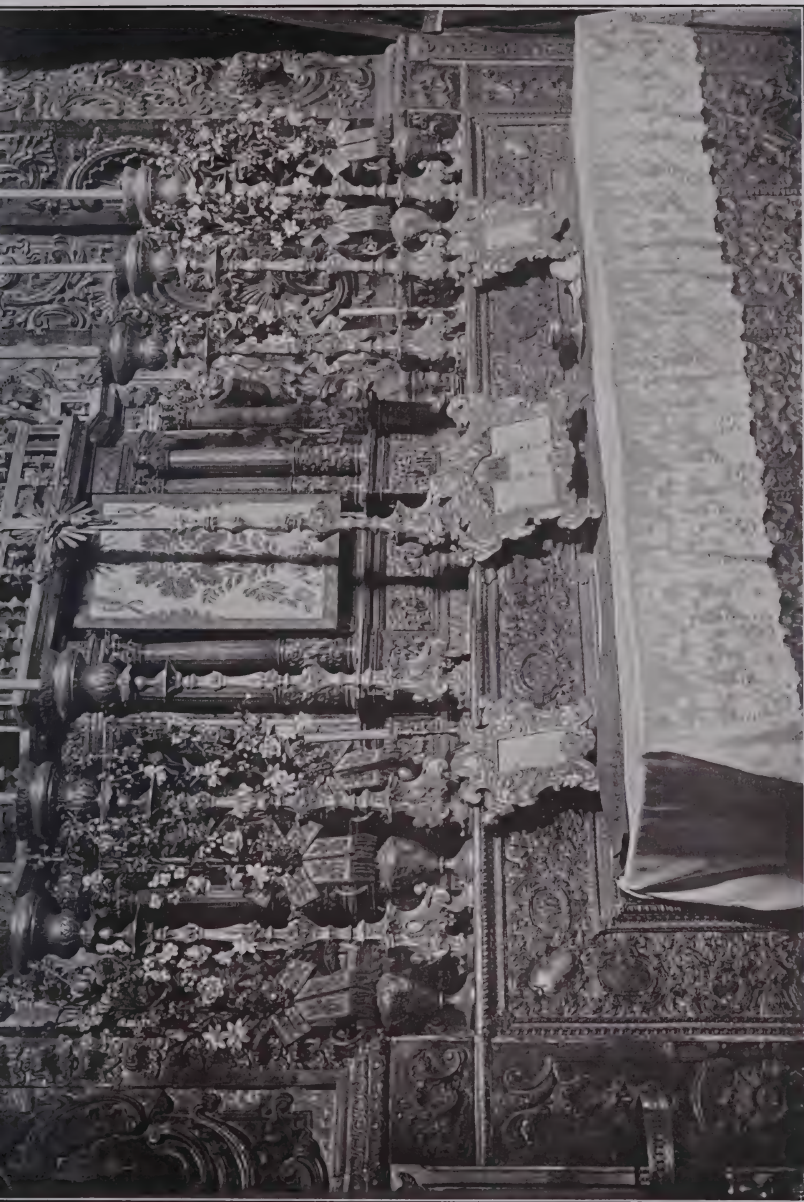
Qualquer meão conhecedor do rendado de bilros distinguirá na decoração do copo, ao alto, a *ourela*, seguidamente, o *paninho*, depois, o reticulado a que as rendeiras chamam *meio-ponto*, logo, o que elas dizem *excelentes* ou *pastilhas* ou *fôlhas*, e, finalmente, o *esbicado* terminal,—se é que me não cega o amor a êste parto do meu entendimento.

Monção, 16 de Maio de 1926.

ANTÓNIO PINHO.

FIG. 3—GRUPO DE CONSTRUÇÕES ARTÍSTICAS NA PRAÇA DA REPÚBLICA DE VIANA-DO-CASTELO

P. S.—Com a organização dêste leve comentário, o autor, além de se honrar na emparceiragem com Marques Abreu, o operoso respigador da seara da arte nacional, leva mira em chamar a atenção dos possuidores de colecções cerâmicas para que passem revista às suas peças, em busca de pormenores como os aqui assinalados, que virão a constituir capítulos de alto interêsse ceramológico, maiòrmente se as observações colhidas lograrem ser apresentadas aos estudiosos da especialidade de mais profunda e luzida maneira do que a desataviada superficialidade com que se ennegreceram as páginas que aí ficam, valorizadas tão sòmente pelas estampas.

A. P.

Cliché fotográfico de Marques Abreu

ALTAR DO SS. SACRAMENTO
DA SÉ DO PORTO

ALTAR DO SS. SACRAMENTO DA SÉ DO PORTO

ABRE-SE de par em par o reposteiro de damasco que pende do docel, e a claridade que flui do transepto e cai do lanternim da capela do SS. Sacramento ilumina suavemente um conjunto enriquecido pela sumptuária de alguns dos nossos melhores lavrantes. E desta primeira impressão geral de opulência, embora um tanto sobrecarregada pela superfetação ornamental, atinge-se depois o sentido de certos pormenores a que a alma dos artistas insuflou sua inspiração e seu talento decorativo.

O tabernáculo, a edícula central, que se eleva escalonado nos seus quatro corpos, e que constitui a parte mais antiga desta notável obra de torêutica, tem equilíbrio nas suas linhas de um classicismo arquitectónico pouco ou quási nada pervertido. Os baixos relevos da base e dos que se dispõem nos espaços intercolunares, narrando scenas do Velho e do Novo Testamento, desde os versículos do Génesis até ao remate glorioso da Ressurreição, contribuem com as suas prespectivas de quadro para a beleza dêste retábulo solene. Graças a Souza Viterbo conhecemos a sua autoria: um documento por êle lido em Agosto de 1890 e que existia na Biblioteca Pública Municipal do Pôrto, continha, além de informações directas sôbre o assunto, subsídios que interessavam à história económica da época. Pois nêste volume in-fólio mencionava-se o nome dos artistas, liam-se as cópias dos respectivos contratos, identificando-se assim completamente o núcleo seiscentista do altar. E não é o Pôrto, com tradições de renome na ourivesaria, que fornece os primeiros lavrantes; é Lamego, com um movimento de Arte muito tempo obliterado mas hoje conhecido graças às notáveis investigações de Vergilio Correia, em primeiro lugar, e dos autores do excelente livro *Mobiliário Artístico Português,* Alfredo Guimarães e Albano Sardoeira. Depois de se ler a contribuição dêstes escritores fica-se elucidado àcêrca dos motivos porque são chamados a vir ao Pôrto, expressamente para a referida obra da Sé dois lavrantes da pequena cidade beirôa, a quem cabe, como éscreveu Vergílio Correia, um *capítulo especial na história do movimento artístico português.*

São êles Manuel Teixeira e seu genro Manuel Guedes — que em 28 de Novembro de 1639 entregaram o primeiro corpo do sacrário, e nos anos 1641, 1647 e 1651 os três corpos restantes.

E o trabalho continuava através de muitos anos, conforme o mencionado manuscrito consultado por Viterbo, intervindo, entre outros *plateiros,* Bartolomeu Nunes, Pedro Francisco e Manuel de Souza.

Pedro Francisco — é sem dúvida, o mais dotado dos artistas referidos; êle aparece com Manuel de Souza no mesmo documento datado de 28 de Maio de 1676 —; mas com a incumbência especialmente designada nêste contrato de fazer «o dito frontal de meyo relevo lavrado de flores e a modo estrangeiro e suas figuras tambem de meyo relevo nas partes que se lhe aprontarem...» Pedro Francisco Francês, ourives morador como Manuel de Souza na rua da Reboleira, do Pôrto, marcou inconfundivelmente o seu lugar naquele conjunto: ao sentido arquitectural dos primeiros que levantaram o tabernáculo, junta-se agora o sentido bem escultural dêste artista francês, senhor de uma técnica admirável para a figura e para os motivos daquela ornamentação tão profusa como se fôsse a de um frontal em brocado precioso. É êle ainda, com o ensamblador Gonçalo Ferreira, o encarregado da *feitura* dos anjos e da banqueta.

Mestre Joaquim de Vasconcelos, com a autoridade da sua critica, da sua visão ponderada pelo estudo contínuo, de uma vida inteira, das obras de arte, não hesita em dizer que na moldura a que se encostam as três sacras e no frontal se encontram *verdadeiras maravilhas.*

Nas contas do já citado documento — *Livro da Resseita e despeza da obra do Sacrário do Santissimo Sacramento da See* — encontrava-se ainda a menção dos ourives João Teixeira, contratado para a obra de quatro tocheiros e concêrto de mais prata da confraria, e Sebastião Nunes para concertar o hissope e as lanternas.

E mais não informava, certamente, o documento, de 1672 em diante. O que sabemos é que a esta data o altar ainda não estava concluído.

O seiscentismo tinha nêste núcleo a sua fisionomia própria, tanto no tabernáculo como no frontal relevado por um artista em cuja pátria um estilo triunfava na sua solenidade, no seu prodígio de esplendores, o estilo Luís XIV.

O acabamento desta obra ia prolongar-se pelo século XVIII: no emolduramento do núcleo central, manifestou-se o gôsto da época. Na pilastra, do lado da Epístola, onde assenta o arco em cujo fecho se levanta a pomba do Espírito Santo, lê-se na base *Anno Domini 1713,* data que certamente se refere à conclusão do revestimento do fundo do altar de linhas desenvolvidas ainda equilibradamente.

Porém, as pilastras exteriores, de cujos capitéis parte o belo arco ornado de cartelas de um largo efeito decorativo, e nas faces onde se encostam os anjos que nas mãosinhas erguem as palmas, espalham-se motivos assimétricos, de contôrno ondulante, de curvas que se inflectem nervosamente segundo aquela exuberante fantasia dos ensambladores perturbados pela graça, pelo *tarabiscotage* do *rocaille.*

Embora tenha sofrido alguns desacatos dos homens, e áparte algumas alterações, o altar precioso da catedral do Pôrto mantem-se íntegro, ostentando-se no fausto da sua prata cinzelada pelos nossos melhores lavrantes.

AARÃO DE LACERDA.

VARANDA DE PILATOS

EM Portugal ser republicano representa paixão ou interesse; é-se monarquico por coração ou por habito, (monarquicos ou republicanos por inteligencia são excepções), ao contrario da França, onde a massa geral, a multidão, o povo, é republicana por sentimento. D'ahi a falencia politica d'aqueles que até hoje teem tentado uma erudita reação doutrinaria anti-republicana, e a justificação inteligente da atitude oportunista de Jorge Valois, desligando-se da *Action Française* para tentar, com elementos vindos de todos os lados, mas de mentalidade de post-guerra, a ditadura de reorganisação — que elle sentiu e comprehendeu só poder ser levada a cabo, pelos menos por agora, dentro do regimen.

A tradição da velha realeza perdeu-se, em França, com Luiz XIV e não com a Revolução. Este foi, de verdade e de facto, o primeiro imperador dos francezes, causador involuntario da morte de Luiz XVI e do triunfo de Bonaparte.

O francez de hoje pode ainda instintivamente sentir, defender mesmo entusiasticamente o imperio, mas não sente facilmente a realeza, ainda quando a comprehenda e admire!

Luiz XVI morreu condemnado pelas suas virtudes de bom rei respeitador de usos e costumes, como Luiz Filipe foi expulso do trono pelas suas qualidades (a que eu chamaria defeitos) de rei burguez e democrata, ao passo que os dois Napoleões, o grande e o pequeno, cahiram em face d'uma derrota nacional com que o imperio não era compativel. Não foi o imperador que cahiu, foi o exercito que fraquejou e foi vencido pelo inimigo externo.

Esta quebra de tradição feita pela propria realeza, justifica, como razão inicial, as hesitações da França d'hoje. Democratica deve ser republicana; aristocratica será imperialista.

Luiz XVIII e Carlos X representam uma sociedade de transição, teimando ser e parecer o que já não era e não podia voltar a ser; d'ahi, por vezes, o aspecto burlesco dos homens d'essa epoca.

Mas a França — honra lhe seja — conservou sempre, por educação e bom gosto, um sentimento de nobreza que a transforma na mais aristocratica das nações, ainda mesmo em republica radical, e possue, apezar da sua decadencia de momento, uma elite intelectual, e, principalmente, um corpo de doutrina, tradicionalista, social e historica tão forte, que, creio, o novo figurino que ha-de enfeitar as sociedades politicas de ámanhã terá muito de francez para ser europeu.

E certo, como é, que ele nos poderá servir de modelo, pelo menos em parte, vou fazendo votos, possivelmente demasiado antecipados, para que ao serem traduzidas em portuguez as regras d'esse figurino politico, o sejam, tanto quanto possivel, no formoso vernaculo *politico* do Padre Antonio Vieira.

Que o Eça por agora tem razão: «Tudo traduzidinho do francez, mas em calão.»

MANUEL DE FIGUEIREDO.

O MINHO NAS SCIÊNCIAS

P.E MARTINS CAPELA

Ao Dr. Campos Monteiro

ACABO de reler a obra literária do P.e Martins Capela (1).

Leitura rápida, sôfrega mas útil, de meia dúzia de volumes lusitaníssimos, que me reacenderam saùdades daquele mestre eminente e mais uma vez me mostraram quanto é legítimo o nosso orgulho pela língua nativa, — «rica, alatinada, sonora e harmoniosa como as que mais» (2) e, além disso, na sua pena vernácula, plena de graça adejante e sugestiva.

São seis livros inapreciáveis, um total de 1:167 páginas, que nos oferecem não só a medida exacta do seu copioso saber, senão também o perfeito retrato da sua alma de santo, — humilde, amorável, risonha, tolerante, ardentemente cristã e lealíssimamente portuguesa.

Nos oito dias que me levou esta leitura apressada, mantive uma deliciosa convivência espiritual com um amigo da verdade, «á Epaminondas» (3); piedoso como poucos em religião; semi-platónico em política; tomista em filosofia; classicista com laivos de romântico em literatura; arqueólogo consumado, com a paixão da epigrafia romana; — homem de uma apostura verticalíssima, sóbrio, incisivo, claríssimo, «anti-retórico intransigente», como êle dizia: vida cristalina, austera, edificativa, que nos dá, em suma, a mais empolgante impressão de majestade.

¡Foi um raro e luminoso exemplo de virtudes sacerdotais e cívicas, êste levita inolvidável!

Ordenado presbítero, pastoreou almas, durante anos, nas paróquias de Painzela (Cabeceiras-de-Basto) e da Carvalheira (Terras-de-Bouro), esta última seu berço natal e seu derradeiro leito, sendo nêsse período que, pela catequese e pela parénese, se revelou a sua indomável inclinação para o ensino.

Em 1880, renunciando ao benefício, devotou-se ao magistério secundário, exercendo-o primeiramente no colégio da Formiga, aros do Pôrto, ao lado do poeta místico rev. Dr. Rodrigues Cosgaia e, depois, com precedência de concurso público, no Liceu de Viana (4), onde regeu as disciplinas de Geografia e Filosofia, desde 1888 a 1896, ano em que, a requerimento seu, foi transferido para o Liceu de Braga (5) e em que foi também provido na cátedra de Filosofia Tomista, no Seminário Conciliar.

A Filosofia e a Epigrafia eram as suas mais caras predilecções. E, nas horas feriadas, que êsses estudos lhe deixavam, consagrava-se à sua colecção numismática, que era abundante e preciosa.

Desde os catorze anos incompletos (6) que se afeiçoara à Filosofia, tendo então iniciado o seu conhecimento com o prof. Pinheiro de Almeida, do Liceu de Braga, cujas disputas com o mestre da mesma cadeira no Seminário Diocesano, o

(1) Reli êstes livros:
1) *A Roma! Esboços e narrativas de viagens.* Guimarães, 1880. — 256 páginas.
2) *Escholio.* Revista quinzenal. Braga, 1886. — 6 números, 192 páginas.
(Li o exemplar do Liceu de Viana, por amável deferência do ilustre prof. e bibliotecário sr. Dr. Carlos Vilamariz. De lastimar é que mão irreverente e criminosa houvesse arrancado ao *Escholio* as páginas 136 a 145.)
3) *Opportunidade da Philosophia Thomista em Portugal.* Discurso. Viana, 1892. — 32 páginas.
4) *Noção summarissima dos principios de Ethica,* aditamento aos «Elementos de Philosophia» do Dr. Sinibaldi. Viana, 1893. — 16 páginas.
5) *Milliarios.* Pôrto, 1895. — 272 páginas.
6) *A Roma! Vinte e tres annos depois.* Braga, 1909. — 399 páginas.
(Li o exemplar do meu amigo e apaixonado bibliófilo sr. Tomás Simões.)
São do mesmo autor:
7) *De Sapientia.* Oração proferida no Seminário de Braga. Pôrto, 1898. — 20 páginas.
(Vi o exemplar que o autor ofereceu ao meu amigo sr. Dr. António de Magalhães. É uma edição luxuosa.)
8) *Em lembrança da extincta Igreja dos Remedios de Braga.* Monografia. Braga, 1913. — 74 páginas.
(Li agora, ao findar do meu artigo, pela primeira vez, êste comovido opúsculo. Devo êsse prazer ao meu amigo sr. P.e M. de Aguiar Barreiros.)

(2) M. Capela — *A Roma!* (1909).
(3) Assim se exprime no *Escholio*.
Também na obra *A Roma!* (1880) declara que «guarda religioso respeito á verdade, nas coisas grandes como nas minimas». E no mesmo livro: «É timbre seu — *in omnibus veritas.*»
(4) Despacho de 30 — X — 1880.
(5) Despacho de 24 — IX — 1896.
(6) Conf. *Escholio*.

Foto. Marques

Padre Martins Capela

egresso Manuel da Conceição Barros (1), deram brado e êle seguiu atentamente, e mais tarde, veio a descrever no *Escholio*.

A «febre epigráfica» (2) acompanhou-o igualmente desde tenra idade, por influição do meio. Êle próprio o confessa: — «o recorte sombrio e phantastico da paizagem gerezina onde viu a luz e lhe correram os primeiros annos, e muito creança lhe propinaram os philtros das letras latinas, havia de fornecer-lhe o gosto nativo senão crea-lo inteiramente (3).»

Os seus principais livros acusam flagrantemente êsse acrisolado amor das antiguidades. A obra *Milliarios* — incontestàvelmente, a sua corôa-de-glória, — em que consumiu vinte e tantos anos, «um lidar a valer, mais teimoso que avisado, por frios e calmas, por montes e vales», para «ratificar senão rectificar as copias passadas de mão em mão, que de nossos milliarios recolheram poucos e nem sempre felizes copistas, e hoje correm mundo nas collecções dos sabios epigraphistas nacionaes e estrangeiros», essa obra monumental, em que há história e apologética, e que é hoje disputada. a pêso de dinheiro, pelos arqueólogos, foi antecedida e foi seguida de lavores seus que traem, sempre, êsse férvido culto.

O livro *A Roma!*, composto quando ali foi, como representante do arciprestado de Amares, à recepção pontifícia de 1877, está repleto de inscrições latinas, «verificadas na pedra».

A revista *Escholio* lá as tem também.

No livro *A Roma! Vinte e tres annos depois,* ocupando-se do Capitólio, fala-nos de dois miliários da cidade augusta, um dos quais copiou («tam embebecido como nos tempos passados», diz) e chama-lhes — «obra de minha paixão»; e, ao evocar o *Palais des Artes,* de Lyon, não esquece a riqueza em epigrafia lapidar que ali se lhe deparou, «a melhor collecção d'este genero que a França possue» a anota, com melancolia: «Sahi pensando, desalentado, na quasi nulla estimação d'estas cousas em a nossa terra (4).»

(1) Natural da fréguesia de Cossourado, concelho de Paredes-de-Coura.
(2) Assim lhe chama nos *Milliarios.*
(3) *Milliarios.*
(4) A sua memória da *Igreja dos Remédios* lá insere também documentos epigráficos.
O seu amor a essa especialidade manifestou-se ainda na inscrição latina com que comemorou a sua 1.a missa, dita na capela de N. S.a da Guadalupe, em Braga. Ao completar 25 anos, foi de Viana àquela cidade, celebrando na referida capela e deixando ali, num quadro, a inscrição — impressa na Tip. Silva Braga.

Como filósofo, Martins Capela é um dos vultos scintilantes do néo-tomismo em Portugal. O renascimento da doutrina do aquinatense deve-lhe os mais assinalados serviços — e foi principalmente o seu generoso entusiasmo, e a lúcida propaganda do Dr. Ferreira-Deusdado, que lhe crearam maior número de prosélitos entre nós. Por isso, tanto o autor dos *Ensaios de Philosophia actual*, que Antero considerava o nosso mais pujante filósofo (1), como o insinuantíssimo P.e Capela, ficam ambos bem entre os inumeráveis legionários que, com Sanseverino, Signiorello, Zigliara, Taparelli, Liberatori, Cornoldi, Kleutgen e Leão XIII, promoveram a reacção néo-escolástica. Pode até, pelo seu inexcedível carinho, profunda cultura e pelo impulso que deu às suas ideias, colocar-se o prof. bracarense no mesmo nível das figuras militantes dos centros da nova elaboração da filosofia medieval: — a par, por exemplo, de Franchi na Itália; cardeal Mercier na Bélgica; Saint-Hilaire na França; Harper na Inglaterra, e Gonzalez na Espanha.

Já em 1888, no seu *Escholio*, publicava êle uma dissertação em que, estabelecendo a distinção real entre *substância* e *acidentes*, determina a natureza das relações que prendem as duas noções, abordoando-se, em matéria tam complexa, ao pensamento do *Doctor Communis*.

Na mesma revista se encontra o seu estudo *Philosophia em Portugal — Traços historico-criticos*, cinco capítulos interessantíssimos, em que demonstra que «não tinha sido tam mesquinho o nosso peculio scientifico que não déssemos a inventario mais que os sensualissimos doentios do arcediago Verney, a poção cartesiana, assucarada e anodyna do P.e Theodoro de Almeida ou o sensismo semi-sceptico de Silvestre Pinheiro».

«Acaso seremos nós, por indole, rebeldes aos afagos da sciencia, incapazes d'especulações philosophicas?» — pregunta.

E prossegue: «Sempre será verdade que não possamos apresentar um nome sequer no concurso europeu dos pensadores de raça?»

E logo responde e dilucida: «É porque não os conhecemos!»

E então perpassam diante da nossa retina ávida, em miniaturas que nos deslumbram, as individualidades famosas de António Gouveia, prof. em Paris, que teve disputas com o célebre Pedro Ramo, furibundo adversário da escolástica; o médico Francisco Sanches, de Braga, prof. em Montpelier; Álvaro Tomás, prof. em Paris; Pedro da Fonseca, de Proença-a-Nova, o *Aristóteles lusitano* por antonomásia, «cujo voto ainda hoje tem grande peso» e cujos livros «obtiveram treze edições consecutivas»; Manuel de Góis, de Portel; Sebastião do Couto, de Olivença; Baltazar Teles, de Lisboa; Francisco Soares, o lusitano; Agostinho Lourenço, de Terena; António Cordeiro, de Angra, e Gregório Barreto, de Cantanhede, todos fieis às tradições peripatéticas e por Saint-Hilaire colocados entre os melhores intérpretes do Stagirita e de Santo Tomás.

Na *Opportunidade da Philosophia Thomista*, adita a essa relação o nome de Silvestre Aranha, atribuindo a «estes homens illustres» vinte e duas obras de filosofia.

É, pois, êsse estudo do *Escholio* o panegírico vibrante da restauração da filosofia do século XIII, — tese que, quatro anos depois da publicação daquela revista, de novo defendia em solene academia no paço arquiepiscopal de Braga, afirmando com alguns sábios, como o insuspeito Sorel da *Revue Philosophique*, e Saint-Hilaire, o tradutor de Aristóteles, que «se por um lado o neo-thomismo anda em dia com o movimento scientifico, por outro lado á sciencia não repugna a camaradagem d'esta philosophia».

Ansonio Franchi, já o havia definido destarte: «um sistema tam vasto e bem organizado, um todo tam intimo e completo, como nenhum outro antes ou depois d'elle».

«Philosophia de aço», como o prof. bracarense lhe chamava, ela inspirou ainda estas palavras ao arguto pensador da *Ultima Critica*: «Embora venha a renascença, mais o protestantismo primeiramente, depois as escolas de Descartes e Locke, o kantismo e o panteismo, atacado, vencido, o aristotelismo christão de Santo Thomaz nem por isso foi aniquilado como a seus adversarios parecera. Nem sequer envelheceu com o andar dos tempos; ao contrario, resistiu sempre á acção corrosiva dos seculos; sobreviveu á ruina sucessiva de tantas escolas e sistemas, e ha meio seculo ostenta mais vida, robustez e fecundidade que tantos outros que já o proclamavam morto e sepultado, enquanto que só a eles acontece, uns depois dos outros, tombar e sumirem-se no esquecimento.»

E Franchi concluia: «entre os inumeros sistemas filosóficos antigos e modernos, aquele que é mais capaz, seguramente, de satisfazer a razão prática e que melhor responde ás condições do Verdadeiro na sciencia racional, e do Bem na vida moral, é certamente ainda hoje a filosofia de Santo Thomaz».

Se ainda vivera, o P.e Capela teria tido a grande satisfação de ver o subjectivismo tomista encarecido recentemente, com tanto talento como erudição, pelo insuspeito Truc, no seu breve mas ponderoso opúsculo *La pensée de Saint Thomaz d'Aquin*.

No seu discurso de 1892, o ilustre prof. bracarense deixa-nos uma fotografia vigorosa do Doutor Angélico. E já no livro que recolhera as suas impressões da primeira viagem à Cidade da Alma — como Byron chamou a Roma — daguerreotipara o Sol de Aquino, a-propósito do ninho paterno de tam famoso nome. ¡E com que ternura o fêz!

Percorra o leitor êstes lindos e tocantes períodos:

«A suas irmãs, que lhe perguntaram, que seria preciso a gente fizesse para salvar sua alma, respondia simplesmente: «É querer.»

«Ao rei de Napoles, *Carlos d'Anjou*, que apesar de irmão de S. Luiz de França, tinha culpas no cartório, e receando as censuras da Santa Sé, lhe perguntava na ida para o concilio, o que d'elle diria ao Papa, respondeu modestamente: «*Sire!* dir-lhe-hei a verdade.»

«E ao santo crucifixo que em Napoles miraculosamente lhe falou: «Bem escreveste ácêrca de mim, Thomaz! Que recompensa te darei?» — «Nenhuma outra, Senhor! senão vós mesmo!»

«Oh! n'esta ultima resposta, que não posso recordar sem lagrimas (confesso) está a alma inteira do mais santo dos sabios, do sublime auctor da *Summa Theologica*.»

Mas onde o conspícuo prof. exabundantemente se espraiava a respeito do mais sábio dos santos, comentando a sua doutrina com extremos igualmente ardorosos que proficientes (e também, por isso mesmo, se menos agradáveis para a mór parte da rapaziada, mais impressivos para alguns — e entre êsses me incluo), era na sua aula do Curso Teológico.

Talqualmente êle dissera do P.e Remer, do colégio Caprânica, de Roma, a sua prelecção, à margem do compêndio de Farges, não argüia «o mais leve indicio de maneiras estudadas ou frases banais, deslisando até ao fim modesta, luminosa, concludente, sem esfôrço, nem vãos aparatos de erudição». Corria a dição tam suave, translúcida e harmoniosa como a veia cristalina de uma fonte.

Ajustadameute lhe cabia aquele passo do encantado artigo de memórias que a seu mestre de Latim dedicou na *Voz da Verdade* (1): «Com elle só não aprendia quem não queria, ou de todo em todo não nascera para os mais comesinhos latins d'este mundo.»

Nessa aula do Seminário, que positivamente nos deleitava, como já acentuei noutro escrito (2), é que Martins Capela malbaratou o melhor do seu espírito subtil, do seu vasto saber filosófico e humanista, da sua crítica irreplicável às insanidades doutrinárias, da puríssima bondade de coração que lhe transluzia na face serena e no gracioso falar, do seu acendrado amor ao Lar, à terra natalina e à terra da Pátria, — da sua natureza sentimental, emfim.

Quem pudera recolher aquelas lições suculentas, teoria de oiro, lógica de ferro, verbo de cristal; quem pudera arquivar essas conferências tam brilhantes, tam profundas e tam nítidas, em que o mestre exímio dispartia a sua sciência a uma assembleia môça e impaciente, teria entesourado verdadeiras gemas e opulentado a nossa publicística com um livro prodigioso.

Para concluir, meu querido Dr. Campos Monteiro: A vida de Martins Capela, oitenta anos de estudo e trabalho indefessos, resume-se nestas três palavras: Talento, Fé, Virtude.

Júlio de Lemos.

(1) José Agostinho — *Amigos d'Alem.*

(1) Li-os agora, ao terminar, por gentilissima lembrança do douto arqueólogo sr. P.e Aguiar Barreiros.

(2) Artigo *P.e Martins Capela*, publicado n*A Aurora do Lima*, à data do falecimento do saüdoso sacerdote e meu inolvidável professor.

EX-LIBRIS PORTUGUESES

II *(Continuado do n.º 1)*

CLASSIFICAÇÃO

O DISTINTO bibliófilo, que foi Anibal Fernandes Thomaz, Souza Viterbo e Joaquim de Araujo, outros estudiosos não menos ilustres, apresentaram umas classificações, bastante rudimentares e que hoje são inaceitáveis atendendo à grande variedade dessas espécies icono-bibliográficas que há no nosso país.

Baseado nessas classificações e em trabalhos de autores nacionais e estrangeiros, tentamos também classificá-los, supondo ter conseguido abranger, no esquema que adeante inserimos, todas as variantes da marca de posse, de que temos conhecimento.

Faremos uma rápida descrição dêsse quadro, para mais amplo entendimento.

- *Ex-libris* (marca de posse)
  - *Ex-libris* propriamente ditos (marca de posse interior)
    - *Tipográficos*
    - *Fotográficos*
    - *Manuscritos*
      - Directos
      - Indirectos
    - *Carimbados*
      - Directos
      - Indirectos
        - Quanto à natureza do carimbo
          - Em: Metal, Madeira, Borracha, Relêvo
        - Quanto à composição
          - Simples
          - Compostos
            - Armoriados, Simbólicos, Alegóricos, Decorativos
    - *Gravados*
      - Quanto à natureza da gravura
        - Em: Madeira, Metal, Zincogravura, Similigravura, Litografia
      - Quanto à composição
        - Armoriados, Simbólicos, Alegóricos, Decorativos
  - *Super-libris* (marca de posse exterior)

O sinal, emblema, motivo ou sigla, com que foi e é costume marcar nos livros o indício de posse, quer seja uma fôlha sôlta, impressa, carimbada ou gravada, mais ou menos artisticamente e que se cola na guarda do volume, ou ainda desenhos, ou sinais abertos a ferro, nas pastas e lombadas das encadernações, têm o nome de *ex-libris* (dos livros).

As marcas de posse — *ex-libris* — podem ser *interiores* e *exteriores*, consoante se observam no interior ou exterior dos livros. No primeiro caso, damos-lhe o nome de *ex-libris própriamente ditos*. No segundo terão a designação de *super-libris* (sôbre os livros).

Os *super-libris* poder-se hão classificar, quanto ao género do assunto e quanto à forma como são gravados. Mas, como o seu número é relativamente pequeno, e na quási totalidade são compostos com motivos heraldicos, achamos desnecessária essa classificação.

Nos *ex-libris própriamente ditos*, temos a notar cinco espécies diferentes, a saber:

1) Tipográficos
2) Fotográficos
3) Manuscritos
4) Carimbados
5) Gravados.

1) Os *tipográficos* consistem numa tira, triângulo, quadrado, rectângulo ou disco de papel, onde geralmente nada mais aparece do que o nome e, às vezes, a expressão *ex-libris*.

2) *Fotográficos*, só conhecemos duas destas marcas de posse, em Portugal. Os possuidores marcavam a posse dos seus livros, colando-lhes uma fotografia (nêstes dois únicos casos, com a fotografia das suas cartas de brazão). Um, o primeiro, foi o Comendador de Cristo José António de Castro Pereira, do Pôrto, e o segundo foi João de Sá da Penha e Costa, de Lisboa.

3) Os *manuscritos*, como bem se entende, são escritos à mão, tendo o nome, e quaisquer dizeres indicativos.

Estes podem ser directamente autografados no livro, ou indirectamente, por meio de fôlha sôlta.

4) Os *carimbados*, podem ser classificados, como os *manuscritos*, em *directos* e *indirectos*, conforme se empregam directamente nas guardas dos livros ou em fôlha sôlta.

Os carimbos, quanto à sua natureza, podem ser de *metal*, *madeira*, *borracha* e *relêvo*, usando-se, nos de metal, a tinta de óleo e, nos de borracha e madeira, a tinta de glicerina.)

Quanto ao assunto, ou têm só dizeres — *simples* — ou têm desenhos — *compostos*. Os compostos podem agrupar-se em: *armoriados*, *simbólicos*, *alegóricos* e *decorativos*.

Os nomes desta sub-divisão indicam claramente qual o espírito que lhes preside.

5) Os *gravados* são os que se obtêm pela impressão duma chapa onde está aberto o desenho do *ex-libris*.

Quanto à sua natureza podemos dividir as chapas em: *metal*, *madeira*, *zincogravura*, *similigravura* e *litografia*.

Quanto ao motivo destas marcas de posse, podemos agrupá-las, exactamente como já fizemos atrás com os *carimbados compostos*, em: *armoriados*, *simbólicos*, *alegóricos* e *decorativos*. Resta acrescentar que tôda a marca de posse pode ser *geral*, *especial*, *individual* e *colectiva*.

Geral, o *ex-libris* que se emprega sem distinção em tôdas as secções duma biblioteca ou livraria.

Especial, quando se emprega numa determinada secção, como por exemplo, a *camiliana*, a *heraldica*, etc.

Individual, se é da livraria dum particular, dum só indivíduo.

Colectiva, quando duma agremiação ou colectividade, como o da *Biblioteca P. M. do Pôrto*, o da *Livraria de Alcobaça*, etc.

III

BIBLIOGRAFIA

Quanto à bibliografia, sòmente daremos a mais importante, referente aos *ex-libris* portugueses. Para a estrangeira, indicaremos, a quem porisso se interessar, a *Enciclopédia Universal Ilustrada*, que traz no artigo dedicado à expressão *ex-libris*, uma abundante bibliografia geral.

Em Portugal pouco temos. Em 1901, Joaquim de Araujo, nosso cônsul em Génova, dirigiu um *Arquivo de Ex-libris Portugueses*, editado pela livraria Sordomuti. Em 1902, Anibal Fernandes Thomaz publica *Os ex-libris portugueses — alguns subsídios para o seu catálogo*, e dois ou três anos depois, no *Portugal Artistico*, dirigido por Eduardo Sequeira, publica os *Ex-libris ornamentais portugueses*.

Mais tarde, 1915, aparece a *Revista Portuguesa de ex-libris*, dirigida pelo Conde de Castro e Solla, até ao quarto volume, e substituido depois pelo erudito academico Henrique de Campos Ferreira Lima e editada por A. J. Tavares.

Esta revista, que foi a que se agüentou mais tempo, vai publicar o sexto e último volume.

Há em Espanha a *Revista Iberica de Ex-libris*, e em França a *Bibliografie des Ex-libris*, do Conde Emile de Budan, onde veem algumas reproduções de *ex-libris* portugueses. Temos a *Bibliografia* de Manoel dos Santos, onde veem muitas marcas de posse.

Há ainda uns trabalhos de Leite de Vasconcellos, *Os ex-libris manuscritos tradicionais portugueses* e *Ex-libris, Super-libris* e *Super-libros*, publicados respectivamente, em volume, no *Boletim da Associação dos Arqueólogos*, na *Revista Lusitana* e em separata. Outro estudo sôbre *super-libris*, do Conde de Castro e Solla, publicado na revista *A Caça* e mais tarde em volume. Nesta revista, também vieram reproduzidos alguns *ex-libris*.

Além disto, há referências, notas isoladas, livros onde os autores reproduzem o seu *ex-libris*, etc. Não fazemos aqui uma exposição dessa natureza. No entanto, sôbre isso indicaremos o estudo completíssimo do académico Ferreira Lima, na *Revista Portuguesa de Ex-libris*. Anuncia-se para breve um volumezinho da *Colecção Patrícia*, dirigida por Forjaz de Sampaio, sôbre *ex-libris*.

Devemos aqui fazer referência às sociedades que no estrangeiro se têm fundado para a defesa do *ex-libris* e com o fim de promover o seu desenvolvimento.

Em França, a *Société française des collecionateurs d'ex-libris,* desde 1884.
Em Inglaterra temos nós a *Ex-libris Society,* desde 1891.
Nos Estados Unidos, a *Ex-libris Society of Washington,* desde 1896.
Na Belgica, a *Association belge des collecionateurs et dessinateurs d'Ex-libris.*
Na Alemanha, a *Ex-libris Verein.*
Na Austria, a *Oesterreichische Ex-libris Gesellschaft,* etc.
Não queremos também deixar de aludir às principais colecções. Uma das mais notáveis do mundo é a do alemão, Conde de Leiningen —Westerburg, que tem uns 17:500 exemplares, sendo curioso notar, que em tão elevado número sòmente tem uma meia dúzia de marcas de posse portuguesas.
Aqui se vê a falta, entre nós, de uma sociedade dos coleccionadores de ex-libris, que promova a sua permuta e fomente o seu desenvolvimento.
Em Portugal as melhores colecções são: a que foi do Conde de Castro e Solla, e depois de Alfredo Ramel; as de H. C. Ferreira Lima; Perry Vidal; João de Vilhena; Manuel Santos; Mathias Lima; Villanova Correia de Barros e as que foram de Anibal Fernandes Thomaz e de Adolpho Loureiro, Penha e Costa, etc.

* * *

Expediente: A fim de tornar esta secção o mais completa possível, solicitamos a quem êste assunto interessar, além de tôda e qualquer notícia que com ela se relacione — a indicação de nomes de pessoas que tenham o seu *ex-libris* inédito, e a cedência ou permuta de quaesquer exemplares de marcas de posse.
Tôda a correspondência para **esta secção,** poderá ser dirigida para Armando de Mattos — R. do Paraíso, 3 — S. João da Foz do Douro.

* * *

Já depois de entregue êste artigo, apareceu à venda o volumezinho da *Colecção Patricia,* que Forjaz de Sampaio dirige, e a que nós atrás nos referimos.
No próximo número diremos alguma coisa sôbre êsse trabalho.

Armando de Mattos.

ROTEIRO BIBLIOGRAPHICO

A SÍFILIS — SUAS MANIFESTAÇÕES TEGUMENTARES

pelo *Dr. Luís de Freitas Viegas*

Editado pela douta Faculdade de Medicina do Pôrto e gravado e impresso nas oficinas Marques Abreu, comemorando ainda o primeiro centenário da Régia Escola de Cirúrgia, apareceu à venda, não há muito tempo, um precioso volume scientífico, *A Sífilis — Suas manifestações tegumentares,* urdido por mão de Mestre e profusamente ilustrado com o mais requintado gôsto artístico.
São mais de trezentas páginas, impressas em bom papel, que o sábio professor Luís Viegas burilou em linguagem límpida e despretenciosa, com o seu saber sempre novo e claro, guiado por um admirável tacto clínico dentro de um talento forte, vigoroso e arguto, alicerçado na longa experiência da sua velha cátedra de Mestre eminente e na prática diária da sua populosa clínica de Santo António, de honrosa e nobilíssima tradição nas gerações de médicos que passaram por êste primoroso serviço de Dermatologia e Sifiligrafia, que, se dá brilho à Faculdade a que pertence, realça o Hospital da Misericórdia onde está instalado.
Traz a lume, o autor, dezasseis conferências sôbre sifiligrafia, que são outras tantas maravilhosas lições. Nelas se debate, de preferência, a dermatologia sifilítica, pela primeira vez posta em livro didactico entre nós, e é desenvolvido com grande precisão, o estudo de toda a gama de eflorescências cutâneas que, nos seus variados períodos, a lues pode ocasionar, estabelecendo-se precisa e nitidamente o diagnóstico diferencial com todas as dermatoses que podem prestar-se à confusão. Daqui ressaltam ensinamentos preciosos de modo a balisar o caminho daqueles que pretendem iniciar-se no estudo desta especialidade, aplanado com minuciosos detalhes, apetrechando e guiando, emfim, com segurança para a última finalidade — a cura das lesões.

Dr. Luis de Freitas Viegas
Ilustre Professor da Faculdade de Medicina do Pôrto

Com um cunho verdadeiramente pessoal, procurando ensinar com o fruto da sua longa experiência, firmando o seu modo de ver em observações próprias e em riquíssimos documentos iconográficos da sua vasta colecção, inéditos e regionais, o autor é ecléctico, quando tem de entrar em seára alheia, e, imparcial na crítica, procura tirar o maior efeito do movimento scientífico actual, em matéria de sifiligrafia. O autor apresenta-se com notável modéstia, que se reflecte claramente quando, ao explicar os motivos que o levaram a esta publicação, refere a sensível instabilidade dos problemas que estão postos modernamente ao redor da avariose, deixando transparecer nitidamente que não vem dizer a última palavra no assunto porque demonstra, por uma série de bem urdidas considerações, a quem atentar no momento sifilológico que passa, que se *pressente que uma reforma está iminente na concepção patogénica da sífilis.*
Mas o valor do Mestre — a sua mentalidade e a sua figura grandiosa de dermo-sifilígrafo — transparece a cada passo pelo texto fora, personaliza-se no capítulo *Da inoculação ao cancro* e segue na mais bela das orientações e no melhor dos equilíbrios para se tornar poderoso de observação naquela didáctica conferência intitulada *Segunda incubação — manifestações preroseolicas,* que só por si bastava para engrandecer o autor desta notável obra que, estamos certos, há-de ter o melhor êxito nos meios scientíficos nacionais e estrangeiros.
A parte iconográfica, recolhida no serviço do autor, é também magistralmente executada pelo dr. Pedro Vitorino Ribeiro, alma insatisfeita de artista, que tão belamente soube casar a arte com as pesadas exigências da sciência, obtendo pelas tonalidades de luz contrastes admiráveis, de uma leveza tão subtil que as figuras animam-se, traduzindo a dôr do seu sofrimento, sem, contudo, deixar que o motivo scientífico perca a mais ligeira oportunidade e não surja forte e vigoroso, impondo-se como documento indestrutível.

José Diniz.

O *LIMBO* DE PEDRO IVO

POR *FERNANDO MACEDO LOPES*

As achegas adequadas ao pleno conhecimento biographico dos bons escriptores, quando dispostas com intuitos e processos idoneos e discretos e não da fórma infima como em parte acontece com Camillo, que até na morte é desgraçado, são sempre do maior interesse e valia, quer para as respectivas epochas litterarias dos auctores quer para a criteriosa curiosidade intellectiva do paiz, pois auxiliam a reconstituição de suas idiosincrasias.

Pedro Ivo, comquanto mal lembrado, foi um notavel escriptor portuense, cujos contos, de segura execução, de encantadora leveza e naturalidade, bastariam para firmar-lhe accentuado renome. É tempo, pois, de fazer justiça ao illustre auctor do *Sello da Roda,* de libertál-o do insólito ostracismo que o victima, pois sua obra excellente dá-lhe jús sobejo ao reconhecimento da nação. N'essa tarefa postas suas canceiras, Fernando Macedo Lopes, já com o coração de filho amantissimo, já com seu delicado espirito d'escriptor, patentea-nos largamente sua biographia a par d'alguns seus interessantes inéditos.

Mas, porque o coração se avantajasse ao espirito, tal biographia não tem no seu aparelhamento o equilibrio convinhavel, padece de certas redundancias escusadas, porque não são as circumstancias e os episodios de caracter intimo os que se devem exhibir ao publico. Esqueceu-se d'isso Macedo Lopes e d'ahi veio o pormenorisar demais a vida de seu pai e de sua familia. Decerto, esta observação já a terá registado o seu judicioso espirito, que sua honrosissima piedade filial naturalmente sombreou.

Não é moldado seu trabalho na prosa trivial e incorrecta do grosso dos nossos escriptores.

Fortunosamente, ha n'ella recorte pessoal, um vinco original, bizarro, embora laivado de reminiscencias das fórmas de Fialho e Ricardo Jorge, qualidades essas já manifestas no seu interessante esboceto *O Porto*. Essa prosa, quando fôrra d'essas influencias, mais segura na syntaxe e no lexico, affirmará o estylista, pois dispõe de brilho e movimento.

É pessimo o estado da actual prosa portugueza, de tam gloriosas tradições, porque, embora possua alguns escriptores de vulto, não conta mais de dois estylistas, de dois prosadores (no sentido rigoroso da palavra), Aquilino e R. Jorge, mesmo assim não immunes do geito de desrespeitar a grammatica, o bom senso da linguagem, no dizer de Castilho, e de mascarar a lingua com gallicismos syntaticos e vocabulares, por D. Francisco Manoel já lamentados.

Assim, com regosijo apontamos esta promessa de Macedo Lopes e devéras desejamos que elle não poupe esforços para a realizar.

Hoc est in votis. CARLOS DE PASSOS.

AS FESTAS DA RAINHA SANTA EM COIMBRA — Um aspecto da procissão ao sair da igreja de Santa Cruz

AS FESTAS DA RAINHA SANTA

Coimbra e Aveiro, se não estamos em êrro, são as únicas terras do país que teem por Padroeiras santas portuguesas. Porque a virtuosa e bela Isabel de Aragão tornou-se bem portuguesa pelo consórcio, pelo coração, pelo espírito, e até por essa luminosa auréola de bondade, carinho e doçura, que em volta do seu nome teceu a mais encantadora das lendas, e que fêz de seu espôso o mais inspirado poeta dos príncipes do seu tempo, o mais fidalgo, generoso e popular dos reis que teve Portugal. E tão embebida de sonho e de beleza a Rainha possuia a alma, que foi escolher por túmulo do esplendor e do fausto mundanos um pobre mosteiro de claristas, da serafica ordem do maior poeta que houve no cristianismo, S. Francisco de Assis, e situada na terra que é um verdadeiro transunto de toda a risonha, variegada e policroma paisagem portuguesa.

É por isso que as festas da Rainha Santa são das mais notáveis que em nosso país se realizam, não só pelo brilho que atingem e pela aglomeração de forasteiros, mas pelo cunho de arte que as notabiliza, formando um admirável conjunto de magnificência e encantamento as músicas, as iluminações, os fogos de artifício, os ranchos orfeónicos, os concursos de beleza, as exposições artísticas, as maravilhosas e imponentes procissões, as vistas dos monumentos, as visitas aos museus, dos mais ricos e formosos que há em Portugal.

Êste ano essas festas excederam em brilhantismo as pretéritas, pelo menos as dos últimos anos, parecendo que a enamorada rainha do Mondego, que o manto da sua santa Padroeira cobre e protege, se sentiu alvoroçada pelo frémito de ressurgimento que perpassa na terra portuguesa, de que ela é verdadeiramente o coração.

Não está na índole desta revista pormenorizar os diferentes números que constituiram o programa das festas, que começaram no dia 8 de Julho e se prolongaram até o dia 12, evidenciando-se pela sua imponência e grandiosidade a procissão que no dia 11, domingo, saíu de Santa Cruz para Santa Clara, e que foi das mais vistosas e opulentas que se teem realizado em Coimbra. Mas para que se calcule o interêsse que as festas despertaram, basta dizer que afluiram àquela cidade, no sábado e domingo, dezenas de milhares de pessoas, enchendo-se os hoteis, as hospedarias, as pensões, as casas particulares, dormindo muitos forasteiros ao relento, no areal do rio, nos passeios, avenidas e jardins, e as casas comerciais tiveram espantoso movimento, havendo uma cervejaria que por três vezes teve de pôr os fregueses na rua e fechar as portas. Por estes dados se avalia a importância que teem as festividades religiosas, mesmo sob o ponto de vista material, para as povoações que sabem realizá-las.

Na parte gráfica, reproduzimos uma vista da procissão a que aludimos acima, e pela qual se pode fàcilmente imaginar o brilhantismo que atingiu êsse acto religioso. E, como se trata duma cidade que tanto se salienta pela sua riqueza artística e monumental, e dumas festas em que à feeria dos fogos e à harmonia das músicas e dos cantos se misturam puras manifestações de arte e de poesia, genuinamente nacionais, resolvemos reproduzir também três dos mais belos modelos da iconografia litúrgica da rainha Santa Isabel: uma elegante e formosa imagem do grande escultor Teixeira Lopes, um belo quadro de João Correia, ambos professores da Academia de Belas-Artes do Pôrto, viveiro ubérrimo de artistas portugueses; e uma preciosa iluminura feita em 1592, que representa a Rainha Santa com um pobre hábito de estamenha, cingido pelo cordão de esparto franciscano, tendo na cabeça o véo de freira e corôa de espinhos, e na mão um crucifixo.

É um dos tipos icónicos mais originais por que se tem representado a rainha Santa Isabel, e que aproveitamos duma fototipia que insere o notável trabalho de investigação histórica do nosso colaborador distintíssimo e erudito professor dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, *D. Isabel de Aragão,* obra monumental em dois volumes, publicada em 1894.

ILUMINURA FEITA NO FIM DO SÉCULO XV E EXISTENTE NO MUSEU MACHADO DE CASTRO, REPRODUZIDA DO LIVRO *D. ISABEL DE ARAGÃO,* DO PROFESSOR SR. DR. ANTÓNIO GARCIA RIBEIRO DE VASCONCELOS

RAINHA SANTA ISABEL — ESCULTURA DE TEIXEIRA LOPES

D. ISABEL DE ARAGÃO DISTRIBUINDO ESMOLAS — QUADRO DE JOÃO CORREIA,
PROFESSOR DA ANTIGA ACADEMIA DE BELAS-ARTES DO PORTO

Cliche foto. de Miguel Monteiro

CONGRESSO LITÚRGICO DE VILA REAL — A procissão desfilando na Avenida Carvalho Araújo

Cliché foto. de Miguel Monteiro

CONGRESSO LITÚRGICO DE VILA REAL — Benção do Santíssimo pelo Sr. Arcebispo de Vila Real, no pavilhão levantado na Avenida Carvalho Araújo, último número do programa do Congresso

Cliché foto. de Alberto Meira

CONGRESSO LITÚRGICO DE VILA REAL — Aspecto da secção de objectos litúrgicos da Exposição de Arte Sacra na Associação dos Bombeiros de Salvação Pública, e em que se veem casulas antigas e custódias artísticas de grande valor

Cliché foto. de Miguel Monteiro

VILA REAL — A histórica igreja do extinto convento de S. Francisco, onde se realizaram as sessões do Congresso Litúrgico

ILUSTRAÇÃO MODERNA

PUBLICAÇÃO MENSAL — EDITOR-DIRECTOR — MARQUES ABREU
1.º ANO — PORTO — AGOSTO — 1926 — NÚMERO 4
Imprensa das Oficinas de Fotogravura de Marques Abreu — Avenida Rodrigues de Freitas, 310 — PORTO

A. ROQUEMONT — Retrato da Senhora D. Maria Cristina de Faria Leite Pereira de Melo Alvim Távora e Cernache
Pertencente a seu sobrinho-neto o Sr. Conde de Campo Belo

CRÓNICA DO MÊS — JULHO

Ainda o movimento nacional.—O terceiro golpe de Estado.—O povo português.

CONTINUANDO, porque os acontecimentos ligam-se:

É fatídico aquele paço de Belém. Dir-se ia que, como no paço real de Berlim, também por lá surge de quando em quando a Dama Branca, com toda a sua irresistível *jettatura*. Foi lá a residência de D. Carlos e D. Maria Amélia quando príncipes. Lá nasceram o príncipe D. Luís Filipe e o infante D. Manuel. Lá se instalou o primeiro presidente da República, Arriaga, e mais tarde Sidónio Pais. Lá habitou, por duas vezes, o dr. Bernardino Machado...

Pois bem. D. Carlos, D. Luís Filipe e Sidónio Pais morreram assassinados. O sr. D. Manuel foi destronado. Manuel de Arriaga viu-se obrigado a resignar o seu alto cargo. O dr. Bernardino Machado desabou, de ambas as vezes, da cadeira presidencial. E mais que todos êstes sofreu sem dúvida essa extraordinária figura feminina, que os trágicos vindouros hão-de certamente aproveitar,—essa Rainha excelsa e bondosíssima que viu cair, varados a tiro, o marido e o filho primogénito, e teve, dois anos depois, de seguir o caminho do exílio, em companhia do único filho sobrevivente,—desterrado também.

¡Fatídico palácio aquele, que se ergue por trás do museu dos coches, em meio de um parque pitoresco!

O sr. Gomes da Costa, porém, não parece ser supersticioso. A prova é que se apressou a transferir a sua residência para lá, ainda antes de o sufrágio, popular ou parlamentar, ter ungido com o sacramento legal a sua ascensão à chefia do Estado. E mais uma vez a sombra espectral da Dama Branca fêz a sua aparição nocturna... O general Gomes da Costa foi, de todos os inquilinos de Belém, o que menos aqueceu aquelas paredes, e o que mais ràpidamente tombou em desgraça.

O seu govêrno—diga-se a verdade toda—foi qualquer coisa de anódino em que mal vale a pena falar, e que por forma alguma correspondeu ao que era de esperar dum ministério saído de tantas e profundas convulsões políticas.

Foi bem o ratinho originado no parto laborioso de uma montanha convulsionada por gigantesco terramoto. Eça de Queiroz comparava certo inofensivo indivíduo a um quisto sebáceo: se não existisse, não faria falta; existindo, não prejudica.

Pois o govêrno Gomes da Costa foi isso: um lobinho, se descontarmos um certo número de decretos risíveis e a mais draconiana lei de imprensa que tem visto a luz do dia. Na antiga monarquia havia os *ministérios de encher,* quási sempre presididos pelo duque de Ávila e Bolama. Pois o govêrno Gomes da Costa mereceria bem êsse nome, se fôsse admissível que um movimento nacional—ou como tal crismado—pudesse terminar num govêrno de pura estagnação.

Há rios assim, que descem alterosamente das cumeadas, precipitando-se com fragor de cachoeira em cachoeira, para, chegados à planície, adormecerem em lago ou se sumirem na areia.

Mas os promotores do 28 de Maio viram o perigo. Já não ia pouco tempo perdido desde a madrugada em que no coração do Minho se erguera o grito de revolta. Perder mais era o irremediável suicídio. Desalentados, mas aquecendo-lhes ainda a alma um clarão de esperança, lançaram olhares ansiosos em volta de si, procurando um chefe. E êsse chefe surgiu na pessoa do general Carmona, nervosa e simpática figura de militar.

E tivemos de assistir a mais um golpe de Estado. Acedendo às solicitações insistentes do exército, o general Carmona, copiando fielmente o gesto anterior do seu colega Gomes da Costa, foi acolher-se a Sacavem, e de lá intimou o chefe de Estado a entregar-lhe o poder. Tentou êste resistir, mas, visitando os quarteis da guarnição, reconheceu que não podia contar com um auxílio eficaz. Em vista do que, teve de deixar-se prender, internar a bordo de um vaso de guerra e seguir dentro de dias para o exílio. Tinha passado menos de um mês sôbre a tarde radiosa em que entrara ovante em Lisboa, aclamado pelas tropas e pelas turbas. Tão certo é que a quinta-feira de Paixão se encontra a pouca distância do domingo de Ramos.

¿E o corpo diplomático? Desta feita o general Gomes da Costa recusava-se tenazmente a transmitir os seus poderes ao general Carmona. Ainda ao levantar ferro declarava aos jornalistas que era o chefe de Estado quem se ia embora, levando agasalhado no «dolman» o diploma que o investira nessas funções. O caso agora era mais bicudo. Mas os representantes das nações, depois de matutarem um instante, entenderam que a vontade de um exército vale bem um artigo da Constituição,—e não puseram dúvidas em reconhecer o novo govêrno.

É que, apesar de tudo quanto digam os jurisconsultos, não há melhor Direito que o resultante da realidade dos factos...

* * *

A queda do general Gomes da Costa deu em terra com as esperanças dos seus mais fervorosos asseclas, quási totalmente recrutados nos monárquicos integralistas e nos republicanos radicais,—mistura hibridíssima que mal se compreende. Compensando, os republicanos do centro vibraram de contentamento, algo marcado apenas pelo facto de terem entrado para o novo ministério o general Sinel de Cordes e o comandante João Belo, ambos tidos e havidos por monárquicos. Mas êste último oficial, apenas tomou posse da sua pasta, apressou-se a declarar aos jornalistas que acabava de jurar defender a República, e êsse juramento dizia tudo. E quem conhece a alma de verdadeiro português antigo que se alberga naquele corpo de marinheiro, curtido por trinta anos de África, sabe que êle é incapaz de faltar ao seu juramento.

Quanto ao general Sinel de Cordes, aproveitou um banquete na Curia para fazer a sua profissão de fé republicana. E os defensores do regimen,

soltando um fundo suspiro de alívio, enterraram definitivamente os seus receios de que a restauração monárquica viesse a ser o último termo desta série de acontecimentos políticos a que se chamou «movimento nacional».

* * *

¿E tratar-se há, na verdade, de um movimento nacional?

Eu suponho que não. Foi, é certo, um grande movimento, um movimento quási geral do exército. Mas a nação, embora êle agradasse à sua grande maioria, não tomou parte nêle. Apesar da violenta sacudidela, o povo ainda não acordou. Ou, se está desperto, importa-se pouco com as perturbações políticas. Contanto que tenha uma sardinha para comer, um copo de vinho para a regar, e uma guitarra com que possa, nas horas vagas, acompanhar as cantigas que a sua alma amorosa e fatalista lhe repuxa aos lábios, vive feliz, e dificilmente saberá, num dado momento, quem é o homem que sustenta nas mãos as rédeas da pública governação. Não perde o sono, nem se lhe aguça a curiosidade, com o advento de uma nova revolução. «Lá se avenham!» é a sua frase, filha de um provérbio popular que já passou a axioma: «Tão bons são uns como os outros.» O essencial é que não faltem as romarias. São essas, mesmo, nêste país de datas históricas, as únicas datas que o povo conhece.

Dois dias depois do *grito* de Braga, foi a romaria do Senhor da Pedra. Dizia-se, na manhã dêsse domingo, que ia travar-se na Trofa uma batalha sangrenta. Todavia a Comp. Portuguesa vendeu 30:000 bilhetes de passagem para a festa, e a estrada encheu-se de automóveis e de peões...

No vasto pinheiral convizinho da capela, tudo folgava, tudo ria, tudo cantava. ¿Iam bater-se os revoltosos com as tropas leais? Isso era lá com êles. Quem as arma, que as desarme, — e a vida são dois dias...

CAMPOS MONTEIRO.

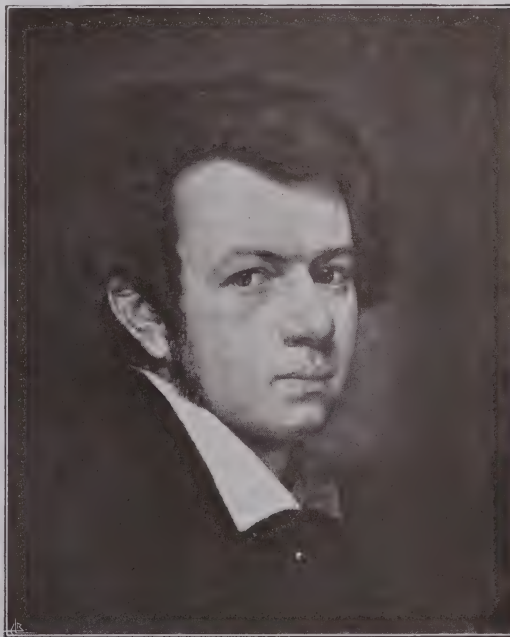
«O PINTOR ROQUEMONT» (1)

EXCERPTO DO LIVRO COM AQUELE TÍTULO, A PUBLICAR PELAS OFICINAS DA CASA EDITORA DE MARQUES ABREU.

....

COMO se vê, Augusto Roquemont passa em Portugal quási metade da sua vida, permanecendo com maior demora em Guimarães e Pôrto. É nesta cidade que definitivamente se fixa, desde o seu regresso de Lisboa em 1847. A sua pátria adoptiva é Portugal. O seu talento, de primeira plana, é entre nós que adquire a maturação completa. Quási sempre, a pintura de Roquemont faz-se sôbre figuras e assuntos portugueses. Traz da Itália uma opulentíssima educação artística, mas é em Portugal que o pintor atinge a plenitude, o relêvo, a originalidade que o sagraram mestre.

São muitos os retratos que pintou entre nós, dos quais ainda conservamos alguns do melhor estilo e dum vigor admirável; singularmente belos os seus quadros de género. Também, a princípio, executou miniaturas encantadoras, na maior parte perdidas. Felizmente ficaram-nos do artista numerosos desenhos, que atestam a sua grande perícia, pois em Roquemont o desenhador é insuperável.

Por onde passa, onde se demora algum tempo, os seus pincéis não descansam. A própria paisagem já então lhe merece uma ou outra vez atenção. O Museu Municipal do Pôrto possui um trecho do rio Douro, de-certo executado quando o pintor, em Julho de 1830, abalou para a Régoa. É uma telazinha flagrante de verdade, para quem não desconheça os aspectos grandiosos dessa região alpestre, desnuda e erma. Angustiado entre as

A. ROQUEMONT — AUTO-RETRATO EXECUTADO EM GUIMARÃES POUCO DEPOIS DA VINDA DO ARTISTA PARA PORTUGAL
Pertence ao Museu Municipal do Pôrto

(1) Augusto Roquemont nasceu em Genebra (Suíça) em 1804. Veio para Portugal em 1828, falecendo no Pôrto em 1852.

A. ROQUEMONT—AUTO-RETRATO DO ARTISTA, AOS 40 ANOS

rochas e os montes, o rio, tão caudaloso e bravo no inverno, é pobre e quási estagnado pelo estio escaldante. Tudo ali é tisnado, ressequido, dum tom barrento e triste... Singular artista, de aptidões tão complexas, e em todos os trabalhos dum relêvo e dum talento excepcionais.

Os seus retratos avultam pela verdade e pela vida. É um colorista quási sempre de tons quentes, mas escuros, em que a nota estridente, se aparece, faz apenas um contraste delicioso com a tonalidade dominante. Nos quadros de género, a óleo, nas scenas de costumes portugueses, há impressões palpitantes, que, vistas uma vez, não se esquecem. Nêsses quadros, hoje raríssimos entre nós, como em certos retratos, Roquemont, embora educado na Itália, afirma-se um pintor cujo temperamento se aproxima de certos mestres neerlandeses, sem que a sua originalidade, contudo, jámais se prejudique. Não há na sua obra aliciante maneirismos ou artifícios que perturbem a nobreza do artista, que à sinceridade e realidade palpitante sabe aliançar o encanto dum estilo inconfundível. E é sempre português. Ficou nosso, autênticamente nosso. Bem orgulhosamente o temos de incluir na galeria mais bela dos pintores nacionais. A propósito do quadro *O folar,* escreve Garrett, em 1843:

«O sr. Roquemont, artista distinto cujo principal carácter e merecimento é a verdade, por uma longa residência no Minho é que se fêz português, *artista português legítimo,* como oxalá que sempre sejam todos os nossos naturais.»

O itálico é nosso. Não há, com efeito, atestado algum que possa valer o dêsse autor excelso de *Frei Luís de Sousa* para tudo o que seja aquilatar o valor português das obras...

A par do artista, o homem é encantador. Educação primorosa, feitio acolhedor e simples, uma cultura vasta. No seu *atelier* do Corpo da Guarda (onde continuaram a trabalhar depois da sua morte os irmãos Correias, João e Guilherme) os modelos «poisam» sem o menor enfado. Roquemont é um *charmeur.* Fala-lhes de mil coisas, segundo a qualidade e predilecções do modêlo; e, quando o surpreende na melhor atitude, mais artística e fiel, esboça ràpidamente o desenho inicial, em que a figura é colhida numa expressão flagrante. É a primeira sessão. Êsse esbôço é sempre uma maravilha.

O seu espírito é tão culto e formoso, a nota crítica é tão sagaz e justa, que Raczynski o escuta sempre atentamente. Na Sexta Carta, referindo-se à exposição artística de 1843, em Lisboa, escreve o ilustre diplomata:—«*M. Roquemont, suisse de naissance, a exposé plusieurs portraits remarquablement ressemblans, bien touchés, bien dessinés.*

«*M. Roquemont est un peintre consciencieux, sans orgueilleuse prétention, intelligent, coloriste vrai. Il est doué à un très haut degré du sentiment des arts et il en juge à merveille.*» O mesmo afirma no *Dicionário* o famoso crítico alemão.

Na Sétima Carta, diz-nos ainda:—«*Frey Carlos mérite ici une mention particulière. Ce peintre, à ce que m'assure M. Roquemont, n'est pas sans mérite.*» E mais abaixo:—«*Voici ce que j'ai appris de M. Roquemont, qui est doué d'un sentiment des arts on ne saurait plus éclairé et plus intime.*»

Além de outras referências, Raczynski publica uma versão e uma comunicação de Roquemont datada de 1844, acêrca de Arquitectura, e tem afirmações a respeito de alguns trabalhos do insigne artista, que trasladaremos a seu tempo. Roquemont traduz ainda para francês, a pedido do crítico, dois manuscritos inéditos do nosso Francisco de Holanda, publicados também no volume *Les Arts en Portugal.* Afigura-se-nos conveniente a transcrição dos dizeres de Raczynski, analista sereno, cujas opiniões trazem inalteràvelmente um cunho de sinceridade pouco atreita a eufemismos e lisonjas.

Em volta de artista tão insinuante e ilustre, cuja alma nobre e cândida como que se lhe exala do retrato, reunem-se vários pintores do Pôrto, ainda moços, a quem êle auxilia carinhosamente, sendo patente sôbre alguns a benéfica influência de tão amável mestre. Lembram-nos, entre outros, João António Correia, e depois Francisco José

Rezende, António José de Sousa Azevedo e Caetano Moreira da Costa Lima. Muitas casas ilustres recebem-no com afecto; tôdas as pessoas de gôsto teem por êle uma predilecção especial. Ao brilho da inteligência e ao fino conceito estético, Roquemont junta ainda um carácter sem mácula. Filho de príncipe, não alardeia os pergaminhos nem a estirpe: vive do seu trabalho honesto, da sua arte admirável. Os seus pergaminhos são êsses, os seus trabalhos — e não os há mais belos. São êles que exaltam a sua memória, a par da sua bondade e da sua virtude. O resto vai de-pressa levado na onda turva da vida, como fôlhas sêcas que os redemoínhos arrastam para a dispersão e para o esquecimento... Quem iria hoje exumá-lo ao abandôno e ao silêncio do seu encêrro do Prado do Repouso, se não fôra a sua Arte, aureolada ainda pelos reflexos duma alma gentilíssima!

Todos os que se lhe aproximam o estimam. Na morte do artista, os jornais do tempo, a quem a política sobretudo interessa, parcos em noticiário de outra ordem, sóbrios em adjectivos — todos se lhe referem com o respeito devido ao seu grande talento e ao seu coração de oiro. E' um côro unísono de admiração e de eternecida saùdade. O *Periódico dos Pobres* diz-nos «que possuía as melhores qualidades sociais, e que em tôda a parte havia sempre ganhado a amizade das famílias mais qualificadas. Era dotado — continua — duma modéstia e candura que faziam realçar muito os seus méritos. Era uma alma pura e virtuosa.» O *Brás Tisana* põe igualmente em relêvo os seus raros dotes de talento e de carácter. O *Nacional* escreve: «Temos a lamentar a morte dum grande artista! M. Roquemont, o melhor e o mais aprimorado pintor retratista do Pôrto, morreu esta manhã, pela volta das cinco horas. Ainda ontem trabalhou na sua oficina! Parece que se queixara de ter muito frio, que se aproximara do fogão, que tinha aceso, e, depois que se retirara de ao pé do fogo, sentira outra vez muito frio, em seguida uma dôr forte, e depois a morte.

A. ROQUEMONT — RETRATO DE ANTÓNIO DE SOUZA CANAVARRO, DEPUTADO POR TRÁS-OS-MONTES ÁS CONSTITUINTES DE 1820

Pertence ao Sr. Alvaro de Miranda

A. ROQUEMONT — MISSA NA ALDEIA

Pertence ao Sr. Luis de Vasconcelos Pôrto

«Todos hão-de sentir a falta de tão eximio artista e consumado cavalheiro.»

O poeta tolentiniano Faustino Xavier de Novais, tão simpático como desventurado, publica em *O Portugal* o seguinte soneto, tarjado de negro:

A. ROQUEMONT RETRATO A LÁPIS
Pertence ao Sr. Luis de Vasconcelos Pôrto

Á MORTE DO EXÍMIO PINTOR AUGUSTO ROQUEMONT

Mais um génio sublime, e portentoso,
Ao mundo foge envolto em negro manto;
Mais uma vez excita amargo pranto
Da morte um golpe horrendo e sanguinoso.

Excelso Roquemont! O fado iroso
Quis aos homens causar assombro e espanto;
Mostrou que torna iguais, pois pode tanto,
O sábio, o rude, o infame e o virtuoso!

Só resta da saüdade a atroz crueza;
Mas teu mago pincel, que sàbiamente
Foi fido imitador da Natureza,

Nos traços que deixou diz vivamente
Que, se à terra não tens tua alma presa,
Teu nome há-de existir eternamente.

Uma peripneumonia prostra quási repentinamente o eminente artista. Do *atelier* vai muito mal para casa, na Batalha. Na noite de 24 de Janeiro divulga-se no teatro de S. João o seu gravíssimo estado. «Todos tomavam pelo Artista grande interêsse; de todos era estimado pela sua probidade, modéstia e cortesania.» Vários amigos correm à sua morada, abandonando em meio a ópera que se cantava — a dulçorosa *Beatriz de Tenda*. O médico assistente, dr. António Fortunato da Cruz, perde tôdas as esperanças de o salvar. Roquemont conhece o seu estado: quer fazer testamento. Por volta da meia noite confessa-se, é sacramentado, e pelas cinco horas da manhã o grande artista expira — «indo a sua alma para a mansão dos justos, porque Roquemont teria como homem alguns pecados, crimes não!»

O seu testamento é encantador — como que espelha a doçura enternecida da sua alma. Êle, que tanto jornadeara, não quer partir agora sem deixar uma lembrança a crianças com quem brincava, à sua velha serva, aos amigos mais íntimos... Um doloroso adeus de quem não volta mais!... Todos os jornais o publicam. Dá-lo hemos em nota.

Sempre adorável e simples, pede que o seu entêrro seja no Prado do Repouso — sem convites, sem aparato algum, com um responso apenas. Apesar disso, quantos amigos não correm comovidamente ao cemitério! E são alguns dêsses que lhe erigem o mausoléu onde descansa, elegante e modesto como êle, onde durante muitos anos se esfolham flores votivas, e para o qual o seu dedicado Alexandre Grant, professor e humanista de nomeada, escreveu esta legenda expressiva e verídica: — «PULCHRA, VERA, BONA EXPLICUIT COLORIBUS, SERMONE, VITA.»

. . . .

Júlio Brandão.

COLECÇÕES ARTÍSTICAS

Nos primeiros números desta revista, reproduzimos algumas das obras de arte que enriquecem a valiosa colecção do nosso ilustre amigo, Sr. Dr. Leopoldo Mourão. Em números sucessivos, tornaremos conhecidas dos nossos leitores algumas das melhores preciosidades reunidas por outros apaixonados coleccionadores, em cuja alma viceja e frutifica a flor da beleza e do ideal, e os quais devem considerar-se verdadeiros Mecenas dos nossos pintores e escultores.

Será uma pura e religiosa peregrinação de arte, feita por três devotados amigos da *Ilustração Moderna:* Cândido da Cunha, o amorável, inspirado e emocionante criador e fixador dos poentes doirados e dos crepusculos nostálgicos, o doce e enamorado pintor da Saüdade, cuja paleta parece surpreender, reproduzir e imortalizar na tela qualquer coisa dessa glória fugidia que fêz a riqueza e o esplendor de Portugal; Porfírio de Abreu, um novo de talento, amigo e admirador de Cândido da Cunha e já um artista de largos recursos; J. Monteiro, proprietário da Fotografia Moderna, exímio cultor dessa delicada arte fotográfica, muitas vezes inglória, mal compreendida por alguns, mas para que são precisos peculiares predicados de bom-gôsto, uma nítida compreensão do que é belo e conhecimentos técnicos nem sempre fáceis de adquirir, mas que não faltam no nosso distinto colaborador.

Da devoção e carinho com que é feita essa romagem artística falarão eloqüentemente os primorosos clichés que a *Ilustração Moderna* irá inserindo pouco a pouco, e alguns dos quais já reproduzimos com a possível fidelidade.

Aproveitamos o ensejo para testemunhar o nosso reconhecimento muito sincero, pela forma carinhosa e cativante como teem acolhido aqueles nossos distintos amigos, aos possuidores das Galerias de Arte já visitadas, os Ex.mos Srs. Dr. Leopoldo Mourão, Conde de Campo Belo, Dr. Jacinto de Magalhães, Dr. Couto Soares, Dr. Vasco Rebelo Valente, Honório de Lima e Luís de Vasconcelos Pôrto.

Outras galerias serão posteriormente percorridas, pois que julgamos uma obra benemérita patentear aos olhos dos apreciadores e entendidos algumas das mais formosas jóias do ignorado tesouro artístico português.

A. ROQUEMONT — A PROCISSÃO

Pertence ao Sr. Luís de Vasconcelos Pôrto

NUN'ÁLVARES

No poema do nosso maior poeta vivo, António Correia de Oliveira, inspirado pela sobrenatural figura de Nun'álvares—que também ditou ao genial poeta dos *Simples,* aqueles famosos tercetos, dos mais belos da Poesia portuguesa —no seu quadro denominado «Á despedida da terra», lê-se assim:

Côro, enchendo o mar e a terra, longamente
como uma profecia de desgraça e redenção

Capitão de Aljubarrota
Tornarás, inda algum dia...

Nêste admirável conceito encerra-se, em luminosa síntese, a maior razão de ser, o mais alto significado da festa, a que nos associamos.

Com efeito, creio bem que todos nós, nesta solene e comovida comemoração, mais pensamos no *futuro* do que no *passado.* ¿Não é verdade que ao proferir o nome bemdito de Nun'álvares julgamos ouvir não só as distantes fanfarras triunfais das lusitanas glórias, mas ainda e sobretudo, o vôo dulcíssimo da esperança duma próxima ressurreição?

É certo que a meditada contemplação da sua vida faz vibrar profundamente em nós o sentimento da Pátria: evoca, num scenário de epopeia, tudo o que amamos, tudo o que nos torna justamente orgulhosos como nação, que em seu privilegiado e fecundo seio gerou o mais belo exemplo de união do heroismo com a santidade que a espécie humana produziu.

Santo e soldado, impelido pela mão de Deus, enche um século, prepara o seu país, a quem liberta, para marcar indelevelmente o seu logar primacial na história da civilização, que nos deve uma das suas maiores conquistas.

Perpassa como o agente máximo duma obra de justiça e de liberdade: a seu lado caminha a vitória, a terra canta sob a impressão fulgurante de seus passos vencedores. Seguindo sua maravilhosa carreira, julgamo-nos arrebatados num sonho de oiro; e todavia, é bem a história, a história mais bela que a lenda em que o guerreiro monge se eleva, flor de renúncia, vencedor da ideia, do mundo, da morte, calcando as nuvens, subindo até ao seio de Deus.

Sim: é a história, porque é a glória, a poesia militar do velho Portugal, um desfilar de heróicas recordações que com êle passam, desembainhada e luzindo ao sol da vitória a espada, que o alfageme corregera com amorosa solicitude, o estandarte desfraldado ao vento, ovante, onipotente, invencível.

Cliché de Camilo de Macedo

NUN'ÁLVARES — «TRÍPTICO» — Baixo-relêvo de TEIXEIRA LOPES

Contudo não é êste o segrêdo da emoção que nos toma nesta hora sagrada e decisiva. Não. O Condestabre aparece-nos com uma dupla missão, com uma dupla auréola traçada pelo dedo inflamado de Deus: duas vezes libertador do seu país. Libertador de ontem, será ainda o libertador de amanhã contra os *inimigos de dentro* que tentam perverter, envenenar, trair a alma nacional, de que é a mais pura consubstanciação: e a sua missão de agora não será nem menos bela, nem menos sobrenatural que a primeira.

No século XIV salvou Portugal pela sua espada: hoje salvá-lo há pelo seu *programa,* pelo seu *espírito,* espada mais terrível que aquela, aço temperado no próprio coração de Deus.

¿Qual o seu *espírito?* ¿Qual o seu *programa?* Vamos vê-lo, pondo em relêvo alguns traços e lições da sua vida, útil e bela como nenhuma outra, tão bela e útil que apresentando-se a tôdas as inteligências e consciências o problema da criação dum ideal nacional, êste não pode ser outro senão o estupendo e gentilíssimo espírito que venceu, ouvindo as vozes do Céu, encarnando a grande alma mística e heróica da Raça.

São raras as figuras cuja grandeza abarca as mais opostas épocas. Nun'álvares é uma dessas, em cujo amor se podem unir por certo todos os portugueses, sob as correntes mais diversas que os conduzam ou desvairem, ao fragor das doutrinas mais antagónicas.

Nos momentos de crise, quando as desventuras avivam o nosso amor pátrio, essa figura sublime enche o horizonte todo, mostrando-nos debaixo do hábito roto de carmelita, aquele mesmo arnês que êle mostrou no convento ao espanhol extático.

Nun'álvares é pois de todos os tempos e de todos: no entretanto podemos afirmar que a sua grandeza e eterna juventude, veem de que a sua obra se realizou fielmente, integralmente, à

Cliché da Foto. Moderna

NUN'ÁLVARES — «O GUERREIRO» — Baixo relêvo de TEIXEIRA LOPES

luz das duas verdades eternas: a PÁTRIA e a IGREJA.

É a lição de Valverde, página incomparável da nossa história, que devíamos ler de joelhos, como se recita uma prece. O ataque dos castelhanos era medonho, formidável, e no ânimo esforçado dos portugueses começava a surgir o receio de um inevitável desastre.

Cliché da Foto. Moderna

NUN'ÁLVARES — «O VOTO» — Baixo-relêvo de TEIXEIRA LOPES

Chamaram por Nun'álvares e êste não aparecia. Procuraram-no com sôfrega ansiedade e não o encontraram. ¿Onde estaria a única esperança de salvação? Passam-se instantes de dôr e de quási agonia. Até que fim: ei-lo que surge.

¿Mas como? De joelhos, entre dois penedos, mãos erguidas, resava. Falava com Deus numa ascensão de santo, num verdadeiro êxtasis. Deus nessa hora assegurava-lhe a vitória, que remataria num verdadeiro e incontestável milagre.

Interrogado respondeu serenamente, com a firmeza dum vidente: — «*Ainda não é tempo, amigos.*» — Mas, pouco depois, de ímpeto, põe-se de pé, aponta para a bandeira do mestre de Santiago e todos guiados por êsse sedutor espírito e pelo estandarte, em que o céu e a terra se abraçam em comunhão estreita, levam diante de si milagrosamente o inimigo e mais uma vez triunfam o heroismo e a fé dos portugueses — a Pátria e a Igreja, fontes, de sempre, do valor da Raça, que fixaram definitivamente a nossa *vocação histórica*.

Anos volvidos — ainda lições da sua vida — vamos encontrar o vencedor de tantos e épicos combates, recolhido, no convento do Carmo, onde professara no dia da Virgem.

Despojara-se dos seus bens; só desejava, finda a sua missão na terra, entregar-se totalmente a Deus. A sua caridade não conhecia limites e desconhecia canceiras e fadigas: os pobres eram os seus novos companheiros de armas, no dizer encantador de Oliveira Martins.

Se foi heróico no *mundo*, não o foi menos agora renunciando a tudo o que a vaidade dos homens acumulara para o tentar e seduzir.

Morreu como vivera, como um santo, com a consciência do dever cumprido, abraçado a um crucifixo, sob o olhar embaciado pelas lágrimas do seu régio amigo, em cuja cabeça pusera uma corôa. Morria assistido ainda pela Pátria e pela Igreja.

E depois dêle, em seu seguimento e escola, os mais altos momentos da vida nacional são divina conjugação daquelas verdades eternas.

Toda a história das nossas navegações e descobertas se pode resumir no seu significado, na resposta do Infante, a quem devemos uma segunda Pátria. «¿Porque me não dás Ceuta? — preguntou o mouro a D. Henrique.» — «Porque é de Deus, e não minha.» — ¿Não estará nesta frase sublime de fé, a vocação nacional, o fundo sentido da nossa história?

Isto traduz o mesmo princípio que Joana d'Arc — que tanto se pode aproximar de Nun'álvares — atestara afirmando que estava ao serviço de Cristo antes de estar ao de Carlos VII — princípio que parece esquecido por esta Pátria desgraçada, a quem ameaça o castigo das nações que caem na apostasia, infiéis à sua vocação.

Deus depois de as ter criado, faz viver as sociedades, governa-as, envia-lhes as riquezas ou a pobreza, a vitória ou a derrota, as bênçãos e os castigos. A Escritura não é, na sua parte histórica, senão a magnífica afirmação desta soberania e desta providência divinas sôbre todos os impérios.

E visto que os povos dependem assim do Criador, devem como tais reconhecer a sua autoridade.

Não basta que os membros duma sociedade, individualmente, sejam piedosos: devem unir-se para render a Deus um culto público, social, nacional, para lhe cantar depois dos seus triunfos um Te-Deum público, social, nacional; para bater nos peitos depois das faltas um mea culpa público, social, nacional. Uma sociedade em que não há prece, não cumpre o seu dever: um povo que crê, que ora, é um povo que se salva.

Cliché da Foto. Moderna

NUN'ÁLVARES — «A MORTE» — Baixo-relêvo de TEIXEIRA LOPES

Cliché da Fotografia Moderna

Similigravura dos Ateliers Marques Abreu

NUN'ÁLVARES — "A VISÃO,,

Baixo-relêvo de TEIXEIRA LOPES

NUN'ÁLVARES — QUADRO DE LUCIANO FREIRE

Á luz destas lições, que devemos fixar carinhosamente, vêmos que é mais do que uma crise política a que Portugal atravessa. É mais fundo o mal: uma anarquia intelectual, moral e social, que envilece e arruina esta Pátria, cuja voz sagrada tem quási sempre sido abafada pela voz discordante e perigosa das paixões partidárias. Toda a questão está em procurar uma fôrça capaz de combater eficazmente essa anarquia e que seja o primeiro elemento de reconstrução nacional, que só não julgam necessária os que, ansiosos do poder, desejam não uma *solução nacional,* mas um regresso a honras e prebendas tantas vezes immerecidas.

¿Qual a obra necessária? O que nos pode reconstruir não é um govêrno, *mas uma doutrina.* Portugal é, como Veuillot dizia para a França de 1850, um doente que precisa de voltar a respirar o ar pátrio: e o ar pátrio é o *catolicismo,* a mais forte tradição portuguesa, parte integrante da alma ancestral.

A habilidade feliz ou funesta dos homens políticos pode dar-lhe governos; só o catolicismo poderá refazer-lhe uma consciência.

E volvidos séculos, nesta hora, aquelas *mãos erguidas* de Valverde aparecem-nos como as mais eficazes e salvadoras. Ainda há pouco a Europa inteira para se salvar teve de recorrer a êsses dois sentimentos eternos — o patriótico e o religioso. — A Pátria e a Igreja: a única fôrça que se levantou contra a revolução e que é *maior esperança de salvação nacional.*

Hoje como ontem, ontem como amanhã.

A eterna mocidade e grandeza do espírito de Nun'álvares, é que precisamos de ressuscitar, de invocar. Intimemo-lo a que volte. E êle voltará se o invocarmos com fé.

É certo que não mais veremos seu rosto envolvido em místicos arroubos ou nimbado pela glória: não mais veremos brilhar seu arnês e a sua espada cuja cruz Froilão Dias tão devota e adivinhadoramente beijou.

É uma ressurreição moral que no-lo trará: é nos nossos corações que êle reviverá, é pelas nossas mãos que êle há-de actuar.

Em nome da Pátria, Santo e Soldado, ordenamos-te que voltes indomável e invencível, a auxiliar-nos na rija luta em que, contra os inimigos da Igreja, e portanto da Pátria, andamos empenhados nesta querela justa, como dizia Fernão Lopes, que com tanto amor tratou do leal amigo de D. João I: que venhas dizer-nos aquelas palavras de coragem, de esperança que tornavam heróis os teus soldados: que faças com que todos os portugueses sintam a tua obra, a tua divisa, o teu programa eterno, fundado no amor pátrio e na fé católica que, erecta e divina, coluna da verdade tem renovado a face da terra. *Pátria e Igreja...*

¡O seu programa, a sua obra, a sua divisa!... Continuemos a manifestá-las.

Logo depois do seu passamento, de que foi o tipo culminante da energia da nossa raça idealista e heróica, à sua sepultura o povo ia rezar com devoção, com ânsia: traziam de lá, consigo, pedaços de terra como amuletos. De lá voltavam os mudos com fala, os cegos com vista. Daí os paralíticos levantavam-se, andando.

Até mortos ressuscitaram.

Vamos nós em piedosa romagem até lá, onde se ouve a sua voz que fêz estremecer a Espanha inteira: trágica mas bemfazeja, formidável como um anátema, mas cariciosa como um penhor de vida e de esperança.

Ouvi. Tu, quem quer que sejas, a quem os respeitos humanos e egoistas ambições obrigam a calar a voz imperiosa da consciência, entra em ti mesmo, córa da tua cobardia: ora, a ver se num estupendo milagre a fala te volta já que te não comovem as impiedades e apostasia de cada hora.

¿Fechas os olhos para não veres o teu dever, a tua missão, de enredado que estás num mar de conveniências e oportunismos? ¿Cruzaste os braços? ¿Assistes como espectador à tragédia da tua pátria agonizante?

Não sei que nome dar-te. Levanta-te e caminha que a pátria precisa do teu esfôrço e da tua fé: precisa de homens honrados e não há melhor escola da honra que a de Deus; precisa de moralidade na sua administração e em todos os actos do poder e não há lei que mais obrigue que a do Decálogo: precisa de dignidade e decôro nos seus processos políticos e não há melhor lição cívica que a do Evangelho; precisa de ideais nas suas escolas e universidades e não o há maior que o ideal cristão, êsse famoso *par de asas* de que nos fala o insuspeito Taine; precisa de resolver o conflito entre o capital e o trabalho e cada vez mais a experiência dolorosa dos homens, que vêem claro à luz da lição da Rússia, agonizante na fome e no sangue, afirma a verdade da equação a que Brunetiere chamou fundamental: a questão social é uma questão moral: a questão moral é uma questão religiosa: logo toda a questão social é uma questão religiosa.

Pátria e Igreja: sempre as duas verdades eternas que formando o passado, condicionam o futuro.

Com Nun'álvares aprenderemos ainda que é necessário conhecer desde moços a missão que Deus nos destinou e prepararmo-nos para ela pelos três meios que a J. C. aponta no seu programa: estudo, piedade, acção; — que essa missão temos de cumpri-la a despeito de tudo, em novos como em velhos, na alegria como na tristeza, na prosperidade como na desgraça; — que nunca devemos separar nada da nossa fé; que a tradição é o que há de mais profundo na nossa alma e que renunciar a ela, é cometer um crime e uma loucura.

¡E quantas belas coisas mais nos diria! Mas ei-lo que emudece. Perturba-o uma visão triste, dolorosíssima que também vêmos surgir. É a alma da Pátria, que os seus próprios filhos escravisaram, traíram, desfigurando-a, transformando-a dum arrebol de glórias e de virtudes, num pântano de opróbios e de misérias morais. Envenenaram-na: rasgaram-lhe a história, enodoaram-na do sangue de crimes nefandos; a sua bondade tentam fazê-la desaparecer sob uma sementeira de ódios; querem arrancar-lhe a fé, prostitui-la num paganismo insolente, envilecê-la numa apostasia maldita.

Mas essa Pátria queixa-se também de nós. Que inúmeras são também as culpas da nossa inacção.

Mas tudo vai mudar. Nun'álvares, passada a comoção primeira, erguer-se há, de novo nos apontará o caminho e mais uma vez triunfarão a fé e o esfôrço lusitano. E a Pátria será libertada mais uma vez. A dupla missão de Nun'álvares!

Pátria e Igreja—Ouçamos o côro:

Capitão de Aljubarrota
Tornarás inda algum dia...

E antes do combate, em que aqui juntos juremos firmemente entrar, oremos como êle e digamos piedosamente:

«Nun'álvares, santo e soldado, homem da Pátria e homem de Deus, nós te invocamos confiadamente, no meio das amarguras, temores e incertezas que nos cercam.

«Só o teu espírito, vivificando nossas almas, enrijecendo nossas coragens, enchendo-nos de devoção patriótica e de fé, poderá salvar-nos nesta hora decisiva que soou para a nação portuguesa, desviada da sua vocação histórica.

«A tua vida e obra ensinam-nos que o amor da Pátria e o amor de Deus se não podem separar, quando se trata da autonomia, honra e progresso de Portugal; que se o esfôrço dos homens é necessário, nada vale, contudo se o não inspiram e o orientam as luzes sobrenaturais; que não há obstáculos invencíveis, nem inimigos temerosos para quem tem dentro de si a fé viva que transporta montanhas: que a nossa piedade tem de ser activa, traduzindo-se em ardor combativo contra todos os inimigos, tanto internos como externos, da alma nacional.

«Nós te evocamos, Santo Condestabre, em Aljubarrota onde nos mostras que um português em cujo peito arde a chama do amor divino, defende, como ninguém, em feitos épicos, a independência de sua Pátria.

«Nós te evocamos em Valverde esperando entre preces a hora esplendida da vitória.

«Nós te evocamos quando, finda a tua missão histórica, te recolheste, piedoso Frei Nuno de Santa Maria, ao convento do Carmo em Lisboa, dando-nos os exemplos das mais excelsas virtudes cristãs e fazendo dos humildes e dos pobres os teus novos companheiros de armas.

«Nós te evocamos, quando na hora extrema, num miserável catre, sob as lágrimas do Mestre de Aviz, nos ensinas como se parte para a vida eterna, adormecendo piedosamente no seio de Deus.

«Como católicos e como portugueses te pedimos que em nossas almas e corações insufles o amor da Pátria e o amor de Deus em que te abrasaste; que faças de nós os artífices do ressurgimento pátrio e da reconstituição nacional numa gloriosa cruzada redentora, em que tem de associar-se, triunfalmente, a heroicidade patriótica e as bençãos do Céu, donde continuas velando pela independência e glória da doce e bemdita terra de Portugal.»

Pinheiro Torres.

VARANDA DE PILATOS

A guerra, sacudindo violentamente uma sociedade descuidada e pacata, pôz ponto final a uma epocha em que os homens viviam mais por habito adquirido do que verdadeiramente por esforço proprio de inteligencia e acção. A vida politica e a vida social corriam tão serenas e faceis que as grandes reportagens quasi se limitavam aos grandes crimes, e a chamada vida constitucional dos estados, se já não tinha o brilho e o prestigio dos primeiros tempos do romantismo, conservava ainda uma distinção de maneiras e uma elegancia de palavras com que facilmente encobria a pobreza das ideias, gastas e velhas por ditas e reditas.

Anciosamente esperada e desejada, a victoria, não passou de uma miragem fugidia e rapida que, mesmo para os mais credulos e cegos, desapareceu por completo em alguns mezes, como uma desilusão amarga, depois de ter sido, durante quatro anos, a fonte rica e prometedora de todas as venturas.

Esperava-se um milagre. E por que o milagre se não deu, nem podia dar, governantes e governados, frente a frente a inesperadas dificuldades de novos e complicados problemas de economia e finanças, desconhecedores do caminho a tomar, hesitaram primeiro e revoltaram-se depois. Desequilibrada assim no seu funcionamento regular de velhos habitos adquiridos e herdados, a sociedade politica, sacrificada na perda de uma geração, inteiramente absorvida ou inutilizada pela guerra, não mais teve emenda, nem concerto. Poucos anos foram precisos para que duas mentalidades diferentes, melhor talvez, duas sensibilidades opostas, completamente se definissem, guerreando-se: a dos velhos e a dos novos.

Á primeira pertenceram e pertencem todos aqueles que tendo vivido antes da guerra estão ainda presos *ao que foi*, inconscientes *do que é*, e incredulos do *que ha-de ser*, n'uma situação de meninos que tendo sabido a lição de cór, aprendida de ouvido, uma vez interrompidos ficam incapazes de continuar o discurso. A segunda, formada de gente moça, creada e educada durante e depois da guerra, e, de verdade, senhora donataria de uma nova epocha, ainda não está, por falta de preparação e de edade, capaz de actuar e aceitar as tremendas responsabilidades historicas que lhe pertence, por má herança de paes e avós.

E, como dizia o Gervasio, de S. Ex.cia: «nem carne, nem peixe; carne de porco», entre os velhos e os novos, e como intermediarios imprescindiveis, estão os velhos-novos e os novos-velhos, cujo espinhoso e inglorio destino de sacrificados será o de, a curto prazo, assistirem á falencia de todas as suas muitas e boas intenções, que mais não possuem infelizmente, e mais portanto não podem dar.

É por emquanto pertença dos velhos-novos e dos novos-velhos o momento que atravessamos...

Manuel de Figueiredo.

NA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

UMA NOTÁVEL CONFERÊNCIA HISTÓRICA DO DOUTOR ANTÓNIO GARCIA RIBEIRO DE VASCONCELOS.

O INACABADO mas vasto edifício da Faculdade de Letras de Coimbra, que ao lado da velha e imponente Universidade não tardará a ostentar as linhas elegantes da sua magestosa construção, dispõe já, entre outras dependências, dum amplo salão rasgado no subsolo, onde se tem realizado várias conferências e os Cursos de Férias, louvável e patriótica iniciativa que teve início no ano passado.

Fêz a primeira lição, nesta época, o ilustre director da Faculdade, sr. dr. Mendes dos Remédios, que mostrou as vantagens dos Cursos, dissertando largamente sôbre as possibilidades nacionais de formar êsse Portugal maior em que tanto se fala, mas que constitui ainda uma aspiração imprecisa e vaga, não havendo quem coadjuve as iniciativas isoladas, como aquela, que sinceramente se empenham em transformar êsse belo desideratum numa consoladora realidade.

Outras conferências teem sido feitas por distintos professores e homens de sciência, merecendo especial destaque a do erudito arqueólogo, notável historiógrafo e nosso brilhante colaborador, sr. dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, sôbre o tema emocionante de «A história de D. Inês de Castro, contada por D. Pedro, o Cru».

A-pesar-de Coimbra se encontrar quási despovoada de estudantes e doutras pessoas de saber e categoria social, que abandonam sempre a cidade na época do estio, o vasto salão encheu-se duma selecta assistência de catedráticos, scientistas, escritores, críticos de história e de arte, estudantes das várias faculdades, salientando-se o elemento feminino, escolhido entre o que há de mais ilustrado e distinto na sociedade coimbrã.

Cliché foto. de André Moura

O Dr. António de Vasconcelos, indicando onde vivia e onde foi decapitada D. Inês de Castro, em face dum mapa topográfico do mosteiro de Santa Clara de Coimbra e seus arredores no século XIV. — Assistem, sentados à mesa da presidência, o Dr. Mendes dos Remédios, director da Faculdade de Letras, o prof. alemão Dr. Meyer-Lubke, o maior romanista da actualidade, e o prof. Dr. Providência Costa, promotor entusiasta do Curso de férias.

A *Ilustração Moderna* fêz-se representar nessa memorável lição, por ter recebido um convite muito amável do erudito professor, e deve também a uma gentileza da sua parte a inserção, que segue, do preâmbulo do seu admirável trabalho:

«Os amores de Pedro e Inês, seu trágico fim, e a apoteose que os consagrou, vincando profunda e indelevelmente para a posteridade a memória dêsse episódio da história de Por-

Janela geminada que existe nas ruinas da fachada ocidental do Paço da Rainha Santa Isabel, contíguo à cêrca do mosteiro de Santa Clara de Coimbra. Nêste paço residiu D. Inês com D. Pedro nos últimos tempos da sua vida, e ali morreu.

tugal, que bem poderia ter passado quási despercebido, deram lugar à formação duma lenda encantadora, que impressionou vivamente a sentimentalidade portuguesa, e que, passando em breve as raias lusitanas, teve éco nas literaturas de todos os outros países, onde ainda hoje é, e sempre será considerada jóia de inestimável valor sentimental e literário.

¡Que abismo porém se interpõe entre a singelesa e banalidade do facto histórico, e a beleza, de colorido vivo, de emotividade dulcíssima, com que a lenda foi revestindo através dos séculos a narrativa literária do facto inicial!

As artes tomaram conta do assunto, que tão sugestivo era, e mais e mais o embelezaram, distanciando-o imensamente da singela verdade histórica.

E hoje pregunta-se: ¿O que há de verdade nêsse episódio legendário, que tem o condão de enternecer tôdas as almas bem formadas, que comove profundamente os nossos corações de meridionais? É difícil a resposta. A crítica histórica, para resolver êste ponto, tem necessidade de vencer sérios obstáculos de diversas ordens.

Supõe-se geralmente que a lenda de Inês de Castro é de formação popular. O povo, diz-se, o nosso bom povo português sentiu-se tão vivamente impressionado por aqueles amores bucólicos, por aquela catástrofe trágica, que foi desde logo elaborando, na sua viva imaginação, essa lenda ternníssima, que ainda hoje, decorridos mais de cinco séculos e meio, nos comove profundamente. Esta suposição é errónea.

A lenda de D. Inês de Castro não é de origem popular.

Custa-me destruir um sonho tão romântico, tão belo; mas a verdade tem de ser respeitada.

É certo que o povo português não acolheu com simpatia, nem desculpou com tolerância os amores adulterinos, incestuosos e desvairados de Pedro e Inês. A plebe sentia-se inclinada para D. Pedro, a-pesar dos seus defeitos, e em parte até estimulada por alguns dêsses mesmos defeitos; mas detestava a amante, a quem reputava mulher intriguista e aventureira, que sendo instrumento das ambições megalómanas, e das audácias ambiciosas dos dois irmãos D. Fernando de Castro e D. Alvaro Pires de Castro, abusava do ascendente que tinha no ânimo do príncipe, arrastando-o a praticar graves erros, a fazer grandes disparates, para servir as ambições daqueles.

O povo, não menos do que os fidalgos da côrte, desejava que Inês fôsse suprimida, para acabar aquele feitiço que escravizava o infante, o qual amanhã seria rei; e mau rei sem dúvida, se lhe não tirassem do lado a feiticeira que o dominava.

Desta animadversão do povo, hoje tão ignorada, ainda havia memória no século XVI. Camões, o máximo cantor de D. Inês de Castro, bem sabia que não foram apenas os áulicos conselheiros, que induziram D. Afonso IV a mandar eliminar a amante do príncipe; que principalmente as murmurações insistentes do povo, avolumando-se, e ressoando aos ouvidos do rei, é que perderam Inês.

. . . .
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pay sesudo, que respeita
O murmurar do povo, e a fantasia
Do filho, que casarse não queria;

Tirar Ines ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo co sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo aceso.
. . . .

(*Lusiadas*, 3, 122-23).

Depois, achando-se o rei já bondosamente inclinado a perdoar, foi o povo de Coimbra que o demoveu com a pressão de *falsas e ferozes razões*, levando-o a fazer executar a sentença capital, anteriormente pronunciada em Monte-Mór-o-Velho.

Traziãoa os horrificos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade:
Mas o povo, com falsas, e ferozes
Razões, á morte crua o persuade.
. . . .

(*Ibid.*, 124).

Por fim D. Inês conseguira enternecer o monarca a tal ponto que

Queria perdoarlhe o Rei benino,
Movido das palavras que o magoão;
Mas o pertinaz povo, e seu destino
(Que desta sorte o quis) lhe não perdoão.

(*Ibid.*, 130).

A lenda, a encantadora lenda de D. Inês de Castro não é pois de origem popular; foi fabricada pelos literatos. Os nossos historiógrafos a formaram, desde Fernão Lopes até Faria e Souza: êles é que, ao fazerem a narrativa dêste acontecimento, não resistiram à tentação de irem decorando e enfeitando a sua narrativa com côres suaves e sentimentais, até que das mãos dêste último saíu o facto histórico completamente alterado e como que sufocado pela superabundância desfigurativa de episódios legendários.

Cedo os poetas e dramaturgos, vendo o alto poder desta mina, que se lhes deparava, a exploraram largamente, principiando a sua laboração Garcia de Rezende, António Ferreira, o nosso grande épico Luís de Camões, o qual, tomando êste

assunto, compõe o mais belo dos episódios dos *Lusiadas;* logo a seguir o espanhol Fr. Jerónimo Vermudez acrescentou novos ornatos à lenda poética.

E das literaturas peninsulares passou em breve para tôdas as outras literaturas, onde ficou tendo logar de especial relêvo.

Foi a literatura de cordel que depois *popularizou* a lenda em tragédias e comédias, que eram representadas em teatros improvisados, por essas províncias fora. Então é que o nosso povo começou a interessar-se por D. Inês de Castro, pelos seus amores e desditas, sensibilizando-se e chorando ao assistir à representação scénica. A lenda Inesiana, que até ali vivera exclusivamente nos meios mais ou menos literários, democratizou-se e desde então as classes populares principiaram a conhecer e a sentir os amores e as desditas de Inês, a detestar a crueldade de Afonso IV, a odiar a perversidade de Pedro Coelho e de Alvaro Gonçalves, deleitando-se com a sua execução sangrenta, a entusiasmar-se finalmente com a scena apoteótica da coroação e beija-mão do cadáver; epílogo de tétrica grandeza trágica, criado por Vermudez, e aproveitado pela literatura de cordel para rematar condignamente as comédias populares

> . . . . da misera e mesquinha,
> Que depois de ser morta foi rainha.
>
> *(Lusiadas,* 3, 118).

Vulgarizada assim a lenda, vieram as artes gráficas, ou, melhor, as indústrias gráficas, que no século XIX popularizaram ainda mais a história legendária de D. Inês, espalhando por tôda a parte colecções de litografias baratas, muitas delas policromadas, que tiveram larga aceitação. Nos meus tempos de rapaz rara era a casa, pobre ou remediada, por essas aldeias de província, que não ostentasse, nas paredes do seu melhor compartimento, essa meia dúzia de estampas encaixilhadas, onde se representavam as principais scenas da lenda Inesiana, acompanhadas da explicação ou narração resumida da scena representada. E foi dêste modo que a lenda, tão sensibilizante, tão afectiva, se tornou familiar ao povo, e se gravou profundamente nas suas almas ingénuas.»

. . . .

Não nos permite, infelizmente, a falta de espaço acompanhar o ilustrado conferente na lúcida e original interpretação histórica da iconografia simbólica dos túmulos de Alcobaça, assunto que será largamente tratado no livro *Inês de Castro,* a que já fizemos referência no primeiro número desta revista, e que a nossa casa vai ter a honra de editar.

Notaremos apenas que a verdadeira história dos amores de Pedro e Inês, pela primeira vez decifrada nos únicos documentos autênticos até hoje encontrados, — as imagens que ornam os minúsculos edículos dos túmulos, — não é menos interessante nem comovente que a ornamentação legendária em que a envolveram os literatos através dos tempos.

Deve-se talvez o facto à forma brilhante como o sábio arqueólogo soube compreender a expressão e o cariz dêsse impressionante episódio histórico na muda linguagem dos signos. E assim se confirmam as palavras dum grande pensador alemão do nosso tempo: «A poesia e a investigação histórica teem entre si um parentesco tão próximo, como o cálculo e o conhecimento.»

ROTEIRO BIBLIOGRAPHICO

> «Só é arte verdadeira a dificil de realisar, aquella que foi lenta, dura e longamente trabalhada.»
>
> *Paul Valery.*

A CIGARRA DE THEOCRITO

POR *NARCISO DE AZEVEDO*

NA mingoada companha dos espiritos de boa e sã intelligencia, de lucido talento, d'este mesquinho paiz, que a peonagem aliteratada dos cafés e corrilhos publicos e particulares, gafa d'intellecto, não se farta de maldizer, tem logar marcado, por direito de conquista, Narciso de Azevedo.

Não é o poeta um emotivo; sua poesia, falha da menor parcella do sentimento, toda de requintes, intellectiva, á Eugenio de Castro, deriva sómente do cerebro. Decerto, a poesia symbolica é adversa ao tal sentimento; todavia, na obra d'esse principe de poetas (exclusa a da ultima phase) ha quasi sempre um grande vinco dramatisador, emquanto na de Narciso de Azevedo o artificio fica patente de mais, a frieza conceptiva não é corrigida por qualquer recurso emocional, não mitiga sua esthetica pura, de rigido paganismo, o minimo fremito espiritualista.

Esse mal dimana, logicamente, do preceito espiritual, exposto no soneto *O verbo de Platão,* acarinhado pelo auctor: *Só a fórma dá vida ao pensamento.* Ora isto é um conceito rigido, racional, logo falso, ás avessas das mais simples regras naturais. Evidentemente, a fórma é indispensavel á vida do pensamento, pois lhe dará clareza, propriedade e belleza, mas não é fundamental. Narciso de Azevedo, se não hoje, algum dia o reconhecerá, que de bom quilate é seu talento, e então seus versos ganharão o preciso relevo humano, obterão mais activo vigor, n'elles correrá a verdadeira e boa poesia, que é a do coração.

Afinal, o auctor se proclama peremptoriamente o alto valor da fórma, não lhe rende plena menagem, pois, sendo o seu livro de sonetos, desacata as regras classicas do soneto. E nos versos não ha inteira cadencia, completa harmonia. A rima, mesmo, é pouco variada, o que é provocado, em parte, pelos termos gregos, os quais, por sua cópia, aturdem alguma coisa. E será logico no soneto *Divina Comedia* misturar o grego Zeus com o Jupiter romano?

De caracter amoroso são, na mór parte, os assumptos. Mas estes repetem-se, glosam-se, do que sahe a monotonia.

Atravez d'estes senões, apontamos como obras de viva belleza os sonetos *Idyllio, A despedida de Narkissos, Metamorphoses, Primavera, Na morte de Aristophanes* (d'uma graciosa e original ideia), *Reyno dos Triumphos* (de grande vigor imaginativo) Este soneto fecha o livro com chave d'oiro.

Porém, se *A Cigarra de Theocrito* não é livro que contribua firmemente para o lustre do auctor, embora não o desdoire, o certo é que vale mais que muitos e muitos livros de versos que por ahi andam reclamados despejadamente por gazetas e revistas, mercê d'insólitas condescendencias.

CARLOS DE PASSOS.

NOTA — Do Sr. Dr. Henrique de Carvalho recebemos a brochura *Maria do Minho e Chico Sereno,* que é a novella historica d'um noivado tragico, a proposito d'um erro judiciario. Agradecemos a offerta.

EX-LIBRIS PORTUGUESES

IV

REPRODUÇÕES

1

ALEXANDRE CORREIA DE LEMOS

(VISEU)

Ex-libris individual—geral—gravado (zincografia)—simbólico.

Desenho de Norberto Correia de Oliveira, arquitecto.

Composição: Um pórtico românico à entrada do qual se vê um livro e sôbre êle um facho de luz, simbolisando a que irradia dos conhecimentos humanos e da sciência que brota das letras, e que o livro representa.

Sôbre o pórtico a divisa latina, já usada por A. Herculano: *Pabulum mentis.*

Há outro formato menor do que o que apresentamos.

*

Médico-militar em Viseu, é Correia de Lemos um cultíssimo espírito, que se compraz em passar as suas melhores horas junto dos seus livros, «bons amigos que ensinam sem fastio e repreendem sem pejo», como êle nos diz citando Vieira.

Possue uma livraria de cêrca de 3:000 volumes, onde tem edições valiosas, na sua quási totalidade, quinhentistas e que vão desde 1513.

Pertence-lhe uma obra raríssima e muito estimada, sob o título de *Regra y redutos da Ordem de Santiago* que é de 1548. É notável, por ter a mesma portada da edição *princeps* dos *Lusiadas* de 1572, com exclusão dos símbolos militares, que estão nas colunas e emblema da ordem no envasamento.

Conta mais na sua preciosa livraria dois Forais, dos chamados Forais-novos, do reinado de D. Manuel I, ambos de 1514. Um é de *Rio d'Asnos,* e outro do concelho do *Sul.*

Êste último está magnificamente conservado, tanto nas fôlhas de pergaminho manuscritas e iluminadas, como na encadernação, em precioso couro lavrado com grossos pregos em cobre.

Grande estudioso e investigador paciente e metódico, tem Correia de Lemos dedicado a sua atenção a estudos arqueológicos e históricos.

*

Ex-libris inédito, reproduzido pela chapa original.
Da nossa colecção.

* * *

Expediente:

Anunciamos no número anterior da *Ilustração Moderna,* e nesta secção, o aparecimento do volume *Ex-libris,* da «Colecção Patrícia», feliz edição da Emprêsa do *Diário de Notícias.*

Apresenta-se-nos êste volumesinho, dirigido como todos os volumes da «Colecção Patrícia» pelo espírito culto de A. Forjaz de Sampaio, com um método claro e acessível para uma rápida apreensão do que sejam os *ex-libris.*

Resumido, mas completo estudo, feito sôbre as melhores fontes, tendo de muito útil a bibliografia sôbre o assunto.

Sòmente discordamos um pouco da classificação.

No número anterior da *Ilustração Moderna,* apresentamos uma, que nos parece satisfazer de uma forma mais ampla à grande variedade de marcas de posse bibliográfica que hoje se encontra em Portugal.

É, no entanto, um precioso trabalho que muito enriquece a *bibliografia ex-libristica.*

ARMANDO DE MATTOS.

O MOSTEIRO DA SERRA DO PILAR

ESSE velho monumento arquitectónico, situado a dois passos do Pôrto, no cume da chamada Serra do Pilar, donde se disfruta um panorama esplendoroso, e por onde parece reboarem ainda os écos das campanhas da independência e da liberdade, estava para ali abandonado há muitos anos, a atestar a nossa incúria, o nosso desmazêlo, o nosso profundo desprêso por tudo que recorda a grandeza dos tempos idos. Era o verdadeiro símbolo do nosso escârneo pelas glórias antigas, pelas venerandas tradições do passado.

Salvou-o a tempo da ruina certa, e evitou aos olhos de estranhos essa infamante vergonha nacional, um grupo de verdadeiros patriotas, almas sedentas do belo e do ideal, os «Amigos do Mosteiro da Serra do Pilar», que fervorosamente conseguiram desentulhar dos escombros essa formosa relíquia monumental e artística. O mosteiro é agora alguma coisa digna de ver-se, está alindado, renasceu, como a Fenix das próprias cinzas remoçou e vai a caminho no seu pristino esplendor.

Os nomes dos salvadores merecem especial registo. Em primeiro logar, dois artistas consagrados: o escultor António de Azevedo e o arquitecto Oliveira Ferreira. Depois, outros artistas, outros apaixonados, outros devotos da Beleza: Angelo de Morais, José Tristão Pais de Figueiredo, Alberto da Conceição Teixeira, Ramiro Mourão, Manuel Maria Lúcio, dr. Manuel de Castro, dr. Aarão de Lacerda, A. de Pinho Vargas Silva Júnior, Diogo de Macedo, Joaquim Lopes, Baltazar da Silva Castro, Manuel Marques.

Por hoje apenas os nossos parabens. Mais tarde, quando o espaço o permitir, voltaremos ao assunto com maior desenvolvimento.

FEIRA DE S. PEDRO, DE VILA REAL

Com intraduzível emoção recordamos hoje esta efeméride da nossa terra, talvez de tôdas a mais grata ao nosso espírito pela soma de características que a revestem! É a 29 de Junho, dia consagrado ao príncipe dos Apóstolos, que esta popular festividade se realiza com a designação de *Feira dos Pucarinhos*. E, na verdade, o que nela se encontra é loiça às rimas, em que predominam tipos reduzidos, alguns até de microscópica grandeza, de material culinário destinado ao enlêvo das crianças, que nessa ocasião trasbordam de natural entusiasmo na aquisição dos graciosos produtos de Visalhães e de Lordelo, arcaicos povoados dos arredores de Vila Real, que abastecem ordinariamente os mercados da terra.

É digna de nota a tradicional feira de S. Pedro, não só pelas singulares proporções dos exemplares de cerâmica local, de certa beleza rústica, em que rebrilham ingénuos ornatos de espelhenta mica, mas ainda pela efusiva alegria dos curiosos e pela efervescência dos feirantes, que de véspera abordam com cestadas de variada *baixela* dum negrume *sui genéris*, original, conseqüência esta talvez do modo de cocção a que sujeitam o material manipulado. Os coleccionadores de cerâmica conhecem já, de há muito, esta interessante especialidade, etnograficamente bem definida, sendo apenas lastimável que as vetustas fórmas, justamente consagradas, sofram nos últimos tempos modificações bastardas a título de progresso industrial, pois que os primitivos moldes nunca foram destituidos da graça tão acarinhada dos nossos antepassados.

Nêste dia, único de actividade mercantil, madruga a sociedade vilarealense, sem distinção de classes, acorrendo ruidosamente ao local, que é o ponto mais central da terra, antiga rua do Poço, à frente da chamada Capela Nova, para contemplar e adquirir, em quantidade, os variadíssimos exemplares que pelo sólo se vêem disseminados com profusão, não desdenhando senhoras e homens, aparatosamente vestidos, ostentar ao peito, com garbo e garridice, e com artísticos enlaçamentos, deminutos pucarinhos, que são o timbre, nêsse dia, de todos os que amam as coisas da sua terra.

A técnica do ceramista, mais ou menos complicada, consoante o meio consumidor, varia modernamente com os expedientes da divisão do trabalho. Na indústria da argila, dos montanhezes, de que tratamos, a cooperação quási não existe: de aí, portanto, essa unidade e simplicidade patriarcais, que muito lembram as dos caldeus e assírios dos períodos bíblicos.

Bom é conservar tipos plásticos, sobretudo quando êstes satisfazem espíritos delicados e cultos, como no caso presente, pela distinção do galbo, e arranjo decorativo, suficientemente harmónico. Os especimens que a *Ilustração Moderna* reproduz mostram a razão destas considerações.

Laudator temporis acti de que podem acusar-nos os novos, que julgam sediças as nossas preferências, é dever de quem busca estímulos nas fontes clássicas para melhor servir a causa dum novo ideal. Não confundir o *novo com o extravagante*, como é freqüente...

Ao relatar um facto marcante da neo-cidade transmontana, não deixaremos de observar o seguinte, que merece ponderar-se:

Foi Vila Real berço de varões ilustres, competindo, por isso, ao respectivo Município, principalmente na faina toponímica dos seus arruamentos, gravar na memória dos conterrâneos vindouros, sem preocupações políticas, que sempre dão azo a injustiças lamentáveis, os nomes de seus filhos glo-

Cliché foto. de Miguel Monteiro

EXEMPLARES DE CERAMICA DOS ARREDORES DE VILA REAL

Cliché foto. de Miguel Monteiro

EXEMPLARES DE CERAMICA DOS ARREDORES DE VILA REAL

riosos. Um belo exemplo se aponta neste sentido: a Câmara Municipal de Barcelos, resolveu, há anos, consagrar-se a essa missão de alcance educativo e de utilidade moral; para melhor acentuar o valor dos patrícios homenageados, inscreveu nos rótulos das vias públicas, além dos seus nomes, datas e obras justificativas dêsse merecido culto cívico.

¡Preciso é, pois, sair duma apatia de tantos anos! Vila Real tem jus a uma distinção social por muitas circunstâncias; a sua natureza, quando outros requisitos faltassem, bastaria para a assinalar dum modo excepcional; belamente acidentada de ingentes penedias, cercada de verdejantes prados, regados pelo Corgo e Cabril, sugere a visão da *Terra Prometida* dos israelitas! Se a instalação de edifícios de alojamento em pontos de eleição se efectivasse, o moderno turismo estender-se ia até lá, dando-se assim à vida económica, local, uma expansão dignificante dessa terra bemdita, que D. Diniz dedicou a sua virtuosa espôsa, a rainha Santa Isabel, como inestimável jóia.

J. A. Ribeiro.

Cliché foto. de Miguel Monteiro

VILA REAL — FEIRA DE S. PEDRO — UM ASPECTO

Cliché foto. de Miguel Monteiro

VILA REAL — UMA SCENA DE FEIRANTES

Cliché foto. de Alberto Meira

VILA REAL — FEIRA DE S. PEDRO — OUTRO ASPECTO

Cliché foto. de André Moura

ANADIA — A homenagem a José Luciano de Castro — Grupo de promotores e convidados

NA VILA DE ANADIA

HOMENAGEM A JOSÉ LUCIANO DE CASTRO

A vila de Anadia esteve em festa no dia 31 de Julho, para homenagear a memória de um dos seus filhos ilustres e um dos mais notáveis estadistas portugueses, do último quartel do século XIX: o conselheiro José Luciano de Castro. Foi lançada a bênção ao hospital-asilo que tem o nome do célebre político, fundado e entregue à Misericórdia daquela vila pela viuva e filhas, Ex.mas Sr.as D. Maria Emília, D. Henriqueta e D. Júlia Seabra e Castro. E inaugurou-se também o monumento que o povo de Anadia mandou erigir para perpetuar a memória do que foi «um dos maiores, talvez o último dos liberais portugueses», como disse o sr. Conde de Penha de Garcia, e um «notável estadista, jurisconsulto insigne, jornalista primoroso e orador eloqüente», como demonstrou, num belo dircurso encomiástico, o sr. dr. Moreira Júnior.

Houve música, fogo, iluminações e reuniram-se em Anadia as mais prestigiosas figuras do partido progressista, quási todos nomes esquecidos dos novos, e que por isso mesmo são grandes, porque pertencem à categoria daqueles poucos de que fala Francisco de Sá de Miranda:

> Homem dum só parecer,
> Um só rosto, uma só fé,
> De antes quebrar que torcer...

E foi por isso que teve importância aquela homenagem a um dos derradeiros e mais fieis servidores da monarquia.

Cliché de Alvaro Martins

O príncipe Luís Fernando da Prússia, 2.o filho do Kronprinz, e neto de Guilherme II, de passagem para a Argentina, a bordo do *Madrid*, visita a cidade do Pôrto, acompanhado do dr. Otto Homberger, que viaja no mesmo vapor, e do agente da Companhia Nordeutscher Lloyd Bremen, sr. Diniz Leuschener, os quais estão à sua esquerda. Instantâneo tirado no taboleiro inferior da Ponte D. Luís I, quando o príncipe se prepara para focar no seu *Kodack* alguns aspectos do Pôrto.

ILUSTRAÇÃO MODERNA

PUBLICAÇÃO MENSAL — EDITOR-DIRECTOR — MARQUES ABREU

1.º ANO — PORTO — SETEMBRO — 1926 — NÚMERO 5

Imprensa das Oficinas de Fotogravura de Marques Abreu — Avenida Rodrigues de Freitas, 310 — PORTO

HENRIQUE MEDINA — RETRATO DO DR. LUÍS DE SOUSA DANTAS

Embaixador do Brasil em Paris

CRÓNICA DO MÊS AGOSTO

Vida passional intensa e política morta. —Uma resposta demorada.—A expulsão de um jornalista português.

O MÊS de Agosto — sobretudo de um Agosto tórrido e calcinante como o que tivemos — é sempre um mau mês para a crónica, por escassez de assunto: época morta para a política, para o teatro, para as exposições, para a vida intelectual e artística, e até para a vida mundana, se descontarmos umas tantas diversões—sempre as mesmas —que são da praxe nas praias e termas onde a sociedade vai aborrecer-se, sem embargo de haver convencionado que se diverte lá prodigiosamente.

Nada que mereça referências ou comentários, excepção feita dos crimes passionais—suicídios ou assassinatos—em que o mês de Agosto costuma ser fértil. Não sei se os meus leitores já repararam nesta coincidência. É sempre no período dos grandes calores que as páginas dos jornais entram de encher-se de colunas compactas narrando êstes atentados contra a vida própria ou alheia. Dir-se-ia que é a demasiada irrigação encefálica, produzindo uma hiperestesia mental e emotiva, quem origina êsses dramas íntimos cujo último acto não raro termina, como nas tragédias de Shakespeare, pela morte dos protagonistas. Só no Pôrto tivemos, que me lembre, quatro tresloucados que por suas mãos passaram desta para melhor—¿ou peor, quem sabe?—um rapaz que matou a namorada, outro que matou a esposa, e outro ainda que matou... a sogra.

Manda a verdade dizer-se que foi êste último caso o que mais impressão causou no público. ¿Pelas circunstâncias de que se revestiu? Não senhor: pela raridade. Não são freqüentes, de facto, os assassinatos de mulheres pelos maridos das respectivas filhas. Certamente, a desarmonia entre sogras e genros ganhou já foros de axioma mercê dos fazedores de epígramas que, desde Marcial para cá, teem versado e esgotado o assunto. Mas se essa desarmonia algumas vezes se traduz por actos de violência, as scenas de pugilato passam-se no interior das habitações e nunca costumam ir além de uma troca de murros ásperos por entre palavras mais ásperas ainda. A tiro, nunca se tinha visto em Portugal liquidar uma questão semelhante. De aí o espanto do público, aliás desarrazoado, visto estarmos num país onde cada vez mais se mata gente por dá-cá-aquela-palha, e onde, se a impunidade continuar assim óvante, não haverá dentro de dez anos a mais fútil questiuncula que não seja resolvida pela boca de uma pistola.

* * *

Da política, nada de novo.

Um jornalista dado a estatísticas registou há tempos ser o mês de Agosto o único que não possui datas históricas e que se ostenta virgem de revoluções. Isto prova à evidência tratar-se de um mês sáfaro para a política, planta daninha que, ao invés de todas as outras, parece dar-se melhor com o frio.

A política portuguesa é Lisboa, e Lisboa, em Agosto, é uma grande cidade despovoada. À entrada das canículas, precisamente quando a actividade solar é máxima, cai a Política em calmaria. A arcada do Terreiro do Paço torna-se deserta. Nem os engraxadores por lá estacionam, —sem segundo sentido. Só lá em cima, nos gabinetes atapetados, livres de intrigantes e de pretendentes, há um rumor de vida: são os ministros—¡emfim, sós!—trabalhando, revendo projectos de lei, assinando um que outro despacho, e dormitando algumas vezes.

Não se apanha um político à mão, mesmo quando se torna urgente a sua presença. É o que está acontecendo ao sr. Alvaro de Castro que, convidado para o cargo de alto comissário de Moçambique há bons quinze dias, ainda até hoje não disse se sim ou não aceitava. Quis sua excelência, antes de se decidir a um gesto de tamanha responsabilidade, consultar os seus amigos políticos. Ora os amigos políticos do sr. Alvaro de Castro são poucos, muito poucos, como se sabe. ¿Qual a explicação, pois, de tanta demora na consulta? Só uma: a dificuldade de reunir êsse pequeno, mas brilhante, estado-maior. Andam pelas praias, talvez alguns pelo estrangeiro. E o sr. Alvaro de Castro espera que êles regressem... E o sr. João Belo espera que o sr. Alvaro de Castro se decida... Entretanto em Moçambique anseia-se pela chegada do alto magistrado a quem compete resolver tantas questões pendentes. De Lourenço Marques chovem os telegramas pedindo a remessa imediata de um alto comissário. Mas o alto comissário não se resolve a partir, e sabe Deus quando se resolverá.

Uma ideia: e se mandassem para lá o sr. Homem Cristo Filho,—¿que não tem amigos políticos a consultar?

Seria uma maneira gentil de o Govêrno o afastar da metrópole por alguns anos...

* * *

É esta a única novidade política: a expulsão do sr. Homem Cristo Filho.

Ninguém percebe porquê. Mas menos se percebe ainda o procedimento dêsse distinto jornalista que, partidário das ditaduras *à poigne* desde o tempo de Sidónio Pais—o Libertador, como êle lhe chamou em várias conferências feitas por êsse tempo—e tendo exalçado Mussolini ao sétimo céu num livro há anos escrito, caiu subitamente em Lisboa, após a revolução de 28 de Maio, para fundar um jornal destinado a combater o actual Govêrno.

Não esteve pelos autos o sr. general Carmona, que o mandou pôr na fronteira, aliás com todas as honras devidas a um homem dotado de tão brilhantes faculdades de inteligência e de audácia.

O sr. Cristo Filho protestou, e o seu protesto foi logo secundado pelos seus colegas na imprensa. Êste facto deve alegrar todos aqueles que mourejam nesta ardua profissão do perio-

dismo, por traduzir um espírito de solidariedade a que não estavamos acostumados. Pode dizê-lo o sr. Teles de Vasconcelos, director do *Liberal* e deputado, que foi preso e expulso por Sidónio Pais, em 1918, sem lhe terem valido as imunidades parlamentares, e sem que os seus colegas na imprensa protestassem, como nunca protestaram contra a censura nesse tempo exercida.

¿Mas, afinal, protestar, porquê? ¿Pois não estamos em ditadura, numa ditadura militar que todos os jornais, agora protestantes, receberam com girandolas de foguetes? Francamente, não me parece que faça sentido aclamar a ditadura e protestar contra os actos dos ditadores.

Só se os jornalistas querem ditadura para os outros — e liberdade plena para êles.

CAMPOS MONTEIRO.

LUÍS DE SOUSA DANTAS

RETRATO DO ILUSTRE EMBAIXADOR DO BRASIL, EM PARIS

INCLUIMOS nesta revista uma notável pintura do talentoso artista português Henrique Medina, admitida ao *Salon de la Societé des Artistes Français.*

Semelhança e qualidades picturais se deduzem fàcilmente da reprodução que exibimos, as quais bem podem, como obra independente doutras já vindas a público, muito louváveis, categorizar o autor e honrar sobremodo o nobre diplomata, representante da grande Nação sul-americana.

Reproduzimos ainda, do mesmo artista, um excelente retrato do insigne violinista português sr. Claudio Carneiro. É uma obra repleta de carácter a mencionar francamente, sem descabidas reservas.

LEITURA EM FAMÍLIA

BAIXO-RELÊVO DE JOÃO DA SILVA

VAI erigir-se no pequeno jardim fronteiro à Faculdade de Medicina do Pôrto, e por iniciativa desta, um belo monumento à memória do insigne romancista português Júlio Diniz. Nada mais justo do que esta homenagem a um filho ilustre desta terra, autor de obras literárias imortais onde se descrevem, num adorável e singelo estilo, os costumes campestres do povo do Norte.

Várias interpretações artísticas do maior apreço teem permitido certas scenas dos romances dêste adorável espírito, tão cedo extinto. Presentemente, oferecemos à contemplação do leitor da *Ilustração Moderna* a reprodução dum baixo-relêvo, intitulado a *Leitura em Família,* inspiração dum dos mesmos romances, obra do excelente escultor-medalhista João da Silva, que mais uma vez se revela um correcto executante, na sua especialidade. Concisão e precisão são as constantes qualidades plásticas dêste distintíssimo artista português, votado a comemorar factos que dignificam a nossa história, como se tem observado freqüentemente no decurso das suas criações.

HENRIQUE MEDINA — CABEÇA DE CLAUDIO CARNEIRO

LEITURA EM FAMÍLIA
BAIXO-RELÊVO DE JOÃO DA SILVA
PARA O MONUMENTO A JÚLIO DINIZ

MARQUES GOMES

Poderá notar-se uma certa secura na expressão das formas dos elementos componentes do baixo-relêvo, de que nos ocupamos; isso, porém, constitue uma condição de êxito em muitos casos.

A obra que houver de exibir-se ao ar-livre carece de obedecer a preceitos de óptica já formulados *à posteriori,* sôbre tudo quando as proporções e a distância forem consideráveis.

Julgar um produto plástico fora do local que lhe é destinado, é sujeitar-se por vezes a futuras decepções.

Isoladamente, o trabalho parcial de João da Silva merece principalmente o aplauso dos críticos académicos, conservadores, esperando apenas a confirmação dos méritos quando instalado em sítio próprio, nos fins do corrente ano, como se anuncia.

O SR. MARQUES GOMES

E A SUA OBRA CAPITAL — A ORGANIZAÇÃO DO MUSEU REGIONAL DE AVEIRO

INVESTIGADOR dedicado da história pátria em suas diversas ramificações, com larga fôlha de serviços, patentes nas publicações com que enriqueceu os nossos arquivos; particularmente um dos contemporâneos nossos a quem a história da arte nacional deve mais abundante colheita de informações que a esclarecem, e, em especial, o mestre zeloso e infatigável do passado e das tradições da terra em que nasceu, amantíssimo filho de Aveiro que pelos seus talentos a ilustrou, enquanto lhe mostrava as raízes

e as fortalecia, mostrando-lhe donde vinha, o que fôra e implicitamente o que era e o que poderia ser — o sr. Marques Gomes tem um lugar seu, e muito seu, conquistado por direito próprio e reconhecido, entre a pleiade dos trabalhos portugueses dêstes últimos cincoenta anos que se esforçaram, e com feliz êxito, em nos insinuar a consciência clara das origens e vicissitudes de toda a vida mental e social, especulativa e concreta do nosso país. O sr. Marques Gomes tem consumido a vida, e não sem grandes e aturados sacrifícios, a desentranhar da obscuridade o passado e a ordená-lo e a renová-lo aos nossos olhos, tão surpreendidos como contentes pelas visões que lhes depara. Por sua intuitiva inclinação e tenacidade nos tem ensinado a considerar o valor que de facto teem mil fragmentos de coisas arruinadas e despresadas pelas quais passavamos indiferentes, com o nosso desconhecimento e desdem as profanando. O que o sr. Marques Gomes deixa às gerações que nos sucederem, é literalmente um tesouro de proveitosa erudição. Não tem conta o que êle descobriu, coligiu, comentou e revelou para uso e fortuna dos que querem amar inteligentemente a sua terra e a sua gente. As suas obras constituem uma biblioteca regional, a mais ampla que até hoje Aveiro possue, formada pelo engenho e esfôrço de um só homem; são um repositório ao qual todo o historiador futuro se verá obrigado a ir reverentemente em busca de materiais de toda a espécie que só lá se encontram e que, não fôssem as diligências dêsse escravo do estudo, jazeriam ainda dispersos, ignorados e estéreis nas sepulturas em que dormiam. Entretanto, enquanto ansiosamente pesquisava a história de Aveiro, abundou de informações preciosas a história das lutas liberais em Portugal.

* * *

Teve o sr. Marques Gomes a boa sorte de encontrar cedo um preceptor excelente — rara e invejável fortuna; foi íntimo durante longos anos da casa de Manuel José Mendes Leite, e por ligações de família lhe coube a honra de ser afilhado de baptismo dêsse homem, ilustre e nobre em toda a extensão da palavra, incorruptivelmente fidalgo, tão bom soldado nos campos de batalha, onde passou inclemências, como aristocrata de espírito e fino gôsto onde quer que a Beleza encontrasse, amigo dilecto, como irmão, de José Estevão, e familiar com a melhor gente do seu tempo.

Sem dar por isso, em natural e descuidada cultura, teria acontecido que essa convivência foi para o sr. Marques Gomes uma escola; e lá é que teria aprendido a discernir, admirar, classificar e apreciar as relíquias de outras eras, próximas ou remotas, os factos e as coisas e os homens do passado, e lá professara na religião da História, para lhe consagrar os dias e as fadigas, desprendidamente, crendo na grandeza nacional e louvando-a, e pelo seu exemplo e instrução nos ensinando a contemplá-la e nela crer, e a admirá-la e a louvá-la, e a ligar o presente ao passado para em semelhante filiação e obediência o presente renovar, e guardar em nosso ser as virtudes patrimoniais.

* * *

O que, porém, tornou indelével o nome do sr. Marques Gomes no rol dos zeladores activos e restauradores dos monumentos pátrios, foi a organização do «Museu Regional de Aveiro», que só à sua bem inspirada coragem se deve. Obra altamente meritória, de uma necessidade e de uma utilidade evidente, muitos a aconselhavam e desejavam, muitos a discutiam e reclamavam, mas afinal teria caído naqueles bem providos e velhos infernos que «estão cheios de boas intenções», se o sr. Marques Gomes, sósinho, afagado de muito boas vontades mas de nenhuns braços auxiliado, não houvesse metido ombros a essa formidável emprêsa e não a houvesse levado a cabo com tanta inteligência e poder de resolução como completa vitória. Todo o homem fundamentalmente grato que percorre as salas daquele Museu, perante a profusão de jóias de arte que ali se acumularam, logo se lembra e pasma do vigor de ânimo que tanto pôde no breve espaço de meia dúzia de anos.

Aveiro é uma das terras do país que mais negligentemente dissipou o remanescente do seu património histórico e artístico. Muralhas, portas, igrejas, paços, túmulos, conventos, livrarias, arquivos, tudo Aveiro pulverizou a trôco de modernismos baratos, de nenhum valor. E foi nêsses escombros de uma cidade desfeita, pouco menos de posta em montes de entulho, onde entulho dos seus monumentos ainda havia e não estava já varrido pelo «progresso» apressado em malbaratar riquezas de outras épocas, foi nêste cáos que o sr. Marques Gomes, com uma paciência a par da previsão da significação do que se ia perdendo e era insubstituível, foi aí que o sr. Marques Gomes correu a salvar o espólio escasso de tantas e tão expressivas grandezas, tanto mais de conservar quanto mais raros se haviam tornado os documentos eloqüentes e autênticos da história da cidade de Aveiro. Hoje, é quási unicamente mercê dos trabalhos do sr. Marques Gomes que Aveiro conhece a sua vida passada, os seus homens, as suas ideias, o seu povo, as suas aspirações e a sua opulência de outras eras.

> «Que eu desta glória só fico contente,
> Que a minha terra amei e a minha gente.»

Assim o disse o Poeta, e onde o disse exarou um dos mais seguros preceitos pelos quais havemos de aferir a estima dos homens. E porque a êste preceito obedeceu a vida e a obra do sr. Marques Gomes, firme e indisputável é o seu elevado lugar entre os homens bons do seu país.

Jaime de Magalhães Lima.

Nota: — Publicando a *Ilustração Moderna* o retrato do eminente historiador e nosso colaborador, sr. Marques Gomes, sócio da Academia das Sciências de Lisboa, da Real Academia

de la Historia de Madrid, e do Instituto de Coimbra, acompanhado do brilhante artigo do ilustre escritor sr. Dr. Jaime de Magalhães Lima, entende a Direcção desta revista prestar, de tal modo, sincera e devida homenagem ao infatigável trabalhador, a quem o país e muito especialmente a cidade de Aveiro devem os mais assinalados serviços.

Para se aquilatar do que tem sido a extraordinária actividade literária do sr. Marques Gomes, da qual a organização do «Museu Regional de Aveiro» foi condigna coroação, publicamos em seguida uma relação sumária, e ainda assim incompleta, das suas publicações:

Memórias de Aveiro, 1875. 1 vol., 211 páginas.
O Distrito de Aveiro, 1877. 1 vol., 308 páginas.
A Mulher através dos Séculos, estudo histórico sob a condição política, civil e religiosa da mulher. Primeira parte, sociedades primitivas: China, Índia, Pérsia, Assíria, Egipto e Israel, com uma carta-prólogo de Barbosa de Magalhães, 1878. 1 vol., 243 páginas.
Exposição distrital de Aveiro em 1883 — Relíquias da Arte Nacional, com Joaquim de Vasconcelos, 1883. 1 vol., 53 páginas.
José Estevão — Apontamentos para a sua biografia, 1889. 1 vol., 184 páginas.
O Prior do Crato em Aveiro (1580), com Aníbal Fernandes Tomás, 1894. 1 vol., 193 páginas.
D. Manuel Correia de Bastos Pina, Bispo de Coimbra, 1897. 1 vol., 232 páginas.
Cincoenta anos de vida política — O Conselheiro Manuel Firmino de Almeida Maia, 1899. 1 vol., 668 páginas.
Subsídios para a História de Aveiro, 1899. 1 vol., 616 páginas.
Aveiro berço da liberdade; o Coronel Jerónimo de Morais Sarmento, 1899. 1 vol., 312 páginas.
Lutas caseiras, Portugal 1834 a 1851, 1894. 1 vol., 600 páginas.
Conselheiro António Ferreira de Araujo e Silva, esbôço biográfico, com um prólogo de Bento Carqueja, 1905. 1 vol., 149 páginas.
A Vista Alegre — Memória histórica, 1824. 1 vol., 180 páginas.
História de Portugal popular e ilustrada de Manuel Pinheiro Chagas. Décimo segundo volume. Desde a morte de D. Maria II até nossos dias. Lisboa. Emprêsa da História de Portugal, 1907. 1 vol.

OPÚSCULOS:

D. Joana de Portugal (A Princesa Santa), 1879.
Manuel José Mendes Leite. Esboço biográfico, 1881.
A Vista Alegre. Apontamentos para a sua história, 1883.
A Mulher na antiguidade, 1888.
A Maria da Fonte, 1889.
Catálogo da Exposição de Arte Religiosa no Colégio de Santa Joana Princesa, 1895.
«O Conimbricense» e a História Contemporânea, 1895.
Santuário de Lourdes de Carregosa, 1902.
A Casa da Madalena (Genealogia), 1903.
O Conselheiro António José da Rocha, perfil biográfico, 1904.
Na Livração — Casa de Quintã, 1909.
Centenário da Guerra Peninsular, 1808-1809. — Contribuição da Câmara Municipal de Aveiro para a sua história, 1908.
Aveirenses que morreram, sofreram e combateram pela liberdade, 1909.
O Espinho da Coroa de Cristo pertencente à Casa da Oliveirinha, 1910.
Centenário de Revolução de 1820; integração de Aveiro nêsse glorioso centenário (?).
Arquivo Fotográfico, com Melo Freitas. Oito números, 1884.

EM PUBLICAÇÃO:

José Luciano de Castro. — Memórias biográficas.
Aveiro no passado e no presente.

Cliché foto. de J. Azevedo

PORTO — IGREJA DE S. FRANCISCO — ASPECTO GERAL

EGREJA DE S. FRANCISCO

ao *Dr. Abel Pacheco*

LÁ em baixo, na zona ribeirinha, certo dia do anno do Senhor de 1233, alguns afervorados companheiros de S. Francisco d'Assis, o bom *Poverolo,* irmão do sol e do burro, começaram a cavar os alicerces de mais uma casa, que em Portugal seria a segunda da Ordem dos humildes frades menores. Ao velhusco e honrado burgo, rijo nó da valerosa nacionalidade, os chamara a fiel devoção de seus visinhos e homens bons. E um d'estes, piedosamente, logo lhes doou certos chãos na risonha collina de S. João de Belmonte, que seus eram, emquanto a arraia-meúda, prompta sempre em sacrificar-se, toda espontaneidade e impulsamentos de coração, lhes provava sua inteira bem-querença com a mais canceirosa ajuda no árduo maneio constructivo.

Breve, porém, foi embargada a obra pelos senhores do cabido, gente de ruim espirito e d'invejas rasteiras, pelo cavilloso motivo de ficar o terreno adentro do couto episcopal, o que premava os virtuosos franciscanos a requerer da Mitra o favor de sua licença. Mas, pela malevola iniquicia do acto, não houve quem respeitasse os embargos, com o que muito medrou a sanhuda ira do deão, do chantre e mais conegos, a qual, d'arrancada, se manifesta n'uma bruta perseguição, de molestas violencias, contra osînditosos frades, como *gente prejudicial ao mundo.*

No anno seguinte, com a volta de Roma do bispo D. Martinho Rodrigues, homem d'alterosas prosapias, que, iracundamente, com o senhor rei jogou as cristas, engraveceu o mal, pois elle além d'expulsál-os do burgo ainda lhes mandou derribar as casas principiadas, embora já lograssem o patrocinio régio, que lhes concedera D. Sancho II em razão de haver como do senhorio da corôa as terras d'áquem do rio da Villa, cujo leito cobre hoje a rua Mousinho da Silveira. Foi famigerado este caso dos limites do couto portucalense, que por largos seculos trouxe a Mitra e a Corôa em escandecido alvoriço.

Amargosas queixas apresentaram então em Roma os perseguidos e ahi a mofina contenda fermentou durante copiosos annos. Por fim, em 1244, D. Pedro Salvadores, sucessor de D. Martinho e tam altaneiro como elle, accedeu á construição no mesmo local da casa dos pobres franciscanos, o que, em boa hora, lhes assegurou a desejada moradia no velhusco e honrado burgo do Porto.

Esta concessão episcopal, ganha por mercê de Innocencio IV, attesta firmemente que não houve mudanças d'assento d'este mosteiro, como consta das fabulas tradicionais dos chronistas e antiquarios da cidade antigos e presentes.

Todavia, se á fabrica conventual deram atrigadamente os pios irmãos de S. Francisco a convinhavel expansão, com a egreja não gastaram cuidanças algumas, pelo que só muito depois, no tempo do senhor D. Fernando, o rei formoso, que pelos amorosos feitiços de Leonor Telles se perdeu, foi alevantada.

Não fruiam, portanto, pingues rendas, pois se contentaram por farto seculo e meio com o singelo templo vinculado á benigna doação do liberal bemfeitor de 1233, cuja traça devia ser toda romanica.

Por completo, malaventuradamente, desappareceu esse modesto padrão medievico, do qual só resta ligeirissima lembrança na *Historia de S. Domingos,* do eximio padre-mestre Frei Luiz de Souza.

O convento vai tambem perdido. Esse levou-o primeiro um incendio, por graça das torpes luctas liberalistas, e depois o devastador camartello do progresso, por mercê da rapace cupidez das *heroicas* ideias triumphantes. Salvou-se, fortunosamente, a egreja. Veremos se salvará da ruina que a ameaça gravemente e a que a votam o ignaro e menosprezivel desdem dos elementos officiais a mais a indifferença atónica, alarve, d'este povo que muito alto subiu para muito baixo descer.

Integra-se a egreja, construida entre 1383-1410, no estylo gotico primario, aindaque offereça alguns elementos decorativos do romanico. É, assim, um edificio do periodo da transição, unico no genero (em gotico só ha mais na cidade, no beco de Redemoinhos, um exemplar, d'ordem civil), do que se conclue que tal estylo não logrou os favores dos bons burguezes. No emtanto, já elle pela Europa de ha muito campeava preciosissimas louçainhas e esmerados primores e d'isso boa prova dão Chartres, Strasburgo, Amiens, Notre Dame, Burgos, Colonia, Toledo e Léon, assim como no paiz exhibia luzentemente as peregrinas maravilhas da Batalha, além de já ter firmado raizes em S. Francisco d'Evora, Santa Maria d'Alcobaça, no convento do Carmo de Lisboa, na Sé de Lamego (fachada), na egreja da Graça de Santarem, na da Oliveira de Guimarães (portal), e em Vianna do Alemtejo.

Quanto ao aspecto architectonico, destaca-se a egreja de S. Francisco pela accentuada severidade de linhas a par d'um sóbrio adornamento, ao qual faz excepção a belissima rosacea, grandioso girasol d'excelso desenho, onde parece lucilar a alma dos obscuros canteiros romanicos e goticos, que, cheios de fé e paciencia, foram os anonymos immortais, no juizo de Alves Mendes, o opiparo lavrante da prosa lusa, senhores do segredo de abrandecer e afeiçoar amoravelmente a pedra. Em sua contemplação, quem sabe porque mysticas affinidades psychicas?, perdia-se por horas detençosas Soares dos Reis, o que foi o maior estatuario da patria, pois n'elle fuzilava a faisca do genio.

Infensamente a esta parcimonia architectonica, uma pomposissima fartura de talhas doiradas, do flamejante estylo baroco, diffunde-se por abobadas, pilastras e capellas, a qual incitou Raczinsky, pasmado com tanta opulencia artistica, a appellidar d'*egreja d'oiro* esta casa do Senhor. Esta magnificencia decorativa, na qual se manifesta a turgidez e o empolado caracteristico das decadencias, apresenta, porém, muitas e gradas desegualanças, o que a propria copiosidade justifica, pois para tanta talha mais d'um plano concorreu e comprido foi o tempo gasto, que se conta dês a segunda metade do seculo XVII ao primeiro quartel do XVIII.

(Conclue).

Carlos de Passos.

Cliché fotográfico de Marques Abreu

PORTO — IGREJA DE S. FRANCISCO — ABSIDE

Cliché fotográfico de Marques Abreu

PORTO — IGREJA DE S. FRANCISCO — FACHADA

Cliché fotográfico de Marques Abreu

PORTO — IGREJA DE S. FRANCISCO — FACHADA

Parte superior com a belíssima rosácea em reprodução oblíqua

Cliché fotográfico de Marques Abreu

PORTO — IGREJA DE S. FRANC

ASPECTO GERAL DO INTERIOR

MUSEU REGIONAL DE AVEIRO

III (Conclusão)

ORGANISAÇÃO

A COMMISSÃO organisadora do Museu só rarissimas vezes se reuniu depois da sua installação; por isso e porque alguns dos seus membros, pelos seus afazeres, não pudessem dedicar-se ao grande incremento que o mesmo tomara, o presidente resolveu fazer ao Governo a seguinte proposta:

«*Ex.mo Snr. Ministro da Instrucção Publica.*—Lisboa. —O Museu Regional de Aveiro, póde, felizmente, acumular valores e attingir um desenvolvimento mais que bastante para reclamarem, não só assuidade de attenção e trabalho, que por mercê de quem se dedicou á sua organisação não lhe tem faltado, mas tambem uma direcção e guarda definida, competente e permanente, devidamente reconhecida e auctorizada.

«D'isso depende a esmerada conservação do que está feito, e que, muito é, realmente, e a prosperidade futura que muito mais promette ser. É isso uma questão essencial de método, ordem e efficacia, quer para o alargamento das riquezas d'esta instituição, quer sobretudo para as condições em que ellas hajam de ser mantidas, de modo a resultarem uma alta fecundidade educativa.

«São estas as circumstancias que tornam indispensavel confiar a direcção do Museu a pessoa de capacidade provada para o encargo.

«Não ignora V. Ex.ª que este Museu verdadeiramente deve a sua orientação ao esforço, intelligencia, saber e tenacidade do illustre historiador, ao qual tanto devem as letras pátrias, o snr. João Augusto Marques Gomes.

«Sem a sua iniciativa e aturadas diligencias, por certo o Museu não teria passado, até ao presente, d'uma rachitica tentativa, quando muito.

«Agora que está creado manda a justiça e o proprio interesse do desenvolvimento da instituição que ella seja confiada a quem a creou.

«N'estes termos temos a honra de propôr a V. Ex.ª que o snr. João Augusto Marques Gomes seja nomeado director d'este Museu Regional de Aveiro.

«Saude e Fraternidade.—Aveiro, 16 de Junho de 1915. —O presidente da Commissão organisadora do Museu Regional de Aveiro, *Jayme de Magalhães Lima.*»

Cliché foto. de Manuel de Abreu

MUSEU REGIONAL DE AVEIRO — SAGRADA FAMILIA

Enviada esta exposição pelo Conselho de Arte e Archeologia da 2.ª circumscripção ao respectivo Ministro foi por este mandada ouvir a Inspecção dos Museus Regionaes, que informou por esta forma:

«A nomeação do snr. João Augusto Marques Gomes para director do Museu Regional de Aveiro é, não só da maior justiça, mas ainda da mais alta conveniencia para os interesses artisticos do paiz. É ao snr. Marques Gomes que se deve a organisação d'esse Museu que, graças ao seu esforço e competencia, é hoje um dos mais importantes e interessantes de entre os nossos museus regionaes.

«O snr. Marques Gomes é portanto o director ideal, por reunir á sua competencia comprovada o grande amor que vota ás collecções que desde o inicio tem de facto dirigido. Esta Inspecção não se conforma com a gratuidade das funções de director do Museu de Aveiro, a não ser pelo menor tempo possivel, pois o contrario representa uma desigualdade flagrante visto serem pagos, como justamente o são, directores de museus regionaes com menor importancia do que este.

«E essa desigualdade seria n'este caso mais agravada pelo facto d'este funccionario ter, sem a menor retribuição e com sacrificio proprio, organisado e dirigido o Museu desde o seu inicio.

«Propõe, por isso esta Inspecção que, para gratificação d'este funccionario se consigne no proximo orçamento de 1915-1916, a quantia de duzentos escudos annuaes, propondo mais a V. Ex.ª para elle ser louvado publicamente, no caso de o não ter sido ainda, pelo muito zelo e competencia com que organisou e tem dirigido, provisoriamente o mesmo Museu. — Inspecção dos museus regionaes, 19 de Agosto de 1915. — O inspector, *José de Figueiredo.*»

Conformando-se com a proposta e informação transcriptas fui nomeado director do Museu por este decreto:

«Tornando-se necessario prover o logar de director do Museu Regional de Aveiro, criado por decreto de 7 de Janeiro de 1912;

«Attendendo aos relevantes serviços prestados á arte e archeologia pelo cidadão João Augusto Marques Gomes;

«Tendo sido cumprido o que dispõe o artigo 55.º, do decreto com força de lei de 26 de Maio de 1911: Usando da faculdade que me confere o n.º 4.º do artigo 47.º da Constituição da Republica Portugueza: Hei por bem decretar sob proposta do Ministro da Instrucção Publica, que seja nomeado, sem encargo para o Estado, João Augusto Marques Gomes para o logar de director do Museu Regional de Aveiro.

«O Ministro da Instrucção Publica assim o tenha entendido e faça executar. Paços do Governo da Republica em 11 de Dezembro de 1915. — *Bernardino Machado — Frederico Antonio Ferreira de Simas.*»

Não me ensoberbeceu a honraria mas animou-me a continuar a vencer difficuldades, augmentando mais e mais as collecções do Museu e completando a sua installação definitiva, com o aplauso de criticos de arte e homens publicos cujo testemunho enchem volumes do registo dos visitantes do Museu.

Cliché foto. de Manuel de Abreu

MUSEU REGIONAL DE AVEIRO — PRINCEZA SANTA JOANA

Cliché foto. de Manuel de Abreu

MUSEU REGIONAL DE AVEIRO — RETRATO DE D. CARLOS
Quadro de COLUMBANO

* * *

IMAGENS

Nossa Senhora, S. José e o Menino Jesus. — Este formosissimo grupo, em barro, era a invocação da capela do antigo noviciado do Convento de S. João Evangelista, Carmelitas, fundado pelo duque de Aveiro, D. Raimundo de Lencastre, em 1659. É porém de data muito mais recente, e segundo uma antiga tradução obra do notavel esculptor Joaquim Machado de Castro e dadiva do 7.º duque de Aveiro D. Gabriel de Lencastre, grande bemfeitor do convento, em 1742. As dimensões das figuras, são: Nossa Senhora, 0m,86; S. José, 0m,94; Menino Jesus, 0m,54.

QUADROS

Retrato de El-Rei D. Carlos. — É um trabalho admiravel do grande artista Columbano, executado a trinta e tal annos por encomenda da Camara Municipal de Lourenço Marques em cujos paços se conservou até á proclamação da Republica. Mandado então para o continente foi recolhido no Museu Nacional de Arte Contemporanea d'onde em Dezembro de 1917, veio, com outros quadros, para o Regional de Aveiro. Tela de 2m,00 x 1m,40.

Cliché foto. de Manuel de Abreu

MUSEU REGIONAL DE AVEIRO — S. JOÃO EVANGELISTA

Princeza Santa Joana. — É com effeito, como disse o snr. Joaquim de Vasconcellos uma das obras mais valiosas do Museu e foi primorosamente descripta pelo grande mestre. Pode ser uma reproducção fiel da pessoa que representa e cuja beleza é autenticada por escriptos da epocha em que viveu. Que bem cedo principiou a ser retratada a Princeza dil-o um codice escripto em pergaminho em caracteres goticos por Margarida Pinheiro, sua criada e que como ella tomou o habito dominicano no Convento de Jesus a que pertenceu e hoje se guarda no Museu. Tem este titulo: *Memorial da mui excellente Princeza, e mui virtuosa senhora a Senhora Dona Joana, nossa Senhora filha do mui Catholico e Christianissimo Rei Dom Affonso Quinto e da Senhora Rainha Dona Isabel sua molher.* São d'elle estas linhas:

«Gosava por todas as partes da Christandade a fama da grande excellencia da fermosura e industria do entender e saber d'esta Infante Princeza, e a todos os Reis, e Principes de diversos Reinos punha em grande cobiça e desejo de aver e ouvir, e porque lhe era impossivel pela distancia e alongamento dos Reinos e terras mandavão pintores mui perfeitos que a vissem, e tirassem pelo natural, para poderem assim pintada gosar de tanta formosura. Entre os quaes foi o mui serenissimo Luiz Rei de França primo de El-Rei Dom Affonso, padre da dita Senhora, e o Imperador da Allemanha cunhado seu casado com huma irmã do dito Rei D. Affonso. Certificavão e juravão os pintores não podiam nem tinhão sciencia para poder penetrar, e pintar tanta graça e formosura. Porem comtudo trabalhavão por a afemençar e pintar. Del Rei de França seu tio, (Luiz XI), se afirmou que vendo a pintura, a qual se diz era muito natural, que postos os jiolhos em terra deu graças e louvores ao Senhor Deus. Começaram alguns Reis e Principes de ademandar El-Rei seu padre para casamento aos quaes por entam não dava consentimento por sua tenra edade, o qual ainda entam nem penetrava o conselho divinal, que nom de Rei terrial, mas do Celestial.»

O facto tal como vem narrado pela freira está reproduzido n'um dos quadros a oleo que revestem a capela interior do antigo convento, chamada a Casa da Santa, e que é uma das curiosidades do Museu, e todos são alusivos á vida da Princeza. N'este quadro o traje diverge um pouco da pintura que a gravura reproduz, como esta diverge tambem dos retratos gravados em cobre que vem nos *Retratos e Elogios dos Varões e Donas que illustraram a Nação Portugueza* e no *Anacefaleosis* do Padre Antonio de Vasconcellos.

S. João Evangelista. — Dos chamados *goticos* que possue o Museu, e não são poucos, é o mais apreciavel. É pintado em madeira e são as suas dimensões — altura 0^{m},68 e largura, 0^{m},50. É roxa a tunica e vermelho o manto. «Não é possivel, escreve o snr. Joaquim de Vasconcellos, exceder a suavidade e doçura das feições do discipulo amado de Christo. O pintor quiz ser exacto em tudo; nos detalhes do calice gotico; no estojo com penna e tinteiro que poz á cinta do apostolo; no desenho do elegante mosaico sobre o qual pousa levemente o magestoso vulto do apostolo, etc. *Agnus Dei qui tolis...* diz a inscripção do calice, exhalando um suspiro de perdão sobre o pecado, a cobra vencida e subjugada.»

Pertenceu como os restantes quadros do seculo XVI ao Convento de Jesus, onde está installado o Museu.

Marques Gomes.

VARANDA DE PILATOS

O MAR, na minha frente, é uma grande mancha de azul, serena e límpida. Há ondas muito brandas, maneirinhas, quebrando de encontro aos rochedos da praia, verdes de limos e algas, agora a descoberto pela maré-vazia.

Agosto-azul é uma grande safira transparente no Céu e no mar, e só na linha do horizonte os longes teem uma tonalidade de poalha de oiro, que logo, ao poente, será verde primeiro, amarelo queimado de topázio ou côr de sangue, depois.

Fatigado de sol e de calor, o mar parece sonolento, adormecido.

Toda a costa de Portugal, de Norte a Sul, está em festa. Enchem-se as praias de barracas garridas, de movimento e de côr; e emquanto lá fora no mar, os barcos andam à pesca dos robalos e das tainhas prateadas, as crianças brincam, alegres, na areia quente e doirada.

Agosto-azul tem estado lindo e solheiro, e aqui, na Foz, se não fôra o mau gôsto dos homens, que tudo permitem e tudo estragam, Carreiros seria também uma das mais lindas praias de Portugal e do Norte.

Mas assim, não. A areia anda suja, immunda, negra do pó do carvão que as nortadas arrastam dos aterros do Castelo do Queijo e, o que é peor e mais triste, coberta de papéis velhos das merendas domingueiras.

É um arraial a que nada falta, desde as barracas de madeira e zinco para a venda de refrescos e bôlos, até aos mastros de pinheiros toscos e tortos, miseráveis, que agora servem para iluminação do Molhe — última manifestação de *bom gôsto,* não sei se da Companhia de Electricidade, se da Câmara, ou ainda do Departamento Marítimo!

Mete dó e revolta.

Agosto-azul tem estado lindo e alegre, cheio de côr, cheio de sol, cheio de vida, e na velha Avenida — formada de caixotes velhos e tristes, de todos os tamanhos, ricos e pobres, não há uma janela florida — uma única janela florida — de gerânios vermelhos!

* * *

Histórica e bucólica, a dois passos daqui, Vila do Conde é um exemplo, um bom exemplo a seguir.

As casas novas junto à praia, e o hotel, teem carácter e teem côr. E a côr, as lindas côres garridas e alegres das janelas — o azul marinho, o verde esmeralda e o vermelho vivo — sôbre paredes brancas de cal ou de oca torrada, tudo transformam num milagre de graça e de frescura.

Miramar e a Granja (esta principalmente, nas construções de Alvaro Miranda) são ainda outro exemplo, e por todo o país, onde o gôsto instintivo do povo não foi estragado pela civilização do chalet e da casa do brasileiro de torna-viagem, há notas de alegre pitoresco, lindos e simples motivos a copiar, sem aqueles arrebiques complicados e achinesados tanto em uso e abuso nas falsamente chamadas casas portuguesas.

Só Évora — a mais típica cidade do velho Portugal, onde os gryptos das janelas são modelos de ourivesaria — poderia encher de motivos admiráveis os albuns dos nossos arquitectos e estudiosos, e então, recolhido êsse material precioso, seria fácil modificar todos os velhos pardieiros, tristes e sujos, em cujos interiores, numa grande parte, já entraram pelo menos as «cretones» alegres, afastando as bojudas redomas de vidro, e mais os seus papagaios silenciosos, as vinte e quatro cadeiras hirtas e solenes respeitosamente alinhadas em volta da sala sem confôrto, e, sôbre tudo, aqueles terríveis tapetes zoológicos, de leões, tigrés, veados e panteras, cuidadosamente domesticados junto dos canapés de palhinha!

* * *

Agosto tem estado lindo; e é ainda o sol, o genial pintor, quem tudo transforma, tudo embeleza, enchendo a costa de Portugal de côres festivas, de alegria e de vida!

MANUEL DE FIGUEIREDO.

D. Rosinda Rebelo Carvalho e Castro

Benemérita senhora que ofereceu para a Maternidade da Faculdade de Medicina do Pôrto o importante donativo de 500 libras

ROTEIRO BIBLIOGRAPHICO

MEMORIAS ARCHEOLOGICO-HISTORICAS DO DISTRICTO DE BRAGANÇA, vol. v

POR *FRANCISCO MANOEL ALVES*

SÃO as monographias historico-regionais as achegas certas e seguras, conjugadas com os diplomas de caracteristico nacional generico, da futura elaboração da historia patria, uma vez que, malfadadamente, Herculano não acabou a sua, Schaefer, de longe, não pôde alicerçál-a com a precisa seguridade, e Chagas, na sua róta litteraria, a mergulhou no banho do romantismo túrgido e alteroso do seu tempo.

Ainda não formam hoste os obreiros d'esta agra feição litteraria; no emtanto, esses estudos já grangearam bastantes devotos, que muito teem valido para a salvação de valiosos elementos, de perda certa pelo effeito erosivo do tempo — *tempus edax rerum.*

Ora d'entre seus cultores occupa logar de prestigioso relevo Francisco Manoel Alves, digno reitor de Baçal, que, pertinaz e intelligentemente, em canceiras e paciencias apostolicas, com desapêgo de gastos e proventos, de commodidades e honrarias, tem investigado e historiado a vida d'um genuino rincão portucalense, o bragantinó.

É, por fim, d'esta guisa que se podem apparelhar os trabalhos de historia regional; portanto, só um grande zelo, uma arraigada fermença, como a que levou Plinio ás lavas do Vezuvio, será capaz d'impulsionál-os.

Não carece d'encomios o illustre sacerdote, porquanto o paiz culto, uma minoria infima, lhe tem significado o largo apreço que lhe vota e sua reputação d'operoso e dextro investigador está feita *omnium consensum* do escol erudito, com inteira justiça, pois não é elle d'aquelles sabichões encartados, a abarrotar de sciencia de lombada — *doctus cum libro,* bons para pesa-papeis, mas um estudioso intelligente e consciente.

Fóra d'esse restricto e culto ambiente é valor ignorado no paiz; as proprias supernas regiões officiais mal lobrigam sua existencia. Eis a sorte, afinal, dos bons escriptores do paiz e razão tem, pois, Ricardo Jorge quando considera *que ser alguem em Portugal é peor que não ser ninguem.*

O presente volume trata da colonia judaica brigantina, uma das mais importantes do paiz, cuja bibliographia, de propaganda, combativa e historica, vai agora de vento em pôpa. Surge, portanto, n'um lance azado, já que voltou á berlinda a mofina, velha e sempre nova, contenda israelita, dimanada dos empenhos aguçosos e traiçoeiros da gente de nação em absorver hegemonias e predominios, d'alvo posto na imposição da soberania de sua raça pelo desaggregamento da estructura politico-social vigente.

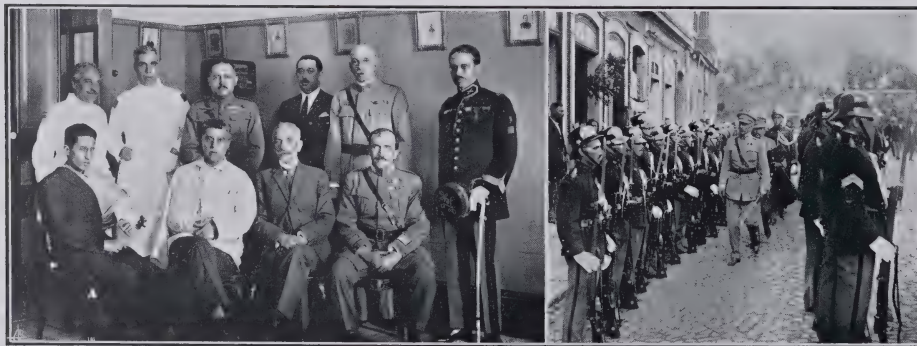
Duas partes formam a obra: um preambulo e uma collectanea de listas dos processados por judaismo na Inquisição. Estas patenteiam de sobejo que, atravez da severidade e da actividade fervençosa d'esse tribunal, a repressão dos delictos religiosos e desmandos morais no bispado de Bragança, como, afinal nos restantes, nunca foi inclemente nem truculenta, quer na quantidade quer na qualidade. No preambulo, devéras interessante e notavel, tambem se distinguem duas partes: na primeira corre um fio historico á mistura com notas e reflexões criticas, apojam a segunda as praticas e costumes gerais dos hebreus, relacionadas, alquando, com as peculiares da zona estudada.

Reconhecido e preconisado o valor intrinseco das *Memorias,* não se deixará de lamentar o *sans-façon* de sua execução: fórma litteraria e methodo. Aquella não será condição essencial n'uma obra histórica ou erudita; todavia, não poderemos dedignál-a ao ponto de brigar com a correcção vulgar, pois isso não é só desagradavel ao sentido esthetico da linguagem, como difficulta a leitura. Ora a pontuação é uma coisa arrevezada, cahotica, a jogar a cabra-cega com as palavras, e a grammatica é dona de pouca reverencia para o auctor.

Sei bem que muitos escriptores a julgam desoladora; parodiam Milton que a havia como campo largo d'atoleiros e descampados. Concordemos em que o epico britannico fazia sempre poesia! Quem quizer escrever seguramente ha-de attender a grammatica, como quem construe casas lhe cavará alicerces.

O methodo irmana sua sorte com a grammatica, pois não tem a obra a pertinente divisão de materias, nem sua graduada exposição. Lembra, embora para melhor, o processo de Bruno, que tinha a habilidade de tratar todos os assumptos, menos o proposto.

Estes senões, todavia, não desmerecem o valor real da obra, mas é de pesar que a maculem.

CARLOS DE PASSOS.

Clichés foto. de Alvaro Martins

1. O sr. general Carmona (à paisana) e tenente-coronel Passos e Souza, ministro do comércio, visitam no Hospital Militar o ministro do interior dr. Ribeiro Castanho, e seus secretários, vítimas do desastre de Lamego. 2. O presidente do ministério, sr. general Carmona, passa revista às fôrças da guarda republicana, aquarteladas em Braga, por ocasião da sua recente visita à capital do Minho.

Cliché da Fotografia Marques

VISTA GERAL DO GEREZ

Cliché da Fotografia Marques

1. ANTIGO GEREZ — 2. AVENIDA DO GEREZ — 3. COLUNATA DAS CALDAS DO GEREZ

O GEREZ

«Aegri surgunt sani.»

IMITANDO—¡sempre imitadores... e ronceiros!—o interessante movimento que em França, após a guerra, se operou na transformação e valorização das suas estâncias de águas medicinais, muitas delas, como entre nós, ainda mal conhecidas e pèssimamente exploradas, vamos acordando devagarinho, a passo de boi, para a solução de um dos problemas mais consideráveis da nossa economia pública, no duplo aspecto higiénico e mercantil.

Sempre é bom acordar...

Embora a grande nação latina esteja na posse dos mananciais hidrológicos mais ricos, sem rival, certo é que o bom do *boche*, a quem o chauvinismo demencial dos ocidentais cobrira de vitupérios apodando-o de selvagem, soube como ninguém tirar partido do progresso avassalador das sciências da natureza, da física e da química, subsidiárias da medicina, para organizar magistralmente, incomparavelmente, as suas famosas estações de crenoterapia, com aquele método scientífico, utilitário e prático, que faz da Alemanha sempre, na paz como na guerra, na vitória como na derrota, exemplo e modêlo vivo das nações fortes.

Padecentes opulentos de todo o mundo ali demandam a saúde, porque os seus sanatórios climáticos e de águas, em geral associados, são entregues, ao contrário do que sucede cá por casa, entre lusitanos, à direcção clínica das sumidades médicas mais insignes.

Eis o segrêdo evidente, o X fundamental do problema, que o Estado há muito soube resolver pelo consórcio íntimo do seu génio de previdência esclarecida com a intuição industrial das empresas exploradoras, que, não sendo boçais, sabem aproximar-se da autoridade e do prestígio da sciência para se inspirarem nela e adoptarem as suas conclusões desinteressadas. Assim se converteu em puro oiro de boa lei a água daquelas fontes de milagre onde correm juntas, sem cessar, a saúde e a riqueza...

Por sua vez a França, recordando a propaganda clamorosa de Landouzy, procura enveredar no encalço do *boche*.

Sempre é bom acordar...

¿E nós?...

E' sabido que as boas ideias que veem de fora levam um século a transpor os Pireneus para chegarem «à mais linda pátria que ainda houve no mundo». As más é que chegam depressa. Ninguém estranhará por isso que os médicos portugueses só agora despertem para atrair a atenção do Govêrno e a do público sôbre uma das faces mais interessantes e compensadoras do fomento nacional.

Está na ordem do dia, por toda a parte, o turismo. Todas as nações civilizadas procuram organizá-lo e explorá-lo. Nenhuma delas nos sobreleva em condições de ordem natural, para

Cliché da Fotografia Marques

ESTABELECIMENTO TERMAL DO GEREZ

Cliché da Fotografia Marques

RIO GEREZ — CASCATA DAS PALAS

merecermos a honra de ser visitados pelas caravanas modernas da sociedade que viaja e se diverte, espalhando febrilmente pelo mundo o seu dinheiro e o seu progresso, e assimilando civilizações estranhas.

Nesta ordem de conceitos se integra a iniciativa inteligente, nunca assás louvada, da «Associação Médica Lusitana», realizando recentemente uma sessão de estudo na mais notável das estâncias hidro-medicinais do nosso país, das mais notáveis, sem contestação, de quantas há conhecidas e definitivamente consagradas, pelo empirismo popular, desde a passagem dos romanos através da península, pela observação clínica de inúmeros médicos, pela análise e experimentação dos mais altos representantes da sciência, quer portugueses, quer estrangeiros.

Referimo-nos ao Gerez, onde num scenário de maravilha, que deslumbra ainda os olhos mais delicados e habituados aos espectáculos empolgantes da Natureza, brota das entranhas misteriosas da terra, a linfa mais singular que a terapêutica conhece e utiliza para a cura privilegiada de um grande número de espécies mórbidas que fazem o desespêro da humanidade sofredora e quási desiludida.

Tem cada povo, cada raça, cada civilização, sua nosologia especial e típica. Tal como uma conta de somar — dizia Souza Martins — que duma só maneira pode estar certa e de muitas maneiras pode estar errada, o homem de hoje, nada hígido, cada vez mais escravo do progresso e da febre de viver, alucinada e frenética, cria por seu próprio desatino a dôr e a morte prematura. Inconscientemente, a lento e lento, o homem suicida-se.

Mas onde está o mal — reza o prolóquio latino — aí está o remédio. Eis a condição providencial dos portugueses, que tendo de rebater a gama indefinidamente extensa e variada dos desmandos da saúde, na metrópole, no Brasil e nas Colónias, têm junto de si, sem saírem do terreno pátrio, os mais preciosos recursos da fisioterapia moderna, que os dispensam da mixorofada boticária de julepos, poções, elixires, ungüentos e pílulas, para prevenir e curar, sem enfado, as enfermidades do corpo e simultâneamente as do espírito, sempre associadas e correlatas.

O Gerez convertido em templo de Esculápio e numa mansão de repouso, como deve ser visionado, continua a ser — ¿por quanto tempo ainda?... — um filão incompreendido mas prodigioso; noutro país, melhor dizendo, com outra gente capaz de compreender e agradecer os dons da graça de Deus, seria há muito a mais famosa das estações de águas da Europa ocidental.

Porque naquela montanha alta e religiosa, de largos e profundos horizontes, a contrastar com a debilidade do homem em desagregação perene através da espécie, tudo é vigor e potencialidade a transfundir-se em nós, dando-nos alento e consciência orgânica de novas fôrças para o combate exaustivo da vida.

A. de M.

Cliché da Fotografia Marques

GEREZ — RIO CÁVADO

Cliché da Fotografia Marques

SERRA DO GEREZ — ALTO DO CALAMOUÇO

ILUSTRAÇÃO MODERNA

PUBLICAÇÃO MENSAL — EDITOR-DIRECTOR — MARQUES ABREU

1.º ANO — PORTO — OUTUBRO — 1926 — NÚMERO 6

Imprensa das Oficinas de Fotogravura de Marques Abreu — Avenida Rodrigues de Freitas, 310 — PORTO

«ORAÇÃO» — DESENHO DE D. MARIA RIBEIRO

Da colecção do Sr. Afonso Pádua Correia

CRÓNICA DO MÊS SETEMBRO

Tempo de rosas e de nictagíneas. — As praias americanizadas. — Um assômo de revolta e um prémio de consolação.

Um Setembro delicioso, de uma serenidade paradisíaca, o sol brilhando no céu azul de safira, mas já sem aquele ardor canicular com que ameaçara reduzir-nos a torresmos, como se o desastrado Fètonte houvesse mais uma vez empunhado as rédeas do carro de Febo. Nas noites tranqüilas, sem humidade e sem brisa, o firmamento era como um grande pano de veludo escuro onde scintilassem miríades de diamantes. E nas praias que a população da cidade procurava instintivamente, ávida de respirar um ar ozonisado e fresco, a superfície do oceano era uma larga túnica, levemente pelissada ao contacto da costa e graciosamente orlada pela renda branca da espuma.

Encheram-se os hotéis, as casas de pensão e os restaurantes das estâncias ribeirinhas. Nos cafés, ao cair da noite, azafamava-se uma multidão heterogénea, mescla formidável de tôdas as classes sociais. Ao fundo, nos estrados de pinho a fingir mogno, os quartetos tocavam as músicas modernas que são antigas em Paris. No salão ao lado, oculto por um pesado reposteiro, girava na concavidade central de uma mesa — três decímetros de profundidade que representam um abismo sem fundo — a esferazinha sedutora da roleta, entre caras ansiosas e olhares desalentados. Era a aluvião da gente provinciana que, farta dos nove meses de inverno que lá em cima lhe regelaram os membros, e fugindo aos três meses de inferno que são da praxe longe da corrente moderadora do Gulf-Stream, veio por aí abaixo, faminta de gôso, de bons petiscos... e de casamentos abastados, — coisa que na província não é fácil arranjar.

Porque a gente da alta sociedade já não freqüenta, nas praias, os antigos logares de diversão. Passar a tarde num jardim público, saboreando a sombra propícia do arvoredo, ou a noite num café ouvindo um violino, um piano e dois violoncelos sublinhar as frases maliciosas de *Quand on est deux,* é hoje tudo quanto possa haver de menos *v'lan* e de mais «botas de elástico». De aí o acontecer que quem preza os seus pergaminhos, ou tem muito dinheiro (o que representa outra espécie de fidalguia não menos despicienda) faz agora vida áparte, quási panteista, passando as manhãs na praia, as tardes na praia, e na praia também, sob o jôrro de poderosos globos eléctricos, as noites serenas. Existência altamente higiénica e profilática, sem dúvida, que eu classifiquei de panteista e deveria porventura chamar pagã. Porque é uma formidável nota de paganismo a que lá dão todos quantos pisam a areia e mergulham nas salsas ondas. Reduzidos ao mínimo os trajes de banho — pescoço nu, peito nu, costas nuas, coxas, pernas e pés nus — as mulheres dão a impressão de náiades arrancadas a uma tela mitológica. Por seu turno os homens, enfiados os flancos num *maillot* tenuíssimo, parecem folgar na ostentação de uns músculos fora do vulgar a que o desporto retesou e desenvolveu as fibras. E não vão supôr os meus leitores nascidos no século passado e sempre confinados na solidão dos seus casais montanheses que esta indumentária sumaríssima constitue apenas a *toilette* durante os dois minutos precisos para entrar no mar, tomar três ondas e recolher à barraca. Não. Ela serve para passear pela praia, conversar, flartar, receber a carícia ardente do sol em decúbito sôbre a areia, enquanto os olhos se perdem na vastidão marítima ou divagam pelas páginas irreverentes do último romance de Vautel.

Passam-se assim, nêste traje que não dista muito do de nossos primeiros pais antes de deglutirem a maçã que nos perdeu, manhãs inteiras, tardes inteiras mesmo. À noite, porque a atmosfera refresca, as epidermes apresentam-se menos desnudadas. Mas, ainda assim, reina soberanamente o decote, que não perde os seus direitos quando nos casinos, ou nos hotéis, há festa *smart:* jantar, ceia ou chá à americana, — ou seja: refeições em que se come pouco e se dança muito.

É nessas festas que rigorosamente se patenteia a inventiva dos seus promotores. Aqui tenho eu presente a descrição de uma ceia à americana numa praia elegante do Norte. E nela vejo que, quando os pares se enlaçavam para dançar, se apagavam os lustres do salão, conservando-se apenas acesas umas pequenas lâmpadas ocultas entre verdura e alguns balões venezianos encostados aos muros. Ficava por esta forma o salão mergulhado numa penumbra agradabilíssima, numa luz quási extinta, muito requebrada, — tão requebrada como os próprios meneios do tango que os pares iam executando por entre as mesas. E foi aquela — afiança o jornal onde aprendi estas coisas — a melhor festa de *season,* porque «o salão, assim frouxamente iluminado, parecia invadido por um luar suavíssimo, que tornava mais formosas as mulheres».

Tudo pode ser. Já lá disse o poeta:

> *«...Il y a des fleurs aussi*
> *que le soleil étiole et l'ombre épanouit.»*

Não devem as senhoras melindrar-se por serem assim comparadas a nictagíneas. É de noite, sem sombra de dúvida, que a beleza feminina mais resplende, mesmo ao palor da lua. ¿O ministro Buckingham teria espalhado aos pés de Ana de Áustria o seu valioso e preciosíssimo colar de pérolas se a estivesse vendo numa rua à luz do sol em vez de a estar contemplando num jardim batido pelo luar? Também nos salões e nos teatros, sob o clarão incisivo das lâmpadas eléctricas, a formosura das mulheres se multiplica e sobresalienta. Mas era há um par de lustros que assim o entendiam... os entendedores. Hoje as lâmpadas dos teatros estão quási sempre apagadas, as dos cinemas quási não chegam a acender-se, e as dos salões de dança apagam-se

precisamente quando os foxtrotistas mais precisavam delas... para não escorregarem.

Mas é a moda, e uma moda americana que é preciso seguirmos e respeitarmos. Dizia-se dantes que a civilização caminhava do Oriente para o Ocidente. Agora, a civilização inverteu o sentido da sua marcha. É a América quem a cria e a Europa quem a recebe nos jornais a sôldo do rei-milhão e nos rebarbativos instrumentos do *jazz-band*. Uma civilização um tanto exótica e demolidora, mas, emfim, uma civilização,—sem embargo de cheirar bastante a negro, a gaúcho, a *cow-boy* e a pele-vermelha.

...Resta saber se será melhor que a outra, a que nossos pais nos haviam legado...

* * *

CAMPOS MONTEIRO.

Este numero da
"Ilustração Moderna,,
Foi visado pela censura

CANDIDO DA CUNHA

ENCONTRA-SE de luto a Arte, por acabar de perder um dos seus mais ilustres ornamentos, e de luto se encontra igualmente a *Ilustração Moderna,* a quem a morte arrebatou um dos amigos mais queridos e mais dedicados cooperadores. Cândido da Cunha, de há muito condenado por uma doença que não perdôa, e contra a qual a medicina se julga incapaz de reagir, faleceu na noite de 16 do corrente, na sua casa da rua Antero de Quental, desta cidade, e ficou sepultado, em jazigo de família, no cemitério da Lapa, acudindo a prestar-lhe as derradeiras homenagens um grupo selecto de parentes, amigos e admiradores.

Ainda no n.º 4.º desta revista memoravamos os relevantes serviços que nos estava prestando Cândido da Cunha, que desinteressadamente andava percorrendo as colecções artísticas particulares, a fim de escolher os trabalhos que a *Ilustração Moderna* devia reproduzir, impulsionando-o apenas a sua nunca desmentida e sempre firme amizade pessoal e o seu entranhado e fervoroso culto das obras de arte.

No próximo número fará a *Ilustração Moderna* devida justiça ao talento do ilustre morto, reproduzindo alguns dos seus melhores quadros e salientando o seu alto merecimento como artista.

Por hoje limitamo-nos a registar, com mágoa e saüdade, a perda, para nós verdadeiramente irreparavel, do amigo lealíssimo e valioso cooperador.

Cliché fotográfico de Marques Abreu

PORTO — IGREJA DE S. FRANCISCO — NAVE LATERAL

Cliché fotográfico de Marques Abreu

PORTO — IGREJA DE S. FRANCISCO
— NAVE CENTRAL

EGREJA DE S. FRANCISCO

AO *DR. ABEL PACHECO*

A ENTRADA é franqueada por um portal de graciosa composição e d'apuradas proporções, de estylo jesuita, obra dos fins do seculo XVII a principios do XVIII, antes pertencente ao mosteiro de Monchique. Este deploravel enxerto, ageitado no segundo quartel do seculo XIX, foi a causa da subversão do portal originario, de recórte gotico.

Dois renques de cinco tramos por cada lado, d'altos e galhardos arcos ogivais, dividem a egreja em trez naves, que são abobadadas, assim como as do cruzeiro e da capella-mór. Esta foi reconstruida pelos Sás, condes de Mattosinhos, e sua talha assombra pela excellencia da execução e pela justeza perfeita com que abraça as agudissimas nervuras.

Um elegante arco manoelino abre a capella meridional do transepto, obra de 1500, com abobada artesonada e um roda-pé d'azulejos do seculo XVIII, em cujo altar se desdobra um painel gotico, em taboa, representando o baptismo de Christo com o Padre Eterno a abençoar a scena a mais o devoto fundador, que é uma obra bastante notavel dos fins do seculo XIV. No absidiolo contiguo, capella mortuaria dos Brandões Pereiras, um ediculo renascença, de sabor germanico, guarda dois tumulos. No chão outro tumulo renascença, com alguns lavores platerescos, occupa a entrada.

Cumpre ainda assignalar a pintura mural da Senhora da Rosa, que é notavel tanto pela antiguidade, porquanto remonta ao principio do seculo XV, como, de certo modo, pelo aspecto iconographico, visto exhibir as figuras do senhor rei D. João I, o de boa memoria, e de sua mulher Dona Philippa, os quais beijam reverentemente o pé do Menino, offerecido pela Virgem. Por isso era que el-rei lhe votava grande estima e predilecção. A obra demonstra a influencia italiana, com resaibos byzantinos, embora esteja muito deteriorada por retoques barbaros e brutais sevicias d'alguns visitantes da Cappadócia.

Na sanhosa fula-fula da presente hora materialista, a que deu começo a desvairada tôrva do liberalismo, pela veneranda egreja, indifferente ás suas bellezas e á sua gloriosa canicie, passa a turba-multa das gentes, umas, compostas d'aquellas pessoas d'ideias sobremodo positivas, a que allude o ironico Sthendal, absorvidas nos complexos problemas de fazerem a felicidade publica pelo mór lucro dos negocios, outras, dispersas pelos varios matizes sociais, marasmadas pela ignorancia e pelo predominio das forças brutas do instincto, que as mirificas commodidades do progresso teem propiciado, com summo aggravo da firmidão nacional e dos vinculos da grey.

Cliché fotográfico de Marques Abreu

PORTO — IGREJA DE S. FRANCISCO — TÚMULO RENASCENÇA

Cliché foto. de Marques Abreu

PORTO — IGREJA DE S. FRANCISCO — EDICULO RENASCENÇA

A poucos ella interessa; raros são os que se delongam em admirar-lhe a pureza austera das linhas, a opulencia artistica de suas talhas decorativas, embebecidos na lembrança commovedora da grandeza moral do passado. Estamos cahidos n'aquella charra e prosaica uniformidade espiritual prevista por Pinheiro Chagas, pois se d'antes o architecto era poeta, hoje é mestre d'obras.

Assim, a bella e encanecida egreja não é mais para os portuenses (não digo tripeiros, pois é raça quasi extincta, mercê do senhorio sem fé nem lei da burguezia plutócrata constitucional) que um trambolho, uma velha peça solemne com que se capta o estarrecimento dos viajeiros de fóra termo e de fóra raias, quando lhes cabia a obrigação de servil-a e amal-a com o maior zelo e ardor.

Não importa que a chuva, filtrada por rachas e eivas dos telhados, vá causando o apodrecimento do fôrro e da talha dos tectos; não importa que, por falta de vedações, o vento rodopie lá dentro e sacuda rijamente os retabulos, com damno de sua segurança, e as pombas por lá voltejem e criem livremente, com detrimento da limpeza d'altares e sobrados; não importa que por isso tudo e pela acção da luz e da atmosphera os doirados se offusquem e desfaçam.

Não! nada d'isto importa! — pois a egreja nem dá votos nem lucros. Todavia, trata-se d'um monumento nacional, de que é costume fallar-se retumbantemente, que serve para os chavões da vaniloquencia dos nobres conselheiros accacios e illustres litteratos de pacotilha entendidos em coisas d'arte. É que em Portugal os monumentos não valem como glorias nacionais, não servem para o ennobrecimento do povo, para o orgulho patrio; seu destino é outro, proprio do tempo em que vivemos. Assim como, desvanecidamente, os morgados empobrecidos e tolos mostram os salvados da velha casa solarenga, assim nós, com prosapias balofas e loquelas tautologicas de comicio e de discurso patrioteiro, apontamos essas augustas reliquias d'um passado grande, mais ou menos taladas e escalavradas, quasi sempre desprezadas, e dizemos aos compadres e ás visitas: eis ali as memorias da mais grandiosa historia do mundo. Depois, exhaustos do esforço, aguardamos nova maré de proferir a fórmula sacramental. Entretanto, as tais memorias, sem desvelado acorro, vão-se arrasando lastimosamente. E quando d'ellas só restar um montão de pedras, proferiremos, com o mesmo jactancioso entono: eis ali os logares das memorias da mais grandiosa historia do mundo.

Por isso, a egreja de S. Francisco, já maculada nefandamente pelos bargantões do Mindello com a installação de cavalhariças, casernas e sentinas, ha-de ir ruindo aos poucos; todavia, quando se tiver perdido este excelso padrão da gloriosa historia do Porto, quando d'elle já não possa orgulhar-se o minguado patrimonio artistico nacional, é certo que haverá abundamento de tropos esbrazeados no verberar o desmazelo e de lagrimas de crocodilo no carpir a ruina.

Não vai n'isto a *bilis atra* de Persio, porque esta é a verdade, comquanto tal peze ao estolido optimismo do paiz, que ao do amigo Pangloss se avantaja magnamente.

Carlos de Passos.

Cliché fotográfico de Marques Abreu

PORTO — IGREJA DE S. FRANCISCO
— ARCOS REVESTIDOS DE TALHA

Cliché fotográfico de Marques Abreu

PORTO — IGREJA DE S. FRANCISCO
PILASTRA FASCICULADA

VARANDA DE PILATOS

HACHETTE, o grande livreiro-editor, lançou no mercado, creio que recentemente, uma *Nouvelle Géographie Universelle,* dois grossos volumes, com mais de oitocentas e cinqüenta gravuras e cem mapas, e de que é autor o sr. Ernest Granger. Ora êste senhor, professor de História e Geografia segundo se lê no frontespício da referida obra, possue, como quási todos os seus concidadãos, do Mundo e dos homens uma esplendida ignorância francesa, e dela usa e abusa, no que toca à península Hispânica, em larga escala. Tendo dos espanhóis e da Espanha aqueles falsos conhecimentos jacobinos que os jornais franceses, a propósito de tudo e de nada, não perdem ocasião de apregoar à Europa civilizada, é para nós, portugueses, especialmente desagradável, embora a verdade histórica o obrigue, ao percorrer as Cinco partes do Mundo, a falar constantemente dos portugueses e seus feitos, com honra e glória.

Mas em nota, descabida e impertinente, o sr. Granger (que para os francos revindica a primazia das navegações oceânicas!) permite-se fazer um desagradável comentário embora, em parte, justificado, que não só pela larguíssima difusão de que gozam as edições Hachettes, mas ainda pelo local e momento em que é feito, tem a sua importância, direi mesmo a sua gravidade. Vou traduzi-lo para conhecimento dos leitores da *Ilustração Moderna* e como demonstração cabal de como estamos sendo apreciados por olhos alheios na nossa falta de juizo político e ainda, e principalmente, quanta culpa nos cabe no mau nome das nossas colónias, pela nossa quebra de orgulho nacional, e até, de decôro próprio, como serve de exemplo recente uma vergonhosa e triste reportagem em que um dos nossos maiores diários andou por terras de França preguntando aflitivamente, de chapéu na mão, se, de facto, as colónias portuguesas corriam qualquer risco, próximo ou futuro.

O resultado dessas dúvidas e dessas preguntas covardes que nos envergonharam como nação livre, orgulhosa do seu passado de epopeia e consciente do seu futuro glorioso, aí está a revelar-se todos os dias em jornais e em livros, e de efeitos à vista na última conferência de Genéve.

Mas diz o sr. Granger:

«Portugal sofre dos mesmos males da Espanha; instabilidade governativa, numerosas revoluções, má administração, caciquismo, indolência e preguiça dos seus naturais, falta de instrução, penúria e retraímento dos capitais, etc. No entanto, conseguiu conservar até hoje uma parte considerável do seu imenso império colonial. Mas essas colónias são tão mal administradas e a metrópole tira delas tão pouco proveito, que por diferentes vezes houve o pensamento de as vender. De resto parece que, *nas próprias classes dirigentes se manifesta uma espécie de indiferença, de fadiga moral, de desgôsto pela acção, de pessimismo agudo, mesmo do desespêro que leva muitas vezes ao suicídio, e é de molde a despertar os mais graves receios sôbre o futuro da nação portuguesa.*»

MANUEL DE FIGUEIREDO.

VARIAÇÕES SOBRE A IRONIA

(A PROPÓSITO DO VISCONDE DE SANTO TIRSO)

QUANDO há mais de um quarto de século me revelaram os segredos da estilística, ensinaram-me que a ironia é um tropo que consiste no emprêgo de uma palavra ou frase para exprimir o contrário do que se pensa, e que podia revestir quatro formas, que iam do brando eufemismo, pelo asteismo e pela anti-frase, até ao cruel sarcasmo. Era pouco e sobretudo de um tecnicismo muito pobre; mas êstes rudimentos, ainda assim, eram escolhos em que esbarrava a navegação escolar dos menos expeditos.

O professor, um velho padre, sabedor e paciente, não se poupava a diligências para que adquiríssemos uma posse verdadeiramente automática dos segredos — êle dizia tesouros — da retórica, e, na sua pedagogia bondosa, premiava sempre com um tostão de prata de D. Luís I o estudante mais pronto nas definições e na análise; mas também nos obrigava à restituição, logo que sobrevinha um desfalecimento ou se manifestava outro valor mais alto. A teoria dos tropos fêz-me ganhar a apetecida moedita... que logo perdi para a ver correr de mão em mão, como essas taças, primores de ourivesaria, que passam de équipe em équipe aos acasos do jôgo, e nunca são de ninguém, em definitivo.

Quando um dia reflecti sôbre as ideias, que ácerca da ironia me inculcara o bondoso padre numa idade em que eu não podia compreendê-las, nem praticá-las, perdi um pouco a fé na retórica, mas também achei a ironia a princípio ilógica e logo uma atitude mental dissolvente. Era na idade dos extremismos, das afirmações claras, do audaz pisar forte.

Eça de Queiroz, o mestre da caricatura moral, e Anatole France, o malicioso ironista, cuja leitura entrou em muito na educação literária da minha geração, reconciliaram-me um pouco com êsse processo espiritual, que era risonho e preguiçoso, e era também uma defesa fácil das posições indecisas, do *juste milieu* que não só na política, como queria Luís Filipe, mas na vida do pensamento, constitue uma inclinação natural de muita gente.

Lendo e observando, fui achando cada vez mais insuficiente a teoria do velho preceptor sôbre a ironia. Entretanto os ingleses revelaram-me o *humour,* que compreende a ironia

como processo de translação, mas que é uma mais ampla disposição da inteligência e da sensibilidade, porque nasce da mais vibrátil simpatia e tende a elevados objectivos de reforma moral; e muitos outros mestres, entre êles «el ingenioso hidalgo manchego», fizeram-me ver na ironia uma fecunda maneira de conhecer.

Como há em matemática o método de redução ao absurdo, como existem as deduções lógicas de hipóteses provisórias, que a ilações certas conduzem, há no mundo moral a ironia, que defronta o ideal com o real, que umas vezes finge tomar a sério o risível e outras se ri do sério, mas que é sempre dominada por uma grande desconformidade com que o é e pela preocupação do que deve ser.

Os humoristas constituem freqüentemente a leitura do homem maduro que fatigado da ficção conserva sempre um interêsse vivo pelos ensaios em que subtilmente se ironisa sôbre as suas anteriores ilusões, incluindo a outra maior que lhes sucede, a ilusão de já não ter ilusões. E êsse gôsto harmoniza-se perfeitamente com uma recta consciência moral, com o sentimento do infinito, a emoção religiosa e todas as grandezas da alma. Talvez esteja hoje um pouco fora da moda, porque a vesânia de extremismos, que assola o mundo, está pedindo a reacção de extremismos opostos, não só igualmente fortes, mas até mais fortes para obter a vitória. E essa necessidade é verdadeiramente embaraçosa para os espíritos amantes do *juste milieu,* porque — diga-se toda a verdade — a inclinação para a ironia, mesmo na sua forma mais transcendente do *humour,* enfraquece as faculdades executivas e esfria com scepticismo moderador todos os grandes impulsos. O forte espírito crítico, parente próximo do *humour,* produz crises de deliberação e nos seus exageros leva à aboulia.

Dêstes riscos se defendeu, já no outono da vida, hàbilmente, um dos bons ironistas portugueses modernos, o Visconde de Santo Tirso.

Conheci-o ainda na sua fase de esplendor, quando foi ministro em Washington e Bruxelas, meão, corpulento, sanguíneo, marchando como um oficial prussiano, o monóculo a bater no vasto peito, deixando atrás de si um perfume de elegância e charutos caros. Vi-o depois na hora da *detresse,* quando o advento da República o lançou para o ostracismo. E por certo foi essa uma hora amarga para quem, sumamente fino e aristocrata, execrava a mediocridade e sôbre ela escrevera páginas tão graciosas e tão cruéis. Houve um momento em que o oficial desagrado nos ia aproximar, mas Santo Tirso, com vistas mais largas e mais valoroso apesar dos decénios a mais que sôbre êle pesavam, abalou para as colónias a reconstruir a sua vida desbaratada.

Talvez se lembrasse daquele Gonçalo Mendes Ramires, de Eça, símbolo em que o mestre nos ensina que a cobardia não é falta de fôrça, nem de capacidade, mas só enfermiça falta de confiança em nós mesmos. E lá morreu, quando António Cândido lhe preparava a edição do seu *De Rebus pluribus,* a que se seguiram as *Cartas de algures.*

O Visconde de Santo Tirso era um homem de gôsto refinado, sem o cinismo voluptuoso de Anatole, nem os primores da sua prosa, até um pouco descuidado às vezes na forma, sem o tom solene de quem pontifica banalidades, sem a visão plástica de Eça, nem o seu dom emotivo, mas com uma agudeza de ironia, uma coragem de paradoxo, uma graça serena e um poder de análise que fazem dêle um filho espiritual de Swift, com a fôrça nova de um meridional, que carrega as côres e avulta as proporções.

O seu *homour* provém menos do coração que inteligência; nasce de um acerado espírito crítico e esmalta-se com fugas joviais, associações de ideias, trocadilhos e jogos de palavras do mais imprevisto efeito cómico. Umas vezes analisa risonhamente os mais queridos valores modernos para mostrar às gerações, que os criaram, a sua inanidade; outras vezes salienta como as coisas são real e fatalmente para fazer *in petto* um cotejo cómico entre essa realidade e a sua aspiração, a aspiração de todos nós, tão vaga e teórica como aquele caminhar do nosso sistema planetário para a constelação de Hércules, que nos ensinam nas aulas de geografia...

A boa graça portuguesa tem um dos seus mais vivos documentos modernos nêstes ensaios feitos ao correr da pena para jornais brasileiros. Não sei se o leitor já reparou que na literatura portuguesa de há setenta anos o Brasil tem desempenhado o papel de ordenhador, pontual e carinhoso, pensando da criação literária o que da inteligência opinava D. Francisco Manuel de Melo: «O nosso entendimento é como a têta da mulher, que cria; a qual se ameude a não desfazem daquele humor que está produzindo, em vez de se poupar, se corrompe.»

Como homem de gôsto e delicado ironista, o Visconde de Santo Tirso poderia ter sido também um excelente crítico literário impressionista ou tendencioso, dêstes que, scépticos dos cânones didáticos, apenas se guiam pelo bom senso e pelo parecer pessoal, e buscam motivos para a divagação ensaista.

Ficou famosa a sua crítica à *Velhice do Padre Eterno,* colecção de extravagâncias e algumas belezas, blasfémias sem nexo ideológico.

Cirilo Machado, assim se chamava então o diplomata, foi agredido à porta do Teatro de S. Carlos pela intolerância jacobina; mas a estúpida agressão não destruiu as verdades e a graça dêsse precioso folheto. Nêle escreveu, em 1886, trinta e sete anos antes da conhecida tese de Léon Daudet: «Victor Hugo há-de ficar na literatura do século XIX. Os críticos futuros verão nêste *poseur* incorrigível a síntese do mau gôsto dêste século, que é o século menos espirituoso de que a História nos dá conta.»

Fidelino de Figueiredo.

MUSEU DE OURIVESARIA, TECIDOS E BORDADOS

ANEXADO AO MUSEU MACHADO DE CASTRO, EM COIMBRA

Este Museu é das mais grandiosas colecções de preciosidades sumptuárias que honram o país.

E, antes de qualquer referência aos famosos especimens que encerra, forçoso será apontar aos homens de sentimento e rectidão uma dívida de reconhecimento, que imperiosamente se impõe.

A existência dêste Museu é uma afirmação eloqüente da iniciativa intrépida e porfiada do Bispo-Conde D. Manuel de Bastos Pina.

Sem essa fortaleza de ânimo, devotada e rara, tantas vezes demonstrada, seria impossível a realização dêste empreendimento enorme.

Foi preciso defrontar-se contra cubiças absorventes e contra formalismos administrativos, absolutamente obstrucionistas e corrosivos.

A sua categoria prelatícia e o acolhimento do favor palaciano nem sempre lhe aplanaram as asperezas e obstáculos, que teve de superar com viva energia, ou desgastar habilmente em evasivas prudentes de dilação e diplomacia.

Só assim, pela sua pertinácia e esfôrço pessoal, conseguiu efectuar a mais brilhante e fecunda

Cliché fotográfico de Marques Abreu

COIMBRA — MUSEU MACHADO DE CASTRO — CROSSA DO BÁCULO DE S. TEOTÓNIO

Cliché fotográfico de Marques Abreu

REZAR? AMAR? TRABALHAR?
QUE SOLZINHO, A VIDA INTEIRA!
—RÉSTIA DE CÍRIOS, NO ALTAR;
RÉSTIA DE CHAMAS, NO LAR;
RÉSTIAS DE PÃO, EIRA EM EIRA...

SETEMBRO
1926.
BELINHO

ANTÓNIO CORRÊA DE OLIVEIRA.

criação, que possa iluminar os espíritos nos domínios da arte e contribuir à elaboração compreensiva da sua história e ao aperfeiçoamento da sensíbilidade e da educação pública.

E êste facto, ao mesmo tempo que cobre de glória o nome do benemérito Bispo, não menos engrandece a cidade e o país.

Nas sociedades conscientes dos seus destinos os defensores dos legítimos interêsses da civilização devem ter a sua iconografia no culto da gratidão popular. Eis porque uma subscrição está aberta, para lhe ser prestada a homenagem comemorativa e solene, que seja a consagração da sua memória no respeito e na estima das gerações provindouras.

Um busto em bronze ou mármore será alteado no recinto do decoroso edifício, que abriga a sua obra. Assim as classes cultas, em geral, capazes de reconhecer a acção instrutiva e fértil dos documentos primorosos, ali acumulados, se não recusem a satisfazer êste compromisso de veneração, inspirado pelos ditames da justiça, da dignidade colectiva e da compreensão inteligente desta maravilhosa instituição nacional.

* * *

CROSSA DO BÁCULO DE S. TEOTÓNIO

De cobre dourado, aberta em lavores de autêntico carácter e ornado de cabochons.

Esta notável relíquia conservava-se em grande veneração no Santuário do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Dizia-se ter sido dádiva de amizade de S. Bernardo ao virtuoso Prior.

Roubada, cêrca de 1853, foi parar às mãos dum abade do arcebispado de Braga, que obstinadamente a reteve em seu poder.

E só em 1894, tendo falecido o detentor, foi restituida e reparado o delito.

Século XII.

Altura 15,9 centímetros.

CÁLIX ROMANICO

Incomparável e preciosa jóia. É um dos mais admiráveis monumentos de ourivesaria medieval, que a nação possue.

Na Exposição d'Arte Ornamental (1882) figuravam seis cálices de semelhante longevidade. Dois expostos pela Academia de Belas-Artes que pertenceram ao Mosteiro de Alcobaça. Outro a Santa Marinha (Guimarães). Outro, na posse da Sé de Braga e conhecido por cálix de S. Geraldo.

O mais sumptuoso é o da colecção de Coimbra.

Dizem ter pertencido a S. Miguel de Refojos, e que daí passara para o Colégio de S. Bento desta cidade.

Em 1834, pela ex-

Cliché fotográfico de Marques Abreu

COIMBRA — MUSEU MACHADO DE CASTRO — CÁLIX ROMANICO

tinção das congregações religiosas, fôra entregue ao Cabido.

A copa é dividida em doze sectores. E sob cada arcatura se abriga a imagem dum apóstolo, com a designação na orla superior. Banido o discípulo infiel.

As figuras são esculpidas com extrema vivacidade e movimento. Os colunelos dos nichos, tenuíssimos, enfeitados de variado lavor.

O nó, coberto de filigrana, separa com belo efeito a cratera da base, adornada com quatro medalhões, que incluem os símbolos dos evangelhos.

Na faixa terminal uma legenda diz ter sido mandado fazer por — *Geda Menendis,* — em 1152.

Muitas vezes a esta obra famosa tem sido atribuida origem bizantina.

Todavia, não obstante a aparência de hieratismo oriental, objecções se levantam. Nega-se a influência bizantina sôbre a arte ocidental anteriormente à tomada de Constantinopla pelos cruzados, em 1204.

E, por outro lado, é incontestável que, no decurso do século XII, alguns centros de produção na Europa tinham atingido a perfeição. E são assás conhecidos e numerosos.

Algumas manchas irisadas, que de leve se percebem, pareciam indicar a existência de antigo esmalte. Porém, em análise minuciosa, alguns peritos de profissão não estão de acôrdo.

De prata dourada.

Século XII. Altura 17,3 cent.

IMAGEM DA VIRGEM COM O MENINO

Êste primoroso trabalho de ourivesaria é um admirável tesouro, de sumptuosidade rara.

A dimensão e a perfeição acurada, com que o ourives se esmerou na graça e elegância da modelação e nas minúcias dos acessórios, mostram o empenho de produzir uma obra de valor excepcional, bem digna da devoção duma rainha piedosa e magnânima.

A riqueza do firmal e do colar, radiante de cabochons rubros; os detalhes; a correcção dos desenhos e motivos dos lavores do vestido e do manto; o cinto com os escudos entremeados de Portugal e Aragão [1], com o realce dos esmaltes, são predicados que dão a êste

(1) No Mosteiro de Santa Clara, tôdas as alfaias, onde apareçam em gravura, ou esmalte, as armas de Aragão, eram atribuidas ao tesouro particular da Rainha D. Isabel.

Cliché fotográfico de Marques Abreu

COIMBRA — MUSEU MACHADO DE CASTRO — A VIRGEM COM O MENINO

monumento títulos singulares de estimação e de veneração nacional.

As analogias de concepção e de forma com os modelos da iconografia medieval, que tão largamente e com tanto vigor e génio se desenvolveu em Coimbra, indicam a autoria dum artista indígena, de vasto engenho e recursos magistrais de aptidão.

Prata dourada e esmaltada.

Século xiv. Altura 93 centímetros.

A. Gonçalves.

PARA A HISTÓRIA DA ARTE DO FERRO EM PORTUGAL

O inventário dos ferros artísticos do norte do país, mormente os que se encontram instalados nos edifícios religiosos e solarengos da província do Minho, está ainda por ordenar, estudar e publicar. Contudo, Guimarães, Braga e Arcos do Vale do Vez ([1]), pelo menos, dão ainda nêste momento um contingente notável de peças, de incontestável valia quási todas, as quais urge trazer, pela documentação histórica e artística, ao arquivo das publicações de estudo, atento a que — porventura derivado da desvalia aparente do material — os ferros de arte estão a tornar-se de ano a ano de um número vergonhosamente exíguo, deslocados, mutilados, se não sepultos já sob a terra por isso venerável das montureiras. Num país culto, que não êste, tinha já a esta

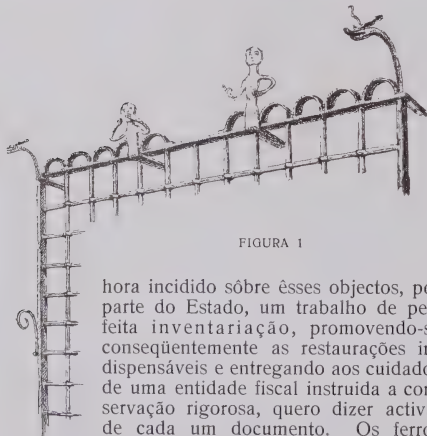



FIGURA 1

hora incidido sôbre êsses objectos, por parte do Estado, um trabalho de perfeita inventariação, promovendo-se conseqüentemente as restaurações indispensáveis e entregando aos cuidados de uma entidade fiscal instruida a conservação rigorosa, quero dizer activa, de cada um documento. Os ferros artísticos seriam compreendidos, aliás por direito legítimo, como documentos históricos e subsídio educativo. Porém, a inquietitude do nosso viver obsta de todo o ponto à execução reflectida de semelhante tarefa, e assim urge que os estudiosos ocorram com interêsse ao exame e registo das peças do género, visitando e estudando, sôbre tudo, as igrejas, conventos e casas de nobreza, de modo a inventariarem os ferros de arte por milagre ainda existentes nos seus coros, galilés, varandas, locutórios, divisórias transeptais, as vedações de altar e dos túmulos, o mobiliário, lampadários, portadas, brazeiras, suspensões e correntes das campainhas, cata-ventos — todos emfim os elementos dessa sugestiva espécie decorativa, sobremaneira florescente entre nós até ao primeiro quartel do século passado.

FIGURA 2

* * *

As imagens e o estudo das melhores peças vimaranenses do género vão aqui arquivar-se, incidindo, porém, apenas sôbre os ferros do século xvi — três peças de irrecusável merecimento, sendo duas delas góticas e a última de carácter renascentista.

As peças quinhentistas encontram-se instaladas no monumento a que se segue ligeira e indispensável referência.

A construção ogival da Colegiada de Guimarães, produzida por voto de D. João I após Aljubarrota e iniciada de trabalhos em 6 de Maio de 1387 sob projecto (crêmo-lo) do mestre João Garcia de Toledo ou, quando menos, sob a sua direcção construtiva, encontrava-se já no último quartel do século xv, como está documentado, em parcial estado de ruina. Primeiro a tôrre, depois o frontão sôbre a portada principal, ambos começavam a desnivelarem-se e a ameaçarem a derrocada.

O certo é que no princípio do século xvi a tôrre velha estava apeada, sendo então D. Prior de Guimarães Dom Diogo Pinheiro, da Casa dos Pinheiros de Barcelos.

Foram os pais do Prelado de Guimarães, o Dr. Pedro Esteves (Cogominho?) e sua mulher D. Isabel Pinheiro, os construtores do primeiro têrço da nova tôrre, obra que seu filho conclue mais tarde a expensas suas. O Dr. Pedro Esteves reservou para sua capela tumular o total da obra por si levantada. Qual seja o valor artístico dessa capela-mausoléu não é agora oportuno dizê-lo, atento o desenvolvimento que exigiria a esta notícia, sendo apenas necessário indicar que se trata de uma obra magnífica no género das construções gótico-nacionais do período. É nas

([1]) Em Braga: as grades hoje colocadas na galilé da Sé bracarense, mandadas executar pelo arcebispo D. Diogo de Souza; as que no mesmo templo vedam os túmulos do infante D. Afonso e do arcebispo D. Gonçalo Pereira; a grade da galilé da capela dos Coimbras e a de igual situação no convento de Tibães. Nos Arcos, a grade da entrada da igreja do cemitério. Etc....

duas janelas dessa capela, abertas sôbre o largo e o adro de Santa Maria de Guimarães, que se instalam as duas primeiras grades quinhentistas de que vamos tratar e foram, como é óbvio, mandadas construir pelo Dr. Pedro Esteves.

¿Qual o artista seu construtor? Ignorámo-lo. Ferreiros de Guimarães, cinzeladores devotados do mais atractivo dos metais, sempre os houve célebres, desde o primeiro consagrado, Johane Steuez (1394), até ao último dos artistas falecidos, o habilíssimo Luís de Pina, cujo filho, o Professor-Artista José Luís de Pina, ilustra com distinção estas páginas.

A grade que serve de vedação à janela exposta para o Largo da Oliveira, quadrada e construida centralmente em malheiro do sistema quadrilateral, é decorada pela periferia com elementos de representação humana, da fauna e da estilização artística utilizada no monumento. Raras vezes sucede uma peça de aplicação dêste género corresponder tão intrinsecamente ao espírito decorativo da obra para que foi criada. Na testeira duas figuras femininas, em atitude graciosa, exibem, uma a elegância da sua toilete, entretanto que a outra lança, digamos assim, um beijo já secular à multidão dos viandantes (Fig. 1). Figuras animais dum zoologismo ultra-fantasioso ocupam a ligação das linhas de ângulo da grande peça (Fig. 2). Nos espaços devolutos pelos elementos decorativos já referidos, intercalam-se pequenos motivos ornamentais (Figs. 3 e 4). Pelo que, analisados uma vez os subsídios da decoração do frontespício da tôrre, colocados sôbre a grade que se discute, vê-se que o ferreiro-artista tão sòmente procurou, com lógica e uma sensatez nada vulgares, recorrer nos ornatos da sua obra, quanto às figuras femininas, o carácter de motivos similares introduzidos nos capitéis ogivais dos monumentos da espécie do de Santa Maria de Guimarães; nos assuntos de fauna, a representação das gárgulas instaladas acima, na tôrre, algumas por sinal de um resultado realista bastante equívoco; e quanto aos pequenos motivos dispersos pela grade, recorreu ainda à moldura contorcida que percorre, verticalmente, todo o desenvolvimento da mesma construção.

FIGURA 3

A outra grade, instalada na janela que abre para o adro de Santa Maria de Guimarães, possue o mesmo formato geral e dimensões, bem como obedece ao mesmo critério decorativo. Há todavia notáveis variantes nos episódios de figuração e outros, pelo que se torna saliente o interêsse do seu executor em provar todas as pessoais faculdades de trabalho. O malheiro central da grade toma agora a disposição losangolar, e na testeira, a figuração humana expressa, à conveniência do local (a entrada do templo) a atitude derivada das profundas emoções religiosas. Com

FIGURA 4

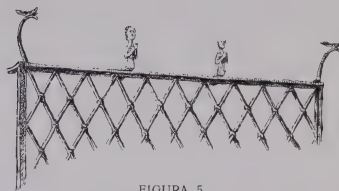



FIGURA 5

efeito, ao alto da grade as figuras humanas ajoelham e erguem as mãos, orando (Fig. 5). Quem observe ao lado, sôbre a portada principal do templo, a figuração religiosa, produzida em calcáreo, que ali se instala e decora todo o frontão, surpreende claramente o ponto de inspiração do artista ao procurar elementos para variar os termos da sua tarefa. No restante, a fauna (Fig. 6) e demais ornatos correspondem mais ou menos aos da primeira grade já descrita. E' por último indispensável dizer-se que toda a obra de vêrga que não respeita aos elementos figurados e é produzida em seguro e belo trabalho batido, introduz um multíplice e original labor de gravura, do qual seria interessante realizar-se um dia um completo alfabeto de motivos.

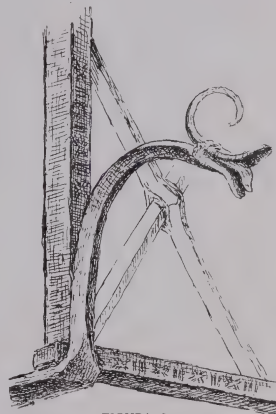



FIGURA 6

* * *

A elegante peça renascentista de que em seguida tratamos, instala-se na portada bizantina da capela capitular do claustro de Santa Maria de Guimarães (Fig. 7). Peça tardia para ocupar aquele lugar, cremos que ela veio no último têrço do século XVI substituir uma outra grade que ali existiu, porventura coeva da construção da capitular no século X. Em certo documento relativo ao século XIV e descriminante de um termo de aforamento lavrado nesta capela, alude-se a que o mesmo fôra escrito junto à grade da portada...

A grade da capela-capitular compreende o sistema do ferro montado em grossos varões de disposição vertical, interrompidos de onde em onde e com harmonia de disposição, sôbre tudo na parte fixa da testeira, por fortes anéis em série, empregados evidentemente na intenção de quebrarem o que poderia produzir, atenta a simplicidade do traçado, um resultado monótono do conjunto. A parte móvel desta grade, com tantos

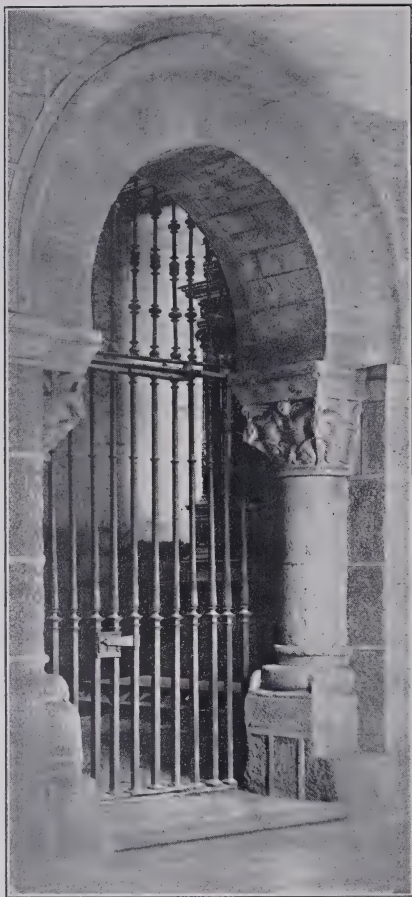



FIGURA 7

pontos de referência em obras do mesmo género e do mesmo século existentes na Península (Évora, Lamego, Braga, Ávila, Salamanca, Toledo, Granada, Zamora, etc.) dispõe-se, digamos, em doze altas varas de lança, quadradas da base até um têrço, na altura em que um desdobramento singelo interrompe o modêlo, adornadas em seguida com um caprichosamente estilizado e bem modelado motivo de acantos, e rematadas por fim com o lançamento dos fustes, altos e rigorosamente boleados, que embebem na moldura geral da grade, traçada com rigor e descrição. Como peça com unidade de conjunto artístico é esta a melhor das obras de serralharia da segunda metade do século XVI existentes em Guimarães.

Quinta do Atalho.
Agosto 1926.

Alfredo Guimarães.

UMA CAPELA-MÓR

(SÉCULO XVII)

Vai em dois anos (1 de Junho de 1924) que a Comissão Central de Execução da Lei de Separação arrematou, em hasta pública, o recheio da extinta igreja do Convento de Santa Clara, de Guimarães, cuja magnífica obra de talha renascença, realizada pelo ano de 1733, era, incontestàvelmente, a melhor peça do género existente nesta cidade. O facto deu-se quási *à capucha,* parecendo ignorá-lo a maioria dos vimaranenses que assim se deixavam despojar de seu património artístico, assistindo apenas ao leilão, entre meia-dúzia de curiosos, alguns bric-à-braquistas, na espectativa dum bom negócio. . .

Em meio dêste impenitente barbarismo iconoclasta que tem subvertido tanta preciosidade histórica e artística por êsse país fora, sem respeito nem pela Beleza, nem pela Tradição, indispensáveis factores da civilização dum povo, coube-nos desta vez a fortuna de, a par dalguns amigos que, ocasionalmente, ali se encontravam, obstarmos à completa derrocada daquelas antigualhas preciosas, adquirindo a mais bela jóia daquele recheio — que era a sua Capela-mór — por um custo muitíssimo inferior ao seu real valor.

O nosso fim foi unicamente conservá-la na nossa terra, sem podermos precisar então o destino que lhe daríamos, improvisando-se ali mesmo uma Comissão para abrir uma subscrição local que pagasse a quantia dispendida, o que se fêz com o mais feliz êxito.

Infelizmente, vítima do mesmo decreto que dispusera dos espólios das antigas congregações religiosas, havia já, anos antes, sido igualmente destruida outra antiguidade artística entre nós, que era o mimoso templo das *Capuchinhas,* tão impregnado de místico perfume, restando hoje dentro dêle apenas os lindos silhares de azulejos que guarneciam suas paredes.

Mas. . . salvemos o que nos resta e, nêste sentido, é que estamos dispostos a trabalhar, com entusiasmo, a fim de conseguirmos aquilo que já outras terras do país conseguiram e é — criar um Museu de Arte-Sacra, aproveitando o que ficou da antiga igreja de Santa Clara, e arrecadando nêle o rico *Tesouro de Nossa Senhora da Oliveira,* verdadeiro escrínio das mais sagradas relíquias, que actualmente se encontra pèssimamente instalado, para vergonha nossa e dos portugueses!

Para isso contamos com a patriótica coadjuvação dalguns patrícios ilustres, como Abel Cardoso, José de Pina, D. José Ferrão, etc., não nos poupando nós pela nossa parte, aos necessários sacrifícios, desde que se trata simplesmente de concorrer com nosso humilde esfôrço para o engrandecimento da nossa terra e para que ela seja mais amada por todos aqueles que a visitarem.

Jerónimo de Almeida.

GUIMARÃES — IGREJA DO CONVENTO DE SANTA CLARA
— CAPELA-MÓR

ROTEIRO BIBLIOGRAPHICO

«A critica nunca matou o que deve viver,
nem deu vida ao que deve morrer.»

A. P. Lopes de Mendonça.

ORIGENS DA CIRURGIA PORTUENSE

pelo *Prof. Hernani Bastos Monteiro*

Um grosso volume, de prosa compacta e recheada de erudição. Para o escrever, o distinto professor da Faculdade de Medicina, sr. Dr. Hernani Bastos Monteiro, perdeu muitos dias e muitas noites folheando livros antigos, rebuscando nas bibliotecas, lendo muitos documentos manuscritos, escrevendo centenares de cartas a pedir informações. O único prémio de tamanho e tão persistente trabalho foi a certeza de ter dado a lume uma obra que na verdade exgotou o assunto.

—Um livro massudo, portanto—dirá o leitor que o não conheça ainda. Eu sei. Fora do âmbito restrito dos profissionais, êstes trabalhos de história especializada não costumam encontrar entusiastas nem olhos bastante pacientes para arcarem com a sua leitura. E dizerem-nos os críticos que o volume é de lombada larga e prenhe de coisas eruditas, o mesmo é que instilarem-nos uma repulsão instintiva por essa obra cujo assunto nos não interessa e onde já preadivinhamos um estilo duro ou monótono, uma prosa rebarbativa e um tédio soberano ao fim de meia dúzia de páginas.

Pois ainda bem que o livro do sr. Prof. Hernani Monteiro não é nada disto. Lê-o toda a gente, mesmo os profanos, com um agrado sempre crescente. Oliveira Martins escrevia a História de maneira que os seus livros são lidos como se lê um romance: sem cansaço e com interêsse. As *Origens da Cirurgia Portuense* possuem o mesmo atractivo. Como o grande narrador do *Portugal Contemporâneo,* também o sr. Dr. Bastos Monteiro se demora aqui e ali, desenhando amorosamente esta e aquela figura, focando com largueza os episódios anedóticos capazes de nos produzirem um instante de emoção, ou de nos arrancarem um sorriso. Alguns dêles, mesmo, fazem rir francamente. E assim, entre momentos comovidos, abertas gargalhadas e vibrações de entusiasmo pelos grandes cirurgiões que o Pôrto possuiu e cuja memória deve conservar, decorre a leitura da obra do sr. Dr. Hernani Monteiro, que nela se denuncia um discípulo ilustre de Maximiano Lemos e seu condigno continuador.

Com uma diferença apenas: nem sempre a prosa do saüdoso autor do *Amato Lusitano* possuia a clareza e a ductilidade exigidas pela ideia a exteriorizar. Ao contrário, o sr. Prof. Monteiro escreve muito bem, com uma simplicidade que não exclue a elegância e com uma maleabilidade de onde as ideias ressaltam nítidas e precisas.

Quem assim escreve tem obrigação de escrever mais. E a História da Medicina Portuguesa, viuva desde que o Prof. Maximiano desceu ao túmulo, pode arrojar os crepes e vestir-se de galas.

Campos Monteiro.

* * *

SANTA CLARA A VELHA DE COIMBRA

por *Tomaz da Fonseca*

Sabe-se o que vale esta augusta egreja adentro da historia nacional, na archeologia architectonica do paiz. E sabe-se do misero desvalimènto a que foi votada, pois até para estrebaria serviu!, do opprobrioso ostracismo em que a lançaram (salvante rarissimas e honrosissimas excepções) os governos, o povo e os intellectuaes, apezar de todas as suas farfalhudas rhetoricas, cujo fim seria em breve o da mais completa e ignominiosa ruina. Mas um devoto havia que, perdido d'amores por esta sagrada reliquia medieval, não poupava ardegas canceiras para valer á desgraça final. Tomaz da Fonseca, tam fino espirito d'artista quam bom patriota, convertera-se no mais ferrenho paladim da salvação da casa que ouvira as orações piedosas da Rainha Santa e de Ignez de Castro, a do cóllo de garça.

E como ultimo recurso de seus esforços realisou, ha mezes, uma conferencia em Lisboa. Em boa hora falou, pois, finalmente, logo surgiu o dinheiro necessario para pôr côbro á nefanda profanação e para os primeiros reparos.

Só isto merecia do paiz um grande reconhecimento.

Está publicada essa conferencia, trabalho a que não falta nem emoção nem erudição. Todavia, os capitulos relativos ao romano-gotico, ao gotico e ao renascimento, offerecem pouca clareza d'exposição, para que terá contribuido o vago fluxo de mysticismo social, aliaz pouco acceitavel, que n'elles perpassa.

Mais interessante, porque está melhor concatenada e é mais lucida e evocativa, apresenta-se-nos a parte archeologico-historico-artistica da egreja, á qual dá um gracioso e aprazivel remate o folklore relativo á Rainha Santa.

Eis, pois, um trabalho patriotico e espiritual de largo apreço, a que o paiz devia prestar a devida homenagem fazendo cumprir o plano de limpeza e consolidação n'elle exposto, se é que mantem algum respeito pelos seus monumentos historicos, pelo seu patrimonio archeologico-artistico, se dedica algum amor ás gloriosas tradições nacionais.

* * *

1809

O PORTO SOB A SEGUNDA INVASÃO FRANCEZA

por *Artur Magalhães Basto*

Na mingoadissima companha dos escriptores que ao Porto teem votado suas locubrações emparceira tambem o Dr. Magalhães Basto, com lustre do seu nome e proveitança da terra. Já na interessantissima e improba monographia *Moralidade e costumes portuenses no seculo XVI* de sobejo patenteou avantajadas e porfiosas qualidades de investigador e historiographo, que na presente obra corrobora plenamente.

Esta, pela importancia e largueza do assumpto, qual o sanguinoso e horrifico drama do assalto e da invasão do Porto pelas hordas de Soult, foi tracejada sob principios mais amplos d'acção; por isso, dispõe de maior fôlego historico, que as copiosas e firmes buscas, o lato exame do facto e do ambiente, haviam de lhe conceder, ao qual é de pezar que não corresponda um maior vigor de pensamento. Já n'ella, porém, não falta aquelle notavel attributo expresso por Lavisse e esse é o talento de discernir o essencial e limitar-se-lhe. No seu livro não ha, como em tantos acontece, nem sinuosidades nem redundancias; a acção principia e decorre por caminho franco, claro, direito, e d'egual sorte é o criterio que a movimenta.

Emprega o auctor o processo testemunhal e de continuo cotejo dos factos e das pessoas, o qual é acompanhado pelas respectivas deducções e commentarios, por successivas e breves synopses dos multiplos lances e das principais personalidades do drama ingente e do seu meio, expostas com sereno e próvido discernimento. É o mesmo processo de Arthur Lévy, no *Napoléon intime,* de que tambem nos servimos no *Beresford e o Tenente-Rei da Praça d'Almeida.* Offerece elle vantagens seguras de acerto, de verdade, faculta boas possibilidades para justa e rigorosamente se aclarar um facto historico, dês que os textos diplomaticos que servem d'apoio sejam garantidos: *fidele et testimonium quod causas non habet mentiendi.* Por isso, está bem reputado. No emtanto, ha quem d'elle desdenhe e o menospreze, considerando-o mais proprio do fôro que da historia, como se o exame d'um facto historico, exacto e completo não equivalha a uma acção judicial.

Abundosa e excellente foi a documentação forrageada por Magalhães Basto no Archivo Municipal e na Biblioteca, da qual grande parte estava inedita, o que largas vantagens lhe concedeu para esclarecer muitas obscuridades e para apurar varias certezas, embora nem sempre quizesse aproveitál-a adequadamente, como nos casos do bispo S. Joseph e Castro e dos portuenses affectos aos francezes, que o povo com bruta fereza trucidou. A historia requer a maior prudencia de juizos, mas a do auctor foi excessiva, demais que dispoz de bons elementos.

Não basta expôr factos e acções, apresentar personalidades, consoante com a lettra dos textos. O documento, que está agora na phase da superstição, não é a historia, embora seja a sua base, dil-o avisadamente o eximio critico e historiographo litterario Fidelino de Figueiredo. Ha, pois, que ajuizar do seu valor, do seu condicionamento, da sua psychologia, de suas causas e effeitos, sem paixão é certo, mas, tambem, sem placidez a parecer-se com apathia, sem fleugma a justapôr-se á indifferença. Aquella, a paixão, deve estar ausente da historia, enunciou-o Alves Mendes, porque a historia é um processo sereno e porque é uma sciencia, deve-lhe estar sempre presente a philosophia. Effectivamente, eis uma

grande verdade, ainda que não em absoluto, porquanto o historiador não deve immunisar-se tanto que não sinta o bem e o mal do que trata. O historiador não se limitará a narrar, o que seria uma funcção quasi automatica; cumpre-lhe tambem ser julgador.

Quereria, pois, que Magalhães Basto, com os optimos materiaes que grangeou, com sua larga capacidade de historiographo e com seu meticuloso criterio, fôsse mais critico e, assim, definisse melhor certos casos da invasão do Porto, com o que evitaria a permanencia de sua obscureza, o que para a historia citadina era utilissimo.

Atravez d'este senão, é um bom livro e dos que melhor enriquece a bibliographia portuense, a qual acaba de ser desdoirada com uma obra deploravel sob todos os aspectos, pejada de dislates, erros e falsidades, que impudente e pretenciosamente se intitula *Monographia da cidade do Porto,* como se uma verdadeira e honesta monographia possa organisar-se de improviso, por méro e cubiçoso pruido de ganhar um premio, com ausencia plena de consciencia, competencia e estudo.

Em face d'este abstruso e protervo emplastro, de vilipendio para a cidade, cumpre-nos muito mais calorosamente saudar a interessantissima obra do Dr. Magalhães Basto, pela fórma digna e honrosa como a executou.

CARLOS DE PASSOS.

EX-LIBRIS PORTUGUESES

IV *(Continuado do n.º 4)*

REPRODUÇÕES

2

ERNESTO RODRIGUES SOARES

(MAFRA)

Ex-libris individual — geral — gravado (litografia) — decorativo, impresso a preto sôbre papel *couché.*

Desenho de J. Martins, da Imprensa Nacional de Lisboa.

Composição: As iniciais do seu nome, interlaçadas, sôbre um artistico florão D. João V.

«A escolha d'este estylo, representa uma inclinação ou

sympatia por este monarcha, não só como protector das Artes e Letras portuguezas, mas tambem, porque sendo eu de Mafra, é natural a escolha d'um estylo, que me traz a reminiscencia do homem que tanto fez a essa terra», diz-nos Ernesto Soares.

Divisa latina: *scripta manent.*

*

Natural de Mafra, fréguesia de Santo André, onde nasceu a 27 de Fevereiro de 1887.

Bibliófilo e escritor, tem trabalhos vários em diversas revistas.

Conserva ainda manuscrito um *Índice de nomes e obras anónimas do Dicionário de Inocêncio.* Tem em preparação a *Bibliografia dos jesuitas portugueses.*

Possui uma livraria de 3:000 volumes, constituida especialmente por obras sôbre bibliografia e autores clássicos.

*

Ex-libris inédito, reproduzido pela chapa original.
Da nossa colecção.

3

JAIME AUGUSTO DE MOURA

(LISBOA)

Ex-libris individual — geral — gravado (zincografia) — alegórico, impresso a preto, azul, lilaz, alaranjado e verde. O nome impresso. Todos com um traço doirado em volta. Papel *couché.*

Desenho de J. Martins, da Imprensa Nacional de Lisboa.

Composição: A estátua de Apolo, deus das Belas Artes e da Beleza.

*

Nascido em Lisboa, fréguesia de S. José, a 11 de Setembro de 1903, tem Jaime de Moura uma escolhida livraria de 1:200 volumes, onde conta algumas raridades bibliográficas.

Tem colaboração vária em jornais e revistas. Pensa em lançar a público, brevemente, uma revista literária.

*

Ex-libris inédito, reproduzido pela chapa original.
Da nossa colecção.

4

JOAQUIM CARDOSO DE SOUZA GONÇALVES

(LISBOA)

Ex-libris individual — geral — gravado (litografia) — alegórico, impresso a azul, sôbre papel *couché.* O nome impresso.

Desenho de José Dias Sancho.

Composição: Reprodução duma escultura francesa.

*

Nasceu em Lisboa a 18 de Abril de 1864. Livraria de 4:000 volumes, com especialidade em obras sôbre *Arte.*

Publicou: *O Convento de Mafra; O Castelo de Palmela; A Serra da Arrábida* e *No Bussaco.* Pequenas monografias.

*

Ex-libris inédito, reproduzido pela chapa original.
Da nossa colecção.

* * *

EXPEDIENTE

No número quatro da *Ilustração Moderna,* no artigo relativo ao *ex-libris* do Dr. Alexandre Correia de Lemos, veem algumas incorrecções que nos apressamos a rectificar.

A divisa *Pabulum mentis,* foi usada, não por A. Herculano, mas por Alexandre da Macedónia.

O título daquela raridade bibliográfica que se encontra na livraria de Correia de Lemos é *Regra y statutos da Ordem de Santiago* e não *Regra y redutos da Ordem de Santiago.*

E por lapso se não disse que a impressão do referido *ex-libris* era a preto.

S. João da Foz — 1926. ARMANDO DE MATTOS.

Cliché fotográfico de Alvaro Martins

Praia de Espinho, fim de Setembro, ao meio-dia. O mar flameja, a areia escalda, a atmosfera parece esbrazeada pelo calor ardente que, durante o verão, calcinou a terra e que ameaça requeimá-la ainda nos primeiros dias do outono. Apenas o revolver rumorejante das vagas espalha na calma pesada do ambiente uma frescura compensadora... Mas ninguém sabe se aquele pacato cavalheiro procura subtrair-se à combustão lenta dos raios do sol ou à acção fulminante do fogo dos olhares...

Cliché fotográfico de Alvaro Martins

NA PRAIA DE MIRAMAR — ASPECTO DA ASSISTÊNCIA Á *GINKANA* DE AUTOMÓVEIS REALIZADA EM 19 DE SETEMBRO FINDO

Cliché fotográfico de Alvaro Martins

NA PRAIA DA GRANJA — UM ASPECTO DA «FEIRA DE CARIDADE» (VENDA DE FLORES), REALIZADA EM 19 DE SETEMBRO FINDO, E A QUE PRESIDIU A EXCELENTISSIMA SENHORA MARQUESA DO FICALHO

Cliché fotográfico de Alvaro Martins

NA PRAIA DA GRANJA — OUTRO ASPECTO DA «FEIRA DE CARIDADE» — TOMBOLA DE BONECOS

Cliché fotográfico de Alvaro Martins

Grupo de oficiais, sargentos e civis, implicados na revolta de 11 de Setembro, em Chaves, e julgados ultimamente no Tribunal Militar do Pôrto
O primeiro à esquerda (sentados) é o chefe militar da revolta, sr. Capitão Alfredo António Chaves

ILUSTRAÇÃO MODERNA

PUBLICAÇÃO MENSAL — EDITOR-DIRECTOR — MARQUES ABREU

1.º ANO — PORTO — NOVEMBRO — 1926 — NÚMERO 7

Imprensa das Oficinas de Fotogravura de Marques Abreu — Avenida Rodrigues de Freitas, 310 — PORTO

Quadro pertencente
ao Snr. Honório de Lima

CANDIDO DA CUNHA
«SANTA CECÍLIA»

Crónica do mês OUTUBRO

Uma catástrofe. — Um grande poeta que desaparece.

Aquele formoso palacete que se erguia em plena Avenida da Boavista devia certamente despertar a inveja de muita gente que por ali passava. De uma arquitectura banal, mas não despida de elegância, erguia-se em meio de um parque à inglesa, cheio de flores e sombra. De dia, as suas paredes, sempre rigorosamente limpas e pintadas, reverberavam ao sol; e à noite, pelas janelas voltadas para os quatro pontos cardiais, jorrava a luz eléctrica, dando às árvores do jardim e da rua o relêvo mágico de reprégos scenográficos. Tudo ali respirava confôrto, riqueza, felicidade, alegria de viver... Ah! Devia ser bem feliz — afirmava o povo — quem morasse ali dentro.

E contudo, os que conhecem a crónica «dêste grande aldeão chamado Pôrto» olhavam com desconfiança aquelas paredes. A gente do norte é supersticiosa, e dedica o maior crédito ao enguiço de certas habitações. E aquele palácio parecia ser fatídico. O riquíssimo capitalista que o mandara construir viera a morrer lastimosamente pobre em Paris. O segundo proprietário da casa acabara também no estrangeiro uma vida de torturas. Deus permitisse que o terceiro fôsse agora mais feliz.

Era isto que os supersticiosos diziam, entre o sorriso desdenhoso dos espíritos fortes que os ouviam. Mas êsses sorrisos extinguiram-se nos lábios na manhã trágica em que se soube que o palacete fatídico ardia por todos os lados e que sob os escombros da sua derrocada jaziam seis bombeiros, vítimas do seu dever.

E foi essa, precisamente, a grande dôr do seu proprietário, como êle nobremente o confessou a um jornalista. Tôda a sua habitação em chamas, uma grande parte da mobília que a recheava queimada ou feita em hastilhas, um milhar de contos perdido, a crise nervosa de uma família despertada alta noite pelos estalidos do incêndio e pelos rolos de fumo que tentam asfixiá-la, — tudo isto é nada, tudo isto se remedeia. O que é muito, o que é enorme, o que é acabrunhador — porque é irremediável — são aqueles seis mártires da sua profissão, tão nobre e tão arriscada; são aqueles seis cadáveres, amolgados, esfacelados, carbonizados, que a vida ainda a estas horas animaria se êles a não houvessem devotado à salvação do próximo.

E não foi só essa alma atribulada, nem as almas apenas das viuvas e dos órfãos que as vítimas deixaram, quem vibrou de intensa dôr. Foi tôda uma cidade. Provou-o o grandioso cortejo — como nunca se viu igual no Pôrto — que acompanhou os seis bravos à sepultura. A sua vida obscuramente bela e a sua morte esplendidamente heróica mereciam bem essa apoteose teatral.

* * *

Cândido da Cunha...

Chamei-lhe em cima poeta. E era-o, de facto, como poucos. Nem só quem faz versos é poeta. Ao contrário, há muitos versejadores que nunca o foram. Poeta é todo aquele que sinta a beleza das coisas e saiba transmiti-la ao público por qualquer processo artístico. E Cândido da Cunha, manejando o pincel, era um grande poeta lírico.

Sentia enormemente a formosura da natureza. Não o impressionavam, é certo, os grandes scenários sumptuosos onde a vista humana pode ler sem dificuldade a assinatura de Deus. Mas encantavam-no as coisas simples, um grupo escasso de árvores debruçadas sôbre um recanto de água tranqüila, uma curva de rio espraiada por entre campos de semeadura, um arbusto florido, um retalho de céu azul, um poente suave: pedaços de paisagem que poderiam afigurar-se banais a outro qualquer, e que êle reproduzia hàbilmente, tocando-os de uma beleza imprevista, — beleza que talvez estivesse mais nos seus olhos do que nos objectos retratados. Era muitas vezes a sua alma perfeita quem enchia de encanto e de emoção os temas mais prosaicos e vulgares. Passa em todos os seus quadros qualquer coisa de estranho, de pessoal, que leva a marca do estado subjectivo do pintor. O quê? Não sei dizê-lo, mas algo de muito português. Suponho bem que ninguém, no estrangeiro, poderá ver uma tela de Cândido da Cunha sem as lágrimas nos olhos. É isso mesmo: o que êle punha nos seus quadros, sem dar por tal, era um alôr de saüdade, o sentimento de precoce nostalgia experimentados, sob a ideia da morte mais ou menos próxima, por todos os espíritos que se deliciam perante a pulcritude das coisas.

Devia ser esta — a certeza de que ia deixar de ver as belezas da criação — a grande mágoa de Cândido da Cunha ao sentir-se deperecer. E certo estou de que, já nas vascas da agonia, ainda os seus olhos se voltaram para a janela aberta, para o céu de safira, para o sol que mergulhava no oceano, para a ramaria das árvores onde o outono ia pondo as melancólicas pinceladas de oiro pálido que êle tão bem sabia copiar.

¡Pobre Cândido da Cunha! ¡Que tristeza ver-te agora na inestética solidão de um banal cemitério citadino! ¡E que pena que o teu frágil corpo não fôsse inumado num pitoresco campo-santo de aldeia à beira-mar, sob um monumento modesto beijado pelas ondas e iluminado, tôdas as tardes, pelo revérbero do poente! Era aí que tu ficavas bem, na paisagem que tanto amaste e que as tuas pupilas embaciadas já não podem contemplar.

Epitáfio? Para quê? Mas se fôsse preciso um, eu proporia o seguinte:

> «AQUI JAZ UM ARTISTA QUE, JULGANDO PINTAR O MUNDO EXTERNO, NADA MAIS FÊZ DO QUE RETRATAR A SUA ALMA DE POETA E O SEU CORAÇÃO DE SANTO».

CAMPOS MONTEIRO.

Cliché da Fotografia Medina

CANDIDO DA CUNHA

CÂNDIDO DA CUNHA

SUBJUGADO o nosso espírito pelo tristíssimo acontecimento da morte do notável artista português, hoje objecto de póstuma homenagem nas páginas desta Revista, que êle cordialmente acariciou até ao início da tremenda agonia, mal podemos entrar em juízos apreciativos das obras que êle legou às sucessivas gerações de profissionais e amadores.

Moralmente, não foi Cândido da Cunha, homem de opiniões contidas, como era fácil verificar-se; a franqueza de crítica criou-lhe, como é natural, adversários, e alguns bem ilustres, mercê das suas arreigadas convicções artísticas. Propenso a afirmações categóricas, por vezes contundentes, quando não conflituosas, lutou pela probidade da Arte que êle reverenciara como místico sacerdote, nunca transigindo com certos desregramentos da moderna orientação.

Era um carácter firme, tanto no dizer como no proceder.

A Pintura, que é uma arte indiscreta, a mais reveladora da idiosincrasia de cada autor, define-o poderosamente como equilibrado e atreito a invariabilidades de concepção e de execução. Persistindo nas mesmas ideias soube evitar o *maneirismo,* que é a condenação dos artistas que param na marcha para o Ideal. Essa rara virtude conferiu-lhe direito a insofismáveis considerações e, por conseqüência, a uma real e extraordinária consagração.

Foi, com efeito, benévolo para certos colegas, por consciência absoluta do seu valor; não era um obcecado, nem levianamente inclinado a laudatórias e gratuitas apreciações; foi isto do domínio dos que o rodeavam em familiar convívio.

Quem estas linhas subscreve manteve com Cândido da Cunha uma intimidade de trinta anos, tempo mais que suficiente para vasto conhecimento do seu feitio moral e intelectual, podendo, por isso, rubricar juízos seguros, apesar do risco que tal representa.

* * *

Em Plástica é necessário desconfiar das belezas literárias filiadas em narrações pouco concretas. O que o pintor sobretudo deve aceitar do poeta é o que êste visualizou com clareza nos espectáculos da vida.

O pintor combina, coordena, concilia linhas e formas, que pouco depois realça com tintas para completo significado. A beleza óptica, agradando aos olhos ávidos de sensações de côr, conjuga-se, em geral, com a beleza moral que corresponde, por seu turno, ao sentimento. Tratando-se duma obra decorativa, e êste ideal está vogando na corrente hodierna, a primeira das citadas belezas basta para satisfação dos fins *à priori* assentes.

Cândido da Cunha optou pela representação das scenas crepusculares, alcançando nesta especialidade a junção das duas apontadas belezas.

Cliché fotográfico do Dr. Mário Pinho

CANDIDO DA CUNHA — UMA LIÇÃO NO CAMPO

Cliché fotográfico de Marques Abreu

CANDIDO DA CUNHA — UM RECANTO DO SEU *ATELIER*

CANDIDO DA CUNHA — «AO DECLINAR DO DIA» — MARGENS DO RIO CÁVADO

Talento simplificador, insaciável na eliminação de pormenores, parasitários em seu conceito, tudo para alcançar grandiosidade de efeitos, preferiu para tal as horas do sol declinante em dias de outono, que a sua doirada paleta, de sombras transparentes, poeticamente amplificava em colorido e majestade rústica.

Era um sincero devoto dos grandes antepassados da Arte. Na paisagem, contemplava com religiosa emoção os quadros de Millet, de Daubigny e de Chintreuil. O cenáculo artístico de Barbizon encheu-lhe o espírito de calorosos projectos, que só uma longa vida lhe permitiria pôr em prática.

¡Quantas desilusões, por fim, coroam a nossa pobre existência!...

Em conjunto, a obra do inspirado artista mostrava grandes afinidades com a do famoso e mágico Cláudio Lorrain.

O sol do meio-dia, evidenciando em excesso minúcias de difícil aliança pitoresca, além das características descolorações e cruezas próprias do nosso clima meridional, não lhe facultava quadros de interêsse pessoal, e quando os intentava, por experiência, sentia-se contrafeito, fora do seu elemento.

Na escolha dos assuntos era êle extremamente exigente; percorria, por isso, enormes distâncias, comprometendo por esta maneira a sua delicada constituição física; fazia sacrifícios matutinos para obter trechos que também muito lhe falavam à alma plena de sentimentalidade e de ternura.

Cândido da Cunha cristalizou numa forma de arte muito da simpatia do público, apesar da superficialidade dêste na visão geral das obras. O fundo da sua produção era todavia digno do aprêço dos entendidos: para êstes havia ideias e havia *métier* a considerar, simultâneamente.

Um dos elementos componentes dos seus motivos foi o astro dos vates apaixonados — a Lua, quási sempre no crescente; a esta nota recorria para maior fulguração das scenas da sua preferência.

Com Cândido da Cunha, finalmente, morreu, entre nós, a arte dos crepúsculos vespertinos, das horas que fazem pensar na brevidade da nossa acidentada existência...

A nossa mente perde-se em cogitações de mágoa indefinível ao assistir ao desaparecimento de espíritos que não mais voltam a aquecer a nossa imaginação.

Sejam estas palavras significativas do eterno e bem sentido adeus dum antigo companheiro das lides da Arte, que sabe diluir no vago da saüdade desgostos causados pelos azares desta vida de rudes pelejas e pungentes decepções.

Novembro — 1926.

João Augusto Ribeiro.

CANDIDO DA CUNHA
«REGRESSO DA PRIMAVERA»
Propriedade da Familia José de Bessa e Menezes

CÂNDIDO DA CUNHA

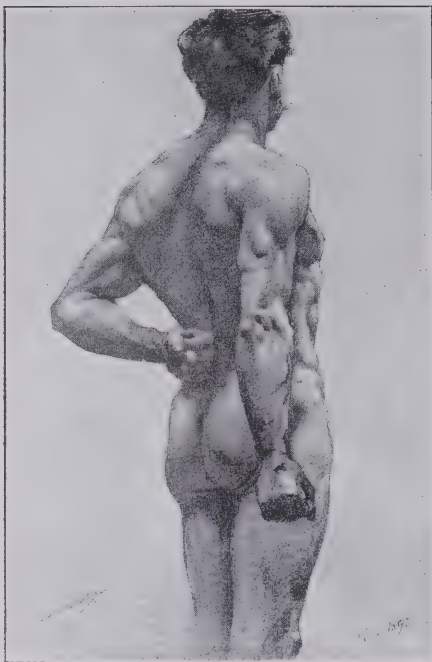
A luz sem brilho da abertura lateral apenas alcança os pés do leito onde o enfêrmo se estende, quási na posição da morte, a um canto do quarto desnudo; minuciosamente modela o dorso curvado do médico, fazendo-o avultar sôbre o fundo de sombras que se adensam à cabeceira; e vai bater de frente na figura em que se concentra todo o amargo da tragédia humilde: a mulher do povo, de pé, com o pequeno nos braços.

Aqui está um carvão bem representativo da pessoa artística de Cândido da Cunha. Nêle se torna evidente a apurada observação dos volumes, a ânsia do escrupuloso acabamento, a experiência do artista na posse de todos os recursos do preto-e-branco. Dos seus fortes *nus* de escola à paisagem, à scena de género, ao retrato, a qualidade flagrante, a que primeiro se impõe, é a honestidade do desenho. Por vezes, a mão beneditina do desenhista, levada por um esmêro de nitidez a decompor a luz em gradações de penetrante finura, atinge conjuntos de harmonização muito delicada: assim, por exemplo, no interior em que uma réstea de sol entra oblíqua, quebra sôbre a toalha, acorda tonalidades afins nas flores do vaso, e delas como que irradia, com a maior frescura, por todo o aposento. Outras vezes, uma indicação mais incisiva e sumária seria bemvinda, é certo — comentário extensivo a boa parte das suas obras; mas, em tantas outras, a sobriedade do efeito equilibra-se com a agudez analítica da visão.

A última visita (dêste modo poderemos intitular o carvão a que aludíamos) ainda por outro motivo é característica do temperamento do pintor. Eram-lhe dilectos os assuntos pungentes, doentios: o viático, a viuva, a mulher que se abandona a uma dôr sem desespêro. O traço mais aparente, e por isso o mais notado, da sua psicologia, é com efeito a reconcentrada melancolia, o prazer de se apegar aos estados de espírito deprimentes, de os aprofundar, de os revolver amorosamente. Veremos como a real originalidade da sua emoção e, com o tempo, os frutos do seu apaixonado estudo da natureza, na sua fase mais encantadora o libertaram dêste romantismo congénito, ou quando não, como nas mais notáveis das suas paisagens crepusculares, lho depuraram, orientando-o no bom sentido.

É que a doença, da mesma sorte que gera esta religião das coisas tristes, também em dada altura, e com terrível firmeza, sacode a um frémito da sua asa presaga, êste ambiente confinado e falso, para arrancar ao verdadeiro artista o brado, finalmente sincero, de saüdação à luz, à alegria, à vida. Na obra dos que morreram antes do tempo, é muito raro faltar o amálgama que não engana, do negrume precursor com o tema do desejo insaciável. As paisagens mais raras, desvenda-as a natureza aos olhos que vão fechar-se. ¿Que admira a preferência do pintor, nos últimos tempos, pelas tonalidades ardentes? ¿Porque há-de surpreen-

CANDIDO DA CUNHA — «SENHOR DA SERRA» — EIXO (AVEIRO) — Estudo a carvão

CANDIDO DA CUNHA—ESTUDO A CARVÃO PARA UM RETÁBULO DE ALTAR-MÓR

CANDIDO DA CUNHA — ESTUDO

der-nos certo óleo em que os tons mais abrasados do encarnado proclamam o seu deslumbramento perante o milagre do mundo visível? Mas, dir-se há, nem essas são as suas melhores obras, nem as mais características, marcando-se até essa tendência em alguns dos seus *pastels* mais fracos. Embora! é êsse próprio ardor de viver, êsse hosana à vida, à vida em que apetece morder como num belo fruto, que ajunta aos seus mais intensos ocasos um tão patético travor.

Há na mocidade do artista uma época que muito bem contrasta com o pêso da ideia obsidiante que, difusa ou consciente, entristece tantas das suas telas. Comparem-se entre si os pequenos quadros cheios de distinção que o pintor datou entre 1897 e 1899. Numa lindíssima *Pochade (rua da Rainha),* note-se o delicioso colorido, a fina e matinal viveza de impressão, a subtil harmonia dos seus tons claros. Ponham-se a par dela as notações colhidas em Paris: tal pitoresco recanto, estoutra movimentada e lacónica scena do *Boulevard Montparnasse* duplamente iluminada pelo sol que se esconde e pelos candieiros já acesos; e também aquele *Carnaval de Paris,* com a sua estimulante, sêca atmosfera bem parisiense a alongar-se, transparente, até às nuvens franjadas de sol para além das fontes decorativas, esbeltas sôbre a multidão. Agrupe-se ainda com estas a sóbria e espontânea *Feira de Barcelos.* Em tôdas as obrasinhas citadas, nas de Paris e nas que pròximamente as antecedem ou lhes sucedem, encontra-se evidente ar de família, que pode caracterizar-se pela simplicidade dos meios de expressão e pela vibratilidade sàdia. Adivinha-se nelas a confiança do artista que alcançou uma primeira maturidade, que se sente emfim a caminhar por si nos caminhos da arte, e ao arriscar as primeiras audácias junta ao prazer da visão pessoal, o que lhe proporciona a sua ainda jóvem maestria. Contraponha-se a qualquer destas pequenas telas, uma das ulteriores: seria contrapor uma página de Cesário Verde a outra de António Nobre. O autor veio a produzir obras de ideação mais rica e impressionante. Talvez não mais haja revelado, como nêsse momento escolhido, o aristocrático dom do gôsto.

Foi um oásis, brevíssimo, de naturalidade e de sereno encanto. Um instante o artista viveu entre os humanos. D'ora-avante cada dia mais acentuará o seu afastamento dos que hão-de viver. Engolfa-se na grande solidão para que o atrai, por fim soberano,

CANDIDO DA CUNHA — *CROQUIS* Á PENA

CANDIDO DA CUNHA — «IGREJA DE GANDRA» — ESPOZENDE — (Carvão)

o pendor inato. Tôdas as suas paisagens, ainda as mais idílicas, velam-se saùdosamente. O silêncio torna-se a alma dos seus quadros. E se, muito longe, *Ao declinar do dia,* qualquer coisa indistinta roçou, rasgou um sulco ondulante no escuro veludo das águas, lá do fundo essa vibração vem atravessando todo o quadro, como uma sonoridade de Angelus atravessa uma atmosfera muito tranqüila.

¿Poder-se há circunscrever, na diversidade da obra, a nota individual do pintor, definir a paisagem «à Cândido da Cunha?» Mais do que em nenhum outro género, o seu talento poético revelou-se num tipo de assuntos que tratou com significativa insistência, não em simples réplicas, mas como indagações, sempre recomeçadas, dum problema de arte que o absorvia. E êsse género foi, sem dúvida, o da paisagem fluvial de contornos lentos, imersa na luz vespertina. Contornos lentos que se desviam para o longe, agora êste, agora aquele, como apontando para o drama que acabou de consumar-se. Dir-se ia que não se trata da morte do sol, mas da nossa, e que na verdade é êste o nosso último poente. Sem embargo, até a carregada tristeza que se aquieta na opacidade das margens oblíquas, essa mesma se reveste de não sei que sombria opulência. Sim, tudo se impregnou de doçura. A curva do rio é um afago muito demorado. E a luz de além-horizonte, luz quási de outro mundo, vem ferir no primeiro plano um acorde de extase na superfície das águas desfalecidas. Ah! ¿donde vem esta aspiração que não conhece limite? Afogueiam-se as águas, respondem à claridade dos céus, como um último apêlo, última esperança terrestre, a interrogação eterna do homem diante do grande véu.

Então se compreende que o pintor, ferido de morte, se esquivou ao comércio dos homens para dizer, no recolhimento do seu coração, um veemente louvor da vida.

CARLOS MANUEL RAMOS.

JAIME DE MAGALHÃES LIMA

NÃO podemos publicar nêste número, por escassez de espaço, a brilhante conferência que, no Salão Silva Pôrto, fêz o erudito escritor e nosso colaborador distintíssimo, sr. dr. Jaime de Magalhães Lima, quando se inaugurou a exposição — Cândido da Cunha. Publicá-la hemos no próximo número, pelo menos em parte, se a sua extensão não nos permitir reproduzi-la na íntegra duma só vez.

VILA DO CONDE—IGREJA MATRIZ—PIA BAPTISMAL

A MATRIZ DE VILLA DO CONDE

Na fidalga, risonha e pittoresca Villa do Conde, junto da foz do Ave, «d'esse rio tão socegado, que parece até arrependido de levar agua doce ao mar salgado», n'uma pequena collina fronteira ao grandioso Convento de Santa Clara, ergue-se soberba e majestosa a Igreja Matriz, verdadeira joia artistica, cuja construcção, em estylo manuelino ou do periodo de transição, começou em 1500 com artistas biscainhos.

Este sumptuoso edificio é simultaneamente um monumento historico e artistico: historico, porque nos attesta eloquentemente a passada grandeza da terra, que teve coragem e recursos para o levantar; historico ainda, porque nos ornatos d'essas pedras podemos lêr a nossa epopeia maritima; é artistico, por ser um dos exemplares mais formosos do estylo manuelino ou do periodo de transição do norte do paiz.

Villa do Conde é um museu, cuja cupula ou remate está no Mosteiro de Santa Clara, é certo; mas a Igreja Matriz, pela sua altiva e serena grandeza, é um monumento que se impõe aos olhos de todos os visitantes cultos.

Cliché fotográfico de Marques Abreu

VILA DO CONDE — IGREJA MATRIZ — FACHADA

Villa do Conde, situada entre Barcellos e o Porto, teve o bom senso de préviamente estudar a Matriz d'uma, e a Igreja de S. Francisco da outra, evitando os defeitos de aquella, e copiando a elegancia e a belleza da arcaria interna d'esta.

D'este modo, emquanto no exterior, a Igreja de Villa do Conde se nos apresenta com um aspecto imponente de fortaleza, no interior, a harmonia das proporções e a eurhythmia das linhas dão-lhe um encanto e uma suavidade, que difficilmente se encontra n'outro edificio religioso, concorrendo ainda para augmentar alli o bem estar dos crentes esses ricos vitraes polychromicos, rutilantes á luz do sol, que formam em as naves uma penumbra doce

Cliché fotográfico de Marques Abreu

VILA DO CONDE — IGREJA MATRIZ
PORTA PRINCIPAL

Cliché fotográfico de Marques Abreu

VILA DO CONDE — IGREJA MATRIZ — ESTATUETA DE S. JOÃO BAPTISTA
E RESPECTIVO BALDAQUINO, NA PORTA PRINCIPAL

e aprazivel, perfeitamente adequada á piedade christã.

A Matriz de Villa do Conde é um edificio de enorme fabrica e de magnifica silharia de pedra com uma frontaria bella e exuberantemente ornamentada, constando interiormente de trez naves, divididas por duas alas de columnas ou pilares esbeltos, que sustentam dez arcos de volta inteira (cinco por cada lado), e o Côro, com um bello orgão moderno (systema tubular pneumatico), fica por cima da porta principal sobre um audacioso arco abatido.

A nave central, mais alta e larga do que as lateraes, termina pela abside ou capella-mór em forma polygonal, e é coberta por uma abobada de aresta ricamente artezonada, tendo nos fechos dois brazões, um attribuido a D. Maria, segunda mulher de D. Manuel I, e o outro, aos fundadores do Mosteiro de Santa Clara, D. Affonso Sanches e D. Thereza Martins; aos lados, em concordancia com as duas naves, estão as capellas *absidaes*, tambem abobadadas, com a differença notavel de que estas teem o arco em ogiva, e a capella-mór o arco de volta inteira. A Igreja exhibe actualmente a projecção cruciforme, que primitivamente não tinha, em virtude da construcção posterior das duas capellas *transeptaes*.

A do lado da Epistola, isto é, a Capella dos Marinheiros, foi, á custa d'estes, edificada no anno de 1542, e dedicada ao Corpo Santo (S. Pedro Gonçalves Telmo) ou a Nossa Senhora da Boa Viagem, conforme a inscripção gravada n'uma lapide, e a do lado do Evangelho, consagrada a S. Miguel-o-Anjo ou a nossa Senhora da Assumpção, essa foi levantada, no meado do seculo XVI, a expensas dos seus fundadores, Vicente Folgueira e Beatriz Folgueira, e seu genro e filha Antonio Martins Gajo e Maria Folgueira, todos quatro n'ella sepultados na mesma campa brazonada.

As coberturas d'esta capella são tambem abobadas de aresta com nervuras, no mesmo estylo

Cliché fotográfico de Marques Abreu

VILA DO CONDE — IGREJA MATRIZ — PARTE SUPERIOR DO ALTAR DE NOSSA SENHORA DOS ANJOS E ABOBADA DA RESPECTIVA CAPELA, EM REPRODUÇÃO OBLIQUA

das anteriores, e os arcos, de volta inteira, d'uma ornamentação opulenta.

As paredes da primeira d'estas capellas estão revestidas de ricos azulejos polychromicos, dos principios do seculo XVII, predominando n'elles as côres azul e branca, e não deixam de ser interessantes os dois ex-votos com inscripções allusivas ao offerente Thomé Peres Miela.

N'uma das paredes da segunda capella está integrada uma bella misula manuelina, onde assenta a Imagem de S. João Baptista, de pedra d'Ançã, do principio do seculo XVI e reputada gothica.

As naves lateraes, cujos tectos são de madeira a vigas descobertas, teem trez altares cada uma, com talha do seculo XVIII, estylo Luiz XV (época de D. João V, cujo brazão se exhibe debaixo do Côro).

Cliché fotográfico de Marques Abreu

VILA DO CONDE — IGREJA MATRIZ — PARTE SUPERIOR DO ALTAR DA CAPELA DE NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM OU DOS MARINHEIROS E RESPECTIVA ABOBADA EM REPRODUÇÃO OBLIQUA

O pulpito, estylo renascença, obra de talha dos principios do seculo XVIII, com uma escada granitica, graciosamente curva, de vão livre, encimada por um elegante corrimão de madeira do mesmo estylo, é um dos espécimens mais formosos n'este genero do norte do paiz.

A Igreja é illuminada por uma janella d'arco de volta inteira de grandes dimensões, aberta na frontaria, na qual está um rico vitral polychromico, feito em Bordeus (França) no anno de 1904 com o quadro da Ceia do Senhor.

Tem mais seis janellas nas paredes das naves lateraes, trez por lado, e são d'arco de volta inteira, com vitraes polychromicos, de figuras allusivas ás principaes phases da vida do Santo Precursor, Orago da Igreja.

No *clerestory* ha oito janellas mais pequenas, quatro por lado, tambem d'arco de volta inteira, com vitraes mosaicos, uns e outros feitos em Paris no anno de 1906.

A Sacristia parochial, relativamente pequena, tem a recommendal-a no interior um esplendido quadro de talha do seculo XVIII, encimado pelo brazão de Villa do Conde — uma nau á vela, navegando de bolina em mar azul, e, no alto, do lado esquerdo, um escudo com as quinas em cruz; no exterior havia uma gárgula pornographica, que, n'um momento de devoção exaltada, um vizinho barbaramente destruiu.

Sobre o symbolismo d'estes

objectos, grotescos uns, e pornographicos outros, que se nos deparam em algumas das nossas Igrejas, muito teem dissertado os historiadores e os criticos; hoje, porém, parece materia assente entre os archeologos que se trata de objectos magicos, semelhantes a amuletos, para que não venha mal algum ao templo. Era uma especie de figa [1].

Na frontaria da Matriz ostenta-se d'um lado o brazão de D. Manuel I, apagado no dominio francez por ordem da Intendencia da policia, determinada em 12 de Abril de 1808; do outro lado o brazão de Villa do Conde, entre dois emblemas symbolicos, de allusão desconhecida um, e erradamente interpretados ambos, como sendo os brazões da Povoa de Varzim e de Azurara.

Depois da restauração do Governo legitimo foi collocado o brazão real na fachada da torre, que é posterior á construcção do templo, pois data dos fins do seculo XVII e principios do seculo XVIII.

Por ultimo, além da formosa porta lateral, com o arco em ogiva [2], que tanto se distingue na Matriz, lembrarei os discretos cadeiraes da capella-mór, que denunciam a existencia outr'ora de uma Collegiada, composta do Prior e quatro raçoeiros ou beneficiados, a qual, instituida em 1519 pelo notavel Arcebispo de Braga D. Diogo de Souza, a pedido do povo, supplicas das Claristas, e instancias del Rei D. Manuel I, foi extincta em 1834.

Concluo aqui, com muito sentimento, este apressado artigo, por não dispôr de espaço nem de tempo para contar aos leitores o estado lamentavel em que fui surprehender a Matriz de Villa do Conde, quando em Julho de 1893, como parocho collado, tomei posse d'aquella Igreja; não obstante, remetto os leitores curiosos para o bello artigo, que, no *Primeiro de Janeiro* de 15 de Novembro de 1904, publicou sobre a restauração da mencionada Matriz o meu illustre conterraneo snr. dr. Manuel Monteiro, e ahi encontrarão o negro rol das sevicias, deturpações e barbaridades, que n'aquelle sumptuoso monumento se commetteram, o qual só uma vontade energica, persistente e dedicada pela Igreja e pela Arte poderia restituir, tanto quanto possivel, á sua primitiva pureza.

E, como sobre o citado artigo já passaram mais de vinte annos, peço licença para reeditar d'elle as seguintes palavras, que tão gentilmente abonam a minha affirmação:

« . . . Taes são as avarias fundamentaes n'ella (Matriz), praticadas, e que começaram a ser expungidas pela desvelada dedicação e

Cliché fotográfico de Marques Abreu

VILA DO CONDE — IGREJA MATRIZ — PULPITO

(1) Cf. Dr. Leite de Vasconcellos, *A Figa*, pag. 73.

(2) O arco da porta principal é de sarapanel.

carinhoso senso artistico do seu actual prior. Foi, com effeito, Monsenhor José Augusto Ferreira, que, ante a crueza de taes desacatos, intentou restabelecer-lhe, o mais possivel, a pureza inicial.»

Braga, 15—III—926.

Mgr. J. Augusto Ferreira.

Cliché fotográfico de Marques Abreu

VILA DO CONDE — IGREJA MATRIZ — ANTIGA ESTATUA DE S. JOÃO BAPTISTA, EM PEDRA DE ANÇÃ

VARANDA DE PILATOS

O Congresso Íbero-Americano de Aeronautica, realizado há dias em Madrid, exaltou-nos como Nação e como Raça, e mais uma vez o nome heróico de Portugal foi pôsto em destaque por espanhóis e argentinos, com justiça, é certo, mas com cavalheirismo também.

Sempre que uma ocasião favorável se oferece, não deixam os nossos vizinhos de celebrar o feito heróico de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, colocando-nos à frente das novas navegações atlânticas, de que, por direito de engenho e de conquista, fomos ontem e somos hoje os pioneiros admiráveis, os iniciadores gloriosos. Esta atitude da Espanha, honrando-nos, honra-A também, e nós, portugueses, devemos corresponder sem reservas a estas provas de leal amizade, a que, forçoso é dizê-lo, não estamos habituados mesmo por parte de aqueles povos que embora amigos sistemáticamente nos desconhecem e constantemente nos rebaixam e desdenham.

Eu tenho pela Espanha uma grande e sincera simpatia; admiro os seus heróis e os seus artistas de ontem e de hoje, como nossos irmãos que são, e porque não creio no decantado perigo espanhol, nem próximo nem futuro, regosijo-me sem reservas com estas provas de boa camaradagem, — base segura para um entendimento recíproco, num «próximo amanhã» que de novo garanta, à Península Hispânica, na Europa e no Mundo, o lugar de preponderância a que tem direito entre as mais nobres e poderosas nações, não pelo seu passado que é eterno, mas morto, mas pelo seu presente e pelo seu futuro que já se nos revela pejado de possibilidades gloriosas!

Criadora de povos, a Espanha de hoje procura inteligente e patrióticamente valorizar a sua situação americana, defendendo quanto possível a *sua américa* de infiltrações estranhas. E é por êsse caminho que prudentemente devemos enveredar também, lembrados de que, por mercê de Deus, somos ainda um povo colonizador, capaz ontem de criar o maior império sul-americano — o Brasil — e ainda agora formando um novo império em África — Angola e Moçambique.

Foi a falta de orgulho consciente nesta certeza esplêndida que nos inferiorizou, ou antes e melhor, que inferiorizou a geração passada, descrente de Deus e do diabo por obra e graça duma política sem finalidade criadora, importada de França, e toda feita de mesquinhas lutas caseiras, violentas e caluniosas.

Revivemos, renascemos com as travessias aéreas do Atlântico. Novamente vamos, em breve, abraçar o Mundo pelo caminho do Céu, numa nova caravela de Sonho! E a escola marítima de Sagres, do século xv, transforma-se, no século xx, em escola internacional de aeronautica, entregue à direcção scientífica de Gago Coutinho!

A exposição Íbero-Americana de Sevilha aproxima-se. E é com estas certezas fundamentais que lá devemos ir — sem palácios manuelinos de gôsto duvidoso.

Ao lado da Espanha, do Brasil, de tôdas as

nações sul-americanas, seremos irmãos e seremos iguais. Que não há nações grandes e pequenas, mas sim gerações falhadas e perdidas, e gerações conscientes e triunfantes.

Nós *vivemos* de novo, e porque vivemos, como Nação, como Povo e como Raça, temos que recordar na Exposição de Sevilha o nosso passado, é certo, mas sôbre tudo afirmar o nosso presente e gritar o nosso futuro.

Sem nós, a exposição de Sevilha ficaria diminuida no seu significado, e aos homens de Govêrno que tal responsabilidade tomassem... «melhor lhes fôra por certo não terem nascido».

Manuel de Figueiredo.

JÚLIO DINÍS

ÉCOS DO CENTENÁRIO DA RÉGIA ESCOLA DE CIRURGIA DO PORTO

Os nobres intuitos dos homens que conseguiram celebrar o primeiro Centenário da Régia Escola de Cirurgia do Pôrto começam a ter realização e forma, para que, como padrões gloriosos, fiquem perdurando e a atestar, pelo tempo fora, o seu alto espírito de solidariedade humana e de justiça social.

E, nestas condições, um Apóstolo de eleição, cheio de persistência, a trasbordar de talento e fôrça de vontade, esboça carinhosamente as linhas da obra grandiosa e com seus dedos de gigante começa a tirar efeitos de carácter, vida e beleza.

É o professor Alfredo de Magalhães êsse predestinado que teve, no dia de Júlio Dinís, a bem merecida consagração dos seus contemporâneos, que colocaram, solenemente, o seu busto, em bronze, no salão nobre da Faculdade de Medicina do Pôrto.

Assim, ficará êste homem apontado às gerações vindouras como o principal promotor do singelo mas eloqüente monumento, que, no primeiro dia dêste mês, se inaugurou, no Largo da Escola Médica, e daquele outro, mais eloqüente e sublime, por pertencer à maior virtude da terra — a Caridade — belamente ungido sob o nimbo de luz espiritual, todo cheio de Bondade e Doçura, que dimana de Júlio Dinís e que a fé inquebrantável e árduo trabalho do professor Magalhães hão-de erguer nesta hospitaleira e nobre cidade do trabalho, como glorificação e exaltação da Mãe portuguesa — a Maternidade.

* * *

No primeiro dia dêste mês de Dezembro, consagrado à independência nacional, pouco depois das três horas da tarde, um numeroso cortejo — com o ministro da Instrução Pública, dr. Alfredo de Magalhães, que envergava sua toga de catedrático, seguido dos demais professores de tôdas as Faculdades, aclamações e contentamento de todos, o snr. Ministro da também com suas togas, dos representantes do Município e dos principais centros intelectuais do país, das autoridades civis e militares, do representante do Bispo do Pôrto, de Homens de Letras e Jornalistas, de Artistas e de grande número de representantes de várias colectividades desta cidade — saía da Faculdade de Medicina, em direcção ao largo fronteiriço, que regorgitava de povo e de estudantes, e se foi colocar em uma tribuna erguida a meio do lado nascente do largo, no centro do qual se levantava o monumento ao imortal romancista Júlio Dinís, o qual se achava coberto com a bandeira nacional.

Uma companhia de infantaria 18, postada ao longo do Hospital de Santo António, vistosamente engalanado com colgaduras, fazia a guarda de honra e, então, por entre gerais

Cliché foto. de A. Martins

PORTO — MONUMENTO A JÚLIO DINÍS

aclamações e contentamento de todos, o snr. Ministro da Instrução descerra o monumento, obra do escultor João da Silva.

Nesta ocasião, discursou o director da Faculdade de Medicina, professor Alberto de Aguiar, sendo lido, no final, pelo secretário dêste Estabelecimento de Ensino, professor Hernani Monteiro, o auto de entrega do monumento à Câmara Municipal do Pôrto. Fizeram, depois, uso da palavra o coronel Raul Peres, pela Câmara Municipal; professor Bento Carqueja, pela Academia das Sciências de Lisboa; professor Almeida Ribeiro, pela Universidade de Coimbra; professor Vitorino Laranjeira, pelas Universidades do Pôrto e Lisboa; professor Dameão Peres, pela Faculdade de Letras do Pôrto; dr. Costa Sacadura, pela Sociedade de Sciências Médicas; dr. Marques de Carvalho, pela Associação Académica do Pôrto e o quintanista de medicina, Luís de Pina, pelos alunos da Faculdade de Medicina do Pôrto. Todos enalteceram o vulto grandioso de Júlio Dinís.

Depois de lida pelo professor secretário da Faculdade de Medicina a correspondência de vários centros scientíficos do país e de figuras de destaque, no professorado e nas letras, saüdando a Faculdade de Medicina do Pôrto, novo cortejo se formava, dirigindo-se para o gabinete dos Professores da Faculdade de Medicina, onde o auto foi assinado pelos presentes.

* * *

Á noite, no teatro de S. João, vistosamente esmaltado com a policromia do vestuário e elegância das senhoras da melhor sociedade portuense e repleto de um público seleccionado, realizou-se um sarau de Gala, mais uma homenagem da nossa Faculdade de Medicina a Júlio Dinís.

Quási dez horas da noite. Ao morrrer das últimas notas de *Les Girondins*, pela excelente banda da Guarda Republicana do Pôrto, vem ao proscénio o médico ilustre e publicista notável, dr. Campos Monteiro, que põe em foco a personalidade do professor Alfredo de Magalhães, traça com maestria o perfil do grande vulto literário de Júlio Dinís e saúda as senhoras do Pôrto, cuja presença ali é de um alto significado, visto o acrisolado culto que o romancista votou à mulher portuguesa.

Então, à grande moda antiga e com engenho e arte, diz o que vai passar-se na scena e anuncia que é chegado o momento de soarem as três pancadas de Molière.

E, quando o pano sobe, uma surpresa de Gonçalo Sampaio, o botânico notabilíssimo a quem a Flora ensinou a venerar Orfeu.

É o seu «Lote coral académico», um lindo grupo de gente moça, que tem a magia de nos levar com suas canções tam regionais, tam portuguesas de lei, até às eiras batidas de sol do nosso Minho abençoado, que canta, reza e trabalha; de despertar na imaginação o bucolismo do entardecer; de nos fazer ouvir o toque das avé-marias; de nos transportar à seara loira, salpicada de papoulas rubras, como desejos, a dizer adeus ao sol, ao sôpro da viração, com os seus ondeados meneios!

E, dest'arte, o meio está preparado para sentirmos a paz e a ternura da paisagem, onde foram nadas e criadas as delicadas figuras do inegualável romancista que se festeja.

Armando Leça e D. Judith Lima dão-nos, com extraordinário mimo, pedaços da canção portuguesa.

E a primeira parte termina. O pano volta a abrir-se. No ambiente, leve e cheio de paz, perpassam os vultos

Cliché fotográfico de Alvaro Martins

HOMENAGEM A JÚLIO DINÍS — O ilustre Professor e Director do *Comércio do Pôrto*, sr. Bento Carqueja, discursando em presença do sr. Ministro da Instrução Pública

Cliché fotográfico de Alvaro Martins

HOMENAGEM A JÚLIO DINÍS — O ilustre vice-reitor da Universidade do Pôrto, Professor sr. Vitorino Laranjeira, lendo o seu discurso

majestosos de Herculano, Castilho e João de Deus, que veem assistir à festa.

Ao fundo, em riquíssimo salão brazonado, o busto imponente de Júlio Dinís, exaltado em fundo de damasco amarelo. Á esquerda, em estrado coberto de riquíssima tapeçaria vermelho-carmezim, preside o ministro da Instrução Pública, professor Alfredo de Magalhães, ladeado pelo Reitor da Universidade de Coimbra, professor Almeida Ribeiro e pelo professor da Faculdade de Sciências do Pôrto, dr. Bento Carqueja. Á direita baixa, a cátedra. Á direita e à esquerda alta, em duas longas filas, sentam-se professores, escritores, jornalistas e artistas, em cujas casacas a pedraria das condecorações dispersa esplendidos tons irisados. Dá brilho e realce a êste conjunto a figura da inspirada poetiza D. Branca de Gonta Colaço.

Riquíssimas serpentinas de bronze dão luz a jorros.

Vai começar a sessão académica.

Professor Fidelino de Figueiredo: talento forte e vigoroso, de rasgados horizontes, com domínio absoluto do pensamento. O seu tema é *Júlio Dinís e a sua ética literária.* Admirável quando disserta sôbre literatos e literatura.

Dr. Joaquim Costa: inteligência e brilho. Fala sôbre *O sentimento da natureza na obra de Júlio Dinís.* Desfia, com elevação, a psico-fisiologia dos grandes sentimentos humanos. Traça com mão de Mestre a vida imensa dos quadros de Júlio Dinís.

Dr. Campos Monteiro: talento vigoroso e graça infinita. *Os tipos masculinos na obra de Júlio Dinís* são desenhos primorosos que a sua delicada musa anima.

D. Branca de Gonta Colaço: inteligência, espírito arguto e porte fidalgo. *As mulheres na obra de Júlio Dinís* são figuras reais que veem até nós. Parece-lhe justo que uma voz feminina viesse tomar parte nesta homenagem a quem tam bem soube idealizar a mulher.

Reinaldo dos Santos: inteligência clara e lúcida. No seu *Tema reservado,* o autor das *Pupilas* é visto, principalmente, em duas grandes posições, na paisagem e nas artes plásticas.

Eugénio de Castro: máscara forte a ressumar talento. Em *Júlio Dinís poeta,* descreve magistralmente o meio e o tempo que influenciaram o vate. Diz-nos a verdade como deve ser dita, sobretudo, quando falamos dos mortos. Júlio Dinís, novelista maravilhoso, foi um grande poeta quando escreveu em prosa e um apreciável poeta quando escreveu em verso.

Na terceira parte, que abriu com um esplendido discurso do quintanista de medicina, Fernando Magano, os mesmos coros se erguem, como preces divinas, cantando a sólo com extraordinário brilho a menina Julieta de Brito, acompanhada ao piano por sua mãe, a ilustre professora D. Alexandrina Castagnoli de Brito.

Estava feita, pois, a glorificação do mavioso cantor da Beleza Moral, fonte límpida que reflecte o azul puríssimo do céu e mitiga a sêde aos que, no rude caminho da Vida, buscam o ideal da Perfeição.

Dezembro — 1926.

JOSÉ DINIZ.

Por dificuldades de vária ordem publica-se com atrazo êste número da *Ilustração Moderna.* Tal facto justifica a inserção de algumas actualidades relativas a Dezembro.

HOMENAGEM A JÚLIO DINÍS — O sr. Ministro da Instrução, Prof. Alfredo de Magalhães, dirigindo-se para a tribuna, afim de assistir à inauguração do monumento, seguido dum brilhante sequito de professores, artistas e intelectuais, que tomaram parte nesta imponente cerimónia

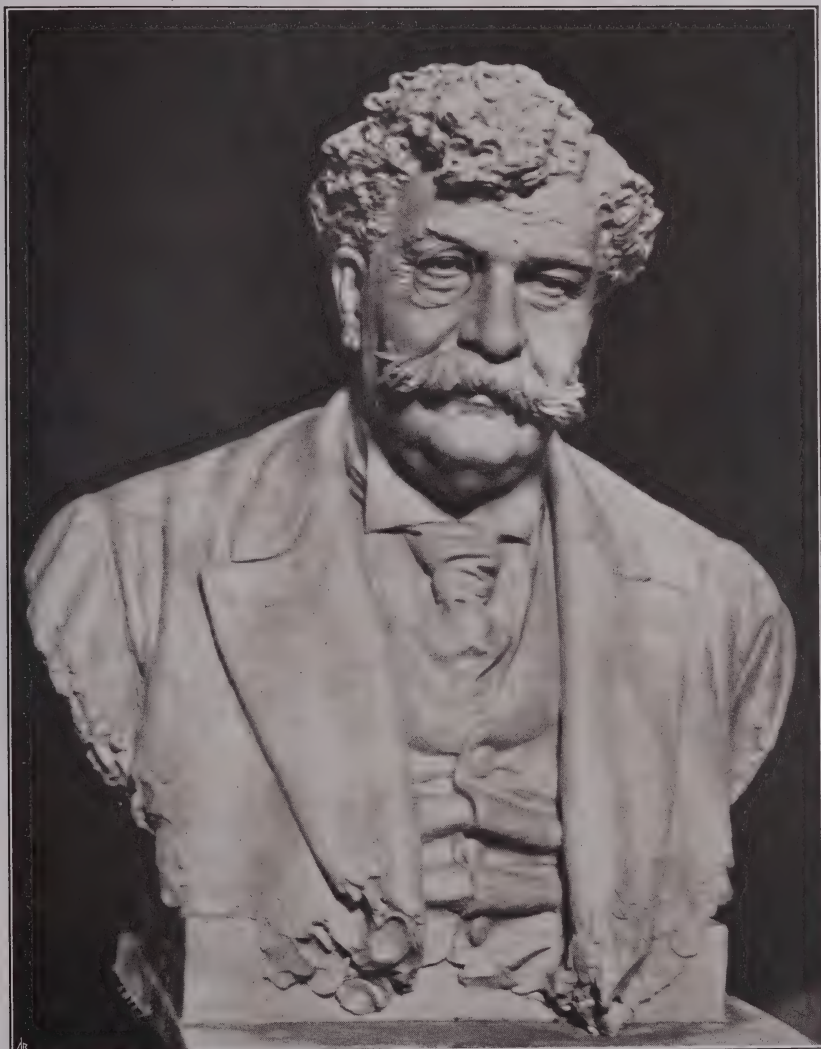
Clichés fotos. de A. Martins e A. Moura

HOMENAGEM AO DR. ALFREDO DE MAGALHÃES — Aspecto da assistência que tomou parte na homenagem ao ilustre Ministro da Instrução, no momento em que o quintanista de Medicina, sr. Luís de Pina, lia a mensagem dos alunos da sua Faculdade

ILUSTRAÇÃO MODERNA

PUBLICAÇÃO MENSAL — EDITOR-DIRECTOR — MARQUES ABREU

1.º ANO — PORTO DEZEMBRO — 1926 — NÚMERO 8

Imprensa das Oficinas de Fotogravura de Marques Abreu — Avenida Rodrigues de Freitas, 310 — PORTO

Cliché fotográfico de Camilo José de Macedo

RAFAEL BORDALO PINHEIRO — ESCULTURA DE TEIXEIRA LOPES

CRÓNICA DO MÊS NOVEMBRO

Alguém que passou... e foi alguém. — Primeiros frios, primeiras diversões. — Transformação do aspecto citadino. — O Pôrto de hoje.

ENTROU Novembro, e com êle o inverno. Aqueles dias de outono verdadeiramente estivais que o mês anterior nos oferecera, aquele céu azul-profundo, de uma serenidade encantadora e apaziguante, transmudaram-se súbitamente em dias frigidíssimos e num firmamento de chumbo despejando sôbre a terra grossas bátegas de água.

Era o inverno que entrava; e com êle, entrou-me na alma uma recordação dolorosa. Precisamente no dia 1 fazia um ano que se immobilizara para sempre a mão de Moreira de Almeida, o primeiro jornalista português do seu tempo, se apagara aquele cérebro luminosíssimo que se exgotou na luta por um ideal cuja realização se lhe afigurava mais e mais longíqua, e deixara de pulsar aquele grande coração de patriota.

Com o seu talento, com as suas qualidades combativas e com a sua infatigável actividade, Moreira de Almeida poderia ter atingido os mais altos lugares no seu país e agenciar fortuna que lhe proporcionasse um bem merecido confôrto. Bastava-lhe, para isso, ter feito como tantos outros arrivistas: prostrar-se em adoração diante do sol nascente e assoldadar a sua pena ao serviço de uma causa que lhe repugnava mas que se mostrava pródiga em recompensas.

Não quis proceder assim. O seu carácter era dos que a enxurrada do egoismo não consegue asfixiar, e a sua coluna vertebral daquelas que não sabem inflectir-se senão quando a consciência o ordena. Por isso, em vez de uma vida cómoda e fácil, teve uma existência de luta e de pobreza.

Deixou apenas dois legados: à família, um nome ilustre; aos outros, um grande exemplo. Nome que há-de ser esquecido em breve pelos próprios correligionários... Exemplo que não frutificará, numa época em que a rajada do individualismo derruba todos os sentimentos bons.

Fique ao menos, neste jornal, o piedoso ramo de perpétuas que mão amiga vem depor sôbre o seu túmulo no dia em que passa o primeiro aniversário do seu falecimento — no dia em que tôda a humanidade cristã consagra os seus mortos queridos.

* * *

...E, com a entrada do inverno, o Pôrto perdeu o seu aspecto sorumbático e tedioso, o aspecto de uma casa vasia cujos donos foram para fora. Porque o Pôrto, como tôdas as grandes cidades, também tem os seus donos, que se conhecem fàcilmente pelo aspecto geral. De verão, as pessoas que encontramos pelas ruas, de ar um pouco canhestro, roupa um tanto fora da moda, parando em frente das montras ou das estátuas, andando vagarosamente e atrapalhando-se diante dos eléctricos ou dos automóveis que passam, são provincianas, e portanto intrusas. De inverno, o provinciano quási que desaparece, os portuenses regressam das praias, das termas ou do campo; e a cidade toma outro aspecto. Tornam a ver-se nas ruas as graves *limousines* que deslisam em rodar suave, transportando senhoras ricamente vestidas, abafadas em peles caras. Nos passeios das artérias mais centrais, elas passam também em grupos, correspondendo discretamente aos cumprimentos e calcando os asfaltos macios que conduzem às pastelarias onde é de bom tom ir tomar o chá das cinco. Os homens, que durante o dia desfilam apressados, para a casa comercial que lhes pertence ou para o Banco que dirigem, encostam-se ao cair da tarde às ombreiras dos *mentideros* costumados, para, com o pretexto de falarem de negócios ou de política, verem passar as mulheres bonitas. E à noite, após o jantar deglutido apressadamente, umas e outros dão fundo no teatro ou no cinema.

¡Como vai longe aquele Pôrto patriarcal e tranqüilo que Camilo, Arnaldo Gama e Ramalho Ortigão nos descreviam! O negociante que tinha por prototipo o linheiro das Hortas ou o ourives da rua das Flores — pacatíssimo burguês que no intervalo de servir dois fregueses se sentava à porta do estabelecimento lendo o *Comércio* e depois de fechar a loja se ficava socegadamente em casa jogando a bisca ou dominó — desapareceu para sempre. Hoje, apenas engulido o bocado, larga para o divertimento, para as casas onde se bebem coisas caras e se toca jazz-band e onde êle se deixa acotovelar pelos próprios caixeiros a quem outrora não teria permitido que freqüentassem aqueles «lugares de perdição».

Verdade seja que também não se importa de que as próprias filhas vão ao teatro ligeiro ouvir frases equívocas e ver mulheres quási nuas... Depois que se inventou o «nu artístico», em carne e osso, já a nudez não parece mal nem ofende a castidade. E as plateias enchem-se quando êsse aperitivo surge nos programas, — ao mesmo tempo que os museus estão às moscas e chegam mesmo a fechar por falta de pessoal, como ultimamente sucedeu ao «Soares dos Reis», sem que ninguém protestasse ou parecesse notar-lhe a falta.

Este facto parece provar que o nu artístico em epiderme feminina tem mais apreciadores do que o nu artístico em tela ou alabastro... E prova ainda que os costumes do Pôrto mudaram muito, depois que nos demos a imitar Paris.

¿Mas saberemos nós, ao menos, imitar a grande cidade que o velho e já esquecido Hugo chamou «cérebro do mundo», e está tendo cada vez menos miolos?

Quer-me parecer que não. Como em tudo, não imitamos copiando: imitamos macaqueando. Lá, até a devassidão tem um ar de distinção impressionante. Em Portugal não acontece assim. A maior parte das diversões sicalípticas que o Pôrto e Lisboa nos oferecem teem uma aparencia soez e chula que desgosta. Dizia Eça de Queiroz, há quarenta anos, que Portugal é um país traduzido do francês em calão. Se o visse agora, teria de acrescentar: em calão... da Mouraria.

E assim é que estava certo.

CAMPOS MONTEIRO.

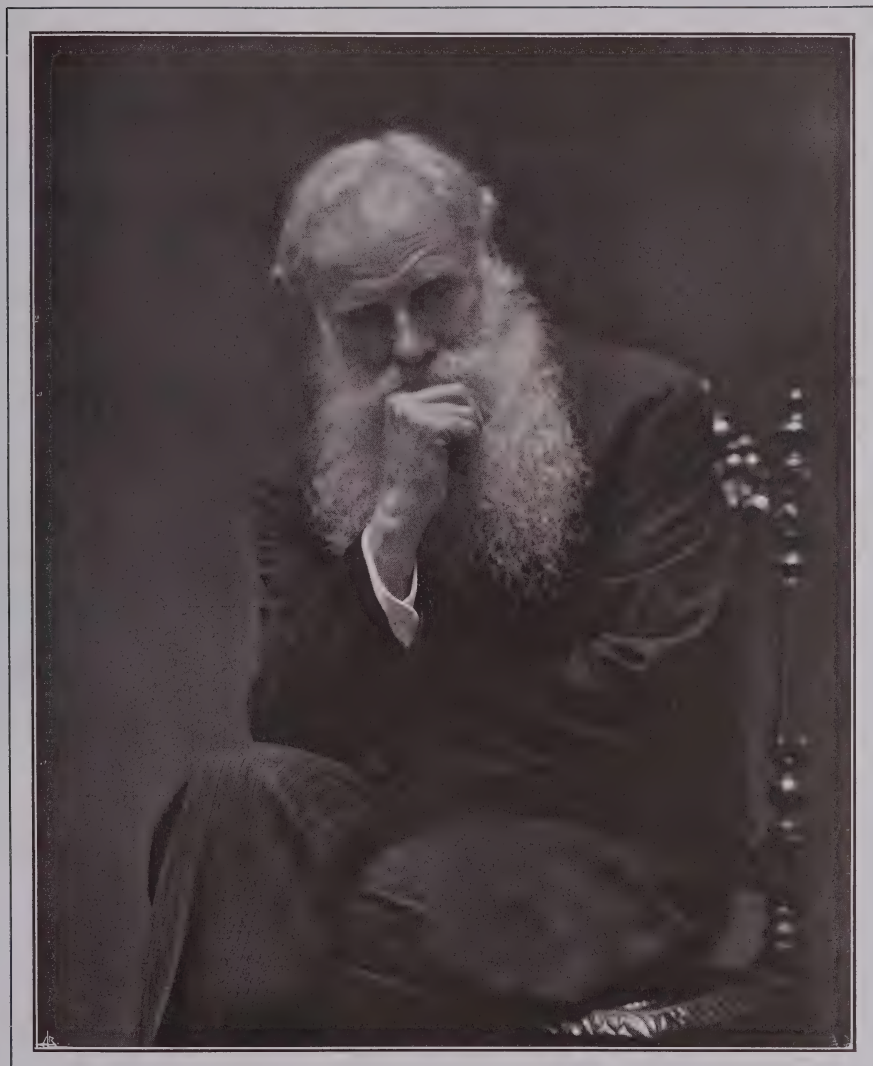
RAFAEL BORDALO PINHEIRO

A VILA DAS CALDAS DA RAINHA VAI HOMENAGEAR O GRANDE ARTISTA

A LOUÇA das Caldas é conhecida em todo o país, e lamentável será que porventura o não seja também no estrangeiro. Raras vezes, na verdade, e em qualquer outra parte do mundo, o génio do homem conseguiu arrancar à simples moldagem do barro tão surpreendentes formas, tão peregrinas materializações de Arte e de Beleza.

Rafael Bordalo Pinheiro não brilhou apenas pela scintilância, nervosísmo e vivacidade do seu prodigioso lápis, demolindo nulidades emproadas, flagelando vaidades estultas, desarticulando bonecos de barro humano antes de modelar as suas deliciosas figuras de faiança, castigando, emfim, os costumes com riso e com humor; foi também um decorador opulento de tons e de fantasia, e fundou, junto do belo parque das Caldas da Rainha, a fábrica de louça a que êle mesmo deu vida e renome, criando um tipo de cerâmica regional que se pode considerar a mais original, variada e interessante das cerâmicas portuguesas.

Justamente, pois, a vila das Caldas da Rainha, continuadora brilhante da obra do Mestre, — e já berço ilustre de artistas desde a sua fundação pela simpática e bondosa rainha D. Leonor de Lencastre, — vai levantar em Janeiro próximo, por esforços da Comissão de Iniciativa local, um monumento ao artista que é uma das maiores glórias da nossa terra.

O grande escultor Teixeira Lopes modelou admiràvelmente o busto de Rafael, o qual assentará num pedestal delineado por outro ilustre artista, o professor José Luís Monteiro, tendo sido o bronze fundido pela Emprêsa Artística «Teixeira Lopes», de Vila Nova de Gaia. E assim, ao mesmo tempo que paga uma dívida de gratidão, a vila das Caldas poderá orgulhar-se de oferecer à curiosidade dos visitantes uma genuina obra de arte, bem digna do vulto notável cuja memória pretende perpetuar, e que perpetuada se encontra já em trabalhos encantadores, como essa maravilhosa e delicadíssima jarra manuelina, que hoje se admira no Museu do Campo Grande, em Lisboa.

Cliché da Fotografia Medina DR. JAIME DE MAGALHÃES LIMA

JAIME DE MAGALHÃES LIMA

PENSAMENTO é organização. E a prova disto encontra-se materializada nas ruínas, atrasos e paralisias que formam a païsagem económica e social da terra portuguesa, bela terra geogràficamente conformada e dotada como espécie de vice-paraíso, mal-empregada terra que habita e estraga uma gente cada dia mais reduzida a sub--gente, visto que entre tôdas se distingue pela teimosa preguiça de pensar.

Portugal é a desorganização organizada, nação--prodígio que existe e persiste não se sabe como, a não ser que a sua perduração se explique assim: primeiro ensaio divino para a constituição futura duma humanidade sem cérebro — o *homo incerebratus* ou acefalópode lusitano, felicíssimo ser que poderá, se lhe quadra, continuar usando chapéu, mas terá encontrado a cura radical das dores de cabeça.

Não me lembro agora quem foi que definiu a Filosofia como «esfôrço enérgico e persistente para compreender». Neste sentido deve ter sido Adão o primeiro filósofo, arqui-avô dos Platões e Descartes, que, por ter vindo muito cedo ao mundo, apanhou uma indigestão de maçãs verdes. Não acredito que o Português descenda dêle, ou peço a Nosso Senhor que o amnistie do pecado original. O Português, ao contrário, distingue-se pela virtude originalíssima de «não querer saber». A sua Árvore da Sciência é o pilriteiro. As maçãs, agora, estão a cair de maduras; mas êle, à semelhança de outro seu avô que não tem nome na Bíblia, cada vez mais prefere as bananas. . .

DR. JAIME DE MAGALHÃES LIMA NO SEU GABINETE DE TRABALHO

Pensamento é organização. Um povo que pensa tem, *ipso facto,* filósofos e estradas, sábios e escolas, homens de contemplação e homens de acção, lógica e política, poesia nos versos e água na torneira. Nós temos poeira nas ruas, doze épocas de exames por ano e títulos de doutor baratíssimos; mas temos também muita sorte. Por-isso os outros, os que investigam e estudam, nos inventaram já o cinematógrafo, graças ao qual podemos saborear os romances mais complicados sem sabermos ler, e nos estão aperfeiçoando o aeroplano, onde viajaremos còmodamente, quando as estradas que nos restam já não servirem nem para andar de gatas. A única coisa que nos aflige é a Hidra. A Hidra, nosso terror, é um monstro de cem cabeças. Não podia ter menos o papão de um povo que passa perfeitamente sem nenhuma.

É claro que a gente assim não vale a pena

DR. JAIME DE MAGALHÃES LIMA NA SUA QUINTA DE S. FRANCISCO — EIXO

preguntar, nem sequer explicar, quem é Jaime de Magalhães Lima. E ¿como poderia explicá-lo eu, que sou de tal gente? Êle, não. Estrangeiro nítido, tanto no tipo físico herdado — olhos azuis e cabelos loiros — como na feição intelectual: místico, psicólogo, crítico, poeta, ensaísta, pensador. Poeta sim, porque estrangeiro. Espalhou-se o boato de que Portugal era um povo de poetas, porque se confundiu a Poesia com os livros de versos; e hoje somos um país de poetisas, no mesmo sentido: um país onde tôdas as meninas finas de letras grossas desabafam as suas cloroses e glicoses, langores e prisões de ventre, em cartas de namôro com linhas umas mais compridas que as outras — e mandam tudo isso para a tipografia.

Egoístas de mais para sermos místicos; sensuais e ignorantes em demasia para sermos poetas; muito superficiais e preguiçosos para a curiosidade profunda que produz os psicólogos e filósofos em geral, também não podemos ser críticos, porque adoramos Camilo, o homem da inexgotável e insuperável descompostura.

Ora bem: no país onde não há nada disso, Jaime de Magalhães Lima é tudo isso; e é tudo isso, exactamente porque essas várias maneiras de ser se tocam e inter-penetram, e porque o ambiente hostil o não solicitou nunca para se definir por uma delas, e numa delas se fixar.

Suponhamo-lo russo, e seria outro Tolstoi; inglês, e seria outro Ruskin; francês, e honraria com o seu pensamento incisivo outra «École Normale Supérieure», outra Sorbona. Aqui, não poderemos chamar-lhe outra *vox clamantis in deserto,* visto que não clama, delicado de mais, da alma e do espírito, para recorrer ao barulho; mas é com certeza um cérebro que insiste em pensar, no meio desta grande barulheira de tiros cívicos, de buzinas ou escapes de automóveis, e de *jazz-bands* muito janotas, tudo músicas de pretos, caídas em Portugal como sopa no mel.

¿Que admira que êste português seja nostálgico da Idade-Média e encare com desconfiança a Renascença, que para nós devia chamar-se antes «Degenerescência», visto que por ela a nossa antiga côr gôda se amulatou? D. Duarte, *o Eloqüente,* teria feito um homem assim seu «escrivão de puridade», nome que então se dava ao presidente do conselho; e Jaime de Magalhães Lima está visto e previsto nos *Lusíadas,* com as mesmas barbas brancas de agora e as mesmas ideias de defesa nacional que tiveram por chefe platónico o Infante das Sete Partidas e por severo intérprete o velho do Restelo, quando preguntava

CAPELA DE S. FRANCISCO NA QUINTA DO EIXO

à geração navegante, acusando-a de despovoar o «reino antigo»:

> ¿Buscas o incerto e incógnito perigo,
> Porque a fama te exalte e te lisonje,
> Chamando-te senhor com larga cópia,
> Da Índia, Pérsia, Arábia e Etiópia?...

Os belíssimos trabalhos de Jaime de Magalhães Lima sôbre Fernão Lopes e Alberto Sampaio, sôbre o aspecto musical da nossa língua e o sentido estético-moral da nossa arquitectura, sôbre a etnografia da região de Aveiro, etc., todos veem impregnados do seu amor à velha grei ainda pura, organizada e forte. Dêsse antigo valor étnico, dêsse «carácter» perdido, diluído, enfraquecido, se ainda restam vestígios, ¿onde estão? No povo, certamente; no povo das aldeias e choupanas, no lavrador que não perdeu o contacto da terra, em-quanto os Anteus aventureiros, os heróis da conquista, os clérigos latinizados, os poetas italianizantes, os juristas do absolutismo romano, e os tenores, palhaços e dentistas da Revolução Francesa importada, não vieram desaportuguesando cada vez mais o Portugal da sóbria pobreza e da charrua activa, o Portugal onde os concelhos falavam ao Rei de iguais a igual, cuja linguagem não passara ainda a latina e a francesa, e que não tinha reduzido a sua robusta e congénita autonomia política a êste macabro entrudo da «Soberania Nacional».

Por-isso Jaime de Magalhães Lima ama o povo, que o Estado vitimou e vitima; por-isso, no seu idealismo desamparado, a consciência cívica dentro da sua grande alma repele o Estado, e contempla a Anarquia ideal.

J'ai vu poursuivre l'homme supérieur comm'une proie; j'ai vu émietter les grandes âmes... Também eu tenho visto êsses tristes assassínios e desperdícios, de que se forma um vasto suïcídio nacional, mais real e mais dolorosamente, com certeza, do que os viu o padre de que nos fala Jorge Bernanos. Mas a alma de Jaime de Magalhães Lima não se deixa esmigalhar: bela e íntegra, como a recebeu de Deus a Deus a entrega, visto que os homens a não utilizam, nem merecem.

Quanto mais se conhece a loucura e inconsciência dos homens, mais se admira e enveja o sólido bom-senso dos gatos, o altruismo comovente dos cães, a infalível sociologia de formigas e abelhas, e, sobretudo, a regra de bem-viver que em vão nos ensinam ervas e árvores. Da raiz ao fruto vai uma epopeia de sacrifícios, o melhor tratado de previsão política, a organização económica mais certeira, um martirológio de santidade. A planta vive mal para dar vida melhor à geração seguinte — o contrário do que faz a política. Não fala, e por-isso não engana, nem se engana.

Dizem que há árvores que envenenam os homens. Talvez. Mas o prazer de quási tôdas é darem-nos a frescura da sombra e o calor da lenha, a beleza da flor e o sabor do fruto. Com a colaboração maldosa da mão humana é que se fabricam, de troncos e ramos inocentes, a cruz, a fôrca e o cacete.

¿Vêdes aqueles penhascos sem caridade nem sorriso? De outros iguais fêz Jaime de Magalhães Lima, em dezenas de anos de amorosa paciência, matas extensas e frondosas, música para os ouvidos, pintura para os olhos, carícia das almas, saúde para os peitos, exemplo aos sôfregos e apressados, poética herança, riqueza puríssima...

¿Um Cincinato que não pôde ser César? Não: um S. Francisco de Assis que se abraçou à irmã Árvore, porque o irmão Homem não sentiu nem desejou o seu abraço.

Nevogilde, Outubro, 1926.

Agostinho de Campos.

CÂNDIDO DA CUNHA

O PINTOR DO MISTÉRIO DA PAISAGEM

Conferência lida no Salão Silva Pôrto por ocasião da abertura da Exposição de Quadros de Cândido da Cunha, em 13 de Novembro de 1926.

. . . .

Êsse carácter da obra de Cândido da Cunha, a emanação essencial da sua arte que de tôdas as suas telas ressuma em uma identidade inalterável e íntegra, isso que êle com um admirável e seguro poder estético nos sugere, é o sentimento do mistério, que funde na harmonia cósmica a vibração de tôda a paisagem, é o clamor da voz do Infinito que nos vence e prostra em obediência e louvor. De um quadro onde, se expande e ondula o revestimento da terra e a sua irisada atmosfera, Cândido da Cunha desprende ecos de hinos religiosos erguidos à majestade, omnipotência e omnipresença de Deus.

Nas suas paisagens, jàmais se desencadeia o tumulto da natureza orgíaca. Por certo lhe repugnaria; onde os seus ímpetos e as suas convulsões o houvessem tentado, de-pressa lhes voltaria costas, por lhes sentir um vago travor de blasfêmia e de grito sacrílego. Suspeitar-lhe ia uma recôndita depravação da ingenuidade e da graça, e fugiria de a servir. Docemente baptizadas no pudor, as suas paisagens parecem recolhidas para o murmúrio de uma oração infinda. Nem outra atitude que lhe seja salutar poderá convir à unção religiosa, que une a terra aos céus e resgata na suavidade angélica a rouquidão de túrbidas energias criadoras. A cada forma, ainda à mais rude e à mais apagada, Cândido da Cunha intuitivamente cinge uma auréola de transposição para o infinito. Todo o pó repassa dessa luz: árvores, montes, águas, o penhasco e o prado, a bonina e o cedro, o rio e a floresta, e o outeiro e a planície, a todos por igual atribuiu insígnias sacerdotais resplendentes. Em cada mancha das suas telas há como uma liturgia mística; da areia como da fôlha incessantemente se erguem os fumos do incenso da adoração. Parece que o esfôrço das realizações concretas, que a arte impõe e são seu mister, ali abriu de par em par ao artista os umbrais dos templos dos mistérios da vida e o encaminha, infatigável, nas suas veredas, para o convencer da própria fraqueza perante os esplendores divinos e o precipitar na humildade, de todo o destituindo do natural orgulho que justificadamente adviesse do espectáculo da beleza consumada pelo labor dos seus talentos.

Um nosso contemporâneo eminente, o Sr. Oliver Lodge, discorria, ainda não há muito tempo, e proficientemente, como é próprio do seu peregrino engenho, sôbre a «realidade do que não se vê».

Semelhantemente, as telas de Cândido da Cunha têm o particular condão não só de mostrar, mas também de cantar e louvar, por intercessão das coisas visíveis, a realidade das coisas invisíveis; e, entretanto, o que das coisas visíveis colhemos, torna-se mínimo em face da amplidão infinita das coisas invisíveis, a cuja imensidade a arte nos transportou.

Algum dia, a ironia desdenhosa e altivamente scientífica, escrava do mundo palpável e outro não sendo capaz de conceber além dêste e acima dêste, a ironia que escrevia Sciência e Positivismo com maiúscula, chamava misticismo a êsse estado de espírito, e, como se de enfermos curasse, excluía compassivamente do grémio dos sãos quem se houvesse deixado possuir daquela energia transcendente que desenhou e coloriu os quadros de Cândido da Cunha e nos comunicou a sua aspiração e a sua comoção. Mas hoje, na ruína desapiedada dos castelos de cartas das verdades tangíveis a que o nosso tempo está assistindo, trocando-as pelas edificações mais sólidas que o império do imponderável cimenta, hoje poderemos talvez dizer, sem maior receio de errar, que o título mais elevado de grandeza que adornou e enalteceu a arte de Cândido da Cunha foi a fidelidade religiosa aos poderes divinos revelados na paisagem, e a tenacidade e a inteligência com que dessa fidelidade nunca se apartou.

Facto notável, digno de ponderação e de memória nêste ponto e nesta atitude das suas irreprimíveis tendências, Cândido da Cunha foi verdadeiramente um precursor. Foi um idealista e um místico no tempo em que idealista e místico era pouco menos do que um rótulo pejorativo. Havendo vivido a sua vida de arte nos quarenta anos que vão de 1886 a 1926, Cândido da Cunha iniciou a sua luminosa carreira exactamente no momento dos triunfos mais audaciosos e retumbantes do materialismo e do realismo, nos tempos das exibições despejadas de tôda a nudez carnal e das bacanais da sensualidade, admiràvelmente servida em tese e na prática pelos romances de Zola e seus numerosos e talentosos parceiros do naturalismo estético e filosófico, e àvidamente procurada como hóstia redentora por multidões de exuberante animalidade, impacientemente rebeldes a todo o constrangimento moral e a tôda a obediência religiosa. Cândido da Cunha entrou na lide idealista e recebeu as ordens sacras do seu mister, quando o mundo inteiro, e particularmente o mundo da crítica que fabrica a opinião pública, era adverso às instigações do seu temperamento e lhe sujeitava a coragem às duras provações de que saíu vencedor, no meio de uma tormenta implacável, que a tôda a hora o ameaçava do naufrágio.

Os tempos actuais que cerraram os olhos a Cândido da Cunha, outros são e muito diversos daqueles em que deu os primeiros passos e calcou terreno ingrato. Mais propícios à sua crença, eis que começam a aclamá-la em vez de a insultar, como os tempos imediatamente anteriores haviam feito. Mas, pela doçura do confôrto e do repouso final que lhe coroou os seus afanosos dias, não se esqueça quanta robustez e fortaleza de ânimo e integridade moral foi necessária a Cândido da Cunha, para levar a consciência a pôrto de salvamento e perfazer a jornada que lhe foi vivamente agreste e tenebrosa no comêço, e ainda na maior parte do seu violento percurso.

¡A quanta indiferença e ignorância o trouxe exposto!...

Foi assim, por êstes escabrosos trámites, que nos quadros de Cândido da Cunha o poeta venceu e dominou o pintor, guiando-o, disciplinando-o e sublimando-o.

* * *

Sem a tutela de qualquer compêndio de filosofia estética que o estorvasse, sem ter por detrás do cavalete uma biblioteca a adverti-lo e a oprimi-lo; ao largo de escravidões sectárias que o tolhessem; movendo-se serena e desafogadamente na liberdade alada de ingenuidade, que é a condição mais nobre do artista e a mais fecunda; isento de todo o preconceito doutrinário e apenas confiado aos impulsos espontâneos do seu ânimo e aos mandados de visões virgens de tôda a preocupação especulativa, Cândido da Cunha obedeceu todavia a princípios estéticos, que, por não serem no seu pensamento definidos em sistema e ordem lógica, o que era alheio à sua vocação, nem por isso subsistiam menos insistentemente nas suas criações, pois criações eram as suas paisagens, geradas de interpretação de uma essência superior. Não eram reproduções do quer que fôsse; pelo contrário, envolviam e patenteavam a negação radical da fidelidade fotográfica e do traslado mecânico.

No fundo, embora pela discrição e reserva do seu falar o não parecesse, — certamente porque a própria robustez dos seus princípios os punha fora de todo o arrazoado e discurso, que são o condimento obrigado da dúvida — no fundo, Cândido da Cunha era um homem de princípios.

Nem há artista verdadeiramente grande sem o alento fundamental de princípios coordenadores, aos quais tôda a sua obra seja sujeita. Sem a assistência de centros de gravitação que a obriguem a guardar o ritmo, desconjunta-se, fragmenta-se e pulveriza-se, no tumulto e na inanidade de quanto corre desvairado e sem senhor. Então é apenas um tropel — às vezes brilhante, mas tão breve como brilhante. Se uma obediência não se lhe subentende e prevalece, tôda

a obra humana, e a obra de arte mais que qualquer outra, se dissolve surda, cega e vã, radicalmente incapaz de significado.

Onde Vauvenargues imaginou que «o estudo da verdade tinha de preceder a eloqüência» porque «não se podia chegar à eloqüência sem primeiro saber pensar, e não se sabia pensar se não tínhamos princípios fixos, tirados da verdade», aí se proclamou uma lei, que não é privativa da eloqüência, mas comum e indeclinável em tôdas as artes. Por fôrça das exigências naturais de todo e qualquer instrumento de expressão da nossa alma, sempre êsse instrumento será deficiente e a expressão em que colabore será nada, onde instrumento e expressão não forem mandados e regrados pela energia daquelas fôrças iniciais que chamamos princípios — ou êsses princípios tenham vindo daquela qualidade de esfôrço nosso a que usamos chamar estudo ou pensamento ou cogitação intencional e consciente, ou êsses princípios nos sejam congénitos, um bem de Deus.

Dos princípios estéticos subjacentes na arte de Cândido da Cunha e pràticamente encarnados na sua aguda intuição de artista, eu não sei de exposição melhor do que essa que profusamente leio nas linhas e entrelinhas da *Estética* de Colin McAlpin (1), não duvidando todavia de que Cândido da Cunha lhe desconheceu a leitura e até o nome do autor, enquanto brilhantemente a exemplificava e seguia, sem embargo da sua ignorância de facto e com infinita vantagem suprida pelos segredos que a inspiração lhe murmurava.

Á margem de cada paisagem de Cândido da Cunha eu quereria escrever, como a mais elucidativa das apostilas para a compreensão das suas tendências, um conceito de McAlpin. Para a definição do seu ânimo e para interpretação cabal da sua obra não sei de melhor comentário que estas breves máximas de estética que quási ao acaso vou colhêr entre a copiosa e soberba abundância do livro de McAlpin:

«Tôda a natureza serve um fim duplo: não só sustenta a utilidade física como também deseja ministrar um pleníssimo êxtase do espírito. Por outras palavras, a natureza não é mèramente uma invenção matemática, pois em todo o seu aspecto se estampa a generosidade profusa do Artista Divino.»

«Os poetas não são os únicos simbolistas. Também a natureza é simbólica. Quere ser interpretada não só como objecto de razão mas, à semelhança da natureza mais íntima da arte, como a proclamação sugestiva de verdades mais altas que ela mesma. Daí vem que a natureza esboça a carreira das almas e é a analogia material do espírito.»

«A arte é o reflexo da existência total.»

«Os produtos mais nobres da inspiração são maiores naquilo que sugerem que naquilo que realizam. Nas palavras de Emerson: — A nossa música, a nossa poesia, até a nossa linguagem não são realizações completas e definidas, mas sugestões.»

«Nunca saberemos quanto é que da beleza de natureza é devido à nossa própria constituição estética. As glórias da criação inanimada podem realmente referir-se aos belos dotes dos nossos corações. O mistério somos nós. É a consciência do homem que dá côr ao cosmos. A natureza humana transcende a natureza física.»

«É tão difícil conceber a transição da vida para o espírito, como a passagem da água para o vapor.»

«O artista vê a natureza tanto com os olhos como com o espírito.» «A tragédia da alma é de alcance mais profundo e mais dilatado interêsse que a glória do que é puramente físico.»

«Pôsto que espiritual na essência, a arte não pode deixar de ser sensual na manifestação. É simbolismo, não é substância; idealidade, não identidade. Por outras palavras, a arte não pode identificar-se totalmente com a realidade mas deve, na escala ascendente da beleza, colocar-se um degrau distante do modêlo que lhe excita a admiração e estimula as energias. Assim, é mais questão de aproximação que de apropriação absoluta.»

«A arte genuína não expõe, exprime; não argumenta, aspira.»

* * *

A ironia do destino, nem sempre propensa a aplanar-nos o caminho, quis que o poeta que dêste modo sentia, concebendo e servindo a arte nos termos em que McAlpin a concebe, fôsse votado, por instância de suas aptidões técnicas a exprimir a contemplação e a sua fé em linhas e côres. O vidente e o devoto exaltado das fôrças imponderáveis e supremas que regem a nossa alma e o mundo, ia ser coagido por vocação de suas faculdades inatas a exprimir os cânticos de uma religião na mais limitada e positiva das artes, tôda fundada em definição exacta, estabilidade e immutabilidade. Tinha de realizar o milagre que, por fortuna sua e nossa, realizou, de tirar do visual o sonoro. Porque a paisagem de Cândido da Cunha é muito mais sonora que visual; muito mais uma vibração que uma edificação; muito mais emanação do que forma.

Daqui as freimas incessantes com que o mortificava uma técnica indócil, por condição rebelde ao significado que o artista lhe pedia; daqui o fácil descontentamento do que havia feito, a emenda interminável em que se empenhava, a inclinação a inutilizar e recomeçar que aniquilou tanta beleza, com grave prejuízo da fama de quem a criou e da riqueza da nossa gente, que a entesourava e vê reduzida a herança de jóias de alto preço que a desvaneciam.

Sempre tendo na sua presença o poder da harmonia, que criou a forma e nela habita e de contínuo a faz palpitar, Cândido da Cunha não se resignava com a distância dêsses cimos inacessíveis a que tôda a arte se encontra, e parecer-lhe ia que quanto conseguia dizer e comunicar-nos, era insuficiente, senão mesquinho, perante o que de inefável sentia no seu peito e não podia traduzir em substância visível. De todo cativa do que eleva o espírito à majestade divina e sacrificando-lhe, por mínimo, o que delicia os olhos e por afago da sensualidade nos prende à terra, a arte de Cândido da Cunha ia topar, com grande pena sua, em problemas pouco menos de insolúveis; quanto maior e mais evidente desenvolvimento concreto atingisse, quanto mais multiplicasse a côr e a linha, mais se afastava da immaterialidade por que ansiava. O seu êxito havia de o buscar e continuar em uma série de eliminações tão complexas e subtis como perigosas; havia de o fundar no desbaste do que era preciso e terminante, substituindo-o pelo que era vago e impalpável. Para bem cumprir os mandados íntimos da sua imaginação, impunha-se-lhe uma atenuação progressiva de valores, que o obrigava a difundir, em vez de concentrar e gravar. Se, repetindo o conceito de McAlpin, houvermos por sabido que «é tão difícil conceber a transição da vida para o espírito como a passagem da água para o vapor», aflito será para o artista renunciar à scintilação de cristalizações que lhe jorram do pincel, para as dissolver em uma neblina, aliás infinitamente mais luminosa e vibrante na sua insondável e mística profundeza que tôda a rigidez, diamantina que esta seja.

Na sua missão, na sua laboriosa missão sacerdotal, Cândido da Cunha, chamado a interpretar a paisagem e a dar-lhe voz, tornou palpável e insinuante o mistério, ergueu a carne ao mistério e fêz que o mistério baixasse à carne e a habitasse: numa palavra, por paradoxal e contraditória que semelhante presunção pareça, reduziu a forma à condição etérea.

Assim, por bem avisado e sábio govêrno de modelação, nas paisagens de Cândido da Cunha o volume sobreleva ao desenho, a tonalidade vela a franqueza afirmativa da côr, e onde o desenho e a côr afloram do alvor diáfano e se acentuam, firmando a modelação, será passageiramente e apenas para pela contigüidade de constrastes, acrescentar a amplitude e o amorfismo de uma atmosfera opulenta de melancolia e suavíssimo devaneio.

. . . .

JAIME DE MAGALHÃES LIMA.

(1) Colin McAlpin. *Hermaia, a Study in Comparative Esthetics* (J. M. Dent & Sons, Londres, 1915).

SÉ CATHEDRAL

Ao Dr. Antonio Lopes Junior

N'AQUELLA sua luxuriante prosa, tam apojada de conceitos apurados como d'alterosas harmonias, d'est'arte se expressou acêrca das gloriosas egrejas medievaes a preclara figura de Alves Mendes: «*Os monumentos romanicos e goticos são a traducção cyclopica, a petrificação extranha, descommunal, da crença robusta.*» Quam exacto e veridico é, de facto, tal avisamento!

Pois, se não fôra o alor portentoso da fé, que tanto dignificou e engrandeceu o medievalismo— a epocha a que a civilisação occidental, segundo o notavel historiador belga Godefroid Kurth, deve as maiores e melhores das suas conquistas, sem que a ignara loquacidade demócrata-liberalista perca o vezo grotesco d'apregoál-a como dona de negrores e trevas fuliginosas,—qual outra ingente acção poderia encher cinco vastos seculos de tantos bens architectonicos e esculpturaes, maravilhosos, uns, pelo primor de seus lavrados, pela soberbia com que suas flechas e agulhas rasgam os ares e se levantam seus arcos pontudos, imponentes, outros, pela robustez do seu farto arcaboiço e pela rude belleza de suas figurações symbolicas e historicas, além dos que nos commocionam pela affavel simplicidade e serena modestia de seus muros e ornatos?

Quantiosos são, na verdade, os feitos de magnitude e prodigio accommettidos pelos povos e que na Historia ficaram gravados com traços diamantinos. Pois, dos maiores, senão de todos, desprende-se sempre a fé como seu motor primordial. É ella causa e impulsão de todas as audacias alevantadas, de todas as emprezas e obras de beneficio geral e progressivo, ás quais os homens não dariam sahida se o seu espirito não fosse vivificado e fortalecido por tal influxo creador e agitador.

E esta façanha de plantar na Terra tantas cathedraes, romanicas e goticas, que são o desvanecimento orgulhoso de muitas cidades, e de semeál-a de graceis capellinhas, com que se alegram e sanctificam os pacatos povoados montesinhos e ribeirinhos, com que se confortam e amansam os ermos, não é, por certo, das de menor vulto e heroicidade!

Imagine-se que elles, os templos d'esses priscos seculos da fé, ingenua, sã e arraigada, nos faltavam! Quam lugente seria a desolação dos bons espiritos! A alma, sederenta do repouso e dos consolos religiosos, não teria aonde perfeitamente achál-os, porque só nas egrejas d'antanho, de paredes bafejadas pela crença fiel e extreme

Cliché fotográfico de Marques Abreu

PORTO—SÉ CATHEDRAL—FACHADA NORTE

Cliché fotográfico de Marques Abreu

PORTO—SÉ CATHEDRAL—FACHADA PRINCIPAL

dos que as ergueram e sagradas pelas cãs dos seculos, paira aquella atmosphera mystica propicia á sua elevação para Deus, ao recolhimento dos corações. Depois, a natureza, sem a mancha branquicenta ou anegriscada de seus muros, sem o recórte gracil dos seus campanarios, que quebra a monotonia do sempre verde dos valles ou a rudez agreste dos reconcavos serranos, sorrir-nos-hia menos airosamente e a historia, cuja melhor licção está nos testemunhos vivos do passado, amados e acarinhados pelas velhas gerações, mui triste seria se não pudesse offertar-nos algumas lembranças dos factos expressos em suas paginas, porquanto, como bellamente affirma Antonio Augusto Gonçalves, o primoroso artista coimbrão, as suas pedras fallam a quem as interroga.

Bemdigamos pois esses homens de fé e acção decididas, firmes, que tam nobremente souberam cumprir o seu dever na Vida: uns, porque gisaram e dirigiram as construcções, outros, porque as affeiçoaram e esculpiram.

* * *

Poucas são as grandes fabricas do romanico portucalense, pois sómente se contam as cathedraes de Braga, do Porto, de Coimbra e Lisboa. Já os pequenos exemplares, as simples capellinhas, avessamente, povôam a flux todo o norte nacional. E emquanto aquellas, como donas altaneiras, soberbosamente prêam o solo, com claro manifesto das influencias das fórmas gallegas de Santiago, Léon e Lugo, as singelas e graciosas egrejas e capellinhas d'aldeia, por vezes de proporções elegantes e de ornamentação ópima, taes as de Rates, Rio Mau, Bravães e Ferreira (d'accentuado cunho archaico decorativo), com inteira lhanura descansam por encostas e varzeas, mui senhoras de sua feição regional, da melhor harmonia entre a terra e a linha architectural-decorativa—a prova maior e mais perfeita da existencia do sentimento religioso e patriotico que as ergueu. São bem nossas, bem portuguezas, as capellas romanicas das aldeias; por isso, haja-se com ellas o carinhoso desvelo que merecem e requerem.

De todas é o granito a sua vestimenta, o qual, no dizer de Manoel Ribeiro, o que escreveu *A Cathedral,* é a estamenha com que se vestem as egrejinhas dos campos, os santuarios humildes do povo.

Na expansão do romanico, que decresce successivamente de norte para sul e que é rarissimo além do Tejo, pode-se marcar o desenvolvimento progressivo do territorio nacional.

Entre nós, o estudo d'este estylo

começou á volta de 1870, por acção do illustre archeologo Augusto Philipe Simões. Depois, até hoje, têm-se-lhe devotado as energias de notaveis artistas e archeologos, taes as do Prof. Joaquim de Vasconcellos, Dr. Manoel Monteiro, Dr. Virgilio Correia, D. José Pessanha, Padre Aguiar Barreiros, Fuschini, Gabriel Pereira, Dr. Figueiredo da Guerra, Marques Abreu (in *Arte Romanica),* A. Augusto Gonçalves, etc.

O mobil que fomentou, no alvorejar da nacionalidade, a medrança da vetusta proba portucalense, do Porto archaico, foi, á certa, a dilatada moradia que n'ella tiveram o conde D. Henrique e sua mulher, pois que logo se construiram muitos predios e se melhoraram outros, ao passo que se largueavam os estreitos limites, como o requeria o acremento da população favoneada pelos privilegios e fóros da mercê munifica dos principes.

De Sé, então, servia uma pobre ermida romanica situada no mesmo terreno da presente cathedral, onde a tradicção põe tambem o assento da fortaleza sueva.

Não aprouve ao espirito magnanimo de D. Tareja a mesquinharia da egreja maior do burgo; pelo que, resolveu por honra sua e da terra, substituil-a vantajosamente e eis que começa a levantar-se a pujante fabrica da cathedral, com que se enturgece o orgulho tripeiro, embora hoje esteja reduzida a um mosaico de differentes estylos, nos justos dizeres do egregio Mestre Joaquim de Vasconcellos.

Cliché fotográfico de Marques Abreu

PORTO — SÉ CATHEDRAL — ROSÁCEA E COMPOSIÇÃO ROCÓCÓ

Nasceu, pois, no segundo quartel do seculo XII, mas seu acabamento só muito tardiamente se realizou, já sob os beneficos auspicios de D. Mafalda.

Pelo estylo, é obvio, integrava-se plenamente no romanico puro, demasiado sóbrio, mas seu talhe tinha muito de profano por razão das suas fórmas afortalezadas, as quaes lhes impunham as circumstancias da epocha e do local.

Mas o formoso templo, viva encarnação de toda a heroica historia portuense, parece que foi fadado por algum máu genio, tantas vandalicas sevicias soffreu pelos seculos fóra. Bispos e cabidos, aqui por conveniencias de conservação,

Cliché fotográfico de Marques Abreu

PORTO—SÉ CATHEDRAL—

EIRAIS E NAVE PRINCIPAL

álem por imposições de melhoramentos e embellezos, ditados e movidos por ostentação exhibicionista em franco pacto com o pervertido gôsto de certas epochas, mutilaram-no brutamente, de modo tal que se lhe sumiu a eurythmia das fórmas e se lhe definhou a harmonia das linhas. Todavia, sua pureza architectonica ainda hoje se nos manifesta nos lanços e fragmentos primitivos, assim como o intento guerreiro dos bispos está bem expresso no conjuncto do monumento.

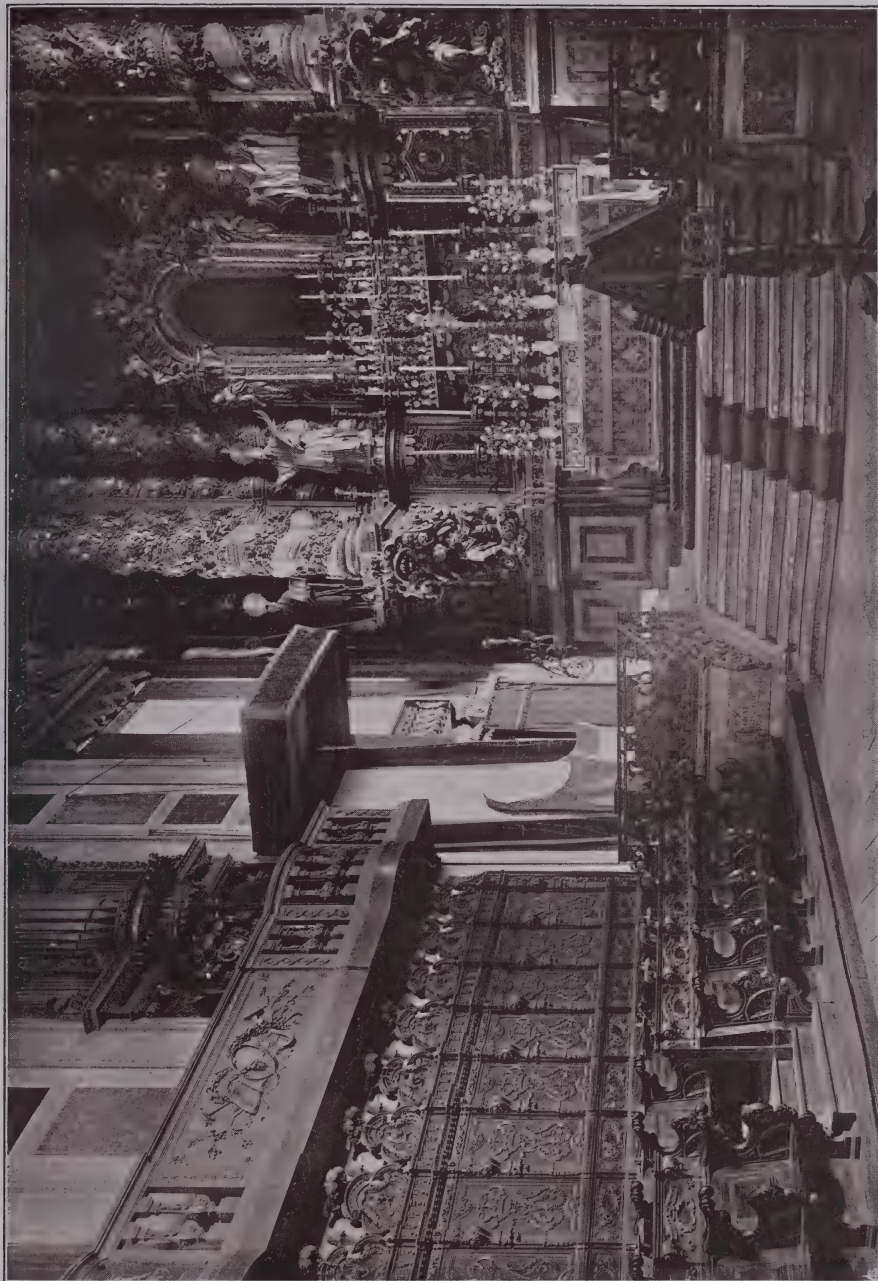
Como se nos atrista o coração de pezar ao contemplarmos-lhe a doirada indigencia, mesmo assim augusta, a que a reduziram as estultas vanidades e philauciosas vanglorias dos homens da decadencia aurifulgente do renascimento, de miserrimo confronto com as virtudes e desaffectações dos da menosprezada edade média!

Dos barbaricos maleficios melhoradores e reformadores foram parcos os de indole gotica, da qual só existem os arcos botantes das naves e o claustro, cuja construcção impoz o exterminio do primitivo, de moldes romanicos. Este mal, porém, póde perdoar-se, attenta a belleza, a mais a sua rigorosa perfeição de linhas, do claustro gotico, que o recommendam como um dos melhores exemplares do genero. Já os do renascimento, mórmente os de setecentos e oitocentos, não se podem prelevar. Para esses não ha palavras bastantes que os recriminem e verberem, pois fôram elles os que estropearam mortalmente o glorioso monumento, comquanto certas vozes *criteriosas* hajam por bem justificál-os com a fôrça das ideias e gôstos das respectivas epochas.

No exterior, do romanico, subsistem os muros das torres até á segunda cinta d'espheras, os gigantes (salvante os seus remates), as insculpturas da torre septentrional (signo de Salomão e o navio de S. Vicente, primeiro padroeiro da cidade), a rosacea, as paredes das naves e seus modilhões e as das naves do cruzeiro e suas ameias, a cruz da empena do transepto meridional; no interior, alguns arcos da abobada, os pilares e capiteis do primeiro arco. Fóra da egreja contam-se ainda os restos do velho claustro: uns arcos ogivais ornamentados, trez cartelas e os arcos da capella de S. Martinho. Mesquinho espolio!

É flanqueada a frontaria por duas fortissimas torres, rematadas com varandas de balaústres, do seculo XVIII, cujos centros occupam desgraciosas cupulas bolbosas. Um

Cliché fotográfico de Marques Abreu.

PORTO — SÉ CATHEDRAL — BAPTISTÉRIO

Cliché fotográfico de Marques Abreu

PORTO — SÉ CATHEDRAL — ALTAR-MÓR

vasto portal renascença desdobra-se por quasi toda a fachada, dentro do qual se anicha outro, de 1722, e que é constituido por uma apparatosa e scenographica composição rocócó, de deploravel effeito. Ambos opprimem e hostilisam a belleza da rosacea, que é a flor primorosa da cathedral.

Na ala do norte alonga-se com certo realce, apezar de ser um enxerto dispensavel, uma galeria d'estylo baroco, obra executada em 1736 pelo architecto Nazoni.

O interior, tanto pelo desproporcionado dos seus elementos, com as naves estreitas a par d'um largo cruzeiro e d'uma ampla absyde, como pelo inconnexo dos seus aspectos, deixa-nos sériamente enleados. A séde vacante de 1717-41 realizou aqui obras copiosas e insensatas, que desmedidamente o devastaram, até ao ponto ignominioso de picarem, sem a menor conveniencia, os capiteis dos pilares de apoio aos arcos da abobada.

(Continua).

Carlos de Passos.

MIGUEL ROQUE DOS REIS LEMOS

Ao Dr. Campos Monteiro

Recuando trinta anos no decurso da nossa travessia pelo planeta, revivemos os melhores dias de uma juventude descuidosa, ao mesmo tempo que recordamos a mais dilacerante das dores que temos sofrido — e nos faz reverentemente ajoelhar, desde 19 de Dezembro de 1897, ante a memória imperecedoira de um Mestre e Amigo insubstituível.

Referimo-nos a um velho venerável que, sendo nosso avô paterno, foi o verdadeiro pai do nosso espírito, o positivo criador da alma que nos orienta e conduz na Vida, — aquele cuja sempiterna ausência primeiro nos fêz experimentar o gostoso travo da Saüdade.

Miguel Roque dos Reis Lemos

Digamos ao leitor, que o não conheceu, quem era êsse homem modesto e, não obstante, bem ilustre, que a nossa mente hoje evoca com respeito e com ternura — e cuja imagem insinuantíssima temos indelèvelmente impressa no coração.

Era um professor de Liceu que «ensinava o Latim com tal arte, amenizava o ensino com tal graça, que se tornava um encanto aquela *aula*, tanto em família, em que as belezas inconfundíveis do riquíssimo e majestoso idioma do Lácio sobressaiam em todo o seu esplendor.» (Dr. Araújo Lima, prof. do Liceu de Camões.) «Era também eminente no conhecimento da língua grega, que traduzia com relativa facilidade.» (Dr. Abúndio da Silva, prof. da Escola Industrial da Figueira-da-Foz.)

Era um arqueólogo: «A arqueologia era para ele a sciência que mais afecto lhe merecia, deixando trabalhos de muito valor, entre os quais se distinguem os *Apontamentos para as Memórias das antiguidades de Ponte de Lima*, que compôs em 1873, e o *Estudo para os Anais Municipais da Câmara de Ponte de Lima*, que redigiu em 1887. Além dêstes, legou-nos o *Índice alfabético das principais matérias dos Livros das Vereações do arquivo municipal de Ponte de Lima*, organizado em 1873, e o *Índice das principais matérias contidas nos Livros de Registros e das Correias do arquivo municipal de Ponte de Lima*, organizado em 1874.» (A. Lobo de Miranda, da Associação dos Arqueólogos Portugueses.)

Era um paleógrafo: «A sua longa prática de paleógrafo e arqueólogo levou-o à factura de um notável manuscrito, hoje em poder do Instituto de Coimbra, abrindo por uma gramática paleográfica e contendo numerosos fac-símiles de um eminente valor prático.» (Dr. António de Pádua, lente da Universidade de Coimbra.)

Humanista, «a filologia absorveu-lhe também parte da sua vida gloriosa. Com a sua rara proficiência e aturada dedicação, interpretou para a língua pátria alguns textos romãnicos de alto valor clássico, entre êles a obra monumental de Tito-Livio, de que existem editados em livro, hoje raríssimo e reputado uma verdadeira preciosidade entre os latinistas, os *Lugares Selectos da História Romana de Tito-Livio.*» (Óscar de Pratt, da Academia de Sciências.) «Manhãs frias de Dezembro, com a neve a rebrilhar ao Sol, sôbre os cumes da Serra de Arga... estou a vê-lo, atabafado no seu chale-manta, a discorrer sôbre problemas de filosofia.» (Dr. Alves dos Santos, lente da Universidade de Coimbra.)

Era jornalista: «um dos jornalistas do Norte do país, que deixou muitos e valiosos testemunhos na imprensa.» (Dr. Rodrigo Veloso.)

Era poeta: «¡E que belos versos!... A gente lê-os e sente rejuvenescer-se nêles como um banho de luz. A sua alma, que tam bem soube sentir, que tam bem soube sofrer, parece que ainda ali se sente vibrar, que ainda ali se sente viver.» (Alexandre Costa.)

Era um humorista: «A silhueta do bom velho, aquela sua fisionomia huguesca, sempre risonha a-pesar-dos sofrimentos que a contraíam; aquela sua bôca fina, sardónica, que ensinou tantas gerações de rapazes, e tantas historietas, apimentadas e engraçadas, inventadas, em interessantes palestras invernais, no aconchegado cantinho da Havaneza ou do Valença; aquele seu todo espiritual e risonho, não esquece, não esqueceu, nem pode esquecer nunca a quantos passaram, e são legião! pelas bancadas do Liceu, a quantos gozavam, e são imensos! o seu convívio encantador e a sua boa amizade.» (António de Cardielos.)

O político foi assim: «Velho e intemerato soldado do Partido Progressista, nunca, até à morte, se desviou do seu credo, pugnando sempre pelos sagrados princípios democráticos, de liberdade e de justiça que foram a norma dêste partido.» (Dr. F. Abreu Maia.)

Do chefe de família disse-nos o austero Policarpo da Gama: «Numa das últimas vezes que tive o prazer da falar-lhe, e em que entendeu dever pedir-me umas instruções quaisquer sôbre o seu testamento — que contava fazer em breve — ¡com que saüdade e carinho me falava das suas malogradas e estremosas espôsas, chegando a comover-me de-veras, e com que solicitude e amor se referia aos seus filhos e netos, receando pelo seu futuro!»

«Era trabalhador consciencioso.» (Dr. Pereira Caldas, prof. do Liceu de Braga.) «Se todos os homens fôssem assim.» (Dr. Martins Sarmento.)

Concluindo: «Tem-se, portanto, aqui um homem; professor, jornalista, escritor, antiquário; em qualquer das suas manifestações o seu talento formosíssimo esplende rutilantemente; a sua fôlha de serviços mostra-o como um trabalhador incansável; e contudo êste homem desde muitos anos dispõe de uma saúde precária; o seu trabalho enorme tem sido efectuado através de sofrimentos crueis; quem escreve estas linhas viu muitas vezes o velho professor, alquebrado, consumido pela sua eterna bronquite, passar o dia com os seus discípulos numa ofegante disposição física que à simples vista entristecia; outras vezes, no mesmo estado, passava noites e noites debruçado sôbre um palimpsesto, com uma lente cravada nos olhos, a tossir, a tossir... E êste exemplo, pôsto diante dos olhos dos rapazes, que como discípulos o estremeciam, tinha um valor sugestivo tamanho, que muitos dêles pela vez primeira adquiriam a noção do que é uma — Vontade.» (Dr. António de Pádua, lente da Universidade de Coimbra.)

Avô! querido Avô! É um teu discípulo que te recorda, perpetuamente saüdoso do Mestre, — mas que o faz deixando falar os outros. Seriam banais as suas palavras, porque seriam lágrimas do coração... Choremos, pois, em silêncio... Seja essa a nossa eloqüência.

Dezembro — 1926.

Júlio de Lemos.

MUSEU DE OURIVESARIA, TECIDOS E BORDADOS

ANEXADO AO MUSEU MACHADO DE CASTRO, EM COIMBRA

(Continuado do número 6)

CRUZ PROCESSIONAL DE AGATA

Fazia parte da capela particular da Rainha D. Isabel.

Artefacto de inestimável valor pela raridade.

As extremidades das hastes são adornadas de aditamentos de prata dourada, ornados de cabochons.

Na intercepção dos braços uma placa quadrada contém dum lado o Calvário, com a Virgem e S. João. Do outro o Salvador com os animais simbólicos dos evangelistas.

A haste principal é reforçada com decoração igualmente de prata dourada. O nó facetado de quadrados tem os escudos alternados de Portugal e Aragão.

Outros minúsculos lavores delicadamente gravados e alguns esmaltes maior realce lhe dão.

Século XIV.

Altura 48,5 centímetros.

CRUZ DE ALCOBAÇA

É conhecida esta magestosa cruz por esta designação. Não se sabe porque.

No *Inventário da Sacristia de Alcobaça,* elaborado em 1519 e publicado por Viterbo, não se encontra cruz alguma, que com esta possa ser identificada.

É um exemplar notável, como solidez de construção e exactidão de traçado.

As superfícies são abertas em laçaria gótica, de nitidez e delicadeza inexcedível.

As extremidades lizadas imprimem-lhe imponente nobreza.

Os quadróbulos teem gravados os evangelistas e outros símbolos, cobertos de esmalte translúcido verde.

A imagem da Virgem com o Menino, sob baldaquino é primitiva, e típica.

Pena é que o Cristo fôsse substituido por outro mais recente e banal.

Decerto a composição está incompleta. Falta-lhe o castelo em que assentava e se vê em outras, senão da mesma época, da mesma concepção e carácter. Era essa peanha decorativa que a ligava à haste. E que mãos robustas levantavam nas solenidades processionais.

É de prata dourada.

Século XV. Altura 80 centímetros.

CRUZ DE AZEVICHE

As frotas, que voltavam da Índia, além de pimenta e especiarias, etc., conduziam a Lisboa quantidade infinita de manufacturas, que daqui eram levadas para todos os países. E enriqueciam o comércio da Rua Nova.

Pouco depois, generalizado o gôsto pelos objectos da arte oriental, estabeleceram-se em Lisboa oficinas com artífices indianos, cuja produção foi abundantíssima.

Algumas dessas manufacturas — mobiliário, incrustações, bordados, esculturas em marfim e metal e série interminável de utensílios de aplicações e usos infindáveis, ainda se prolongaram até fins do século XVII, ou meados do XVIII.

COIMBRA — MUSEU MACHADO DE CASTRO — CRUZ PROCESSIONAL DE AGATA

A arte indiana, sob a pressão e influência do domínio lusitano, transformou-se e adquiriu um carácter novo e original — designado por estilo indò-português.

Mas nem sempre é fácil distinguir os objectos industriais produzidos na metrópole dos importados, de fabricação oriental.

Esta magnífica cruz é um exemplar, onde se revela claramente a interpretação dum tema europeu através da mentalidade dum artífice hindú.

Século xvii.

Altura 77,5 centímetros.

A. Gonçalves.

Cliché fotográfico de Marques Abreu

COIMBRA — MUSEU MACHADO DE CASTRO — CRUZ DE ALCOBAÇA

Cliché fotográfico de Marques Abreu

COIMBRA — MUSEU MACHADO DE CASTRO — CRUZ DE AZEVICHE

VARANDA DE PILATOS

Governar e administrar: — dois verbos regulares de equivalente significado no dicionário, tendo, no entanto, na prática, significados e valores diferentes, pois que diferente é a forma por que se revelam nos seus efeitos imediatos e conseqüências futuras.

Resumindo, num exemplo da hora que passa, visível a todos os olhos: Mussolini e Rivera.

Aquele governa, êste administra. A obra do primeiro, tocada de génio, transforma e cria, e possuido dum grande sonho, pode ser amanhã a fonte saciadora de tôdas as bôcas sequiosas. A obra do segundo, melhora e modifica, mas não vai além da boa vontade que existe em tôdas as inteligências bem formadas, em tôdas as consciências sinceramente patrióticas. O sonho que o anima é demasiado impessoal e vago, demasiado colectivo, para ser criador.

Mas tanto a obra dum como a obra doutro, exige o esfôrço somado de muitas energias, de muitas vontades obedientes, de muitas competências especializadas.

Não se governa nem se administra sem elementos secundários que obedeçam (que saibam obedecer e façam obedecer), realizando assim as ordens transmitidas em escalas de valores, desde o órgão central do govêrno — o Ministério, aos órgãos descentralizadores das corporações locais.

E se Mussolini conseguiu, numa disciplina de ferro antecipadamente estabelecida, resolver o problema político, e soube servir-se admirávelmente do profissionalismo já excitante na classe média e operária italiana, e Primo de Rivera pôde ainda procurar nas fôrças organizadas da velha Espanha, monárquica e católica, os elementos necessários, pelo menos os indispensáveis, nós, portugueses, só pelo tempo poderemos, numa acção contínua e inteligente, organizar êsses elementos que nos faltam por completo, anarquizados por um século de idealismos românticos e de afrancesados jacobinismos.

E é justamente esta anarquia técnica e profissional o maior e mais pesado encargo que coube em herança à actual geração portuguesa.

Ela que sabe o que quer e o que deve querer, em grande parte doutrinàriamente bem orientada, luta, por falta de educação técnica dos elementos indispensáveis para executar e agir. Tendo olhos que vêem e cérebro que pensa, faltam-lhe mãos hábeis e práticas em realizar.

Em conjunto e em síntese é um problema de educação e reeducação, e êste bem mais difícil do que aquele, porque será de luta constante, dia a dia, hora a hora, momento a momento, com a resistência passiva e anónima dos hábitos adquiridos e dos vícios herdados.

Reeducação de nós próprios e educação dos filhos, para que os homens de amanhã, pensando pelos nossos cérebros e vendo pelos nossos olhos, tenham pernas firmes para marchar seguro e mãos fortes e hábeis para realizar com firmeza.

Manuel de Figueiredo.

TORMENTO

Sinto um desejo enorme, insatisfeito,
De amar alguem, de ter um grande amor,
E a esta ideia o coração no peito
Como que bate incerto de pavor!

Vai-me na alma um temporal desfeito...
Amar é o meu desejo e sinto a dôr
De ter perdido aquele amor perfeito
Que foi outróra todo o meu ardor!

Se esta me dá seus beijos côr de rosa,
Aquela dá-me o seu deslumbramento
E est'outra a sua graça melindrosa...

Mas não me dá nenhuma o sentimento
Porque suspira a minha alma ansiosa.
— E é esse, é esse o meu maior tormento!...

Teófilo Carneiro.

UMA LÂMINA SEPULCRAL DE BRONZE

Quando em 1881 a Associação dos Arquitectos e Arqueólogos apresentou um relato dos monumentos nacionais, poucos túmulos nêle foram incluidos. Em todo o país só duas dezenas de campas lograram essa honra, mesmo penetrando no período romano.

Durante vinte longos anos não se descortinaram outros, pois que o extinto Conselho dos Monumentos nos seus *Subsídios* impressos em 1904, referia os mesmos que o relator Vilhena Barbosa indicara.

Só o *Projecto de classificação* de 1907 insere mais alguns, entre êles um, com a designação de *campa de bronze* (Leça do Balio).

Organizados os serviços de Arte e Arqueologia em 1911, catorze anos depois surgem uns «dados estatísticos», sucintos e de descuidada revisão, mostrando os últimos progressos obtidos. A *campa de bronze* é pois com propriedade designada como *lâmina sepulcral,* não sendo esquecidas outras campas de bronze existentes em Évora.

Parece que, no tocante a placas tumulares metálicas, foi tudo quanto chegou ao conhecimento oficial.

Mas para que o país não ignorasse por mais tempo um outro exemplar no género, o alto espírito artístico do Dr. Manuel Monteiro, divulgava recentemente a lâmina de Penafiel, já sua conhecida há muito tempo.

Essa revelação, como é natural, reacendeu o espírito bairrista, que exultou com justificado motivo: um ilustre penafidelense e vereador camarário, o sr. Abílio Miranda, interessava-se e solicitava a minha modesta cooperação. Foi nestas condições que vi o monumento ultimamente, colhendo elementos para o seu estudo.

Eis a razão das notas que seguem.

A lâmina em referência orna uma sepultura do século XVI que rasa o pavimento da Capela do Senhor dos Passos da igreja paroquial de S. Martinho. Aí se acham os restos de João Correia, rico mercador de grosso trato, a quem o lugar de Arrifana do Souza, assim chamado ao tempo, termo da cidade do Pôrto, muito deveu. João Correia não contente em levantar uma sumptuosa igreja dedicada ao Espírito Santo, instituiu também uma feira anual, que durava três dias e atraía farta concorrência. Foi um benemérito do torrão natal.

A recompensa dos vindouros manifestou-se a breve trecho, procurando abater a igreja que fundara para dar lugar

à nova matriz em projecto, como se o terreno escasseasse. Contra o propósito pugnou seu filho Gonçalo Correia, acordando-se por fim em conservar a capela-mór do Espírito Santo, por escritura lavrada no tabelião do Pôrto Rui de Couros, a 7 de Junho de 1559.

Assim êsse trecho arquitectónico do tempo de D. Manuel subsistiu, tal o vemos, colado à nave lateral do evangelho do novo templo, com a sua silharia rematada por merlões, abóbada de nervuras múltiplas e pristino arco triunfal.

Cuidara o fundador em conceder à sua capela dotação própria, pois lhe estavam vinculados foros que herdeiros impudentes chamaram a si, lançando-a no máximo desprêzo.

Pelo que referiu o licenciado Manuel Rangel de Araújo em 1624 (segundo a fôlha local *O Século XIX*, 1864), João Correia, que «morreu com reputação de Santo, pelas muitas obras de caridade que em sua vida fez aos pobres, e zêlo pelo culto divino, pelo que deu a todas as egrejas, capellas e confrarias d'este lugar e freguezia, mandando vir varias imagens e retabulos de Flandres á sua custa», tinha a sua capela magnificamente recheada. Evidenciando o contraste nos seus dias, notava o licenciado: «de modo que está hoje tão desbaratada, não tem frontal, nem toalha, nem ornamento algum: sendo tão rica de tudo, muitos ornamentos, calix, vestimentas, orgãos, estantes de ferro do altar, epistola, e um crucifixo que hoje está no hospital da Misericordia d'este lugar»; e esclarecia; «tem esta capella um retabulo antigo de Flandres, que elle mandou vir, todo dourado em que está Nossa Senhora do Rosario e S. Matheus, outros muitos Santos, tudo estofado em ouro», acrescentando: «um calix dourado, uma custodia e um relicario que mandou de Madrid Manoel Corrêa, ourives de El-rei D. Filippe, visinho d'este logar, tudo se sumiu e só se entregou o relicario, que está hoje n'esta egreja».

Agora nem esta restrição mesmo subsiste. Tudo se sumiu na verdade.

A piedade dum filho não pôde inteiramente dominar os séculos. Milagre fôra já permitir-nos ver a campa invulgar do seu progenitor.

Olhemo-la com veneração.

No dizer do licenciado Araújo «ao pé do altar onde o sacerdote põe os pés, está a sepultura d'este João Corrêa em que se vê o seu retrato estampado em bronze e a lamina em marmore com um letreiro».

Corre a legenda entre linhas paralelas em cuja intercepção se destacam quadrilóbulos com os símbolos dos evangelistas. Numa elegante letra gótica reza assim:

Aqui jaz Johan Corea mercador que mando fazer esta ygresa he esta capela a.sua.custa na era.15

Eram muito freqüentes na Flandres nos séculos XIV e XV as campas dêste género. As catedrais de Liege e de Bruges e alguns museus da Europa patenteiam sepulturas análogas, onde os animais simbólicos se exibem, traduzindo uma das visões do Apocalipse que os doutores da igreja assim atribuiam: o homem a S. Mateus, a águia a S. João, o leão a S. Marcos e o boi a S. Lucas. Nesta lage tumular nota-se o homem à direita, forma que só depois do século XIV entrou em uso.

Enegrecida pelo tempo, a lâmina de bronze que tanto notabiliza esta sepultura, mal se destaca do negro mármore circundante, como que esquivando-se à nossa contemplação.

Nem por isso a jóia nos deixa de prender; não é o fulgor perdido motivo de renúncia.

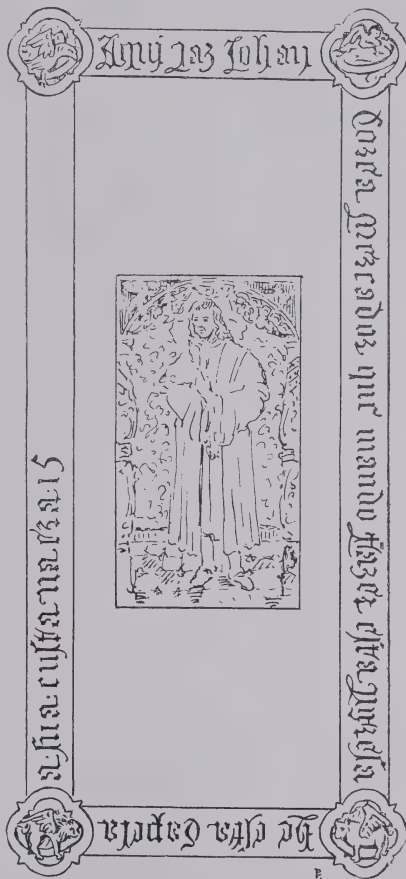
Desde o período ogival, os bronzes funerários concorreram, como os vitrais e as pinturas, para a decoração dos templos.

Essas placas, nas quais as linhas do desenho eram dadas por traços profundamente gravados, que um bitume negro enchia, polidas ou douradas, por vezes com esmaltes, tornaram-se muito vulgares na Flandres e na Inglaterra durante a Idade Média.

Havia-as incrustadas na pedra, com recortes, (como numa sepultura da Sé do Funchal), ou inteiramente metálicas cobrindo toda a superfície tumular. Nelas a figura do defunto era representada de pé ou deitada. A Alemanha e o norte da França também as conheceram, estendendo-se o seu uso em certas localidades até ao século XVII. Hoje relativamente à sua freqüência, poucos exemplares restam, pois que a própria matéria de que eram formadas despertava a cupidez, principal motivo da sua destruição.

A lâmina é quási inteiramente ocupada pelo vulto de João Correia, que se mostra de pé, sôbre pavimento de mosaico, envergando uma sobreveste forrada a pêlo, de cabeção e largas mangas, mãos erguidas, com um rosário pendente em atitude de orar. Enquadra-o uma edícula, cujo arco polilobulado recai em duas colunas de imaginosa ornamentação, enchendo o fundo um brocado de opulência oriental. A cabeça com grande expressão de realidade, de cabelos anelados, emerge entre festões que sustentam um cochim de apoio. Nas cantoneiras dois anjos em graciosas atitudes exibem fiadas de contas, de mística intenção.

Não se está ante uma banal obra de buril de qualquer vulgar artista. Quem a concebeu e porventura executou era evidentemente um mestre da arte que exercia.

Sobriedade de recursos, justeza de execução e finura de

Desenho de P. Vitorino

PENAFIEL — Sepultura com inscrição e lâmina de bronze

traço, são as suas características, que nos trazem à lembrança alguns dos nomes mais gloriosos da arte do metal da época, em que Dürer na Alemanha e Lucas de Leyde na Flandres tanto sobresaíram e rivalizaram.

Certamente que cabe a Anvers, centro mundial de negócio e alfobre de artistas reputados, a sua proveniência de factura.

Por lá peregrinara João Correia, a par de inúmeros portugueses que o trato comercial movia. A arte muitos fascinou.

J. Maurício Lopes no seu livro *Les Portugais à Anvers au XVI^ieme^ siècle* (1895) pôs em relêvo as nossas relações artísticas na Flandres, escrevendo:

Fotografia de P. Vitorino

PENAFIEL — Lâmina sepulcral de bronze

«Les arts ont également senti l'influence des Portugais, qui encouragérent les artistes en leur faisant des commandes et des achats de tableaux. La réception enthousiaste que la colonie portugaise fit à Albert Dürer, les invitations et les cadeaux qu'on lui offrit, les dessins, les gravures sur cuivre et sur bois et les peintures à l'huile que le distingué artiste allemand donna en retour des cadeaux des facteurs ou consuls lusitaniens montrerent à l'évidance le faste que ceux-ci diploiaient, et nous pouvons en deduire qu'on aura fait pour d'autres artistes ce qu'on fit pour Dürer, à une époque où Anvers était surnomeé la Florence du Nord.»

João Correia compartilhara do gôsto dominante. Homem de fortuna, ao regressar à pátria, não deixou de trazer consigo a própria efígie, obra celebrada por certo, para cravar na lage da sepultura por si mesmo mandada abrir.

Tal o faz crer a data incompleta do letreiro (15...), que pela sua morte mãos grosseiras não ousaram acabar, insculpindo totalmente o ano dela (1537) num recanto interno do mármore.

A placa que mede 0m,85 por 0m,43, consta de duas porções, com um ressalto para facilitar a junção.

Não pode dizer-se, felizmente, ser uma peça isolada, esta de Penafiel.

Das duas lâminas de bronze que na igreja dos Lóios em Évora cobrem as cinzas de Rui de Souza e de sua segunda mulher D. Branca de Vilhena, a desta última mostra uma primorosa figura de dama, que sem dúvida representa a falecida. Quando as descreveu, Gabriel Pereira julgou-as únicas em Portugal. Bom é hoje reconhecermos ter-se enganado.

A de Leça do Balio, eruditamente estudada sob o ponto de vista artístico pelo Prof. sr. Joaquim de Vasconcelos, todos a conhecem.

De outras só resta a memória, tendo mencionado algumas o Dr. Souza Viterbo.

Inéditas ainda, indicarei duas existentes na Sé do Funchal, numa das quais se mostram marido e mulher representados em metal embutido na pedra tumular, exemplares quinhentistas, de que a seu tempo tratarei.

Pedro Vitórino.

ROTEIRO BIBLIOGRAPHICO

«Quantos cuidados não são necessarios para escrever algumas linhas sem erros.»

Martins Sarmento.

COMPARAÇÕES TRADICIONAIS PORTUGUEZAS
FLORES DE PORTUGAL

POR *Claudio Basto*

D'entre os nossos raros polygraphos destaca-se notavelmente o Dr. Claudio Basto, não tanto, decerto, pela variedade dos assumptos que estuda como pela fórma segura e sã como cuida dos assumptos que nos offerece e com que afazenda o nosso tesouro mental.

Os seus livros sobre Fialho e Eça valorisam-no como critico litterario, as *Flôres do Frio,* obra de requintado mimo intellectual, firmam-lhe um bom logar de litterato. Mas é, mórmente, como philologo e ethnographo que seu valor mais se exalça. D'esta indole são os livrinhos que agora se apontam, os quais, apezar de sua ligeireza, demonstram claramente a origem d'onde promanam.

Em ethnographia, a materia das comparações populares é das mais curiosas e complexas e é d'algumas *(velho como, chorar como, surdo como, magro como, como carneiro)* que trata o ilustre escriptor.

As *Flôres de Portugal* constituem uma collecção de cem das mais lindas poesias do povo, realisada com o carinho d'um artista e com o criterio d'um erudito, a qual é antecedida por um curioso preambulo de annotação á poesia popular.

* * *

Nota — Na *Epocha,* certo censor, com fallencia aberta no meneamento das boas lettras, desde as empanadas fastiosas, indigestas como marmellos crus, do *Tira Dentes* e do *Padre Antonio* até ao *Poema da Paz* e ao *Homem em Portugal,* acintosamente se entretem, com largo sumpto de farfantes chocarrices, a desgraduar, tanto na essencia como na fórma, as comezinhas regras que n'esta revista publico.

Se o jaez intellectivo de mestre zaguncha fosse de lidimo toque, de quilate seguro, cumpria-me replicar-lhe e, por certo, não deixaria embotar o fio da contradita, ainda que elle escreva n'um periodico e nós só disponhamos d'um mensario.

Desditadamente, mestre zoilo é, nas patrias litteraturas, o homem dos sete instrumentos. O resultado, pois, é o da maior desafinação, onde a pastosa e dissaborida tonicidade, tanto dos arrazoados em prosa como dos metrificados, emparelha com a mofina mesquinharia dos ditos instrumentos, dos quais elle toca ravinhosamente, n'um mixto de vesania e mercancia, o da critica litteraria.

Mestre censor, porém, vive fóra de cotação na Litteratura, representa n'ella uma firma fallida. A sério, pois, não se póde redarguir-lhe; nem a sério se podem haver suas picaras monitorias.

Estas linhas, pois, não valem como resposta ás acetosas verrinas do assanhado aristarcho, mas sómente como explicação, para os leitores, das causas d'um justo e preciso silencio.

E eis liquidado o caso nefando — *conclamatum est (com adjutorio da sciencia do Larousse).*

Carlos de Passos.

EX-LIBRIS PORTUGUESES

IV *(Continuado do n.º 6)*

REPRODUÇÕES

5

JOSÉ MARIA DE FARIA MACHADO PINTO BORGES PACHECO DA COSTA FREITAS

(Quinta das Grades Verdes — GRANJA)

Ex-libris individual — geral — gravado (zincografia) — simbólico, impresso a preto.

Desenho de António Lima.

Composição: «O cartel dos *Machados,* sôbre uma espada de cavaleiro, espelho da Raça e da Tradição, grita à águia, símbolo da fôrça e que altiva desprende o vôo: Vincit!»

Recorte duma carta.

*

José de Faria Machado é bacharel em filosofia e letras pela Universidade de Lisboa; comendador de Carlos III de Espanha; mérito civil da Bulgária; cavaleiro de Santo Olavo da Noruega.

Antigo secretário de legação, tendo ingressado no quadro do pessoal diplomático, por concurso distintamente classificado. Abandonou a carreira em Outubro de 1910, por incompatível com o regimen republicano; tomou parte activa nos movimentos restauracionistas, o que lhe valeu várias prisões e condenações a pena maior; homisiou-se durante quatro anos.

Antigo jornalista, fêz parte activa das redacções do *Correio da Noite, Jornal, Jornal da Noite, Era Nova* e *Ilustração Católica.*

Escritor distinto, tem publicados os seguintes livros: *Bemaventurança; O desterrado; Bernardim Ribeiro; Menina e Moça* (em colaboração com Tomás de Eça Leal); *Eterna fábula; O minuete da Rainha; O sátiro de pedra; Diálogos — momentos de drama e de tragédia; Simão Silvano* e a *Morgada de Sortelha.*

Faria Machado é natural de Braga, onde nasceu a 19 de Setembro de 1882, filho de José Firmino Martins da Costa e Freitas de Abreu Cardoso e de D. Leonarda Branca de Faria Machado Pinto Borges Pacheco.

*

Ex-libris inédito reproduzido por exemplar da nossa colecção.

6

MÁRIO BRAGA

(Quinta de Santa Catarina — LOURINHÃ)

Ex-libris individual — geral — gravado (zincografia) — simbólico, impresso a preto.

Desenhado por A. Kennedy-Falcão.

Composição: Três livros com os nomes de Trousseau, Beethoven e Almeida Garrett, nas lombadas, representam respectivamente a medicina, a música e o teatro.

Sôbre os livros a nota tradicional de um candieiro de azeite, simbolizando o gôsto pelas antiguidades.

*

Tem Mário Braga uma bela livraria de alguns milhares de volumes, onde a literatura, a história e a arte se acham abundantemente representadas.

Médico na Lourinhã, é um músico distintíssimo e um apaixonado amador dramático.

Tem um teatro próprio na sua casa da *Quinta de Santa Catarina,* onde é auxiliado pelos espíritos altamente artísticos de sua espôsa a Viscondessa de Palma de Almeida e de seu sogro o Visconde do mesmo título.

Mário Braga escreve para o teatro, tendo já publicado duas comédias: *Castelos derribados* e *Caprichos da Avózinha;* e tem em preparação uma comédia intitulada *Lei fatal* e um livro *Itália,* sugerido em viagem de estudo feita naquele país.

*

Ex-libris inédito, reproduzido por exemplar da nossa colecção.

7

MANUEL ROSADO MARQUES DE CAMÕES DE VASCONCELOS E SOUZA

(ALTER DO CHÃO)

Ex-libris individual — geral — gravado (zincografia) — armoriado, impresso a vermelho.

Desenhado por A. Figueira.

Composição: Escudo esquartelado de *Vasconcelos, Souzas (de Arronches), Vogados* e *Araújos.*

Timbre, o dos *Vasconcelos.*

*

O quartel dos *Souzas,* está errado na locação e na forma como está constituido.

*

Êste brazão é dos avós maternos de Rosado de Vasconcelos, pois por seu pai poderia usar as armas dos *Camões,* família que teve a honra de dar a Portugal o nome de Luís Vaz de Camões, o cantor da *Raça.*

A avó paterna de Rosado de Vasconcelos, D. Ana de Jesus Pires Camões, descendia por varonia de Ruy Garcia de Caamaño, na Galiza, e tronco desta família.

Tem o possuidor dêste *ex-libris,* uma escolhida livraria, onde se encontram bem representados os nossos clássicos e os livros de linhagens de que é um apaixonado leitor.

*

Ex-libris inédito, reproduzido por exemplar da nossa colecção.

S. João da Foz — 1926.

ARMANDO DE MATTOS.

JÚLIO DINÍS — ESCLARECIMENTO

No relato publicado no n.º 7 da *Ilustração Moderna,* referente à homenagem prestada a Júlio Dinis, há um lapso de paginação, devido a descuido do encarregado dêsse serviço. No alto da página 173, 2.ª coluna, há uma linha deslocada, que deve ser suprimida na leitura, para que o sentido fique perfeito.

Cliché fotográfico de M. A. F.

NA FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO — O ilustre Ministro da Instrução, ladeado pelo escultor Teixeira Lopes e pelo escritor Antero de Figueiredo, presidindo à notável conferência do professor Fidelino de Figueiredo

Cliché fotográfico de André Moura

NA FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO — O talentoso homem de letras e nosso brilhante colaborador, sr. dr. Fidelino de Figueiredo, lendo perante uma selecta assistência a sua notável conferência *Do aspecto scientífico da colonização portuguesa na América*, realizada em 2 de Dezembro, no salão nobre da Faculdade de Medicina do Pôrto.

ILUSTRAÇÃO MODERNA

PUBLICAÇÃO MENSAL — EDITOR-DIRECTOR — MARQUES ABREU

2.º ANO — PORTO — JANEIRO — 1927 — NÚMERO 9

Imprensa das Oficinas de Fotogravura de Marques Abreu — Avenida Rodrigues de Freitas, 310 — PORTO

JOÃO AUGUSTO RIBEIRO — RETRATO DO DR. COUTO SOARES

Ilustre cirurgião portuense

Crónica do Mês Dezembro

Um livro

Para mim, que cada vez mais aborreço a política e a sociedade *modern style,* o acontecimento mais sensacional do mês de Dezembro, depois da inauguração do monumento a Júlio Dinís, ao qual a *Ilustração Moderna* já fêz larga referência em seu último número, foi o aparecimento do livro *Igrejas e Capelas Romanicas da Ribeira-Lima,* que é também um monumento erguido pelo ilustre arqueólogo sr. Padre Aguiar Barreiros ao pitoresco trato de terreno minhoto conhecido por aquela designação.

A Ribeira-Lima. . .

¡Aqueles dos meus leitores que desconhecem o Alto Minho sabem lá o que é a Ribeira-Lima! Como paisagem, como encanto dos olhos, e até do coração, não há aí nada que se lhe sobreponha. É velho e revelho, e por todos sabido, que os antigos deram a êste rio feiticeiro o nome de rio do Esquecimento. A quem das suas margens se abeirasse acontecia-lhe como aos companheiros de Ulisses quando arribaram ao país dos Lotófagos: esqueciam-se do berço natal e nada mais apeteciam que o prazer edénico de ficarem vivendo ali. . . ¿Lenda? Certamente. Mas as lendas não são mais do que a verdade poetizada.

E a verdade é que não há em Portugal paisagem que tanto serene o espírito pela sua placidez, o encante pela sua pulcritude e o deleite pela sua variedade. Desde os píncaros do Lindoso, no contraforte meridional da serra do Suajo, até ao estuário vianês onde as vagas do Atlântico o tragam, o Lima atravessa lugares que parecem adrede criados pela Providência para proporcionar um oásis vivificante aos homens extenuados da luta pela vida. São primeiro as arribas de Parada, Cidadelhe, Ermelo, Britelo, Touvedo e Muhia, — agrestes umas e talhadas quási a pique, outras desdobrando-se em socalcos onde o milho amadurece sob a larga bênção dos castanheiros a cujos braços vigorosos a vide se entrelaça para dar os seus frutos mais perto do céu. Depois, a juzante de Ponte da Barca, transforma-se o panorama: o vale dilata-se, e o Lima adormece, como se as águas límpidas do Vez, que acaba de engulir, lhe servissem de narcótico, ou antes, de qualquer poção oriental tendo por base o haschisch. Porque, de ali em diante, o rio não se limita a dormir: sonha e sorri. . .

Assim, dormente e risonho, se espraia entre os campos do vale ubérrimo, reflectindo em seu espelho de cristal e lápis-lazúli as vertentes arborizadas onde se aninham as povoações de Távora, S. Lourenço, Bravães, Gandra e Gemieira, ou as esplanadas suaves de Ponte do Lima, Bertiandos, Lanhezes, Vila-Mou. . . E é sempre mergulhado nesse sonho maravilhoso, por sôbre areia doirada e seixos de prata, que êle segue lentamente, quási sem murmúrio, regando as veigas feracíssimas que o marginam, saüdando os templos e os solares que a um lado e outro se alcandoram pelas encostas, até morrer num beijo de amor, aos pés de Viana do Castelo, — a princesa encantada que êle veio procurar de tão longe. . .

*

A beleza desta região paradisíaca, que já teve dois grandes poetas a cantá-la — Bernardes e Feijó — espera ainda o grande prosador que a descreva. O sr. Padre Aguiar Barreiros, que não deixou de sentir a funda influência emocional daquela paisagem, dá-nos aqui e ali, em pinceladas rápidas, pequenas descrições. Mas logo o poeta foi dominado pelo sábio, de olhos fitos no seu determinado escopo, que era o estudo da arte românica na Ribeira-Lima. E neste ponto, o livro é completo, revelando, além de uma grande erudição e raras faculdades de análise, um trabalho insano, muita despesa e muitos incómodos físicos.

Bem mereceu da Pátria, se bem que a estas horas muitos patriotas estejam mais interessados em saber se Carpentier venceu Dempsey ao sôco do que em conhecer os edifícios românicos da Ribeira-Lima; e pode marcar com uma pedra branca o dia em que o seu livro apareceu a público, tanto mais que teve a rara felicidade de encontrar dois colaboradores que lhe transformaram a sua obra de sciência numa obra de arte.

Refiro-me aos ilustres artistas srs. J. Vilaça e Marques Abreu, o primeiro enriquecendo o livro com os seus desenhos magistrais, e opulentando-o o segundo com fotografias e gravuras de uma nitidez sem igual.

Nada mais direi a respeito dos colaboradores do sr. Padre Barreiros por me haver comunicado o proprietário da *Ilustração Moderna* que também lá na redacção há uma Censura, disposta a amputar impiedosamente tudo quanto possa cheirar a elogio em bôca própria. Mas não terminarei esta crónica sem enviar uma saüdação ao meu presado amigo Dr. António de Magalhães, que foi um auxiliar prestantíssimo na feitura da obra, — êle que é a alma de tudo, ou de quási tudo, que à Ribeira-Lima diga respeito.

*

Tinha eu oito anos quando fui habitar a Ribeira-Lima. Por lá deambulei outros tantos — em Ponte do Lima, nos Arcos, na Barca e em Viana — até que uma guinada do meu destino me atirou para novo rumo.

Voltei lá em 1925. Percorri-a tôda. Chorei de encanto, de gratidão e de saüdade. De encanto, pela formosura da paisagem. De gratidão a Deus, que me tinha permitido tornar a vê-la. De saüdade pelos muitos condiscípulos e amigos de infância meus que jazem por aqueles cemitérios; e de saüdade por mim próprio, pelo que fui e já não voltarei a ser.

E agora mesmo, ao acabar de ler o livro do sr. Padre Barreiros, e tendo contemplado demoradamente a fotografia da Capela de Távora, a saüdade evoca-me na alma alguns nomes próprios correspondentes a umas imagens quási delidas: Carlos, João, Soledade, Amélia. . . E não posso garantir que os meus olhos estejam enxutos.

Campos Monteiro.

Cliché fotográfico de Marques Abreu

TEIXEIRA LOPES — «CRIANÇA ADORMECIDA»

TRÊS POEMAS DE RABINDRANATH TAGORE

I

Logo de manhã foi segredado que nós havíamos de partir num barco, só tu e eu, e nunca alma do mundo saberia desta nossa peregrinação a país nenhum e a nenhum fim.

Nesse oceano sem praias, sob o teu sorriso caladamente atento, as minhas canções soerguer-se iam em melodias, livres como ondas, livres de tôda a servidão de palavras.

¿Não chegou ainda o tempo? ¿Há ainda trabalhos para fazer? Vê, a tarde desceu sôbre a praia, e na luz que se extingue, as aves marítimas voltam voando aos seus ninhos.

¿Quem sabe quando serão desamarradas as correntes e quando, como o último reflexo do sol-pôr, o barco se desvanecerá na sombra?

II

Andava eu a pedir de porta em porta pelo caminho da aldeia quando o teu carro de oiro apareceu ao longe como um sonho deslumbrante e puz-me a pensar ¡quem seria êste Rei de todos os reis!

Excitaram-se as minhas esperanças, julguei que os meus dias de dôr eram acabados, e ali me deixei estar aguardando as esmolas que haviam de ser dadas sem ninguém as pedir e arremessadas às mãos cheias para todos os lados sôbre o pó.

O carro parou onde eu estava. O teu olhar pousou em mim e desceste a sorrir. Senti que tinha chegado emfim a sorte da minha vida. Então inesperadamente estendeste a mão direita e disseste: — «¿Que tens tu para me dar?»

¡Ah, que gracejo de rei era êsse, abrir a palma da mão para pedir a um mendigo! Fiquei perturbado e hesitei e, por último, devagar, tirei do alforge o grão de trigo mais pequeno e dei-to.

Mas grande surpreza foi a minha quando ao fim do dia, esvaziando o saco no sobrado, encontrei um pequenino grão de oiro no meio do pobre montão. Amargamente chorei e me arrependi de não te haver dado quanto tinha.

III

Não te pedi nada; não pronunciei sequer o teu nome; quando te despediste, fiquei silenciosa. Estava eu sòsinha, à beira da cisterna onde caía oblíqua a sombra da árvore, e as mulheres tinham ido para casa com as escuras talhas de barro a trasbordar. Chamaram por mim e gritaram: «Vem connosco, a manhã vai dando o lugar ao meio dia.» Mas eu, lânguidamente, fui-me demorando um pouco, perdida no meio de vagos pensamentos.

Não te ouvi os passos ao chegares. Os teus olhos estavam tristes quando deram comigo; a tua voz estava cansada quando disseste sumidamente — «Ah, eu sou um viajante cheio de sêde.» Acordei dos sonhos que sonhava e derramei água do meu cântaro nas tuas palmas unidas. As fôlhas sussurraram por cima das nossas cabeças; o cuco

cantou, invisível, do escuro; e o perfume das flores de *babla* chegou até nós da volta da estrada.

Não pude falar de vergonha quando preguntaste o meu nome. Na verdade, ¿que tinha eu feito por ti para me levares na lembrança? Mas a recordação de que pude dar-te água para te matar a sêde, há-de agarrar-se ao meu coração e envolvê-lo de doçura. A hora da manhã vai alta, o pássaro canta em notas fatigadas, as fôlhas de *nim* sussurram por cima da minha cabeça, e eu sento-me e penso e torno a pensar.

(Do *Gitánjali.*) — Versão inédita de

CARLOS MANUEL RAMOS.

ZULOAGA

I

POR uma razão de constrastes, aquela razão que assiste misteriosamente a todos os verdadeiros artistas, — reside D. Inácio Zuloaga oficialmente em Paris, embora no bairro

ZULOAGA

mais extravagante de Paris, — êle, não só o maior pintor actual da Espanha, mas o mais tradicional, o herdeiro de Pantoja, Velasquez, de Goya e Greco; o mais poderoso dos autores na expressão dramática do mais dramático dos povos.

Em Paris, fêz o seu obscuro tentâmen de glória; ali colheu suas primícias de glória; aí vive.

Ao Paris dos grandes *boulevards,* que Haussmann *jardinou* contra a sua antiga fisionomia, seus velhos riscos, que hoje quási só temos nas gravuras (Haussmann foi um fatal jardineiro para a histórica Cidade) — preferiu Zuloaga aquele raro ninho de lendas que é o velho Montmartre dos pintores, dos boémios, das ascéticas eminências, das feiras, dos gritos, dos poetas alegres, das canções, da Côr...

Escrevendo acêrca dos seus inícios, sumariou Camille Mauclair:

«De ses débuts, peu de choses sont à dire. Après un voyage à Rome en 1889, il vint à Paris, il parcourut l'Espagne, étudiant, méditant, travaillant obscurément et luttant contre la pauvreté, il est permis de le dire, car il descendait d'artistes inféniment plus riches de talent et d'honneur que d'argent. Ce fut en 1891 que je vis ses primières toiles dans ce petit magasin de la rue Le Peletier où un enthousiaste amateur de peinture indépendente, Le Barc de Boutteville, mort à la peine, réunissait toutes sortes d'oeuvres de débutants sous le titre contradictoire, mais semblant alors naturel, d'*Impressionnistes et Symbolistes.* On trouvait lá, pêle-mêle, Maurice Denis, Vuillard, Cottet, Henry de Groux, Maufra, Gauguin, Odilon Redon, Leheutre, Bonnard, e des disparus comme Vogler, Filiger, Iker, Guilloux. Je fus frappé par la vigueur e la saveur des oeuvres de cet inconnu — qui signait alors Zuloaga y Zabaleta, joignant le nom de sa mère au sien; on put seulement me dire qu'il ignorait le français (il l'a appris admirablement depuis), qu'il vivait solitaire et travaillait avec acharnement. En 1894, il fit ses premiers envois au Salon de la Société Nationale; en 1898 un grand portrait en pied attira l'attention dune élite; en 1899 un groupe de portraits était acquis par le Musée du Luxembourg, e subitement Zuloaga devenait célèbre. La fortune et la renommée s'ensuivirent (1).»

A primeira vez que me encontrei com Zuloaga foi em sua casa da rua Caulaincourt, onde subira a visitar o seu *atelier* por indicação duma sua prima, filha de seu tio Daniel, o grande oleiro dos barros esmaltados, morto há poucos anos.

A casa é num sexto andar. Coroa o edifício, quási uma tôrre, — o *atelier.*

Surpreendeu-me a figura enorme do Artista, deslembrado, aos primeiros momentos, de que o meu interlocutor era um basco (nasceu em Eibar, perto de Zumaia, onde tem a casa verdadeiramente *sua*); e mais ainda me admirei do *atelier,* num último andar, dominando Paris como uma atalaia prodigiosa da sua graça, altíssima, de visionário pintor.

Interrompeu-se, polidamente, no trabalho para me receber.

E, logo, com a maior naturalidade, vendo que atentava a tela ainda sangrenta das suas derradeiras pinceladas:

— Talvez conheça o retratado...

— Conheço, muito das minhas relações, informei.

Poderosa tela! Era o fantasma de D. Miguel Unamuno, outro basco, que, ao tempo, corria por Paris seus fados de emigrado, clamando contra Afonso XIII e seu último ministro, à conta da sua tão porfiada república liberal de Espanha, que, em bem da Espanha, do Mundo, Deus afaste!

Há homens que não teem tradução, tão estranha é a sua individualidade. E isto eu pensava de Unamuno, que considero humanista de valor, servido por uma índole forte, como a sua figura o é, e que tanta individualidade guarda em Espanha, como entre as multidões de Paris.

E, contudo, a versão de Zuloaga era perfeita, notàvelmente reveladora, porque o fantasma que êle pintava não era só o Unamuno que todos mais ou menos imaginamos ou conhecemos, mas aquele mesmo lutador sem condições; máscara de obstinado, rematando um corpo de gigante: a cabeça esquinada no geito de certas penedias que afloram do Cantábrico; cabelo e barba estacados, com fôrças e jeitos de arvoredo — como bem apurados, provados, das ventanias de Salamanca, das intempéries da *meseta,* o Unamuno que vem duma raça que jámais submeteu o espírito a Castela; que tem no sangue a revolta; o filósofo estranho e essencial.

Enscenando o *atelier,* em fundo, o retrato longo duma dama no jeito aristocrático e ornamental das telas de Pantoja.

Desculpou-se o Artista do número restrito de quadros do seu *atelier* de Paris.

— Pouco posso aqui mostrar-lhe, de momento, disse. Quedo agora por aqui tão pouco... Venho da América do Norte, e, dentro de poucos dias, sigo para a Suiça a retratar o pianista Paderewiski, antigo presidente da Polónia. Mas convido-o a visitar, no mês próximo, o meu *atelier* de Zumaia, a minha casa em Espanha...

Aceito o convite, ficamos a discutir por momentos o seu trabalho: alguns quadros que eu tinha visto no *Salon,* em diversos anos, bem como em Madrid e S. Sebastian; suas excursões de Arte pelo Novo Mundo.

Quando saía de casa do Pintor, entrava Unamuno.

Neste encontro é o prelúdio de várias tardes literárias em *La Rotonde,* o Café mais estrangeiro de Paris, e que, ao presente, vence em interêsse e em lenda os cafés do tempo de Verlaine.

Nestas conversas literárias — ocioso será dizê-lo — instintivamente nós afastavamos, o mais possível, do campo da

(1) *L'Art et les Artistes.* Zuloaga, tome X, n.º 50-64.

discussão os assuntos políticos, de que êle naturalmente se sentia cansado, e que eu sempre verso constrangido, com manifesta dor.

Donde resultou reatarmos aquela já por mim algures relatada palestra de Arte que, um dia, êle abriu, em Salamanca, junto às águas maravilhosas de Tormes. E, assim, no último dia em que nos encontramos em Paris, eu lhe ouvi em plena *Rotonde*, seu derradeiro trabalho: *Como se hace una novela!*

A *Rotonde* era em suas horas febris.

Unamuno recitava em voz natural, como se lesse no seu velho gabinete da Alta Castela, ou na *Plaza Mayor*...

II

Zumaia é a poucas léguas de S. Sebastian. É uma povoação caracterizadamente basca, de casario a um tempo leve e misterioso, tão do génio das Vascongadas, — que sobe em ruelas finas como a conversar o Céu, que a tôrre da velha Igreja, a meia encosta, parece solicitar em vagas badaladas.

Em baixo, na terra chã, é a praça de toiros, uma das praças mais fatídicas da Espanha, me contou Zuloaga, onde Belmonte, a actual estrêla do toureio, tem saído ferido, e êle próprio, o Pintor, teve uma colhida, pois Zuloaga é também toureiro em certos dias...

¡¿E que maior facto poderia servir a ilustrar a grave sinceridade das suas grandes telas de toureiros que o das suas lidas e também dos seus não raros percalços?!

¡Cinco meses de cama lhe custou aquela colhida!

A Praça de Zumaia, tão íntima do Pintor, e que êle desce da sua quási-ilha a engalanar nos dias de festa, é, quando nua, às horas comuns, a arena típica dos *pueblos*, — uma caixa redonda de tabuado fino, que tememos ver desgastar-se às primeiras seis tardes de sol, senão abater à mais doce asa do vento.

Para lá dela é o mar, aquele estranho Cantábrico, tão sedutoramente abismático, espelho íntimo da alma profunda da grei basca, e mestre ainda de Zuloaga, como pintor: acaso dêle procede o azul predominante dos seus quadros; o azul que o Pintor avista das paredes de vidro do seu Paço de Arte e desce a ver, a estudar, até ao cais da quinta, cujas escaleiras as águas sobem...

ZULOAGA — «NA CORRIDA»

¿Como poderia êle furtar-se à impressão do mais forte e misterioso dos elementos? ¿Qual o Artista que não sente a graça, a sugestão do Mar?

¡E assim o povo, o mais obscuro dos artistas, e por isso mesmo o mais genial, profundamente lhe quer e o sente! ¿Na alma do povo basco quanto não há da misteriosa inquietação do Mar? Nos tecidos que veste — igual côr, o mesmo azul ferrete. Pintadas dêste azul as aranhas de madeiramento das suas casas...

Aquém do Mar, quási prisioneira das águas altas, é a Casa do Pintor, geralmente designada por Casa de Santiago, do sítio onde foi construida, em substituição duma antiga hospedaria destinada a abrigar peregrinos que iam de penitência ao grande santo de Compostela.

Exteriormente, não só não desgarra, como monumentaliza o génio simples da religiosa gente desta aba da Espanha, a mais simples e transcendente da Espanha. Assim devia ser a Casa de Zuloaga: ¡ninguém física e moralmente mais representativo da sua raça do que Zuloaga! Antes mesmo que lhe falemos, sabemos quem é, pois dêle nos informa bastantemente o seu nome.

¡Zuloaga, nome de vibração seguida, como soletrado por um eco!

¡E como ali diz bem, quanto melhor do que em Paris, a sua figura enorme, que, à maneira dos seus retratados, vemos sempre pegada à terra de origem!

Parece surdir das suas telas, quando vem receber-nos. ¡Tão desmarcada é a sua figura de gigante, andando como quem vai a tombar; calvo; bigode negro; cheios de razão profunda seus olhos de luz infinita!

¡E eu a recordar a minha primeira visita ao seu *atelier* de Paris, acima dum sexto andar!... Na América deverá viver, eu sei! no vigésimo, que em New York cada casa é uma aldeia... no Ar.

E deve ter sêde da inspiração de cima, do ar mais subtil, o pintor da gente mais violenta da terra: o antigo companheiro de seu tio Daniel na Igreja-*atelier* de Segóvia; o pintor de Toledo, das Castelas, das bruxas, dos anões, do mulherio das ruelas, da Espanha aristocrática e plebeia; o pintor, emfim, da Espanha essencial e formidável.

Visitamos primeiramente o Museu. É uma sala grande em quebra-luz, que representa em Casa de Zuloaga o que nos solares doutros *hidalgos*, abaixo da sua estirpe (atribuimos os valores máximos aos Príncipes da Arte) — representam as salas dos seus quadros, suas galerias de família.

Na galeria de Zuloaga vemos, de facto, os maiores da sua grande ascendência de Artista: Velasquez, Greco, Ribera, Goya... Vale os melhores recantos de alguns dos melhores museus aquele recanto tão docemente sombrio e onde as suas predilecções e a providência do seu génio juntaram uma

ZULOAGA — «RETRATO DA DUQUEZA DE ALBE»

colecção tão marcadamente notável de belas telas, adrede salvas das arrancadas do tempo.

Aí queda, por exemplo, o *Apocalypse* de Greco, autor que Zuloaga estimou quando êle era ainda na penumbra do século, sem as honras e os aplausos gerais que hoje conta.

Aqui e além — bronzes de Constantino Meunier, e Rodin, oferecidos.

Depois do Museu é a Capela. Templo singular, ainda entre os templos fantasmais da Espanha religiosa. É uma capela basca, simples; duma luz artificialmente pálida, — como provinda, reflectida, das duas figuras únicas que a habitam — ¡extraordinariamente espectrais e realistas!

¡Singularmente impressionantes, os dois fantasmas tremendos! Á esquerda, é a Virgem, a *Virgem da Aflição*, que o lápis de Zuloaga compôs da aflição de tôdas as mulheres de Espanha, com cuja dor o seu génio teve comércio um dia, e um bilbaíno executou; à qual o Pintor deu a graça terrível primeiramente do seu lápis, e, depois, das suas tintas, — ¡porque sôbre a madeira convulsionada da formidável *Dolorosa* patinou êle tôda a desgraça humana, através da dor, tão estranhamente decorativa, da Espanha!

Para lá da Virgem é o motivo da sua angústia — a figura de Cristo, um Cristo também retocado pelo seu génio, evocado por suas tintas tão notávelmente imprevistas; duma realidade reveladora em extremo, não só pelo que nos diz, em sua graça trágica, da miséria humana, mas pelo que nos transporta...

III

Após o grave ensino de tantas visões, dêste excelso e terreno povoado de visões — entramos a descansar, no palacete que é a residência particular do Artista, e que bem poderia chamar-se a *Janela do Mar*, pois que o seu salão principal deita para o Mar, concedendo-nos a intimidade da Água — tal a parede de vidro que no-la transparece como se fôra da sua natureza, um mero gêlo amável!

Do melhor gôsto o interior da Casa particular do Artista. A um canto, o fogão, um fogão longo, como usam ser os dos conventos, destinado talvez menos ao aquecimento da sala do que ao espectáculo do lume pelas noites trágicas daquela praia fantástica, quando do rigoroso inverno.

É um lar de família, verdadeiro altar de Arte, bem de molde a recordar *os que passaram:* Zuloaga é o quinto Artista da sua geração, o derradeiro grande herdeiro dum génio que, longe de cansar ou esmorecer nêle, em si se exaltou ao máximo.

Revestem o resplendoroso recanto azulejos de seu tio Daniel, o oleiro notável de Segóvia, cujos costumes passou aos barros, arrancando ao desconhecido velhos segredos de razão árabe e castelhana, donde o seu esmaltado prodigioso, a graça bela e rica da sua olaria fulgurante, que modernamente só tem paralelo nas peças finíssimas de Faenza e Gubbio.

¡Imaginemos à música do Mar, pelas vastas invernias, as vagas do lume, naquela lareira longa, projectando seus desenhos, sua côr, na côr sem nome da grande página bíblica de esmaltes que forram tão singular Altar da Côr!

A Casa do Artista é sempre um museu, por menos cuidadoso que êle seja. O caso é que saibamos ler a posição dos seus objectos de uso, na atitude das coisas da sua criação, ou do seu convívio. São estas geralmente de três ordens: umas, *as que herdou* (e nelas é seu passado, à mistura do passado donde vem); outras *adquiridas* (provas documentais do seu gôsto: são as coisas que o artista elegeu); finalmente, *as coisas que vai criando*, e que êle ama acima de tôdas, pois são da sua mesma natureza (do seu sangue, do seu espírito).

Sôbre uma mísula — uma santa tafulada a negro, com rendas que tomaram a consistência quebradiça das louças de Saxe ou das fôlhas velhas e que tememos vêr partir ao tocá-las.

— Esta é sagrada, informa o Pintor, dando pela minha atenção. ¡Vestiram-na mãos de monjas!

Nas paredes, Cristos da Espanha primitiva, da Espanha onde parece haver ficado o maior quinhão da *Divina Tragédia*, a averiguar dos seus Cristos e Dolorosas...

Junqueiro dizia-me, um dia, falando da Espanha, que conhecia notàvelmente: uma só palavra a define e nada mais a define: a palavra *sangre*...

Em frente, junto a outras sombras de contemporâneos notáveis, o retrato de D'Annunzio, fardado, com os dizeres: *Au grand Zuloaga, le petit Moine armé Gabriel d'Annunzio.*

E logo outro, com o oferecimento: *A Zuloaga, au plus courageux des peintres, le flibustier de Fiume Gabriel.*

Aponta-nos, desvanecido, duas estantes de livros oferecidos, onde radiam obras de alguns dos maiores escritores do tempo. E fala devotamente da estranha obra intelectual em construção.

Nos frisos que abraçam as salas — obras de Arte e Piedade, — a *Piedade em Arte*, valor supremo da criação do homem.

Uma vez mais seguimos as canseiras da água junto à grande vidraça que transparece o Mar.

Diz-nos das impressões da água quando o pequeno pôrto de Santiago é cheio e as marés lhe abraçam a Casa; dos efeitos da luz sôbre aquela prodigiosa quási nau que é a Casa, e, com pena, — do pouco tempo que a vida lhe deixa para receber os afagos daquela água, daquela luz...

Depois, subitamente, como quem é solicitado por um pensamento grave:

— ¡É tão rica, tão cheia de maravilhas, a Vida! ¡E que grande parte a Espanha teve na riqueza geral que a Vida comporta!

E o pensamento transporta-o a Castela, a essa dura Castela, que para nós, gente de outras graças, de outro génio, é quási um pesadelo.

Fala de Castela. E como quem se assegura da sua profunda graça trágica, que traz pegada ao espírito, e sofre a necessidade de revelar, informa-nos à puridade, ¡que adquiriu ultimamente um Castelo, num dos pontos mais característicos do *Velho Reino!*

Traduzo para mim o alvorôço da sua participação de *Inquieto*. ¡É uma nova atalaia, que êle, o revelador máximo da Espanha, se propôs religiosamente adquirir, como fonte à experiência do seu génio sôbre o génio tão maravilhosamente decorativo das Castelas!

Ancede — 1926.

(Continua).

Visconde de Vila-Moura.

SÉ CATHEDRAL

(Continuado do numero 8)

A reforma, operada n'uma phase artistica de decadencia, foi calamitosa. Por isso, o que se vê nem sequer como renascença gafa póde acceitar-se, pois não passa d'aquelle estylo *indéfinissable et bâtard,* de que fallou o illustre archeologo Possidonio da Silva, pelas vozes de Sédille et Lucas.

Anteriormente, em 1602-10, já o bispo D. Gonçalo Moraes mutilara a cathedral com o arrazamento de sua ousia, em cuja substituição fez erguer a actual, que avulta pela magnificencia e pela vasteza, a maior da peninsula. Valha-nos isso, aldemenos!

Sobram-lhe os marmores diversicolores e offerta-nos preciosos latões cinzelados, dos quaes se avantaja a estante grande como um bello exemplar da renascença franceza. Os cadeiraes, de estylo Luiz XVI, valem de sobejo por sua execução pura e sóbria.

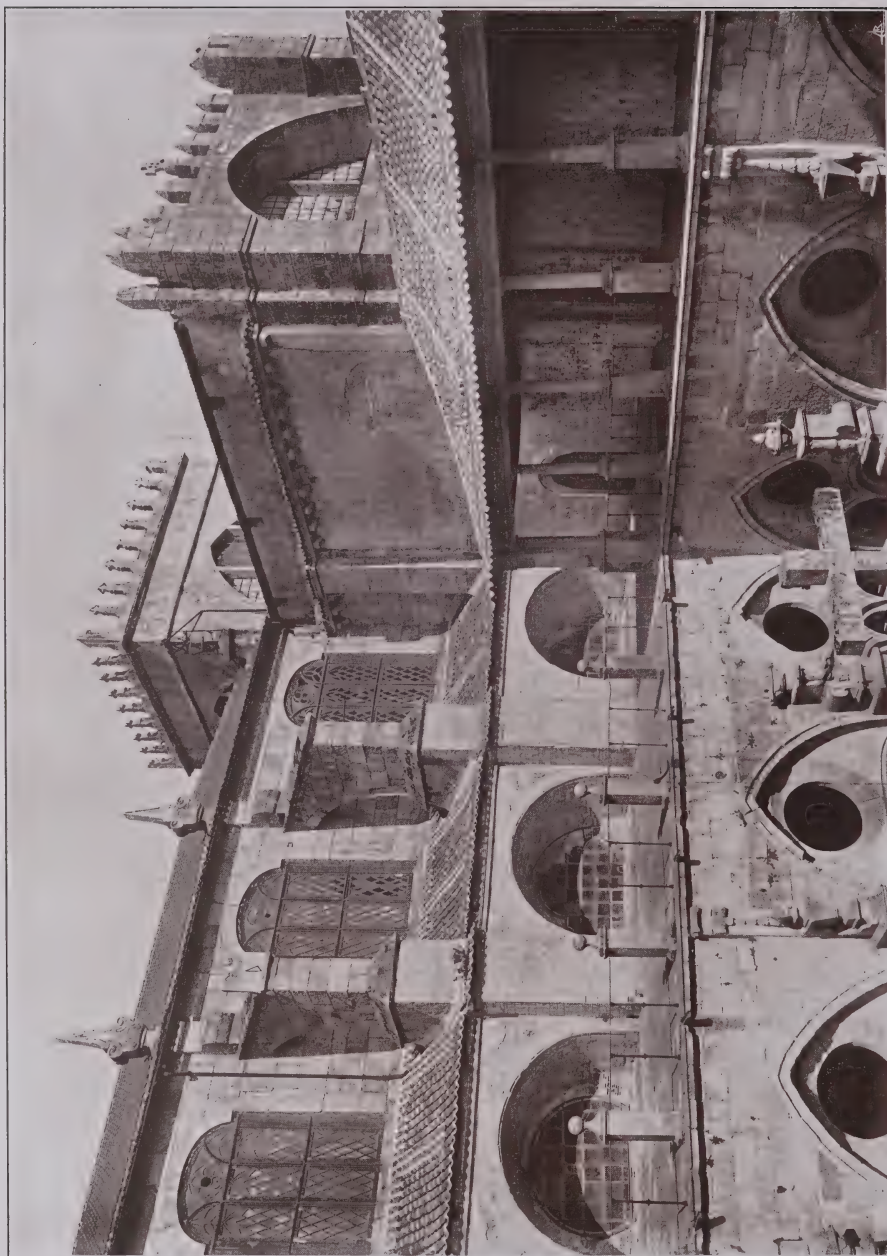
Do altar mais não ha que dizer apoz Raczinsky: sua imponencia é primacial. Deplore-se, porém, o enxerto do throno, pelo que affronta a belleza do conjunto e deplore-se mais a falta d'olhos claros na Mitra que queiram vêr e remediar essa macula.

No baptisterio, guardam-se duas excellentes peças artisticas: a pia de marmore e o relevo em bronze. Aquella, d'estylo renascença, offereceu-a o bispo D. João de Souza (1684-96); o relevo é obra de Teixeira Lopes, Pai, e realça-o o largo apuro plástico e affectivo, uma grande harmonia de composição. E mais o valorisa a escassez do paiz em obras d'essa especie.

O altar de maior voga e riqueza é o do Santissimo, todo composto de prata [1]. Todavia,

[1] Publicado em página dupla no número 3 da *Ilustração Moderna.*

Cliché foto. de Marques Abreu

PORTO — SÉ CATHEDRAL — NAVE PRINCIPAL E PULPITOS

Cliché fotográfico de Marques Abreu

PORTO — SÉ CATHEDRAL — CLAUSTRO ALTO

Cliché fotográfico de Marques Abreu

PORTO — SÉ CATHEDRAL — ARCOS OGIVAIS, OCULOS E PILASTRAS DO CLAUSTRO

aindaque apresente valedoiros trabalhos artisticos, como o frontal e o tabernaculo, constituitivos da gloria dos artifices que os realisaram — que grangeiam para a ourivesaria portuense farta honra — o material sobreleva a arte. A parte mais pura e mais antiga (1632-51) é o tabernaculo, d'estylo baroco. O frontal, executado em 1676, com baixos relevos, é uma interessante joia d'estylo rocócó. Se o emmolduramento faz o accrescimo da riqueza material tambem faz o decrescimo da artistica, pois é uma reproducção da pessima talha rocócó do tempo, pejada d'exageros decorativos e d'effeitos scenographicos, que enche, infaustamente, quasi todos os altares das naves.

Toda a obra d'este altar foi feita por parcellas e em epochas differentes, embora successivas, e isso é o que explica sua desharmonia e heterogeneidade artisticas.

De pinturas ha de salientar-se o painel do altar da Senhora da Silva, que possue muito merecimento. É obra do illustre artista Antonio José da Costa e faz lembrar a maneira de Ingres. Figura a rainha Mafalda entregando suas joias á Virgem.

É tambem de construcção moderna a sachristia, obra essa que realisou o mesmo bispo Moraes, com inteiro sacrificio da primitiva. D'esta, no emtanto, aproveitou os modilhões e as ameias. Como a capella-mór, é de farta area e de lato fasto decorativo, tam pomposa como a camara d'um cardeal romano da renascença. Pinturas scenographicas, n'uma interessante e habilissima perspectiva de trechos architectonicos em escorço, cobrem as paredes e abobadas. Armarios e arcazes preciosos de pau preto, adornados com esplendidas ferragens de latão, mezas e lavatorios de magnificos marmores, que tambem revestem o pavimento, e um excellente relogio rocócó, constituem o seu melhor mobiliario, que é quasi todo do seculo XVII (fins). O relogio é sobrepujado por um quadro, cuja figuração é a da Sacra Familia. Pretenciosamente tem sido attribuido a Raphael, quando não passa d'uma obra dos principios do seculo XVIII, da escola amaneirada dos discipulos de Caracci, na opinião do Mestre Joaquim de Vasconcellos.

Cliché fotográfico de Marques Abreu

PORTO — SÉ CATHEDRAL — CLAUSTRO E TORRES

O claustro, que nos exhibe uma soberba licção d'estereotomia, é um optimo exemplar gotico, de planta quadrada. No exterior reforçam-no algumas pilastras, cujos remates são enxertos do seculo XVIII, talvez de Nazoni. Mandou-o compôr, em 1385, o

Cliché fotográfico de Marques Abreu

PORTO — SÉ CATHEDRAL
UM TRECHO DO CLAUSTRO

Cliché fotográfico de Marques Abreu

PORTO—SÉ CATHEDRAL—

) ABATIDO DO CLAUSTRO

bispo D. João III. Grandes paineis d'azulejos, representando scenas dos Canticos de Salomão, revestem-lhe as paredes. Esta ceramica, d'estylo rocócó, é da melhor do segundo quartel do seculo XVIII. No andar superior desdobram-se outros paineis, que figuram, estes, as Metamorphoses de Ovidio. É admiravel a pureza do seu desenho e é lamentavel o seu estado de ruina, devida ao salitre e ao abandono. Em breve, se não se lhe acode desveladamente, estarão perdidos por completo. Mas porque não ha-de acordar do seu somno hibernal o Conselho de Arte e Archeologia?

(Continua.)

CARLOS DE PASSOS.

MUSEU DE OURIVESARIA, TECIDOS E BORDADOS

ANEXADO AO MUSEU MACHADO DE CASTRO, EM COIMBRA

(Continuado do número 8)

CRUZ DE PRATA DOURADA

Êste gracioso exemplar é atraente pela configuração caprichosa, com arabescos gravados e esmaltes de delicadeza notável.

Não parece trabalho português. Pôsto tenha o brazão episcopal de D. João Manuel.

Século XVII.

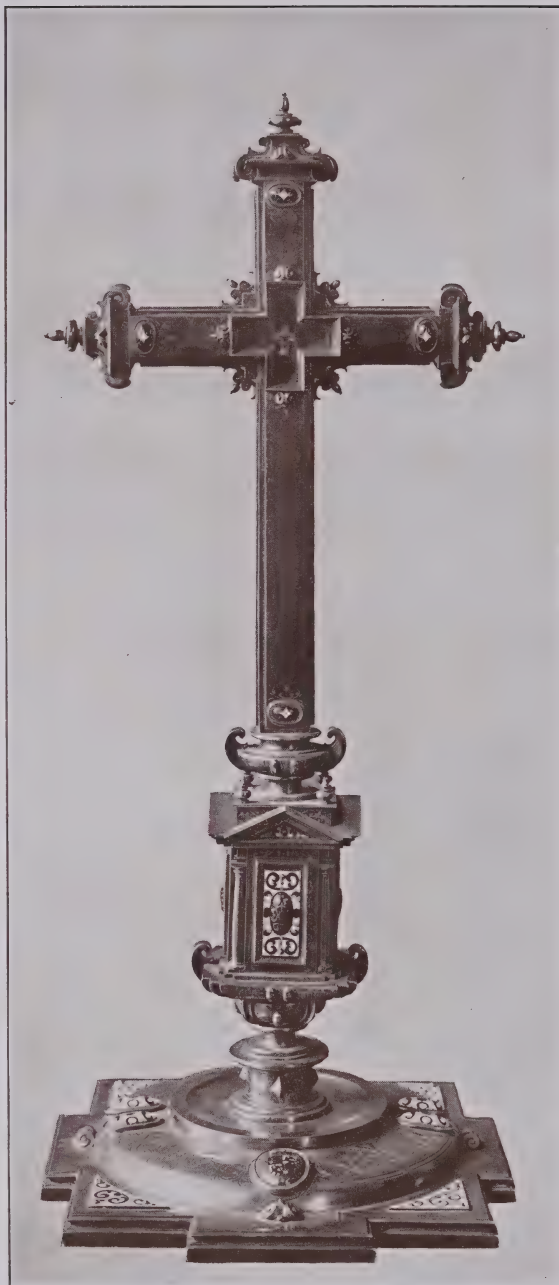
Altura 56 centímetros.

LAVANDA, DE PRATA DOURADA

BACIA—Era preciso comprimir numa pequena zona tôda a superabundância de imagens e de ideias que exaltavam o pensamento do ourives.

Um oceano encapelado, povoado de tritões e golfinhos montados por figuras humanas. Galeão singrando, de velas enfunadas.

Há scenas de luta e monstros marinhos. E ao longe, nos limites do horizonte, a paisagem de novas regiões e arvoredos frondosos.

¡E todos êstes episódios passam rápidos diante dos nossos olhos, como visões dissolventes!

Cliché foto. de Marques Abreu

COIMBRA — MUSEU MACHADO DE CASTRO — CRUZ DE PRATA DOURADA

¡Navegações aventurosas, descobrimentos, conquistas, comércio, riquezas!... ¡Era a obcessão! —¡Fumos da Índia!...

Na faixa circundante a mesma incomparável pujança decorativa, em meandros de fertilidade vegetal, aglomerada em secções. Meninos que combatem, dragões, quimeras.

Êste prato tem a impressão magnificente dum canto de epopeia lusíada.

Século XVI.

Diâmetro 47 centímetros.

GOMIL — Inspirado na mesma alucinação manuelina, é ainda pelo arrôjo da fantasia que conquista a originalidade.

Estas duas alfaias, não obstante, independentemente concebidas, sem a subordinação gramatical de elementos congéneres e de mútua relação que as irmane, completam-se, porque teem as mesmas raíses na sobreexcitação sentimental, que não conhece disciplina, nem limites à impetuosidade espontânea da fantasia irreprimível.

Na Exposição d'Arte Ornamental esta lavanda com outras duas do mesmo estilo e dimensões, expostas pelo Rei Fernando, causaram assombro.

E, só por si, elucidavam a crítica sôbre a psicologia duma arte incoercível, tão forte e intrépida, como o delírio das ambições e das grandezas da sociedade em que se expandia, numa época de esplendor e de glória, como nunca o mundo vira.

Século XVI.

Altura 47 centímetros.

(Continua.)

A. GONÇALVES.

Cliché fotográfico de Marques Abreu

COIMBRA — MUSEU MACHADO DE CASTRO — BACIA DE PRATA DOURADA

Cliché de Marques Abreu

COIMBRA — MUSEU MACHADO DE CASTRO — GOMIL DE PRATA DOURADA

VARANDA DE PILATOS

O ACTUAL Ministro da Instrução, homem inteligente, culto, viajado, em discursos e entrevistas marcou de início o seu modo de ver e de pensar mostrando-se francamente partidário do ensino técnico e profissional. E em terminologia médica referiu-se ao excesso de doutores que sufocam o país, alusão directa ao já clássico bacharel, demasiado palavroso e brilhante mas pouco estudioso e sabedor.

E porque de facto assim é, e Sua Ex.ª tem razão, chegado será o momento de remediar êste mal endémico, fechando as Universidades a todos aqueles que, em prova prévia de exames, não dêem boa conta de si, mostrando possuirem, de facto, qualidades de inteligência e estudo para freqüentarem *cursos verdadeiramente* superiores. E barricadas uma vez assim as Universidades, fácil será então guiar, ainda que vencendo relutâncias rotineiras, para às escolas profissionais e técnicas grande número de estudantes condenados, até hoje a seguirem estudos em Lisboa, Pôrto ou Coimbra, para depois, um dia, falhados na luta da vida, recorrerem à política partidária, rica de benesses e de facilidades duvidosas.

*

Todo o ensino precisa de ser remodelado em novas bases. A última reforma, decretada já pelo actual govêrno, falhou. Talvez porque desde início houve a preocupação de que ela entrasse em vigor no ano lectivo corrente, nem foi suficientemente pensada nem suficientemente estudada, e mais e peor, não é nacional. A reforma a fazer tem de ser de conjunto.

Não pode ser decretada a reforma do ensino universitário e do ensino secundário sem se reformar, ao mesmo tempo, a instrução primária. Esta, que deve ser obrigatória — obrigatoriedade ligada e combinada com a duração do serviço militar — a par dos conhecimentos fundamentais do sistema métrico, deve ter em vista, excepção de Lisboa e Pôrto, um fim essencialmente agrícola e regional. É preciso que os rapazes das aldeias, que são a grande massa das escolas primárias e não seguem estudos, aprendam rudimentos de lavoura moderna e de zootécnia, por forma a estimulá-los, a que mais não seja a fugirem da rotina em que se vai definhando dia a dia a agricultura nacional. Êles não aprenderão, é certo, o bastante para serem lavradores (função inerente às escolas profissionais), mas ficarão sabendo que não basta, hoje em dia, uma junta de bois e um arado, e meia dúzia de palmos de terra, para se cultivar e produzir.

Compreenderão a necessidade de conhecer a constituição física do solo por análises de laboratório e, sobretudo, por experiências culturais; do valor dos adubos químicos e das máquinas modernas, produtoras do trabalho rápido; e conhecerão ainda das vantagens das vacinas e da selecção das castas, e das condições higiénicas e de alimentação em que os animais precisam de viver.

Nacionalize-se então a par disto o ensino secundário, para dêle se tirar o máximo rendimento e proveito. Conserve-se o ensino das línguas vivas, no espírito da reforma actual, e crie-se uma cadeira de história, exclusiva e scientificamente portuguesa, com aspecto bem diferente daquele que tem tido até hoje, simples enumeração de factos e datas, milagrosamente caídas do Céu aos trambolhões.

Estude-se, a sério, a figura genial de Luís de Camões na cadeira de literatura, mas deixe-se o estudo do Poema para a cadeira de história e geografia, que o século XVI, para ser *portuguêsmente* compreendido e sentido, tem de ser acompanhado a par e passo com a leitura dos *Lusíadas* — ¡repositório máximo de conhecimentos scientíficos, históricos e geográficos duma época e dum povo! O que se tem feito até hoje, neste ponto, é trágico e triste. ¡Professores e alunos passam horas e horas a analisar *gramaticalmente* o Poema e, peor ainda, a transporem para prosa de preto as instâncias admiráveis! É uma vergonha e uma prova de mau gôsto e de falta de sensibilidade a que urge pôr côbro, ainda que mais não seja por respeito à memória do Poeta admirável.

O Dr. Alfredo de Magalhães, por certo, como homem, me dará razão, e como ministro não esquecerá que num curso de cultura geral, embora reduzido, como é ou deve ser o curso dos liceus, a falta de ensino artístico é imperdoável. ¡Quebrem-se os velhos gessos de ornato, de fôlhas e folhinhas, que nada valem e nada representam e são a tortura dos pobres rapazes, mas ensine-se, pelo menos, os rudimentos indispensáveis de história d'arte portuguesa, para que não continue acontecer, como até hoje, da maioria dos rapazes, em matéria d'arte, não irem além do já estafado «manuelino!»

Reduza-se a cinco anos o curso dos liceus para as escolas técnicas e a três anos para as escolas profissionais, e crie-se, como complemento, o curso de sciências e letras e de preparatórios para entrada nas Universidades daqueles que, nestes cinco anos, revelem, de facto, capacidade de inteligência e de trabalho. E porque as Universidades devem, acima de tudo, ser centros de cultura geral, se o sr. Ministro pudesse fazer o *milagre* (que não pode) de voltar à antiga fórmula — uma só Universidade, em Coimbra — o problema resolver-se ia automáticamente. Em Lisboa e Pôrto não há, nem pode haver, camaradaria possível entre as diferentes Faculdades, e na hora que passa, febril e complexa, que não é dos eruditos mas dos homens cultos, se muito se aprende estudando, muito se fica ignorando por falta de tempo. Ouvindo-se e vendo-se aprende-se *a brincar*. Intercâmbio universitário, missões de estudo, museus.... ¿Quanto por fazer e quantos problemas fundamentais a estudar e resolver, Sr. Ministro da Instrução?

MANUEL DE FIGUEIREDO.

O SENHOR D. JOÃO DE LIMA VIDAL

ARCEBISPO-BISPO DE VILA REAL

O Senhor D. João de Lima Vidal, arcebispo--bispo de Vila Real, é hoje uma das mais belas e nobres figuras do episcopado português.

Só pelo progressivo e ininterrompido reconhecimento e insistência de suas virtudes e talentos, subindo de mal amparada condição da mocidade às mais elevadas dignidades eclesiásticas, em tôda a conjuntura, adversa ou próspera, guardou intactos os tesouros de modéstia com que Deus lhe abençoou e realçou o entendimento e o coração. Foram os cargos que por interêsse do seu bom exercício e lustre o procuraram; não foi êle que por alvorôço de vaidade ou orgulho se moveu em busca de mando e honrarias.

De forma que onde esteve ou passou, a autoridade duplicou-se-lhe; àquela que por direito e ordem natural das coisas pertencia ao lugar que ocupa, acrescentou-se, sobrepujando-a, aquela muito singular e robusta que lhe vem da isenção com que os seus cargos aceitou e serve. Mal o encontramos, de pronto se nos manifesta insistentemente qualquer coisa menos vulgar e estranha que aparta do comum dos sacerdotes o ilustre prelado e nos obriga a considerar reflectidamente a sua fisionomia particular, juntamente nos ajudando a definir o carácter do espírito que essa fisionomia exprime.

De todo ignorando o mais pequeno impulso de ostentação, espontâneamente precavido contra as tentações ordinárias do homem culto e os seus desejos de cativar e avassalar pela agudeza da inteligência, pelo pêso do saber, pela vivacidade e graça da eloqüência ou ainda pela sobranceria de sua posição, tem o Senhor Arcebispo-Bispo de Vila Real o feliz condão de nos patentear as suas virtudes fundamentais, exactamente pelo modo de ser que mais próprio pareceria para as ocultar ou moderar. E perante a sua descuidada reserva, a primeira virtude que nos acharíamos inclinados a atribuir-lhe seria uma sensata discrição, se um pressentimento, acudindo imediatamente a avisar-nos, não nos dissesse que em tal recato haverá mais do que a simples prudência dos cautelosos, e o que ali impera e imprime as feições que nos cativam, é uma consciência delicada, o temor de errar e aquela espécie de reflexão conseqüente que não permite afirmações peremptórias e precipitadas, seja no que fôr.

O SENHOR D. JOÃO DE LIMA VIDAL
Arcebispo-Bispo de Vila Real

Educado em Roma, onde ainda moço deu excelente conta dos seus méritos e se proveu amplamente de um sólido saber e de uma disciplina rigorosa para as longas e árduas jornadas que o esperavam; professor do Seminário de Coimbra e cónego da Sé daquela diocese, logo que de Roma voltou à pátria; depois, bispo de Angola, e aí, com uma actividade infatigável e sem temor dos perigos a que o apostolado o sujeitava, de contínuo percorrendo o sertão em visitas pastorais, das quais guardou lembrança proveitosa em o livro que intitulou *Por Terras de Angola;* depois ainda, bispo demissionário e a essa situação levado, muito espontâneamente, pelos escrúpulos de dignidade que perante as primeiras leis de separação da Igreja e do Estado decretadas pela República o fizeram preferir a situações equívocas a clara e absoluta destituição de todos os seus cargos e réditos, e assim, por sua honra e firme vontade, em um rápido instante precipitado dos degraus da cadeira prelatícia no humilíssimo chão de um simples sacerdote da Igreja Católica; em seguida, eleito arcebispo de Mitilene pela Cúria romana e nessa qualidade chamado a coadjuvar em seu ministério o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa; por fim, bispo da diocese de Vila Real, que agora pastoreia, e pelo seu rebanho acolhido na atmosfera de prestígio e carinho em que êle o envolve e por tantos títulos lhe é devida: — não é sem um vigoroso temperamento de excepção, animado e fortalecido por dotes verdadeiramente peregrinos, que em tão curtos anos se perfaz semelhante trajecto e tão brilhante.

*

Todavia, êste homem de uma bondade fundamental inalterável e de um desprendimento congénito, que nem as riquezas nem as dignidades tentam ou perturbam, êste homem que apenas procura zelar a sua fidelidade à religião que professa, tão avêsso a elevar a voz como cuidadoso em não magoar ou sequer contrariar o próximo, êste homem que ao primeiro aspecto mais pareceria destinado a ser mandado que a mandar, tão completamente carecido de energia dominadora se mostra aos olhos menos penetrantes, é êste mesmo que por feliz experiência se tem revelado tão pouco propenso a ímpetos de imposição da sua autoridade como afinal seguro na arte de governar.

É que, na realidade, haverá muitos modos de governar e muitas interpretações das necessidades e aspirações e feitos de semelhantes tarefas. Governa-se pela coacção e pela dureza, pelo velho *sic voleo, sic jubeo,* intratável e rebelde a tôda a consideração de indulgência ou moderação; governa-se pela ameaça e facilidade de castigar e pelas privações e humilhações violentas; governa-se pela superioridade orgulhosa que se manifesta desdenhando e oprimindo e vexando: e, assim, por êstes modos se alcançam obediências tôdas externas, sempre à espreita da hora afortunada que as liberte do jugo tolerado contra vontade e a custo, aceito apenas interessadamente, pela baixeza de guardar intactas e acrescentar

as comodidades míseras da vida, e para êsse efeito fabricando anchamente e sem pudor a impostura, a lisonja e a hipocrisia, tôda a casta de mentira.

E governa-se também pela expansão natural da nobreza moral, pela simpatia e contágio das suas seduções, pela descuidada presença subtil e ingénua da pureza e fortaleza do nosso ânimo, só por sua silenciosa emanação flagelando e vencendo a debilidade e o êrro e o desvairamento e a degradação, onde por fatalidade e desgraça se nos depare. E esta espécie de govêrno gera a obediência do coração e a sinceridade e a modéstia e a emenda, como uma precipitação espontânea na virtude, certamente aquilo que em linguagem religiosa se chama acto de contricção e penitência, que afinal partindo da dôr se converte em doçura e bálsamo, e apaga a culpa e desvanece a nódoa, à semelhança do que acontece com o enfêrmo que após o sofrimento da aplicação mordaz do cautério sente o refrigério da purificação que êle operou.

A qual destas espécies de govêrno pertence o que o Senhor D. João de Lima Vidal adoptou e exerce na sua diocese, não por cálculo ou razão e prudência mas unicamente por candura, por instâncias da compleição irredutível do seu espírito, di-lo o amor e a veneração incessantemente e por muitos modos demonstrada dos seus diocesanos, e a suavidade contente com que é obedecido por quantos o seu báculo guia, miraculosamente fazendo da brandura a maior fôrça.

Um grande e belo carácter, por onde passa e onde está dissemina um carácter; e o melhor e o mais vigoroso e mais fecundo da missão apostólica a que o Senhor Arcebispo-Bispo de Vila Real consagrou exaltamente a sua vida, é a irradiação e propagação constante das suas elevadas qualidades, só pelo exemplo inspirando e suscitando a rectidão alheia e sobrelevando a tôda e qualquer instigação de conselho ou mandado.

Êsse é o segrêdo da sua fôrça.

JAIME DE MAGALHÃES LIMA.

EM VILA REAL

UMA OBRA BENEMÉRITA

FUNDADA em 1923, por iniciativa do virtuoso e caritativo antístite vilarealense, Ex.mo Sr. D. João Evangelista de Lima Vidal, a *Sopa dos Pobres* é já uma das instituições humanitárias de mais vasto alcance social que conta a capital de Trás-os-Montes. Alcance social, sem dúvida, porque minora a miséria em larga escala, socorrendo os indigentes, enfermos e pobres envergonhados; mas religioso também, por ensinar aos infelizes que a Religião, juntamente com o pão do espírito, lhes proporciona igualmente o alimento corporal por meio da divina caridade, incarnada nessas senhoras generosas e bondosíssimas, que não só organizam festas mas andam esmolando de porta em porta, e por todos os lugares públicos, donativos para socorrer os seus protegidos.

Para se avaliar dos resultados dessa obra bemfazeja, basta dizer que, tendo fechado o balanço de 1923-1924 com a receita de Esc. 12:349$75, a do balanço de 1924-25 elevou-se a Esc. 17:729$67, ficando um saldo para o ano seguinte de Esc. 4:313$01. Êste facto é de-veras notável, por se tratar duma povoação relativamente pequena e de escassos recursos, demonstrando a prodigiosa actividade e o sublime espírito de sacrifício das ilustres e beneméritas senhoras que desempenham essa pesada mas misericordiosa missão.

Sabemos que por outras cidades e vilas do Norte há instituições semelhantes. Dar-lhes impulso e incentivo, apontá-las como exemplo às povoações onde não existem ainda, é, em nossa opinião, um dever de humanidade. É essa a razão porque publicamos um grupo das caritativas damas que constituem a comissão administradora da *Sopa dos Pobres* de Vila Real, e com muito prazer prestaremos a outras idêntica homenagem, sempre que se nos proporcione ensejo de o fazer.

Cliché foto. de Alberto Meira

COMISSÃO ADMINISTRADORA DA *SOPA DOS POBRES*, DE VILA REAL

As retratadas, senhoras da melhor sociedade de Vila Real, são, da esquerda para a direita: D. Aurélia Maria Ferreira Mendes, 1.a secretária; D. Maria de Lourdes de Mendonça Amaral, vice-presidenta; D. Alcina Monteiro, presidenta; D. Maria Maximiana Antunes de Mesquita e Oliveira, tesoureira; D. Helena Queriol Macieira Moreira de Carvalho, 2.a secretária.

D. Carlos Pereyra

AMIGOS DE PORTUGAL

D. CARLOS PEREYRA

Antigo ministro de Estado do México e seu ministro plenipotenciário na Europa, professor úniversitário e historiador eminente.

Especialista na história da colonização da América, realizou nesse campo tôda uma renovação dos pontos de vista críticos, salientando valores esquecidos e propondo interpretações mais justas do prodigioso esfôrço colonizador dos povos peninsulares. As suas obras *Historia de America Española, La Conquista de las Rutas Oceanicas* e *La Obra de España en America* tiveram um êxito mundial. Nelas se fala também do nosso país e do Brasil com a mais sólida sciência e a mais compreensiva simpatia.

D. Carlos Pereyra não é um desconhecido no Pôrto. Conta mesmo aqui admiradores e amigos, bem lembrados da sua notável conferência sôbre *Monardes e a botânica médica do século XVI*, na nossa Faculdade de Medicina.

ROTEIRO BIBLIOGRAPHICO

SONETOS DE NÉVOA

POR *MANUEL DE MOURA*

«Compostos em outonos passados», diz o autor apendiculando o título, nostálgico e vaporoso, dêste seu último trabalho poético. E é certo que Manuel de Moura, cuja bagagem literária se não pode considerar escassa nem desvaliosa, não enfileira já na ala dos novos cultores das letras. Passou-lhe a época das ilusões, foi-se esmerilhando, ao atrito do tempo, o entusiasmo da juventude, e de facto o outono começa a aloirar-lhe os cabelos com a poalha doirada dos seus frios desenganos. Mas está longe de ser um velho, como aquela anotação faz supôr. Outonos? Ainda não. Conserva-se apenas à entrada da estação merencória e sombria, podendo o sol erguer-se ainda muitas vezes no horizonte, e inundar de luz e calor a terra erma e desolada, mas sempre fecunda, antes que se aproxime a noite aniquiladora, e porventura apaziguante, do inverno.

Porque um poeta nunca envelhece, nunca se lhe resfria o coração, nunca a fantasia deixa de arder na pira sagrada e transformadora dos sonhos e das quimeras. E Manuel de Moura é, na verdade, um poeta. Está feita a prova em obras anteriores, com que vem, pobre de exibicionismos como foi sempre, enriquecendo a literatura portuguesa há tantos anos. E, se outro documento dêste facto não houvesse, bastaria, para formar convicção, apreciar a frescura, a suavidade, a inspiração, o encantamento da forma e a profundeza da concepção que se revelam nos admiráveis sonetos arquivados nêste precioso volume.

Dizer que tais sonetos são correctos, mètricamente perfeitos, embrechados numa linguagem sempre nobre e elegante, embora, aparentemente, duma simplicidade notável, seria redundância escusada para quem já conhece a obra do vate. Mas é justo anotar, porque nem todos muitas vezes o observam, que êste poeta, como todos os bons poetas, não conhece escolas, não se subordina a sistemas, não se estratifica numa determinada época. Escreve apenas o que lhe dita o coração, numa forma que todos os olhos, em todos os tempos, fàcilmente podem admirar e compreender.

Não é preciso destacar nenhum dos sonetos, embora numa obra dêste género haja sempre alguns mais perfeitos que outros. Como o leitor, porém, se não contenta com afirmações, não resistimos à tentação de reproduzir um dêles, precisamente o que nada tem de sentimental, o que se inspira na crueza rude dos factos, o que, para mal de todos nós, se poderá talvez chamar um soneto realista:

HORA AMARGA

Quem somos? Um troféu todo pedaços...
Que lei nos rege? A do menor esfôrço.
Moles, incultos, hesitantes, baços,
vemos todos e tudo só de escorço.

Que ideal nos guia? Um fumo nos espaços...
Não temos alma: temos ventre e dorso.
E, se vamos ao mar, rêmos e braços
ainda os move o ardor do antigo côrso.

Aquela raça forte e generosa
que teve, outrora, coração de rosa
e peito de aço, resoluta e bela,

agora ri-se imbecilmente, vendo
mendigos, juntos com os cães, comendo
na mesma negra, misera escudela!

Vejam lá se não é um quadro perfeito da desoladora vida portuguesa do nosso tempo.

* * *

DUAS CONFERÊNCIAS

POR *LUÍS ANTÓNIO RODRIGUES LOBO*

Trata-se dum pequeno opúsculo em que o nosso amigo, sr. dr. Luís António Rodrigues Lobo, distinto médico escolar do Liceu Rodrigues de Freitas, reuniu duas conferências feitas perante os alunos daquele estabelecimento de ensino. O título delas — *Educação física através dos tempos* e *A Metereologia dos Lusíadas* — indica nitidamente o assunto dos dois trabalhos, versado com conhecimento de causa, numa linguagem fluente, clara e apropriada, e concisamente, para não fatigar os cérebros dos jóvens ouvintes e ledores.

As palavras patrióticas que terminam a segunda conferência, e que vamos reproduzir, são a demonstração evidente dos intuitos que nortearam o autor:

«Moços que me ouvis, jóvens que ainda vos embalais com ilusões, rapazes que aspirais a altos destinos, gravai no vosso espírito aquelas modestíssimas palavras do grande épico: *honesto estudo*. Transformai-as no lema da vossa vida: *honra* e *trabalho*, modelando por êle o vosso carácter e o vosso valor, pois que a honra far-vos há merecer o conceito público, pelo cumprimento do dever e a prática das boas acções; o trabalho tornar-vos há uma riqueza de vós mesmos, bem como uma riqueza da terra onde ecoaram os vossos primeiros vagidos, onde balbuciastes as primeiras palavras e os primeiros passos destes; terra onde o céu parece mais azul, mais mavioso o gorgeio das aves e mais suave o aroma das flores; terra que não há outra como esta, tam linda e tam formosa, oh! pátria amada!»

S. M.

Pedro Guedes

PEDRO GUEDES

É o nome dum dos mais distintos desenhadores da capital. Apresentou-se ao concurso para a nova estampilha postal do correio, obtendo o primeiro prémio em concorrência com outros artistas de renome. Do valor do seu trabalho fala com eloqüência a importância do júri que o apreciou, composto de competências especializadas dos correios e da Casa da Moeda, e dos grandes Mestres de Arte — Columbano e Veloso Salgado. O desenho escolhido e premiado tem não só apreciáveis qualidades técnicas, mas dispõe de visibilidade, arejamento e legibilidade, requisitos que a moderna sciência publicitária exige em tôdas as obras que se destinam ao grande público.

SÊLO PREMIADO DE PEDRO GUEDES

EX-LIBRIS PORTUGUESES

IV *(Continuado do n.º 8)*

REPRODUÇÕES

8

ANÍBAL RÊGO DE VILAS-BOAS NETO

(PORTO)

Ex-libris — geral — individual — gravado (zincografia) — simbólico.

Desenho de Amoroso Lopes.

Impressão a vermelho em papel *couché.*

Composição: um coração belamente estilizado, como símbolo da *Vida.*

Circundando o desenho, as palavras de Juvenal *(Sátiras* — IV — 91) «*Vitam impendere vero*», que João Jacques Rousseau usou como divisa.

*

Médico distinto, é o Dr. Vilas-Boas Neto assistente de dermatologia e sifiligrafia na Faculdade de Medicina da Universidade do Pôrto.

Amador de bons livros, inteligente e trabalhador, já tem publicados dois estudos: *O Liquen como primeira manifestação da heredo-sifilis* e *Tinha da barba.* O primeiro dêstes estudos foi apresentado como tese no Congresso luso-espanhol, e traduzido em castelhano nos *Arquivos Dermo-sifiligráficos,* onde veio publicado.

*

Ex-libris inédito, reproduzido por exemplar da nossa colecção.

9

FRANCISCO MARTINS CARDOSO

(FIGUEIRA DA FOZ)

Ex-libris — geral — individual — gravado (zincografia) — simbólico.

Desenho de M. Cardoso Marta.

Impressão a azul escuro; há uma tiragem, supomos que a mais moderna, que é em azul claro.

Composição: um ramo de cardos, alusivos ao apelido *Cardoso,* presos por uma fita, que se desenrola envolvendo-os, e onde está escrito, o nome, a data e a expressão «*ex-libris*».

*

Martins Cardoso é empregado superior da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses da Beira Alta, e conservador da Biblioteca Pública Municipal da Figueira da Foz, de que foi fundador, juntamente com Pedro Fernandes Tomás (irmão do bibliógrafo Aníbal Fernandes Tomás) e M. Cardoso Marta.

Tem esta Biblioteca uma pequena mas boa colecção de *ex-libris.*

*

Ex-libris inédito, reproduzido por exemplar da nossa colecção.

* * *

EXPEDIENTE

Para facilitar a permuta e contribuir de alguma maneira para o desenvolvimento e gôsto pelos *ex-libris,* resolvemos dar nêste número uma relação de nomes dos coleccionadores, que de momento conhecemos.

Sempre que tivermos notícia de mais algum, indicá-lo hemos.

Albino Forjaz de Sampaio — Ac. das Sciências — Lisboa.
Alfredo de Kennedy-Falcão — Mealhada.
Armando Joaquim Tavares — Calçada do Combro — Lisboa.
Biblioteca Municipal de Coimbra.
Dr. Carlos de Passos — Probem — Ponte do Lima.
Henrique de C. Ferreira Lima — R. Amoreiras — Lisboa.
Jaime Augusto de Moura — R. da Indústria, 38 — Lisboa.
João Eduardo de Brito e Cunha — Quinta do Verdinho — Gaia — Pôrto.
João Jardim de Vilhena — Rua Castilho, 15 — Lisboa.
João Vilanova V. Correia de Barros — Vidigueira.
Dr. José Salinas Calado — Figueira da Foz.
Dr. Júlio de Melo Ferrari — Caldas da Rainha.
Luís Carlos Guedes Derouet — Imprensa Nacional — Lisboa.
Manuel Cardoso Marta — Lisboa.
Dr.ª Maria Carolina Ramos — Lisboa.
Dr. Mario Braga — Lourinhã.
Matias Rodrigues de Araújo Lima — Rua Alexandre Herculano — Pôrto.
Dr. Manuel Mascarenhas Gaivão — R. da Ilha — Coimbra.
Manuel Mesquita Santos — Rua Cândido dos Reis, 5 — Figueira da Foz.
Manuel dos Santos — Largo do Calhariz — Lisboa.
D. Tomás de Melo Breiner — R. dos Bemcasados — Lisboa.
M.me Trindade Coelho — Av. da Liberdade, 21 — Lisboa.
Rui de Serpa Pinto — Rua de Malmerendas — Pôrto.
Visconde de Sacavém — R. Sacramento, à Lapa — Lisboa.

S. João da Foz — 1926.

ARMANDO DE MATTOS.

Cliché foto. de J. Goulart

TERRAMOTO DO FAIAL — Estado em que ficou uma rua na fréguesia dos Flamengos

Cliché foto. de J. Goulart

A igreja da Conceição antes do terramoto

DUAS CATÁSTROFES

TANTOS foram os prejuízos e vítimas que a fúria dos elementos e as fôrças ocultas da natureza produziram, durante o ano de 1926, em diversos países, mòrmente na América e no Japão, que nos devemos julgar felizes, nós os portugueses, por apenas termos quási a lamentar os efeitos desastrosos duma sêca prolongada.

Houve, contudo, em nossas possessões ultramarinas, duas verdadeiras catástrofes, çuja recordação ainda hoje nos punge: o terramoto do Faial em 31 de Agosto, e o tufão da Madeira em 15 de Dezembro do ano findo. Foram não só importantíssimos os estragos materiais, como desapareceram também vidas humanas, morrendo no Funchal alguns rapazes estimados naquela cidade, os quais heróica e abnegadamente sacrificaram a vida própria em salvação da alheia.

Citaremos, entre outros, os nomes de Humberto Passos de Freitas, José da Cruz, Joaquim da Mota e Artur de Abreu, todos atletas ou jogadores de *foot-ball*, muito conhecidos no meio desportivo português.

A *Ilustração Moderna* regista nas suas páginas alguns dos mais emocionantes aspectos das duas horrorosas catástrofes.

Cliché foto. de J. Goulart

TERRAMOTO DO FAIAL — As ruinas da igreja da Conceição — Outra igreja destruida

Cliché foto. de Perestrellos

NO FUNCHAL — Efeitos do tufão na rua da Alfândega

NO FUNCHAL — O cais inundado e devastado pelas águas

NO FUNCHAL O *Phiralia*, cuja naufrágio causou a morte do seu proprietario, Humberto Passos de Freitas, duma senhora inglesa e de cinco tripulantes

Clichés fotos. de Perestrellos

NO FUNCHAL — Espectáculo de desolação e ruina que oferecia a entrada da cidade

ILUSTRAÇÃO MODERNA

PUBLICAÇÃO MENSAL — EDITOR-DIRECTOR — MARQUES ABREU

2.º ANO — PORTO - FEVEREIRO — 1927 — NÚMERO 10

Imprensa das Oficinas de Fotogravura de Marques Abreu — Avenida Rodrigues de Freitas, 310 — PORTO

JOÃO AUGUSTO RIBEIRO — «MAÇÃS»

JOÃO AUGUSTO RIBEIRO

A individualidade artística do ilustre pintor voltou a afirmar-se, mais uma vez, poderosamente; e os que admiraram os seus quadros no Salão Silva Pôrto puderam ver confirmados juízos, há muito assentes, acêrca da sua obra e da sua personalidade.

João Augusto Ribeiro não se fêz pintor por uma deliberação precipitada e momentânea. Antes disso, criou um nome eminente no professorado, adquiriu vastas noções em todos os ramos do saber, não sendo um hóspede nem nas sciências naturais, nem nas matemáticas. Inclinado à arte por um dominador impulso de atavismo, durante anos parecia desconhecer a necessidade moral que o levava a abraçar uma carreira, que em breve teria de ser para êle gloriosa.

Se procurarmos bem os motivos determinantes dêste facto, encontrámo-los, claramente evidenciados, nas indecisões do seu temperamento, porventura na falta de confiança no seu valor pessoal ou ainda na obediência a um critério honesto, que o forçava a não levar por diante uma obra qualquer, sem estudar prèviamente os processos técnicos da arte e os meios possíveis de lhe dar efectividade. Isto retardou talvez um pouco o seu aparecimento em exposições colectivas de artistas, e fêz com que, em vez duma obra complexa, forte de ideias, sentimentos e uma vasta dramatização, resultassem telas episódicas, resumos breves de paisagens, entrevistas amorosamente num repouso de férias, e sobretudo retratos de amigos, cuja fisionomia lhe era familiar, e que êle fixava magistralmente, com um raro poder de desenho, que faz, ainda hoje, a sua maior glória de pintor.

JOÃO AUGUSTO RIBEIRO — «FUMADOR»
Da colecção do Sr. Vasco Ortigão de Sampaio

Em João Augusto Ribeiro é fácil fixar as linhas definidoras de uma arte séria e consistente. O seu pincel compraz-se especialmente na reprodução fiel das máscaras humanas; e é duma exactidão objectiva que surpreende, dum poder visual rigoroso, duma notação pormenorizada e duma fidelidade profundamente minuciosa.

A sua habitual observação da vida humana não pressupõe, em regra, dramas convulsos da consciência, nem se prende às curiosidades morais que, por vezes, revelam inteiramente o homem interior. O seu processo faz dos retratos que executa modelos de análise acabada de exteriorização fisionómica, e constitui, dentro do seu escrúpulo estético, uma singular e conscienciosa revelação.

É um desenhador poderoso e tenaz que não pede à imaginação que o guie, mas deseja apenas, dentro

Cliché da Fotografia Medina

JOÃO AUGUSTO RIBEIRO

JOÃO AUGUSTO RIBEIRO — «AGRICULTOR»

da expressão tradicional de um processo honesto de pintar, exprimir o que vê, com precisão e minúcia.

Os artistas do seu feitio moral não guardam geralmente da herança romântica senão a elegância estética das figuras e o arranjo conveniente das scenas idealizadas, porque a sua índole máscula prende-se mais ao naturalismo rigoroso do que à fantasia inventiva. Em todo o caso, eu creio que João Augusto Ribeiro, com todo o seu extraordinário valor, não pôde realizar ainda uma obra nas condições que o seu nobre talento exigiria. Sendo forçado a trabalhar em condições precárias de luz, utilizando modelos, a que êle tem de fazer usurpar situações e dando-lhes características próprias, conforme as exigências dos seus quadros, resulta necessàriamente que a sua galeria se restringe, e que a variedade da sua obra tem de ser condicionada pelos recursos e as possibilidades ao seu alcance. Isto limita certamente um pouco o âmbito da sua acção como artista categorizado e impede-o de afirmar o seu temperamento na mais larga e franca plenitude.

Veja-se, em todo o caso, como o admirável artista, nas precárias condições em que executa o seu trabalho, consegue pôr um perfeito rigor de observação e carácter nas suas figuras, movimentar scenas, tracejar excelentes retratos e resumir a expressão de certos aspectos da paisagem do norte de Portugal, em breves e indicadoras notas carinhosas.

João Augusto Ribeiro tem pintado imenso; e, se tem podido orientar, desde começo, noutro caminho mais desafogado, a sua nobre tarefa pictural, com a segurança do seu saber e a exactidão escrupulosa, que é reveladora de uma grande consciência de artista, vê-lo-íamos, talvez, ter tentado, em mais larga escala, o quadro de género, que me parece muito próprio do seu temperamento, procurando ainda nas composições históricas o desafôgo de uma cultura geral, que não é vulgar entre artistas.

Na exposição, há pouco encerrada, é ainda o retrato que preferentemente domina, por circunstâncias especiais, até mesmo da vida moral do pintor. São as fisionomias dos seus melhores amigos que êle procura fixar, nas atitudes e *poses* mais singelas. Até algumas das figuras mais típicas dos seus quadros, como camponeses adustos, velhos decrépitos ou graciosas e frescas raparigas, aparecendo, em certas das suas telas, desprendidas de outros elementos, que alarguem ou justifiquem uma scena rural, são, na realidade, retratos, embora a intenção do pintor tenha sido mèramente de carácter pitoresco.

JOÃO AUGUSTO RIBEIRO — «RECORDAÇÃO»

Raras vezes, o artista procurará o efeito decorativo, a opulência do scenário envolvente, os tecidos e os mobiliários de preço, compondo interiores graciosos, em que as figuras surjam para dar expressão humana à dramatização muda das coisas. Mas nesses retratos, que são animadas e vivas comunicações do pintor com os seus modelos, a justeza do desenho e a exactidão da côr são apenas um pretexto excelente de exteriorização carinhosa. Sente-se nessas figuras a rebusca obstinada de quem não deseja furtar-se à obrigação moral de ser exacto.

Debaixo dêste ponto de vista, havia um trabalho na exposição verdadeiramente admirável: o retrato do sr. dr. Couto Soares. A figura emerge, modelada com sóbria e dominadora naturalidade; há elegância e distinção na sua factura simples e minuciosa, e o olhar foi tão fielmente surpreendido, que a própria miopia do ilustre homem de sciência se acentua quebradamente, por detrás da transparência nítida dos cristais.

Até o tratamento delicado das mãos acusa qualidades de observação extrêma. Nesse retrato, só a nota azulada da cadeira marca porventura uma leve discordância cromática com a harmonia geral da tonalidade.

Êsse trabalho suportaria, sem receio, qualquer confronto com os melhores que habitualmente aparecem nos certâmens estrangeiros. É uma obra-prima de modelação, de semelhança e de nobreza pictural, efectuada pelos processos de uma técnica quási académica, à fôrça de escrúpulo minucioso.

Nos restantes quadros expostos, ou seja a reprodução de tipos rústicos, deixando entrever a face mais tranqüila do drama rural, ou a graça fugitiva da paisagem, o artista mostra-se por completo desprendido de intenções, que não sejam as de realizar, com exactidão e rigor, uma obra acabada e técnicamente perfeita.

JOAQUIM COSTA.

JOÃO AUGUSTO RIBEIRO — «CAMINHO»

JOÃO AUGUSTO RIBEIRO — «A MEDIDA»

JOÃO AUGUSTO RIBEIRO — « CHAPÉU ROTO »

ROTEIRO BIBLIOGRAPHICO

A LEALDADE D'UMA RAINHA PORTUGUEZA

POR *A. A. MENDES CORREIA*

N'ESTE folheto, que deseja servir de remate á polemica travada sobre a lealdade de D. Catharina d'Austria, apreciam-se e refutam-se os juizos dos *Erros de Historia,* do Dr. Souza Guimarães.

Na contestação não perde seu author a justa serenidade nem o sensato criterio requerido pelo caso. Por isso e porque, na verdade, a explanação de suas opiniões é bem cimentada e deduzida, firma-se claramente sua vantagem sobre as ideias antagonicas, a qual, com lustre, poderia ser subscripta por qualquer dos nossos illustres historiographos.

É deveras singular, effectivamente, o livro *Erros de Historia,* quer pela linguagem quer por suas theorias! A par que advoga isenção plena e inteira serenidade, usa expressões d'este quilate: férulas dos filhos de Santo Ignacio, dynastias de cretinos e doidos *et j'en passe.*

Declara não oppugnar nem doutrinas nem dogmas nem principios e, com braveza e fogosidade estarrecedoras, arremete contra tudo e tudo reduz a menosprezivel poeirada, mercê de seu poder mental semcerimoniosamente infallivel e omnisciente. Das suas theorias não deixa de ser curiosa a que refuta a obrigação de obtemperar-se ao espirito das epochas para ajuizamento das personalidades e ideias passadas. Aonde se iria parar com tam bizarro processo!

Mesmo com o ajudadoiro dos elementos prestados pelo Dr. Queiroz Velloso, conspicuo *dilettante* das sciencias historicas, não se póde acceitar á boamente a impetuosa opinião do Dr. Souza Guimarães. O caso é, positivamente, muito complexo e grave e todos os seus elementos de prova, embora importantes, não a estabelecem com a positividade requerida. Na contradita, feita com cuidoso exame do assumpto e empenho em resolvê-lo sãmente, sem preciosismos, longe de faceis e pessoaes gloriolas, o que cumpre registar e louvar, o Dr. Mendes Correia não annula, por certo, a dialectica habil do seu antagonista, mas, sem duvida abala-a devéras. Repito: o caso é grave e complexo; por isso, só com lealdade e lucidez póde ser tratado, sem interpretações forçadas, sem desvios do rigoroso sentido diplomatico, longe de deduções sinuosas e de paraphrases escusadas.

* * *

ESTUDOS DE REGIONALISMO

POR *TITO DE SOUZA LARCHER*

MOMENTOSO é, sem duvida, o assumpto d'este trabalho, uma vez que, por causa da organisação da desequilibrada vida social-economica do paiz, se pleiteia o valor do velho municipalismo — fonte da potencia do povo portucalense.

N'elle, trata o author da divisão provincial, sobretudo da zona do centro, e com larga erudição desdobra um completo conspecto historico d'essa materia, desde as suas primeiras fórmas até aos trabalhos de Barros Gomes, importantissimos, e do Dr. Silva Telles. É obvio, pois, o seu interesse e merecimento.

Tal tarefa realisou-a Souza Larcher para base da sua these sobre a divisão administrativa que melhor convem ao paiz, a qual devia ser apresentada ao projectado Congresso Municipalista.

O author rejeita n'ella a utilidade actual do municipalismo, cujas virtudes fossilisaram, e contesta a realidade tradicional da delimitação administrativa, do que discordamos, pois, apezar das suas fórmas e limites irregulares durante os primeiros seculos da nacionalidade, certo é que actuou de modo constante e vantajoso no desenvolvimento do paiz.

Não é só, portanto, curiosa esta monographia; é tambem util. E, atravez das divergencias que póde suggerir, constitue um excellente subsidio para a escassa bibliographia da materia focada.

CARLOS DE PASSOS.

ÊLE PASSOU

DE *HELENA VACARESCO*

Êle passou... e eu não fiz nada
Para prender-lhe o coração;
Mas... eu andava junto à estrada
Colhendo as rosas da estação.

Falou-me: Eu sei que não devia
Na sua voz prender-me assim;
Mas... no horizonte o sol rompia
E a luz doirava o meu jardim.

Amou-me. Em vão tentei a luta
De ser mais tarda na afeição;
Mas... ¿quando um seio amante escuta...
Quem é que cala o coração?

Partiu. Agora eu bem queria
Poder deixar de o amar assim;
Mas... ¿como ter ainda alegria
Não o tendo mais ao pé de mim?

ALVARO DE CASTELÕES.

ZULOAGA

(Continuado do numero 9)

IV

O *atelier* de Zumaia tem a fisionomia grave das casas capitulares de certos conventos.

Encostados às paredes, quadros e quadros. Tôdas as telas estão do avêsso.

¡Penso no escrúpulo, já lendário, com que o Pintor veda ao público uma grande parte do seu trabalho! E êle próprio me fala do cuidado com que reserva os seus quadros.

Mas em breve começa a mover as telas: trabalho em que tenho de o auxiliar, pois algumas são enormes, mascarando as paredes a tôda a altura.

ZULOAGA — «RETRATO DA SENHORA CONDESSA DE NOAILLES»

La Mariposa é a primeira que mostra: outra *Maja* a juntar à de Goya. Seguem-se-lhe *A Mulher da Mantilha* e outros trabalhos de nu, em que se vê o prodigioso desenhista que é aquém do Pintor; o sentido que tem da eloqüência estrema do Corpo, e quanto o desenho impera entre os recursos dum grande plástico.

Casa de Mulheres é um instantâneo de desgraça, a torpeza das mulheres que se vendem; e que representa um episódio em estremo feliz como Arte, colhido numa *calle* de Segóvia. ¿Onde o pintor que melhor sinta e nos dê corpos e almas de pecado? ¡A graça exquisita dessas figuras de vasa, de beleza e risos ardidos, transparecendo corpos e almas de suas mantilhas negras e vastas, picadas de rosas!

Casario de Aragon é uma mancha em que uma fortaleza moura nos dá a sombra, sempre ali presente, do lendário inimigo da Península.

Sepúlveda aparece-nos em fundo. Mostra-no-la um *labrego*. Impressionam, por igual, a sombra do velho casario e o labrego, quási um monstro, que no-la aponta. Em sua figura franjada — a tragédia, as taras do povoado; ¡aquele passado que êle transparece e transporta à Cidade!... Sua genealogia pega a Velasquez, à Castela...

Segóvia é uma tela de céus torvos. Como pintada pela tempestade. Passam ao longe uma mulher e um burro. Capítulo lapidar da vida dura do povo, que trabalha e sofre fora do tempo e dos temporais...

Gorki, amigo do Pintor, viu em Roma esta mancha.

A tela, realizada a negro, tem excepcionalmente, quási a meio, um pequeno telhado côr de rosa, — nódoa brevíssima.

— Eis a casa única, — apontou Gorki ao Pintor — onde vive uma mulher feliz...

Em fundo, sombria, a Igreja.

O Artista descola das paredes outros trabalhos, que surdem do *atelier* como uma Ronda de Fantasmas: *Celestina*, a *Mulher do Espelho*...

Esta é por si, — um grave drama. Veste um roupão breve; na cabeça — um vago romantismo; a alma — longe...

¡É um documento de obstinação e é um monumento de decrepitude!

Falo, ao acaso da nossa entrevista dos seus quadros — *Toréros de Turregano, El Trianero, Toréros de los pueblos, Victimas de la corrida*...

— Ah, sim, comenta o Artista, sorrindo, sou mais do que um *aficionado*, um quási profissional do Toureio. Gosto, talvez por isso, de pintar a gente e os episódios das praças.

E extremou, dentre outros quadros, uma tela representando Belmonte, o *Fenómeno*, dominando o *pueblo*, e onde a praça figura em fundo como um objecto de decoração, um extravagante assador...

Em Zumaia, recordemos, costuma o *Fenómeno*, amigo e... *camarada* de Zuloaga, passar parte do verão.

Donde o sentido *justo* daquela tela, futuramente de especial estima para a Espanha, país que arvorou o toureio em festa nacional, e tem pelos seus lidadores o maior culto.

Belmonte é no quadro como que uma figura engrandecida pela sua já bem complicada lenda. Toma o primeiro plano; e daí domina a povoação, os montes, a praça, como a multidão que a enche e transfigura: lembra chamas a assistência; o seu entusiasmo *vê-se!*

Um dos últimos trabalhos que Zuloaga destaca dentre a multidão de telas voltadas contra nós é *Pancorbo*. ¡E a figura do Pintor que a segura parece fazer parte do quadro! No último plano e é ainda, ou parece, o primeiro motivo.

Aquém dêle são as escarpas, dum relêvo duro e estranho; depois é o casario dissimulado, humilde.

Mais duas ou três *figuras* de mulher, no geito das de Velasquez, Pantoja e Goya, e eis por finda a minha visita ao *atelier* do Pintor, bem como a lenda da sua avareza de Arte; dos propósitos de cerrar as obras a estranhos...

V

Menos ainda reservado em seus propósitos de Arte, em sua razão íntima de trabalhar, o grande Pintor — do que na explicação das suas telas, na franquia da sua obra definitivamente apurada.

— «*Como trabalho?! opõe naturalmente à pregunta que lhe faço, acêrca da sua maneira de realizar.*

«*Mas muito simplesmente... Encaro a Vida profundamente, por tirar dela o essencial. Depois, desenho dela o que de melhor ela me dá. Venho, em seguida, para o «atelier» e pinto. Pinto, então, sózinho; e pinto, sobretudo, aquilo que eu desejaria que o motivo fôsse como eu quereria que as coisas fôssem.*»

¡Eis as suas palavras, tais como a memória mas conserva! ¡E a satisfação que me dão!

Se são a um tempo o ensino dum grande Artista, e as leis confirmativas do que tanto tenho propalado sôbre a verdadeira Arte.

¡Todo o grande artista, escrevemos algures, é um estupendo poeta!

O caso de Zuloaga.

¡E como a sua nobre exaltação de Pintor vem confirmar a nossa velha teoria da Caricatura em Arte! ¡Como êle sabe ritmicamente exagerar, para dar o *carácter* das pessoas ou coisas que pinta (1)!

¡E como, ao mesmo tempo, êle, que é duma região politicamente hostil à velha Espanha, da terra basca, embora, de facto, bem espanhol por seu culto à Espanha — sabe ver, aprofundar a índole e os costumes desta; e, mais ainda, avançar com seu génio para a obra de Arte e sensibilidade colectivas, impondo a graça extrema pela qual aquela sempre se tem afirmado!

Que lição formidável, não direi já aos chamados *regionalistas*, mas aos *nativistas*, não só do Brasil — onde o termo se criou, mas aos *nativistas* de todos os países, Portugal incluso, que imaginam uma escola de Arte mesquinha, fechada só a certas manifestações, de facto — uma escola política para os de *menores* recursos, a que falsamente chamam leis tradicionais.

¡Não! ¡Verdadeiro, embora bem raro, génio nacional é aquele que, partindo dos recursos apurados, como dos mais ocultos, sabe criar, universalizar-se, levando a Nacionalidade ao certame das grandes criações gerais, aquelas das quais beneficia a humanidade inteira!

¡Ah, a hostilidade que Zuloaga tem tido em Espanha por parte dos falsos ou reduzidos artistas para quem a Arte é política, simples moda! Para os intelectuais de inferior categoria a Arte é simples moda.

O mesmo que sucede entre nós; que sucede com todos os povos, naqueles meios.

Para Zuloaga, como para todos os verdadeiros artistas, repetimos, a Forma é, ainda e sobretudo, o *carácter*. ¿Mas como achar e dar o *carácter?*

— «*Precisão e laconismo*» recomendava Goethe para a obra geralmente dita intelectual. Fórmula que deve igualmente ser na mente de todo o Artista.

¿Mas como guardar, exercer esta legenda num país misterioso e exuberante como a Espanha? Eis a dificuldade e a prova máxima do Artista. No cultivo desta razão pelo que respeita à expansão da graça nacional é o triunfo e o primeiro fim de Zuloaga, como sempre tem sido o triunfo e o primeiro fim de todos os mestres pintores da Espanha, grandes entre os das mais diversas escolas do mundo.

Casar o hieratismo profundo das Castelas à graça colorida e trágica da Andaluzia; dar o génio convulsionado do mais movido e grave dos povos — eis a obra dos mestres espanhóis, num curso ininterrupto de séculos.

Verdadeiramente nacional, e que nos interesse, repetimos, — só aquele artista que vinga impor-se como modêlo e exemplo à Arte geral.

O que só na aparência é paradoxo, pois que o mesmo é dizer que só aqueles que levam um grande nome ao mundo, dizendo *donde são, do génio que arrastam*, servem verdadeiramente o seu país.

Regionalismo pelo *Regionalismo* é pequenez de espírito; *Nacionalismo* por *Nacionalismo* é, afinal, um *Regionalismo* que abrange seis, dez ou vinte cidades (as que a Nação tiver) fundamentalmente a mesma pequenez, nada!

Por isso devemos também, sempre, ter presente a obra de valor geral que nos vem dos outros.

¿Quantas vezes nos estranhos nós vemos revelarem-se sentimentos que intimamente nos preocupavam, e que, antes dêles, não sabíamos definir, ou acomodar em nós?

A Espanha é hoje, no ponto de vista artístico, um potentado da Graça.

— É que nenhum outro povo pôs o *antigo* ao serviço do *novo* como a Espanha.

¡É ver suas praças; suas *calles;* e ver o que, na Itália, nos ficou de Roma! Á Itália das galerias, das *vias*, da razão antiga do Costume — opõe a Espanha suas arcarias no gôsto

(1) *A Águia*, vol. XV.

daquelas; suas ruas estreitas; uma graça similar, complementar, e, por vezes, caricatural àquela graça.

¿Quantos séculos sôbre o espectáculo dos homens lançados às feras, em Roma?

E, contudo, em Espanha êste costume permanece; esta lei ficou, embora transfigurada.

Donde os seus toureiros bufos e seus toureiros trágicos: estátuas e bonifrates lidando; os gritos epilépticos das praças fogueiradas de riso; seus jogos de elegância e seus jogos de Morte; *manolas*, copiando, nas festas do toureiro, velhos quadros; as virgens das Igrejas, com panejamentos negro-roxos e geitos de romanas; a ambiência antiga, e, por isso mesmo mais certa; o ar tão notàvelmente colorido das praças, como de todos os seus *ajuntamentos;* o monumental paramentado a negro dos seus templos, adrede preparados para a *Farça dos Mortos;* as músicas lancinantes dos seus cantares; tudo, emfim, o que faz dêsse povo bravio e inquieto um povo por igual grande em seu destino histórico e em graça plástica, em patético...

Se um Nacionalismo exagerado é o pior dos academismos, porque é um Nacionalismo esterilizado de realidades criadoras, não assim aquele que considera o conjunto de fatalidades dum povo tão profundamente característico. Inconscientemente os povos, mais do que o homem separado, amam até ao entusiasmo suas fatalidades, ainda as suas desgraças. ¡O realismo espanhol leva os naturais até gostarem de ver a vida nas entranhas das suas vítimas; até sondarem nelas os misteriosos efeitos da Morte!

Vi um dia o toureiro Valencia II que vinha *lidar* a S. Sebastian, depois duma *colhida* em Madrid. Trazia dois rasgões profundos no corpo e tinha o olhar dum César. Era, ao tempo, sentado perto do touril. Cercava-o uma multidão, emocionada do seu heroismo. Súbito, aproximou-se dêle um velho, que o beijou como quem toca de sua alma a alma dum ressuscitado. E a multidão rompeu em bravos, como se aquele acabasse de chegar dum outro mundo, após a luta tremenda com uma fera, e já prestes a entrar em guerra com outras feras: toiros de hastes finas, agudas como punhais, que, num momento, empastam cavalos e toureiros.

Tal a índole de Espanha, que, nossa rival no Mar, fende da sua aventura a água imensa; é o país da violência e da ascese; sangra nos torneios brutais; ascende nos cantares das Igrejas, em suas festas...

VI

Esta é também a Espanha de Zuloaga, o pintor que, por nascimento, procede da região basca; vem das doces Vascongadas, — região das velhas guerras religiosas; dos cantares e dançares extravagantes; do tamboril...

Na história plástica hodierna tem o Artista um lugar primacial, não só pelo conhecimento profundo da Espanha, mas ainda pela maneira como tem sabido afirmar o seu país.

¡Em seus recursos — aquela sobriedade de processos a que aludia Goethe; e, mais, a simplificação do Patético, do maior Patético que ainda avassalou um povo! Nada do novo *plateresco*, ou excesso de virtuosismo que, ao presente, entretem o maior número de plásticos.

Seus desenhos, como suas tintas lembram a mão forte de Goya, sem que nos reproduzam o pitoresco de Goya.

A Espanha é um povo de obstinação, como Portugal é um povo de aventura pura, para lá dos interêsses imediatos.

Nas figuras de Zuloaga há de tudo: aqueles a quem um pensamento fixo descora ou disseca; a quem um pensamento embruxa; os que a vida compõe ou estatua duma certa maneira; e aqueles que são para além de todo o convencio-

ZULOAGA — «VÍTIMA DA FESTA»

nalismo, para lá da vida comum, presos a outros génios, a outros mundos.

Quanto mais íntima e generalizante é a vida que o Artista nos oferece, maior é o Artista.

Cellini tinha para si que o verdadeiro plástico é originàriamente um anatomista, e precisa sê-lo, partindo do intimismo da matéria para a alma, depois para a graça integral da vida.

Donde acaso a ternura daquele artista pelos ossos, que desenhava comumente, e mandava desenhar aos plásticos com a melhor canseira.

Do realismo objectivo partimos para o sonho da tinta, tantas vezes evidente nas telas de Zuloaga (depois de breves apontamentos, êle o diz, pinta da imaginação); para as formas estatuais, não só dos bronzes e mármores, mas ainda daquelas que pejam os livros (¡quantas vezes nós, os que escrevemos, cinzelamos nossas criações em carne, — na carne que imaginamos, para que ela viva o nosso pensamento, de maneira a representar a nossa fortuna, as nossas amarguras!)

ZULOAGA — «REGRESSO DA VINDIMA» — (Fragmento)

Inteiramente compreensível o grito do pintor que, numa hora de desespêro, bradasse para o alto:

— *¿Como encontrar, Senhor, na terra, as tintas do ar?*

¿E, contudo, quantas combinações e achados notáveis no ambiente de certos quadros; nos quadros de Zuloaga?

É que soberanamente êle domina seus motivos, repassando-os do seu génio, tanta vez o mesmo de Espanha. Sem a *ferocidade instintiva* de Ribera, êle *conhece* as côres de Ribera, usando-as sempre que o assunto o pede; admira devotamente o pintor de gente eleita que foi Greco, filho adoptivo da Espanha, e usa, por vezes, seus processos, dando às figuras a mesma graça, seu geito de chama; tem, como Velasquez, o virtuosismo dos grandes personagens decorativos, e idêntica atracção pelos monstros, miseravelmente dramáticos! Por igual do seu lavor teem saído as velhas *Comadres* de Castela, as *Bruxas* e os *Borrachos;* os *Santos dos Cruzeiros,* verdadeiras humanidades de pedra, companheiras dos temporais; os *Pobres dos Caminhos,* de pálpebras e almas roídas, comidos das poeiras; tôda a sorte de Natureza, tôda a sorte de Humanidade...

¿Onde o Album que valha para o Artista o que vale a Espanha?

Figuras plácidas de padres, capas traçadas à maneira dos toureiros, atravessam firmes as praças, as ruas, os montados vencendo os templos com o passo seguro de quem calca as estradas reais do céu! ¡Avulta na Espanha gente caricatural e, por vezes, disforme: anões e corpos exactos, rematados por cabeças enormes, onde radiam luzes e sinais tremendos!

¡País da graça e país das enormidades! Pelo que soe ser, também, o país dos pintores estupendos.

Um eloqüente do Raro — Camille Mauclair, chama a Zuloaga *Poeta da Carne.* E, sem dúvida, êle o é. Mas esta designação por si só em bem pouco o caracteriza, tão largos são os vôos da sua tinta, ao serviço dum pensamento tão profundamente dramático; tão largamente revelador e decorativo êle se nos apresenta.

Também o mesmo autor lhe chama *místico* e *romântico.*

Místico é de certo, e um místico tão notável que junta a frescura técnica dos gregos à sua visão profunda, de forma a iluminar em suas telas, as *máscaras de enigma* mais apuradas e difíceis das Castelas.

Quanto ao *Romantismo* do Pintor importa ver de que sorte êle o pratica, pois que nos tempos correntes as palavras perderam o significado e a consideração do passado, e aquela, sobretudo, é, ao presente, das mais desacreditadas.

Ainda no Romantismo, como em todos os regimens que foram poderosos há uma razão que passa os academismos, porque pertence à Realidade.

¡Esta, a verdade do Romantismo, que alcança o mais valoroso do seu patético, e prevalecerá contra todos os ataques, pois que é de antes de Rousseau, de Shakespeare, de todos os grandes, como de todos os ínfimos melodramáticos, prendendo ao que de mais íntimo é na graça e na dôr humanas!

Êste, a nosso ver, o romantismo de Zuloaga.

¿Mas quantas ressurreições de génio clássico a temperar, a resolver êste romantismo? Primeiramente, o sentido da côr, que êle conhece e usa até às últimas tentativas modernistas; seu poder caricatural (princípio máximo de todo o grande plástico); a intimidade e poder de domínio do elemento, da luz, sobretudo: é, por vezes, a Tempestade que lhe dá as tintas e as convulsões que eterniza em suas telas; além de tudo — aquele seu geito de compôr o motivo principal do quadro, de ilustrar da Natureza a alma dos seus retratados!

Eis porque na História plástica de todos os tempos o seu nome sobresai, e os séculos passarão, respeitosos, sôbre a sua glória sem que outras glórias o desmaiem. Na evolução do génio da Espanha, Zuloaga ficará como um dos mais poderosos visionários. ¡Ilustrando êste acêrto — sua galeria formidável! ¡Cheio de ásas seu pincel! Tanto é o pintor dos segredos gregos, do *esbelto* e do *leve,* que a Adolescência, mestra primária da Beleza, exige; como o paisagista das terras torturadas, da inquietação. ¿Até onde seus privilegiados esboços de imaginação, ou de vida, transparecendo graça perene, almas acabadas?

¡E por isso mesmo, são bem poucos os convencionais *retratos de museu* em sua obra! ¿Mas, em troca, quanta demonstração de vida, quanta revelação?

¡Fanar-se há breve, e de vez, a Crítica que ao presente ainda o acusa de *árido,* das suas *receitas* de pintor, de *romântico!*

¿Zuloaga *romântico?*

¡Ah, quando correrem anos sôbre a sua obra, muitos anos, no fim do século que é para além do actual, quantas vezes os artistas que serão então, quem sabe? multidão, — ao passarem junto dessas figuras de Miséria ou Pitoresco que ao tempo cortarem as cidades, os caminhos; pelos *pobres* que hão-de suceder-se até lá, nas Castelas; pelas *bruxas* e *velhas* das portas das Igrejas, hão-de dizer, cheios de exactidão:

— *Zuloagas que passam!..*

¿Onde maior triunfo, o melhor elogio do Pintor?

Como hoje, tão distantes que estamos da parte convencional do *Romantismo,* dizemos ao atravessar Paris, a cidade cosmopolita por excelência, ao cruzarmos com certas figuras de Miséria, emboscadas nas bôcas das pontes, ou cortando, trôpegas, os *boulevards* da grande Cidade:

— *Figuras de Gavarni!..*

Ancede — 1926.

VISCONDE DE VILA-MOURA.

Cliché da antiga Fotografia Biel

VISTA PANORAMICA DA CIDADE DO PORTO—(SÉCULO

UM ASPECTO PANORAMICO DA CIDADE DO PORTO NO SECULO XVIII

(COPIA DE UMA GRAVURA ANTIGA)

—ONDE TEVE INICIO O ULTIMO MOVIMENTO REVOLUCIONARIO

O EXERCITO FRANCEZ EM 1809 ATRAVESSANDO O DOURO PELA PONTE DAS BARCAS

Á ESQUERDA UM TRECHO DAS ANTIGAS MURALHAS DO PORTO; Á DIREITA, O CONVENTO DA SERRA DO PILAR

UMA NOVA REVOLUÇÃO

ACOSTUMADOS a derimir as nossas contendas por modo azedo e bravio, às vezes com sanha canibalesca, dizemos de nós mesmos, e do país e da nação, — o que é pior, — coisas que brigam com o brio e o pundonor de homens que formam uma sociedade e vivem numa pátria. Se os estrangeiros nos quiserem apreciar, basta que reproduzam nos seus jornais, revistas ou livros, o muito de mal, de vergonhoso e até de infame que mutuamente nos assacamos, por palavras ou por escrito. E sobe-nos, depois, o rubor às faces, sentimo-nos vibrar de indignação, quando lá fora nos tratam com desdém ou desprêzo, chegando a alcunhar-nos de «País das revoluções», como nos habituamos a considerar o México e outros Estados em constante efervescência política e instabilidade de regime.

É doloroso, realmente, que os de fora se envolvam em nossos negócios internos, mas as famílias desavindas, que deixam passar para o exterior o alarido das suas discórdias, não podem estranhar que os vizinhos observem e comentem as manifestações do seu rancor, pelo estrondo que fazem as suas lutas intestinas, porventura fratricidas.

¡País das revoluções!... Mal haja a fatídica designação, que no entanto, e infelizmente, não pode ser fàcilmente desmentida. Sem recuarmos no tempo, mesmo sem relembrar as lutas liberais, desde 1820, com as posteriores «saldanhadas», constantes pronunciamentos militares e freqüentes insurreições populares, basta que atentemos no desassossêgo permanente dêste primeiro quartel do século XX, mòrmente desde 1910 para cá. Já não há mês do ano que não tenha a memorá-lo uma data festiva ou lutuosa, alguns contando mesmo duas e três, como o 19, o 28 e o 31 de Janeiro, o 1, o 3 e o 13 de Fevereiro, o 5, o 18 e o 27 de Abril, o 14 e o 28 de Maio, o 5 e o 19 de Outubro, etc. Não é de admirar, por isso, que a gente de além-fronteiras tanto se espante com as nossas contínuas desavenças em família.

Mas, de tôdas as revoluções e movimentos insurreccionais que, desde a implantação da República, teem agitado o país, o mais funesto, pelos seus lamentáveis resultados, foi, sem dúvida, o que deve passar à história com a designação de «O 3 de Fevereiro», neste mês desenrolado através da terra portuguesa, que ficou embebida no sangue generoso de muitos dos seus filhos mais prestimosos.

O 28 de Maio fizera-se pelo exército em

Cliché fotográfico de Alvaro Martins

PORTO — PRAÇA DA BATALHA — TRINCHEIRA Á ENTRADA DA RUA DE ENTREPAREDES, VENDO-SE AO FUNDO O SARGENTO-AJUDANTE NOGUEIRA

Cliché fotográfico de Alvaro Martins

PORTO — O SARGENTO-AJUDANTE NOGUEIRA FAZENDO ENTREGA DA ESPADA, JUNTO DUM GRUPO DE PRISIONEIROS

animosidade aos políticos, sem a colaboração, mas com o aplauso do povo. Realmente, a nossa política não se tem feito no campo das ideias è dos princípios, mas no das paixões e dos interêsses. Daí, a formação interminável de partidos e grupos, hostilizando-se mutuamente, degladiando-se com fúria, cada um procurando assenhorear-se do poder pelo direito do mais forte, do mais astuto ou do mais audacioso, não se estribando nas correntes de opinião, em pleno divórcio da nação e do povo, que deveria, se disso fôsse capaz, ter voz numa democracia. A primeira ditadura republicana fracassou afogada também em sangue. A segunda, realizada pelo exército, num belo movimento de solidariedade, correspondendo à ansiedade popular, foi desde princípio enredada na sua obra de depuramento pela intriga política, o virus corrosivo de que está contaminado todo o país. E como vivemos, há tantos anos, em regime de perpétua instabilidade, não havendo confiança nos homens e nas instituições, deu-se a contingência de se tentar nova reviravolva, se não porventura com finalidade bem definida, ao menos explicável pelo descontentamento que infelizmente aos governados inspiram sempre entre nós os governantes.

E o teatro principal da luta foi desta vez, por nosso mal, o Pôrto, onde o movimento se iniciou na madrugada de 3 de Fevereiro, com a saída a caminho da Batalha do regimento de caçadores 9, a que se juntou uma companhia da guarda républicana aquartelada na Bela Vista, e mais tarde uma fracção de infantaria 6, de Penafiel, com outros pequenos núcleos. Conservaram-se neutrais tôda a restante guarda republicana e a guarda fiscal, e manifestaram-se hostis infantaria 18, cavalaria 9 e por fim artilharia 5, da Serra do Pilar.

No dia 4, com a chegada da artilharia de Amarante, iniciaram-se verdadeiramente as hostilidades, vindo novos contingentes engrossar as fôrças dos revoltosos, enquanto o govêrno organizava activamente a resistência e o ataque. De Lisboa e das províncias vinham a caminho do Pôrto numerosos destacamentos de tropas governamentais, de tôdas as armas, chegando em primeiro lugar a Gaia infantaria 19 e cavalaria 8, de Aveiro. Vários regimentos subdividiam-se, pró e contra os revoltosos. Houve escaramuças e insubordinações em muitos pontos, desde o Minho ao Algarve.

Não nos permite o espaço que esmiucemos os principais episódios dessa longa luta de cinco dias, tenaz, encarniçada e por vezes homérica, praticando-se de lado a lado actos de verdadeiro heroismo, como a formidável carga de cavalaria 8 na Batalha, repelida com energia e brilhantismo, sendo apenas lamentável que os contendores fôssem irmãos pelo sangue e pela raça.

Mas, ao passo que as fôrças revoltosas iam

Cliché foto. de André Moura

PORTO — CONDUÇÃO DE MUNIÇÕES

sombrio quadro. Os que não viram nem ouviram dificilmente poderiam formar uma ideia da terrivel realidade. Foi um chuveiro de balas e de metralha, quási constante dia e noite sôbre a cidade. Não havia para ninguém lugar seguro. Uma verdadeira guerra, com todos os seus horrores.

¿E as conseqüências? Numerosas famílias no luto e na miséria. Prejuizos incalculáveis para os particulares e para a nação. Prisões sem conta de civis e militares. A onda de descrédito engrossando e alastrando através do estrangeiro.

Mas a revolta foi sufocada em tôda a parte. O govêrno ficou novamente senhor da situação. As vítimas irão esquecendo pouco a pouco. Os sustos desapareceram ràpidamente para darem lugar às farândulas carnavalescas. Nem ao menos aparece um Diógenes, de candeia na mão, procurando por êsse país fora o lugar em que se devem ter ocultado o sentimento, a dignidade e o pudor.

¡Oxalá que ao menos uma época de paz afaste para longe, e por muito tempo, os sobressaltos, as angústias e os morticínios!

S. M.

sendo pouco a pouco dizimadas, e se confinavam nos seus redutos de defesa, as tropas governamentais fechavam cada vez mais o cêrco, aumentavam de número, atravessavam o rio Douro entre Avintes e Gondomar, desembarcavam em Leixões, e, com a coluna mixta do Minho, a operar no Bom Pastor, reforçada pelos restos do 18, que se tinha rendido, e de cavalaria 9, também destroçada no primeiro dia do combate, encurralavam os sitiados num apertado círculo de ferro e fôgo, de que só puderam libertar-se pela entrega quási sem condições.

Foi depois disso que parte da guarnição de Lisboa e da marinha de guerra se revoltou também, desenrolando-se na capital, durante dois dias, a luta mais sangrenta das muitas a que ali se tem assistido nos últimos anos.

Os que no Pôrto se conservaram nesses calamitosos dias da revolta não precisam que lhes descrevamos o espectáculo sinistro e apavorante que presenciaram. Nem seria fácil mesmo fazê-lo, por mais carregadas que fôssem as tintas com que tentassemos pintar o

Cliché foto. de André Moura

PORTO — UMA POSIÇÃO DOS REVOLTOSOS

Cliché fotográfico de Alvaro Martins

PORTO—A CHAMADA *TRINCHEIRA DA MORTE*, NA CONFLUÊNCIA DAS RUAS DE SANTA CATARINA E 31 DE JANEIRO

Cliché fotográfico de André Moura

PORTO — TRINCHEIRA DOS REVOLTOSOS Á ENTRADA DA RUA ALEXANDRE HERCULANO

Cliché fotográfco de Alvaro Martins

PORTO — NA PRAÇA DA BATALHA — TROPAS FIEIS ARROLANDO O ARMAMENTO DOS REVOLTOSOS

Cliché fotográfico de Alvaro Martins

PORTO — O TENENTE-CORONEL SR. NUNES DA PONTE DIRIGINDO-SE AO GOVÊRNO CIVIL, DEPOIS DA REVOLUÇÃO. VÊ-SE AO FUNDO O EDIFÍCIO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS

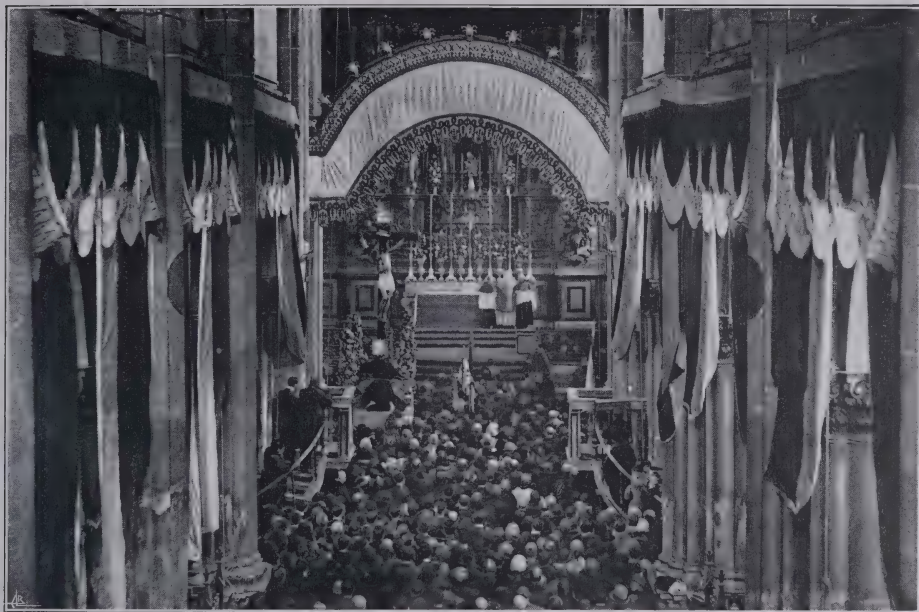
Cliché fotográfico de Alvaro Martins

PORTO — UM SARGENTO DE CAVALARIA 8, QUE TOMOU PARTE NA CARGA DE CAVALARIA AOS REDUTOS DA PRAÇA DA BATALHA, RODEADO POR BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DO PORTO

Cliché fotográfico de Alvaro Martins

PORTO — NA PRAÇA DA BATALHA — UM GRUPO DE SOLDADOS REVOLTOSOS DE INFANTARIA 6, APÓS A CHEGADA DE PENAFIEL, RECEBENDO LATAS DE CONSERVA

Cliché fotográfico de Alvaro Martins

PORTO — SOLDADOS DE INFANTARIA 19, LENDO NOTÍCIAS DOS ACONTECIMENTOS EM FRENTE AO QUARTEL GENERAL, DEPOIS DA ENTREGA DOS REVOLTOSOS

Cliché fotográfico de Alvaro Martins

PORTO — MISSA NA SÉ CATEDRAL EM SUFRÁGIO DAS VÍTIMAS DA REVOLUÇÃO, CELEBRADA PELO VENERANDO PRELADO DO PORTO

NA RODA DO TEMPO

O CONVENTO DA SERRA DO PILAR

GLORIOSO MONUMENTO HISTÓRICO

As lições da história são sempre fecundas em ensinamentos. Costuma dizer-se, mesmo, que a história repete-se. Não é plenamente verdadeira a afirmação, porque as grandes civilizações atravessam diferentes estádios, são como organismos que nascem, crescem, desenvolvem-se, produzem, prosperam na prodigiosa fôrça da sua vitalidade exuberante, e depois declinam, atrofiam-se, envelhecem e morrem. E, como é difícil encontrar duas criaturas em tudo iguais, quási impossível se torna também descobrir duas épocas perfeitamente idênticas. Mas, da mesma forma que os actos individuais, muitos factos da história teem entre si notável semelhança, ou é, pelo menos, estruturalmente uniforme a sua morfologia.

A última dolorosa luta intestina em que andou empenhada a gente portuguesa, nas fases que se desenrolaram dentro e à roda da cidade do Pôrto, faz-nos recordar alguns dos mais trágicos e ao mesmo tempo épicos episódios da nossa história, em desavenças e dissídios entre irmãos pelo sangue e em memoráveis lutas contra o estrangeiro invasor.

Como ponto culminante das sangrentas ou gloriosas façanhas, aparece-nos em formidável destaque, ontem como hoje, essa preciosa relíquia monumental que é o Convento da Serra do Pilar, assente num terreno que o tempo transformou já em cemitério sagrado de mártires e heróis.

Parece-nos oportuno, por isso, nesta hora confrangedora, que faz avivar a recordação do passado, reproduzir parte dum belo artigo que o erudito historiógrafo, e nosso brilhante colaborador, sr. Marques Gomes, publicou na *Arte* (1), e em que se faz sucintamente a história do templo e mosteiro:

«Monumento de arte que se desmorona, sacrário de gloriosas tradições que se vão esvaindo na memória dos vivos, tal é hoje o convento da Serra do Pilar, onde durante séculos se ouviu o cantochão dos Crúsios, e que, em dois anos seguidos, vomitou metralha em prol da Liberdade. Ergueu-o a piedade e a fé dum frade — Bento de Abrantes, santificou-o o valor e o sangue dos defensores do Pôrto, de 1832 a 1834.

«Principiou em 28 de Março de 1538 a levantar-se o edifício que cinco anos depois estava concluido, mas que passados mais cincoenta era já uma ruina, pelo que foi mister edificar de novo dormitórios, oficinas, templo e crasta. A êstes trabalhos deu comêço o prior do convento D. Acúrsio de Santo Agostinho em 1598, e opina Haupt que a traça e plano dêles seria talvez de Tinoco ou Turiano, e pode muito bem ser que o fôsse de João Nunes Tinoco, de Leonardo Turiano ou de seu filho fr. João Turiano, todos arquitectos da época, diplomados, e com os nomes ligados a outros trabalhos de valor.

«No dizer de D. Nicolau de Santa Maria *(Crónica dos*

(1) *Arte*, n.º 72, 6.º ano, págs. 97-100. — (Revista ilustrada, editada por Marques Abreu, 1906-1912).

Cónegos Regrantes de Santo Agostinho), o fundador do novo templo quis que êste fôsse circular como o de Santa Maria Redonda (Rotonda) de Roma, isto é, como o antigo Panteon de Agripa, cristianizado por Bonifácio IV, de que na verdade, quanto à forma, é fiel miniatura.

«Sem a grandeza deslumbradora daquela, a igreja do antigo mosteiro da Serra do Pilar é ainda assim um belo exemplar da arquitectura da Renascença, e o seu claustro circular, concluido em 1692, exemplar único em Portugal.

*

«Se se folhearem velhas crónicas e poeirentos manuscritos não se encontra com a designação de Serra do Pilar o local onde se levanta o convento e que na história moderna de Portugal enche uma das suas páginas mais brilhantes, mas sim, com as de Monte de Meigoeira, de S. Nicolau e de Quebrantões, pois todos êstes nomes tinha. A explicação da que hoje e mesmo já há muito tem, dá-a fr. Agostinho de Santa Maria no sèu *Santuário Mariano* por esta forma:

«Na sua capela mór da igreja da Serra se vê colocada a milagrosa imagem de Nossa Senhora do Pilar, a qual, pelas maravilhas que obra, é buscada com muita veneração, e freqüentada de romagens; e sendo aquele templo dedicado a Santo Agostinho, hoje, com as maravilhas que a Rainha dos Anjos obra, já se não nomeia, nem se lhe dá outro título, senão o convento de Nossa Senhora do Pilar.»

*

«A Serra do Pilar, onde se alcandora o cenóbio a que me venho referindo, é, sob o ponto de vista militar, um baluarte natural que avassala o Pôrto. Mas a-pesar disto, em duas grandes campanhas foi abandonado como posição de pequena importância, em 1809 por um marechal do Império — Soult, em 1828 pelo general de D. Miguel — Visconde de Santa Marta.

«Assenhoreando-se do Pôrto, Soult procurou desde o primeiro dia fortificar por diferentes modos a cidade, guarnecendo todos os pontos que se lhe afiguraram poder ser atacados, com artilharia; para a Serra do Pilar, que de tamanha utilidade lhe podia servir no caso dum ataque pelo sul do Douro, limitou-se a mandar uma pequena fôrça de observação, fôrça esta que retirou apressadamente quando o general inglês Wellesley se aproximou com o exército aliado de Vila Nova de Gaia. Tal êrro não cometeu o futuro vencedor do Bussaco e de Waterloo, pois um dos primeiros actos de Wellesley para o ataque do Pôrto foi tomar ali posições e colocar junto ao muro da cêrca do convento uma bateria de vinte peças de artilharia, à sombra de cujo fôgo atravessou o Douro em 12 de Maio e «fêz sair com vento de baixo ao ladino Soult da cidade do Pôrto, fazendo víspere, e com as calças na mão para Castela».

*

«Em 9 de Julho de 1832 entrava no Pôrto o exército constitucional comandado por D. Pedro IV que na véspera desembarcara em Arnosa do Pampelido. A cidade fôra nessa madrugada abandonada pelas tropas miguelistas do comando do Visconde de Santa Marta, que retirara para Gaia que deixa também passados dois dias, abandonando assim a Serra, que depois, com o sacrifício de centenares de vidas, êle e os generais seus partidários em vão se esforçaram por reconquistar, e se torna desde logo num extraordinário baluarte da liberdade, pois em grande parte foi a salvação do Pôrto através dos horrores e vitórias do cêrco.

«A história da sua defeza heróica, bem como a da valentia dos atacantes, enche volumes, por isso não a descrevo agora.»

Quem se der ao trabalho de aproximar e cotejar os diversos factos históricos, desenrolados na Serra do Pilar, e até dentro e fora do Pôrto, na época das invasões, do cêrco e recentemente, é forçado a reconhecer que há entre êles, na verdade, notável analogia. E chega, aldemenos,

Cliché fotográfico antigo de Marques Abreu

PONTE D. LUÍS I. UMA PASSAGEM CUBIÇADA PELOS CONTENDORES. NO ÚLTIMO PLANO, O TEMPLO DA SERRA DO PILAR E O QUARTEL DE ARTILHARIA 5

Cliché fotográfico antigo de Marques Abreu

VISTA LONGITUDINAL DO CONVENTO DA SERRA DO PILAR

a esta conclusão: é que parece haver um fio invisível a ligar os acontecimentos através do tempo e do espaço. Em épocas diferentes e distantes umas das outras, nota o observador imparcial que os homens, títeres do Acaso ou da Providência, praticam os mesmos actos de previsão ou estouvamento, de cobardia ou heroicidade, e renovam os mesmos feitos, de virtude ou vitupério, e reincidem também nos mesmos erros, sem que lhes aproveitem os ensinamentos do passado. As últimas lutas, embora ocorridas num praso de cinco dias, tiveram fases quási iguais às que se travaram há cêrca dum século, durante dois anos, em prol da liberdade. A retirada da Serra do Pilar opera-se e repete-se pela terceira vez, à distância de cento e dezoito anos, e a ilusão de Soult repercutiu novamente pelas quebradas do rio Douro, em écos duma sonoridade apavorante.

Mas não é a ocasião própria, nem o lugar oportuno, para confrontos e comentários. Interessa-nos apenas salientar o valor monumental do velho templo, cujas ruinas já não teem o mesmo aspecto contristador, desde que os «Amigos do Mosteiro da Serra do Pilar» empreenderam a honrosa e nobre tarefa «de reparar, conservar e defender êste admirável monumento nacional». Muito é o que se tem feito já, desentulhando, concertando, restaurando, e muito mais se poderia fazer, se a comissão executiva dêsse grupo de amigos da Arte, e de verdadeiros patriotas, não lutasse com falta de recursos, a-pesar das boas-vontades que teem facilitado a sua tam louvável missão reconstrutiva. Já aqui publicamos os nomes dêsses dedicados defensores do nosso património monumental, e entre êles justo é citar novamente, sem melindre para ninguém, o nome do sr. Ramiro Mourão, um dos mais abnegados obreiros dessa bemfazeja cruzada artística.

Logo que cessaram as últimas hostilidades, arrastou-nos à Serra a nossa velha, ainda latejante e sempre viva paixão pelas preciosidades do passado, na ânsia de observar se novas feridas haviam rasgado o já escalavrado arcaboiço do histórico monumento. Felizmente, a fachada e as paredes laterais haviam sido poupadas, bem como o interior do templo, o claustro e as remanescentes dependências do mosteiro, agora em comêço de restauro. Outro tanto não sucedeu, contudo, no telhado da cúpula circular, onde bateram quatro granadas, as quais se esmigalharam contra o forte dorso da rija abóbada, causando ligeiros estragos. No tempo do cêrco, porém, o grosso empedramento foi atravessado por um peloiro, que ainda lá se conserva para memória.

A documentação gráfica arquivada neste número da *Ilustração Moderna* dará aos leitores uma ideia do estado em que se encontravam, há poucos anos ainda, estas velhas relíquias arquitectónicas. Lamentável é que a destruição das belas árvores que adornavam o largo fronteiro ao templo, fazendo desaparecer todo o pinturesco do local, nos impeça de gràficamente reproduzirmos o seu estado actual, pelo aspecto de nudez e desolação que nos oferece à vista, e que tam penosamente nos impressiona.

Cliché fotográfico antigo de Marques Abreu

UM TRECHO DA IGREJA E CONVENTO DA SERRA DO PILAR, ANTES DE SEREM ARRANCADOS OS FRONDOSOS EUCALIPTOS, QUE DAVAM AO LARGO FRONTEIRO UM MAGNÍFICO ASPECTO DE PINTURESCO E TRANQÜILIDADE.

ILUSTRAÇÃO MODERNA

PUBLICAÇÃO MENSAL — EDITOR-DIRECTOR — MARQUES ABREU

2.º ANO — PORTO — MARÇO — 1927 — NÚMERO 11

Imprensa das Oficinas de Fotogravura de Marques Abreu — Avenida Rodrigues de Freitas, 310 — PORTO

D. ADELAIDE LIMA CRUZ — «SONATA DE MOZART»

CRÓNICA DO MÊS FEVEREIRO

Fazendo a guerra.—Prègando a paz

O ACONTECIMENTO mais importante do mês último foi, sem contestação possível, a revolução que na madrugada de 3 eclodiu no Pôrto, logo apoiada pela insubordinação de várias unidades militares em diversos pontos do país e gravemente secundada, quatro dias depois, na capital.

Correu o sangue, muito mais sangue do que o vertido em tôdas as quinze revoluções precedentes, desde a implantação da república para cá. Houve, de ambas as partes, farto dispêndio de valentia, de temeridade, de persistência, de fé irredutível nos ideais políticos que animavam os combatentes. Durante cem angustiosas horas, troou o canhão, crepitou a fuzilaria, detonaram as metralhadoras. Quer isto dizer que muitas vidas baquearam, vítimas de paixões políticas que não cansam, de ódios políticos e pessoais que não desarmam, de lamentáveis dissenções internas que só Deus sabe quando terminarão.

Passou-se tudo isto—êste horrível entrechocar de ambições, êste pavoroso explodir de rancores, esta guerra tenacíssima entre irmãos—precisamente em meio do ano franciscano, isto é, do ano que celebra o centenário de S. Francisco de Assis,—o devotado paladino da renúncia, do amor entre os homens, da paz em tôda a humanidade... E foi precisamente na hora em que no Congresso Franciscano de Setúbal se apagavam os últimos clamores em louvor e honra do Santo de Assis, que as bôcas dos canhões entraram de falar, marcando o início da luta...

*

¡Extraordinária psicologia a do homem, um ser inteligente que formiga ao de sôbre o córtice da terra, único animal a quem foi concedido o dom de pensar, de *sentir* e de amar, para afinal de contas proceder sempre ao inverso dos seus raciocínios, dos seus sentimentos e das suas predilecções! Surge de onde a onde, é certo, uma figura humana de tanta grandeza e tamanho génio moral que consegue adaptar a sua vida às suas modalidades anímicas, conformar os seus actos com as suas doutrinas, escravizando o corpo ao espírito, deixando na sua vida e na sua morte um grande exemplo aos vindouros. Os outros, a quási totalidade do rebanho que pelo globo pulula, ajoelham extasiados perante o herói que soube vencer vencendo-se, perante o santo que encontrou palavras e actos para prègar uma vida terrena mais perfeita. Gravam-se-lhes nos corações os nomes do divino Jesus, e dos quási divinos Platão, Sócrates, João Baptista, Agostinho, Tomás de Aquino, Francisco Xavier, Francisco de Assis, Francisco de Sales, Vicente de Paula, e tantos outros que, de olhos postos no céu, passaram pela terra fazendo a abençoada sementeira do Bem, da Verdade e da Beleza. Sinceramente, sem o menor assomo de hipocrisia, aspiram, êles também, por uma existência colectiva mais perfeita, pelo triunfo da Bondade e do Amor, pela vitória eterna e completa do Bem sôbre o Mal. ¡E comtudo, como os gestos e as acções das suas mãos divergem das ideias boas que lhes tumultuam nos cérebros, dos sentimentos puros que lhes germinam nos corações!

O culto da irmã Pobreza, à qual o asceta de Assis abria os braços nus para a apertar de encontro ao peito, é êste degladiar infrene de interêsses em que o homem se torna o lobo do homem,—não o irmão lobo que pacifica e humildemente lambia os dedos do Santo, mas o lobo hidrófobo e voraz pronto sempre a saltar sôbre a vítima e a devorá-la; é esta ânsia de luxo e de prazer que corre o mundo de polo a polo e nos precipita, sofregamente, em dementados bandos, para as cidades onde a vida se queima numa combustão intensiva que tem revérberos de inferno; é esta inveja que nos rói até à medula quando, do asfalto das ruas, vemos passar as equipagens dos felizes da sorte; é, em suma, êste viver desordenado e febril, em cata de honrarias e riquezas,—ao contrário das irmãs flores, que se contentam com o brilho e as galas que a natureza lhes deu; ao contrário dos irmãos passarinhos, que se contentam com o dia de hoje e não pensam no de ámanhã. E o culto da irmã Caridade é êste perpétuo desenrolar de lutas sociais, políticas, comerciais, económicas, individuais, que vão desde o beijo de Judas ao assassinato em pleno sol, da punhalada nas trevas ao vómito da metralha.

*

A Paz...

Reinou no Paraiso, e veio tombar inanimada na brecha aberta pela espada do Arcanjo para que os dois pecadores pais da humanidade pudessem tomar o caminho do exílio. O assassinato de Abel—símbolo histórico da primeira luta entre os homens—marcou o início de uma era que ainda se não extinguiu. Desde então, onde estiverem dois seres humanos, está a emulação, o ódio, a luta. Luta tanto mais fremente e mortífera quanto maior fôr o grau de civilização. O progresso—disse-o Junqueiro—marca-o a diferença que vai do salto do tigre, que é de seis metros, à trajectória da bala, que é de dezoito quilómetros. É isto mesmo. E é assim porque a Sciência cometeu o enorme delito de pôr algumas das suas conquistas ao serviço do Mal e porque os homens se convenceram de que os ideais só podem ser impostos pela fôrça.

E afinal, é um êrro. Cristo venceu pregado numa cruz. Francisco de Assis venceu pela humildade, pela bondade, pelo amor...

CAMPOS MONTEIRO.

D. Maria Antonieta Lima Cruz — D. Adelaide Lima Cruz — D. Maria Adelaide Lima Cruz

UMA FAMÍLIA DE ARTISTAS

A VINDA ao Pôrto da família Lima Cruz e a apresentação de três senhoras distintíssimas, que dela fazem parte, ofereceu excelente ensejo para que o público culto desta cidade, que freqüenta exposições e saraus e se interessa mais de perto pelo movimento artístico, se defrontasse com aptidões, marcadamente superiores, e compreendesse como a expressão dos sentimentos femininos pode auxiliar, em muitos casos, na delicadeza e na graça, na emoção e na vivacidade, o esmalte vivo da arte.

D. MARIA ADELAIDE LIMA CRUZ — «AS DUAS IRMÃS»

Evidentemente, não nos podemos deter no exame de tôdas as tendências estéticas que essas ilustres senhoras revelaram perante nós. Direi apenas que o concêrto do Teatro Gil Vicente foi uma confirmação dos méritos da sr.ª D. Adelaide Lima Cruz, como cantora de excelente escola, e que sua filha, a sr.ª D. Maria Antonieta, se revelou uma compositora original, procurando sempre traduzir a sua emoção dentro das fórmulas, graciosamente expressivas, da música moderna.

Ao lado das duas distintíssimas senhoras, apresentou-se também uma artista de um belo futuro, a sr.ª D. Irene Gomes Teixeira, admirável temperamento de pianista, um pouco romanesca, por vezes, mas de uma vibração rara na interpretação das mais belas páginas de música clássica.

*

A exposição de pintura no Salão Silva Pôrto evidenciou dois temperamentos diferentes, ricos de qualidades expressionais, ambos extremamente delicados, mas vibrando de diversa maneira.

A sr.ª D. Adelaide Lima Cruz, que parece ter-se emancipado completamente das influências da técnica do mestre Carlos Reis, pelas condições excepcionais da sua vida absorvente, estuda, na quietação do seu *atelier,* com acentuada preferência, as *naturezas mortas.* Com feminino encanto, dispõe, à sua volta, os objectos que mais

D. MARIA ADELAIDE LIMA CRUZ — A CASA DA «MARIA SÃO»

solicitam a sua atenção, e fixa na tela os vasos decorativos, os leques de frescos e luminosos coloridos, as frutas risonhas e sumarentas, os veludos e os metais em cuja scintilação descobre artisticamente efeitos de contraste.

Sente-se na arte desta ilustre senhora uma aptidão delicada e calma. A sua pintura é, de facto, uma afirmação serêna da sua conformidade com a vida envolvente.

Se no *Leque chinês* se nota um sentimento decorativo, acentuado com uma graça maior nas *Faianças*, na *Sonata de Mozart* vejo uma página de intimidade carinhosa, iluminada docemente de ternura, na fixação amorável do modêlo infantil.

Êsse quadro tem pormenores de técnica devéras brilhantes, que excedem em muito as revelações habituais da pintura de senhoras, e documentam, com as qualidades superiores do quadro *Veludos e metais*, as tendências de uma arte, cheia de segurança e vigor.

Falarei agora da sr.ª D. Maria Adelaide Lima Cruz, também discípula de Carlos Reis, que muito graciosamente acompanha, numa camaradagem simpática e gentil, a sua mãe e a sua mestra. É uma artista que tem apenas dezoito anos, mas que aos nove foi premiada em uma exposição infantil. Disse-me, com uma expressão de simplicidade enternecedora, que começou a desenhar logo que sentiu nos dedos a fôrça bastante para segurar um lápis. É, evidentemente, um temperamento. ¿Adqüiriu já a perfeita originalidade? Seria audacioso afirmá-lo; contudo, eu creio, sem sombra de hesitação, estar em presença de uma artista com imensas qualidades de criação pessoal, observando com profundidade certos aspectos da vida contemporânea, e dando-nos sínteses surpreendentes do drama inquieto e convulso, que os seus olhos penetrantemente conseguem fixar.

Se, na paisagem, acusa ainda profundas influências da técnica do mestre glorioso da *Manhã de Clamart*, com a notação da sua côr, o processo vivaz da sua pincelada, a escolha dos seus motivos preferidos, e, até certo ponto, com a preparação habitual da sua paleta, temos de reconhecer que uma individualidade poderosa se está formando, sob estas espontâneas tendências imitativas.

A sr.ª D. Maria Adelaide possui, sem dúvida, uma fantasia admirável e rara. A sua arte traduz um humorismo exuberante, uma scintilação de graça límpida e risonha, objectivando-se em afirmações de delicadeza ou em fórmulas animadas, de uma estilização pouco vulgar.

É uma decoradora de talento, que se deslumbra um pouco ainda com as composições francesas da escola de Bernard e as bizarrias fortes dos impressionistas espanhóis, influenciados por Zuloaga; contudo, revela uma sensibilidade surpreendente, uma exuberância de criação maravilhosa, e um fundo de nobreza estética, traduzindo-se no bom gôsto com que habitualmente sabe compôr. É uma ilustradora que sente a vida na sua intensa expressão espiritual, e resume, na espontânea delicadeza da sua estilização, alguns dos aspectos mais vibrantemente marcados da decadência contemporânea.

É, portanto, uma emotividade fremente e in-

quieta, dominada com freqüência por expressões de um humorismo equilibrado e sadio. Às vezes, o sarcasmo aflora com amargura nas suas composições caricaturais; mas não é confrangedora a deshumanidade do seu riso travesso. Ela observa precocemente os êrros e os pecados da vida, e anota-os sem excessiva crueldade.

Esta compreensão da arte é, na brilhante pintora, uma revelação da sua doce intimidade moral, pondo a descoberto um dos aspectos mais curiosos de um temperamento de analista, que sabe adoçar pela fantasia as amargas cruezas da realidade contemporânea.

A observação directa da vida de sociedade e um pouco ainda a intuição dos dramas velados, de uma amargura mais funda, comunicam à parte imaginativa das suas composições a expressão de uma intensidade palpitante. Mas a caricatura tem de ser meramente episódica na sua arte, porque o humorismo que traduz afirma, já hoje, uma intenção de fundo decorativo muito interessante.

Como paisagista, a sr.ª D. Maria Adelaide compreende e realiza nobremente a bucólica campestre; e desde que consiga emancipar-se completamente das influências recebidas e definir melhor a sua personalidade, o sentimento panteista da natureza, traduzido com a mais espontânea e poética vibração, há-de transmitir à sua arte um relêvo mais humano.

Como notas definidoras da sua vocação de paisagista, *A casa de «Maria São»* e o *Dia de calor* são telas superiormente manchadas e sentidas. A vibração emotiva não é em nada inferior à compreensão artística e à técnica pictural.

As *Duas irmãs* representam já, dentro da sua delicada maneira, uma luminosa página de arte moderna.

Como processo de estilização, *A Pavana* avulta nobremente na sua graça evocadora; e são devéras expressivas as caricaturas de Cecile Sorel e de Rosita Rodrigo.

O tríptico das *Scenas de campo* acentua, com raro poder de observação, a graça decorativa, que é patente em outras composições da ilustre pintora. Dêste modo, a análise rigorosa alia-se a uma notável exaltação estética.

Oxalá que um exagerado sentimento de humorismo não venha a perturbar um dia a rara graciosidade da sua arte requintadamente moderna.

JOAQUIM COSTA.

Cliché fotográfico de M. A. F.

ASPECTO DO CONCÊRTO NO TEATRO GIL VICENTE, EM QUE SE VÊEM AS SENHORAS D. ADELAIDE LIMA CRUZ, SUA FILHA D. MARIA ANTONIETA E A SENHORA D. IRENE GOMES TEIXEIRA

VARANDA DE PILATOS

No velho e simpático casarão da Biblioteca, a S. Lázaro, há dois museus! Um, Municipal, outro pertença do Estado, geralmente conhecido como «Museu da Escola». Mas quer um quer outro, de museus só teem o nome oficial, porque, com pequena diferença, ambos estão votados à miséria — à sua miséria doirada, que é de tôdas as misérias a peor. No entanto, justo é declarar, para honra (pequeníssima honra) do Município portuense, o Museu Municipal está em condições mais favoráveis: — possui casa arejada e solheira e dotação bastante para conservar, com decência, as suas portas abertas. ¡O Museu da Escola — oficialmente Museu Soares dos Reis — muito mais desgraçado e esquecido, nem esta graça possui! Está fechado há meses — a-pesar dos esforços heróicos do Sr. Guedes de Oliveira, por esta razão ao mesmo tempo simples e poderosa: — ¡a do Estado não ter podido até hoje encontrar no seu orçamento verba bastante para sustento dos guardas!

Certo é e tôda a gente o sabe, ¿¡mas preciso será dizê-lo em voz alta, uma e mil vezes?! — que o museu, é antes, na realidade, um péssimo armazém, frio e húmido, onde estão a alterar-se, com lentidão e segurança, quadros dos nossos melhores pintores do século passado, de companhia e mistura com um histórico chapéu armado do Senhor D. Pedro IV e não sei que mais *preciosidades* de bric-à-brac, e que é ainda lá que se encontra, sem luz, nem espaço bastante para ser admirada, peor, sem aquele ambiente de admiração e respeito e beleza que merece, ¡essa maravilha de escultura, de sentimento e génio lusíada, que é o «Desterrado» de Soares dos Reis!

E porque não há o direito de o Estado deixar deteriorar o que a nós todos pertence, e à sua guarda está confiado por ser património do país; e ainda porque as obras d'arte *vivem* da porção de beleza que transmitem, criando emoções e educando, indispensável se torna que o actual ministro da Instrução — muito mais professor que ministro, muito mais artista do que médico — resolva o problema de vez a favor do museu e da cidade.

E se me parecesse possível nesta feira de vaidades e interêsses que é a sociedade de hoje, pôr de parte interêsses criados, eu francamente, lealmente diria que o Pôrto não devia continuar a ter, como até agora, *dois* falsos museus, mas apenas *um*, verdadeiro: — o Museu do Pôrto.

Êsse sim, que seria um museu a valer, instalado em casa própria — o edifício do Banco Comercial já nestas páginas foi lembrado — com direcção autónoma (sujeita unicamente à inspecção geral dos museus), dotação anual do Estado e do Município, e onde seriam *depositadas*, logo de início, as obras d'arte actualmente nos dois museus de S. Lázaro.

A cargo da Escola, e no mesmo edifício, poderia ficar então um pequeno Museu de Reproduções, para o que as actuais salas do Museu Municipal, depois dum pequeno arranjo, seriam excelentes.

E a-pesar do velho burgo do Pôrto não ser especialmente rico em tradições artísticas, um grupo de «Amigos do Museu» — moldado à semelhança do grupo criado pelo eminente Director do Museu das Janelas Verdes, — fácil seria de arranjar, e os *homens bons* desta nobre, leal e invicta cidade — ¡e tantos são! — teriam ocasião de mostrar mais uma vez que as suas «burras» de burgueses ricos nunca estiveram, nem estão fechadas às iniciativas generosas, de boas e elevadas intenções.

MANUEL DE FIGUEIREDO.

ROTEIRO BIBLIOGRAPHICO

«A lingua portugueza só tem um mal e é pelo pouco que lhe querem, seus naturaes a trazem mais remendada que capa de pedinte.»

Rodrigues Lobo.

PROBLEMAS NACIONAES

POR *JOAQUIM FERREIRA*

TRISTONHO e mofino azar, n'estes ultimos lustros, assiste á litteratura nacional. Salvante as excepções da regra, aliaz raras, embora honrosas, corre ella nos declives d'uma franca decadencia. Para a expressar, não ha melhores palavras do que estas do preclaro amigo Proudhon: «A litteratura em decadencia reconhece-se pelo obscurecimento da ideia, substituida por uma loquacidade excessiva, que mais faz sobresahir a falsura do pensamento, a pobreza do senso moral e, apezar do artificio da dicção, a nullidade do estylo.» É plenamente exacta a definição, pois, feito o inventario do publicado nos ultimos annos, o que é prova real dos valores espirituaes modernos, fica-se oppresso com sua inferioridade, tanto intrinseca como extrinseca. Nem imaginação, nem graça; nem lucidez, nem grammatica, nem fórma, nem ideias. E' accentuadissima a mingoa de arte, de finalidade e intelligencia. O paiz, mentalente, vive n'uma lastimosa inopia franciscana. Diz, por isso, mui bem o Dr. Joaquim Ferreira que a agonia da patria se deve á decadencia do seu patriciado espiritual.

Ora dos poucos livros de merecimento, n'estes ruins tempos, o d'este author é um d'elles, não só pelos intuitos como pela realisação. Constituem os *Problemas Nacionaes* (agrario, hydraulico, economico, financeiro, social e colonial) um compendio das miserias do paiz e dos seus remedios, o que é exposto com larga clareza e são criterio, com boa observação e abastoso conhecimento dos assumptos, sem exaggeros criticos, livre dos chavões emphaticamente correntios. Impregnam-nos de sobejo as realidades ambientes e manifestam uma cultura mental em acção progressiva.

Decerto, não se alarga o author nas explanações, o que, se tal fizera, o levaria mui longe. Não se esquece o Dr. Joaquim Ferreira de frizál-o: «*Eu quiz apenas aflorar o pantano.*» Isso não frusta seu relativo desenvol-

vimento e leva a vantagem de se tornar accessivel a toda a gente.

Nas suas reflexões historicas, não hesita em fazer justiça á primeira dynastia e aos Jesuitas; tambem, tempo é já d'arrumar para o ferro velho as sediças e farfalhosas necedades apregoadas sobre esse glorioso periodo nacional e sobre esse notavel organismo religioso-politico. No campo social, a ignominiosa fallencia parlamentar merece-lhe cuidosa attenção critica e a par das linhas destructivas surgem as constructivas, adequadas ao melhoramento do systema e á sua acção perfeita.

Exposições, commentos e criticas, apparece tudo envolto n'uma linguagem caracteristica, sonora, nervosa, pittoresca. Quando, em regra, os livros litterarios, referentemente á fórma, são maus e os outros são peores, é de surprehender a prosa máscula e movimentada do author. E isso, é obvio, mais realça o valor do livro.

Defeitos, offerece-os, sem duvida. Por vezes, deslisa na cálida corrente dos empolados, da magniloquencia, n'outras, choca-se com os parceis syntaticos, muito do horror de Milton.

Mas cumpre lembrarmo-nos de que este é o primeiro livro do author e de que houve uma revisão accelerada. A prova, porém, é excellente e basta para nos garantir que no Dr. Joaquim Ferreira ha os attributos com que se impõem os legitimos prosadores.

Escreveu, pois, um bom livro, pela fórma e pela essencia e isso porque estudou e trabalhou. Eis, afinal, o processo de se poder realisar algo d'util e aperfeiçoado. Mas como elle flagela e quebranta, quasi todos, hoje em dia, o desdenham ou esquecem, como se para ser-se bom artista, poeta ou prosador, bastara sómente a habilidade ou o pendor. Por isso, é que o brochante, como já annotou Bulhão Pato, o ultimo dos nobres romanticos, exclama presumptuosamente: nós, os artistas, como quem diz: nós os Apelles da Grecia, os Raphaeis da Renascença.

CARLOS DE PASSOS.

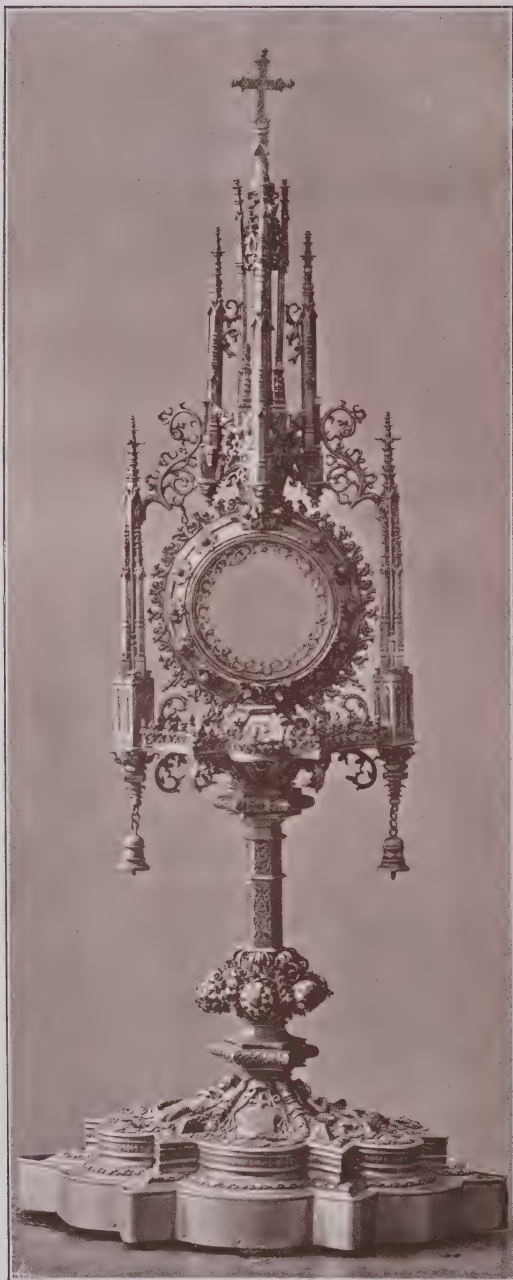
N. da R. — Por absoluta falta de espaço, temos sido forçados a publicar esta secção com irregularidade. E, como abundam os assuntos artísticos e de actualidades, e não podemos, ao menos por emquanto, aumentar o número de páginas, resolvemos suspendê-la, embora provisóriamente. Aos livros recebidos, porém, até esta data, 30 de Março, faremos oportunamente devida referência.

SÉ CATHEDRAL

(Continuado do numero 9)

N'um dos angulos do claustro abre-se a capella de S. Vicente, onde se guarda, injustamente esquecida, uma bella e preciosa imagem de pedra polychromada, da escola franceza do seculo XIV, aindaque, pelos panejamentos e pela posição do corpo e da cabeça, offereça vestigios claros dos cânones romanicos. É ella a celebre Senhora de Vandoma, a melhor e mais notavel reliquia historico-archeologica do Porto, que por cinco seculos esteve exposta, como sentinella sollicita da velha cidade, na porta do seu nome.

Cliché foto. de Marques Abreu

PORTO — SÉ CATHEDRAL — SENHORA DE VANDOMA

Cliché da Foto. Moderna

PORTO — SÉ CATHEDRAL — CUSTODIA DE D. DIOGO DE SOUZA

Não é ella, está claro, a imagem da restauração gasca, a do seculo XI, cujos caracteres artisticos seriam magnamente differentes; no emtanto, ha bastantes amadores, nos quaes a philaucia é tam ignara quam testaruda, que furientamente a proclamam primitiva. Que a piedosa Senhora lhes illumine sua caligem critica e intellectiva!

Quanto ao seu valor artistico-archeologico basta dizer que é um exemplar rarissimo no paiz, com o qual emparceira o da Sé de Braga, a formosa e celebre Santa Maria.

Fóra da Cathedral, n'um recanto, existe o resto da capella de S. Martinho; n'ella jaz um apreciavel sarcophago gotico, de pedra d'Ançã, cuja feição decorativa é affim dos tumulos de Alcobaça, Odivellas e Coimbra. Essa parilidade subsiste só no traçado, pois no trabalho esculptural é inferior aos citados. É obra dos fins do seculo XIII ou principios do XVI e segundo o illustre antiquario Cherubino Lagoa pertence a D. Martim Paes.

Opulento e bello era o thesouro da Cathedral. Mas as vesanias extorsivas, os habitos rapinantes das situações politicas triumphantes despojaram-no ignominiosamente, demais que parte d'elle era pertença propria da Mitra. Muitas peças, abusivamente, sem direito, estão depositadas no Museu Municipal. Este paradeiro, ainda assim, é melhor que o d'outras, desapparecidas magicamente.

As peças principaes d'esse deposito constam do seguinte: a salva de prata dourada das quatro estações (1700-1720); uma urna de porcelana, imperio, do Royal Derby (1800-1820); um calice de prata dourada, de estylo hybrido (gotico e baroco); uma caixa de prata, para hostias, com o brazão dos Arronches, de estylo D. João V; um riquissima casula bordada a coral, dos principios do seculo XVIII, da qual reza a tradicção que foi uma offerenda feita á Mitra por S. Francisco de Borja.

No thesouro restam estes preciosos exemplares, além d'outros menores: a custodia de D. Diogo de Souza, de prata dourada, com esmaltes na base e com perfeitissimos relevos, d'estylo gotico manoelino, muito leve e gracil (é das melhores do paiz e foi restaurada pelo preclaro bispo D. Antonio Barroso, que foi um espirito tam erudito e intelligente quam virtuoso e pio); outra custodia de prata dourada, tambem cinzelada e relevada, d'estylo Luiz XV, com o brazão do bispo D. Frei João Raphael de Mendonça (1772-1793), da casa de Val de Reis, o que edificou o Paço Episcopal; uma cruz relicario de prata dourada, com rubis e saphiras, de base gotica (sec. XV) e cruz floreteada manoelina (sec. XVI), cujas emendas manifestam concertos varios; um cofre ou urna, das esmolas do Lavabo, de prata relevada, Luiz XV, obra do sec. XVIII; um missal de 1682, encadernado com chapas de prata

Cliché fotográfico de Marques Abreu

PORTO—SÉ CATHEDRAL—SARCOPHAGO DE MARTIM PAES

cinzelada e relevada, em estylo Luiz XV (da 2.ª metade do sec. XVIII), com estante de prata, do mesmo estylo; outro missal, de 1860, de capas de prata vasada *(á jour)* assentes em velludo rôxo, do mesmo estylo e da mesma epocha, tambem com estante.

Mutilada, maltratada, aviltada, foi a velha e gloriosa cathedral portucalense. Mesmo assim, é magestosa e obriga-nos a venerál-a. São as suas cãs multi-seculares, é a alma dos evos que n'ella adeja, é o espirito volitante dos honrados avoengos que muito a amaram, o que nos empolga quando a contemplamos. Subjuga-nos esse fluido vago e mystico, obriga-nos a pôr os joelhos em terra; curvamo-nos contrictamente por amor a Deus e á Patria.

Mas para poucos ella vale como symbolo augusto da nacionalidade e eil-a, assim, esquecida, desamparada, senão engeitada. Ninguem a socorre, não ha quem acuda ás suas necessidades, quem remedeie os seus males—nem os governos, mafra baixa d'ignorantes, d'ambiciosos sem escrupulos e incompetentes, nem as edilidades, compostas dos mesmos irrisorios elementos, nem a Mitra. E o patriotismo citadino? Ah, sim!; esse, porém, está occupado com os calculos da ganhuça pharisaica e politica e só surge na ôca palraria dos momentos solemnes. Mas haverá quem julgue que a cidade d'hoje seja o prolongamento digno do honradissimo burgo portucalense? Fátua ou mofina illusão!

No emtanto, a cathedral é um monumento nacional. No papel, indubitavelmente. Nas Obras Publicas não havia verbas, na Direcção das Bellas Artes nunca houve tempo. Depois, é obvio, não basta existir dinheiro. A reparação dos telhados, effeituada ha anos, foi imperfeita, pois inutilisou o passadiço das naves do transepto.

Houve um homem, cujo amor pelo glorioso templo era bem sentido, que quiz melhorar o seu estado. Esse foi o prelado Barroso.

Todavia, quanto ha a fazer na Sé, tanto em obras de conservação, de acorrimento a damnos graves, como de necessarias e possiveis restaurações! Pois se nem a misera trapeira, que atravanca o vão das torres, se desmancha! Todavia, algumas vozes teem clamado contra esse enxovalho! Mas o paiz é da ninhada prolifica dos conselheiros e patrioteiros que malaventurosamente chocou o liberalismo. Por isso elle morre asphixiado, abafado, tam espesso e crasso é o ambiente que elles criam —nem outro podem desenvolver os seus cerebros de passiva consistencia, a que já se referiu o inditoso Sardinha.

Pobre Sé! Como te lamentam os raros devotos que te amam!

(Conclusão) CARLOS DE PASSOS.

Nota—Cumpre dizer que a referencia feita ao architecto Possidonio Silva, como author da expressão *style indéfinissable et bâtard*, não é justa, porquanto pertence ella a Raczinsky, a quem mestre Possidonio a empolgou. *Suum cuique!*

AS ORIGENS DO ROMÂNICO EM PORTUGAL

SUA EVOLUÇÃO E SIGNIFICADO NACIONAL

(Conferência pelo Dr. Reinaldo dos Santos, na Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães, na noite de 29 de Janeiro de 1927.)

Ao já muito longo rol das boas conferências que a Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães, levou a efeito nestes derradeiros anos, veio agora juntar-se a do grande crítico de Arte Dr. Reinaldo dos Santos, que é também, todos o sabem, um ilustre médico. Tendo chamado ao seu amplo salão — no qual pôs a sua arte de decorador galante o pintor vimaranense Abel Cardoso — intelectuais como Gomes Teixeira, Mendes Correia, Trindade Coelho, Magalhães Lima, Antero de Figueiredo, António Sérgio, Rui Chianca e outros, houve por bem a Direcção da Sociedade lembrar-se do talento do Dr. Reinaldo dos Santos, que tão alevantadamente discute um material e positivo facto da sua clínica, como o mais espiritual e transcendente caso de genuína Arte! E em boa hora êle abalou de Lisboa — a-pesar-do rigor do tempo, chuveirento e frio, aturando estóica e beneditinamente a *planura ideal* das nossas estradas, que os «pneus» dum auto bamboleante deixam marcadas profundamente nos rins de quem as jornadeia! Em boa hora, disse, porque a essa distante terra provinciana foi levar o brilho da sua iluminada crítica, em conferência que, além de admirável palestra, foi um ensinamento e uma surprêsa; tocando-nos profundamente o espírito com a firmeza das suas asserções e a graça do seu ineditismo, a sua palestra foi uma vigorosa crítica das origens e evolução do estilo românico e um lógico modo de compreender o seu significado nacional.

«A nossa concepção da história da arte não é apenas a de uma erudita exegese documental, rigorosa cronologia dos monumentos, destrinça das influências estranhas ou morfologia comparada dos estilos; é, sobretudo, — *compreensão através das formas, da essência e do espírito que exprimem.* A arte é uma linguagem plástica e a arquitectura talvez a mais profunda expressão do sentimento colectivo. ¿Como devemos ler o românico em Portugal, através das suas origens, evolução, características e influências?» — assim disse o orador, como intróito; e com esta legenda, abriu êle a sua noite feliz, indicando nessas palavras o motivo da sua conferência; e desta, sucinta e detalhadamente, aqui deixo as nótulas pedidas.

Começa por lembrar — dever a que não pode fugir — já que do românico tratará, três nomes que merecem justíssima menção: Joaquim de Vasconcelos, Manuel Monteiro e Marques Abreu; lembra o do primeiro, porque é o verdadeiro renovador da história da arte em Portugal e a quem o românico muito deve; o do segundo porque é, além de um sabedor estudioso de Arte, o autor da monografia sôbre S. Pedro de Rates, cujo prólogo é a mais bela síntese da história do românico entre nós; e o de Marques Abreu, artista-fotógrafo e Mestre-gravador, sempre pressuroso em ajudar os que trabalham, com o seu patriótico esfôrço de editor honesto e inteligente. Isto dito, e tendo roçado levemente a ligação que há entre o evolucionar duma linguagem e o de um estilo arquitectónico, — comparando, por exemplo, a arte e as línguas românicas à arte e às línguas latinas ou romanas, — passou o conferente a examinar os diversos estilos e as variadas formas que arribaram a Portugal; dentre êsses estilos, houve-os que nunca se adaptaram aqui; outros, como o Renascimento, bem que se aclimatassem, sofreram transformações mais ou menos profundas.

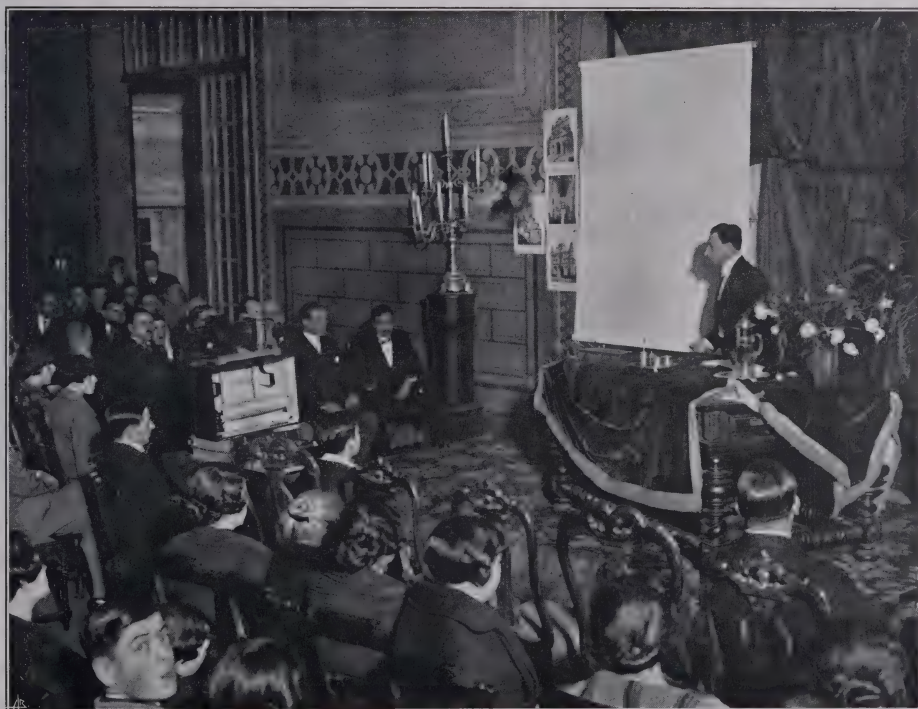
O românico em Portugal, é, indiscutìvelmente, de importação estrangeira; mas no nosso país há algumas construções pre-românicas, construções essas de ressaibos visigóticos, bisantinos ou ainda mosárabes, tais como as igrejas de Lourosa (século x), de Balsemão e de S. Frutuoso.

A estas relíquias junta o Dr. Reinaldo dos Santos, pela primeira vez, a igreja de S. Amaro (Beja), século vii (?), que é um reflexo visigótico. Os seus capitéis, v. g., são visigóticos e bisantinos. Mas, deve dizer-se, essa arte pre-românica não preparou a entrada do românico em Portugal. Êste estilo é de origem francesa e revela bem, a-pesar-de tudo, essa mesma influência. Foi a abadia de Cluny o berço do românico e dêsse sábio mosteiro se derramou pela Europa, levando-o até longe a arte dos seus monges; e, assim, passou as fronteiras gaulesas, atravessou os Pirenéus e constituiu-se na Península Ibérica; lá estão em Espanha as magníficas igrejas de S. Tiago de Compostela, S. Isidro e outras e em Portugal as que, em breve, se relatarão. Mas, introduzido em Portugal, o românico sofreu várias transformações, *modificando-se a ponto de apresentar uma feição caracterìsticamente nacional.* As vias de penetração do românico em Portugal foram várias, sendo de valor as peregrinações a S. Tiago de Compostela, pois estabeleceram íntimas relações entre a França e a Península e para as quais muito contribuiram Cluny e a Borgonha; mas a par das peregrinações a S. Tiago deve atender-se à influência dos prelados que vieram para aqui, uns oriundos de França, outros naturais dêste país, mas que lá tinham estado ou vivido (nos inúmeros conventos filiados em Cluny); dessas manifestações de fé fizeram naturalmente parte alguns artistas franceses, que foram outros tantos transportes da arte do seu país; e deve ainda observar-se a influência da Ordem de Cister que aqui representou um especial papel; alguns dos seus conventos tiveram um estilo próprio, como Tarouca e Salzedas; o românico dêsses mosteiros tem carácter próprio, diferente dos outros; são de feição borgonhesa, cisterciense. Foi êste conjunto de factos que determinou a entrada do românico na Península; e, como se vê, o valor das ordens monásticas é capital. A influência da Espanha, no nosso país, é porém, por vezes, indirecta.

Passando à classificação do românico em Portugal, e, àparte, certos monumentos especiais, o conferente insiste sobretudo em três grupos dis-

tintos: — O primeiro, de que *Braga* é o centro; a Sé dessa velha cidade é o primeiro monumento importante em Portugal e que grande influência exerceu em posteriores edificações. O segundo grupo — *Coimbra* — é do tipo auvergnês; êste tipo veio para Portugal, mas já puro, apresentando particulares aspectos e alastrando-se para o sul do país (Lisboa, Évora, etc.); e por último um terceiro grupo, de origem *cisterciense,* a que pertencem S. João de Tarouca e Salzedas.

E apresentando vários exemplos, como justificação dêstes grupos, passa o conferente a examinar a forma das construções românicas. As grandes catedrais do século XII são as que melhor reproduzem o tipo francês. As igrejas de Entre-Douro e Minho, já menores, são construidas por artistas nacionais. O tipo auvergnês, por exemplo, perdeu logo muitas das suas características, entre as quais a das proporções. Nas igrejas francesas a construção eleva-se, as partes componentes tendem a subir e a equilibrar-se (Clermont-Ferrand, St. Saturnin, Puy, Angoulême...) emquanto nas portuguesas a feição é pesada, atarracada mesmo; o deambulatório, em Portugal, é ausente. Pode dar-se o início do século XIII como o do máximo desenvolvimento do românico em Portugal.

A pedra das construções francesas é geralmente desigual na côr, dando a sua policromia uma especial feição ao seu exterior, geométrica, como que de mosaico, o que não acontece em Portugal. A arquitectura das nossas típicas e pequenas igrejas românicas é de característica portuguesa. A espanhola tem, realmente, afinidades com a nossa; mas a influência da Galiza teve aqui simplesmente uma regional repercussão, tendo-se tornado, por assimilação, própria da nossa terra. As grandes catedrais portuguesas, como disse, são francesas, construidas por artistas franceses e deve fazer-se distinção entre elas e as pequenas igrejas, pois estas são de artistas nacionais. Um carácter que distingue a arquitectura francesa da portuguesa é o da decoração; aquela foi de uma riqueza figurativa notável, como se verifica nos tímpanos, pórticos, capitéis, etc., das igrejas de Autun, Moissac e Vezelay, por exemplo. Pode dizer-se que a escultura medieval francesa nasceu com a arte românica; a sua escultura, bem que inspirada nas iluminuras dos manuscritos, querendo ter forma e movimento, esforça-se para isso, mas é uma transposição; anteriormente à França, já a Espanha, na sua escultura (Oviedo, Compostela, Avila, Silos...) realiza formas de naturalismo

Cliché fotográfico de M. A. F.

O SR. DR. REINALDO DOS SANTOS REALIZANDO A SUA CONFERÊNCIA NO SALÃO NOBRE DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO, DE GUIMARÃES

Cliché fotográfico de Marques Abreu

AÇUDE NO AVE

Cliché fotográfico de M. A. F.

NO SALÃO NOBRE DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO, DE GUIMARÃES — UM ASPECTO DA ASSISTÊNCIA

e expressão que a própria França só mais tarde atingiu. Mas já o mesmo não aconteceu em Portugal, que não é, pròpriamente, um país de escultores, ainda que os haja e tenha havido grandes. O sentimento português é pictural e arquitectural, pouco propenso à escultura; e essa, quando característica, é sobretudo decorativa. Essa maneira de arte vê-se até no gótico e em outros estilos. Outro sinal importante do nosso românico é a sua sobriedade; não pobreza, pois não se chama pobre a um povo que, na ourivesaria, tão valiosas e ricas obras produziu; todavia, no românico fomos sóbrios e calmos, vendo-se esta qualidade nos seus pórticos que, sendo simples, não deixam de ser belos e de gôsto, até com uma profunda expressividade artística.

Agora, o Dr. Reinaldo dos Santos atinge o ponto mais curioso da sua crítica, que é o *significado nacional do românico*. E então diz que, se os primeiros elementos vieram do estrangeiro, outros elementos foram desprezados ou exagerados (v. a grande decoração dos pórticos, abandonando-se a escultura figurativa), obtendo-se assim algumas características nacionais. ¡Mas estas minhas palavras não são reflexo de exagêro nacionalista, nem de mera apologia! — afirma o ilustre crítico. Nas repercussões do românico vemos nós o fundo de sentimento próprio que possuimos; e devo lembrar que se diz que o românico se prolongou, aqui e em Espanha, até ao século xv, mostrando-se que tal facto define a feição do país; mas, o românico avançou até ao próprio Manuelino, cujas decoração, expressão, etc., são românicas, nada havendo nêle de Renascimento ou greco-latino. ¡O que renasce em Portugal é o românico! O próprio «barôco» nos revela a mesma característica: de exuberância e robustez que o granito acentua, estando mais próximo do românico que do «barôco» francês! E, como rematando, diz: «a prova mais sugestiva da autonomia de uma nação é, a par da sua língua literária, a sua linguagem plástica. Portugal *falou sempre românico,* desde as origens da nacionalidade até aos fins do século xviii. ¿Será isto exagerado nacionalismo?»

A segunda parte da sua conferência foi acompanhada de projecções luminosas de belas chapas, entre as quais algumas de Marques Abreu, sempre distintas e perfeitas. O orador seguiu-as com algumas palavras explicativas, mostrando desta forma múltiplos e eloqüentes exemplos das suas asserções.

E ante nossos olhos correram, num panorama esplendido de velha arte — que, afinal, é sempre nova — as mais típicas igrejas francesas e portuguesas, num admirável cortejo disposto por mão de mestre: Moissac, Puy, Clermont-Ferrand, etc., e as nacionais Sé Velha de Coimbra, Sé de Braga, Travanca, S. Pedro de Rates, Ferreira, Font'Arcada, Bravães, Vilar de Frades e outras, que constituem, na rudeza e na vetustez de suas pedras, o maior tesouro e o maior orgulho de quem sente e ama a arte de Portugal.

E porque me parece oportuno, e calhando certo, — mais por isso que por vislumbre de erudição, — aqui ponho, ao fechar da lauda, as palavras de Marcel Dieulafoy, na sua obra sôbre a arte de Espanha e Portugal: «*Dieu veuille que les caractères ethniques des races ne s'effacent pas en même temps. L'univers deviendrait d'une monotonie désolante!*»

Luís de Pina.

"VIDA RUSTICA,, [1]

COSTUMES E PAISAGENS

O TÍTULO e subtítulo rubricam um album de fotografias, reproduzidas por similigravura, cuja impressão está a concluir, e que brevemente aparecerá no mercado, em edição cuidada e, quanto possível, elegante.

As fotografias e as gravuras são do director desta revista, Marques Abreu, sendo também a edição feita em suas oficinas.

O que no opulento Minho e nos atraentes arredores do Pôrto há de mais pinturesco e interessante, em costumes, tipos e paisagem,—lavradeiras garridas, sadias e formosas, usos e costumes da gente dos campos, açudes, levadas, moinhos, margens viçosas de rios e regatos, caminhos de aldeia, casebres primitivos, a vida simples e sã do nosso povo,—eis os motivos que o artista aproveitou, numa fértil e variegada colheita.

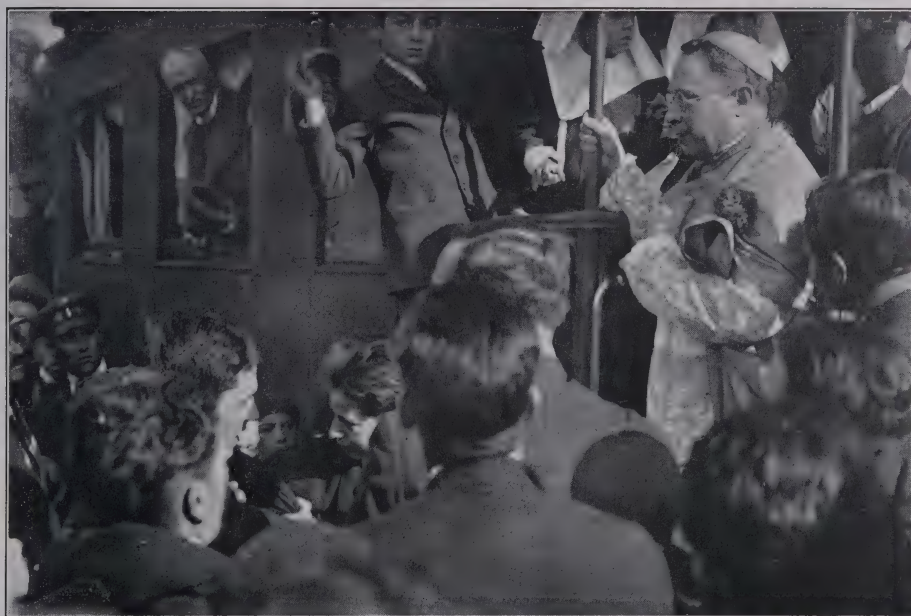
Mas o album tem ainda um elemento de alto valor a recomendá-lo: um admirável preâmbulo literário do grande artista, erudito professor e notável crítico de arte, sr. João Augusto Ribeiro, brilhante colaborador desta revista. É o trabalho dum homem de profundo saber e duma autoridade incontestada, podendo marcar mesmo entre os críticos mais cotados no estrangeiro. Basta, pois, êsse preâmbulo para que a publicação tenha um merecimento extraordinário e se possa aconselhar aos apreciadores.

(1) O assunto estampado na página dupla — «Açude no Ave» — é reproduzido da *Vida Rustica*.

ARCEBISPO-BISPO DE VILA REAL

A SUA RECEPÇÃO NA CAPITAL TRANSMONTANA

A *ILUSTRAÇÃO MODERNA* teve já ocasião de se referir ao venerando antístite vilarealense, pela pena brilhante do seu ilustre colaborador, sr. dr. Jaime de Magalhães Lima, e fê-lo precisamente no momento em que o Sr. D. João de Lima Vidal regressava da sua viagem ao Brasil. O carinho e afecto, que lhe dispensaram no país-irmão, deviam ter-lhe servido de lenitivo, embora ténue, à mágua imensa que o cruciara, de saber, longe da pátria, que também fora da pátria um trágico incidente de caminho de ferro lhe arrebatara uma irmã muito querida. ¡Dolorosa e lancinante situação a dêsse homem, que tinha de recalcar as lágrimas e de torturar o coração, para apresentar rosto sereno, e até risonho, àqueles que ruidosamente o aclamavam, e entre festas, e vivas, e palmas, o acolhiam!

Mas quis a Providência que o seu luto, em vez de cobrir-se de crepes, fôsse envolvido nas grinaldas e galhardetes do regosijo, mesmo no

Cliché fotográfico de Miguel Monteiro

O EX.mo REV.mo SR. D. JOÃO DE LIMA VIDAL DESCENDO DO COMBOIO NA ESTAÇÃO DE VILA REAL

regresso à terra natal, ao entrar na sua amada diocese, quando sem dúvida esperava poder desabafar a dor no tranqüilo silêncio dos seus modestos aposentos.

De facto, a recepção ao Sr. D. João de Lima Vidal foi imponente e grandiosa.

Na Régoa, e noutras estações do percurso, o povo e as entidades oficiais acudiram a saudá-lo. Em Vila Real, foi acolhido com um entusiasmo que de há muito não era patenteado a nenhum outro homem em situação preponderante. Aclamado na estação delirantemente, é conduzido em cortejo à câmara, onde lhe são dadas as boas-vindas; assiste na Catedral a um *Te-Deum* em acção de graças, e tem de receber ainda na sua residência os cumprimentos das autoridades civis e militares, do clero, dos representantes das fôrças vivas e produtoras dos concelhos do distrito, parecendo que todos porfiavam em fazer-lhe diluir as preocupações íntimas numa apoteose de hossanas.

A muitos parecerá estranha esta homenagem sincera e calorosa a um alto representante do clero católico, num país neutro em matéria religiosa. Essa homenagem, porém, não foi prestada ao prelado, mas ao homem de fé, de sentimentos, de patriotismo e de bondade. Principalmente ao homem de bondade, que se despoja de todos os seus haveres, como S. Francisco de Assis, e estende a mão à caridade, para socorrer os pobres, os infelizes, os humildes, os desprotegidos da sorte.

E a bondade é a maior de tôdas as virtudes, porque é emanação de Deus. É por ela que os homens se impõem, e os regimes se cimentam, e as religiões se alastram, e qualquer ideal triunfa.

Prototipo de bondade, o Sr. D. João de Lima Vidal é bem o discípulo daquele que disse: «Amai-vos uns aos outros»; «Não faças a outrem o que não desejas te façam a ti».

Por isso o povo o estima, e admira, e ama. É dêsses homens que a nossa terra precisa, para que não se afogue no aturdimento das paixões e dos ódios. E esperemos, portanto, que da viagem ao Brasil do virtuoso Prelado vilarealense não advenham apenas bons resultados para a sua diocese, mas também a realização da promessa contida nas solenes palavras que êle pronunciou na sua sé-catedral: «um triunfo diplomático para a nossa pátria»

S. M.

Cliché fotográfico de Alberto Meira

EM VILA REAL — A CAMINHO DA CAMARA MUNICIPAL, A MULTIDÃO ACLAMA RUIDOSAMENTE O ILUSTRE PRELADO VILAREALENSE

EM VILA REAL -DEPOIS DA RECEPÇÃO NA CAMARA, A MULTIDÃO ACOMPANHA O VENERANDO ANTÍSTITE Á SÉ-CATEDRAL

Clichés fotográficos de Miguel Monteiro

EM VILA REAL — O EX.mo SR. D. JOÃO DE LIMA VIDAL DISCURSANDO NA SÉ, APÓS O *TE-DEUM*

A ULTIMA REVOLUÇÃO

E A OBRA BENEMÉRITA DA CIDADE DO PÔRTO

PRIMOU sempre a cidade do Pôrto pelos seus nobres sentimentos de hospitalidade, fidalguia e benemerência. E, se alguma coisa se tem conservado indestrutível, através das vicissitudes do tempo, e das transformações do carácter dos seus habitantes, é precisamente essa honrosa e dignificadora herança que à moderna urbe legaram os mercadores e mesteirais do velho burgo. Constantemente em rebeldia com a prepotência, não tolerando nunca intra-muros brigões e aventureiros, os plebeus e burgueses de antanho abriram sempre, no emtanto, as suas portas aos pobres e desagasalhados, patentearam os seus cofres quando a necessidade lhes pedia socôrro ou a independência e a liberdade exigiam o seu contributo e fizeram do trabalho o único título de nobreza, tam grande e de tam alto valor, que houve um tempo em que era suprema honraria ser alguém considerado cidadão do Pôrto.

D. ANTÓNIO BARBOSA LEÃO
Venerando Prelado da Diocese do Pôrto

E é por isso que ainda hoje, quando a miséria e a desgraça deixam entrever a sua máscara dolorosa e arrepiante, a alma dos portuenses se desentranha em flores de generosidade e de carinho, em tam larga escala e por forma tam desinteressada, que em nenhuma outra povoação do país, mesmo de maior densidade demográfica, o sentimento humanitário e compassivo assume iguais proporções.

São numerosos os exemplos, mas basta citar o mais recente de todos, o que nos fornece o último peditório feito a favor das vítimas da Revolução de 3 de Fevereiro. Foi essa mais uma das belas obras de misericórdia praticadas pelas senhoras do Pôrto, verdadeiras e legítimas descendentes daqueles homens bons que, no tempo de D. João I, pôsto a Lisboa um estreito cêrco por el-rei de Castela, equiparam uma grande armada com que acudiram em auxílio do Defensor; e

aos grandes senhores, indecisos e acovardados, moveram-nos com instâncias e a pêso de ouro, para entrarem ao serviço da independência da pátria; e mais tarde, quando o portuense D. Henrique preparava a expedição de Ceuta, aparelharam náus e municiaram galés, fazendo sair da barra do Douro «a mais poderosa e galharda armada que jámais houvera», no dizer elegante de Ricardo Jorge; e tanto se esmeraram em abastecer essa frota de viandas, que para alimentação própria guardaram apenas os miudos do gado, dêsse facto lhes advindo a nobilitante alcunha de «tripeiros»; e posteriormente ainda, quando a cidade era devastada pelas contínuas crises epidémicas, fundavam e mantinham hospitais onde isolavam e socorriam os empestados.

Prof. ALBERTO DE AGUIAR
Ilustre Director da Faculdade de Medicina

São dessa gloriosa nobreza, feita de abnegação, de heroismo e de trabalho, as ilustres senhoras do Pôrto que, em tôdas as calamidades públicas, motivadas pela guerra, pela peste ou pela fome, pressurosamente acorrem em socôrro dos infelizes com a sua generosidade, o seu humanitarismo e o sacrifício do bem-estar, da saúde e até da vida. E é nesta época utilitária e materialista, em que um feroz egoismo vermina as fibras da sociedade, fazendo supurar ódios e paixões brutais, que essas beneméritas senhoras nos proporcionam, como um bálsamo de consolação e de benção, o alto e fecundo exemplo da sua caridade inesgotável, do seu

D. ANA GUEDES
Principal organizadora das grandes festas de caridade realizadas no Pôrto

Prof. HERNANI MONTEIRO
Ilustre Secretário da Faculdade de Medicina

Cliché fotográfico de André Moura

NO SALÃO NOBRE DA FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO
— GRUPO DE SENHORAS ANTES DE INICIAREM O PEDITÓRIO
PARA AS VÍTIMAS DA REVOLUÇÃO DE FEVEREIRO DE 1927

devotamento sem limites em prol dos infortunados, que são vítimas dos erros dos homens e da sua estulta ambição do mando e de benesses!

Não podia a *Ilustração Moderna,* como o tem feito já, deixar de pôr em destaque êsse gesto nobilíssimo, que é ainda o melhor e mais eloqüente sintoma da vitalidade e pujança duma cidade, que tem sabido remover sempre as causas de declínio e atrofiamento, vencendo tôdas as crises, conjurando tôdas as contrariedades, e desenvolvendo-se, prosperando continuamente.

É velho sestro dos portugueses dizer mal da sua terra e da sua gente. Poucos são os que logram escapar à endémica vesânia. Como varre todos os cérebros um vento de perturbação e de extermínio, raros são os espíritos equilibrados, e libertos de preconceitos, que sabem apreciar com serenidade os homens e os acontecimentos do nosso e do antigo tempo. Há indivíduos tam ferozmente aferrados à tradição, que só as ideias e os símbolos do passado lhes merecem conceito, e não encontram para os males do presente outro possível remédio, que não seja a revivescência, em sua plenitude, das veteras normas por que se regeram nossos antepassados. Outros, porém, reagindo contra o retrocesso, prendem-se nos aliciamentos dum Verbo novo, que entremostra a possibilidade duma remodelação profunda e radical da sociedade, procurando, por isso, destruir o existente, desde os fundamentos, para que uma diversa ordem de coisas surja sôbre escombros e ruinas.

Não há, pois, ao menos para muitos, meio termo, uma ponte de ligação entre o passado e o futuro. Não há, ou poucos são os que procuram realizá-la, uma obra de continuidade, que assente numa evolução constante, através da trajectória que a humanidade tem seguido ao longo dos diversos estádios da sua civilização. E, desde que essa obra de continuidade e de evolução desaparece na constituição, na consciência e na alma dum povo, a hora da sua morte deve estar marcada pelo destino no relógio do tempo, visto que os extremos tocam-se, e as duas correntes, embora contrárias e opostas, vão ambas desaguar no mesmo oceano de insânia e de aniquilamento.

Mas a realidade, consoladora e insofismável, desmente aquele antagonismo de ideias. Na prática da vida corrente, observa-se, em todos os períodos da história, que não são os extremistas mas os moderados, os sensatos e os transigentes que triunfam. A existência dum indivíduo, como a dum povo, é uma cadeia que se vai tecendo em elos sucessivos, todos ligados, baseando-se o presente no passado, sendo o presente a base do futuro. Como êsses enormes edifícios americanos, a que se dá a designação de «arranha-céus», e que vão crescendo sempre em largura e altura, as aspirações dos homens, cimentados nos prís-

Cliché fotográfico de José Mesquita

UM «ASSALTO» AGRADÁVEL

Cliché fotográfico de José Mesquita

«QUEM DÁ O QUE TEM, A MAIS NÃO É OBRIGADO»

o elo que reata o presente ao passado do Pôrto, sempre altivo, generoso e cavalheiresco, dando constantemente, através da nossa história, a todos os outros aglomerados do país, lições de honradez, de independência, de patriotismo, de sacrifício e de dever. E são os elos dessa formosa cadeia de abnegação e civismo que hãode manter ininterrompida a corrente dos nobres sentimentos que sempre fizeram do Pôrto, entre tôdas as outras, a cidade mais heróica, mais portuguesa e humanitária.

Era nosso desejo pôr em destaque os nomes e o trabalho de tôdas as dedicadas senhoras que prestaram o seu desinteressado concurso à obra meritória de socorrer as vítimas da Revolução de Fevereiro, ideia simpática e louvável que germinou na Faculdade de Medicina, impulsionada mòrmente pelos seus ilustres Director e Secretário, Professores Alberto de Aguiar e Hernâni Monteiro. Mas seria uma tarefa quási impossível de realizar,

tinos usos, costumes, princípios e ideais, adquirem constantemente proporções mais amplas, e alargam, com novas formas e aspectos diferentes, a amplitude imensa dos seus desígnios e intuitos, em permanente ascensão para o bem-estar material e para a perfeição espiritual, em demanda constante duma felicidade que parece inacessível, mas a que todos ardentemente aspiram.

Talvez haja quem julgue extemporâneas e inoportunas estas considerações, quando se trata apenas de homenagear, mais uma vez, a acção bemfazeja das senhoras do Pôrto. Não se repara em que tal acção, repetindo-se e desdobrando-se tanta vez em frutos esplendidos de magnanimidade e grandeza moral, é

Cliché fotográfico de Alvaro Martins

SEMPRE A SORRIR PARA ENXUGAR LÁGRIMAS

tantas foram as pessoas que nessa bela obra colaboraram.

Seja-nos permitido, pois, mencionar apenas, sem melindre para ninguém, dois nomes que todo o Pôrto sobejamente conhece, respeita e admira: o venerando Prelado da Diocese, Ex.^{mo} Sr. D. António Barbosa Leão, e a Ex.^{ma} Sr.^{a} D. Ana Guedes, que organizaram, com superior competência e dedicação extraordinária, êsse tão simpático movimento de solidariedade social.

Êstes actos de caridade e benemerência devem ficar registados, para que os vindouros saibam que nem tudo era comodismo e baixeza moral na época desvairada que atravessamos.

S. M.

Cliché fotográfico de Alvaro Martins

NEM O TEMPO NEM A IDADE LHES ESFRIAM O ARDOR

Cliché fotográfico de Alvaro Martins

GRUPO DE SENHORAS DA ZONA — PRAÇA DA LIBERDADE

GRUPO DE SENHORAS DA ZONA — INFANTE D. HENRIQUE

Clichés fotográficos de Alvaro Martins

GRUPO DE SENHORAS DA ZONA — S. LÁZARO

ILUSTRAÇÃO MODERNA

PUBLICAÇÃO MENSAL — EDITOR-DIRECTOR — MARQUES ABREU

2.º ANO — PORTO — ABRIL — 1927 — NÚMERO 12

IMPRENSA "MARQUES ABREU, LIMITADA,, — Avenida Rodrigues de Freitas, 310 — PORTO

ARTUR LOUREIRO — AUTO-RETRATO

Crónica do Mês

Março

Um novo monumento.

Lá ficou no Jardim da Cordoaria, para os olhares curiosos e para a posteridade, a cabeça em bronze de António Nobre — muito menos expressiva na escultura do que o fôra em vida — sobreposta a um plinto modesto que é a peça central de um monumento sem originalidade e sem significação.

Deverei frisar desde já que não pretendo impôr a ninguém êste meu modo de ver, absolutamente pessoal e desautorizado. Pois que tôda a gente achou bem aquilo, desde os foliculários que o incensaram aos oradores que o ungiram com os seus tropos floridos, é coisa assente que não podia fazer-se melhor consagração ao grande poeta do último quartel do século XIX. Eu, porém, é que deixaria de ser sincero se enfileirasse nesse corpo coral de louvores. Acho incaracterístico o monumento e pèssimamente escolhido o local onde o levantaram.

Ali, na Cordoaria, o poeta do *Só*, que tão fundamente sentiu e tão deliciosamente cantou a saüdade portuguesa, vai ficar eternamente acompanhado. Sem dúvida, não lhe será grandemente agradável a companhia, constituida na sua maior parte por brasileiros amadores de um solo pacato, por guardas republicanos, criadas de servir, e um que outro garoto pisando descalço as ruas ensaibradas e assobiando qualquer cançoneta da última revista teatral. Aos domingos à tarde, quando a banda do regimento vizinho espalhar pelo arvoredo os acordes gaiatos da *Viuva Alegre*, verá desfilar ante os seus olhos indignados as meninas burguesas que vão tomar a fresca e inundar de miradas amorudas os vultos esbeltos dos sargentos de cavalaria. Á noite poderá contemplar com freqüência, sentados nos três convidativos degraus que dão ingresso ao monumento, casais de namorados que, para amarem, dispensaram o latim do padre e os editais do Registo Civil. E a tôda a hora, torcendo levemente o pescoço, poderá admirar a atitude graciosa da deusa Flora cobrindo com a sua sombra amena e protectora outro homem célebre que em lugar de fazer versos passou a vida vendendo árvores de fruto e semente de hortaliças...

Isto sem falar na vizinhança, que é admirável: um mercado de legumes e carnes verdes, outro de peixe, uma prisão, várias escolas, um hospital e não sei quantas tavernas. Bulício constante, gritos, gargalhadas, pragas, obscenidades... Nunca mais o dolorido lírico do *Só* deixará de ter companhia. O pior é cair aqui de molde e a propósito o adágio popular: antes só que mal acompanhado...

*

Não, meus amigos, não era ali o lugar apropriado para colocar o monumento a António Nobre. Êsse ilustre português — Lusíada se chamava êle a si próprio — que à beira-mar nasceu, à beira-mar viveu, que tão profundamente sentiu a emoção do mar e em tão formosos versos a cantou, — à beira-mar deveria ter ficado a viver para a posteridade. Só por pirraça se compreende que fôssem pôr em frente de uma universidade o homem que detestava, Coimbra por lhe cheirar

> «por tôda a parte, desde a Alta à Baixa, a lente.»

E visto que o seu desejo fôra formar-se «na Escola Livre da Natureza», era longe da cidade, longe do seu tumulto, longe do seu degladiar de paixões e de vícios, que o deviam ter colocado.

Leio que vai abrir-se uma avenida de Leça de Palmeira para o Norte, ladeando a costa. Era aí, sob o céu azul, em frente às vagas, batido pelo vento do largo e contemplando os «poentes de sangue» que o busto de António Nobre devia ter ficado. Ali, escutando

> «as prelecções modernas,
> cheias de observação e verdades eternas,
> que faz diáriamente o Professor Oceano.»

Êle próprio parece ter indicado o local, — o mesmo onde construiu, quando infante, o seu «torreão de gloria, todo de lápis-lazúli e coral:

> Na praia lá da Boa-Nova, um dia...»

Pois era ali mesmo, sôbre os rochedos, perto da ermidinha, «única flor nessa viv'alma de areais», em cuja parede caiada escrevera, em certa tarde de verão, o seu nome destinado à imortalidade! As intempéries e o ardor do sol já de há muito apagaram essa assinatura. Mas lá dentro continua habitando a mesma escultura ingénua da Virgem a quem a sua alma ajoelhada pedia mais tarde a saúde e a mão da linda Margareth. Só assim, entre a Virgem-Mãe-dos-Navegantes e o eterno oceano torturado, a figura de António Nobre poderia destacar em tôda a sua grandeza e em tôda a verdade psicológica que a decoração ambiente lhe havia de dar.

Ali, os seus olhos saüdosos, que tantas lágrimas verteram, poderiam extasiar-se ainda na contemplação das coisas que em vida os encantaram. Veria nos «poentes minerais» a «hóstia do sol pôsto», os «pescadores a pescar com a linha cheia de anzóis», as «ondas do mar, Serras da Estrêla de água», «os brigues como pinhais» esbatendo-se na curva longínqua do horizonte, «o farolim da barra, lindo de bandeiras», as «tardes de novena», a lua, «a eterna freira do convento dos céus» e

> «as lanchas dos pòveiros
> a saírem a barra, entre ondas e gaivotas.»

Era ali, em frente a essa grande Escola-Livre, que ficava bem «um bacharel formado em ilusões

pela universidade da Quimera», o homem que sentira na mocidade o desejo intenso que êstes versos traduzem:

> «Pòveirinhos! Meus velhos pescadores!
> Na água quisera com vocês morar!»

e que, ao sentir-se já atacado pela enfermidade impiedosa que aniquilou um dos mais brilhantes cérebros da sua geração, pedia:

> «Quando eu morrer, hirto de mágoa,
> deitem-me ao mar!»

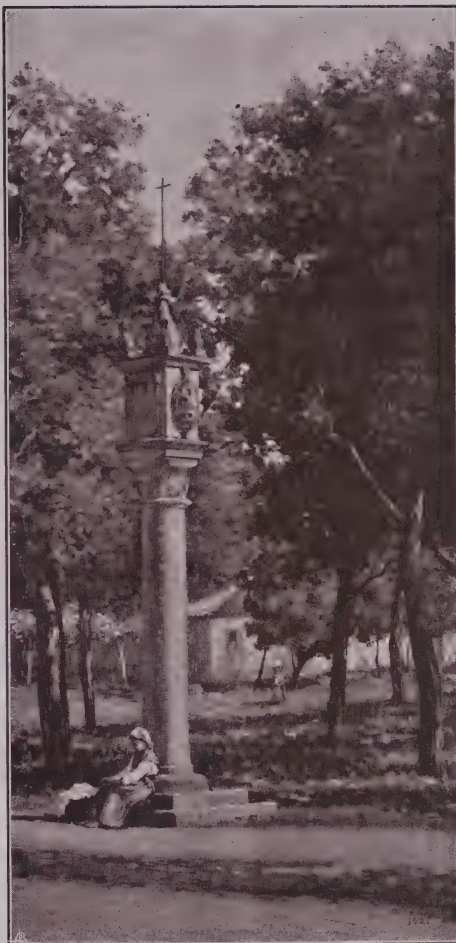
O mar! Sempre o mar! O mar que foi o encanto maior da sua alma e que tão ingratamente lhe correspondia, congestionando-lhe os pulmões sempre que o Poeta lhe sulcava o dorso nas muitas viagens marítimas que fêz! Nêle queria viver, nêle queria ser sepultado. Não lhe fizeram a vontade. O corpo, comeu-lho a terra. E para lhe perpetuarem a figura — a figura de um poeta tão original, tão português, «neto de navegadores» e o «último Lusíada» — foram pô-la num monumento banal de um banalíssimo parque à inglesa...

CAMPOS MONTEIRO.

ARTUR LOUREIRO

(A PROPÓSITO DA SUA ÚLTIMA EXPOSIÇÃO DE QUADROS)

MAL dirá quem o não conhecer, ao vê-lo passar na rua sob a sombra do seu amplo chapéu de abas largas, que vai ali uma das grandes glórias portuenses. Certamente, aquela máscara de D. Quixote, cuja barba alvadia lambe a *lavaliére* preta, os seus olhos penetrantes, filtrados através de uns largos óculos de míope, a leve corcova ganha no trabalho ininterrupto de meio século, as suas mãos esguias, quási espirituais, tocadas da beleza que tantas vezes teem transmitido ao pincel, dizem alguma coisa, dão a sugestão de se estar em presença de alguém que foge à vulgaridade do grande público. Mas a modéstia do seu porte, as suas atitudes retraídas, o seu desejo quási mórbido de passar desapercebido, estão longe de denunciar o artista insigne que em Portugal e fora de Portugal tem recebido as mais altas consagrações.

Natural do Pôrto, cedo partiu para o estrangeiro, a fim de se aperfeiçoar na arte para a qual o arrastava uma decidida vocação. Viveu, em Paris e em Londres, as horas amargas de quem, ignorado e em terra estranha, não encontra no trabalho remuneração suficiente para o pão de cada dia. Depois, à medida que o seu nome ia sendo conhecido, essas horas de amargura transmudaram-se em minutos de alvoroçada esperança. E já a Fortuna e a Glória lhe sorriam amplamente no dia em que, convidado para professar pintura em Melbourne, aproou ao continente australiano.

ARTUR LOUREIRO — «PELOURINHO DO PRADO»

Esperava-o ali um lar tépido e remançoso, a completa instalação na vida, a estima dos colegas, a admiração do público, a consagração oficial, a riqueza, — uma pátria nova mas carinhosa. Mas uma pátria que não era aquela onde nascera, uma pátria onde se falava uma língua que não era a sua, onde se desenrolava uma paisagem que não era a doce paisagem portuguesa... Entrou de pungi-lo o acúleo da nostalgia. E, sem embargo de saber muito bem que Portugal não é meio próprio à cultura estética, tendo a certeza absoluta

ARTUR LOUREIRO — «ANTES DA CORRIDA»

de que o esperava aqui a pobreza envergonhada que é o condão de todos que à Arte se dediquem, não hesitou. Desmanchou a sua casa, vendeu ao desbarato quanto possuia, e fêz-se de novo ao mar. O Lusíada saüdoso e aventureiro, cavaleiro enamorado de uma linda pátria que a distância torna mais linda, regressava à terra em que nascera. Vinha, após a sua longa peregrinação pelo mundo, mais pobre do que partira. Trazia, porém, no seu alforge de romeiro, duas riquezas incalculáveis: uma técnica pictural perfeita e um amor imenso ao seu país. Foi o consórcio dêstes dois elementos, a aliança de um cérebro perfeito com um coração de santo, que fizeram de Artur Loureiro o primeiro paisagista português hodierno.

*

Sentindo como um poeta e executando como um sábio, vendo através da beleza da sua alma toda a beleza que dimana das coisas, Artur Loureiro pinta, pinta sempre, sem descanso, hoje como ontem, agora como há quarenta anos. Dir-se-ia que sabe, como Goëthe, que a vida é demasiado curta para a longuidão da arte; ou então, que aos seus olhos extasiados se oferecem tantos motivos que receia perdê-los dando ao seu pincel o merecido descanso de alguns dias por ano. Êsse velho de setenta anos, enfermiço e débil — *mens sana in corpore morbido* — que dorme pouco, que se alimenta só de leite, que tem nervos de sensitiva e músculos de criança, a quem cada dia de trabalho rouba um mês de vida, não sabe ainda, numa idade em que já tantos colegas seus se aposentam, fazer outra coisa que não seja trabalhar. Passa os dias no *atelier*, ensinando, copiando os seus esboços, dando vida aos seus estudos, pondo em pé as suas grandes obras de arte. Chegado o verão, ala para a província, para a beira-mar, para as serranias agrestes de Trás-os-Montes, para as veigas idílicas do Minho. ¿Julgam talvez que vai descansar, fazer a sua vilegiatura, como agora sói dizer-se em linguagem que provocaria entojos em Vieira ou Bernardes? Enganaram-se. Vai trabalhar infinitamente mais do que trabalhou durante todo o inverno.

Acampa, por algumas horas, onde quer que encontrou uma beleza digna de ser transportada para a tela. Depois, larga à procura de outra. E não há curva de rio ensombrada por salgueirais, duna da costa batida pelo sol, encosta de montanha tapetada de verdura, massiço de castelo medievo ungido pelo luar, rôlo de vaga sôbre a areia, azinhaga abrigada sob um tufo de arvoredo, figura expressiva de camponês, rosto formoso de aldeã, quebrada de cêrro onde se alcandore uma ermida, grupo de animais tosando a relva ou recolhendo ao curral, ante os quais êle não tenha armado o seu cavalete para os copiar com uma fidelidade exacta, uma técnica soberba, uma magistral colocação dos planos, uma admirável distribuição dos valores, uma transparência perfeita e uma expressão poética tão sóbria, mas tão profunda, que chega a parecer um milagre a existência de tanta emoção em tanta simplicidade.

Desta forma, todo o país lhe tem passado pelo pincel. Ver os seus quadros é ver Portugal inteiro. Tem ali o melhor dos seus agentes a Sociedade de Propaganda. Chega a gente a convencer-se, vendo a profusão e a beleza das suas telas, de que não foi Artur Loureiro quem copiou a natureza, mas a natureza quem o plagiou a êle. ¡E quem sabe se algum dia, quando um amador de coisas belas encontrar numa deveza um carvalho frondoso protegendo sob a coma viridente o telhado enegrecido de um moinho, se não aproximará curiosamente, no afan de descobrir no sopé do musgoso tronco o glorioso monograma *AL*, num vermelhão retinto e cantante, com que o pintor exímio costuma assinar as suas tábuas!

*

Grande mestre! Prodigioso artista! Trabalhador indefesso, que, como Apeles, não conheceu ainda um só dia *sine linea*... Ilustre poeta do pincel que, a exemplo de Ferreira, amou a sua terra e a sua gente... É êle a resposta irrespondível à apóstrofe indignada de António Nobre quando preguntava: «¿Que é dos pintores do meu país estranho? Onde estão êles que não veem pintar?» Nesse tempo a interrogação tinha razão de ser. Loureiro andava por lá, pelo hemisfério sul, penando saüdades do seu Portugal. Voltou emfim. E êste país estranho, de feiras e romarias, de arvoredo e sombras, de rios tranqüilos e marinhas espelhantes, de céu sempre azul e praias de lenda, que já tinha encontrado o seu poeta, — encontrou também o seu pintor...

CAMPOS MONTEIRO.

A VOZ MATERNA

COMO no búzio formoso
Que o mar à praia lançou
Se escuta o eco saüdoso,
Longo, triste e melodioso
Das plagas que êle deixou:

Da voz com que nos dizia
Nossa mãe uma oração
Quando nos adormecia,
Repetem, sempre, a harmonia
Os ecos do coração.

ALVARO DE CASTELÕES.

ARTUR LOUREIRO — «APARIÇÃO»

ARTUR LOUREIRO — «BRANCOS E AMARELOS»

O MOSTEIRO DE PAÇO DE SOUSA

O INCÊNDIO que recentemente se ateou no célebre mosteiro beneditino de Paço de Sousa fêz-nos evocar as gloriosas tradições da idade média portuguesa, em todos os seus aspectos de piedade e bravura, de virtudes heróicas e paixões viciosas, de abnegações e egoismos, de enternecimentos e violências, tela imensa em que o esplendor da austeridade e da grandeza moral esbate e como que ofusca as rudezas duma sociedade tão próxima da barbarie.

Se aquelas pedras falassem contar-nos iam a história de muitas vaidades e ambições que ali se amortalharam, de muitos desenganos que se amargaram; a história de muitos guerreiros que no sossêgo e disciplina claustral procuraram a paz dos últimos dias, e de muitas almas cândidas e boas, que lá se abrigaram das perturbações duma sociedade revôlta, para intensificarem os seus anelos divinos. Quem não tem espírito para se transportar àqueles tempos remotíssimos, e para os compreender no seu mecanismo tão simples e tão excitado, não pode alcançar a poesia que se evola de todos os contrastes da vida medieval.

Segundo parece mais provável, o mosteiro de Paço de Sousa teve a sua origem pouco depois de meado o século XI, pois nos escritores antigos, e nomeadamente nos beneditinos, se conservou a notícia de se ter feito a sagração da igreja a 29 de Setembro de 1088. O fundador foi D. Troicosendo Guedes *(Guedaz* ou *Gueendez),* conforme declara o *Livro das Linhagens* do Conde D. Pedro *(Port. Mon. Hist., Script.,* 333, 335).

D. Troicosendo Guedes devia pertencer a uma rica família de mozárabes, se é que seu avô, D. Arnaldo de Baião, não era um dêsses cavaleiros que de além dos Pirenéus vieram buscar fortuna em aventuras de guerra contra os muçulmanos, segundo dizem alguns. Qualquer que fôsse a sua origem, era rico de bens de fortuna; e como na devoção se lhe associassem os parentes, dotaram tão generosamente o mosteiro, que êste pôde sustentar desde o princípio avultado número de monges, e a sua observância religiosa e o esplendor do seu culto ganharam larga fama.

Á história do mosteiro de Paço de Sousa anda ligada a memória do honrado e leal cavaleiro D. Egas Monís, que se ofereceu a resgatar com a morte a sua palavra nunca traída. Sentindo aproximar-se a morte, fêz seu testamento, em que escolheu por sepultura o mosteiro; deixou-lhe dez casais, uma cruz de nove marcos de prata fina, um cálice de cinco marcos e outro de menos, muitos castiçais, missais e ornamentos para a

sacristia, com outras peças para serviço da casa.

Do cruzeiro da igreja para a parte do norte avançava uma galeria, qual outra igreja, a que chamavam *Corporal;* ali sepultaram Egas Monís, que lá repousou até que em 1605 lhe trasladaram os ossos para a capela mór.

Bem merece ser relembrado aqui o nome de Fr. João Alvares, que em 1461 entrou no mosteiro de Paço de Sousa por abade comendatário. Foi êste religioso o companheiro de infortúnio do Infante santo D. Fernando no cativeiro, e no século XV figura de grande realce moral em Portugal. Teve grande zêlo no govêrno da casa e dos seus súbditos, e fêz umas constituições «muito bem ordenadas para o espiritual e temporal», as quais a seu pedido foram aprovadas pelo Pontífice Pio II.

O mosteiro de Paço de Sousa, decaindo da antiga observância, descera a um triste relaxamento. Em três cartas pastorais, que chegaram ao nosso tempo, Fr. João Alvares descreve o estado de indisciplina e decadência em que achou aquela casa e as outras da sua ordem no bispado do Pôrto, de cuja reforma o encarregou o Bispo D. Luís Pires. Os religiosos começaram de resistir à visitação e reforma de Fr. João, unindo-se todos contra êle. No mosteiro não havia nenhum livro com a regra de S. Bento em vulgar, e com isso se desculpavam de nenhum saber cousa alguma da regra. Fr. João traduziu-a, para que todos pudessem conhecê-la, e forneceu ao mosteiro outros livros de leitura proveitosa. Proíbiu-lhes que tivessem terras de posse individual, não só por ser isso contrário à regra, mas porque do facto resultava pretexto de haver mulheres naquelas terras; que saíssem do mosteiro, nem para dizer missa; que recebessem seculares na claustra; que comessem carne às quartas-feiras, etc. Outros serviços relevantes, que dêste logar são impróprios, prestou Fr. João Alvares ao seu mosteiro de Paço de Sousa.

No século XVI atravessou o mosteiro nova crise, que provàvelmente começara logo depois da morte de Fr. João Alvares. Esteve a ponto de ser extinto. Entre os seus bens se contava então uma grande cêrca chamada *Granja de Franco,* pegada com o rio Sousa, com terras de semeadura, e na qual colhiam em média quinhentos almudes de vinho. Aproveitavam os monges a quinta para seu recreio, por estar perto do mosteiro e em sítio acomodado.

Entrando em 1580 a ser administrado e governado por abades trienais, acrescentaram êstes o mosteiro com novas construções, como claustras altas e baixas, água perene ao meio da claustra e em tôdas as mais oficinas, casa de capítulo, refeitório, um dormitório e outras obras de menos consideração.

¿Que sorte estará agora reservada ao vetusto edifício classificado monumento nacional?...

FORTUNATO DE ALMEIDA.

Cliché fotográfico de Marques Abreu

MOSTEIRO DE PAÇO DE SOUSA — VISTA GERAL

Cliché fotográfico de Marques Abreu

IGREJA DE PAÇO DE SOUSA — FRONTARIA

A IGREJA DE PAÇO DE SOUSA

As primeiras notícias do recente incêndio na igreja de Paço de Sousa, cujo início teve logar no antigo convento junto, foram de molde a causar algumas apreensões. Falou-se na sua destruição. Todavia nem todo o templo foi atingido nem mesmo os danos se podem considerar irreparáveis. A forte contextura medieval resistiu admiràvelmente, apenas sofrendo algumas pedras ornadas nos locais onde o fogo se intensificou.

Não levará muito tempo que o monumento renasça das suas ruinas, mais belo sem dúvida do que ultimamente se mostrava, pela pureza das formas primitivas que uma consciente restauração lhe restitua. Nisso estão empenhados o ilustre artista Senhor Adães Bermudes, arquitecto director dos Monumentos e Palácios Nacionais e o seu cooperador Senhor Baltasar de Castro, arquitecto da secção dos monumentos do Norte, que com o maior desvelo iniciaram os seus trabalhos.

Tendo-os acompanhado na visita como velho amigo do monumento que há vinte anos feitos seduziu o meu espírito moço, quando num estagio com meu pai, o pintor Vitorino Ribeiro, ocupado na factura do seu quadro *O Pórtico de Paço de Sousa,* a ponto de se converter em paixão o que me parecera curiosidade, pude reavivar conhecimentos passados e adquirir muitos outros que o elevado critério artístico do Senhor Adães Bermudes dispendeu nas impressões trocadas, a que se associou o ilustrado Abade Rev. J. Monteiro de Aguiar, arqueólogo distinto a quem a história do templo tem merecido aturado estudo.

O domingo 13 de Março de 1927 marca uma data memorável para o monumento. Como um lenitivo para a dor cruciante originada pelas paredes denegridas e madeiramentos carbonizados, surgia o trabalho fecundo, quer intelectual dos arquitectos e arqueólogos, quer material do bom povo da fréguesia, que em massa, com a melhor boa vontade libertou o templo dos detritos enegrecidos nele acumulados. Todos compreenderam o apêlo que o digno pároco à hora da missa fizera, nesse ambiente impressionante de ruina, com a sua reconhecida eloqüência que tocou mesmo os corações menos sensíveis. Era preciso que a igreja fôsse restaurada sem demora. E os primeiros passos davam-se nesse mesmo dia. É para notar o acolhimento penhorante que o Senhor Abade Rev. Manuel Gomes de Castro dispensou aos técnicos oficiais e ao humilde cronista agregado, já recebendo-os galhardamente na sua residência, já tributando-lhe uma acarinhante manifestação de simpatia de que foram intérpretes algumas graciosas rapariguinhas da terra, que envergando característicos vestuários de côres alacres, cobriram de flores os que aí foram com amor e devoção.

A recompensa só virá quando o monumento, glória da localidade, se mostrar por completo reintegrado na sua vetusta imponência.

Todos poderão exultar com a vitória.

Cliché fotográfico de Pedro Vitorino

IGREJA DE PAÇO DE SOUSA — PORMENOR DA PORTA PRINCIPAL

Cliché fotográfico de Pedro Vitorino

IGREJA DE PAÇO DE SOUSA — CAPITÉIS E MODILHÃO DA PORTA PRINCIPAL

Para que se avalie do valor e importância monumental da igreja que a fatalidade num momento atingiu, dela darei uma sucinta descrição.

Distante uns cinco quilómetros de Penafiel, para o poente, num ameno vale frondente e pitoresco, assenta o extinto mosteiro de S. Salvador de Paço de Sousa, da ordem beneditina. Segundo o cronista frei Leão de S. Tomás fôra fundado em 956 por Truictozendo Guedes descendente de um fidalgo francês D. Arnaldo de Baião que nos fins do século IX viera a êste recanto ocidental tentar fortuna. De Truictozendo era neto o celebrado aio de D. Afonso Henriques, Egas Monís, que no logar tinha o seu paço, donde derivou o onomástico actual, Paço de Sousa, por próximo, correr um rio com êste nome Foi D. Egas um bemfeitor do mosteiro cedendo-lhe em 1130 o seu paço e junto dêle sendo sepultado quando em 1144 faleceu. Não subsistem vestígios materiais desta época, bem como da igreja que o arcebispo bracarense D. Pedro a 29 de Setembro de 1088 sagrava. Aumentados os recursos dos monges, que, como é sabido, se empregavam na agricultura, foi julgado oportuno um novo templo, o actual, pelas melhores probabilidades não anterior ao século XII.

É um vasto edifício de três naves, cheio de carácter e de magestade. Tendo conseguido vencer alguns séculos quási incólume, depois da extinção dos abades comendatários, em 1580, sofreu várias modificações, principalmente no frontespício, onde só o portal e o óculo circular foram respeitados. O portal, muito belo, consta de cinco arquivoltas em cintro quebrado, assentes sôbre colunas de capitéis tronco-cónicos com ábaco. A ornamentação dos arcos expande-se com parcimónia: um entrelaçado geométrico envolvente, raso, e renques de esferas nas caneladuras, ladeando dois dos tóros. O tímpano com os emblemas do sol e da lua, entre uma legenda, assenta em modilhões com figuras. Anote-se o simbolismo: os dois astros, personificados por um homem e uma mulher aludem não só «à obscuridade que envolveu a terra por ocasião da morte de Cristo» mas «simulam também o firmamento assistindo e tomando parte na morte e no triunfo do Criador»; por sua vez, a cabeça de homem e do bezerro, dos modilhões, são os atributos de dois dos evangelistas, S. Marcos e S. Lucas. Os ornatos dos capitéis, de acentuada feição bisantina, mostram motivos vegetais. Quatro dos fustes são facetados, tendo esculpidas estrêlas e vieiras, e correspondem aos arcos com os renques de esferas. Êste portal, assemelha-se muito, nos seus elementos ornamentais, ao de Roriz, no concelho de Santo Tirso. O óculo condiz com o pórtico, patenteando uma fiada de esferas e duas rodadas de florões. Descaracte-

Cliché foto. de Marques Abreu

IGREJA DE PAÇO DE SOUSA — TÍMPANO DA PORTA PRINCIPAL COM OS EMBLEMAS DA LUA E DO SOL

Cliché foto. de Pedro Vitorino

IGREJA DE PAÇO DE SOUSA — ABSIDÍOLO E TRANSEPTO DO LADO NORTE

rizam bastante o frontespício os dois corpos com pilastras e pináculos, apensos nos princípios do século XVII e o frontão da época de D. João V. Á cúspide deveria ter pertencido a cruz orbicular que pousa agora no muro fronteiro ao escadório.

A frontaria é amesquinhada pela parte norte do convento, cujo avanço ocultou quási por completo a testeira da nave próxima. Só a oposta se mostra liberta, deixando ver a faixa ornamental que corta o paramento a meia altura para rodar até à abside. Junto da entrada é curiosa a escultura românica do príncipe dos apóstolos S. Pedro, abrigada num grosseiro baldaquino.

Circundando a igreja, fica-nos ao norte, sôbre o terreno do cemitério, o exterior da colateral, onde foram abertas anacrònicamente largas janelas de maceira, com contrafortes e o seu entablamento de pequenos arcos; o tôpo do transepto e seu óculo e por fim o absidíolo, de esbelta aparência, com colunetas, onde sorri uma janelinha ainda intacta. Alguns vestígios arquitectónicos semi-soterrados convidam a uma exploração cuidada, bem para tentar ao recordarmos aí ter ficado a antiga igreja do Corporal que pelo transepto comunicava com o templo.

Transpostos os humbrais depara-se-nos uma magnífica fábrica tôda de silharia lavrada. Nos muros, as cruzes da consagração. As dimensões até ao Cruzeiro acusam $25^{m},30$ ao comprimento e $16^{m},50$ à largura. Fortes pilares dividem o recinto em quatro tramos; cada pilar desabrocha num enfeixado de colunelos donde arrancam as grandes arcadas ogivantes e os pequenos arcos transversos; os colunelos destinados aos arcos mestres grimpam para o *clérestory,* onde janelas cintradas se fendem. Todos os colunelos ostentam capitéis de galba elegante, finamente esculpidos, com decoração na sua maior parte flórica. Prolongado com os ábacos, ao seu nivel, corre nos diferentes muros um friso estilizado de excelente efeito ornamental.

No transepto, erguido a tôda a altura da nave meã e cuja parte central mais se eleva, veem abrir-se as três porções da abside: as laterais em hemiciclo, e a intermédia rectangular. Esta foi em 1784 alterada, perdendo a sua forma redonda e tornando-se mais ampla: tendo $5^{m},50$ de largura deita ao comprido 22^{m} exactos. A par dos colunelos primitivos, no meio de arcadas cegas trilobadas mostra largos rasgões joaninos. As capelas absidais, com a abóbada de quarto de esfera, de excelente construção, exibem um arco pleno apoiado em mísulas, das quais, a da epístola tem os conhecidos símbolos do homem e do bezerro. Na abside os ornatos de granito estão cobertos a ouro.

Junto daquela, uma pequena porta ogival dá passagem para a sacristia, obra do século XVII, luxuosa dependência de tecto apainelado, com matiz e dourados, onde, entre outras imagens há uma pequena virgem românica esculpida em calcáreo.

Abstendo-me de maiores detalhes, direi ainda que a execução escultórica dos capitéis, ábacos e frisos é muito perfeita, para o que contribui a pedra utilizada, pouco granulosa, denominada «sabão» e oriunda da fréguesia de Rans, como me elucidou o Rev. Monteiro de Aguiar.

Um notável documento iconográfico que êste templo encerra é o cenotáfio de Egas Monís, cuja lealdade e cavalheirismo o celebraram na

Cliché foto. de Marques Abreu

IGREJA DE PAÇO DE SOUSA — S. PEDRO (Escultura românica)

Cliché fotográfico de Marques Abreu

IGREJA DE PAÇO DE SOUSA
PORTA PRINCIPAL

história. Dêle se ocupou quási em meados do século passado o cirurgião António de Almeida, numa memória apresentada à Academia das Sciências no sentido de provar a sua autenticidade, tendo também muito recentemente o Senhor Abade J. Monteiro de Aguiar escrito uma notícia em língua inglesa *The Tombs at Paço de Sousa* para a publicação norte-americana *Arts Studies* (1926).

Antes de nos determos na sua contemplação e de historiar as injúrias que tem passado, rememore-se o tocante feito que imortalizou o aio do nosso primeiro rei.

Afonso VII de Leão, após breves tréguas seguidas ao falecimento de sua mãe, que havia anos sustentava guerra com a irmã D. Tareja, por morte do conde D. Henrique no govêrno do condado portucalense, onde já se manifestavam desejos de independência, com um exército invadiu o território lusitano. Submetidas povoações várias, o rei leonês assediou Guimarães. Lá se encontrava Afonso Henriques, ao tempo com uns quartorze anos. Entre o angustioso dilema de uma expugnação cruel ou de uma entrega indecorosa, pois a vila se encontrava reduzida ao último extremo, Egas, preceptor do jovem príncipe, com seu assentimento, parlamentou com o monarca assediante, e prometeu, entre condições vantajosas, que o primo se reconheceria vassalo, isto afiançando sob palavra de honra. Foi levantado o cêrco, e dois anos mais tarde, vencedor da revolta contra sua mãe, 1128, Afonso Henriques olvidou o prometido. Só Egas permaneceu fiel ao compromisso. Pronto a resgatar, com a cabeça e a dos seus, a sua nunca traída palavra, dirigiu-se à côrte de Leão, onde aquela extraordinária prova de lealdade subjugou a ira do monarca, que deixou partir liberto e com a dignidade ilibada o cavalheiresco fidalgo de Riba-Douro.

É êste poético e eloqüente episódio da jornada a Toledo, um dos assuntos representados no moimento. Em rígidas e balbuciantes esculturas deixa-nos ver três homens a cavalo, que um peão armado de uma ascuma acompanha; alguns curiosos quedam-se observando; a figura da frente, mostrando um bem azaejado cavalo, e a melhor cuidada do grupo, deve representar Egas. Encontra-se infelizmente mutilada. Em baixo corre um lanço de figuras, apenas esboçadas, por certo a família do fidalgo, com crianças num berço e demais pessoas do séquito. As restantes pedras tumulares encontram-se num outro agrupamento com a tampa da sepultura, onde se vê a inscrição datada de 1144; representa uma delas, o passamento do fidalgo com a alma evolando-se sob a efígie de um menino nu, e outra, a sua sepultação com um padre lendo o ofício de defuntos.

São pedras desmanteladas do antigo túmulo

Cliché fotográfico de Marques Abreu

IGREJA DE PAÇO DE SOUSA — FRAGMENTO DO TÚMULO DE EGAS MONÍS

Cliché fotográfico de Marques Abreu

IGREJA DE PAÇO DE SOUSA — OUTRO FRAGMENTO DO TÚMULO DE EGAS MONÍS

que a falta de senso de alguns maiorais beneditinos quási votou ao menosprêzo. Nada menos de três as levas que o cenotáfio experimentou. Foi em 1605, que o D. Abade frei Martinho Golias vendo o estado ruinoso em que se encontrava o Corporal, levantado pelo avô de Egas Monís para jazida de sua família, resolveu demoli-lo, transportando os mausuleus principais para a capela-mór, onde assentaram completamente oito anos depois.

Então se abriu pela primeira vez o sarcófago, onde foram encontrados, à mistura com ferros, alguns ossos, que ficaram repousando num caixão junto da cadeira abacial.

Ao ser rebaixado o presbitério no tempo da abadia de frei Manuel das Neves, em 1741, teve logar a sua demolição, o que a comunidade muito sentiu, valendo os seus rogos o não terem sido aniquiladas as pedras. Ainda assim, para melhor se acomodarem num espaço restricto as desvastaram a picão com a maior inconsciência. Só até 1784 permaneceram nesse logar, pois que resolvendo frei Manuel de S. Tomás reformar a capela-mór, ampliando-a, relegou o túmulo para o corpo da igreja na forma que hoje se vê.

Tais os boléus que o mal-aventurado moimento levou, devido à demolição da capela do Corporal. A propósito refere na sua *Beneditina Lusitana,* frei Leão de S. Tomás: «Esta historia e feito heroico, que não faltou quem o tivesse por fabuloso, se esculpiu nos sepulcros de Egas Moniz e de seus filhos, que eu vi no dito corporal uma e muitas vezes; e parece que melhor fôra que o corporal se não desfizera, e que permanecesse n'elle a dita antiguidade, para que o feito em si com a vista do retrato d'elle ficasse eternisado na memoria dos homens.»

No programa restauracionista inclui-se a reconstituição do túmulo de Egas Monís. Êsse desígnio, visionado por alguns espíritos zelosos da arte e das tradições portuguesas e já admitido quando das obras de beneficiação não concluidas, aí por 1897, será pois em breve uma realidade.

Tardiamente embora, saber-se há honrar a memória quási apagada de uma das mais nobres figuras da nossa nacionalidade.

PEDRO VITORINO.

MADRIGAL ANTIGO

Ninguém no mundo presume
Duns olhos que eu louco amei
O fulgor, em cujo lume
O lume dos meus queimei.

Caminho agora guiado
Pelo seu doce clarão,
Que, de meus olhos privado,
Seus olhos meus olhos são.

ALVARO DE CASTELÕES.

VARANDA DE PILATOS

Com razão e inteligência afirmou o Dr. Veiga Simões, em entrevista concedida ao *Diário de Lisboa,* que a nossa representação em Sevilha devia ser puramente de ordem intelectual.

A ela devemos levar afirmações concretas de lusitanismo consciente, sem evocações históricas de simples retórica literária.

O Pavilhão d'Honra português deve mostrar orgulhosamente o que fizemos no passado, descobrindo, conquistando, colonizando, a par dos trabalhos scientíficos realizados nessa empresa de gigantes geniais, e em que o Roteiro do Mar Roxo de D. João de Castro, os planos de Albuquerque dos *Comentários,* os projectos ousados e perfeitos de António Galvão para a ligação do Atlântico ao Pacífico, numa previsão de séculos do actual Panamá, carecem ser divulgados em mapas visíveis e fàcilmente compreensíveis aos olhos mais leigos.

E a par do passado colocar o presente, em que as viagens de navegação aéria-transatlântica devem ser postas em confronto, no seu aspecto scientífico, com as descobertas náuticas do século XV. A par do astrolábio de Pedro Nunes o sextante de Gago Coutinho.

Mas neste presente, cheio de possibilidades, o futuro tem que ficar desde já revelado como uma certeza. ¡Em Sevilha temos que afirmar, por forma insofismável, o Império português de ámanhã! O domínio colonial de ontem é já como Império que lá deve aparecer, traduzindo uma directriz consciente e uma vontade firme — a fé que revolve montanhas — das novas gerações portuguesas. ¡O Atlântico sul é Lusíada: — Angola na costa de África, o Brasil na costa da América! Afirmação gloriosa, certeza admirável, de resto já sentida e defenida claramente por D. João IV na sua entrevista com o cavalheiro de Jant, e que volta a ser hoje para nós uma esperança maravilhosa e deve ser ámanhã esplendida realidade.

D'Annunzio, insuflando à Itália de hoje a tradição formidável do Império Romano — que não lhe pertence de facto, mas de que já vai sendo dona e portadora à face do Mundo — deu a cada italiano e à nação inteira uma fôrça patriótica de tal maneira forte e grande, que o gesto romano de Mussolini foi não só possível, mas belo. E sem essa exaltação delirante do Poeta de Fiume, Mussolini arriscar-se-ia a passar por um doido incompreendido, de palavras sem nexo e atitudes caricatas.

E esta certeza que volta a aparecer para

Cliché fotográfico de Marques Abreu

MOSTEIRO DE PAÇO DE SOUSA—CLAUSTRO

nós à luz dia, mas não é ainda, como deve ser, para o povo português uma verdade aceita, será ao mesmo tempo a fôrça única e poderosa que nos levará de novo a gloriosos destinos. Conscientes dela, as pequenas vaidades que nos dividem e os mesquinhos ódios formalistas que nos separam deixarão de existir. E aos olhos da Europa e do Mundo nós passaremos a ser então verdadeiramente o que de facto somos: mais que um grande povo, uma grande Raça — a Raça Lusíada!

Levemos pois afirmações intelectuais a Sevilha, de carácter artístico, literário e scientífico. Façamos larga propaganda das nossas belezas naturais e das nossas já tão reduzidas indústrias artísticas. Apresentemos, num pavilhão colonial, produtos industriais e agrícolas que vitalizem e valorizem o nosso esfôrço económico e colonizador de Além-Mar, mas por amor de Deus não vamos perder tempo e dinheiro em levar a Sevilha, ao lado do velho, afamado e clássico «Pôrto» de tôdas as exposições, algumas amostras de calçado «Portugal», com a sua fantástica e horrível legenda: «portugalize os seus pés».

¡Seria triste e seria cómico, e mais, daríamos à Europa e às Américas a burlesca e trágica impressão de um doido sem cabeça para pensar e braços para agir, só pés — uns pés disformes, descalços, enormes de vagamundos!

MANUEL DE FIGUEIREDO.

IGREJA DE PAÇO DE SOUSA — TRABALHANDO NA REMOÇÃO DOS ESCOMBROS

Clichés fotográficos de Pedro Vitorino

INÍCIO DOS TRABALHOS DE RESTAURAÇÃO DA IGREJA DE PAÇO DE SOUSA — Da esquerda para a direita, o engenheiro João Pimentel, o arquitecto Baltasar de Castro e o arquitecto director dos Monumentos Nacionais, snr. Adães Bermudes com o abade de Paço de Sousa, rev. Manuel Gomes de Castro e o abade rev. J. Monteiro de Aguiar, ilustre arqueólogo.

Cliché foto. de Marques Abreu

COIMBRA — MUSEU MACHADO DE CASTRO — RAMO DE CORAL CONSAGRADO

MUSEU DE OURIVESARIA, TECIDOS E BORDADOS

ANEXADO AO MUSEU MACHADO DE CASTRO, EM COIMBRA

(Continuado do número 9)

RAMO DE CORAL CONSAGRADO

Ao coral foram sempre atribuidas virtudes sobrenaturais contra feitiços e maus olhados.

E esta superstição perdura. É vulgar, ainda hoje, vê-lo entre outros amuletos, que se lançam ao pescoço das crianças de primeira idade. E ficam livres de quebrantos.

As condições de resistência desta interessante antiqualha eram fracas. E sucedeu o que era de prever.

Para remediar as fracturas, foram afixadas anilhas e aditadas as duas hastes em lira, de ingrato efeito.

No receptáculo circular superior estão dispostas esquírolas do santo lenho.

A peça é finamente embelezada de esmaltes e todo o trabalho de esmerado engenho.

Século XIV. Altura 58 centímetros.

CÁLIX DE OURO

Existe a patena respectiva.

Executado em estilo da renascença, tem o aspecto agradável e o luzimento de elementos superabundantes, conhecidos e faustosamente dispostos.

No hemisfério inferior da cratera estão relevados episódios do Novo Testamento.

No noête fenestrado bustos de santos.

Século XVI.

Altura 24,5 centímetros.

RELICÁRIO

Contém um ôsso de Santa Comba.

De prata lavrada e relevada, é um modêlo de correcção técnica pela firmeza do buril e vigor do ornato abolhado.

Século XVII.

Altura 85 centímetros.

IMAGEM DE S. NICOLAU

É de prata.

Na peanha tem marcada em siglas pontoadas a palavra — *relicayro*.

A modelação tem um aspecto arcaico. E por esta impressão tem sido unanimemente classificada do século XIII.

Todavia bastará atentar na concepção dos panejamentos, a que a imperícia do artista não soube dar melhor execução, para se ver que a disposição e movimento

das abundantes pregas não pode convir a época tão recuada.

A placa que adorna a mitra é sem dúvida primitiva e inculca data não anterior ao século XV. E, partindo dêste indício, a observação subseqüente descobre razões, pelas quais se deve aceitar, como preferível, esta atribuição.

Século XV.

Altura 59 centímetros.

(Conclusão.)

A. GONÇALVES.

A VOLTA PASCHAL

DIAS de Paschoa á porta, quam graüda e aguçosa fula-fula vai pelas aldeias da nossa terra!

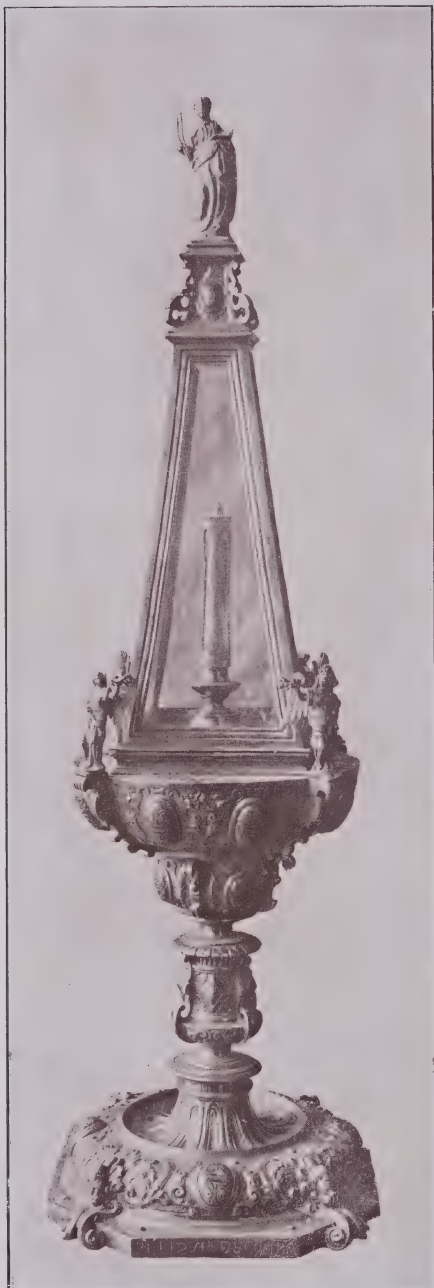
Por todos os fógos um alacre alevanto corre em branquejar-lhes a cal as paredes, esfregál-os, mondál-os de todo o lixo albergado durante o anno, arrumál-os, alfim, para que a visita do Senhor Nosso Pae seja bem merecida e honrada como se quer e se lhe deve. Ao depois, ha-de sacar-se das velhas caixas, das vastas arcas de castanho armadas pelos avoengos, a limpeza rica e abundosa dos dias grandes, fiada e tecida por trez gerações com o melhor linho do prado, que depura o ar com os rusticos olôres da camoesa sádia e da virente alfazema, a mais as roupas e os oiros das festas d'egreja e das lepidas folguras d'arraiaes e romarias. Cobrem-se as camas, o principal traste do lavrador, com lençoes alvos como o bom leite, de farta dobra rendada, e com as pezadas cobertas de laboriosos *crochets* entretecidos, á quentura consoladora da lareira, nos lazeres dos serões, de franjas cerradas e altas, que formam vistoso roda-pé. Outras, menos apparatosas, ataviam-se apenas com aquellas garridas e antigas cobertas de chita, de flammante e bizarra exhuberancia ornamental de volutas, óvulos, albarradas, gryphos e dragões, no jaez dos azulejos setecentistas, cujo fabrico, malfadadamente, vai perdido ha longos annos. E pelas mezas, no mesmo desejo chibante de galear o bragal, desdobram-se as largas toalhas com iniciaes e corações bordados e rendas do mór apparato.

Tais andanças caseiras levam as horas todas d'estes dias e por isso ficam em paz campos e leiras, para allivio das canceiras árdegas do anno.

Sabbado rompente, eil-o que traz a boa e jucunda nova da ressurreição de Christo, o Divino Martyr. Chega, então, a faina de, ao bater das dez horas, queimar os judas e victoriar o maravilhoso e ditosissimo evento. Estourejam ardorosamente os foguetes e morteiros; as choraes frementes e sonorosas estrugem a froixo e com nimio gaudio por eidos e casaes. De tanto que os ares vibram com a férvida atroada parecem tambem festivos e harmonicos.

Emparceira a natureza, toda em gommos de fartura e viços de graça, com o gentio aldeão nos hosanas da alleluia;

Cliché foto. de Marques Abreu

COIMBRA — MUSEU MACHADO DE CASTRO — CÁLIX DE OURO

Cliché foto. de Marques Abreu

COIMBRA — MUSEU MACHADO DE CASTRO — RELICÁRIO

mostram-se mais viridentes os centeaes e as arvores, engrinaldadas como noivas, saúdam com seus ramos floreos, quaes thyrsos triumphosos, o coruscante sol, a boiar jubilosamente, indolentemente, no purissimo e infindo mar azul.

Quam tem de andejar o senhor abbade n'este jovial domingo de Paschoa! Na freguezia, fogo a fogo, todos querem receber sua sagrada benção, a mais a visita, purissima e gratissima, do bom Jesus, que por nosso amor morreu crucificado lá nas terras negras, escalvadas, da Judeia. E quando ella é de fartas redondezas, não basta a caminhada de todo o dia. Então, o senhor abbade reparte com um collega a tarefa da volta paschal ou alonga-a pela segunda feira, dia santo de guarda nas aldeias, afim de que ninguem fique sem a graça da visita de Nosso Pae.

Manhã lucida, radiosa das pompas luminosas do Sol — o precioso e altivo topazio das pedrarias celestes, — larga da residencia o senhor abbade com seus acolytos d'opas rubras como grandes papoulas e luvas brancas d'algodão a tapar as coriaceas mãozorras: os dois mordomos da cruz, um casado, solteiro o outro, que devem revezar-se no encargo, o mordomo da caldeira, e os môços da campainha e da cesta dos folares.

Repicam festival e garridamente os sinos, lá no altaneiro campanario; a campainha do sequito principia com sua leda e incessante toada, dlim, dlim, dlim..., que por trilhos e atalhos fóra echoa jubilosamente, a annunciar a romagem das saudações divinas.

Pouco a pouco engrossa o acompanhamento com o rapazio buliçoso, com a gente das primeiras casas benzidas, pois nas dos vizinhos tambem querem beijar a cruz, prova de estima por elles e de devoção para com Deus. Enche os caminhos a borboinha do seu linguarejar, o tropel do seu calcurrear; toda a aldeia se agita alvorotadamente.

Apresenta cada casa, na sala d'entrada, sua meza mui bem coberta com a melhor toalha de fólhos rendados, embrincada de fitas e flôres, algumas d'estas desfolhadas, outras tufando louçãmente nas jarras diversicolores de Vianna, de fabrico tambem perdido dês velhos annos, na qual se depõe um Christo e se põe o folar do senhor abbade. Muito variado é elle, pois vai do assucar, do arroz, dos ovos, do feijão, aos dôces, ás meias e aos lenços bordados, se na casa ha mocetonas. Qual d'elles, porém, não deve dispensar as tradicionais maçãs, sobre as quaes, nos bons tempos d'outr'ora, se pousava uma placa de quinhentos reis. Emigrou a prata, padecem praxe e proveito abbacial! Mas, nas casas de mór pobreza, o senhor abbade não levanta o folar, nem, tampouco, nas ricas, porque depois lá lhe vai parar a casa, medrado que nem gallinha de moleiro. Acogulada a cesta, tafulmente guarnida com boa toalha de rendas, com flôres e fitas de varios matizes, afreima-se um mordomo em ir despejál-a na residencia e eil-o que regressa impacientemente — não vá perder-se algum folar.

E' n'esta sala que a familia e os familiares ajoelham em roda quando entra a cruz. Depois da benção, asperge o senhor abbade com agua benta a casa e os presentes e dá a cruz a beijar, ao patrão, primeiro, a seguir, á mulher, aos filhos e aos servidores; por fim, congratula-se com as prosperidades da familia e expressa-lhes os desejos d'uma festa alegre. Ao gentio que invade a sala, é o mordomo quem apresenta a cruz para o pio beijo, de guisa tal que, ao findar a romagem, ha môços e môças com um copioso activo d'osculos devotos.

Cruz beijada e casa benzida, passam para outra sala a comitiva paschal, amigos e visinhos, onde se saciam gulas, retemperam fôrças e refrescam sêdes, que a tudo acode a meza repleta de vinhos e doçarias. O galrejar é exuberante; hilare e galhofeiro, o bulicio. E emquanto todos charlam, folgam e riem, abrem-se largas clareiras na meza, sumem-se os dôces, os biscoitos, os rebuçados e as torradas, esvasiam-se as travessas atestadinhas de créme e arroz doce, despejam-se as canecas trasbordantes de vinho. Não ha quem use cerimónias, graças a Deus, pois são inexoraveis as lazeiras dos caminhos compridos e as glutonias dos lambarazes. E lá por os mordomos esconderem as mãos em luvas solemnes, não deixam de servir

seus appetites e de modo a provar o usofructo de sólidos estomagos. Assim, em pouco tempo o aspecto da meza torna-se desolador, pois tam deserta fica quam povoada era antes.

Fóra de portas, isso então é que é fogoso o algarido! O rapazio pula, cabriola, bradeja e agatanha-se, na ancia d'apanhar os rebuçados e os figos que lhes atiram. O mais da gente empurra-se e barafusta para arrecadar os tremoços e os biscoitos que lhe são offerecidos. E quando a bojuda caneca circula, todos querem beber sua pinga, antes que ela se estanque.

Se na casa ha raparigas não se esquece o senhor abbade de brindál-as tambem com o folar, de dar-lhes uma lembrança de sua visita. Esta escolhe uma pequena oleographia do santo de sua devoção, áquella mais lhe agrada um cartão rendado com a imagem da Virgem, e todas ficam satisfeitas e agradecidas.

Mas é mister retirar, que ha mais visitas a fazer. Que pezar para a companhia! Mas, afinal, á ideia das casas do João de Paredes, do morgado da Torre, do Silva brasileiro e d'outros, refaz-se a alegria. Bebe-se o ultimo copo, fazem-se as despedidas e novamente a companha paschal ahi vai toda lépida caminho fóra, captiva da toada continua e festosa da campainha, dlim, dlim, dlim...

Tambem eu n'ella arranchava prazenteiramente e, como de quando em quando tracejasse uma observação, reparei, então, que o senhor Adelino, pequeno lavrador com dois annos de Brasis, me enviezava olhaduras d'intrigado. Percebia-se que o homem ruminava afanosamente no caso! A certa altura, na verdade, o homem agarra-me n'um braço e, a impar de satisfação, diz-me com o entono de ter descoberto a quadratura do circulo: Já sei o que o senhor anda a fazer: é a estatistica da festa. E o riso farto dos contentamentos felizes, como esse de ter logrado o descobrimento das minhas intenções, alargava-lhe as faces, punha-lhe chispas nos olhos pequenos de velhacaz. Depois, para demonstrar sua arteirice aos companheiros curiosos, explicou-lhes que coisa era essa das estatisticas. Quanto é bom ser-se arguto e illustrado!

Dia a acabar, romaria a findar. O sol, já entrado no horisonte, emburilha-se ovante nas languidas e lucilantes roupagens do crepusculo, fulgidamente iriadas, para dormir regalado o seu somno de opulentissimo satrapa. Pelo oriente já sombrejam as primeiras nevoas da noite.

No largo da cruz, de ha muito se amalta o gentio da terra para entoar o clamor, com que se remata o dia festivo e se acompanha a cruz paschal até á egreja. Mas não vale perder tempo; então, emquanto se espera, a mocidade, atiçada pelas silvanas cadencias do harmonium do Manoel Bispo, o tal piano de cavalhariça, no dizer de Camillo, fórma suas rodas e baila rijamente, com gaudio e com primor.

Mas da casa do Zé do Carro, a ultima da volta, já sahe o senhor abbade. Prestes se ordena o acompanhamento, as mulheres á frente, no meio o reverendo com a cruz e seus mordomos, no couce, a caterva masculina. Logo, pela serenidade do valle, se desdobra a zoada fremebunda, dissonante, aos arrancos, do clamor, entoado com o celebre hymno gaulez *Voulons Dieu*, que toda a França cantou no dia seguinte ao da sua composição. E quando o estribilho

Queremos Deus que é nosso Rei
Queremos Deus que é nosso Pae

brota sibilantemente, vigorosamente, d'aquellas cem, duzentas, boccas, dir-se-hia que a natureza estremece com essa tam funda emoção de tantos peitos crentes no amor do bom Jesus.

Eis acabadas as boas horas d'um dia feliz e já saudoso. Padre Antonio, Hercules entrajado n'uma batina, de vossa franca e singela bondade me lembrarei sempre, na volta de novas Paschoas. E que Deus m'as traga assim floridas e garridas como as d'este anno. A mim e a todos.

Carlos de Passos.

Cliché foto. de Marques Abreu

COIMBRA — MUSEU MACHADO DE CASTRO — IMAGEM DE S. NICOLAU

DR. PIRES DE LIMA, ILUSTRE ANATÓMICO PORTUENSE — (Baixo relêvo de António de Azevedo)

AS ANOMALIAS DOS MEMBROS NOS PORTUGUESES

NOTÁVEL CONFERÊNCIA
PELO ILUSTRE PROFESSOR
DA FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO
SNR. JOAQUIM ALBERTO PIRES DE LIMA

A Associação Académica do Porto, num dos mais louváveis intuitos, resolveu promover algumas conferências, escolhendo para êsse efeito figuras de destaque do nosso meio intelectual.

E, para abrir a série, convidou o professor Pires de Lima, ilustre anatómico portuense, bem conhecido já fora de nosso país, onde os seus trabalhos são justamente apreciados.

Sócio de notáveis academias estrangeiras, ainda há bem pouco tempo obteve o prémio Godard, conferido, de dois em dois anos, pela Sociedade de Antropologia de Paris à melhor memória sôbre assuntos de antropologia.

Êste facto honra sobremaneira os scientistas portugueses e a Faculdade a que o douto professor pertence.

Não podia, pois, a Associação Académica escolher melhor figura para início do programa que estabeleceu, quer pela Bondade que dimana do erudito Mestre, alma nobre a trasbordar de simplicidade, quer pelos vastíssimos conhecimentos que trinta e dois anos de cátedra cimentaram e aperfeiçoaram num espírito metódico, observador e fecundo.

Esta notável conferência, cujo relato já é conhecido de sobejo, realizou-se no dia 17 de Março, pelas 19 horas, no salão nobre da Faculdade de Medicina do Pôrto que estava repleto de mocidade dos cursos superiores e de personalidades ilustres nas artes e nas sciências.

Abriu a sessão o presidente da Associação Académica, snr. António Guimarães que, depois de enaltecer as qualidades do conferente, convidou para a presidência a veneranda figura do ilustre director da Faculdade de Medicina, o douto professor Alberto de Aguiar que, apontando o facto de ser esta a primeira vez que as salas da Faculdade se abriam para actos desta natureza, teve palavras de carinho para a Academia portuense e desenhou a traço forte a figura de Pires de Lima, a quem a Faculdade deve grande parte do seu prestígio.

Foi então que teve início a brilhante conferência, um bem elaborado extracto das cento e setenta e tantas páginas de um precioso volume intitulado também *As anomalias dos membros nos portugueses*, impresso em óptimo papel e profusamente ilustrado.

No estrangeiro não há trabalho igual a êste, encontrando-se apenas, sôbre o assunto, memórias dispersas em revistas médicas e scientíficas, facto que mais vem realçar o valioso trabalho em referência.

E o talentoso professor Marck Athias, da Faculdade de Medicina de Lisboa, devotado secretário da Sociedade de Sciências Naturais, como muito bem lhe chama Pires de Lima, incluindo êste volume nas obras da «Colecção Natura» prestou um valioso serviço à sciência do nosso país, merecendo por tal motivo os mais rasgados louvores.

O snr. prof. Hernani Monteiro e os assistentes do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto que prestaram homenagem ao snr. prof. Pires de Lima inaugurando-lhe, na Faculdade, o artístico baixo relêvo que publicamos. Neste grupo, ao centro vê-se o homenageado.

Cliché fotográfico de M. A. F.

O SNR. PROF. PIRES DE LIMA REALIZANDO A SUA CONFERÊNCIA NA FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO

Cliché fotográfico de M. A. F.

NA FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO — UM ASPECTO DA ASSISTÊNCIA

Entrando no assunto da conferência, fruto de um aturado labor de treze anos, o professor Pires de Lima começa por esclarecer como as variações dos membros chamaram a atenção do povo e dos escritores, em pitorescas narrações, ou graciosas lendas, referentes a muitos casos, reais ou imaginários, quer de polidactilia, quer de atrofias congénitas.

Homens e animais famosos seriam dotados de dedos a mais. Assim sucederia ao célebre «Bucéfalo», o cavalo de Alexandre e ao cavalo de Júlio César.

Seis dedos teria Átila, Ana Bolena, a nossa celebrada Brites de Almeida, a padeira de Aljubarrota.

A literatura portuguesa também foi rico manancial de casos referentes, quer à polidactilia, quer às anomalias tróficas dos membros, citando-se Camilo, Bulhão Pato, Herculano, Junqueiro, Fialho de Almeida, Eugénio de Castro, Visconde de Vila Moura e outros escritores.

Demonstrou como seria possível educar a mão, tornando-a mais ágil e referiu-se às mãos dos pianistas e dos prestidigitadores.

A classificação e a nomenclatura das variações dos membros, bem como as respectivas etiologias, foram traçadas com maestria, merecendo cada um dos casos interessantíssimos comentários, em face de uma riquíssima documentação iconográfica projectada no *écran*, que impressionou bastante a assembleia. O professor, porém, tranqüilizou, dizendo que não se julgasse que o português se encontra tam profundamente degenerado a ponto de fornecer ao teratologista maior número de exemplares que os outros povos. O alcoolismo, a sífilis, a tuberculose, outros vícios ou taras ignoradas, a par dos desarranjos cerebrais que podem acarretar à prole, muitas vezes produzem dismorfias ocultas ou aparentes.

E a bem urdida e brilhante conferência, de que apenas, por falta de espaço, damos uma pálida resenha, terminou eloqüentemente por estas palavras:

«Mas não são as mãos disformes que apresentei, as mãos típicas dos portugueses. A verdadeira mão portuguesa, poderosa e máscula como a «Mão do Criador» de Rodin, ou delicada como as das telas de Van Dyck, empunhou a espada de D. Afonso Henriques e de Nun'Álvares; pintou os painéis de S. Vicente; esculpiu a Custódia de Belém; guiou à Índia as naus de Vasco da Gama; tornou invencíveis os soldados de Albuquerque; escreveu os *Lusíadas;* ergueu a Batalha e os Jerónimos; descobriu o Brasil; e transformou em rosas o dinheiro de Santa Isabel.

«Essa é que é a mão gloriosa e bemdita dos portugueses.

«Já que a não posso estudar, nem sei cantar, humildemente a beijo.»

Uma calorosa e prolongada salva de palmas foi o singelo mas eloqüente testemunho de quanto é estimado e admirado o erudito professor.

Pôrto — Março — 1927.

JOSÉ LUSO.

Cliché de Francisco de Oliveira

D. MARGARIDA BASTOS FERREIRA, ELEITA *MISS* DE PORTUGAL

MISS PORTUGAL

TODOS sabem que, por iniciativa do *Diário de Notícias,* se reüniram em Lisboa algumas das mulheres bonitas de Portugal para se escolher aquela que melhor poderia representar as beldades da nossa terra no concurso de beleza de Galveston, América do Norte. A escôlha recaíu na sr.ª D. Margarida Bastos Ferreira, natural da Amadora. Não discutimos se, pela rapidez com que se realizou o gentil torneio e pelo reduzido número de concorrentes, a preferida se deve considerar ou não a mais bela mulher portuguesa. Mas que é bonita, de facto, demonstra-o o retrato que publicamos, reproduzido dum esplendido *cliché* fotográfico do artista lisbonense, sr. Francisco de Oliveira. Á sua gentileza devemos a oferta dêste magnífico trabalho, a que o emprêgo do *flou,* a posição elegante da cabeça e a vaga tonalidade de que está impregnada imprimem um real valor artístico.

ILUSTRAÇÃO MODERNA

PUBLICAÇÃO MENSAL — EDITOR-DIRECTOR — MARQUES ABREU

2.º ANO — PORTO — MAIO — 1927 — NÚMERO 13

IMPRENSA "MARQUES ABREU, LIMITADA,, — Avenida Rodrigues de Freitas, 310 — PORTO

LÁSZLÓ — RETRATO DE MISS CARNEGIE

PHILIP DE LÁSZLÓ

Veio a Lisboa para execução dos três retratos que hoje reproduzimos na *Ilustração Moderna*, êste ilustre pintor húngaro conhecidíssimo principalmente nas côrtes europeias desde que alcançou há anos, no *Salon* de Paris, o Grande Prémio pelo seu retrato do príncipe Hohenlohe.

Nascido em Budapest em 1869, assentou o seu aprendizado em Paris onde conquistou fama de moderno Vandyck com telas registadoras das mais categorizadas personagens da aristocracia mundial em série ininterrupta, como ao presente se verifica na península, em que assinalou a sua passagem.

Em 1900 obteve o Grande Prémio de ouro com o extraordinário retrato do Papa Leão XIII.

A partir desta ocasião, estabeleceu-se em Londres, naturalizando-se cidadão britânico. Dessa capital, que acolheu também carinhosamente o grande holandês Alma Tadema, o notável evocador das scenas de Pompeia, vem espargindo os seus méritos fixando com uma plástica superior tôda a plutocracia

LÁSZLÓ — RETRATO DE LADY CARNEGIE, Embaixatriz de Inglaterra em Lisboa

faustuosa do nosso tempo.

A arte de László oferece afinidades com a dos grandes retratistas ingleses. Lembra bastante o antigo Reynolds pela compostura dos seus motivos e pela franqueza de execução pictural, de aspecto fácil, mas singularmente equilibrada, como é possível julgar-se pelos especimens que hoje oferecemos à contemplação dos nossos leitores.

LÁSZLÓ — RETRATO DE SIR LANCELOT D. CARNEGIE, Embaixador de Inglaterra em Lisboa

László tornou-se um dilecto da sociedade elegante. Os seus retratos femininos seduzem o sexo mais árduo de contentar, de quem o próprio Ticiano tinha mêdo, sem, contudo, comprometer a dignidade da arte, sempre difícil de sustentar-se com clientelas de *boudoir*.

Artista cosmopolita, László pode ufanar-se de haver retido na sua frente Papas e Reis, tudo quanto de mais poderoso existe no mundo culto, merecedor de análise psicológica, pelo relêvo histórico e carácter específico dos seus modelos, duplamente imortalizados.

J. R.

«VIDA RÚSTICA»

COSTUMES E PAISAGENS

Em países verdadeiramente civilizados, hoje, as obras d'arte, os costumes, a própria natureza não carecem já do exclusivo auxílio oficial, porque a cultura do povo é, ao presente, suficiente defeza de todos êsses valiosos elementos de carácter e de grandeza nacionais.

O que o passado legou aos pósteros da nossa terra só muito recentemente acordou a alma dum número, porventura ainda restrito, de portugueses que, felizmente, veem procedendo ao estudo, conservação e propaganda dos seus monumentos. Uma singular barbarie de séculos, entre nós, encerrou finalmente o seu ciclo, mercê da febril iniciativa de homens de excepcional emotividade e de indiscutível préstimo nesta cruzada de ressurgimento espiritual, pondo implicitamente termo a hórridas mutilações ou possíveis aniquilamentos dêsses veneráveis padrões históricos, que tantas vicissitudes sofreram.

¡Como simples natureza também, de peculiares características, é esta orla do ocidente europeu uma inestimável jóia! ¡De norte a sul, percorre o viandante, quási sem insuperáveis obstáculos, um aprazível jardim de variadíssima paisagem, capaz de lhe excitar os maiores entusiasmos, tal como a lord Byron, que em estrofes sublimes perpetuou a sua admiração pelas maravilhas naturais da nossa terra!

¡O conjunto de motivos dados à estampa, constituitivo dêste album, ao acaso escolhidos, pode talvez avivar a nostalgia dos ausentes do paterno lar, mas deve encher-nos a todos de orgulho patriótico pela genuinidade da sua beleza!

Embora sucintos no relato àcêrca dêste abundante manancial de inspirações fecundas, frisaremos, comtudo, suficientemente, a qualidade das provas aqui oferecidas ao público, para mais judicioso conceito.

Tratando-se de operações artísticas dependentes de certa iniciação e de conhecimentos fundamentais, bom é recordar normas e preceitos conducentes aos mais elevados fins.

A arte, como disse o grande pintor inglês Joshua Reynolds, nasceu para fazer vibrar a ima-

Aspecto da sala do Museu das Janelas Verdes em que estiveram expostos os retratos do grande pintor inglês László

Outro aspecto da sala do Museu das Janelas Verdes em que estiveram expostos os retratos do grande pintor inglês László

ginação, sem ostentação dos meios empregados. E, no caso presente, é a lente fotográfica o meio de obtenção do produto canceiroso do intelectual apaixonado pelos múltiplos espectáculos que o mundo lhe oferece, dignos de registo. Seria injusto não considerar esta espécie de actividade como um ramo das belas artes. As leis do gôsto são-lhe igualmente aplicáveis; certas regras de índole estética orientam na maioria dos casos o espírito do fotógrafo, que deseja esquivar-se à fria industrialização da sua tarefa para melhor corresponder à pureza de sentimentos.

Vulgarizada a fotografia, como de há muito se verifica, tornada banal e fria nas mãos de pessoas insusceptíveis de apreciar devidamente o belo das coisas, só em raras conjunturas consegue ela ser alvo de atenções.

¡Sair da banalidade é, com efeito, romper uma fortíssima barreira! O homem de génio, personalidade definida, vence sempre, em tôdas as circunstâncias, as maiores dificuldades nas suas tentativas criadoras; ainda o artista de talento, de educação especial intensificada, consegue ombrear com o primeiro, desde que intente êsse triunfo. A scena a reproduzir, o objectivo dominante do seu esfôrço psicológico, conta com o aditamento harmónico da sua alma, dois factores êsses imprescindíveis para a completa concretização da obra d'arte. ¿Mas como realizar êsse *desideratum* nas operações de mecânica fotográfica? ¿Como proceder para que o produto artístico, desta especialidade, revele determinada subjectividade a que é obrigado? ¡Eis o ponto culminante da questão! ¡É a escôlha do assunto já uma base importante: o lado aproveitável do mesmo, subordinado a uma luz conveniente, quando exigências acidentais não se preestabeleçam, impõem-se em primeiro logar; quanto importa, todavia, possuir faculdades que relevem o artista!

Demais, é a óptica artística uma sciência de poucos. O belo não consegue nascer do cáos das côres e das linhas, num desordenado capricho. É necessário traduzir com clareza, numa linguagem acessível, as formas, a luz e a sombra, sem excluir as grandezas. Se os espectáculos infringem as leis da sensibilidade óptica; se os contrastes de tôda a ordem não vincam hàbilmente; se o pequeno e o imenso, a sombra e a côr, a

simplicidade e a riqueza se entrechocam, se misturam arbitràriamente e sem regra, o espírito não adquire o prazer na sensação, não vislumbra assim ideias sob o invólucro material. ¡É mister que a produção de arte alcance uma espécie de vida, de harmonia e ordem num todo homogéneo. Reproduzir apenas fielmente seja o que fôr, sem critério nem escôlha e supôr que disso possa provir a beleza, é pensamento que só ocorre a quem nunca se sentiu excitado pela ânsia de conhecer o infinito da natureza; pode, pois, um pequeno espaço encerrar as mais sublimes ideias!

Entre o cérebro e o mundo exterior há os meios, e êsses são indiscutíveis. Falar da intervenção de aparelhos fotográficos diante de certos puritanos, é correr o risco de juízos depreciativos. Mas tudo tem a sua medida. . . se o fotógrafo procura competir com o pintor em resultados de identica finalidade, exorbita, neste caso, da sua função, pois que se trata de processos especiais, ao serviço duma moderníssima cultura.

Quando menos, cumpre ser justo, serviu a descoberta de Daguerre a abrir novos caminhos e a alargar os horizontes da arte, facultando novos ideais. E, a êste respeito, bom será recordar o dito do grande pintor francês Delacroix, sempre citado quando se fala de renovadores audazes: «Quási no termo da minha carreira artística, surgiu a maravilha scientífica de Daguerre, que, nos meus começos, poderia conduzir-me a concepções mais altas de scenas da vida real!»

A documentação do artista tem de ser ampla, substancial, como o é para o homem de letras a sua biblioteca. Rafael de Urbino esforçou-se por reünir o maior número de cópias de tudo quanto poderia servir de base às suas sublimes concepções; os seus discípulos, constantes colaboradores da sua vasta obra, traziam-lhe, por sua incumbência, estudos precisos de monumentos de antiguidade, além de outros subsídios pitorescos, para o que, muitas vezes, realizavam extensas viagens. Hoje melhor e mais completamente constituiria êle, com o auxílio da fotografia, mais precisa e mais expedita, um conjunto de elementos valiosos, sem comprometimento da sua personalidade genial.

Na actividade hodierna, outras necessidades surgiram, e a fotografia bastante concorreu para isso. Evolucionou o espírito da plástica; o meio exige actualmente diversa orientação, sem, contudo, cair-se nas extravagâncias, geralmente mal aceitas, do cubismo e do futurismo, inovações resultantes de grave indisciplina mental, ou de propósitos caprichosos sem justificação possível.

Mas para que o produto fotográfico mereça o qualificativo de obra de arte, é necessário que êle encerre as principais características: emoção e verdade subjectiva; satisfeitas estas condições, o fotógrafo é sem contestação uma entidade superior.

Objectivando a natureza, a máquina, reproduzindo geralmente nítido tudo quanto se lhe antepõe, de estrutura consistente, não apreende todavia o ambiente atmosférico. A prática tem mostrado pouco êxito na resolução dêste sério problema. A perspectiva aérea, é acessório imprescindível; é ela que subtiliza as scenas capazes de fornecer verdadeiros quadros. Depende ela, porém, do acêrto com que o operador procede, desde que êste dispõe de intuição própria, embora desconheça regras mais ou menos dogmatisadas de escolas ou de autores didácticos. Um forte sentimento do belo triunfa, muitas vezes, dos moldes estabelecidos num intuito pretendidamente mais racional. O ar é pois um elemento de considerável importância; envolvendo os objectos torna-os afins e harmónicos, sem durezas nem soluções de continuidade. Fazer sentir a sua influência, ou torná-lo visível, é satisfazer um grande ideal de pitoresco e de poesia. Afoutamente se pode avançar hoje que tôda a prova fotográfica sem ambiente atmosférico, é produto sem valor artístico.

*

Enfrenta a preciosa colecção de fotografias dadas neste album, um tipo de rapariga minhota que um sol deslumbrante faz avultar esculturalmente sôbre um fundo de floresta, de forma vaga.

Êste exemplar e o do «Regresso da fonte» mereciam detidas referências por qualidades de luz e de modelado, muito do apreço geral. O nosso intuito, ocupando-nos da apresentação desta valiosa colecção de estampas, é acusar o que de mais vulto se oferece ao público.

Basta contemplar demoradamente estas duas provas para descobrir subtilezas do melhor quilate. Os coloristas, modelando com valores influenciados por qualidades luminosas, compreendem o alcance dos meios em que estas figuras aparecem em atitude lógica, naturalíssima, recebendo dêles irradiações que são a essência da côr em tôda a obra pictural.

João Augusto Ribeiro.

(Excerpto da *Vida Rústica*, album ilustrado de Costumes e Paisagens, em distribuição. Trabalhos de Marques Abreu.)

EXPOSIÇÃO SOUSA LOPES

A *ILUSTRAÇÃO MODERNA* reproduz neste número alguns dos trabalhos do Mestre-Pintor Sousa Lopes—alto valor da nova geração portuguesa—e cuja exposição, no Palácio da Bôlsa, representou para a cidade do Pôrto um grande acontecimento artístico. Transcrevendo para as suas páginas as palavras de crítica que o Dr. José de Figueiredo escreveu para o catálogo, quando da exposição em Lisboa, pretende associar mais uma vez êstes dois nomes numa dupla homenagem;—ao pintor ilustre e ao crítico eminente.

. . . .

«Como marinhista, a obra exposta de Sousa Lopes é complexa. Dá-nos todos os aspectos, desde os mais passageiros, líricos ou pitorescos, realizados de um só jacto, *sur place,* até essa soberba evocação da vida dos *Pescadores do Furadoiro,* verdadeiro pano mural que, sem deixar de ser uma admirável galeria de retratos, cuja semelhança deve ser flagrante, é, em si mesma, a síntese da nossa vida da pesca costeira e uma das páginas mais belas da arte contemporânea que conhecemos.

«Realizado em dois tons, o negro e o sangüíneo, e enriquecido com a matéria que lhe ajuntou a aplicação do fixativo, as grandes proporções em que é feito êsse desenho, a harmonia da sua côr, a justeza e rigor do seu modelado, tudo isso, com o estilo que, sem prejuízo do realismo que marca todos os seus modelos, distingue e enobrece êste cartão, faz dêle uma obra que se impõe e para a qual não seria de mais o arranjo de uma sala especial no nosso museu nacional. László, um dos maiores pintores contemporâneos, de passagem em Lisboa, com quem fomos ver o *atelier* de Sousa Lopes, depois de olhar longamente essa tela, considerou-a como suficiente para a dignificação de um artista.

«Tudo, na verdade, é grande nessa composição e tão grande que, sem perda do carácter, que é a essência da sua fôrça, êsses homens, remando e repetindo assim atitudes ancestrais, saem entretanto, pelo poder do artista que os realizou, fora dos estreitos e mesquinhos limites do tempo para, sem desvio da sua realidade, nos fazerem ver, por sobreposição, as grandes concepções análogas de tôdas as épocas, desde as que nos evocam as sucessivas fileiras dos tripulantes das naves fenícias até às dos remadores das velhas galeras romanas. E tudo isso é, ao mesmo tempo, realizado com uma tão grande e forte sobriedade, mais acentuada ainda pela nudez dos bustos, cuja anatomia o artista marcou por inteiro mas sinteticamente, que, desde que olhamos a tela até que a abandonamos, a ideia do baixo-relêvo não deixa de nos estar presente. E é êste o melhor elogio que se lhe pode fazer.

«É muito propositadamente que falamos das grandes proporções em que é realizado êste cartão e muito propositadamente ainda que insistimos nisto. Não é, é certo, o tamanho da obra de arte mas a sua qualidade o que a valoriza; e assim duas dezenas de centímetros de tela dum Vermeer de Delft valem certamente mais do que a longa

SOUSA LOPES—«AS DUAS IRMÃS»

SOUSA LOPES — «OS PESCADORES» (VAREIROS DO FURADOIRO)

SOUSA LOPES — «MAQUEIROS TRAZENDO UM MORTO DA SEGUNDA LINHA PARA A RECTAGUARDA»

metragem de alguns dos quadros de Courbet ou mesmo da pintura histórica de David. Mas nem por isso é menos certo que não é tão fácil esconder defeitos e suprir deficiências em grandes como em pequenas telas, como não é menos verdade que os grandes pequenos-mestres holandeses do século XVII e os seus companheiros franceses do século XVIII, com todo o seu poder e encanto, não passam contudo de pequenos mestres. . .

« O sucesso e a conseqüente multiplicação das pequenas obras de arte bastam para indicar períodos de decadência. E o que se dá neste ponto hoje é o que sucedia antigamente, sendo por isso que os egípcios da grande época, como os gregos primitivos, cultivaram a arte monumental e não foram os inventores das pequenas dançarinas de membros franzinos que, embora ainda belas de estilo, são já o produto de épocas mais inferiores e tardias.

« No restante da sua obra exposta, Sousa Lopes afirma-se sempre o mesmo amoroso da matéria plástica que a sua exposição de 1917 mostrara já. Os seus recursos aumentaram porém desde então para cá, e, conseqüentemente, as suas telas ganharam em simplicidade, solidez e transparência. E com uma maior riqueza cromática, obtida por processos mais sóbrios e que são a conquista de longos estudos, a vibração de côr e a superioridade das atmosferas merecem todos os louvores.

« Sem querermos citar, pois a enumeração das suas obras, ainda só as mais importantes, como o seu *Retrato no Parque, Praça de Castelo de Vide,* etc., levar-nos ia longe, limitar-nos hemos a pôr em destaque, pelo que elas revelam, a *Natureza morta ao ar livre* e a *Partida dos barcos para a pesca, em Caparica.*

« A última é uma tela que honra o pintor e o desenhador. A composição é duma grande beleza, e, embora de proporções mais reduzidas, só podia ter sido feita por quem tivesse condições para realizar o grande cartão de que falamos atrás. O arabesco do movimento dos homens que dão o arranque ao barco e a maneira como está marcado todo o seu jôgo muscular são perfeitos. E tôda a magia maravilhosa dêsse crepúsculo, que transforma a praia, o mar e o horizonte no escrínio de pedraria mais admirável que possa imaginar-se, é indescritível. É preciso olhar-se a tela para ver a que ponto o artista *sentiu* o assunto e como dispoz em absoluto da técnica para o realizar.

« Com um divisionismo mais poderoso do que o que nos trouxe Signac, pois Sousa Lopes põe de parte o claro-escuro e opõe, ousadamente, tons quentes e tons frios, faz vibrar assim, apenas com o auxílio das complementares, a côr em tôda a pureza, arrancando-lhe uma fosforescência que tem seus laivos de alquimia. Nas próprias pedras preciosas, só a opala da Sibéria tem um tal esplendor, e é, nessa variedade e na opala do México, que se pensa quando se fixa, do primeiro ao último plano, êsse quadro, que não é entretanto senão a *transposição* para a tela de um dos muitos efeitos que o nosso mar, dia a dia, prodigamente nos oferece.

«Concluiremos com a *Natureza morta ao ar livre*.

«Pedra de toque e escola de quási todos os grandes artistas, as naturezas mortas, que foram um dos mais importantes elementos de formação do grande Velasquez, têm merecido sempre a maior atenção a Sousa Lopes. E êste seu quadro é disso uma prova frisante; e, com êle, diz-nos também o artista alguma coisa que estava por dizer. Abandonando a côr local pela côr *transposta* segundo os efeitos da luz, Sousa Lopes obtem uma riqueza de matéria que, podendo sofrer a comparação com as melhores obras dos grandes mestres do género no século XVII, tem sôbre êles a vantagem e a grande dificuldade da atmosfera que não preocupava aqueles. E a maneira superior como o artista venceu essa dificuldade faz dêsse quadro uma pequena obra-prima que, sob um aspecto bem diferente, é em todos os pontos digna do grande mestre que realizou o cartão dos *Pescadores do Furadoiro*.

Março — 1927.

José de Figueiredo.

VARANDA DE PILATOS

Com o regresso ao Pôrto do «Tríptico de Miragaia» que da cidade esteve ausente durante treze longos anos, entregue aos cuidados profissionais de Mestre Luciano Freire, que com mestranças de sábio e carinhos de artista o restituiu à sua primitiva côr, o velho burgo abriga de novo, numa das suas igrejas, êsse lindo e decorativo painel, piedosa oferta de um avoengo mercador de àbeira-rio, devoto, generoso e rico.

E ao regressar à cidade donde foi levado por *alguém* a que muito de perto estou ligado pelo sangue e sobretudo pelo coração, na maior e mais enternecida amizade, eu desejo apenas frisar que êsse tríptico, confiado à Irmandade do Santíssimo Sacramento de Miragaia, deve ser considerado desde já pertença da cidade e como tal *depositado* no Museu, juntamente com o *Fons Vitae* da Misericórdia, logo que o Pôrto possua, de facto e de verdade, um museu, para segurança e abrigo do seu hoje tão reduzido e ainda no século passado tão avultado património artístico.

É o problema latente, à volta do qual é necessário juntar todos os homens de boa vontade para quem o *pão do espírito* que é a Arte, represente, de facto, não uma simples frase enfatuada e retórica, mas uma necessidade imperiosa d'alma e coração.

E já agora, com persistência de velho caturra, preso de pés e mãos a uma ideia fixa, eu volto de novo e mais uma vez à carga, lembrando, a quem de direito, as excepcionais condições para Museu dêsse lindo edifício pré-romântico de Ferreira Borges, onde as exigências comerciais da «praça», nêstes últimos anos não justificavam a existência do velho Banco Comercial. E tanto assim, que nos tempos áureos da post-guerra, em que misteriosas cornucópias atiçavam a febre dos negócios no desvairamento de lucros fáceis e falsos, o Banco Comercial se viu obrigado a estabelecer uma sucursal que mantém, não em terras longínquas, mas a dois passos da sede — ali mesmo no Passeio das Cardosas, frente à estátua do Sr. D. Pedro IV, à sombra protectora do Dadôr e da Carta, garantia secular de tôdas as liberdades.

E é aproveitando a oportunidade, matando dois coelhos duma cacheirada, que eu me permito ainda lembrar que na gótica igreja de S. Francisco, entre as ricas talhas joaninas, existe um fresco precioso, onde estão figurados o Rei D. João I e sua mulher a Rainha D. Filipa de Lencastre, completamente vandalizado por obra e graça de um mestre-pintor de portas que em hora aziaga se lembrou de o alindar, dando assim sábia lição ao mestre florentino que primitivamente o pintou!

Os jornais já debateram há anos êste assunto e o Dr. José de Figueiredo, em artigo publicado no *Primeiro de Janeiro,* identificando as personagens e indicando o pintor, lembrou uma subscrição para a vinda ao Pôrto de um restaurador italiano, que fàcilmente reporia o fresco no seu primitivo estado. Mas como as orelhas dos portuenses — salvas raras excepções — ficaram moucas, a subscrição não foi além de um conto e pico, e o fresco ficou, como dantes, miseràvelmente repintado. Continuará assim? Chegará agora finalmente a sua vez? Se Mestre Luciano Freire soubesse de frescos e pudesse levar o muro de S. Francisco para a sua oficina, tudo seria fácil visto não custar dinheiro, — como dinheiro não custou o restauro maravilhoso das Tábuas do Espirito Santo. Mas, infelizmente, nem o pintor Luciano Freire é restaurador de frescos nem uma parede de sólido granito pode ser encaixotada e despachada — pelo menos entre nós.

¿Onde ir pois buscar o Mussolini heróico que consiga do Estado ou da Câmara a verba necessária para a vinda do italiano aconselhado, ou onde procurar e encontrar hoje em dia o benemérito e bom burguês do Pôrto que faça e pague o milagre, mostrando-se assim digno concidadão do avoengo mercador de àbeira-rio, doador do tríptico de Miragaia?!

Manuel de Figueiredo.

SOUSA LOPES — «A PRAÇA DE CASTELO DE VIDE»

QUADROS DE FALCÃO TRIGOSO

UMA exposição de quadros é hoje entre nós uma coisa corrente, um passatempo inevitável, um pretexto para uma reünião elegante ou uma troca de opiniões, mais ou menos originais.

O Pôrto começou a civilizar-se, ou a parecer civilizado, quando passou a adqüirir nas exposições quadros por todo o preço. Era quási um vício, mas de excelente educação. E houve de tudo: de clássicos, de românticos e de modernistas. Era uma avalanche que passava e parecia subverter tudo em banalidade. Depois, o entusiasmo dos primeiros momentos afrouxou um pouco.

A Arte é, de facto, uma coisa séria e não apenas um pretexto para uma exibição de coisas triviais de bazar.

A selecção começa talvez a fazer-se, ainda um pouco lentamente, mas só muito raros sabem distinguir a diferença que existe entre a arte mercantil e a arte-sacerdócio.

O sr. Falcão Trigoso veio, pela segunda vez, mostrar ao Pôrto o escolhido quilate da sua sensibilidade artística; mas a sua exposição, se provocou um certo interêsse nos meios cultos, não suscitou uma aura franca de entusiasmos. Fôra melhor agourado o pintor, por ocasião da sua primeira visita. E o seu quadro, *A Costa de Oiro,* que é uma página fulgurante de arte portuguesa, decora hoje o salão de um dos nossos mais inteligentes coleccionadores.

O artista pertence a uma pléiade de paisagistas que, discípulos de Carlos Reis, e procurando continuar a lição que se desprende da obra soberana de Silva Pôrto, mantém a sua individualidade, e portanto as suas características pessoais de revelação estética.

É claro que, interpretando todos o ar livre, com processos de visão e de técnica diferentes, fornecem à crítica elementos curiosíssimos, para se poder avaliar com justeza o grau de sinceridade com que realizam a sua obra e o escrúpulo profissional com que trabalham. Assim, trasladando uns e outros a natureza, os mesmos motivos, observados a horas análogas, aparecem, na correspondência cromática das tintas ou na estilização do desenho, sensìvelmente diferentes. Dêste modo se patenteia a linha de independência de cada

SOUSA LOPES—"O ARRAIA

: S. SALVADOR„ (MINHO)

FALCÃO TRIGOSO — «UM VALE DE ENCANTOS

temperamento e se afirma plenamente, na evidência da arte, a expressão moral de uma sensibilidade.

O sr. Falcão Trigoso, que tem nas veias o sangue impetuoso e ardente do seu antepassado ultra-romântico, João de Lemos, é, como pintor, uma natureza largamente comunicativa, propensa à fácil expansão de todos os sentimentos de exuberância, de graça e delicadeza.

A luz reverberante ofusca-o quási sempre; mas, em vez de a traduzir nas suas telas numa síntese discreta e tranqüila, deixa-a livremente clamar, em notas soltas, o poema dionisíaco da sua alegria quási pagã.

Assim, sendo, como colorista, um pintor extremamente delicado e doce, a unidade da sua paleta perturba-se por vezes, e a expressão cromática dos seus quadros, afastada da sua rigorosa escala de valores, perde em serenidade e harmonia o que, com freqüência, ganha talvez em idealismo risonho. Êste desvio de equilíbrio estético é porventura mais acentuado nos trabalhos de paisagem em que intervêm figuras; em alguns dêles, a perspectiva é também sensivelmente alterada. Nota-se isto, por exemplo, no *Páteo português,* em que os primeiros planos sofreram, na notação do desenho, um brusco afastamento, que prejudica sensívelmente a unidade do quadro; e é pena, porque a parte superior dêsse trabalho é muito agradável e duma graça pitoresca surpreendente.

Mas o pintor tem ainda na exposição excelentes afirmações d'arte. *Um vale de encantos* é um dos seus quadros mais notáveis. Venceram-se ali dificuldades prodigiosas. Sente-se a luz da manhã, encoberta na talagarça, levemente azulada, do nevoeiro. Há grande brilho e maestria na justa distribuição das tonalidades; e um fundo de ternura esparsa paira no ambiente, afagando de branda doçura as róseas flores das amendoeiras; uma ténue orquestração de azul e pérola perpassa entre os troncos e ramos erguidos, que graciosamente se emmaranham; e a vida da natureza renasce, na pureza da luz, afagada pela sensibilidade vitoriosa do pintor. Neste quadro, em que as árvores se modelam numa estilização nobre, o artista-poeta faz involuntàriamente o seu depoimento moral; e uma parte da sua ternura trasborda, numa indiscreta e poderosa revelação.

A tela enorme, que defrontava no *Salão Silva Pôrto* esta admirável ode pictural à vida da natureza, encerra também inúmeras qualidades de boa pintura. O tom geral do quadro é dado sem perturbação sensível da sua côr; e é pena que as figuras dos pescadores sejam inconsistentes e pouco sólida a mancha dos rochedos do fundo. De resto, a luz é deliciosa e o efeito dos reflexos sôbre a água verdadeiramente encantador.

Um pequenino quadro que me interessou vivamente, pela sua justa e pormenorizada valorização, foi o que no Catálogo tem o título de *Couves e laranjas.* Muito luminoso, exuberante na sua

fresca vegetação, é um aspecto campestre do sul, deixando pressentir a humidade matinal num terreno largo e produtivo.

Outras notas poderia talvez fazer avultar ainda: *Aguas serênas, Costas de Portugal,* e, sobretudo, as *Giestas serranas,* em que o distintíssimo colorista ensaiou uma sinfonia de tons, em que o lilás, o branco e o verde, de variados e límpidos matizes, dão a medida da sua grande capacidade pictural.

No dia em que o sr. Falcão Trigoso encontre em todos os quadros a justa gradação de valores, que por vezes parece esquecer, a sua arte, já muito sincera, assumirá uma expressão da mais nobre, perfeita e definitiva harmonia.

JOAQUIM COSTA.

FORÇA E RAZÃO

ENTRE os dois polos do eixo social, que são a Verdade e o Êrro, existem, invariavelmente, êsses dois elementos que se chamam a Fôrça e a Razão, os quais, quando em situação divergente, arrastam as sociedades para a ruína, para a confusão e para a miséria e, quando em conciliação inteligentemente ponderada e dirigida, traçam e pisam o caminho luminoso da paz, da prosperidade e da bonança.

A Fôrça, isoladamente considerada, constitui o direito do mais forte. Ela se revelou e se revela ainda entre os povos bárbaros e mesmo entre aqueles de incipiente e atrasada civilização.

O homem, nascendo sociável, inicia a sua vida na aspiração exclusiva do seu interêsse material, obedecendo apenas a um sensualismo grosseiro, que sòmente o impulsiona para a satisfação das suas primeiras necessidades.

É esta a phase duma completa e inteira barbarie. Nela, não existem crimes nem delitos. Nesse estado, o homem que mata o seu semelhante, quer seja para o atacar, quer seja para se defender, usa simplesmente da sua fôrça, personificando assim o direito do mais forte e conduzindo-se, por tal forma, em soberano da sua vontade. No estado de inteira barbarie, o homem que se apropria daquilo que lhe falta, não rouba; êle obtem o que não foi ainda tornado, pelo trabalho, propriedade de qualquer pessoa. O direito em virtude do qual o homem assim procede, é sempre o mesmo direito, o direito do mais forte.

O mal e o bem não existem senão num estado de civilização, mais ou menos desenvolvida; êles não existem abstratamente e sim relativamente à Razão que os distingue, os define e os aprecia. A Fôrça, diz Fenelon, apenas faz homens hipócritas; a Razão, devidamente desenvolvida e socialmente cultivada, forma o homem lógico, dando-lhe as condições necessárias e indispensáveis, para que êle possa entrar, com o possível sucesso, no exercício duma vida social, inteligente e sabedoramente dirigida, para a conquista da prosperidade e dos progressos que à Humanidade é dado atingir.

FALCÃO TRIGOSO — «UMA CARTA»

FALCÃO TRIGOSO — HORAS MISTERIOSAS

É, pois, à civilização que se deve solicitar o precioso auxílio que a Fôrça, só por si, não pode utilizar sem que a Razão manifeste o seu alto e dominante poder. E mal irá às sociedades que não firmem a sua orientação na cultura do homem, tornando assim cada vez mais completo o atelier social que êle compõe. E a lógica representa para a sociedade, o que a linha representa para a geometria, não sendo possível, sem grave risco, contrariar os seus preceitos e as suas leis. O espírito humano, quando preparado pela civilização, não se deixa, fàcilmente, arrastar pelas fórmulas mentirosas; tampouco êle se submete a essa pretendida necessidade das contradições e das antinomias, que lhe querem impôr certas inteligências desejosas de elevarem à altura dum princípio psicológico, a sua própria enfermidade.

O verdadeiro talento, consiste em conciliar, numa justa medida, as tendências diametralmente opostas, procurando a luz vivificante dêsse grande e luminoso farol que se chama Civilização. Êle constitui o estado de uma sociedade que respeita igualmente a vida humana e o pensamento humano.

Pôrto, 10-4-1927.

Palma de Vilhena.

OS FOTÓGRAFOS

É de tôdas as profissões, a de retratar, uma das mais ingratas, porque tem de satisfazer... maximé à mulher cujos encantos não são para desprezar. Por esta razão poucos retocadores de negativos excedem os ingleses, os quais, na arte de *alindar,* vão às raias do ilimitado. ¡Passam por cima das rugas impenitentes com tão meticuloso cuidado, com tão melindroso escrúpulo, que parece que as fotografadas, embora quarentonas, mergulharam na velha fonte Juventas!

O bom profissional carece de ter exactos conhecimentos de química, é-lhe da máxima conveniência não ser alheio à física, torna-se-lhe imprescindível que desenhe alguma cousa, que possua certa cultura literária, que seja senhor de hábitos de sociedade para, depois de alguns minutos de conversação, ter conhecimento do *modêlo* que, dentro de instantes, se lhe vai entregar nas mãos como se fôsse uma criança dócil.

Quando nós, em Portugal, passamos revista pelos *escaparates* que são algumas exposições de fotografia em que, numa confusão doida, se vê a mulher boçal, de *olhar parado,* e o caixeirinho de bigodinhos hiperbólicos, exposições essas que primam mais pela escandalosa abundância dos exemplares em evidência, do que pela qualidade dos especimens, nada nos fere a retina — que possua o condão artístico.

O retocador a quem foi entregue a penosa e inglória missão de corrigir senãos num negativo, porque de anatomia jámais ouviu falar — invade a zona dos queixos do *cidadão* com tão pouca ceremónia, com tão atribiliária técnia, que parece — ao ver-se, depois, a fotocópia do trabalho realizado — que o retratado, antes de ângulos faciais dilatados, está agora bochechudo como se fôsse um dêstes bonecos de borracha em que se introduzisse, por compressão, grande quantidade de ar. Nem mais nem menos com um todo de quem está a pedir nos lábios um autêntico trombone de varas. Assim há profissionais que fazem caricatura, sem o sentir.

O inglês aformoseia mas não desfigura.

O alemão, pela sua instrução, é na arte de Daguerre, um notável cultor.

Vi, em Elberfeld, o *atelier* de um grande artista. Poucas e boas fotografias à nossa observação.

Mas — é singular — não careço de informes para saber que ali está a *vera efígie* de um boémio; depois, de um médico; adiante um pouco, de um músico.

Um grupo me impressiona profundamente, obtido em interior característico da casa de operário viuvo. Tudo no ambiente respira pobreza e tristeza: mobiliário e vestuário. A scena representa, na sua mais simples singeleza, uma parca refeição. O chefe de família ocupa o principal logar da meza, a que se assentam os filhos de menor idade, olheirentos, bisonhos e, não sei se isto se pode dizer: mesmo nostálgicos.

¿Como é que, com a frieza da fotografia, sem a alegria das côres, pode um homem transmitir às suas obras tanta espiritualidade?

Para se compor um grupo não basta a proficiência, em bastantes casos, do seu organizador; é necessário que os seus elementos componentes se assenhoreiem no papel que lhes está distribuido. É imprescindível a consciência do acto.

Ora todo o alemão sabe ler, é instruido, e, quando sente diante de si o técnico, passa a ter uma função passiva. Disciplina-se e obedece cegamente, silenciosamente, às regras do fotógrafo que sabe que uma operação mal feita prejudica tôdas as outras.

É importante a chapa ser bem exposta, bem revelada, bem retocada, bem copiada e a fotocópia colada finalmente em cartão que a faça ressaltar.

O grupo tem de ter tôdas as figuras no seu logar; é necessário que o *fundo* e mais *petrechos* se harmonizem com a natureza do assunto, para que se não fique consternado ao examinar um retrato de uma mulher com trajes de Afife envolvida não *naquele ar que é só de Viana,* mas sim numa sala à Luís XV...

*

Não há muito que folheei, aí em Portugal, uma revista em que se viam fotogravuras de alguns homens evidentes de 1875. Pois só uma me disse a verdade: foi a de Urbano Loureiro feita por um amador que o não tinha retocado, porque a regra é esta para os incompetentes — retocar para estragar.

Olhai para um postal, que corre mundo, de Bismarc. Nele tendes cicatrizes, rugas, mento... absolutamente respeitados.

A. Soucasaux.

MÓVEIS DE ARTE

ADELINO DE SÁ LEMOS

VEM fora de tempo as poucas palavras que vão ler-se, mas são escritas para acompanhar as duas gravuras que hoje ilustram as páginas desta magnífica revista de Arte.

Êstes dois deliciosos móveis estiveram expostos há tempos no salão da Misericórdia e foram por todos largamente apreciados como merece o seu estilo, império do melhor gôsto, criados pela imaginação e pela perícia de que é dotado o seu autor, o senhor Adelino de Sá Lemos, o distintís-

ADELINO DE SÁ LEMOS — ESTANTE PARA LIVROS (Estilo Império rico)

ADELINO DE SÁ LEMOS — BANCA DE MINISTRO (Estilo Império rico)

simo fundidor de objectos de Arte que todo o país conhece a-pesar da sua obstinada modéstia, e do seu constante recolhimento na sua oficina da Avenida da Républica, em Gaia.

Os dois móveis, de uma riqueza admirável e de uma grande pureza de linhas e de magníficas proporções, estão cheios de belos ornatos do estilo império, todos fundidos em bronze e dourados na já citada oficina, onde o delicado temperamento do senhor Sá Lemos, acompanhado pelos seus filhos, magníficos auxiliares, constantemente trabalha e progride.

O estilo império, que foi uma escolha feliz do senhor Sá Lemos, é um daqueles que melhor se adapta às aplicações ornamentais delicadas e simples e que constitui um dos seus mais encantadores elementos.

Móveis como êstes, caberiam muito bem num museu de Arte, como contribuição de um ambiente em que tôdas as sugestões artísticas nos devem impressionar o espírito, tonificando-o com a visão destas pequenas cousas que tanto educam e tanto seduzem.

Pôrto — Abril — 1927.

A. L.

UMA CAPELA-MÓR

(SÉCULO XVIII)

SUBORDINADO a êste título, publicou o autor destas linhas, num dos passados números desta magnífica revista portuguesa, um ligeiro artigo narrando a aquisição duma peça de talha renascença, preciosa, arrematada no leilão efectuado pela Comissão Central da Lei de Separação, em Junho de 1924, na extinta igreja de Santa Clara, de Guimarães. Voltamos hoje, de novo, a ocupar-nos de tão momentosa questão para a nossa tão linda quão desestimada terra natal, crentes, como estamos, de que assim faremos interessarem-se por ela todos quantos adoram estas *velharias* artísticas, mas da mais rara beleza, quiçá auxiliando-nos com seu afectuoso conselho ou orientadora opinião.

A-pesar-de um tanto desconhecedores (porque não confessá-lo?) em assuntos dêste jaez, quis o acaso proporcionar-nos ensejo de defendermos o património artístico da nossa terra, que tantos ultrajes tem sofrido em diversas épocas, acendendo em nosso coração, até aqui quási exclusivamente embalado por líricos devaneios, uma nova chama que o aquece e entusiasma. Mas... não basta, sem dúvida, a fé que nos anima para levarmos a bom termo esta iniciativa, tão gentilmente acolhida pelos nossos conterrâneos, muitos dos quais ofereceram avultadas quantias para a compra da dita capela, a par das melhores palavras

de incitamento e estímulo que muito nos desvaneceram, sendo indispensável que agora novos auxílios surjam cooperando com o nosso modesto mas bem intencionado esfôrço, a fim de poder dar-se àquele formoso retábulo o destino a que êle tem indiscutível jus.

Foi assim que, após o dito leilão e não obstante o decreto que cedera o edifício daquele templo ao Município vimaranense, para ocupação de novas instalações do Liceu Martins Sarmento, nos acudiu a ideia da organização dum museu de arte-sacra dentro daquelas próprias paredes, belamente guarnecidas com a valiosíssima talha de sua Capela-mór ainda intacta, dois altares laterais e silhares de azulejos, em que condignamente se guardasse o rico *Tesouro da Colegiada,* verdadeiro escrínio das mais puras e sumptuosas relíquias. Felizmente haverá já pouco quem desconheça decerto êste precioso relicário, com o seu *tríptico* de Aljubarrota, uma *cruz processional* do século XVI, uma *custódia* gótica muito semelhante à de Belém, o célebre *pelote de D. João I*, vários cálices, cofres, paramentaria, etc., sendo estas raras peças de ourivesaria e indumentária sagrada e histórica, além de muitas outras dispersas por vários lugares citadinos, cuja reunião se torna urgente, que constituiriam o soberbo recheio do projectado museu.

Entre estas mesmas peças contar-se iam, sem dúvida, aquelas que foram retiradas da igreja de Santa Clara para o museu da Sociedade Martins Sarmento, onde se encontram, como dois belos baixos-relevos de madeira, uns painéis e um mimoso grupo escultórico da fuga para o Egito.

Anda-se presentemente restaurando o belo claustro românico de Nossa Senhora da Oliveira, que tão tristemente abandonado se encontrava, e, com franqueza devemos dizer que, a vermo-nos forçados a abdicar da ideia da criação dêste museu no antigo templo de Santa Clara, nos parece dever trabalhar-se, então, no sentido da sua organização dentro da própria casa do Cabido, junto dos claustros, embora para isso tenham de fazer-se dispendiosas obras. É que não deve por mais tempo deixar de pensar-se a sério neste empreendimento tão necessário não só ao bom nome da nossa terra, como ao engrandecimento e lustre da arqueologia do nosso país.

Se é certo que nos custa ver desaparecer para sempre do nosso convívio espiritual o antigo templo das freiras claristas do velho burgo vimaranense, com suas mísulas e baldaquinos, colunas torcidas e capitéis floridos de velha talha doirada, que o tempo sàbiamente poupou e a mão impiedosa dos homens reduziu a escombros!—reste-nos ao menos a consolação de que alguma coisa perdurará ainda através das novas gerações, um pedaço da alma de nossos antepassados, que com tão beneditina paciência e amor burilaram aquela relíquia encantadora, obra-prima do género entre nós. E já que somos obrigados a arrancar a talha de sua Capela-mór, tábua a tábua como quem arranca as pedras duma jóia, para ser transportada para outro lugar, aqui apelamos fervorosamente para o bom patriotismo de todos aqueles que amam as coisas de Arte da sua terra, para que nos coadjuvem nesta santa cruzada, a fim de algum dia podermos cantar vitória, vendo recompensados todos os trabalhos e sacrifícios por que temos passado.

JERÓNIMO DE ALMEIDA.

Cliché foto. de Domingos Alves Machado

A FUGA PARA O EGITO

Cliché foto. de Domingos Alves Machado

O BAPTISMO DE CRISTO

A ARTE DE S. FRANCISCO

(FRAGMENTO INÉDITO)

. . . .

O SIMBOLISMO da alma franciscana que transfundiu na terra a essência divina, era como recíproco; Deus vivia na forma, mas também não havia forma da qual Deus estivesse ausente. Todo o espírito tinha a sua forma, o seu sinal tangível, de sua escolha e criação; mas também tôda a forma trazia cativo um espírito que a religião nos obrigava a ver, e considerar e amar. Espírito e forma mutuamente se possuiam, inseparáveis. A inanidade religiosa de qualquer arte, ainda a mais pequenina, a mudez religiosa de tôda e qualquer expressão concreta da vontade humana ou da aspiração cósmica seria neste sistema e êxtase um absurdo.

O simples traço gravado num retalho de pergaminho teria o poder de erguer um templo magnífico e entoar sublimados salmos.

«Onde quer que [o Santo] encontrasse algum escrito, divino ou humano — diz Celano — no caminho, em casa ou no chão, apanhava-o com a maior reverência e punha-o em lugar sagrado ou decente, para o caso de se encontrar ali escrito o nome do Senhor ou qualquer coisa que lhe tocasse. E um dia, como um irmão lhe preguntasse porque é que êle com tanta diligência apanhava os escritos, mesmo dos pagãos, e escritos onde não estava gravado o nome do Senhor, respondeu: — É porque estão aqui as letras de que se compõe o nome glorioso do Senhor. A bondade, portanto, que está no escrito, não pertence nem aos pagãos nem a quaisquer outros homens, mas sòmente a Deus, de quem vem todo o bem.

«E, o que é mais de admirar, se mandava escrever quaisquer cartas, de saüdação ou admoestação, não consentia que se riscasse uma só letra ou uma sílaba, mesmo quando (como muitas vezes acontecia) fôsse supérflua ou deslocada.»

Na civilização assisiense, a arte é a tradução tangível da natureza espiritual das coisas, tornada manifesta aos sentidos para nossa edificação e alegria; é Deus patente no universo visível, em todo o estado e vicissitude cósmica da forma, sua criação; é a revelação de Deus em tôda a forma que as nossas faculdades corporais sejam capazes de perceber, no fulgir dos sóis como no mover do átomo, no brotar da fonte e no cristal das rochas como na rosa e no roble e na palavra humana.

Para S. Francisco, Deus não tem plural.

No beijo do leproso e no Cântico das Criaturas, e na piedade, e no louvor e no êxtase, na contemplação da beleza como no compungimento caridoso, na simpatia dorida como na insinuação vivificante, Deus é um só e único sêr de amor e sciência infinita e infinita bondade, omnipresente, determinando e regrando a ordem cósmica, e na sua divina vontade e obediência nos encorporando, e na sua substância nos exaltando. Para S. Francisco, não há divindades com suas energias privativas, cada qual fabricando o vaso do seu sonho e o corpo da sua aspiração, conforme seu querer e anseio singular. Para S. Francisco, há um só poder e uma só vontade e uma infinita generosidade e harmonia, manifestando-se única e a mesma em quanto os nossos olhos possam penetrar, e em quanto o nosso espírito possa conceber. Sentir êsse poder é um arrebatamento de amor e a essência da arte. Se Bacon pensou que a arte é a nossa alma adicionando-se à natureza, a civilização assisiense poderá responder-lhe

que a arte é a alma da natureza absorvendo a nossa alma e exaltando-a.

Agora, não são os homens que fazem a arte; a arte, que é de Deus, é que prende os homens e os arrebata nos enlevos da sua formosura. Se arte humana pode conceber-se e subsistir, será aquela que consiste em desligar de todo o capricho da intervenção dos homens a natureza. A maior arte será aquela que mais imediatamente nos coloca em contacto directo com a natureza. Um véu que nos amortece a luz do sol, não é arte; é a negação da arte. A maior arte humana, senão a única arte humana digna dêsse nome, será a que mais claramente descobrir e nos manifestar a arte divina das coisas na sua virgindade.

Nesta arte, quanto menos afluir do que é *nosso*, mais participaremos do que é *eterno*. O tapete de Smirna é rebotalho desbotado, em face do prado verde que reveste o vale ou dos musgos doirados que recamam a sombra da floresta; a chícara da Índia, esmaltada a primor que ela seja, é mesquinha se a defronta a urze agreste, aljofarada de cálices rosados, onde poisou e brilha a frescura da aurora e a sua luz; e a Agulha de Cleópatra é uma pedra mutilada, e desfigurada e profanada, se ao seu lado se ergueu o fuste do cedro coroado de suas cômas profundas.

Agora se inverte a escala dos valores da beleza e do seu poder sôbre o nosso ânimo; a mais sóbria e singela, a que menos sofreu pressão e afeição do nosso invento e fantasia, será a mais subida e comovente. A que mais abunda na tradução de conceitos nossos e em trabalho das nossas mãos, essa será a derradeira na escala, como lembrança e sinal de uma pequenez ambiciosa e vaidosa, insensato orgulho perdido e afundado no esplendor do infinito. A arte é tanto mais rica e bela quanto menos a estreiteza da ordem humana alterou a largueza incomensurável da ordem da criação divina, e a perturbou e afrontou, para acudir aos nossos desejos mortais.

De forma que a arte pobre, a que se limita a usar as riquezas naturais em vez de as transformar, e aquela que, onde a necessidade económica a obrigou a transformá-las, foi parca, estrictamente parca no seu labor, essa arte mínima é a mais copiosamente abastada de graças, esplendores e riquezas reais. Maternalmente unida à natureza e nunca esquecendo o respeito das suas criações, será estèticamente retribuida pela prodigalidade

O sábio professor, snr. Dr. Gomes Teixeira, lendo a sua notável conferência sôbre S. Francisco de Assis, no salão nobre da Faculdade Técnica do Pôrto

NA FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO — O Snr. Ministro da Instrução assinando a escritura de compra do terreno para a Maternidade

da contínua e íntima presença da harmonia dessa mesma natureza, que não erra. A dilatação ou o retraimento da arte e a sua felicidade ou o seu infortúnio, e a sua riqueza ou a sua pobreza, são apenas condição de amor ou indiferença. A mais rica não é a que mais *fabrica;* é a que mais ama e mais sente e mais sabe amar.

Nos seus trâmites e vias de realização prática, a arte assisiense é um acto incessante de continência dos nossos impulsos para afeiçoar às nossas invenções e cobiças a criação divina,— determinada essa continência, não só pelo deslumbramento da suprema harmonia natural das coisas, mas ainda pela consciência de certa e pungente mágoa nossa onde, por nos apropriar essas criações, a-final verificamos que as arruinamos. Humilhe-se a nossa aspiração perante a aspiração divina consumada, sujeite-se impotente perante a sublimidade da formosura cósmica na sua integridade; e onde a nossa sensibilidade teve a bem-aventurança de a avistar e lhe murmurar a sua piedosa oração, essa formosura nos bastará para salvação e felicidade e gratidão infinita. Nenhuma outra poderá supri-la.

*

Porventura uma das mais subtis e elucidativas revelações da essência da arte franciscana estará naquele preceito segundo o qual o terceiro se deve abster do uso de roupas tingidas e vestir-se apenas da lã escura do hábito dos menores. Porque nesse preceito se apontou, e se acautelou e condenou, o agravo estético que é mudar a côr das criações naturais, corromper-lhes a pureza e a graça que Deus lhes deu, e, simultâneamente, na mesma regra, eis-que se nos corrige aquele insensato orgulho que nos induz a sobrepôr à lei divina a nossa lei, para tornar as criações diferentes do que Deus as fez, e mais nos alegrarmos na errada emenda operada por nosso engenho que nos glorificarmos na perfeição divina.

Assim, acontecerá que a arte assisiense é sobretudo, senão exclusivamente, o talento e o génio de simplificar e poupar a criação natural, para maior evidência da sua perfeição divina, imanente e congénita.

Os alvoroços da sensualidade estética, ávidos de estranheza, brilho e artifício, viram em Giotto e Sasseta e nas mais individualidades portentosas da sua igualha, aliás numerosas, filhos espirituais legítimos do Pobresito de Assis, por êle guiados e mandados. Mas talvez não seja menos fiel interpretação da sua arte e do seu ânimo imaginar que, como arte, a pintura dêsses colossos seguiu o seu caminho e a sua lógica e a sua ambição própria, forçadas pelo momento técnico do seu tempo; e só no assunto, que não na concepção do seu mister e dos seus instrumentos, essa arte teria sido franciscana. A preocupação da passagem e vida do Profeta tornou-se dominante e absorvente naquelas épocas, vindo como vinha a fundar uma civilização nova; e a pintura registava em belas linhas e magníficas côres êsse movimento. Pintava-se aquilo em que mais se pensava; não podia ser de outro modo.

Mas, no fundo, essa arte, por demais humana e eivada da abundância de apetites naturais, não é franciscana; dizendo ou querendo dizer o pensamento franciscano e a sua fé, fala uma linguagem que não é a que o Santo falou e professou.

Nunca serão franciscanas as pinturas resplendentes de templos faustuosos, como franciscana não é a basílica de Assis, nem as demais da sua orgulhosa estatura, ainda que para celebrar o Santo hajam sido erguidas na mais acrisolada e ingénua devoção. Arte franciscana, se algures onde a possamos ver ou restaurar subsiste, e nos confessa o seu segrêdo, e nos insinua a sua benção, é nas grutas dos Carceri, e nas cabanas da Porciúncula, e no hábito e na corda do menor, e no banquete de pão esmolado, servido sôbre os rochedos musgosos, ao pé da fonte e ouvindo hinos no rumor das águas.

. . . .

Eixo — Quinta de S. Francisco
9-III-1927.

JAIME DE MAGALHÃES LIMA.

ROTEIRO BIBLIOGRÁFICO

HISTÓRIA DE PORTUGAL

POR *FORTUNATO DE ALMEIDA*
DA ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA

O AUTOR ilustre da *História da Igreja em Portugal* acaba de publicar, em edição sua, o tomo IV da *História de Portugal,* o qual abrange o longo e acidentado período que vem de 1580 a 1816. Sendo embora o mais sucinto, é talvez, conjuntamente, o mais completo e imparcial trabalho que entre nós se tem publicado sôbre o assunto.

Fazia falta esta obra, porventura não devidamente difundida ainda, mas bem digna de figurar nas estantes, para ser consultada e lida, de todos que pretendem conhecer as origens, cimentação, desenvolvimento e diversos estádios da nacionalidade portuguesa e da sua gente. Os trabalhos precedentes ou eram nimiamente palavrosos, embora de estilo brilhante, como a parte escrita por Herculano, ou monòtonamente difusos e mal documentados, ou ainda imbuidos da gelada indiferença com que os estranhos falam das coisas estranhas.

NA FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO — O sábio neurologista, prof. Magalhães Lemos, assinando a escritura de doação de um terreno que generosamente ofereceu à Faculdade de Medicina para nêle se construir um anexo da Maternidade

Cliché foto. de António Teixeira

RÉGUA (Douro) — Monumento aos gloriosos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral

É por isso que a *História* do sr. dr. Fortunato de Almeida nos impressiona e dispõe bem, pela independência de crítica, pela sinceridade de opinião e pelo sentimento, de verdadeiro português, com que aborda as grandes fases, dolorosas ou glorificadoras, da vida da Pátria. Êste volume é disso prova concludente. A marcação das diversas épocas, o estudo das figuras mais salientes revelam uma consciência enamorada da verdade, e que à verdade sacrifica, portanto, as próprias afeições e tendências, mesmo que tenha de apear ídolos a que todos prestam culto, a que êle próprio, no seu fôro íntimo, não deixaria talvez, por hábito e costume, de render homenagem. Por outro lado, desfaz longos equívocos e erros crassos, apadrinhados por historiógrafos até hoje de cotação, com documentos que não podem oferecer sombra de dúvida.

É assim que as figuras do Prior do Crato, de D. Afonso VI, de D. Maria Francisca de Saboia, de D. José, do Marquês de Pombal, e tantas outras, são tratadas com a maior verosimilhança histórica e vistas à luz dum critério por vezes novo, e não raro em desacôrdo com o doutros escritores, mas que o mais elementar raciocínio reputa desde logo o mais seguro.

O estilo não tem porventura a grandiosidade que muitos apreciam, de habituados que estão a empolamentos balofos de linguagem; mas é apropriado ao género narrativo: simples, claro, correcto e atraente. A concisão é uma das suas melhores qualidades, transformando-se às vezes em aticismo. Não resistirei à tentação de transcrever o quadro sinótico, mas brilhante, que êle nos pinta do estado do país em 1580:

«Desde a fatal desgraça de Alcácer Quivir, não mais houvera fundamento para esperanças. Os sucessos desastrosos encadearam-se numa irresistível seqüência, arrastando o país à última ruína, remate e síntese de tantas calamidades, como as ondas impelem para a voragem da morte o náufrago sem tábua de salvação. A perda da independência fôra precedida da ruína da fortuna pública. Estancara-se, por causas diversas, a caudal das riquezas do Oriente; e os próprios cabedais do reino estavam gravemente comprometidos e atenuados pela drainagem de ouro consumido no resgate dos cativos. A nobreza via-se obrigada a estrictas economias e até a alienações ruinosas, para recuperar os parentes que em África gemiam no opróbrio da servidão. O apêrto económico, o sacrifício das comodidades ou a miséria constrangiam tôdas as classes; as ruas da capital pejavam de mendigos famintos, quando mais se retraía a mão da caridade. Não havia comércio, não havia indústria, tôdas as fontes de riqueza se tinham esgotado ou enfraquecido, mas havia o luto e desgraças da peste, as dores e privações que resultaram da pilhagem da soldadesca invasora. Por tôda a parte as lágrimas, o luto, a miséria, o terror da perseguição iminente, bem justificado pelo exemplo de vítimas cada vez mais numerosas.»

E' um belo trecho que retrata admiràvelmente uma época. Só em Tácito, o grande historiador romano, conheço êste poder de síntese. Não se julgue, porém, que sou louvaminheiro, recordando Tácito. É que, ao ler as páginas desta obra, até pela sua disposição, eu recordo insensìvelmente os *Anais, Os costumes dos germanos* e *A vida de Agrícola*, do último grande escritor latino.

E julgo que, fazendo esta aproximação, não posso tecer maior elogio ao autor da *História de Portugal*. Pena é que ela não seja lida por todos que desejam ser portugueses.

Sousa Martins.

N. da R. — Por absoluta falta de espaço, temos sido forçados a publicar esta secção com irregularidade. E, como abundam os assuntos artísticos e de actualidades, e não podemos, ao menos por emquanto, aumentar o número de páginas, resolvemos suspendê-la, embora provisòriamente. Aos livros recebidos, porém, até 30 de Março, faremos oportunamente devida referência.

Cliché foto. de M. Santos

RÉGUA (Douro) — Inauguração do Monumento a Gago Coutinho e Sacadura Cabral

ILUSTRAÇÃO MODERNA

PUBLICAÇÃO MENSAL — EDITOR-DIRECTOR — MARQUES ABREU

2.º ANO — PORTO — JUNHO — 1927 — NÚMERO 14

IMPRENSA "MARQUES ABREU, LIMITADA„ — Avenida Rodrigues de Freitas, 310 — PORTO

PORTAS DO TRÍPTICO, ESTADO ACTUAL, REPRESENTANDO «A ANUNCIAÇÃO»

Crónica do mês

MAIO

Nos bons tempos da Arcádia.

Já de há muito que não estavamos acostumados a ver um Maio tão lindo, tão ameno, tão aliciante e tão florido como o que fêz êste ano. Valeu a pena saúdá-lo, no alvorecer do seu primeiro dia, com flores e ramos nas ombreiras das portas e nos peitoris das janelas, consoante determina a ainda não delida reminiscência do velho costume celta. O «Maio pardo, no qual se comem as cerejas ao borralho», cujas atitudes dúbias e traiçoeiras variantes a sabedoria das nações fixou, desta vez — salvante as trovoadas da praxe — deu de si um mês adorável, de céu cerúleo e poentes sanguíneos, de uma atmosfera tranqüila, pura como um coração de criança, e de uma temperatura deliciosamente doce. As geadas foram substituidas pela carícia vivificante do orvalho. No cume das montanhas o sol despertava alegre, libertando-se prestes da névoa ténue que buscava envolvê-lo, — e ascendia vitoriosamente no azul, embriagando de luz e de vida a seiva que entrava de circular nos troncos hirtos das plantas. E, como na grande festa de Isis, cada fôlha abrolhando, cada flor desabrochando a mêdo, cada grão de pólen procurando noiva, cada pequenino fruto abotoando nos ramúsculos tenros, era uma nota sôlta do epitalâmio triunfal em honra da Natureza fecundada.

Nunca se viram flores em tanta profusão. Nunca as rosas ostentaram com tanta vaidade o brilho veludíneo das suas pétalas. Nunca tão abundantemente os frutos doirados penderam para o solo. Qual na idade de oiro, Flora e Pomona passavam enlaçadas, bafejando os vergéis com o seu hálito fertilizador. E em cada sulco de arado — como no verso de Junqueiro — havia risos de boninas, frémitos de cereais, cantos de cotovias. Um Maio divino, digno de Maria, a divindade cristã que é sua padroeira; digno de Chloris, a divindade pagã que outrora lhe foi madrinha. E, de uma maneira ou de outra, digno de ser cantado pelos poetas. Se é que ainda há poetas . . . E, se os há, — haverá ainda quem os leia?

*

A época é de prosa . . . As rosas, que antigamente serviam para engrinaldar os altares da Virgem, ou para coroar a fronte loira de Amarilis, servem hoje, quando muito, de pretexto para uma reunião elegante no Palácio de Cristal, onde as flores, que o sol criou e pintou, são vistas de relance à luz mistificadora e deturpadora da electricidade. Lá fui, e vi. Flores lindas, com efeito, a-pesar-de lhes falecer a luz natural; mas poucas pupilas se poisavam sôbre elas. Os olhos e o tempo mal chegavam para a contemplação das *toilettes*, dos rostos femininos, da alvura dos colos que os decotes deixavam a descoberto. Muitos rapazes. Poucos dêles se demoravam um instante em frente dos mostruários. As senhoras comportavam-se da mesma forma. ¿Que importava a beleza ideal das rosas perante a realidade de uma existência onde as pétalas são poucas e muitos os espinhos?

A época é de prosa. . . ¿E às almas que já não teem flores e fazem uma vida antinatural, como a de tôdas as grandes cidades, o que importam as flores e a natureza?

*

¿Seria possível hoje, no segundo quartel do século XX, repetir-se aquela festa bucólica que Castilho nos descreve na *Primavera?*

Dez estudantes de Coimbra, entre os quais o cantor do *Amor e Melancolia,* todos arcádicamente crismados com nomes pastoris: Elmiro, Anfrizo, Josino, Aulizo, Salicio, Albano, Francilio, Franzino, Antinoo . . . No primeiro dia de Maio, metem-se num barco, derivam rio acima até à Lapa dos Esteios. Ao saltarem em terra, atroam os ares com o estrépito de foguetes, cantam um hino à Primavera. Depois, sôbre um rochedo, «assentam o altar do deusinho Maio. Todo êle era verdura. Duas colunas artificiosamente fabricadas de flores, e rematadas em umas maçanetas de igual mármore, se alevantavam dos dois cantos da frente, e, comunicando-se no cimo por um semicírculo, ajudavam a formar um género de pórtico bem vistoso e engraçado. Os lados, fundo e abóbada do recinto eram de ramos verdes de tôdas as qualidades, bem entrelaçados, bordados de frescas e vermelhas rosas. No meio estava um assento pequeno, à feição de poial rústico, tecido de lustrosas heras, onde se via recostado o deus Maio.»

E o deus Maio, que aqueles dez brilhantes cérebros iam adorar, era um menino de cinco anos, branco e loiro, tendo apenas vestido um aventalzinho recamado de cedro e buxo e orlado de flores de romeira, cravos e rosas. Calçava coturnos de sêda escarlate, tinha na cabeça uma coroa de verdura e no braço esquerdo um cabazinho cheio de frutos.

Em pé diante do altar, entrou cada um dos estudantes de recitar os poemas que levavam preparados para o efeito. Os outros escutavam atentamente, emquanto entreteciam coroas de hera para galardoar os poetas. Foi uma tarde deliciosa, que ficou fundamente gravada na memória dos que tomaram parte na festa e mereceu ser contada à posteridade pela pena tersa e vernácula do grande Castilho.

— Que alegria! Que encanto de alma! — brada, vinte anos depois, ainda comovido de

entusiasmo e saüdade, o poeta dos *Ciumes do Bardo*.

Foi isto há cem anos. Um rapaz de hoje, ao falarem-lhe numa festa assim, não diria: — «Que aborrecimento!» — porque empregaria outra frase equivalente, num calão de barqueiro que já ganhou foros de cidade.

*

A um século de distância, esta festa campesina, tão carinhosamente preparada e levada a efeito, afigura-se-nos de uma enorme puerilidade, como se dentro daqueles dez crâneos juvenis vicejassem mentalidades idênticas à do pequenito que sôbre o altar engrinaldado representava o deusinho Maio. E contudo, êsses dez homens eram profundamente inteligentes e cultos, brilharam mais tarde na sociedade portuguesa, verteram o seu sangue pela Liberdade, foram obreiros do grande movimento reformador iniciado pela Regeneração. Vieram a ser personagens importantes, e eram já alguém quando faziam desenrolar na Lapa dos Esteios o seu episódio pastoril.

É que naquele tempo as almas masculinas possuiam uma coisa que actualmente lhes falta: idealismo. No prisma por que elas encaravam a existência faltava a côr vermelha da ambição, do sangue derramado e dispendido na luta pela vida, e a tonalidade roxa do pessimismo era obumbrada pela faxa azul da esperança num mundo mais perfeito, da aspiração intensa para uma sociedade em que todos os espíritos fôssem simples e todos os corações fôssem puros, — como os dos pastores cujos nomes tomavam.

Foi aquela a última geração que cantou o rugido suave da túnica de Dafne. A que se lhe seguiu — como irónicamente anotou Eça de Queiroz — cantou o rumor das saias de Elvira. Outra veio depois que temperou as liras no vitríolo da análise físio e psicológica para cantar o rumor das saias de Naná. E a de hoje, se não canta o rumor das saias de Gabys, — é porque as musas dos *cabarets* já quási suprimiram as saias.

CAMPOS MONTEIRO.

O TRÍPTICO DO ESPÍRITO SANTO

NA longa e admirável obra de reintegração da antiga pintura em que Luciano Freire vem, há quási duas dezenas de anos, patriòticamente trabalhando, o tratamento do tríptico de Miragaia não era dos mais difíceis. Para a arte consumada do eminente professor, a restituição destas táboas ao estado primitivo não oferecia nenhum problema transcendente. Alteradas pelo tempo e prejudicadas pelas más condições em que, há três séculos, estavam expostas, mas sem terem sofrido os piores vandalismos, que são os dos maus restauradores, Luciano Freire não tinha assim a contrariar a sua tarefa os danos irreparáveis que a mão sacrílega dos incompetentes fatalmente lhe traria, e por isso o milagre da ressurreição dos painéis não só era seguro mas podia também ser completo.

Paciente e carinhosamente limpo, o tríptico

Aspecto das portas, estando já o tratamento de uma em via de conclusão

Aspecto do tríptico, tal qual êle se via, em 1913, na Capela do Espírito Santo, antes da sua deslocação e remoção para Lisboa

que, de sujo e enegrecido, mal se lobrigava na arruinada capelinha do Espírito Santo, foi, pouco a pouco, voltando ao estado primitivo; e como, debaixo da talha faustosa e imprópria que o guarnecia, se encontrava ainda a velha moldura quinhentista, os painéis, uma vez articulados, ficaram como estavam quando, cêrca de 1515, o seu doador os ofereceu à confraria a que de-certo pertencia. Não cabe aqui, nos estreitos limites desta notícia, fazer a história do que tem sido, neste capítulo, a obra de Luciano Freire. Essa história levar-nos ia longe. Para aqueles porém que viram o tríptico de Miragaia, antes e depois do tratamento, bastará que lhes digamos que sobem já a 264 os painéis que Luciano Freire até agora reintegrou, havendo na sua oficina, em tratamento, mais 65 e parte dêles prestes a ser entregues. Se pensarmos que, entre essas pinturas, as havia com valor muito superior a êste tríptico, aliás valiosíssimo, e em condições que tornavam o seu tratamento dificílimo, ter-se há a visão aproximada do que tem sido a obra do eminente professor; e obra tanto mais meritória quando a paga do Estado é, não já insuficiente, mas ridícula. Da verba actual, deduzidas tôdas as despesas que a oficina lhe traz, ficam para êle, por vezes, duas escassas centenas de escudos mensais! e isto quando, do estrangeiro, lhe foi feita já a oferta de cem mil escudos anuais.

Para mim, tenho, como das horas mais nobres da minha vida, aquela em que, em 1909, o fui arrancar, para esta tarefa, ao *atelier* em que êle, ainda relativamente novo, mas já desiludido dos homens, se isolara, repartindo, exclusivamente, o seu tempo, entre a pintura e o ensino da Escola de Belas Artes, de que é e foi sempre um dos melhores e mais notáveis professores.

* * *

Não é muito o que se sabe da história dêste tríptico, mas sabe-se ainda assim muito mais do que se sabe, aqui e lá fora, da maior parte das obras existentes dessa época; e o que se sabe é o bastante para que a sua evocação se possa fazer com relativa precisão.

Pela inscrição que actualmente existe na parede em que se abre a capela de Santa Rita, na igreja de Miragaia, igreja a que é anexa a capela do Espírito Santo, conclui-se que o tríptico foi mandado fazer, em 1515, e que o pagou «Joam de Deos, cidadam» do Pôrto, marido de Maria Dias. É êste, portanto, o personagem representado, como doador, no anverso do painel da esquerda dêsse tríptico e a que assiste, como santo patronímico, S. João Baptista. Das transcrições que, em dois artigos, publicados em 1878, na *Palavra,* fêz de um inventário de 1677, da Confraria

O TRÍPTICO ABERTO, ESTADO ACTUAL

O painel central representa a Descida do Espírito Santo sôbre a Virgem e os Apóstolos (Pentecostes); a porta da direita, S. Paulo, e a da esquerda, o doador João de Deus, com o seu Santo patronímico, S. João Baptista

do Espírito Santo, o grande investigador Pedro A. Ferreira (abade de Miragaia), sabe-se mais que êste João de Deus, entre outros legados, deixou, ao Hospital anexo à capela, «em cada um ano mil reis os quaes mandou pagar por todas as suas herdades». E êsse inventário confirma ainda a devoção de João de Deus pela capela que mandara fazer «pera si e pera sua molher e seus erdeiros», pois, no seu testamento ali transcrito, estabelece que se «ham de dizer em cada ano cinco missas em Santo Espirito, por sua alma, a vinte reis por missa...» Dedicado ao Espírito Santo, o retábulo representa, no painel central, a *Descida do Espírito Santo sôbre a Virgem e os Apóstolos (Pentecostes)* e, no reverso das portas, a *Anunciação à Virgem*. No anverso da porta direita, em correspondência com S. João Baptista, vê-se S. Paulo.

Sem ser uma obra de arte excepcional, destas que podem sofrer o paralelo com as que nos deixaram os grandes mestres da época, o tríptico de Miragaia, pelo conhecimento da técnica que revela e probidade com que foi realizado, é uma obra que honra a escola a que pertence. De grande poder decorativo e com uma grande riqueza e finura de colorido, o que mais impõe porém êste tríptico e lhe dá um logar de evidência é o retrato do doador e a *grisaille* em que a scena da *Anunciação* é realizada. Muito perto de Albert Bouts, no caracter e na técnica, e próximo parente do painel do museu de Anvers, *S. Leonardo libertando os prisioneiros,* obra esta de um imitador de Thierri Bouts, o seu autor afirma contudo, no arranjo do retrato do doador, ao lado dos maneirismos e durezas características dos seguidores dessa influência, um estilo que o inclui ainda na boa tradição da velha arte dos retratistas de Bruges, de que Ambrosius Benson foi o melhor dos últimos cultores. E assim a composição do manto que João de Deus veste e a qualidade dos negros dos tecidos em que aquele é feito se desdobram é tal que, sem as mãos pequeninas e encurvadas que as largas mangas deixam ver, teríamos mesmo dúvidas sôbre a identidade do seu autor com o que pintou o resto da obra. As mãos são, porém, típicas, como é típica a maneira como o artista as realizou, para que possa hesitar-se nesse ponto. Não é exagêro, porém, dizer-se que, nessa parte, ainda paira a grande sombra de Van der Goes.

Indiscutivelmente neerlandês e com as maiores afinidades com as pequenas tábuas que parecem também ter feito parte do antigo retábulo da Sé de Évora, ¿foi êste tríptico pintado em Portugal ou nas Flandres? Uma e outra coisa é possível; se bem que seja estranho o facto de aparecerem neste retábulo, como único ressaibo italiano e numa estilização que briga com o naturalismo de tudo o mais, nuvens exactamente realizadas como as que se vêem no *Retábulo do Baptismo,* que, para a sua capela, da igreja de S. Francisco, do Pôrto, mandou fazer, em 1500, o mestre escola da Sé de Braga, António Carneiro [1].

Esta coincidência e aquelas afinidades, com a ideia que um e outro facto nos trazem de ter sido o tríptico de Miragaia pintado, em Portugal, por um artista que, antes de 1515, já cá se encontrasse, põe para nós, mais uma vez, em foco, o retábulo de Évora. E, de novo, fazemos a nós mesmos esta pregunta: ¿quando foi feito êste último retábulo? Sem um único documento, a resposta é difícil de dar. E o facto é lamentável porque êle teria real importância para a história da nossa pintura, cuja evolução temos ultimamente podido aclarar muito, mas que, num ou noutro ponto, tem ainda os seus mistérios.

A atribuição do retábulo de Évora a Gerard David parece-nos incontestável; mas as influências que se lhe teem registado, para o facto de o datar, é que não teem sido as devidas. Nesse retábulo, a obsessão de Memling é evidente, mas é-o sobretudo no painel central. Nos demais painéis, e ao lado de figuras que anunciam já o Gerard David de períodos posteriores, a influência dos pintores de Haarleem e, especialmente de

Schema perspético dos pavimentos do tríptico, quando aberto

[1] Em outros painéis, existentes em Portugal, de artistas que devem ter trabalhado no *atelier* de Metsys e cuja data de factura não anda longe da do tríptico de Miragaia, aparecem nuvens com igual estilização.

ALBERTO AIRES DE GOUVEIA — «AUTO-RETRATO»

Bouts, é também indiscutível; e isso basta para que se lhe recue ainda mais a data da sua realização, e se admitam então, como seus *pendentes,* as pequenas táboas em que atrás falamos. E sendo assim, podia muito bem ter sido um dos ajudantes do mestre, aquele ou aqueles que deixaram no retábulo reminiscências mais nítidas do grande pintor de Louvain (que foi, antes de Memling e de Metsys, o grande inspirador de Gerard David), quem, vindo talvez trazer os painéis a Évora, e depois passando ao Pôrto, ou voltando cá, após o seu regresso a Louvain (se é que êste pintor era êsse Ruelof Van Velpen que, com outros companheiros, veio a Portugal, em 1501, com demora de dez meses) pintasse então o tríptico, sob a influência, embora muito fugidia, do retábulo de S. Francisco. Tudo é possível, como é também possível que o tríptico, como de-certo sucedeu com o que Provost pintou para a misericórdia do Funchal, fôsse realizado nas Flandres, tendo sido o retrato do doador feito sôbre modêlo para êsse fim mandado de cá.

Seja porém como fôr, o que não podemos deixar de registar é que, se chegou até ao Pôrto e teve aqui verdadeira repercussão a nossa grande escola de pintura quatrocentista e quinhentista, não resta, hoje, contudo aí, quási vestígio algum dela. Em S. Francisco, o fresco e o retábulo a óleo são italianos. O tríptico de Miragaia é neerlandês, como neerlandês, embora com colaboração portuguesa, é igualmente o painel da Misericórdia. E o que de português se encontra nos dois museus, com excepção dos painéis de Frei Carlos, cuja estada ali se explica pela existência, no Pôrto, de um convento da ordem em que o artista professou, deve ter vindo para cá posteriormente à época em que foi realizado, como de-certo sucedeu aos quadros que proveem da colecção Cabral: Grão Vasco e Mestre de Salzedas. E, em todo o caso, do pouco que o museu abriga nada é de pintor régio, e antes tudo de artistas da Beira (Grão Vasco e Gaspar Vaz) ou que, com essa escola, tinham particulares afinidades, como Cristóvam de Figueiredo. A única pintura quinhentista portuguesa, existente no Pôrto, sôbre cuja encomenda não pode haver dúvidas, e que felizmente ainda continua no logar de origem, é o retábulo da capela dos alfaiates, fronteira à Sé, e que, a-pesar-de tardia, merece contudo pelo seu relativo valor e pelo conjunto que representa, com

a talha que a emmoldura e a escultura que a completa, um mais carinhoso interêsse do que aquele que tem merecido à cidade que a possui.

Ora a nacionalidade dêste último retábulo, encomenda de-certo da humilde arraia miuda, não invalida, antes confirma a conclusão que somos levados a tirar, e é que, nos séculos XV e XVI, os *cidadãos* do Pôrto, orgulhosos dos seus foros e em constante contacto com os grandes portos comerciais da Europa, mandavam vir sobretudo daí, e não da côrte, a pintura com que então enriqueciam as suas igrejas.

* * *

Com um grande sentimento da atmosfera, pouco vulgar na sua época, e afirmado mesmo em pormenores como os dos *postigos* abertos das janelas, cuja profundidade, admiràvelmente dada, anuncia já os ambientes das «scenas de intimidade» em que foram inexcedíveis os pintores holandeses do século XVII, a perspectiva do tríptico de Miragaia a-pesar dêste ser, em algumas boas dezenas de anos, posterior aos painéis de S. Vicente, é apenas empìricamente dada. É que só dos meados do século XVI para cá, a perspectiva passou a ser uma coisa rigorosamente scientífica. E assim e a-pesar das linhas horizontais (arquitectónicas e do pavimento) perpendiculares à linha de terra, deverem ter, nos três painéis que formam o retábulo, um ponto de fuga perspético comum, visto os três painéis formarem um conjunto, não sucede porém isso e essas linhas, no painel da esquerda, dirigem-se para um ponto de fuga arbitrário, que fica afastado setenta e cinco centímetros daquele a que concorrem as do painel central e as do painel da direita. É possível que isto pese aos que queriam que a perspectiva dos painéis de Nuno Gonçalves fôsse rigorosamente exacta, e que, do caso, quiseram tirar conclusões que não podem ser tiradas, mas o facto é conhecido dos que teem estudado a valer a pintura da época e podem citar-se mesmo mais diversos e ainda mais típicos exemplos, como o que se vê no tríptico do

ALBERTO AIRES DE GOUVEIA — «REFRESCO»

ALBERTO AIRES DE GOUVEIA — «O FADISTA APAIXONADO»

museu de Anvers, *Os Sete Sacramentos,* por Van der Weyden. E esta obra e outras do mesmo pintor são argumentos primaciais no caso, porque, sendo Van der Weyden contemporâneo de Nuno Gonçalves, é um mestre que conhecia todos os segredos da arte de então. Isto é porém um assunto para ser tratado com mais desenvolvimento em outro logar.

* * *

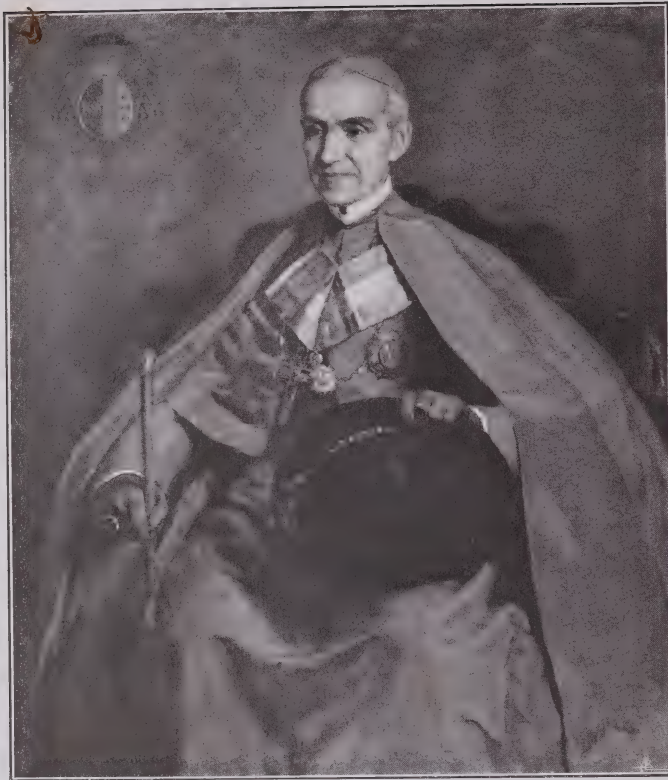
Além do seu valor de arte, que já procuramos pôr em relêvo, o tríptico de Miragaia tem ainda outro valor: o histórico; e, sob êsse ponto de vista, tem êle interêsse especial para o Pôrto, em virtude da natureza da confraria para que foi feito e de estar pintado, num dos seus painéis, o retrato do portuense, João de Deus, seu doador.

No que chamaremos o brazão moral da cidade do Pôrto, há um quartel como nenhum outro ilustre e que debalde se procurará em outra terra do país; refiro-me àquele em que se deveria inscrever a filantropia. Essa admirável virtude tem, na verdade, no Pôrto, uma grande tradição, sempre ininterrupta e já algumas vezes secular. Poder-se há, sem dúvida, acusar a minha terra de muitos erros e defeitos. O que se lhe não pode porém assacar é a sua falta de caridade, pois ela vem já de tempos primitivos e cada dia se afirma mais alta e nobremente.

Ora a capela do Espírito Santo era privativa do Hospital e Albergaria do mesmo nome, especialmente votados ao agasalho e tratamento de mareantes, e a sua importância era tal que tendo, após a criação das Misericórdias, ficado subordinadas à do Pôrto tôdas as instituições similares, D. Manuel, por alvará de 16 de Maio de 1521, mandou que êle (o hospital) continuasse independente e autónomo. «E a nós praz (diz o alvará) que o hospital de Santo Spirito da nossa cidade do Porto, de que tem administraçam os Pilotos, mestres e mareantes, e outros homens bôos esté como está e se não bula com elle nem dê a dita administraçam á misericordia, por quanto nós havemos por bem de se com elle não fazer mudança alguma.» Junto da capela havia ainda um cemitério para náufragos.

Quanto ao retrato de João de Deus, êle não é já só a imagem do que foi, talvez, o melhor patrono da sua confraria. Mais do que isso, êle é ainda a tradução plástica, e por isso mesmo viva, dum dos avoengos mais antigos que se conhecem dessa *grei,* sôbre tôdas ilustre, dos bemfeitores da cidade, em que, nunca é demais lembrá-lo, desde D. Lopo de Souza até hoje, se pode registar uma longa série de nomes dos mais desinteressados e generosos doadores.

Maio de 1927.

JOSÉ DE FIGUEIREDO.

ALBERTO AIRES DE GOUVEIA — «ARCEBISPO DE CALCEDÓNIA»

DA EXPOSIÇÃO

QUE ALBERTO AIRES DE GOUVEIA REALIZOU, NO PASSADO MÊS DE MAIO, NO SALÃO «SILVA PORTO»

ENTRE os pintores portuenses e entre os pintores portugueses, Alberto Aires de Gouveia que no passado mês de Maio e no Salão Silva Pôrto realizou mais uma exposição — de cujos trabalhos a *Ilustração Moderna* hoje reproduz alguns — é um valor que marca conscientemente, ano a ano, o seu logar, como pintor de figura, de paisagem e de naturezas mortas. Discípulo de Marques d'Oliveira — o mais forte desenhista da sua geração, sôbre quem a vida acanhada do burgo tem pesado sempre como uma mole de granito — Alberto Aires possui, desde muito novo, a qualidade rara de bem desenhar. Sem modernismos de técnica, êle é um clássico da boa regra, por temperamento e formação artística. Mas o que verdadeiramente marca nos seus trabalhos é o seu temperamento de *elegante,* tão acentuadamente requintado, que esta qualidade, raríssima entre nós, e que eu saiba só o Visconde de Menezes possuiu no século passado, a tôdas domina, dando individualidade própria a *todos* os seus trabalhos, tão grande que, dispensando a sua rúbrica, mesmo a olhos leigos ela fàcilmente caracterizaria a sua pintura. Tendência hereditária do seu espírito, ela é, assim, a misteriosa graça e o segrêdo feiticeiro de todos os seus quadros.

Não cabe nestas linhas, escritas à margem dos últimos trabalhos expostos, um estudo largo das três modalidades porque o pintor se apresenta, ou seja de pintor de figura, de paisagem e de naturezas mortas. Mas na simples referência aos seus retratos, justo é destacar a flagrante parecença dos retratados, e o cuidado no arranjo que sempre preside ao enriquecimento do meio ambiente que os envolve, felicíssimo quási sempre nos retratos femininos, e de que êsse lindo pastel, em tonalidades roxas, do fundo da sala, era exemplo frisante. No entanto, parece-me que o artista vai caíndo por vezes em exageros, vestindo demasiadamente as suas figuras à «maneira antiga», que, por mais bela de côr e elegante de forma, naturalmente atrai as tendências estéticas do pintor. E se a observação tem especial cabimento nos retratos de homens e crianças, mesmo nos retratos femininos esta forma de arranjo nem sempre me parece feliz, e ainda agora ao contemplar as fotografias dos retratos executados recentemente em Lisboa pelo grande pintor húngaro, naturalizado inglês, Philip de Laszló, a minha impressão se confirmou no retrato da filha dos Embaixadores, em que Miss Carnegie, transformada em gentil açafata do século XVIII, me dá apenas a impressão de se ter vestido assim para figurar numa *soirée masquée,* nos salões da embaixada, em terça-feira de Entrudo.

É que já não há ligação entre a cabeça da retratada e o *vestido* que o pintor forçadamente lhe vestiu.

De resto tôdas as épocas teem o seu estilo, e êsse deve ser justamente procurado e fixado pelos pintores. E sem comparações, e só como exemplo, eu lembrarei aqui os retratos admiráveis de mestre Columbano, que nos pormenores, nos acessórios e na riqueza de matéria, tem sabido encontrar, em ligação com «os fundos», maravilhosas estilizações das mais horríveis *rabonas* e *fracks.*

No entanto, do que Alberto Aires de Gouveia pode fazer neste género, é prova cabal o excelente retrato de seu Irmão. É pena é que tendo figurado êsse retrato na sua anterior exposição, no átrio da «Misericórdia», o artista não continuasse de então para cá nesse bom caminho, tão brilhantemente encetado.

E feito êste reparo, outro pequeno reparo me parece justo fazer ainda. Apaixonado do *pastel*, em que o pintor trabalha, de facto, com rara mestria, conseguindo transparências e luminosidades admiráveis, preciso é não esquecer que o *óleo* é sempre a matéria rica e sólida, só por si, como qualidade, dominando inteiramente. Passando para o óleo o retrato de seu tio, o Arcebispo de Calcedónia — o mais elegante dos Bispos portugueses — que primitivamente Aires de Gouveia realizara em pastel, o artista conseguiu efeitos novos que lhe não foram dados apenas pela riqueza das vestes prelatícias, mas pela matéria em si, o que vem confirmar inteiramente a minha observação anterior.

Mas onde esta referência me parece mais justa ainda, é nessa pequenina, transparente e doirada tela das *Uvas* em que o pintor se elevou a um alto gráu de técnica, da melhor e mais perfeita que tem saído dos seus pincéis, e que, em qualquer parte, em confronto com os melhores mestres do género, o afirmaria como um extraordinário pintor de naturezas mortas. Nas flores, nas paisagens, o pastel dá por certo melhor e mais fàcilmente as transparências finas e luminosas, mas nas naturezas mortas e na figura, em que a qualidade e os tons quentes dominam, o pastel não pode triunfar em absoluto, por muito grande que seja, e é o caso presente, a mestria do pintor.

Sem entrar em citações dos trabalhos expostos, mas só para falar ainda que de fugida no paisagista, eu quero lembrar a admirável luminosidade dessas *Mêdas ao sol* em que o artista fixou de facto, no cartão, um pouco do sol brilhante da nossa terra, dêsse lindo sol português, que tantos teem procurado prender sem o conseguir. Nisto está o seu melhor elogio, mas é sempre a meu ver como pintor de figura que o artista deve ser estudado e apreciado, por ser esta a forma suprema da arte pictural, pertença de raros, e em que Aires de Gouveia, sem favores da crítica, já triunfou há alguns anos, embora as naturezas mortas sejam ainda a melhor pedra de toque do seu saber e da sua arte.

Manuel Figueiredo.

ALVES DE SÁ — «ESTALEIROS» (Pôrto

ALVES DE SÁ — «A VOLTA DO MONTE» (Gerez)

AGUARELAS DE ALVES DE SÁ

Os que há vinte anos visitam exposições d'arte fixaram, com certeza, desde a primeira hora, o nome vitorioso do grande aguarelista, que é hoje, entre nós, incontestàvelmente, uma das mais categorizadas figuras na sua especialidade.

Há nêle duas características essenciais de predomínio: o temperamento forte, que lhe veio por certo de tendências herdadas, e a educação livre, fora dos cânones das escolas e dos preconceitos e convenções, que, em regra, manietam sempre o artista. Daqui resulta a sua nobre independência e a evidenciação de processos de factura, que colocam Alves de Sá inteiramente à parte, no mundo das realizações picturais.

Afirma-se que êle pinta a aguarela como qualquer outro mancharia quadros a óleo. Se o efeito é êsse, na realidade, tal facto não resulta de uma indisciplina intencional de processos, mas apenas de uma compreensão, legítima e perfeita, dentro de uma inteligente observância de princípios d'arte.

Essa originalidade é, sem dúvida, o seu *estilo*, a sua maneira própria, ou seja a *linguagem* especial de que o pintor se serve para interpretar melhor a natureza ou a vida.

Alves de Sá não pertence, pois, a nenhuma escola, porque é discípulo de si mesmo.

Começou a aguarelar numa idade em que nem sequer lhe era lícito poder considerar a arte como uma profissão ou um modo regular de vida.

Sendo filho de um grande jurisconsulto, que era também um excelente artista nas suas horas raras de devaneio, prestou com certeza muito maior atenção aos quadros que o pai ia realizando do que ao merecimento dos autos; e a sua permanência em Coimbra, se lhe assegurou uma formatura em leis, iniciou-o, desde a mocidade, nas belezas de uma paisagem, que é das mais sugestivas e surpreendentemente belas.

Trocou, pois, de boa vontade, o ambiente dos tribunais pelas salas das exposições e a reclusão no escritório de advogado pela luminosidade livre da natureza, com soberbos panoramas a fixar e deleitosas sombras, a que é sempre grato às sensibilidades delicadas acolher-se.

Alves de Sá é essencialmente um paisagista. Neste sentido, interpreta com rara superioridade arvoredos e currais serranos, trechos tranqüilos e luminosos da beira d'água, aglomerados pitorescos de casarias, montes e planícies, areais doirados, monumentos em ruinas invadidos de ervagens parasitárias, rochedos e arribas em que o mar vem quebrar-se, — tudo o que oferece geralmente à retina do homem curioso um motivo de fixação amorável ou um pretexto para o estudo da luz em tôdas as suas infinitas e variadas gradações.

A aguarela de Alves de Sá é, pela sua categoria expressiva, uma poderosa afirmação de superioridade; mas dentro da sua beleza, equilibrada e sádia,

não revela uma funda dramatização. A poesia que nela está patente é mais a resultante de um efeito harmónico de conjunto do que própriamente a eflorescência de uma natureza subjectiva, que possa comprazer-se em traduzir e interpretar pelas tintas o mundo misterioso das coisas criadas.

O pintor é, pois, um temperamento de feição objectiva, mas de rara estirpe intelectual, que procura dar expansão à riqueza das suas qualidades visuais, servindo-se de uma técnica incontestàvelmente forte; mas, sendo, em regra, feliz na reprodução dos aspectos mais claros e luminosos, há, na gama das suas tintas discretas, uma rebusca incessante de efeitos violáceos que amortecem, por vezes, a equilibrada justeza dos valores, acrescentando às sombras, com que joga surpreendentemente, expressões de uma tonalidade excessiva. Será porventura êste um dos aspectos mais controvertidos da sua arte, em que o caracter original do pintor aliás se afirma com freqüência em lances de nobre e indiscutível predomínio.

O poder de exteriorização pictural do aguarelista é assim dominado por uma ânsia de aperfeiçoamento formal, em certa medida reveladora de uma consistência maior na sua arte.

Se a exuberante comunicabilidade do seu pincel é a cada passo contida pela imperativa solicitação de uma consciência estética muito lúcida, a verdade é que o fundo da sua obra se enriquece e se afirma com a individualização dos mais seguros processos.

De resto, o facto não diminui o aspecto viril da sua arte, nem a harmonia da sua luminosidade que adquirem dêsse modo uma base scientífica mais firme.

O temperamento do aguarelista encontrou na sua herança germânica o correctivo a todos os excessos de idealismo peninsular.

Há uma frase do crítico francês, Arsène Alexandre, que pode aplicar-se a Alves de Sá com rigorosa justeza: *é um construtor da luz,* na acepção mais nobre e mais consciente.

Estas qualidades magistrais encontrei-as evidenciadas nos últimos trabalhos expostos no Salão Silva Pôrto.

Se, por vezes, o artista parece insurgir-se contra os processos tradicionais de realizar a aguarela, a verdade é que o sentimento da sua feição individualista ressalta notàvelmente na maioria das suas notas de paisagem. E já não é pouco defender desta altiva maneira a simpática independência da sua arte.

JOAQUIM COSTA.

VARANDA DE PILATOS

A REFORMA da Instrução volta a andar nas bôcas do mundo, anunciada de norte a sul pelas gazetas diárias. O *Diário de Lisboa* já anda na azáfama de ouvir competências, e, ainda há pouco, trouxe a lume uma entrevista com o Dr. Claro da Rica, reitor do Liceu Camões e mestre de meninos

ALVES DE SÁ — «FONTE DO CONVENTO» (Vila do Conde)

ALVES DE SÁ — «IGREJA DOS GRILOS» (Pôrto)

conta-gotas. Cada ano tantas gotas de matemática, tantas gotas de física e química, tantas gotas de história e literatura, e francês e inglês e latim e desenho e geografia — geralmente absorvidas numa só dose de aflições ao aproximar dos exames, para, findos êstes, numas férias grandes de três meses, tal qual como com a estricnina, os efeitos estarem perdidos, isto é, baralhados e esquecidos. No ano seguinte, ao continuar a série das gotas marcadas nos programas e regulamentos, o professor era sempre obrigado a recomeçar, a repetir, ainda que ràpidamente, as doses do ano anterior, ou porque não concordava inteiramente com as doses ministradas pelo «seu ilustre colega do ano transacto», ou porque acontecia, se era o mesmo, que os seus alunos estavam completamente esquecidos numa amnésia geral. Isto era já assim na minha entrada para o liceu ha perto de dezoito anos! E lembro-me que, quando cheguei, ao primeiro ano da Universidade, em Lisboa, eu

há quatorze anos, em que êste ilustre professor defende abertamente o estudo por *disciplinas,* acabando-se de vez com o estudo por *classes.*

Inteiramente de acôrdo com esta alteração fundamental, eu que fui aluno das *sete classes* do liceu, vejo e sinto hoje bem o que representaram para mim êsses sete anos, de estudo desordenado e dispersivo. E sei ainda o esfôrço enorme que me vi obrigado a fazer para arrumar e pôr em ordem — pouca ordem e mau arrumo — as mil e uma noções, sem base nem seqüência, que, menino e moço, recebi de lentes e explicadores. Ao sistema de classes melhor se deveria chamar o sistema de

notei com espanto que a maioria dos meus colegas possuia uma «sólida ignorância de cultura geral» muito maior que a minha.

A uma simples pregunta de história pátria sôbre as *Ordenações Afonsinas,* o meu curso, representado nesse dia por trinta alunos em que eu figurava em último logar, disse tais barbaridades que o lente, ao interrogar-me, depois de ter corrido um por um os alunos presentes, teve esta exclamação de espanto quando eu, sem hesitações, respondi cabalmente à sua banalíssima pregunta: «Mas o senhor quem é?» Eu — o fenómeno! — era apenas um mau aluno do liceu e

bom aluno de mim mesmo, apaixonado por assuntos de literatura e história.

Ainda hoje eu penso, com mágoa, nos milhares de *gotas de precioso saber liceal* que deixei perder, e assim, ao ver que o snr. Ministro pensa em voltar resolutamente ao velho sistema das doses por medida grande, às colheradas, eu, que tenho filhos, apresso-me a fazer votos para que tão bons propósitos sejam convertidos em breve em lei do país.

Mas antes de terminar seja-me permitido um alvitre. Que ao estabelecer-se o novo sistema por disciplinas, duas cadeiras novas e *únicas* sejam criadas — uma de cultura geral artística, outra de cultura social, em que professores competentes, de livre escolha dos liceus ou do Ministro, nos dois ou três últimos anos, façam, doseadamente, sem prova de exames, mas de freqüência obrigatória, largas prelecções educativas, para que os homens de amanhã possuam uma mais justa ideia geral da vida social dos povos através dos séculos, habilitando-os a melhor compreenderem os gravíssimos fenómenos sociais da hora presente, e não mostrem, pelo menos tão descaradamente, diante de tôda a gente, uma tão vasta e profunda ignorância artística. Se êle até os há, hoje em dia, neste Portugal civilizado, que afirmam sorridentes, com orgulhosa superioridade, essa ignorância vergonhosa!?

MANUEL DE FIGUEIREDO.

ROTEIRO BIBLIOGRÁFICO

«A indulgencia exaggerada ou systematica é o peor dos vicios d'um critico.»

Léon Daudet.

ICONOGRAPHIA ARTISTICA EBORENSE

POR *JOÃO ROSA*

MERCÊ de sua caroavel devoção pela terra natal, que mui raramente lampeja n'este paiz de desnacionalisados, ergueu João Rosa, jornalista illustre, um bello monumento litterario-iconographico em honra d'Evora, a sempre noiva dos artistas e dos poetas, na gentil e aguisada locução de Souza Pinto, litterato dos de bom timbre, a mais de suas cercanias.

Com tal livro devéras póde ufanar-se a nobre cidade alemtejana, tanto a realça e engrandece, quer sob os aspectos artistico e historico quer sob o pictural e o archeologico.

E não menos poderá jactar-se o paiz, pois o que nobilita a parte nobilita o todo, porque a obra, embora com feição regionalista, é cunhada nos moldes d'um vivo nacionalismo.

Boa sorte, afinal bem-merecida, propicia a velha côrte realenga, pois pouco ha que Celestino David publicou a *Evora Encantadora,* livro d'egual sorte destinado a honorificar uma das mais notaveis terras lusitanas e a instruir patricios e extrangeiros de suas bellezas d'arte e paysagem.

No seu livro, João Rosa inventaria desvelada e próvidamente quasi toda, senão toda, a iconographia d'Evora e suas redondezas, taes Montemór-o-Novo, Villa Viçosa, Arrayolos, Extremoz, Vianna, do mesmo geito trecheias de tradições historicas, artisticas e ethnographicas; n'elle enquadra todos os trabalhos d'arte, dês os mais remotos aos da actualidade, dês as illuminuras preciosas dos forais ás excellentes aguarellas de Alberto Souza, que teem fixado os valores da belleza

ALVES DE SÁ — «RIBEIRA» (Pôrto)

NA FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO
O snr. prof. Luís Viegas realizando a sua notável conferência *A lepra sob o ponto de vista clínico e social*

local, tanto da architectonica e da archeologica como da ethnographica e da pittoresca.

Verdade é que alguns d'esses trabalhos não merecem a distincção de serem reproduzidos e mencionados, porque nenhum lustre, por sua penuria technica e artistica, dão á terra. Ha, porém, que acceitál-os, attento o objectivo de João Rosa.

Mesmo assim é um esplendido cosmorama da vida eborense, ou melhor, um magnifico livro-museu, consoante, fortunosamente, o appelida Souza Pinto.

Em regra, cada exemplar iconographico é escoltado por um artigo copioso d'informes, que o correlaciona com o seu ambiente historico-social, e por uma copiosissima, senão completa, bibliographia. Esta é devéras para registar, tal a sua farteza, e revela de sobejo quer uma exhaustiva canceira no seu amontoamento quer uma plena conhecença de tudo o que litterariamente se refere á sua terra bem prezada.

Poderá alguem desdenhar d'esta obra de João Rosa, por havêl-a como obra mais de paciencia e perseverança do que de tensão espiritual, tam minuciosa é ella adentro do seu caracter. Esse é, por certo, o seu direito, o que não significa que seja a boa razão. Já nos velhos e saüdosos tempos romanticos reconheciam os admiraveis manos Goncourt que são a moeda meüda da historia os pequenos traços, os nadas da historia. Moeda meüda, sim, mas indispensavel para os trocos.

Positivo é, pois, que o illustre jornalista realisou uma bella e utilissima obra, que tanto luzimento dá á sua terra como á grey, que não só serve para envaidar os fortes alemtejanos como para ensoberbecer todos os homens bons d'este paiz malaventuroso.

E como a obra é benemerita e patriotica, convem lembrar as palavras d'outro jornalista, Gomes dos Santos, pela justeza com que se adaptam a esta circumstancia: *O genio que faz pagar as suas secreções pelo preço de alguns adjectivos retumbantes e sonoros e envolvem o seu orgulho n'uma nuvem d'incenso, restará sempre em plano inferior do do homem modesto, que fornece uma collaboração secreta á actividade collectiva.*

Carlos de Passos.

A LEPRA SOB O PONTO DE VISTA CLÍNICO E SOCIAL

BRILHANTE CONFERÊNCIA PELO NOTÁVEL DERMATOLOGISTA, SNR. PROF. LUÍS VIEGAS

Em princípios dêste mês de Junho, o vasto salão nobre da Faculdade de Medicina do Pôrto regorgitou de público ilustre no professorado, na medicina e nos meios académicos, para ouvir a palavra elegante e persuasiva do professor Luís Viegas, figura marcante nos meios scientíficos portugueses.

É que o assunto versado era de tal magnitude, sob variados pontos de vista, que forçosamente tinha de interessar as nossas *élites* intelectuais, aquelas que sobretudo amam a sua terra e, por conseqüência, se apaixonam pelos problemas de utilidade social.

O da lepra, que, há bastante tempo, vem merecendo aturado estudo do eminente dermatologista, foi pôsto com brilho e clareza, prendendo vivamente, de princípio a fim, o selecto auditório.

E a finalidade desta conferência chamava a atenção, visto que a lepra, de uma contagiosidade desmarcada, tem ainda focos indígenas em plena actividade dentro do país, principalmente entre as populações do norte, sendo raros os concelhos onde não haja um caso a registar. De ano para ano, o número aumenta por motivo não só de novos contágios, mas também do regresso de emigrantes que adquirem o terrível flagelo em países quentes, mórmente em o norte do Brasil.

Importada esta horrorosa enfermidade do Oriente pelas aguerridas hostes do império romano, a Europa, na idade média, durante as cruzadas, foi tomada de tamanho terror, pela difusibilidade do mal, que os doentes eram sequestrados da sociedade em hospitais de isolamento, depois de levados à igreja, onde lhes resavam o ofício de defuntos.

Hoje, como disse o erudito professor, desandados alguns

NO COLÉGIO ALMEIDA GARRETT — PORTO
O snr. prof. Luís Lobo realizando a sua notável conferência *A Ilha dos Amores, sua situação geográfica*

séculos, o combate afrouxou e os leprosos, readquirido o seu convívio social, difundem a doença por tôda a parte.

Demonstrou-se eloqüentemente que é falsa a ideia, que corre no público, de que há pouca lepra em Portugal e que a doença é mais benigna entre nós que em outros países.

E, ao descrever a organização das nossas velhas gafarias, o ilustre conferente afirma que, se entre nós não houver medidas coercivas, nem modernos hospitais de isolamento próprios para esta enfermidade, dentro em pouco teremos de contar por milhares o número de leprosos. A propósito, citou-se o que se passou na Noruega, onde uma sábia legislação muito contribuiu para debelar a lepra nêste país, que, nos meados do século passado, atacava cêrca de três mil indivíduos.

E de dedução em dedução, concluiu-se que a doença se desenvolve igualmente tanto sôbre os frios glaciais da Islândia, como sob os calores tropicais da Arábia, porque a lepra é uma doença exclusivamente humana e, onde houver homens, o bacilo pode proliferar em qualquer latitude.

O bacilo de Hansen foi magistralmente descrito nas suas duas principais localizações, a pele e o sistema nervoso.

A parte mais notável da conferência foi, porém, aquela em que, sob uma rica e vasta documentação iconográfica projectada no *écran,* apareceu tôda a gama de lesões e deformidades, nas mais variadas formas da lepra.

E, em face dêstes casos, todos passados pela clínica civil e particular do abalisado dermatologista, um a um, se foram desfiando todos os sintomas até o estabelecimento do diagnóstico definitivo e diferencial.

Êste notável trabalho mais uma vez honrou a nossa Escola de Medicina.

Elogios, dispensa-os o doutor Luís Viegas. A testemunhar os seus elevados méritos de professor culto e inteligente, está disseminada pelo país fora uma numerosa pléiade de gerações médicas, que não deixarão de reconhecer quanto devem aos sábios ensinamentos do Mestre e do Amigo.

Pôrto — Junho — 1927.

JOSÉ LUSO.

A ILHA DOS AMORES

SUA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

A COMEMORAÇÃO de mais um aniversário da morte de Luís de Camões, — o grande Santo e o Génio imortal da raça —, não passou despercebida no Pôrto. E, a valorizá-la, houve, pelo menos, um trabalho notável do ilustre professor e médico escolar, sr. dr. Luís Lobo, o qual lhe serviu de tema para duas brilhantes conferências, a primeira no Liceu de Rodrigues de Freitas e a segunda no Colégio Almeida Garrett, desta cidade.

Falando a rapazes, alguns ainda de tenra idade e desconhecedores do tema debatido — «A Ilha dos Amores, sua situação geográfica» — o distinto conferencista, que é um consciencioso investigador, usou duma linguagem simples e clara, ao alcance de tôdas as inteligências, por forma que mesmo os escolares ainda incultos pudessem fazer a sua iniciação no maravilhoso simbolismo da nossa admirável Bíblia Nacional.

Em síntese rápida, incisiva mas concludente, começou por demonstrar que nem a intriga palaciana, nem a inveja dos homens de letras, coevos de Camões ou posteriores, conseguiram diminuir o mérito da sua monumental epopeia, que é a verdadeira incarnação da alma da raça, que foi o assombro e a inspiração de muitos escritores estranhos, e que, pelos séculos fora, mesmo que fôsse possível desaparecer do mapa esta nação, ficaria a lembrar eternamente na história o nome de Portugal.

Fêz depois, em lúcidas deduções, a demonstração da sua tése: A Ilha dos Amores, que tam minuciosa e brilhantemente nos descreveu Camões, só podia ser a Ilha da Madeira. Os argumentos são convincentes e veem em refôrço do que era já um pressentimento para os cérebros desempoeirados de artifícios. Não nos permite a falta de espaço, como era nosso desejo, uma longa transcrição dêste belo trabalho, mas os períodos finais bastarão para nos darem uma ideia do seu valor:

«Poderiam extinguir-se todos os monumentos da civili-

DR. MAGALHÃES LEMOS, SÁBIO NEUROLOGISTA
Escultura de António de Azevedo

HOMENAGEM AO PROFESSOR MAGALHÃES LEMOS

Quem estas linhas traça sente-se preso de acanhamento, não se coordenando os movimentos da escrita com a rapidez necessária para acompanhar os do cérebro.

É que, na realidade, para se dizer algo da espiritualidade do venerando prof. Magalhães Lemos, valor incontestável no limitado património nacional, seria precisa uma pena acerada como o bico das águias, a fim de marcar devidamente a personalidade forte do homem de que se trata.

Nestas condições, pois, o jornalista não sabe, dentro daquela riqueza de vocabulário que rescende das *Côrtes na Aldea*, onde ir buscar os adjectivos, tam esfarrapados hoje em logares comuns, para premiar o mérito, destacar o talento e exaltar a Virtude. E falo em virtude, porque só a verdadeira sabedoria, degrau que leva a caminho da santidade, pode conjugar a fonte intemerata do Ideal na maior das belezas terrenas — a Harmonia humana.

Só os eleitos tocados dessa luz divina pertencem ao número dos grandes homens que, a caminho de Deus, preparam o caminho da Perfeição.

Todos se recordam ainda da homenagem ao prof. Magalhães Lemos, quando, em Junho de 1925, foi descerrado solenemente, na Faculdade de Medicina, o busto do insigne neurologista, primorosa obra de arte, em mármore, do escultor António de Azevedo.

E esta consagração pública aos méritos de um sábio constituiu um dos números do programa comemorativo do primeiro Centenário da Régia Escola de Cirurgia do Pôrto, graças à espontânea e feliz iniciativa dos quintanistas de Medicina do Curso de 1923 a 1924, encontrando, desde início, unânime e rasgado aplauso nas Universidades e Institutos Scientíficos do país, na academia e em tôda a classe médica portuense.

Ora, para que ficasse a perdurar pelo tempo fora o éco da apoteose do Mestre respeitado e digno, o Conselho da Faculdade de Medicina, por louvável proposta do erudito pro-

zação portuguesa, apagar-se todos os vestígios do nosso domínio na terra, qualquer inteligência clara iria recompor a vida histórica dos portugueses apenas pelos Lusíadas, como o fizeram um naturalista, um filósofo e um literato: Humboldt, Schlegel e Quinet. E' que o homem não é nada; a obra é tudo.

«E' por isso que, sendo passados quási quatro séculos, os Lusíadas continuam a ser um tesouro inexaurível de conhecimentos variadíssimos e o fanal de intensivo brilho que ilumina Portugal todo, não nos deixando esquecer a nossa grandeza passada e dando-nos a grata esperança de a adquirirmos de novo, vincada a honradez nas feições e a bondade no coração.

«Só assim é que Portugal será lindo: que a lindeza duma nação não está simplesmente na paisagem; essa lindeza deve antes transparecer no caracter dos indivíduos, disciplinados pelo cumprimento do dever e pelo trabalho enobrecidos.

«Ora foi só para êsses, que se sacrificam pelo bem da família, o engrandecimento da pátria, o progresso da humanidade, que o Poeta, numa superior concepção filosófica, reservou como prémio e estímulo êsse outro paraíso terreal — a encantadora Ilha dos Amores.»

S. M.

O ENCERRAMENTO DAS AULAS NA FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO
Novos quintanistas esperando a vez de embarque, no lago do Bom Jesus do Monte

O ENCERRAMENTO DAS AULAS NA FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO — Um passeio no lago do Bom Jesus do Monte

fessor Tiago d'Almeida, resolveu unanimemente reunir em livro os discursos pronunciados na memorável sessão.

Assim, carinhosa e inteligentemente dirigido pelos ilustres professores Tiago d'Almeida e Hernani Monteiro, acaba de sair do prelo um elegante opúsculo de cem páginas, impresso em bom papel, onde ressalta límpida a homenagem que escolhidas figuras scientíficas prestaram ao Homem que, como se lê no prólogo, em tôdas as circunstâncias da sua vida tem honrado e dignificado a Medicina Portuguesa.

Li algures que é dever nosso assinalar os varões ilustres. Os homens do momento já fizeram, contudo, justiça ao sábio. Aos vindouros, pois, compete buscar e rebuscar o que nêsse opúsculo se contém, porque dos seus traslados alguma coisa sairá de útil para os que vierem depois dêles.

Pôrto — Maio — 1927.

JOSÉ LUSO.

O ENCERRAMENTO DAS AULAS NA FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO
Grupo de novos quintanistas a caminho de Braga, acompanhados pelo ilustre dermatologista snr. dr. Vilas-Bôas Neto

(Cliché da fotog. Beleza)

O ENCERRAMENTO DAS AULAS NA FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO.
NOVOS MÉDICOS, COM OS SEUS PROFESSORES.

(Cliché fotográfico de Alberto Costa)

O ENCERRAMENTO DAS AULAS NA FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO.
NOVOS QUINTANISTAS, COM OS ASSISTENTES DO CURSO.

(Cliché de Manoel d'Abreu)

AVEIRO — VISTA PARCIAL DA CIDADE,
RIA E MARINHAS DE SAL.

O ENCERRAMENTO DAS AULAS NA FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO

No dia 14 do mês passado, os alunos da nossa Faculdade de Medicina, seguindo uma velha praxe, celebraram ruidosamente o encerramento dos trabalhos escolares do ano lectivo.

A tràdicional entrega da pasta aos novos quintanistas decorreu com graça e franca alegria, naquele entusiasmo próprio da juventude.

E, no dia imediato ao desta festa, que deixa sempre saüdades na alma alegre e generosa da mocidade, os novos doutores foram de longada até Vizela, onde confraternizaram, e os novos quintanistas até Braga, ao Bom Jesus do Monte, onde lhes foi servido um lauto jantar, num dos melhores hotéis desta formosa estância minhota.

AVEIRO

FESTIVIDADE DE SANTA JOANA PRINCEZA

Aveiro é, como se sabe, uma linda cidade da Beira-mar, ou antes da Beira-ria . . . O Vouga, encontrando as aguas do Oceano, entre franjas de salgueiraes, em Vilarinho, freguezia de Cacia, bordeja com elas em fraternal abraço, as mil reintrancias e saliencias dos terrenos marginaes e alagadiços; envolve ilhotas e mouchões (a ilha da Testada, a do Monte-Farinha, a da Gaivota, a do Perrexil, o mouchão do Amoroso, etc.), e entre malhadaes e salinas, vem até ao Canal da cidade, o canal das Piramides, recuando depois, e perdendo-se entre esteiras, até seguir o rumo da Barra, cobrindo ou deixando a descoberto conforme o fluxo e o refluxo, extensas toalhas de areia.

Não é excrescencia bairrista, mas pura verdade, dizer que não ha no paiz região fluvial e maritima mais extensa, mais variada, mais rica e mais linda do que esta.

(Cliché fotográfico de Manoel d'Abreu)

AVEIRO — PROCISSÃO DE SANTA JOANA

⁂

A estes predicados aliam-se as suas tradições historicas, sociaes e religiosas, que, todas, em conjuncto, caracterisam este povo de navegadores, de pescadores, de trabalhadores do mar, da ria e dos campos limitrofes, e os seus tipos de homens e de mulheres, em todos os tempos apontados á consideração dos observadores e estudiosos.

⁂

O Principe D. Pedro tem o seu nome e a sua lenda ligada a Aveiro; e, a par da sua categoria genealogica, pode citar-se o nome da Princeza Santa Joana, excelsa filha de D. Afonso V, o ultimo rei cavaleiro, e marco miliario, diga-se assim, entre uma época que declinava e se extinguia, e outra que se foi logo acentuando na politica, na sociedade e no eclipse das nossas mais heroicas grandezas.

(Cliché foto. de Manoel d'Abreu)

AVEIRO — PROCISSÃO DE SANTA JOANA

De pequenina a Princeza Joana se podia já titular de Santa: — taes eram as suas tendencias e afirmações para o exercicio da caridade, e para os misticos arroubamentos da Fé. Depois de algumas peripecias a que deu logar essa aspiração do seu espirito, veio a Princeza para o Convento de Jesus, onde se distinguiu entre freiras e recolhidas, pela sua alta gerarchia e beleza, sim, muito mais, porém, pelas suas virtudes moraes, sociaes e religiosas.

A sua veneranda biographia, tão popular, é geralmente conhecida; até que faleceu em cheiro de santidade e como tal foi beatificada e canonisada.

Guardando-se as suas cinzas em rico mausoleu de marmore lavrado, ainda hoje bem conservado, e venerado, a sua festa celebra-se a 12 de Maio, ou por conveniencia, no domingo seguinte. — A egreja enriquecida de preciosas talhas douradas, e de ricos paramentos e sebastas, orna-se n'esse dia tambem de lumes e flores especiaes.

N'outros tempos concorriam á missa solene e procissão, as autoridades civis, judiciaes, administrativas e militares, as pessoas da mais alta categoria e o povo.

Cahida em desuso a festa, restaurou-se ultimamente, a esforços d'alguns devotos, e de patriotas dedicados ás tradições muito simpaticas da terra.

Este ano, sobretudo a procissão revestiu um brilho especial. Da sua imponencia e magestade, dão ideia os clichés que reproduzimos, da autoria do nosso amigo e distinto photographo amador, sr. Manoel d'Abreu.

Com justa razão, pois, os aveirenses, e os povos dos arredores, ribeirinhos e campestres, associam as suas memorias queridas a esta memoria veneranda, que tem belo reflexo nas paginas da Historia de Portugal, e bem assim no florilegio da Egreja.

P. V.

(Cliché fotográfico de Manoel d'Abreu)

AVEIRO — LARGO DO ROCIO E RIA

ILUSTRAÇÃO MODERNA

PUBLICAÇÃO MENSAL — EDITOR-DIRECTOR — MARQUES ABREU

2.º ANO — PORTO — JULHO — 1927 — NÚMERO 15

IMPRENSA "MARQUES ABREU, LIMITADA,, — Avenida Rodrigues de Freitas, 310 — PORTO

FREI CARLOS — VIRGEM COM O MENINO — Primeira metade do século XVI — (Museu Municipal do Pôrto)

Crónica do mês — Junho

Festas populares e festas de "élite". — Dois Congressos. — Uma consagração justa.

Foi de festa o mês que passou. Além das festas tradicionais, semi-católicas, semi-pagãs, com que o povo usa consagrar o ilustre taumaturgo português, o precursor de Cristo e o primeiro papa, houve uma outra que os altos poderes procuram introduzir no calendário, mas que passa quási despercebida porque não cala no ânimo do povo: a de Camões. E contudo, o grande épico, que foi simultâneamente um grande estoira-vêrgas — amoroso, sentimental, destemido, assomadiço e descuidado do futuro — merecia bem, mesmo posta de parte a circunstância de ter sido o cantor das nossas glórias, que o povo o adorasse e celebrasse, vendo nêle o paradigma fiel da raça portuguesa.

Mas não sucede assim. Dá-se mesmo a incongruência de serem as três grandes figuras que servem de pretexto para outras tantas noites de regosijo público precisamente àquelas cuja vida menos se coaduna com a alegria e com a licenciosidade. Santo António, o franciscano austero, S. João, o homem rude e intratável que no deserto se alimentava de gafanhotos e cuja voz se erguia constantemente para anatematizar a devassidão, e S. Pedro, o pescador hirto e severo que em Roma chefiou os primeiros cristãos, devem ser os primeiros a admirar-se, lá em cima, da adoração que o povo português lhes tributa. E se as suas almas pudessem ainda ser possuidas pelo demónio da ira, não seria de estranhar que nelas vibrasse um fundo movimento de indignação ao conhecerem as lendas que o povo lhes adstringiu na ânsia de justificar a sua predilecção por êles.

Eu sei: os sábios explicam esta curiosa contradição pelo prolongamento das festas pagãs do solstício adentro dos costumes cristãos. Foram os emigrantes da Hellada, fixados na península hispânica, que, uma vez convertidos à fé de Cristo, continuaram aqui o culto de Apolo sob invocação diversa. Porventura virá em refôrço desta teoria o achado de um sábio ilustre que descobriu o parentesco não só entre uma canção grega e o nosso « S. João », mas ainda entre o « S. João » e o « Fado corrido ». Todavia, a-pesar-de tão ponderosas provas, afigura-se-me muito falha de consistência a explicação dos sábios.

Isto não impede, porém, que eu registe a incoerência do povo arvorando em padroeiros do seu regosijo quási libertino três respeitáveis próceres da Igreja; e que lamente, com muito pesar, que Luís de Camões persista esquecido do povo só porque, em vez dos *Lusíadas,* não escreveu as poesias fesceninas de Bocage, — um poeta muito mais inferior, mas que é infinitamente mais popular.

*

Outras festas se realizaram, se bem que de género diferente.

Consistiu a primeira no Congresso Eucarístico de Guimarães, e não podia ter atingido maior brilho, não só nas sessões, onde se debateram teses do mais alto valor, como ainda nas manifestações externas, em que tomaram parte muitos milhares de pessoas. Durante uma semana, a formosa cidade minhota teve a honra de abrigar dentro dos seus muros as mais altas figuras da Igreja Portuguesa, presididas pelo Núncio de Sua Santidade, e mentalidades insignes que se não dedignaram de prestar o seu concurso àquela magna reunião de teólogos. Vai longe o tempo em que a Sciência era incompatível com a Religião e quási vergonhoso, para um homem de gabinete ou de laboratório, confessar as suas crenças . . . É tão profundo o renascimento religioso, que penetra os próprios cérebros acostumados a pensar, e para os quais, há duas dúzias de anos, o pensamento não era mais que uma secreção encefálica. Dantes, a Sciência sabia tudo, tudo podia, e, forte nos seus conhecimentos e no seu poder, tinha um sorriso de desprezo para o Milagre e para a Revelação. Hoje, abatido o seu orgulho, confessa sinceramente que sabe muito pouco e que a matéria seria uma coisa inerte se a não animasse o sôpro divino . . .

E eram de ver êsses sábios — os mais brilhantes que o nosso país possui — ajoelhados entre a multidão à passagem da Sagrada Eucaristia, confundidos entre os populares rudes que, porque crêem, sabem tanto como êles. Sabem que a vida é eterna, que a alma é imortal e que Deus é um pai incapaz de abandonar os seus filhos. Sabem isto, e dispensam o resto. ¿E, em boa verdade, será preciso, para se ser feliz, saber mais alguma coisa?

*

Outra festa, que durou cinco dias, foi o Congresso dos Médicos Portugueses, efectuado no Pôrto.

Brilhante também? Certamente. Os médicos portugueses provaram, nas sessões realizadas, estarem ao par dos mais recentes descobrimentos scientíficos e não ficarem, no exercício da sua arte, àquem dos seus colegas do estrangeiro. Houve sessões que soberanamente se salientaram pela distinção e proficiência com que foram debatidos certos assuntos; operações cirúrgicas feitas com maestria inexcedível; e discursos que primaram pela sinceridade e pelo ardoroso desejo de que o Estado olhe como deve pela saúde pública.

Entre êstes avultou o de um clínico transmontano, o dr. Ramiro Guerra, que, sendo subdelegado de saúde, sabe ler e apreciar as estatísticas demográficas. Provou êle, com números, que no Pôrto e em Lisboa 66 % das pessoas que morrem não tiveram assistência médica. Em todo o país, a pavorosa percentagem sobe a 90 %. Quer dizer: em cada cem pessoas que falecem em Portugal, só dez tiveram o consôlo de ver um médico à sua cabeceira! É mais do que confrangedor, porque chega a ser horroroso.

¡E tanto dinheiro gastam o Estado e as câmaras municipais com os serviços de saúde! ¡E é tão

perfeita, tão avançada mesmo, a lei que regula êsses serviços! Afinal, os artigos da lei ficam no papel, o dinheiro escoa-se pelo sorvedoiro da péssima organização burocrática que é da praxe em Portugal, — ¡e metade pelo menos dos cidadãos que morrem poderiam ter sido salvos por uma assistência clínica cuidada!

O Congresso terminou entre o estridor das festas e dos banquetes oferecidos aos seus membros. Mas, apagado o seu último eco, continuam vibrando ainda na alma dos congressistas, como um dobre sinistro a finados, as palavras honestas e dignas de um facultativo provinciano que não pôde calar a sua indignação...

*

Faltou um número no Congresso de Medicina. Era adentro dêste que devia efectuar-se a consagração feita pelos médicos do Pôrto ao seu ilustre colega Dr. Julio Estevão Franchini, decano dos cirurgiões portuenses. Mas a modéstia dêste velho e sapientíssimo clínico opôs-se terminantemente a que tal se fizesse. Foi, portanto, à margem do Congresso — uns dias antes da sua abertura — que a cerimonia se realizou.

Lá ficou, numa das paredes do Hospital da Misericórdia, modelada em bronze pelo distinto escultor João Silva, a efígie do insigne cirurgião que em duas sessões solenes pôde avaliar, pela bôca dos oradores e pelos aplausos dos ouvintes, quanto é querido e respeitado. E não houve, nem lá dentro nem cá fora, uma unica voz discordante em face de um acto de tão absoluta justiça. Uma vida inteira de trabalho, de honradez e de altruismo merecia aquilo, menos como recompensa do próprio consagrado do que como exemplo e incentivo aos que lhe sucederem.

CAMPOS MONTEIRO.

OS MELHORES QUADROS DO MUSEU MUNICIPAL DO PÔRTO

ALBUNS ORGANIZADOS POR JÚLIO BRANDÃO E EDITADOS POR MARQUES ABREU

Á MANEIRA de Armand Dayot, em *Le Musée du Louvre,* de Gustave Geffroy e de tantos outros artistas-eruditos, — acaba o eminente escritor Snr. Júlio Brandão de publicar o primeiro daqueles Albuns, onde, como director competentíssimo que é do Museu Municipal do Pôrto, sai a informar-nos das suas mais marcantes *jóias da Pintura,* como, ainda, a trazê-las a público em boas reproduções, dizendo-nos, em sínteses claras, da raridade, da escola, dos motivos e realização dos quadros.

Nêste Album se reproduzem telas da Escola portuguesa (chamamos assim ao conjunto de trabalhos quer feitos por portugueses, quer realizados ainda por estrangeiros sob influências de Portugal) e obras flamengas (1).

A nenhum outro melhor critério podia ater-se o ilustre Escritor, sabida como é a influência da Escola flamenga no nosso património de Arte.

Desta forma, podemos, folheando o nítido Album, confrontar as composições da Escola originária com as dos *nossos* artistas, ver da diferenciação, hoje, a nosso ver, bem provada, da obra a um tempo *pessoal* e *nacional* dos nossos pintores; admirar, emfim, o saber e o vigor de artistas como Cristovão de Figueiredo, Frei Carlos e Vasco Fernandes (Grão Vasco), ao lado de quadros como a *Virgem do Leite* (um dos mais notáveis do Museu, marcadamente flamengo, a um tempo místico e realista); *Isabel da Paz,* que o ilustre director do Museu aponta, com bem fundamentado motivo, da escola de François Clouet (um francês com genealogia de Arte nos flamengos); *Jogadores numa Taberna*, por Brouwer; e do admiravel quadro — *A Caminho do Mercado;* por Jordaens, que, a despeito das críticas violentas contra a sua obra e memória, continuamos a considerar um dos grandes valores do seu século.

Demoremo-nos, um pouco, diante dêste quadro.

Jordaens foi um dos discípulos de Rubens que mais e melhor mereceu a sua estima pessoal e artística.

Donde a sua natural atracção pela obra de Rubens, que manifestamente o influiu como pintor.

Mas concluir daí, com uma parte dos seus críticos, que nada adiantou ao Mestre, mas antes foi, como pintor, a *sua caricatura,* é desconhecer *Rubens,* e desconhecê-lo a êle — Jordaens!

Temos presentes os quadros mais célebres de Rubens, que são em Anvers, e, bem assim, obra sua noutros museus, designadamente a do Louvre, Prado, Génova e Florença. Como quási toda a obra geralmente conhecida de Jordaens.

(1) É geralmente conhecido o critério dos melhores críticos de Arte, desdobrando a velha actividade portuguesa da Pintura em três escolas: a do Norte, a do Centro e a do Sul do país. Contra outros, que, de todo, lhe negam as características de qualquer escola.

VASCO FERNANDES (GRÃO VASCO) — ANUNCIAÇÃO — Século XVI
(Museu Municipal do Pôrto)

CRISTOVAO DE FIGUEIREDO — A TRINDADE
Primeira metade do século XVI
(Museu Municipal do Pôrto)

Rubens é, além de tudo, um grande decorador, um agitado, dando o nu, a carne, em vaga; por vezes em labareda. Sempre um voluptuoso. Um verdadeiro poeta da Carne (que sempre dava em exaltação) e que Junqueiro, perante a sua obra, costumava apontar, pitorescamente, *como um estranho marchante de carne olimpica!*

No fundo, é um esplendoroso. A sua composição é sempre ansiada, da mesma sorte que pela côr êle a transporta. Não conhecemos desenhista a quem a côr fizesse mais falta.

Jordaens é pela intenção, como pela realização bem diferente. ¡Como é longe dos céus fabulosos de Rubens! É que, de preferência, os seus olhos pousam na terra, penetram a terra.

É um pintor realista. E tão conscientemente realista que o fundo da sua arte é a caricatura, ou seja o meio *mais próprio* a precisar, a definir, a *caracterizar* o homem em si, como na sua vida de relação.

Seus temas predilectos são as scenas rústicas; os *quadros populares* que lhe revelam a alma, o sentido... populares. Donde o quadro do Museu Municipal do Pôrto, que reputamos dum alto valor, e onde se demonstra, à saciadade, a graça poderosa, o vigor notável do desenho, a tão marcada naturalidade, a par da maior originalidade, do Pintor.

No *Louvre* são os *Evangelistas,* quadro preciosíssimo de sua autoria, composto, não, à maneira de Rubens, pelos modelos aristocráticos, mas tirado da gente rude — daqueles modelos que, por mais próximos da terra, se tornaram eternos, foram o seu primeiro motivo, e sê-lo hão, para todos os grandes artistas, em todos os tempos.

Donde o formidável e *pessoalíssimo* quadro. Pois o do *Museu Municipal do Pôrto* é bem do mesmo autor, possuindo, *a mais,* o *caricatural,* o pitoresco, tão da sua alma, tão da sua paleta.

*

Derivando do Album *Os melhores quadros do Museu Municipal,* para a obra do seu eminente organizador, motivos encontramos, e de sobejo, para os mais devidos aplausos.

De facto, se na galeria dos melhores novelistas, ensaistas e Poetas contemporâneos, o nome de Júlio Brandão vingou há muito, marcando um dos mais altos temperamentos portugueses de escritor, — certo é que não tem descansado à sombra tão docemente amena que é sempre a dos velhos triunfos — o admirável autor da *Maria do Céu* (novela), do *Jardim da Morte* e *Nuvem de Oiro* (versos), dos seus primeiros, e logo consagrados, livros de Crítica literária.

Pelo que à sua fecunda actividade devemos, ainda ultimamente, a segunda edição retocada do livro *Garrett e as Cartas de Amor,* e a colectânea de *Sombras* que, sucessivamente, nos tem dado das suas preciosas memórias de Escritor, e que, na projecção da sua simpatia, como do seu generoso talento evocador, constituem um verdadeiro *Auto dos Esquecidos,* quando não dos *Caluniados,* cujos processos o seu talento revê magnànimamente, e onde a sua alma rememora alguns dos tão obscuros, como, às vezes, notáveis homens de Letras ou de Arte de Portugal, — o país, quanto a nós, *mais fácil* em louvores para com os vivos e, bem por certo, o *menos justo* para com os Mortos!

Obra, pois, de sciência e consciência — o seu labor quotidiano, é também um trabalho de verdadeiro sentido místico, duma razão e dum intimismo quási espírita, pois não só entende com os mortos, mas nos diz da *justiça dos Mortos,* daquele valor e daquela graça que, partindo dos que um dia criaram Beleza, vivem eternos, através de nós, na Justiça que é de antes e será depois de nós...

Temos seguido os estudos, em parte publicados, e que, de momento, tanto o preocupam, acêrca do Pintor *Roquemont,* um estrangeiro que os fados prenderam a Portugal, onde largamente trabalhou e, por fim, morreu.

Quando comparo as canseiras do insigne ensaista com os *fáceis* improvisos de tanto literato de fortuna, acêrca dos assuntos *mais difíceis* e variados, — vejo a diferença que vai da responsabilidade conscienciosa dum verdadeiro profissional das letras à *ligeireza* dos escritores do acaso, sempre bem longe do largo e profundo trabalho obscuro que faz os reais escritores, e, definitivamente, assinala os Artistas.

*

Tal, em poucas linhas, a biografia literária do Director do Museu Municipal, e que, no uso das suas prerogativas e responsabilidades, acaba de publicar o primeiro dos *Albuns* que acêrca dos *Melhores quadros do Museu* nos promete.

Pelo aparecimento dêste, desde já nos é dado, não só felicitar o Museu, que o mesmo é dizer o Município, mas, sobretudo, o organizador, a quem ficamos devendo uma nova, ótima e oportunìssima obra de real sentido nacional.

Nenhum momento como o presente para a discussão política sôbre a finalidade dos autores, critério exclusivista e que a *crítica de entre-muros* arvorou, ao cabo de discutíveis canseiras, em estalão de valores.

Estalão falibilíssimo, a nosso vêr.

Nacionalista por índole e educação, preso às mais fundas tradições do génio português — em absoluto me repugna, e sempre me repugnou, admitir aquele critério.

Quanto a nós, tôda a obra em que o valor de Portugal se afirma, em que o esfôrço ou o talento pátrio sejam patentes, merece o melhor carinho, mais ainda — exige êste carinho,

pois vem aumentar o nosso património, encarecendo-o ainda perante o permanente certame dos valores gerais, da razão especial das outras nacionalidades.

E, por isso, bradaremos sempre, como o Príncipe de Orleães — *tudo que fôr nacional é nosso!*

¿Que importa que na obra dêste ou daquele autor, de manifesto talento, haja um ou outro ponto de vista e de direcção com que não concordemos? ¡Se o mesmo talento lhe tutela os propósitos, pelo que, acima dêstes, vale a obra em sua expansão criadora, instintivamente bela, triunfadora!

Deixemos, porém, uma tal tese, que, embora oportuna perante a constante discussão literária dos nossos melhores valores, como um alto problema de sensibilidade que é — não pode respeitar, especialmente, ao escritor em análise, — tão evidentes são os serviços por êste prestados às nossas Letras, e em geral à Arte.

Assentemos, pois, definitivamente, na consagração devida, em geral, a tôda a sua obra, e, em especial, à sua obra de investigação, do mais perseverante e culto esfôrço. Quanto ao Album — *Os melhores quadros do Museu*, que êle seja, mais do que uma nova prova da consciência do Artista, no zêlo dum lugar para o qual lhe sobejam o saber e os cuidados — um belo exemplo, o melhor, a directores e conservadores dos nossos museus; e, além de tudo, o aviso, infelizmente bem necessário, ao nosso público, de que, adentro do Casarão de velho desenho e gôsto monacais, que é o *Museu Municipal do Pôrto*, — são alguns dos maiores e mais preciosos valores da Cidade do Pôrto...

Ancêde — 1927.

VILA-MOURA.

GASPAR VAZ (?) — A APRESENTAÇÃO DO MENINO JESUS NO TEMPLO
Primeira metade do século XVI
(Museu Municipal do Pôrto)

A IGREJA DE ÁGUAS SANTAS

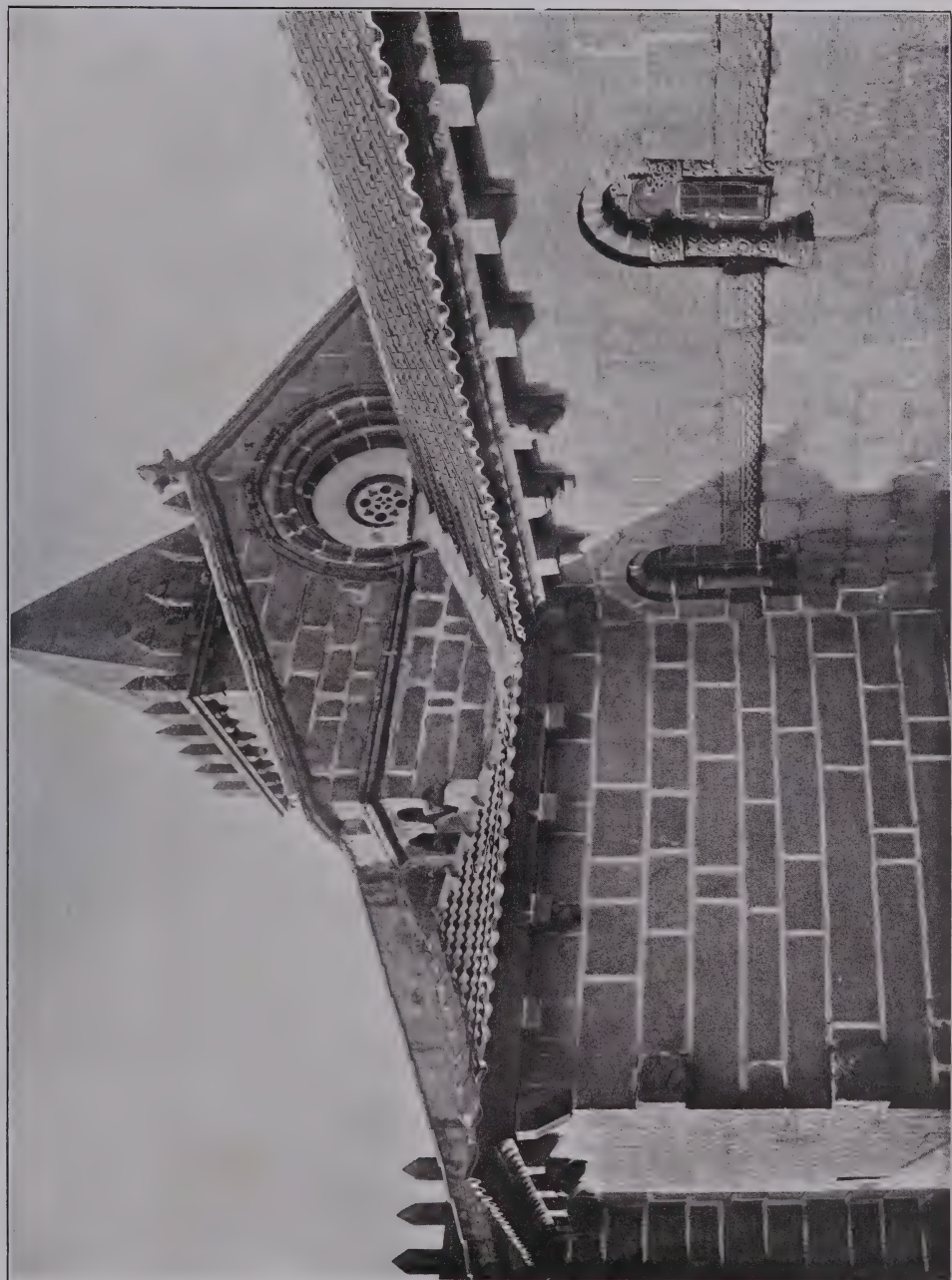
HÁ bem poucos anos uma visita a Águas Santas era para o portuense uma digressão que ocupava algumas horas e incluia farnel no programa. Quem não se propuzesse fretar um trem, tinha de aproveitar a linha americana até à Cruz das Regateiras, e, atalhando por Pedrouços, calcurriar uns agradáveis quilómetros por caminhos e bouças, livre da poeira da estrada, para chegar ao Monte da Caverneira, em cuja encosta norte se lhes deparava a velha matriz. Tal nos sucedeu as primeiras vezes que a vimos. Hoje o carro electrico tornou essa fréguesia tão abordável, que quási a consideramos como ao Pôrto pertencendo. O mesmo se dá com Leça do Balio, ainda uma e outra ligadas por uma tira de estrada que não deita a uma légua e permite ao visitante que disponha de transporte o aprazimento cómodo de uma dupla peregrinação.

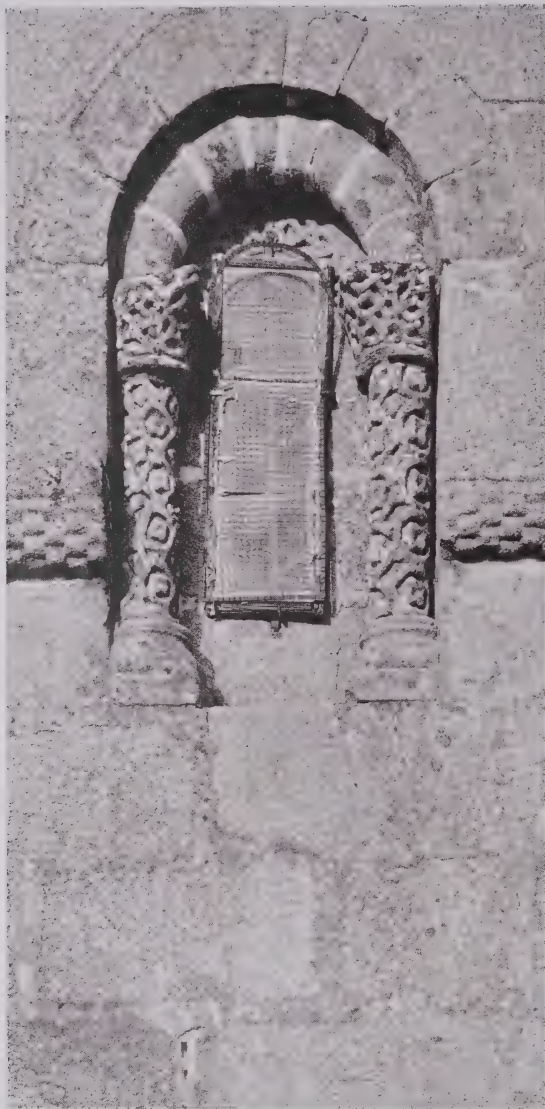
Embora em concelhos diferentes, Santa Maria de Águas Santas (Maia) e Santa Maria de Leça (Matosinhos) são como duas irmãs, oriundas do mesmo espírito ascético da Meia-Idade, vestidas pelos moldes da época, mas dispares em ostentação. Águas Santas não apresenta enfeites opulentos, nem arroja para o espaço formas deslumbrantes; é discreta e comedida, bem de acôrdo com as condições modestas de tôda a sua existência. O destino não lhe concedeu mais. Ao contrário, Leça, desenvolvendo um papel social notável, transmutou-se em dada altura, com a arrogância de quem na fôrça escudava o seu poder. Isto engrandeceu o mosteiro e criou-lhe celebridade. Sua irmã mais velha, depois sua tutelada, ficou tal qual era em proporções.

Pouco importando agora penetrar na história do mosteiro, através das variadas informações que lhe respeitam, referiremos tão sómente algumas das suas mais salientes notícias.

«A fundação desta Igreja he muito antiga,

Cliché fotográfico de Marques Abreu

IGREJA DE ÁGUAS SANTAS (MAIA)
CONSPECTO GERAL, TOMADO DO NORTE

Cliché fotográfico de Marques Abreu

IGREJA DE ÁGUAS SANTAS (MAIA) — Lado sul da capela-mór, empêna oriental da nave maior e nova colateral

IGREJA DE ÁGUAS SANTAS (MAIA) — Janela mudéjar da capela-mór, voltada ao sul

escreve o P.e Luiz Cardoso no seu *Diccionario Geografico,* e se diz fora da Ordem dos Templarios, ou Cavalleiros do Santo Sepulchro, e por extinção da dita Ordem passara a Priorado secular de Prior, e Beneficiados do Padroado Real, como consta do Censual da Mitra do Porto, e o ultimo Prior da dita Igreja foy o Senhor Cardeal Rey; e por permutação, que o mesmo Senhor fizera com a Religião de S. João Bautista de Malta lhe passara o Priorado da dita Igreja, de que foy o primeiro Commendador da dita Ordem Fr. Jeronymo da Cunha.»

Por sua vez Santa Rosa de Viterbo, no *Elucidario* (s. v. «Sepulcro») explana: «Prescindindo de quem fosse o fundador, ou o restaurador do mosteiro de Aguas-santas: he certo que elle existia com moradores no de 1120.» Mais tarde, talvez já no reinado de D. Sancho I, os cónegos de Santo Sepulcro nêle se estabeleceram, pois existiam de facto em 1186, aí se intitulando do Templo. Era o seu prior «sempre da apresentação real, e a collação do Bispo do Porto, até que no de 1309 se verificou a dimissão, que El-Rei D. Affonso III havia feito d'este padroado no Prior Mór, do que a Ordem do Sepulcro havia em Hespanha». «Já então havia junto d'este mosteiro parochial, um recolhimento ou mosteiro de Conegos do mesmo instituto.» «Ora, pelo Mosteiro, se entende a Collegiada de Agoas-santas, onde os Conegos viviam em commum.» «O tempo, que tudo acaba, e a pouca affeição a prelados estrangeiros, extinguiram este Mosteiro, e o seu Collegio; e unido tudo, pelos fins do seculo XV, ou mais bem no de 1551, á Ordem de Malta, se levantou sobre as ruinas de Aguas-santas uma boa commenda com quatro beneficios simplices, que o Commendador apresenta.»

Nas *Enqueriçoões que forom tiradas em tempo delrey Dom Affonsso Conde de Bollonha* insertas no *Corpus Codicvm,* há referências do *Monasterii Aquaram Sanctarum,* a propósito dos povoados de Parada, Pedrouços, Ardagaães e Revordãos.

É coevo dos primórdios da nacionalidade e portanto do duodécimo século, êste templo maioto cujas feições românicas hoje nos prendem. Confirma-o a data de 1168 que nos seus muros se exara.

Penaliza porém, que os olhos sedentos de linhas virginais esbarrem com superfectações ignaras que empanam a sua primitiva beleza. Um lastimoso êrro de ampliação, já em nossos dias, foi para o monumento um grande infortúnio, depois de sete séculos levados de vencida. Infortúnio tanto maior, quanto nos privou ainda de termos uma sua monografia como lograra alcançar a matriz de Leça do Balio. Não deixa de ser curioso o caso.

Conforme refere no seu livro *Singularidades da minha terra* (1917), o eminente crítico de arte sr. António Arroio visitou Águas Santas aí por 1897, obedecendo o passeio «ao projecto de escrever para esse Monumento, um estudo historico e arquitectonico semelhante ao que Antonio Carmo Velho de Barbosa fizera relativamente á referida matriz». Foram as sevícias boçais mani-

festadas no templo que inutilizaram êsse propósito; não por o edifício ter perdido de todo o interêsse, mas porque ao ilustre arqueólogo se afigurava indispensável verberar como merecia o procedimento da pessoa que nelas interviera. Sendo-lhe objectado por um eclesiástico, seu companheiro na visita, que isso magoaria de-veras o visado pastor de almas, «muito velho e muito susceptível» talvez levando-o à morte, para poupar o abade pôs de parte o livro. De um simples adiamento resultou uma formal renúncia: apenas algumas notas deram um capítulo excelente da obra mencionada.

Ficara assim Águas Santas sem a sua monografia, pois menos feliz que Leça do Balio, se não teve pároco que a tentasse, topou todavia um que a pudesse impedir. . .

O templo assenta na encosta do monte da Caverneira ou Carbaneira, segundo o P.e L. Cardoso, que alastra o seu empolado dorso de granito através do povoado; pela ilharga e frente corre-lhe a estrada, que corrigindo o antigo e tortuoso terreno, fêz desaparecer um elevado escadório que conduzia ao limiar.

O sítio, donde se disfruta um amplo panorama, oferecia antes do lançamento do novo caminho uma pitoresca rudeza, semeado de penedos erráticos, um dos quais, esférico, de uns seis metros de alto, que foi necessário calçar para não cair na pendente, está ainda na memória dos velhos.

IGREJA DE ÁGUAS SANTAS (MAIA) — Porta travessa setentrional

Pelo seu isolamento no adro a igreja patenteia desafogadamente as suas galas exteriores.

Convirá, antes de as analisarmos, acentuar uma particularidade: o programa arquitectónico da antiga fábrica compreendia só duas naves, das quais, a colateral ficava ao norte. O infortúnio a que aludimos foi a adjunção de uma nova ala em 1874. Nas *Impressões da fréguezia de Águas Santas* (1871), escreveu o Dr. Joaquim Moutinho dos Santos: «O lado do sul do templo era aonde conhecemos os restos do convento primitivo, que servia de aposento ao ultimo commendador, e de seleiro onde guardava suas rendas.» «Era aquelle edificio do gosto primitivo...» Depois de vendido em 1834, desapareceu de todo dêsse lado, apenas ficando a poente um trecho de parede de sólida silharia, encravado no andar térreo do vizinho prédio da Quinta da Comenda, onde também um pequeno alpendre exibe no fôrro a pintura dum brazão, de-certo do derradeiro comendador D. João Maria Abreu de Lima.

Mostrava assim o templo, como obras medievais, a grande nave com abside de projecção retangular, e a do lado do evangelho e respectivo absidíolo em semi-círculo. Facto invulgar, mas não inédito, que o desenhador da planta da igreja que acompanha o estudo do sr. António Arroio deixou de distinguir envolvendo na mesma tonalidade as três naves agora existentes; no desenho só a sacristia parece ser moderna. Isto resultou de um equívoco do autor evidenciado nestas palavras: «Ao que parece, a nave do sul fôra destruida por ocasião das lutas liberais; e por isso o Dr. Moutinho dos Santos diz que o templo tinha apenas duas naves em 1871.» Ao indicar os altares existentes na igreja o P.e Luís Cardoso (1747) também só alude à nave norte.

Deambulemos pelo adro.

Na frontaria atrai-nos sobretudo o portal. Sobressai magnificamente, a-pesar-de uns pavorosos

degraus que lhe alteraram a escala tapando as bases da maioria das colunas, as quais sustentam quatro arquivoltas de cintro quebrado, canuladas, com toros nas arestas, dum notável vigor decorativo. Adornam os capitéis fôlhas de acanto e de lódão. É possível conjecturar ter-lhe sido arrancado o tímpano quando da aposição dos degraus, se nos recordarmos da porta de S. Tiago de Antas (Famalicão) vasado no mesmo molde geral.

A janela sobrepujante tomou o logar de um óculo discreto ou talvez de uma outra menor, com arco de meio ponto, como o atesta um encurvamento do friso do frontão, em cuja cúspide assenta uma cruz da ordem de Cristo, que em Portugal sucedeu aos Templários (1319).

Á face da frontaria, e quási a excedendo em elevação no seu primeiro lanço, a tôrre, que invade a colateral, alça as suas paredes robustas com um remate dentado sôbre uma cornija modilhonada; tem sineiras, possìvelmente abertas quando da restauração a que o terramoto de 1755 obrigou, rompendo-lhe do eirado uma deplorável cúpula de tejolo com que pretenderam alindá-la.

Na parede boreal rasga-se a porta travessa, quási roçando a cachorrada; sem a profundidade do grande portal, apenas inclui duas colunas por lado, de capitéis ornados com folhagens e vergônteas, onde assentam, mediante a imposta, arcos ogivantes de aresta viva com toros nos diedros; esta porta, que, com excepção da cruz de oito pontas, está intacta, lembra a similar da igreja de Cedofeita (Pôrto). Superiormente, o muro, além de dois pares de cachorros para uma alpendrada, tem a cornija assente em modilhões figurados, dos quais, numa cabeça de homem com as mãos na barba, quer ver o povo do logar um mouro, consoante a tradição que atribui aos muçulmanos a origem da igreja.

O absidíolo terminal desta ala, com cobertura abobadada, e único na fábrica, acha-se oculto à vista exterior por uma construção apensa, a sacristia, da qual forma uma das paredes; da sua ornamentação subsistem três cachorros, um com uma curiosa figura de corpo inteiro, e uma coluneta cujo capitel, de tipo coríntio, se aproxima dos capitéis que vemos em Balsemão (Lamego) e S. Frutuoso (Braga).

A capela-mór é, sob o ponto de vista ornamental, a parte que mais nos prende. Notabilizam-na os seus rasgões de duplo remate, de que nos fala o Padre L. Cardoso nestes termos: «Dão luz a esta Capella mór tres janellas pequenas, duas para o Sul, e huma para o Norte, feitas ao antigo de pedra lavrada.» Em cada uma delas, sob um arco redondo cavado na espessura, aconchega-se um vigoroso toro, arquivolta única assente em esbeltas colunazinhas, entre as quais se fende a abertura, mais seteira para defesa do que rasgamento para claridade. Do lado interno replica o motivo, em escala ampliada, pelo intradorso se expandir cònicamente, apenas diferindo os enfeites.

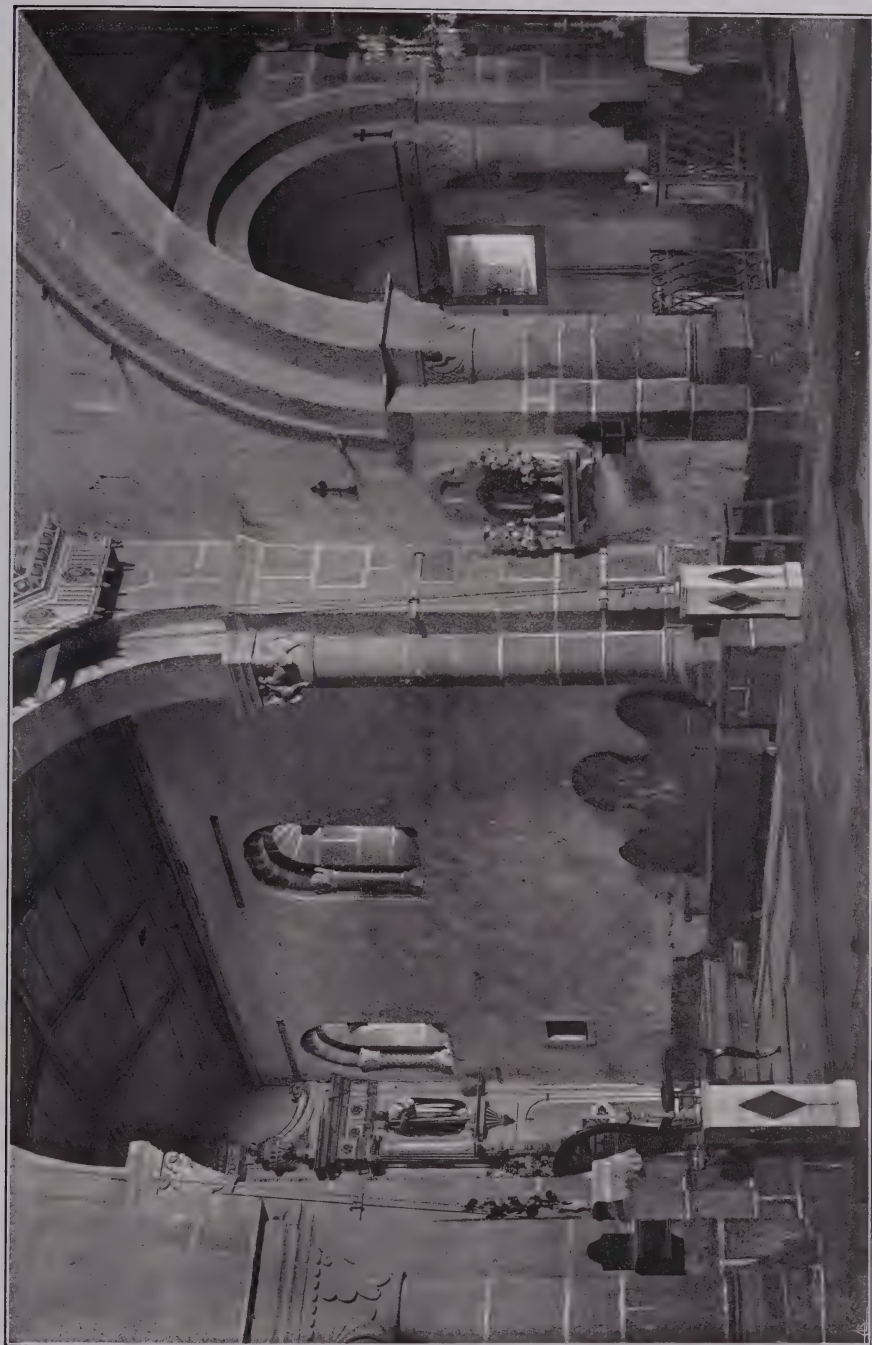
Na igreja leonesa de Santa Maria la Antigua, Arroyo de la Encomienda (Valladolid), as janelas da abside teem uma fisionomia muito aproximada.

Convém notar os lavores, duma acentuada feição *mudéjar*, que patenteiam a influência do mesteiral árabe, consentido pela tolerância cristã (semelhantemente aos anteriores *mosárabes* sob o domínio mouro), na arquitectura da época. Atente-se na renda de hexágonos com rosetas centrais, que envolve os fustes numa delas, e os enlaçados dos capitéis, tanto em uso na ornamentação muçulmana. A facha axadrezada cortando longitudinalmente a parede e interceptada pelas janelas, completa no exterior a harmonia do conjunto. Sob ela, num silhar justa-fenestral encontra-se insculpida uma data que abona a época da factura. Alude à cifra o Dr. Moutinho dos Santos, satisfeito de a ter descoberto e desvendado a significação; todavia leu mal e não interpretou melhor. Por seu turno o antigo abade de Milheirós, Padre João Castro da Cruz, numas notas fornecidas ao sr. António Arroio, também a indica, dizendo: «Alguns traduzem a era da inscripção por 1056, e outros, com melhor rasão, entendem ser 1097.» Êstes seguem a leitura do Doutor. A data é esta: E MCC⁹ VI.

Desejando uma interpretação autorizada, obtida uma fotografia, recorremos há anos ao ilustre arqueólogo e conservador da Tôrre do Tombo, sr. Pedro de Azevedo, que nela viu a era de 1206 (A. D. 1168), lendo na inscrição junta o nome de MIRAN MARTĨIZ, personagem que de-certo interveio nas obras então realizadas. É a capela-mor, de boa silharia siglada, que uma silva ornamental remata na empêna, a parte mais antiga da actual fábrica, logar também por onde era costume iniciar-se a construção.

Para concluirmos o que de arcaico se nos mostra exteriormente atentemos na nave maior. Pouco erguida acima da sua singular colateral, quási toca a cobertura desta com o entablamento recortado do seu muro, de arcos trilobados e inteiros, alternando, já característicos do século XIII; na testeira oriental abre-se um óculo de molduras vigorosas com uma pequena rosácea central, vendo-se no resquício da parede sul uns parcos ornamentos, que bradam, humilhados, contra o dispautério inhábil da moderna ala. Tôda a modilhagem primitiva foi deslocada, acrescida de novos elementos, para o remendo abominável, em parte coroado de fantasmagóricos merlões sôbre o telhado, dum ridículo que indigna.

Mas resignemo-nos, encarando as cruzes que a estultícia poupou, alçadas triunfantemente, uma estilizada, no cume dominante da nave maior, outra de rígidas hastes tranversais, no vértice absidal. É esta a cruz da ordem militar do Santo Sepulcro, que «tinha dois braços em forma de Patriarcal» (Anastácio de Figueiredo, *Nova Hist. de Malta)*, também considerada como pertencendo aos Templários (C. Leite Ribeiro, *Tratado de Armaria)*. Embora Viterbo não admita a existência dos Cavaleiros do Santo Sepulcro, por nenhum documento o provar, afirma, como vimos, que os cónegos da mesma ordem, em Águas Santas, se intitulavam do Templo, o que a cruz, duplicada rememora.

Durante bastantes anos, o visitante que entrasse na igreja pela porta setentrional, esbarrava com uns desgraciosos barrotes elevados até ao

Cliché fotográfico de Marques Abreu

IGREJA DE ÁGUAS SANTAS (MAIA)
INTERIOR DA CAPELA-MÓR E DA MODERNA NAVE SUL

Cliché fotográfico de Marques Abreu

IGREJA DE ÁGUAS SANTAS (MAIA)
PORTA PRINCIPAL

Cliché foto. de Pedro Vitorino

IGREJA DE ÁGUAS SANTAS (MAIA)
Capitel do antigo absidíolo (interior)

arco fronteiro como um apoio indispensável à sua estabilidade. Inadvertido, ocorria-lhe então a senectude da fábrica, que o tempo combalira exigindo um amparo carinhoso. Puro engano; ao arqueólogo, o desmedido arco poria de sobreaviso, de pronto suspeitando obra molesta. Assim, de facto; e a jusfificação dava-lha, inteira, uma lápide existente na parede sul dêste modo concebida:

ELEGI LOCUM ISTUM MIHI IN DOMUM SACRIFICII. Liv. 2.º Paralipomena.

A primordial fundação d'esta egreja de tão gloriosas recordações perde-se em a noite do passado!

Reedificada pelos annos de 1097, só tinha a nave do norte com dois arcos ogivaes.

Sendo seu parocho Antonio de Ascenção e Oliveira, em 1874, os arcos converteram-se em um só, a tosca columna que os sustentava ao meio foi tirada e fez-se esta nave do sul.

Tal a história vandálica do monumento perpetuada pelo seu lídimo autor.

Dando como pretexto a pequenez do âmbito em face do número crescente dos frégueses, o desempoeirado abade, a quem não faltavam recursos para erguer um novo templo noutro logar, executou a daninha obra, com uma inspiração de mil demónios para a arte; embora a tivesse sonhado beatificamente, como nos faz crer pelo versículo bíblico do Paralipomenos, com que rompe a legenda, e é, nem mais nem menos, isto: «E o Senhor lhe apareceu de noite e disse: Eu ouvi a tua oração, e escolhi para mim êste logar para casa de sacrifício.» ¡Sacrificado, em verdade, foi o pobre monumento pela crassa ignorância do seu reformador!

Como um labéu ignominioso ficou o novo arco, um sarapanel de grande vão, mal lançado, que por largo tempo infundiu receio com a sua linha ziguezagueante; afinal, vistoriado, mesmo torto parece firme.

É curiosa esta observação ingénua do P.e João Cruz: «N'esta obra porem respeitou-se tanto a architectura antiga do templo, que ninguem, ao vêl-a, dirá ser obra dos nossos dias.» Consolem-se os menos exigentes.

Por explicação directa de quem conheceu a igreja antes de adulterada, a *tôsca coluna* era um grosso pilar no qual se embebiam dois colunelos que sustentavam as recaídas próximas do par de arcos ogivantes. Esta arcada estabelecia uma passagem dupla, com três metros de rasgadura por arco, para o corpo da igreja, onde, opostamente, se levantava a parede sul divisória da dependência monástica, com uma porta de comunicação. Pela sua invulgaridade é de lamentar ter desaparecido. A razão máxima da infeliz obra, dá-a o mesmo P.e Cruz dizendo ter sido feita «para dar ao templo a forma symetrica que não tinha, e para maior capacidade nos actos do culto».

A-pesar dos vilipêndios, o interior mantém, por fortuna, sugestivos e atraentes ornatos.

Sob a abertura circular da empêna, o arco triunfal, talvez mais alteado do que dantes, descansa em fortes colunelos de capitéis esculpidos, um com motivos flóricos estilizados, outro com animais, quatro molossos numa disposição decorativa de-veras curiosa e extravagante. No absidíolo primitivo são dignos de nota os capitéis de ábacos ornados, um de influência clássica e o outro denotando inspiração oriental.

Não escapa ao observador a qualidade da pedra destinada a receber lavores, bem diferente da restante empregada na construção.

Com o acréscimo realizado foram feitos capitéis imitativos, fáceis de distinguir, vendo-se nos velhos, figuras imaginativas, tal a sereia, símbolo da sedução e outras reais, como o consagrado peixe, atributo de Cristo.

O templo manifesta algumas dissonâncias arquitectónicas que revelam diferentes épocas cons-

Cliché foto. de Pedro Vitorino

IGREJA DE ÁGUAS SANTAS (MAIA)
Capitel do antigo absidíolo (interior)

Cliché foto. de Pedro Vitorino

IGREJA DE ÁGUAS SANTAS (MAIA) — Janela boreal da capela-mór e trecho do primitivo absidíolo, hoje oculto do exterior pela sacristia

trutivas; salientam-se a porta que dá acesso à tôrre, de feição ogival, e uns modilhões cravados na parede sôbre o postigo de entrada no côro, só compreensíveis se admitirmos a possibilidade de uma antiga galilé, como na igreja de Vilarinho (Vizela), que deixaria essa parte, hoje no interior, inteiramente ao ar livre.

Os muros são de bons silhares e sustentam tectos de madeira, em três planos.

Na igreja descansa um sarcófago de granito com uma cruz grega, onde em caracteres do século XIV se lê o nome IANE(S) DE PARADA.

Uma beneficiação recente do monumento pôs à vista na antiga pequena nave, pinturas parietais que uma camada de cal ocultava desde muito: são interlaçados e folhagens, a vermelho, verde, bôrra de vinho, azul e amarelo. Sôbre o arco da porta travessa, a pintura simula as aduelas, com motivos isolados. No arco do absidíolo há também vestígios da mesma decoração. Como se sabe, as pinturas eram muito usadas no período românico quebrando a monotonia dos grandes panos de muro.

A propósito destas últimas obras, para não faltar ao seu mau sestro, não foi Águas Santas mais feliz do que até então: ao acréscimo nefasto que sofreu, à cobertura de telha francesa de há anos, veio juntar-se agora uma pretenciosa limpeza a vassoura de arame, com juntas tomadas a cimento e alguns remendos estultos, tudo bem comprovativo da inconsciência com que tais melhorias se executam.

PEDRO VITORINO.

VARANDA DE PILATOS

De vez em quando vem à baila das gazetas diárias o problema estético de Lisboa, cidade admirável de côr e de luz, mas tão abandonada, que está sendo já, para olhos estranhos que a visitam, uma capital de quinta ordem, banal e mesquinha.

E no entanto que linda não poderia ser essa cidade imperial, se as vereações lisboetas abandonassem projectos de quimérica grandeza e procurassem apenas alindá-la, adentro das nossas reduzidas possibilidades financeiras. Em vez de pensarem em transformar Lisboa numa cidade monumental, que ela nunca foi — fora as igrejas e os palácios isolados, arrasados pelo terramoto — porque não procurar antes fazer da cidade uma maravilhosa tela de côr, de casario alegre, entre jardins perfumados e frondosos, à beira do mais lindo e solheiro rio da Europa ocidental?

Para já, e para começar «pelo princípio», bastava apenas que a comissão de estética da Câmara (julgo que é esta a designação oficial) estabelecesse um plano geral de conjunto, bem elaborado e, sobretudo, realizável, em que as obras do Parque e o Atêrro, com uma limpeza geral do casario, seriam colocadas em primeiro logar, a par de certas bases estéticas a que teriam de obedecer as futuras construções, por forma a evitar os mamarrachos de tôda a ordem de que estão pejadas as Avenidas novas, e os mostrengos «internacionais» em que foram transformados os velhos casarões pombalinos, sem arquitectura própria, mas formando,

no todo, um grupo harmónico, um bloco de boas proporções. E é justamente na baixa pombalina que a experiência deveria ser tentada, mandando pintar por *igual* ruas inteiras. ¿E que linda e alegre não seria a Lisboa das janelas verdes, das janelas azuis, das janelas vermelhas (roxo-rei), sôbre paredes frescas de cal branca ou de oca torrada?

E se um ou outro proprietário de bom gôsto e cabedais quizesse enriquecer os seus prédios, — à semelhança de certa casa da rua de S. Nicolau onde estão instalados os escritórios da Schell — a velha «Civitas Eborense» de Sertorio seria ainda maravilhoso album, onde os nossos arquitectos de bom gôsto não teriam mais que escolher e copiar.

E porque é sempre melhor e mais seguro «um pássaro na mão que dois a voar», e além da falta de dinheiro nos faltam também os estatuários, para que continuar pensando em arcos monumentais e monumentos de duvidoso e péssimo «manuelino», e não procurar antes encher Lisboa de lindas fontes e pequeninos monumentos (bem escolhidos, sem compadrios) que poderiam ser ao mesmo tempo uma manifestação de bom gôsto e cultura artística a olhos alheios, e uma lição d'arte e história pátria à população da cidade?

De resto, um belo monumento sem um conjunto arquitectónico que o enquadre, é princípio estético que não pode ser aceite nem perfilhado hoje em dia. Como exemplo caseiro e «lisboeta», em confirmação destas palavras, recordo a Praça do Comércio, em que o monumento é tôda a praça e não apenas a estátua equestre de D. José.

Se algum monumento grandioso pudessemos realizar, monumento da Raça para que todo o país concorresse, mesmo obrigatóriamente em selos oficiais, (a mais recente manifestação póstuma da tirania do despótico Marquês) êsse deveria ser a de um padrão monumental à entrada do Tejo, no rochedo da Tôrre do Bugio, frente ao mar imenso, ao Atlântico «mare nostrum», padrão imorredoiro das nossas glórias passadas e das nossas glórias presentes, testemunho, em face do Mundo, das nossas descobertas «por mares e ares nunca dantes navegados!»

Mas antes disto, e muito comesinhamente, ¿quando se acabará o Cais das Colunas e, por medida de simples higiene estética, desaparecerá o barracão infecto do antigo Sul e Sueste?

*

Lisbôa, cidade de côr, cidade de luz, cidade de sol, com o Castelo de S. Jorge desmantelado e que deveria de há muito estar reconstruido a coroar os seus morros, é, em certas horas da tarde, uma cidade de reflexos, uma cidade de conto de fadas, arcoirisada, como se fôra feita de cristal! É o espelho do Tejo que a enfeitiça, numa miragem fugidia e deslumbrante, que a verdadeira Lisboa porém, e desgraçadamente, é outra, por desleixo e mau gôsto dos homens.

E no entanto que linda não poderia ser, que linda e que risonha, a Lisboa das janelas verdes, das janelas azuis e das janelas vermelhas — a Lisboa das mansardas pombalinas, alegres e solheiras?!

MANUEL DE FIGUEIREDO.

EX-LIBRIS PORTUGUESES

IV (Continuado do n.º 9)

REPRODUÇÕES

10

CARLOS DE MESQUITA PIMENTEL FURTADO DE MENDONÇA

(AÇORES)

Ex-libris geral-individual gravado (zincografia) — armoriado.

Desenho do possuidor.

Impressão: a azul.

Composição: um escudo esquartelado de Pimenteis, Mesquitas e Mendonças-Furtados, com timbre de Pimenteis.

*

Carlos de Mesquita, que nasceu na vila de Santa Cruz da Ilha das Flores, em 14 de Fevereiro de 1870 e faleceu em

Coimbra a 9 de Maio de 1916, era filho de António Fernando de Mesquita Henriques e de D. Maria Amélia de Freitas Henriques, descendentes das mais antigas e nobres famílias insulares.

Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra foi durante alguns anos professor do liceu de Viseu, que deixou para ir reger na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, as cadeiras de filologia germânica e de literatura inglesa, matérias em que foi uma alta competência.

Carlos de Mesquita era uma inteligência invulgar, tendo uma vasta erudição a servi-la.

Nobre pelo sangue e pelo espírito, era de uma extrema modéstia e de uma conversa interessantíssima.

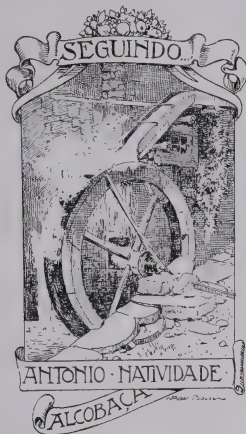
Quando da sua morte, o saüdoso António Sardinha publicou no *Dia* um artigo que é o melhor elogio que se pode fazer a um *homem* e a um *espírito*.

Colaborou em várias revistas, tais como *Instituto, Ave Azul* e outras, e publicou: *Manuel da Silva Gaio; Uma viagem de estudo à Inglaterra* e o *Romantismo inglês.*

Ex-libris inéditos, reproduzido (em menores dimensões) pelo exemplar da nossa colecção.

11

ANTÓNIO VIEIRA NATIVIDADE
(ALCOBAÇA)

Ex-libris — geral — individual — gravado (zincografia) — simbólico.

Desenho de Alberto Sousa.
Impressão: a preto.
Composição: uma azenha, com a divisa: «Seguindo...»
Ex-libris inédito, reproduzido (ampliado) pelo exemplar da nossa colecção.

12

EUGÉNIO DE CASTRO E ALMEIDA
(COIMBRA)

Ex-libris — especial — individual — gravado (zincografia) — armoriado.
Impressão: a vermelho.
Composição: um escudo esquartelado de *Sá* e *Pereira*, com um *todo* de *Castro* (de 6). Elmo com timbre de *Sá* e paquife.

*

O Dr. Eugénio de Castro, tem vários *ex-libris*, já reproduzidos, nos *Ex-libris Ornamentais* de Fernandes Tomás e na *Revista de Ex-libris* do Conde de Castro e Sola e H. Ferreira Lima. Êste que hoje reproduzimos, é o último que o ilustre poeta mandou executar, e que ainda se encontra inédito.

Reproduzimo-lo (reduzido) por exemplar da nossa colecção.

13

JOSÉ INÁCIO PINTO
(PORTO)

Ex-libris especiais — ex-libris individuais — gravados (zincografias) — simbólicos.
Desenho de António Lima.
Impressão: o primeiro a vermelho e preto e o segundo a azul e preto.

Composição: O primeiro *ex-libris* traz uma cruz de Cristo com a divisa de «*Deus seja comtigo*»; o segundo *ex-libris*, sôbre um céu azul, a *silhouette* de um mocho nuns ramos de árvore, por entre os quais brilha um crescente. Tem a divisa de «*Antes morte, que má sorte*».

Transcrevemos de uma carta de José Pinto: «*Que Deus seja comtigo*, é uma simples saüdação. *Antes morte, que má sorte*, é a legenda que adoptei como norma do meu temperamento combativo: nela encontro bem definidos os propósitos que me orientam, tão certo estou de que só pugno pelos mais sãos princípios de justiça e equidade — princípios que triunfam sempre, desde que saibamos *querer*.

«Para mim, a *sorte* reside na persistência, na tenacidade, no *saber-querer*. Todos os que se deixam arrastar na corrente e não reagem e não lutam — morreram!

«Preferiria a morte a perder a vontade, a persistência, a tenacidade que me caracterizam e me teem dado a vitória na vida. A minha legenda é um estímulo, uma recordação permanente de que não posso hesitar e não devo desfalecer ainda mesmo diante das maiores contrariedades e dos maiores perigos.»

*

José Inácio Pinto é empregado superior da Biblioteca Pública Municipal do Pôrto e tem uma vasta obra jornalística. Escreve em jornais de Lisboa e Pôrto, usando do pseudónimo de *José de Miranda*. É actualmente director do *Diário do Porto*.
Ex-libris inéditos, reproduzidos por exemplares da nossa colecção.

S. João da Foz—1926.

ARMANDO DE MATTOS.

O 2.º CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL DE GUIMARÃES

NUM grande, num magnífico exemplo de tolerância e de cordura, realizou-se na vetusta e industrial terra de Guimarães o 2.º Congresso Eucarístico Nacional — categoria que conquistou pela empolgância do seu programa.

Largo relato fêz a imprensa periódica dêste acontecimento religioso decorrido no coração do Minho e que encheu cinco dias do passado mês de Junho.

Apenas, como síntese de impressões, queremos aqui registar algumas fotografias que são a expressão viva e exacta das muitas e grandiosas manifestações de culto religioso, artístico e cívico, que uma bem entendida liberdade pôde exteriorizar na antiga e nobre cidade que foi berço de Portugal, deixando a quantos as presenciaram o insofismável e eloqüente testemunho da prestigiosa fôrça da Igreja Católica no coração e no espírito da grande massa popular.

Dando relêvo aos actos dêste Congresso, a êle assistiram quinze prelados portugueses, presididos pelo Senhor Núncio Apostólico — a quem o chefe supremo da Igreja extraordináriamente conferiu credenciais de Legado Pontifício — vindo juntar-se às vestes vermelhas dos altos representantes da

Cliché foto. de Domingos Alves Machado

CONGRESSO EUCARÍSTICO DE GUIMARÃES — Chegada de Mgr. Nicotra, Núncio Apostólico e Delegado de Sua Santidade, ao palacete Margaride, onde se hospedou

hierarquia católica alguns capêlos e togas das nossas universidades.

Foi com êste singular e brilhante concurso de elementos representativos que se realizaram no vasto templo de S. Francisco, faiscante de lustres e damascos, os solenes pontificais dum grande rigor litúrgico; as magnas assembleias do Congresso na igreja de três naves de S. Domingos, onde se versaram teses de doutrina mais ou menos ortodoxa e se teve o espiritual prazer de ouvir alguns trechos de boa literatura; que, finalmente, se assistiu aos esplendorosos actos de fé, dos quais se destacam, na rescendente beleza do simbolismo cristão, o grande banquete das almas crentes recebendo o pão místico da Eucaristia e as orações nocturnas ofertadas em três templos decorados de lumes vivos e flores e onde o povo simples e humilde entoava hinos ao Senhor.

Sucedem-se neste lausperene de graças quatro grandiosos cortejos: a entrada das flores, a romagem das velas, a procissão do Santíssimo e, como remate, a peregrinação à Penha.

A entrada das flores, — as arregaçadas, os açafates e os carros triunfais das flores—, que numa onda de perfume e de côr inundou a cidade, trazida por camponesas endomingadas, representou na sua tocante singeleza a homenagem dos campos fecundos e ridentes ao burgo em festa — a mais graciosa e gentil oferenda com que já em mitos extintos se propiciavam

Cliché foto. de Domingos Alves Machado

CONGRESSO EUCARÍSTICO DE GUIMARÃES — Chegada de Mgr. Nicotra à Câmara Municipal

os deuses—; e, enquanto no mundo houver almas com alguma frescura e sentimento estético, sempre as flores de variegados matizes e perfumes constituirão a sua mais delicada e formosa oblata.

Vem depois essa fantástica romagem das velas, da qual dizia um jornal católico nem sempre no santuário de Lourdes se haver presenciado coisa assim, tantos eram os milhares de lumes fundidos num vasto e ondulante clarão, desenrolando-se fremente de vida espiritual pelas ruas e largos, no aplauso do casario igualmente ostentando luzes vivas, como que espancando as trevas dessa noite sem estrêlas.

Sucede-se agora, magestosa e imponente, a procissão do Santíssimo Sacramento, mostrando-se no esplendor das alfaias e das opas multicôres, com um figurado revestido numa indumentária sumptuosa e representativo das mais ajustadas passagens do Velho e Novo Testamento ao culto Eucarístico.

Finalmente, preenche o último dia das festas do Congresso a peregrinação à Penha — cortejo interminável, infindo, coleando do fundo da cidade à crista da montanha, erguendo para o céu, no coral imenso dos cânticos piedosos, dezenas de bandeiras devotas, lembrando como que um incenso místico evolando-se em êxtasi até Deus, esparso na amplidão do azul.

Nisto, como um milagre de maravilha jàmais nestas terras e por estas gentes presenciado, singra veloz pelo espaço um avião — concurso da Aviação Militar associando-se à inauguração do monumento aos egrégios aviadores Coutinho e Cabral, erigido num bloco de granito da pitoresca montanha.

Feérico espectáculo, em verdade, foi êsse, olhando o delírio apoteótico duma formidável, duma colossal massa humana agitando milhares de lenços brancos no *evohé* das exclamações e dos aplausos estridentes, enquanto o avião em evoluções circulatórias, ora mais vizinho das nuvens, ora mais perto da terra, lançava sôbre a mole imensa do povo, ungido de assombro e de emoção, líricas estrofes e flores à volta do monumento, cuja águia de pedra, nessa hora impressionante, dir-se ia ascensionar nas asas augustas e portentosas do bloco da montanha onde poisa.

Descerrava-se depois, às palavras vibrantes e patrióticas do Senhor Bispo de Beja, o monumento aos heróis do «Luzitânia», aliando-se assim às orações a Deus a evocação à Pátria, num liame cívico e patriótico, no momento culminante da soleníssima bênção, lançada em gesto largo e fraterno de semeador pelo Legado Pontifício sôbre cem mil criaturas que, ali na montanha sagrada ajoelhadas de corpo e alma, mais identificadas pareciam com um grande ideal de resgate humano.

Mas êste Congresso quís ainda, num admirável concêrto de sentimentos, juntar ao culto religioso e cívico o culto supremo do Belo, abrindo ao público no salão nobre da Sociedade M. Sarmento uma Exposição de Arte Sacra.

Fêz o seu «prefácio azul» numa admirável conferência o snr. dr. Carlos de Passos, assistindo todos os Ex.mos Prelados, Núncio Apostólico, autoridades e muitas pessoas de representação.

O que foi esta Exposição não me compete a mim dizê-lo, pois feia coisa é um homem falar... de si, da sua obra. Saiba-se, todavia, que a Exposição foi muitíssimo visitada e admirada — êxito êste que mais fêz avultar o prestígio da Igreja Católica, patenteando às gentes o seu fulcro civilizador, quando para maior glória e serviço de Deus amparou a arte e os artistas, elevando nas asas da inspiração mais requintada as produções magníficas dos ouriveseiros, paramenteiros, escultores e pintores, como na selecção dos objectos expostos se patenteou durante os cinco dias que durou o Congresso.

Saibam agora os meus conterrâneos meter ombros à tarefa de arrumar condignamente em museu privativo as coisas belas e famosas do nosso já notável escrínio sacro — pois foi com êsse pensamento que a Exposição se fêz.

A. L. DE CARVALHO.

Cliché foto. de Domingos Alves Machado

CONGRESSO EUCARÍSTICO DE GUIMARÃES — Romagem do povo das aldeias trazendo flores para o SS. Sacramento

CONGRESSO EUCARÍSTICO DE GUIMARÃES — Na procissão do SS. Sacramento, 2.ª Benção dada do Palacete Margaride

CONGRESSO EUCARÍSTICO DE GUIMARÃES — Mgr. Nicotra abençoando a multidão, como delegado do Papa

CONGRESSO EUCARÍSTICO DE GUIMARÃES — Os srs. Arcebispo de Braga, Bispo de Meliapor e outras dignidades eclesiásticas assistindo à missa campal na Penha

Cliché foto. de Domingos Alves Machado

EM GUIMARÃES — Monumento aos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, inaugurado na Penha, no último dia das festas eucarísticas

CONGRESSO NACIONAL DE MEDICINA

Na última semana de Junho, foi esta cidade honrada com a visita de algumas centenas de médicos que, de todos os recantos do País, vieram aqui reunir-se no I Congresso Nacional de Medicina.

Não nos compete a nós dizer do valor das conferências que se pronunciaram e das numerosas comunicações apresentadas e discutidas no Congresso. Cabe à imprensa médica o papel de fazer a crítica do valor dessa assembleia — e essa crítica só poderá ser feita depois que seja publicado o respectivo livro de actas.

Devemos, no entanto, salientar a conferência do notável professor e eminente clínico, dr. Tiago de Almeida, que impressionou o seu culto e numeroso auditório, pelo método e clareza da sua exposição e pela exuberância de documentação que apresenta.

Como é de costume, as sessões scientifícas foram amenizadas com uma série de festas e excursões, que muito agradaram aos nossos ilustres visitantes.

Os médicos do sul do País, que não conheciam ainda as belezas do Minho, ficaram encantados com a paisagem camiliana das Caldas da Saúde e seus arredores, pitoresca região que o director desta Revista há muito descobriu, colhendo ali material para algumas das páginas do seu album *Vida Rústica — Costumes e Paisagens.*

Debaixo de uma chuva de flores que incessantemente se desprendiam das mãos delicadas das gentís damas de Santo Tirso, visitaram os congressistas a conhecida estância termal das Caldas da Saúde, onde o distinto clínico, dr. Lima Carneiro, baseado em sua escrupulosa observação, fêz brilhantemente a apologia das propriedades terapêuticas destas preciosas águas minerais.

A Emprêsa do Estabelecimento Termal, a quem agradecemos o convite que gentilmente nos dirigiu, recebeu com requintada fidalguia os seus centenares de hóspedes, servindo-lhes um esplendido banquete que decorreu animadamente.

Todos deixaram com saüdade aquela formosíssima região, que não pode visitar-se sem que nos acuda ao espírito a lembrança do nosso grande Camilo, que a dois passos daquela estância viveu e morreu.

Tudo ali nos fala do imortal romancista: o nome dos logares — Seide, Monte Córdova; a linguagem do povo — que é a própria linguagem das personagens camilianas; e até as pessoas, pois que o visitante a cada passo se cruza nos caminhos com os descendentes da *Brasileira de Prazins,* do *Cego de Landim,* do *Amor de Salvação* e de tantas outras figuras populares que o génio de Camilo descreveu e perpetuou nas suas obras imorredoiras.

CONGRESSO NACIONAL DE MEDICINA — O Ministro da Instrução Pública, professor Dr. Alfredo de Magalhães, discursando na sessão inaugural do Congresso

CONGRESSO NACIONAL DE MEDICINA — O professor Dr. Tiago de Almeida, realizando a sua notável conferência no salão nobre da Faculdade de Medicina do Pôrto

CONGRESSO NACIONAL DE MEDICINA — O Dr. Cândido da Cruz, lendo a sua brilhante conferência, no salão nobre da Universidade do Pôrto

CONGRESSO NACIONAL DE MEDICINA — Grupo de congressistas, nas Caldas da Saúde

ILUSTRAÇÃO MODERNA

PUBLICAÇÃO MENSAL — EDITOR-DIRECTOR — MARQUES ABREU

2.º ANO — PORTO — AGOSTO — 1927 — NÚMERO 16

IMPRENSA "MARQUES ABREU, LIMITADA,, — Avenida Rodrigues de Freitas, 310 — PORTO

JOÃO AUGUSTO RIBEIRO

RETRATO DO MENINO FRANCISCO BORGES

UM RETRATO

REPRODUZIMOS hoje em fotogravura o retrato do menino Francisco Manuel Fernandes Borges, filho da sr.ª D. Maria Emilia Fernandes Borges e do sr. Francisco António Borges, considerado banqueiro nesta cidade.

Pintado pelo ilustre professor, sr. João Augusto Ribeiro, que há anos se vem especializando neste género dificílimo, é mais um indicador seguro do seu nobre temperamento de artista.

De uma factura muito cuidada e minuciosa, acusa tôdas as qualidades de observação e de técnica que justamente teem consagrado o nome do sr. João Augusto Ribeiro entre os nossos primeiros pintores.

Neste retrato, dum acentuado carácter de distinção pictural, a tonalidade simpática alia-se à elegância natural do modêlo; e foram tratados todos os seus pormenores com um tal equilíbrio, que a figura não se amesquinha, apesar do escrúpulo com que o pintor pacientemente a trasladou à tela.

O retrato é muito harmónico na sua expressão natural, de um desenho seguro e correcto, e fino, na sua procurada e calma simplicidade.

Evoca porventura certos retratos dos grandes mestres ingleses, que, a despeito da sua lenta realização, não deixaram de efectuar obras cheias de brilho, de graça e de nobreza.

O GRANDE MESTRE ANTÓNIO AUGUSTO GONÇALVES

> «Tout le monde passe pour *homme* dans le grand catalogue de la nature, tout comme les dogues, les lévriers, les métis, épagneuls, matins, bassets, caniches, chiens-loups y sont catalogués sous le nom commun de *chien*. Mais un classement supérieur distingue le chien agile, le lent, le subtil, le chien de garde, le chien de chasse...
>
> «Il en est de même des hommes; il en est qui méritent de tenir une place à part dans le classement et de ne pas être rejetés dans les rangs infimes de l'humanité.»
>
> *(Macbeth)*. — SHAKESPEARE.

ÀS sete horas da manhã, nestes belos dias de maio que vão decorrendo, a vida da natureza está já plenamente desperta no campo vasto, multiforme e multivariado, para onde me atirei agora, como num sonho, fugindo à faina universitária.

Tomo, instantes passados de repouso, a pena para exarar do amigo de há tantos anos aquelas palavras que souberam com um quási imperceptível despotismo fazer-me prometer aqueles outros amigos comuns, ambos de dois, mas um dêles em especial, singularmente titulados para o desempenho da gratíssima tarefa (1).

É pois no meio da doce paz rural, por entre os acordes da natureza e da vida, que inicia nesta hora matinal o seu mourejar constante e fecundo, que mais uma vez vou ocupar-me dum homem, singular exemplo de clarividência artística espontânea, afinada dia a dia pelo evolucionar dos anos, pelo estudo, pela meditação e pelo esfôrço próprio criador.

Pelas janelas do meu quarto, abertas a todo êste maravilhoso ar campesino, contemplo ao perto e ao longe os infindáveis aspectos de côr, de luz, de som, que afinal, em qualquer país e em qualquer estação, a natureza sempre oferece a quem demora os olhos em a ver e perscrutar. Todavia o campo onde estou é vasto, duma imensa perspectiva policrómica, cortado ao fundo do horizonte, do lado poente, por montes de pequena elevação, que marcam lá em baixo, a linha das águas oceânicas. Aglomerados de casas brancas, com seus telhados vermelhos rompem aqui e acolá, por entre a côr de prata suja das oliveiras, agora tôdas elas sustentando nos velhos troncos tortuosos as suas frondes reverdecentes. Arrogantes tremoçais com seu penacho de reluzente amarelo sucedem-se às campinas largas de suajem, com a sua flor de delicada tonalidade roxa, a que se junta em linhas perfiladas a do trevo de côr vermelho-escuro. Abrem suas corolas os malmequeres, de pétalas simples, brancas e amarelas. Outras inumeráveis florzinhas se entrelaçam neste conjunto tam mimoso, cujo aspecto tem o condão de nos afectar suavemente, inspirando-nos sentimentos de bondade. Como os campos são férteis de água, à beira dos regatos medra com desenvoltura o funcho de cheiro penetrante, ao lado do mentrasto que, se o tocamos, logo se denuncia pelo seu forte perfume, como o tremontelo, de fôlha recortada e miudinha, que inunda tudo em volta de ondas de aroma exquisito.

Mas a natureza não nos oferece sòmente êste espectáculo, que encanta. Ela é também a mãe, que nos alimenta. Por isso é tão grande a faina nos campos, onde procuramos, em troca dos nossos esforços, o que queremos que ela nos dê — a alimentação e a vida. Rasgamos a terra com a charrua, abrimos-lhe sulcos com o arado, lavantâmo-la em camalhões para a oxigenar, expurgâmo-la das ervas más, que a depauperam, limpâmo-la da pedra, que a prejudica; se é farta de águas sangrâmo-la, se delas carecente regâmo-la, alimentâmo-la, quando precisa de adubos fertilizantes, combatemos os inimigos que a torturam e assolam, que são também os nossos, e tudo para podermos um dia recolher o grão, que nos alimenta e os frutos que nos deliciam. Outro espectáculo bem diverso se me depara ainda através dêste meu tranqüilo logar de observação. Com efeito, descortino ao longe uma linha rectilínea de choupos, de plátanos, de eucaliptos, acima dos quais dança, se enovela e foge o penacho de fumo duma locomotiva que avança devorando o espaço.

Entre a quietação ruralesca, o silvo que aturde e faz, de momento, calar o chilrear da passarada, o fumo que mancha o azul do infinito, êsse estrepitar de maquinaria, rolando com vigor e triunfo, chamam-me à realidade perturbando a religião do silêncio, que me deleitava.

Dentro dalguns minutos — quisesse eu! — êsse monstro levar-me ia através do espaço, para outro scenário bem diverso do que agora possuo. Natureza, homens, vida, movimento, se trocariam, lançando, em vez da mansa quietude, no espírito contraditório, a ânsia do saber, o desejo da novidade, o turbilhão estonteante do progresso e da acção.

Mas é um momento que passa e o espectáculo da natureza eterna volta ao seu logar. Já ouço, aqui perto, as vozes dos homens da lavoira, incitando os bois atrelados para a faina da lavra. Dentro de pouco o semeador lançará ao rêgo recem-aberto o pequenino grão maravilhoso.

Emoldurado neste quadro bucolesco, que me acudiu expontâneamente e sem o mínimo prurido de artificiosa literatura, é que me apareceu a figura de António Augusto Gonçalves, digamos — embora a frase me não seja muito simpática pelo abuso que dela se tem feito — de Mestre Gonçalves, o trabalhador serêno e pacífico, persistente e audaz, e o grande potencial de energia educadora, que tem sabido guardar o segrêdo de nunca se esgotar.

*

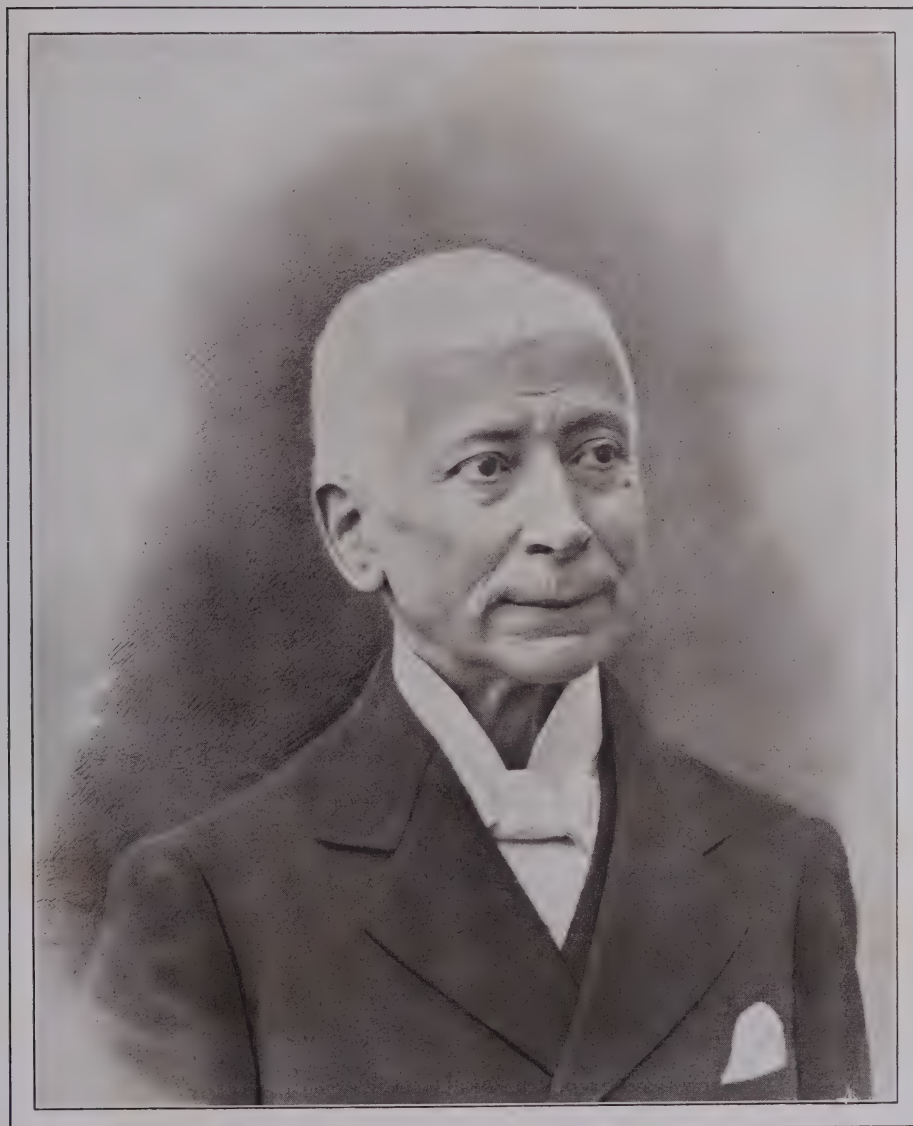
De António Augusto Gonçalves muito se tem escrito e falado um pouco por tôda a parte, em Portugal e no Brasil. Êle tem sido justamente apontado como o mais estrénuo defensor da educação e do ensino artístico popular que tem tido o país, ainda antes que em 1879 Joaquim de Vasconcelos escrevesse com o seu grande saber as fortes páginas da *Reforma do Ensino das Belas Artes*. Educado na fecunda escola da necessidade, seu pai, suas irmãs, seus irmãos, todos começaram a viver da arte e pela arte. Aquele lar foi uma colmeia onde se não criaram zangãos. Conheci ainda o pai de Gonçalves, bom velho sorridente e acolhedor que todo se dedicou aos seus quadros na casa da sua residência, aquela modesta casa em que agora reside o filho e naqueles mesmos quartos que êle agora ocupa, essa pequenina cela conventual onde se respira bem a atmosfera do recolhimento e da renúncia. Quantas vezes nas palestras amigas dêsse cenóbio recordo a tela em que trabalhava quando vi pela primeira vez o velho Gonçalves, largo lenço de côres vivas adequadas em aparatoso scenário. . .

O filho seguia o pai naquela ânsia de pintar mais e mais — recurso para sustentar honradamente a sua grande prole. E começou a imitá-lo mas, indisciplinado e com generoso atrevimento, a desgarrar-se por outra e nova técnica, por vários e múltiplos caminhos de imitação, de reprodução e de criação. Estou bem certo que o honrado ancião se revia no

(1) Ex.mos Snrs. Dr. António de Vasconcelos e Albino Caetano da Silva.

filho sempre generoso e bom, afável, compassivo, acolhedor, e que via ali, ao lado do seu retrato moral, o continuador das suas excelentes tendências naturais para a pintura. Esta escola caseira foi que procriou o coração de Gonçalves e que o enriqueceu dos quilates, que todos lhe conhecemos e admiramos. A sua educação não seguiu uma directriz única e devemos todos abençoar o instinto que o afastou dos pragmatismos das Escolas e dos livros. Duma terra em que erguia o seu trono, tantas vezes aureolado de pedantismo e de esterilidade, a Universidade, num meio que a tantos seduzia para o bacharelato pan-epidémico, Gonçalves quis ser uma excepção desprezando corajosamente essa fácil conquista, que talvez lhe desse, pelo menos, à mesa do orçamento, o vélo de oiro substancial e farto.

Educou-se trabalhando. Só por só. E por essa via está hoje na nossa primeira Universidade, doutrinando como um mestre que o é simplesmente pelo seu esfôrço.

E como nunca seguiu Escola ou Curso especial, também nunca obedeceu aos cânones dogmáticos dos que supõem que por êles se sugestiona ou sustenta a Arte. Não. António

ANTÓNIO AUGUSTO GONÇALVES

Augusto Gonçalves não alimentava ilusões. As regras gramaticais não criam nem o Poeta, nem o Orador, nem o mais modesto dos livros. Isso é bom para os servos do Parnaso, que confundem o génio com os preceitos de Aristóteles, de Horácio, de Boileau. Gonçalves viu sempre no individualismo a estrêla de todo o artista. E é ver como todo êle se extasia diante das obras dos engenhos primitivos que criaram a escultura coimbrã dos séculos XIII, XIV e XV por êle contada, melhor diria, cantada no volume que lhe consagrou em 1923.

Na sua longa vida de orientador e de guia estou certo que o que êle procura infiltrar na alma dos seus alunos é, com o amor à arte, a individualidade e a autonomia de a servir. Nunca procurou sujeitar ninguém aos seus processos. Dizia o que era o ferro, o barro, a madeira, a pedra. Como era um crime confundir a matéria de cada obra. Estudado o processo de a trabalhar, o artista faria o resto com a forja, a modelação, a goiva, o martelo, o cinzel. O essencial era que o bafejasse o fôgo natural. Também se o não tinha, não valia a pena de maiores trabalhos. O suposto artista não passaria dum mecânico mais ou menos hábil.

Os artistas que lhe devem o que foram, ou o que são, não perceberam ou não percebiam às vezes o Mestre e talvez algum o suposesse autoritário. Sim. Algum desgôsto daí adveio. Alguma sombra empanou, de fugida, relações amigas de intensidade acrisolada. . .

António Augusto Gonçalves aproximava-se às vezes duma estátua, que já se supunha acabada e bela, por exemplo, e tomava o carvão. Em poucos instantes o volume da face, o perfil do nariz, o ondeado dos cabelos — meu Deus! — aquele conjunto de euritmia estava manchado de traços, aqui mais fortes e sombreados, acolá apenas picados de linhas leves e indefinidas. O discípulo sofria uma decepção, mas acabava por obedecer e seguir aqueles traços que eram de luz, a-pesar-de negros. Quanto não ganhava depois o trabalho do artista! Ai! Esta confusão do *bonito* ou do *util* com o belo. Que tremendo êrro!

Quem, por êsse país fóra, contemplar algum dia algumas das peças de tão delicado lavor, obra do que foi o lavrante João Machado, quem admirar por aí, sob as abóbadas de Santa Maria da Vitória ou nalgum dos salões aristocráticos da Capital os ferros dêsse habilíssimo Lourenço Chaves de Almeida,. . . lembre-se sempre do amigo e mestre que guiou e dirigiu as mãos que tais obras executaram. Não tenha dúvida de que houve um sol que as iluminou e aqueceu.

*

Mas eu quereria aqui focar a personalidade de Gonçalves em tôdas as suas maneiras de agir, de viver e de educar. A obra dêste homem é duma grande eloqüência e é a mais bela página de educação para os moços pobres, que queiram ser alguém na nossa Pátria, que aspirem a ser, pelo menos, úteis à comunidade, na certeza estrutural e insofismável, de que a pobreza é uma das fontes de todo o trabalho honesto e dignificante. Não o posso fazer, infelizmente neste momento, tendo de limitar-me a acentuar algumas poucas características da sua múltipla actividade.

Aqui há cincoenta anos a Escola Livre das Artes do Desenho rompeu, como um meteoro que explode, no meio estagnante dos artistas da urbe mondeguina. Que? Assim mesmo. Uma Escola para ensinar as artes do Desenho, mas *livre*. Assim mesmo. Livre. Isto é — sem a mão nefasta, desorganizadora, portadora do vibrião da preguiça e do desalento, da indiferença e do cansaço, do rotinismo e da estagnação. Entrei um dia aí, ao lado de Sidónio Pais, e ambos nessa Festa, que uma dedicação de amigo grande perpetuou para sempre (1), tivemos de dizer, com

ANTÓNIO AUGUSTO GONÇALVES NO SEU GABINETE DE TRABALHO

(1) Alusão à *plaquete* luxuosa e de bom gôsto — *António Augusto Gonçalves — 1912*, saída dos prelos da Tipografia Auxiliar de Escritório, e obra, desde a iniciativa ao acabamento, do Sr. Albino Caetano da Silva.

UM ASPECTO DO GABINETE DE TRABALHO DO SR. ANTONIO AUGUSTO GONÇALVES

orgulho, aos artistas reunidcs o que era êsse homem que lá os doutrinava e dirigia.

A bem dizer, nós só falavamos alto o que todos ali sabiam no íntimo. Mas talvez êles, menos bem do que nós, soubessem avaliar do valor daquele livro aberto, que lhes educava os sentidos prestimosos, sem gasto de energia, sem dispêndio de tempo, a êles incapazes, na labuta do dia, de aprenderem o que era melhor seguir e executar. Clarividência. Orientação. Silêncio. A Escola era uma cátedra e era uma oficina. Lá vi o serralheiro, o ourives, o canteiro, o entalhador, indagando, pesquizando conselhos e direcção.

Não menos que na Escola Livre trabalhou António Augusto Gonçalves na Escola Industrial Brotero em prol da instrução do operário de Coimbra. Professor desde o esbôço dessa Escola em 1885, seu Director durante muitos anos, o ilustre Professor foi ali o mestre e o guia de centenares de rapazes, em quem via os instrumentos da prosperidade e progresso das indústrias locais. Algumas vezes teve que bater-se com a rotina, a ignorância e o pedantismo, dos de baixo e dos de cima. A filáucia política atrevia-se a ditar pareceres e sentenças, a impôr orientações e métodos. E como tinha uma arma — o orçamento — dela abusava despóticamente. Quando era preciso sofrer, sofria-se. Mas quando chegava à méta, a voz do protesto enérgico e desassombrado não faltava. Gonçalves criou grande amor à sua Escola e só ambicionava o seu desenvolvimento e progresso, sonhando-a uma grande Escola de Artes e Ofícios. O trabalho prático, o trabalho manual, eram para êle a verdadeira razão de ser do ensino industrial e operário. Educar a *mão* — êste órgão maravilhoso de produtividade — era o seu maior empenho. Desassombradamente se pode dizer que raro houve nêste país alguém que fôsse como Mestre Gonçalves um verdadeiro e digno homem de trabalho. Nunca conheceu a ociosidade. Trabalhou sobretudo para os outros, dispendendo talento, acção e viver, em proveito da comunidade. Depois de ensinar na Escola vinha às oficinas e ali assistia aos operários com o seu conselho e direcção. Torná-los dignos, sabedores, independentes, era o que êle desejava. Desviá-los da finalidade educativa própria para os transformar em palradores ociosos, era um crime sem nome.

Como António Augusto Gonçalves amava a sua Escola pode ver-se de inúmeros documentos, que vieram à luz pública e, ultimamente, do capítulo que fecha o seu livro, sob o sugestivo título, que é já um protesto, *Falência da Escola Brotero* de Coimbra.

*

Consideremos agora a sua obra no Museu Arqueológico do Instituto. Pobre e abandonado, por lá jaziam, como cadáveres, as pedras que a devoção do arqui-beneditino João Aires de Campos recolhera à mistura com outros objectos dispares e sem significação. Assim mesmo dessa massa *tôsca e informe* começa a surgir uma forma elegante definida, vivaz e radiante. Transformou-se primeiro o local. Não mais o cheiro a paredes húmidas e carcomidas. Luz e côr. Janelas amplas. Claridade na atmosfera. E o meio mudou tudo. As figuras tomaram atitudes. Os pequenos objectos vincaram feições. E logo das salas amplas e arejadas o *Apostolado* de Udarte pela primeira vez evangelizou palavras de vida. Lentamente o Museu foi prosperando, crescendo. Os que de perto rodeavamos o propulsor de tôda aquela obra: — O Dr. Júlio Henriques, o grande botânico de apaixonada alma de artista; o Dr. A. de Vasconcelos, o sábio arqueólogo, historiador, epigrafista e guia de pesquisas históricas tão variadas e ricas; o modesto e tão prestimoso escavador desta Coimbra, que ainda não conheceu mais fervoroso panegirista, Augusto Mendes Simões de Castro, Albino da Silva, José Nazaré; o desvalioso rabiscador destas linhas, e ainda outros, que não ocorrem à pena febricitante, no momento, acompanhavamos com simpático alento aquele amontoar de riquezas. No pequeno cacifo, de cujas paredes pendiam, delícias de nossos olhos, alguns quadros de primitivos, salvos à vaga de ignorância e do crime, a que sucumbiram tantos, em outras eras e agora mesmo, bem perto de nós, no tempo e no espaço, quantas discussões de afervorada paixão traduzindo scepticismo ou esperança em futuros melhores!

Mas esta etapa do Museu como vai longe! O museu de Antiguidades inaugurou-se a 26 de Abril de 1896. Os que o conheceram comparem-no com o agora denominado Museu

Cliché foto. de J. M. dos Santos

COIMBRA — MUSEU MACHADO DE CASTRO — ENTRADA

Machado de Castro, a que êle foi incorporado e que foi instalado na antiga residência Episcopal.

Tudo ali é obra de António Augusto Gonçalves desde o arranjo material ao artístico. Os maiores como os mais pequenos objectos foram vistos, estudados e dispostos pela sua mão sábia e incansável. Muitos devem-lhe a vida, mais que aos próprios artistas que os criaram. O *Apostolado* de Filipe Udarte, a que atrás aludi, foi, poucos o saberão, recolhido em cacos, é o termo, do salão onde hoje está instalada a Associação dos Artistas. As figuras escavacadas, horrìvelmente mutiladas, foram atiradas, com o resto da caliça e mais destroços de construção para debaixo do pavimento, onde se levantou o sobrado. Arrancadas a essa gemonia, a habilidade e a perspicácia artística do Mestre souberam de novo modelá-los, juntando ao barro dúctil e afagante sob suas mãos os pedaços fragmentados. Tal pequenino vaso de cerâmica, autêntica maravilha do século de Quinhentos, está sustido com sua galante forma num prodigioso equilíbrio de entrançado de arames finos. Pedras salvas na Sé Velha, no Claustro de Celas, que sei eu? — erguem-se agora com galhardia. Seria preciso percorrer do querido amigo o livro, que já citei, para lançar quase a cada página uma apostila. O autor da *Estatuária Lapidar* não quis dizer nada de si. Êle suprimiu o *Eu* de todo êsse luminoso trabalho, onde, em tôdas as páginas, outros não só o teriam pôsto, mas o teriam gritado, com mêdo que os leitores não dessem por êles. Muitos dêsses objectos teem uma biografia cheia de pitoresco, de imprevisto, de anedótico. Há imagens de santos que foram arrebatados de noute, trazidos entre escolta; outros que vieram às escondidas como furtos de hábeis salteadores. Raros os depositados com a alegria de quem presta culto ao património artístico do país, salvo de pavorosos naufrágios. Empregou-se a astúcia, a artimanha, a diplomacia. Ah! Se eu quisesse dizer a história de certo célebre documento de sumptuosa indumentária medieval!...

*

¿Que poderíamos dizer agora do Museu de Ourivesaria anexo e integrado no Museu Machado de Castro? Foi em 1884, após a Exposição Distrital de Coimbra que o Bispo-Conde, D. Manuel Correia de Bastos Pina, — cuja memória ali perdurará para sempre quando se lhe erguer o busto de iniciativa de Gonçalves — inaugurou aquele Museu, reunindo numa das Salas da Sé Nova, algumas preciosidades de oiro e de prata, como também alguns tecidos e paramentos, de maior valor e raridade, colecção a que se começou chamando — Museu das pratas, designação imprópria, pois não abrangia tapetes, brocados e outras alfaias, avaliadas pelos melhores entendedores em quantias extraordinárias, como o grupo de cadeiras de tecido de Beauvais, que Bertaux computou, pelo baixo, em trezentos mil francos, um tapete persa orçado em vinte mil libras, etc., etc. Mas desde essa data o Museu mais se enriqueceu, melhorando também as instalações. Hoje o Museu de Ourivesaria, de Tecidos e Bordados forma uma das mais ricas colecções do país, honrando-nos aos olhos dos estranjeiros, aos quais, a-pesar-de tôdas as depredações, somos capazes de mostrar ainda tanta grandeza material e artística reunidas.

O leitor desta formosa revista de-certo não deixará de ir apreciando atentamente a publicação que das peças mais notáveis vem sendo feita desde o número 6 (Outubro, 1926) por Gonçalves com a colaboração artística de Marques Abreu.

Desçamos agora algumas centenas de passos. Saiamos do Museu Machado de Castro e tomemos ladeira abaixo, pela Rua das Covas, até se nos deparar a Sé Velha. Está aqui novo título de glória de António Augusto Gonçalves, pois a êle se deve não direi a restauração, mas a ressurreição não só da Igreja como do Claustro dêsse famoso monumento, jóia de riquíssima fábrica de arquitectura medieval. Janelas enormes desfiguravam a frontaria do templo e lá dentro o pavimento fôra soerguido de tal modo que cobria por inteiro a base das colunas que dividem o corpo da igreja. Um côro pesado e enorme sobrepunha-se à entrada principal enchendo o recinto de sombra. As cantarias estavam por todos os lados rebocadas a cal, os capitéis mutilados, desfiguradas as linhas do trifório, do transepto e a das capelas laterais. Emfim, em tudo o sêlo bem patente da ignorância petulante e audaz. Mais sevícias do tempo e dos homens sofrera o Claustro, adaptado em eras não longínquas, a habitações particulares, para o que fôra necessário mutilar e até destruir aquelas tam preciosas relíquias do passado. Coube a António Augusto Gonçalves a pesada mas gloriosa tarefa de fazer desaparecer semelhante padrão de ignomínia fazendo ressurgir a velha majestade do Templo, restituindo-lhe a pureza simples, mas imponente das suas linhas arquitectónicas. Com estudo, com paciência, com meditação, foi prosseguindo a direcção das obras sem arrojos, nem desfalecimentos. A Sé Velha inspira

Cliché foto. de J. M. dos Santos

COIMBRA — MUSEU MACHADO DE CASTRO — SALA III — ÉPOCA DA RENASCENÇA

Cliché foto. de J. M. dos Santos

COIMBRA — MUSEU MACHADO DE CASTRO — SALA VI — FAIANÇA

grandeza e calma, recolhimento e oração. O altar-mór ergue-se, deante dos olhos de quem entra à porta principal, como uma custódia de oiro liquescente. Brilha, mas não ofusca. Só a obra de depuração, de afinamento e de gôsto realizada por Gonçalves é que tornam possível recolher a impressão de religiosidade artística que se recebe ao visitar, estudar e compreender êste augusto monumento de arte românica portuguesa, o mais belo que possuimos, e dos mais belos também que há no mundo. E todo êsse trabalho de anos, sustentado pelo apoio inteligente e decidido do Bispo-Conde D. Manuel Correia de Bastos Pina, foi realizado graciosamente, sem que o Estado dispendesse um ceitil com o homem, que realizara aquela façanha no silêncio e na paz do trabalho, como qualquer dos modestos operários que por ali moirejaram um bom par de anos.

Nem proveito, nem honras, que nem um, nem outras seriam jámais recebidas, visto que António Augusto Gonçalves é um tipo autêntico de completa abnegação. Sem dúvida que foi alguma vez esbulhado de proveitos, que de justiça lhe pertenciam. Nunca reclamou por êles. É mais. A sua minguada bôlsa tem ajudado muita miséria. Pobres de *assinatura* batiam com freqüência à porta do seu *atelier,* na Rua dos Coutinhos. Fui eu testemunha do seguinte facto:

Uma vez, à boquinha do serão, duas pancadas discretas soaram. Gonçalves levantou-se e foi abrir, demorando-se um pouco a conversar com alguém, cuja voz eu ouvia dentro, sem a compreender. E esta voz soou depois mais alto, traduzindo agastamento, o que quer que fôsse que denotava censura. . .

Gonçalves voltou pouco depois serêno e simples e a uma pregunta minha explicou:

—É um pobre homem, a quem dou há muito determinada esmola. Mas hoje não tinha eu o que costumava dar-lhe. Ralhou-me! Coitado! Já considera isto um direito. Tem graça!

Simples e bondoso, de carácter afavel, lhano no trato, tal a razão da supremacia moral de Gonçalves e o que o impõe à estima e consideração dos seus concidadãos.

*

António Augusto Gonçalves está hoje quase octogenário, pois nasceu no dia 19 de Dezembro de 1848. O seu espírito conserva a vivacidade e a equilibrada desenvoltura doutros tempos. Dirige o Museu, preside às suas aulas, lê, discute, conversa e escreve. Em tempos idos gostou de discretear sôbre assuntos de arte ou que com a arte se prendiam. Na *Gazeta de Coimbra,* na *Oficina,* no *Defensor do Povo,* no *Jornal para todos,* na *Lucerna* (que fundou), na *Gazeta Ilustrada,* no *Alarme,* na *Resistência,* na *Semana Ilustrada* e noutros, colaborou mais ou menos activamente. Na *Arte e Natureza em Portugal* são seus os artigos sôbre a Sé Velha (vol. I), Mosteiro de Santa Cruz (vol. III), Cidade de Tomar e Concelho de Tomar (vol. VI). Dêle é o *Roteiro Ilustrado do Viajante em Coimbra,* que tem sido aproveitado como Deus é servido em obras congéneres. Aí a prosa e a ilustração é tudo obra sua. Frases curtas. Desenhos em escorços, com traços eloqüentes, mas fugidios.

Na Universidade estão hoje as suas provas de concurso —tres aguarelas que honram bem o Mestre. Salvei-as eu quando Director da Biblioteca da Universidade pedindo-as da Secretaria, onde estavam guardadas desde o concurso, não se sabendo porque é que não acompanharam, na forma do costume, as outras peças do processo enviadas a Lisboa.

Em todos os artigos, desenhos, aguarelas, pinturas, António Augusto Gonçalves imprime sempre a sua individualidade —com as suas características fundamentais de independência e bom gôsto.

A sua pena, às vezes, era aparada como um estilete. Nervoso, ágil, arrojado, o golpe ia adentro da derme, bem fundo. Mas nunca uma injúria, raramente um agravo. Mesmo os seus adversários que os teve, e destemidos, como êsse fundibulário de talento que era o Dr. Augusto Rocha, o respeitavam no seu aspecto moral. Gonçalves falava em nome das suas convicções, que podiam ser erróneas, mas eram sempre sinceras. . . O fundo moral dêste homem impunha-se e triunfava.

É ainda com o mesmo estilo pessoal, fruto de saber e de experiência, que é feito o livro que epigrafou *Estatuária Lapidar.* Êste livro tem sua história. António Augusto Gonçalves conservava inúmeras notas e apontamentos, resultado das suas observações de muitos anos. Tendo seguido o movimento artístico do país em mais de meio século com decidido empenho, pode imaginar-se o que nessa pasta não haveria de importante e, mesmo, de essencial para quando um dia êle quisesse dar corpo e organização a todo aquele montão de observações.

Todos os amigos pediam a António Augusto Gonçalves êsse livro. Ora um dia o edifício da Escola Brotero esboroou-se num montão de pedras calcinadas. E as notas de Gonçalves sumiram-se na «voragem dêsse desastre execrável e imprevisto», como êle próprio escreveu. Foi a 12 de Janeiro de 1917. Assim o que em tempos idos teria sido tarefa relativamente fácil, apresentou-se agora como alguma coisa de heróico. E foi. Gonçalves dispôs-se emfim a publicar algumas das suas locubrações artísticas, o que tinha visto e observado através dos seus estudos. Não se resolveu sem esfôrço. O livro, talvez por ser grande e volumoso, por ser alguma coisa de definitivo—*les grands livres me font peur. . .* não lhe era simpático. Mas o primeiro original reconstituido com escassos fragmentos de indicações, «porque apontamentos, transcrições e notas, indispensáveis à coordenação de factos e deduções, estavam perdidos e impossível era rehavê-los ou substitui-los» —o primeiro original seguiu para o prelo. Foi o bastante. As páginas foram-se sucedendo até preencherem belamente as 264, que marca o livro *Estatuária Lapidar,* livro completo no seu género e para o seu fim, mas que nós quereríamos que fôsse o primeiro duma série dedicada às riquezas do Museu, pelo menos aos tecidos e às jóias. ¿Quem poderia escrever sôbre o assunto com a competência de António Augusto Gonçalves?

Mas êle dirá: *jam satis prata biberunt!*

Santo Varão (Fermoselha)—Maio de 1927.

MENDES DOS REMÉDIOS.

A DEGOLAÇÃO DOS INOCENTES

E LINDOS CABELOS QUE, POR SINAL DE GRAÇA,
DEUS DEU Á MULHER

UMA tenebrosa calamidade devasta neste momento uma das mais belas seáras de beleza que o Senhor lançara à terra, para nosso deleite e louvor seu.

Não sei por que singular perversão e demência da sensibilidade, ou por que lúgubre enfado e escárnio da formosura, subitamente e à pressa, com a impetuosidade companheira habitual do crime, as nossas mulheres entraram a cortar os cabelos, desapiedadamente.

Herodes, degolando a êsmo as crianças da Judeia, foi menos cruel que as mães e as filhas do nosso tempo, agora ceifando a eito as lindas tranças dos cabelos com que os mais generosos e paternais afagos da sua condição por favor do destino lhes haviam adornado a fronte. Porque Herodes cortava vidas inteiras, e todo o bem e mal, sem distinção, que nas vidas se encerra; por igual teria prostrado à nascença a cândura e a ruindade, o génio iluminado e a mais espêssa obtusidade. E as nossas mulheres, cortando os cabelos, aniquilam sòmente beleza, beleza estreme, beleza inocente, que estava onde Deus a criara, tal qual êle a criara, para servir de auréola ao encanto e receber condignamente o diadema que a nossa adoração lhe tributasse.

¿¡Foi culpa leve essa atrocidade?!. . . ¿Não foi sacrilégio, sôpro blasfemo, êste que apagou

a alâmpada acesa em um dos mais ricos e refulgentes altares do nosso êxtase?

Cabelos curtos e cabelos longos são problemas que a leviandade mandou para casa da costureira, estampados no figurino da estação; e entretanto e assim desprendidamente se teria agravado a ordem natural divina, rudemente afrontando as afeições estéticas mais nobres, e respondendo com desumanas privações intencionais à ansiedade da simpatia e graça que na contemplação do rosto feminil busca saciar-se. Manifestamente, um modo de ser íntimo se traduz na compostura da face e no toucado da mulher; e a mulher de cabelos cortados, onde quer que a encontremos, só por êsse sinal de inimizade com a própria beleza nos dirá coisas diferentes, nada amoráveis, do que nos confessa a mulher de cabelos lisos, modestamente apartados, onde quer que por nós passe e nos cative.

O romântico, em que muito pese ao positivismo e à dureza ingrata das suas exigências, o romântico tinha razão; foi bom intérprete da natureza humana, quando ouviu sereias nas ondas do cabelo da mulher, cantando seduções tão vivas e ardentes como as que dos olhos veem e nos perturbam.

Teem seu mistério os cabelos de mulher.

¡Ai do insensato que desconhecendo-o o violou e profanou!

Colecção do pintor Vitorino Ribeiro

DESENHO DE GREVEDON—Litografia, 1830

*

Certo é, porém, que até hoje, que se saiba e notório seja, nem Astreia nem Ceres nem Vénus nem Madalena, nem Cleópatra nem a Virgem Santa nem as musas do poeta nem as ninfas dos lagos nem as fúrias dos infernos, as viperinas como as benignas, nem deusas, nem escravas nem vestais do templo — nunca mulher alguma que mandasse no mundo e em nosso coração, e viva na história ou se perpetue na lenda, teve a ingratidão de abnegar do encanto dos seus cabelos e veio a visitar-nos os sonhos e as realidades, tosquiada de fresco pela audácia ímpia do barbeiro da praça, carrasco assalariado da beleza.

Algum dia e de longa data, e ainda hoje, se cortaram cabelos de mulher, e tranças opulentas juncaram o chão do sacrário. Mas era por penitência, à porta do convento; era uma mutilação, um comêço da morte de quem andava de mal com o mundo e com a criação divina, e por subtil e dissimulada maldade a aborrecia. Por querer mal à vida abominava-lhe o esplendor, e corria, alucinadamente, a destrui-lo. Mas mulher que o mundo amasse e lhe sorrisse e a criação louvasse e servisse, em honesta consciência do que lhe devia para a coroar de adornos e carinhos, essa nem dantes nem hoje corta os cabelos; essa zela-os, misticamente, em termos de um culto e de uma oração.

O clássico tem aqui o seu voto. Porque o clássico é o resíduo último e o mais cristalino da experiência estética da humanidade, e o clássico não só nos deu mulheres com cabelos longos, que não raro lhes foram manto esplendido, mas até, pouco menos de invariàvelmente, só conhece um penteado, êsse que, ou prenda ou solte os

Colecção do pintor Vitorino Ribeiro

DESENHO DE GREVEDON — Litografia, 1830

cabelos, os aparta e deixa cair e cingir naquela disposição singela que lhes é natural e própria de seu pêso. Não se usava outro na Acrópole de Atenas, como outro não se conheceu nos santuários que Murilo ou Rafael povoassem de suas visões angélicas.

Estranha degeneração nos assaltou para começarmos por nós a empresa de fealdades que não quisemos aplicar aos demais seres da criação sob o nosso domínio; estranho delírio da beleza desvairada foi êste que nos induziu a estragar a beleza na esperança louca de a acrescentar, por emenda ou supressão radical da natureza e contando que o nosso engenho havia de poder mais e ser melhor que o génio da vida na sua integridade e na sua majestade e omnisciência. Porque quisemos para nós o que rejeitamos para as formas de outras espécies que nos obedeceriam —¿lembrou-se alguém, porventura, de tosquiar as pétalas das rosas, para lhes realçar a formosura, ou de depenar de seus estâmes o lírio e de suas frondes o cedro, e da juba os leões?

Tem seus mandados celestes a integridade do corpo, sua religião; e não há revolta do homem que se lhes oponha e os supra capazmente — por muito grandes que os homens sejam e os seus inventos. Napoleão, barbeado e tesourado à escovinha, pode ser sargento mais vincado e quarteleiro mais desembaraçado que Carlos Magno; mas para cabeça digna de uma coroa imperial e seus atributos de sublimidade não é, claramente, fronte que se compare com a barbaria nobilissimamente intonsa da desgrenhada e cesarina majestade medieval, na pureza augusta comum a tôdas as virgindades, às dos nossos cabelos como às da côma verde da floresta.

Tal insânia e mau gôsto nos acometeu que fizemos à gente como fizemos aos cavalos, sem sequer nos deixar convencer pelo exemplo da desgraça *in anima vili*.

Porque a destituição da beleza dos cavalos foi o primeiro sinal, o exórdio fúnebre, das pragas da tosquia. Os cavalos espumantes de Neptuno chorariam a sua triste sorte, se se vissem sem crinas nem topete, nesta nudez escavacada e sáfara em que lhes pusemos uma caveira de estupidez cabeçuda, onde Deus os marcara com a irradiação gentil e palpitante de generosa audácia inteligente.

De desnaturação em desnaturação, começamos pelos cavalos, que foram os companheiros dos heróis, e vimos agora, impenitentes, a infligir torturas análogas às próprias vestais do nosso lar e guardas do nosso berço.

Alguém nos vingará do opróbrio de semelhantes frenesis diabólicos. Algum dia virá em que justiça seja feita à história de tôdas as mutilações da beleza, e então os cabelos cortados se juntarão na sentença aos brincos cravados nas orelhas e aos espartilhos e aos tacões altos — ¡os tacões altos dos quais, no seu horror

Colecção do pintor Vitorino Ribeiro

DESENHO DE PIDOUX — Litografia, 1830

Colecção do pintor Vitorino Ribeiro

DESENHO DE DEVERIA — Litografia, 1830

de tal absurdo, Jorge Frederico Watts, o pintor insigne e o companheiro ilustre da pléiade ruskiniana, fêz vários desenhos a mostrar como os tacões exagerados deformam o pé e o comprimem em forma de casco de cavalo!

*

Gente prática e habilitada no manejo das artes e venturas do tráfego económico, graduando a mulher em valor mercantil e construção industrial de bom rendimento em cifras, usa dizer que os cabelos curtos, actualmente em voga com grande gáudio dos filhos da utilidade pecuniária, representam um *progresso* considerável e bem-vindo. Poupam preciosas horas mal empregadas no penteado, promovem uma melhor higiene, facilitam o trabalho, moderam encargos quotidianos, deixam maior margem de folgas, e por suas mais e muitas virtudes análogas iniciam um singular hibridismo de feminilidade varonil, satânico conúbio que até hoje tinha escapado às mais astuciosas invenções que propagam no mundo a fealdade.

E está certo, e é lógico, e é bem que assim se faça e aconteça, desde que se parta do princípio de que na vida humana e sua formosura e sua dignidade e sua lei a mulher deixou de ser criatura de Deus e à sua imagem, para se tornar em objecto de expediente e rendimento, louça de cozinha para nos cevar a gula ou carreta de comércio em que nos transporte e ofereça comodidades, em vez de amor e encantos e enlevos.

De facto, quando assim seja, em tais termos da vida e do mundo precipitado em sordidez, a beleza, e com a beleza os cabelos da mulher, não teem lugar na escala. Serão um número a mais, superfluidade e estôrvo, e por economia de tempo e de dinheiro o melhor é suprimi-los. Porque, então, custam caros pelos cuidados, quando caros não sejam pelo cultivo, e o seguro, em boa economia das coisas e do espírito, é realmente suprimi-los da cogitação, e do zêlo e do orçamento.

Para gente que passe bem sem a formosura e copiosamente queira e saiba engordar, realmente a única solução racional do penteado é a tosquia universal e plenária.

¡Que lhe preste!...

Sem embargo, porém, *A thing of beauty is a joy for ever.*

Eixo — Quinta de S. Francisco
15-I-1927.

JAIME DE MAGALHÃES LIMA.

N. da R. — A-pesar-de se encontrar nesta redacção desde Janeiro, não tinha ainda a falta de espaço permitido que publicassemos êste belo artigo do nosso ilustre colaborador, sr. dr. Jaime de Magalhães Lima. O interêsse que a sua leitura deve, porém, despertar e as gravuras que o ilustram, reproduzindo penteados antigos, dão-lhe certamente a maior oportunidade.

Colecção do pintor Vitorino Ribeiro

DESENHO DE DEVERIA — Litografia, 1830

AS OBRAS DE PAÇO DE SOUSA

Prosseguem com notável diligência os trabalhos de restauração desta igreja, motivados pelo incêndio que em grande parte a destruiu.

Merece louvor a acção oficial, que sem delongas, e contra os nossos hábitos burocráticos, promoveu o início das obras. Nisso se empenhou o ilustre ministro da instrução, Dr. Alfredo de Magalhães, desvelado protector das nossas jóias artísticas, facultando os meios necessários, pelo que se torna digno dos maiores aplausos.

Sob a direcção superior do preclaro arquitecto Baltasar de Castro, chefe da secção dos Monumentos Nacionais no Norte, Paço de Sousa renasce, depurada de alguns desconcertantes acrementos.

Uma recente visita deixou-nos uma agradável impressão. Procede-se com proficiência.

A vedação das naves activa-se para preservar o templo das intempéries; em breve readquirirá todo o seu carácter com a cobertura de barrotame à vista, feita de madeira de castanho, aplainada e envernizada à côr natural; nela se adoptarão os jugos de suporte de linhas, segundo os modelos existentes na antiga armação, até agora encoberta por abóbadas de pinho, com que nos fins do século passado, pretenciosamente revestiram os tectos. As partes altas das paredes e empênas postas por completo à vista darão maior realce à elevação das naves.

Cliché foto. do Dr. Pedro Vitorino

IGREJA DE PAÇO DE SOUSA — Aspecto do interior, em obras

No transcurso das obras foi posta a descoberto uma porta voltada ao meio dia, que a reforma seiscentista do mosteiro, por motivo do claustro, emparedara. Austera nas suas arquivoltas massiças de aresta viva, ostenta capitéis de ornamentação flórica combinada com laçarias e fustes cilíndricos e prismáticos, alternando. Por efeito da salitragem os lavores dum dos grupos de capitéis, estão obliterados. Depois de apeada tôda a parede parasitária que a encobre, a ala sul da igreja evidenciará o antigo paramento assilharado com o remate respectivo, agora inteiramente deturpado pelas arquivoltas dos modilhões terem sido deslocadas e invertidas para uma utilitária caleira. Sôbre a porta, uma janelinha de colunas tambem regressará às suas primitivas funções.

A par das obras de saneamento arquitectónico do monumento, vai proceder-se com brevidade à reconstituição do túmulo de Egas Monís, que ficará colocado na capela absidal do evangelho, para êsse fim já liberta, mas infelizmente mutilada nas suas principais decorações. É um

Cliché fotográfico de Marques Abreu

IGREJA DE PAÇO DE SOUSA — Conspecto das naves tomado da abside do evangelho

duplo serviço prestado, à memoria de um leal português que guiou os passos do nosso primeiro rei e à arte nacional, colocando em carinhoso destaque um dos documentos escultóricos mais típicos dêsses tempos heróicos em que homens de viva fé e hercúleo braço souberam constituir uma nação independente.

P. V.

VARANDA DE PILATOS

Ao contrário do que é uso pensar-se e dizer-se, em voz alta, sem pejo nem cuidado, ainda mesmo quando nos escutam ouvidos alheios, eu julgo que longe de atravessarmos um período de intensa decadência, vivemos um momento de incerto renascimento, neurastenisado por falta de largas iniciativas e realizações que coordenem vontades, agreguem energias e capitais, e chamem aos seus logares os valores até hoje dispersos e deslocados — por falta de meio em que atuem e de possibilidades em que se realizem.

É velho defeito nosso reconhecer erros sem apontar correctivos, ou, quando êstes aparecem, veem por tal forma dependentes de condicionais, que logo se estiolam num emmaranhado de dúvidas e hesitações. Ora é justamente êste o nosso maior mal, que nos vai prejudicando dia a dia, em *tempo,* «deixando para amanhã o que se pode fazer hoje», e em *dinheiro,* começando para não acabar, e recomeçar de novo, anos depois, o que já fôra principiado e se deixou perder.

E se, como até agora, continuarmos a afirmar, e a diagnosticar sábia e pomposamente as doenças reais ou imaginárias de que enfermamos, confiados e desejosos do dia milagroso em que *todos* façamos o milagre de termos uma só vontade e pensarmos por uma só cabeça, tarde ou nunca essa cura virá. Mas se resolutamente a *élite* dirigente, encarnada e representada neste momento pelo exército, entrar pelo caminho das largas realizações práticas, dando começo a trabalhos de fomento, de há muito apregoados nas gazetas diárias e à mesa dos «cafés», então será fácil encontrar de novo aquela sã energia que um fim de século estúpido, de pessimismos tolos, enfraqueceu e neurastenisou.

Meu Avô, homem de reto pensar e forte arcaboiço físico e moral, atormentou os melhores dias da sua vida receoso de uma trágica banca-rôta que, Deus louvado, ainda não veio. Foi, como

Cliché foto. do arquitecto Baltasar de Castro

IGREJA DE PAÇO DE SOUSA — Vista da porta da nave sul, já em parte libertada, e túmulo de Egas Moniz

muitos mais, vítima da descrença de uma época em que Portugal, esquecido de si, olhava com o mesmo respeito e temor o senhor Conselheiro Fontes e as libras de cavalinho da Rainha Vitória.

O Portugal sonolento, que passeava o seu domingo no Passeio Público e exaltava o seu patriotismo em família, com chá e torradas, lendo o *D. Jayme* de Tomaz Ribeiro, em voz alta, nas «partidas» pacatas do lôto ou da bisca lambida.

Hoje outras são as gentes, ainda que mais irrequietas e bulhentas, mas possuídas também de uma nova esperança e tocadas de um maior orgulho — orgulho que repudiou já a velha e tôla designação de «Portugal, país pequeno», substituindo-a por esta outra, mais sábia e verdadeira: «Portugal, Império Luzíada».

E porque assim é, e assim tem que ser, a esta geração pertence pôr de parte, com falsas ideias e falsas palavras, quiméricos receios e estagnantes dúvidas, e caminhar resolutamente para a frente, semeando oiro para oiro colhêr.

O «progresso», palavra mágica do «Fontismo» representado pelos «Caminhos de Ferro», trouxe a Portugal ordem nas ruas e sossêgo nos espíritos, depois de um período agitado de lutas políticas.

Quem não tem que fazer, inveja, berra e discute, e porque não pode impor-se pelo esfôrço próprio não respeita o esfôrço alheio, tudo malsinando.

O trabalho distrai e enobrece, e o tempo que sobra, findo êle, é para repousar e dormir. Não dá para asneiras.

E assim eu confio que o empréstimo externo em que tanto se fala e vem sendo dado como coisa certa e segura, aplicado a grandes obras de fomento — albufeiras, estradas, quedas d'água, portos, etc. — terá dupla vantagem e duplo fim; — resolverá para já o problema económico-financeiro e o da ordem pública, que o problema político êsse... ficará para mais tarde, para os políticos, entendendo por *políticos* os «homens bons» que fazem da *política* a sciência e arte de bem governar.

Manuel de Figueiredo.

MODALIDADES AGRÁRIAS

É CONDIÇÃO natural, dada ao homem pela imperiosa e fundamental Lei do Destino, *explorar a terra com o suor do seu rosto.* Á terra estão intimamente ligadas as soluções dos mais graves e importantes problemas políticos e sociais. Desde a tirania de Lycurgo, estabelecida pelo orgulho, pela preguiça e pelo furor guerreiro, que dera aos Ilotas o duro encargo de agricultarem o solo, até ao presente, através de tôdas as utopias e de tantas declamações ardentes, vingam ainda e subsistem, a propriedade individual, a família e a herança, onde a propriedade agrícola tem constituido o factor dominante em tôdas as formas, ou planos de organização social.

*

A luz da civilização, na sua progressiva intensidade, foi, sucessivamente, promovendo a transformação agrária no Mundo mais culto, firmando-se a sua eficaz acção, em leis defensoras do trabalho livre, do direito de propriedade e promotoras da instrução profissional, chave indispensável para abrir completamente o campo da prosperidade e grandeza dos povos que querem trabalhar e produzir. A enxada primitiva, cedera o seu esgotante esfôrço ao arado de cunha, de que as pirámides egípcias conservam, em nítida gravura, uma remota recordação. E, num nível ascendente de progresso contínuo, caminhou-se até à actualidade, onde os mais salientes e interessantes progressos se exibem, na maneira de explorar a terra.

São, sob todos os aspectos, dignos da mais profunda admiração, os trabalhos que, em tal sentido, se teem realizado, principalmente, na Espanha, na Itália, na Alemanha e na França. É impressionante, como circunstância tão notável como estranha, que, nas mesmas condições de solo e clima, não há muito tempo ainda, em igual atraso de exploração agrícola, tão divergente seja hoje a situação económica da agricultura dêstes dois países que se chamam Portugal e Espanha. Emquanto, na terra vizinha, se tem pôsto em acção produtiva as práticas duma exploração rural, orientada por uma assistência técnica scientificamente preparada, temos nós perdido um precioso tempo, entregues a nebulosas fantasias, lançando apenas um olhar compadecido e de excepcional favor sôbre essa primeira e inesgotável fonte de riqueza nacional. Parece que a linha divisória dêstes dois países se transforma repentinamente em muralha da China, sempre que por ela pretenda passar o exemplo das aplicações produtivas que, em bem pouco tempo, tem conduzido a agricultura espanhola ao elevado grau de prosperidade em que ela presentemente caminha. E é assim que foi conseguido o logar de destaque que ela actualmente ocupa, numa exibição de perfectibilidade,

Cliché foto. do arquitecto Baltasar de Castro

IGREJA DE PAÇO DE SOUSA — Porta voltada ao sul, ultimamente descoberta

donde dimana a riqueza e prosperidade que a Espanha na hora presente gosa e disfruta.

¡E que dizer de essa volumosa onda de progresso que na Itália, na Alemanha e na França, principalmente, tem conseguido maravilhosos sucessos na economia de trabalho e aumento das suas produções agrícolas!

Cliché foto. do arquitecto Baltasar de Castro

IGREJA DE PAÇO DE SOUSA — Vista do transepto sul e nave principal

São êsses os melhores exemplos que devemos seguir, abandonando, de uma vez para sempre, a nossa tão antiga como improdutiva preocupação, de vermos e atacarmos apenas os efeitos nocivos, sem que investiguemos as suas causas, adoptando então os meios próprios e necessários para os contrariar e destruir.

*

Esta é a indiscutível doutrina que gera o sucessivo alevantamento das condições económico-sociais, em que se devem mostrar as sociedades que compreendem e adoptam o melhor e único sistema de organização, que consiste na completa submissão às leis, fundamentais e supremas, que movimentam todo o progresso, na instrução e aplicacão útil das faculdades produtivas do homem.

Esta é a orientação que nos levará a tornarmos *essencialmente agrícola,* um país, como o nosso, que existe apenas nas condições de ser *necessáriamente agrícola.*

Palma de Vilhena.

VAZ PASSOS

Faz agora cinco anos que êle morreu. Tempo sobejo para que as larvas tumulares hajam consumido o seu corpo enfermiço, mas não bastante para que o seu vigoroso e belo espírito se apagasse e a lembrança saüdosa do que êle foi se delisse da nossa memória. Porque o seu espírito sobrevive às injúrias do tempo nos lindos livros que nos deixou, e a sua lembrança cada vez mais cara é ao coração de quantos o estimaram e apreciaram.

Pertencemos ao grupo dos seus devotos, àqueles que assìduamente o escutam na voz inextinguível dos seus versos, tam cheios de graça e de paixão, àqueles que guardam como relíquias inapreciáveis, no escrínio das suas jóias mais dilectas, os documentos dessa alma peregrina e inolvidável.

Por isso, fomos hoje de novo folhear as suas obras, desta feita com a sofreguidão do avarento que recupera um tesouro que considerava perdido; de novo fomos percorrer as suas cartas, que há três anos se conservavam longe de nós, numa incerteza do seu destino que positivamente nos torturava. E, como sempre, gratíssima leitura foi essa!

Os versos compilados nos volumes *Névoas* (1908), *Estrêla cadente* (1910), *Vitória suprema* (1911), *Terra fecunda* (1914), *Caminho do mar* e *Cântico à Pátria* (1917) e, sobretudo, no *Cancioneiro da Primavera* (1919), que constitui o seu testamento literário, mostram-nos que o que caracteriza a modalidade estética dêste poeta é a abundância de côr. Vaz Passos era uma alma de colorista.

Inspirando-se na terra, emocionando-se ante as palpitações da terra, esta maravilhosa terra que êle admirava e *sentia,* penetrando na essência das coisas e dos sêres, embebendo-se no encanto rural das nossas paisagens, o gentilíssimo lírico era um admirável pintor, que à justa correspondera à exortação do artista do *Só,* tam diferente, todavia, nas suas tendências pessimistas, dêste panteísta que mandava calar a «nénia merencória» dos moços poetas seus concidadãos e aconselhava o nosso povo a «não crer na desventura e erguer a fronte à luz dos sóis» e que só teve com Nobre a semelhança do talento e do infortúnio, epilogado em ambos pela impiedosa tuberculose — que o veio a prostrar na tarde de 8 de Julho de 1922.

No acervo de brochuras de versos apenumbrados de desespêro que intumesce a torrente caudal da nossa publicística, a obra de Vaz Passos destaca-se talqualmente como as alacreantes papoilas rubras no macio tapete dos vergéis minhotos. . .

Afora os livros acima citados, o desditoso rapaz imprimiu uma conferência, *O culto da Humanidade numa religião nova* (1912) e a peça, em um acto, *Além do amor. . .* (1918).

De um belo arranjo scénico, em diálogo fácil e gracioso, onde ressaltam fugaces manchas de sentimento, a preparar os efeitos que a lógica propicía, a idéa fundamental do sainete de Vaz Passos está assim expressa:

«**Manuel,** *tocando afàvelmente no ombro do camarada.* — Além do amor. . .

«**Luis,** *sorrindo.* — Naturalmente, é necessário garantir a vida material, quer pelo trabalho profícuo ou, porque não dizê-lo? pelos meios de fortuna. O amor é a labareda, a

fôrça propulsora; mas o ouro é a mola real. E isto não é mero pessimismo; é a compreensão das responsabilidades *(Indo pela porta da E. a buscar o chapéu).* Sem confôrto, repito-o, não pode haver felicidade no lar. A fome é inimiga da virtude.»

Na conferência, faz propaganda da religião *Oryam*, propondo o estabelecimento da Festa do Homem, em preito à Vida, à Ansiedade, à Dor e ao Amor. São trinta e seis páginas de um visionário que, na sua sêde de justiça e de liberdade, esculpe sublimes quimeras e crê em um mundo novo... Seria a realização do pensamento de Tolstoï: — «A verdadeira religião será aquela cujas essenciais bases concordem com as bases essenciais de tôdas as outras grandes religiões.»

Também lhe pertencem as colectâneas *Poetas Portuenses* (1919-920) e *Lira Feminina* (1920-921), publicadas no *Jornal de Notícias*, no qual ocupou, durante alguns anos, o ponderoso cargo de Chefe da Redacção.

VAZ PASSOS

Na primeira enfeixou cem excertos de outros tantos *tripeiros*, lembrando assim «a par de poetas de glória perene, os esquecidos e os humildes». Êste intuito de Vaz Passos foi completado por João Paulo Freire, no seu livro de igual título (1924), homenagem à memória do paciente colector, pois que aos trechos poéticos juntou o nosso talentoso colega as notas bio-bibliográficas que lhe foi possível reunir e que são, em verdade, interessantes (1).

Na segunda daquelas antologias seleccionou Vaz Passos sessenta sonetos de senhoras portuguesas e brasileiras, apresentando-as como «as poetisas do Amor e da Natureza».

Deixou prontos o livro em prosa *A Cidade Invicta*, em que reuniu quarenta e duas das suas crónicas, fixando «episódios e costumes, maravilhas e ridículos, figuras e factos respeitantes à capital do Norte» e a peça, em um acto, *A partida*.

Dirigiu o *Almanaque do Jornal de Notícias*, pelo menos os volumes de 1919 e 1920, que são curiosíssimos, e colaborou noutros, como o da *Educação Nacional*, por exemplo.

O seu trabalho de jornalista é copioso e de valia. Fêz parte das redacções de *O Pôrto, A Fôlha Nova, A Tarde, A Montanha, A Lanterna, Jornal de Notícias*, que dirigiu numa época difícil, *Voz Pública* e *A Cidade*, todos da Invicta e colaborou em muitos outros jornais e várias revistas literárias.

Era correspondente do *Jornal do Comércio e das Colónias* e da *Pátria*, de Lisboa.

Vida canseirosa e útil a dêste malogrado camarada, que não sabia perder tempo, exactamente como aquele Plínio que lhe forneceu o seu pseudónimo predilecto. Vida de uma pulcritude singular, sob todos os aspectos — e que êle, decerto, continua lá na infinita primavera celeste, onde os poetas pastoris tangem estrêlas e tecem diademas de versos etéreos para os Anjos, seus pares...

Julho — 1927.

JÚLIO DE LEMOS.

(1) Nesta obra, queixa-se Paulo Freire de lhe ter sido impossível obter elementos para uma biografia do «grande jornalista» e «altíssimo poeta». Vamos oferecer-lhe os que pudemos colher nos registos do Instituto Histórico do Minho.

Vaz Passos nasceu no Pôrto, em 11 de Março de 1889. Aos 13 anos incompletos, com o exame de instrução primária, abalou para o Brasil, onde tinha parentes. Ao cabo de algum tempo, regressou à Pátria, pobre como fôra. Matriculou-se no Liceu, tirando vários preparatórios. Foi nessa época um dos promotores dos festejos comemorativos do centenário de Herculano. Aos 22 anos, entrou para o jornalismo, devotando-se-lhe como profissional. Desde os 14 anos que nêle escrevia.

Pertencia ao Instituto Histórico do Minho, onde entrou pela porta de um concurso difícil, com o poemeto *Caminho do mar*, e à Academia de Sciências de Portugal. Foi vice-presidente da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras, do Pôrto.

O elogio académico de Vaz Passos foi proferido naquêle Instituto, em sessão solene de 27 de Julho de 1924, pelo também já extinto poeta Dr. Sebastião de Carvalho.

OS MELHORAMENTOS DO GEREZ

O GEREZ é uma terra que se desenvolve e transforma de ano para ano. Lugar privilegiado pela natureza, que o dotou com uma das maiores riquezas de Portugal, — as suas maravilhosas águas —, mas duma rusticidade primitiva, a mão do homem tem-no sucessivamente alindado, erguendo edifícios espaçosos e elegantes, abrindo arruamentos, jardins e parques, povoando duma densa floresta o duplo dorso da serra em cujo estreito vale assenta, e que há duas dúzias de anos ainda se conservava má e bravia. O esfôrço heróico do braço humano, guiado por inteligências lúcidas, vontades firmes e dedicações sinceras, entre que se destaca o nome ilustre do engenheiro-agrónomo, snr. Tude M. de Sousa, fêz do antigo deserto uma região paradisíaca. É um oásis de prodígio surgido na asperidão da montanha gigantesca.

A *Ilustração Moderna* publicou já alguns aspectos da paisagem gereziana, e dos seus encantos falou também pela pena brilhante do ilustre ministro da Instrução e Professor erudito, snr. dr. Alfredo de Magalhães. Não queremos, pois, repetir, aliás em prosa descolorida, o que descrito foi com brilho e justeza.

Mas os melhoramentos posteriormente realizados, e os que estão em projecto, são tam importantes que justificam da nossa parte nova referência à que é hoje uma das mais belas estâncias termais do país. A elegante colunata lançada em seguimento ao edifício termal, a que se sobrepõe um largo e extenso terraço, o jardim fronteiro delineado e em comêço, o arrazamento de velhos prédios inestéticos, a remodelação da antiga capela — são obras, umas concluidas outras iniciadas, que vão embelezar extraordinàriamente aquela estância, limpando-a da única mancha que lhe desfigurava a fisionomia airosa. De todos os outros melhoramentos projectados — hospital, edifício escolar, bairro operário já em construção — o mais grandioso e imponente deve ser o Casino, a erguer no terreno que se estende por cima da colunata, obra do ilustre arquitecto, snr. Raul Lino, na base da serra. Publicamos hoje o projecto dêsse magestoso edifício, feito, como outros em realização no Gerez, pelo distinto artista snr. José Vilaça. Não lhe podemos chamar, infelizmente, arquitecto, porque lhe falta o diploma oficial. Mas poucos arquitectos portugueses se poderão orgulhar duma obra tam vasta, variada e brilhante. Quási todos os leitores desta revista o devem conhecer já pelos seus trabalhos primorosos da *Catedral de Santa Maria de Braga, Igrejas e capelas Românicas da Ribeira Lima* e outras edições da nossa casa, enriquecidas e realçadas pela

O C. Z. H. U. DO GEREZ

colaboração valiosíssima de José Vilaça. É um elemento de destaque e de grande merecimento em nosso escasso meio artístico, sendo o seu maior elogio dizer que se fêz à custa do seu esfôrço pessoal, da sua tenacidade, do seu desejo ardente de vencer, através de tôdas as contrariedades, e até das mais rudes provações.

É por isso que a sua contribuição para os melhoramentos do Gerez fica bem ao lado da iniciativa ardorosa e inquebrantável dos amigos das termas, aos quais se devem as transformações realizadas e a realizar, destacando-se entre êles o C. Z. H. U., grupo simpático e prestante, de que é presidente o nosso distinto amigo, snr. Honório de Lima.

Referindo-nos ao Gerez novamente, é nosso único intuito apontar um nobre exemplo de iniciativa particular, para que seja imitado por todos que amam a sua terra e a desejam manter independente, engrandecida e próspera.

PROJECTO DA NOVA CAPELA DO GEREZ, POR J. DA C. VILAÇA

O FUTURO CASINO DO GEREZ — Planta do andar nobre (Projecto de J. da C. Vilaça)

O FUTURO CASINO DO GEREZ — Conjunto geral das fachadas principais (Projecto de J. da C. Vilaça)

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL E FEIRA DE MACAU

COMO TRABALHAM LÁ FORA OS PORTUGUESES

TER uma atmosfera límpida, céu azul, horizontes dilatados, paisagens deliciosas de variedade e de côr não é talvez um dos melhores incentivos para que as energias do homem se despertem, e a sua actividade se torne produtiva. Pelo menos assim acontece com os portugueses, que vivem neste «jardim da Europa à beira-mar plantado».

Salvo honrosas excepções, raras vezes se encontram entre nós homens de verdadeira iniciativa, de sólida intensidade no trabalho, enérgicos e decididos, capazes de grandes emprêsas e cometimentos. Temos, sem dúvida, quem formule projectos arrojados, mas escasseiam qualidades de realização. Parece que nos rodeia uma atmosfera emoliente, que entorpece os músculos e atrofia a vontade.

É preciso que saia fora da sua pátria, ou da metrópole, que atravesse os mares, e respire ares diferentes, e veja estranhas gentes, e sinta o espinho da saüdade a pungir-lhe o peito, para que no português se manifestem as qualidades, inatas mas adormecidas, de persistência e tenacidade, nos domínios da acção.

Muitos exemplos comprovam esta verdade, e pena é que êles se não divulguem entre nós, para que chegassem ao conhecimento de todos e servissem de estímulo aos fracos e ineptos, que nem sabem fruir as extraordinárias riquezas da opulenta e fértil terra que possuem.

Um dêsses belos exemplos fornece-o a realização da Exposição Industrial e Feira de Macau, em Novembro do ano findo. Ninguém, ou quási ninguém, em nosso país, teve conhecimento dêsse admirável certâme, resultante do esfôrço hercúleo de alguns portugueses, que se encontram naquela nossa remota possessão ultramarina, a única, pelos vistos, que não tem dado prejuízo ao Estado, e que, ao contrário, do Estado é credora.

Foi preparada com uma antecedência de alguns meses, por meio duma larga e bem organizada propaganda, a qual nos surpreende pela forma como, no extremo do oriente, e em terra nossa, é compreendida já a publicidade moderna nos seus principais meios de eficiência: cartazes, prospectos, etiquetas para correspondência, artigos nos jornais, um guia de Macau, catálogos da exposição, etc.

O local escolhido foi a esplanada de Mong-Há, ocupando a feira uma área de oito hectares de terreno, onde se construiram sessenta pavilhões, na maior parte de estilo oriental, mas vendo-se também alguns de características portuguesas, inglesas e holandesas, não esquecendo a velha casa portuguesa, que serviu de modêlo ao pavilhão da Livraria «Portugália», de Macau.

Recorreu-se a todo o género de atractivos: o teatro, o cinematógrafo, os jogos desportivos, um lago dentro do recinto da exposição com uma margem de mais de quinhentos metros, prèviamente arrelvado, onde havia oito lindos barcos de recreio, e ainda a roda eléctrica, o carrocel, o lôto, rifas, roletas de recreio com prémios, barracas de prestidigitação, tiro ao alvo, tômbola e muitos outros divertimentos.

A afluência de expositores foi grande, salientando-se os produtos locais, alguns dos quais mencionamos, para que se ajuize melhor do valor industrial da colónia: águas gasosas, achares, géneros alimentícios, algodão, anzeis, azeite de amendoim e de ostra, artigos de bambú e rota, cal, chá, tabacos, conservas de fruta, cortumes, drogas, estatuetas gentílicas, tecidos, ferragens, fósforos, joalharia, molduras, obras em papel, panchões, peixe salgado, pivetes, sabão, tijolos e ladrilhos, velas de sebo, vinhos chineses, vidraria, e artigos de carpintaria, alfaiataria, pintura, tanoaria, padaria, etc. Muitos dêstes produtos, como se vê, não são conhecidos entre nós. Passou de seiscentos o número de expositores. Mas alguns dêles, os que tinham pavilhões próprios, em número de quarenta, apresentaram também vinhos nacionais e estrangeiros, livros e objectos de escritório, artes gráficas e encadernação, artefactos de malha, cimento e tijolos, artigos de charão, cobre e ourivesaria, antiguidades, lanifícios, sêdas, marfins, pastelaria e outros da mais variada origem.

Aos expositores foram dadas as maiores facilidades e conferidos numerosos diplomas. Durante os dias da exposição, registou-se um número de 289:536 entradas, sendo o número de forasteiros, que foram a Macau, superior a 90:000 pessoas. As informações, que gentilmente nos foram fornecidas, afirmam que fica-

Cliché foto. de A. Almeida

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL E FEIRA DE MACAU
Pavilhão chinês, da casa Merchants Tobacco (Premiado com medalha de prata)

Cliché fotográfico de A. Almeida

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL E FEIRA DE MACAU

Á esquerda: Pavilhão da Livraria «Portugália»; à direita: The Goat and Compasses (Premiados com medalhas de prata)

ram bem compensados os sacrifícios pecuniários feitos pelo govêrno da colónia.

Não podemos concluir êste relato, — um pouco longo por causa da sua importância, para que fique registado numa revista portuguesa aquele esfôrço titânico, — sem mencionar os nomes dos nossos ilustres patrícios e naturais de Macau que formavam a comissão organizadora, a qual era constituida, além do governador, seu presidente honorário, pelos snrs.: engenheiro João Carlos Alves, director das obras dos portos; Manuel Monteiro Lopes, gerente do Banco Ultramarino; comendador Lu-Lim-Lêc; João Gregório Fernandes, capitão de fragata; Vítor de Lacerda, major reformado; José Maria Lopes, capitão-tenente; Henrique Nolasco da Silva, advogado; Frederick Johnson Gellien, gerente da Macao Electric Lighting C.º L.dt; Feng-Tsêc-Lam, capitalista; José Vicente Jorge, chefe da Repartição do Expediente Sínico, aposentado; António Maria da Silva, sub-chefe da Repartição do Expediente Sínico; Artur António Tristão Borges, escrivão da Capitania dos Portos; Padre Manuel José Pita, missionário; Hü-Cheeng, capitalista; Afonso da Veiga Cardoso, administrador do concelho; Gaudêncio da Conceição, comandante do Corpo de Salvação Pública, e João Barbosa Pires, chefe da Propaganda do Pôrto.

Costumamos recordar-nos de Macau apenas quando ouvimos falar na gruta de Camões.

Como se vê, alguma coisa por lá existe, contudo, modernamente, bem digno da nossa consideração e que merece especial registo.

Cliché fotográfico de A. Almeida

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL E FEIRA DE MACAU — LAGO DA EXPOSIÇÃO

PORTALEGRE — Exposição de trabalhos dos alunos da Escola «Fradesso da Silveira»

ENSINO INDUSTRIAL

Portugal é um País essencialmente agrícola. Todos o afirmam e todos o sabem, tornando-se a frase trivial, à fôrça de repetida. País agrícola e ao mesmo tempo industrial, asseveram outros, que vivem no mundo das possibilidades e das hipóteses.

De facto, Portugal pode ser um país de intensa agricultura, bastando-se a si-próprio, e ao mesmo tempo está em condições de possuir uma indústria relativamente próspera. A solução do problema, sob o seu duplo aspecto, está em criar e desenvolver o ensino especializado, adaptando-se às necessidades das diferentes regiões e aproveitando-se também os seus recursos naturais.

A falta de escolas próprias, a carência de material adequado, a ausência de estímulo, por parte do Estado, aos educadores mais abnegados e patriotas, a não criação de recompensas para premiar o esfôrço dos alunos mais aptos e aplicados, a propria dificuldade de encontrar garantias seguras de vida quando se chega ao termo dos estudos,—eis alguns dos perniciosos factores que justificam o deploravel atraso da nossa agricultura e da nossa indústria, pelo menos, que seria possível explorar com vantagem.

PORTALEGRE — Locomóvel fabricada pelos alunos da Escola «Fradesso da Silveira»

Circunscritos na atmosfera abafadiça e empèstada de Lisboa, onde quási tôdas as energias estiolam, e o mór número de consciências degenera, e a visão dos acontecimentos se ofusca, e a apreciação dos factos se desnorteia, raras vezes espraiando a vista pelas províncias, que trabalham e se sacrificam, e por onde apenas aparecem à procura de manifestações apoteóticas, os nossos homens públicos ignoram ou esquecem fàcilmente o que sente, pensa e produz essa grande massa de povo cuja mentalidade o delírio revolucionário e a vesania política ainda não desvairaram.

É por isso que a *Ilustração Moderna*

arquiva hoje, com prazer, algumas manifestações de trabalho regional, sem dúvida favorecido pelo Estado, mas que se tornou útil e meritório à custa de dedicações pessoais. Referimo-nos à Escola Industrial «Fradesso da Silveira», de Portalegre, onde acaba de realizar-se uma importante exposição de trabalhos.

As fotografias, que reproduzimos, dão uma ideia apagada do valor dêsses trabalhos, que não só demonstram a aplicação dos alunos das oficinas de carpintaria, marcenaria, serralharia, desenho e lavores, mas ainda o enérgico esfôrço empregado pelo corpo docente e pelo ilustre director da Escola, sr. Abel Santos.

Trabalhar assim, com tam escassa ajuda oficial, é compreender e desempenhar a nobre missão patriótica de todos que sabem ser portugueses e à grandeza e prosperidade da Pátria sacrificam o vigor do seu braço e o potencial do seu cérebro.

Prestar homenagem, como fazemos, a esta admirável casta de trabalhadores é suprir, embora modestamente, o galardão que deveria ser dado pelo Estado, mais pródigo em pagar os seus servidores com ingratidões que com recompensas.

CALDAS DA RAINHA

UMA TERRA QUE TRABALHA

O incremento regionalista, que se observa nas povoações principais das províncias portuguesas, vai ser o início e a base do tão desejado renascimento nacional. Salvar e conservar o que é antigo, aproveitar o exemplo dos nossos maiores, e contribuir, portanto, para que se mantenha e se torne produtivo o património que nos legaram, em bens e valores, é pôr em prática êsse

> . . . amor da Pátria, não movido
> De premio vil, mas alto, e quasi eterno,

de que nos fala o Épico, visto que o verdadeiro prémio do nosso esfôrço nos será dado apenas pela gratidão e pelo reconhecimento dos vindouros.

E são admiráveis já os frutos que a iniciativa particular vai colhendo, de terra em terra, por êsse país fora. Caldas da Rainha, a encantadora vila que o nome de Bordalo ainda perlustra, e por onde avoejam memórias queridas da virtuosa e benemérita rainha D. Leonor, dá-nos agora um exemplo típico do que vale a paixão pela terra ao serviço dessa causa alta, e quási eterna, que é o amor da Pátria.

A quinta Exposição regionalista daquela vila, que está decorrendo na segunda quinzena dêste mês, teve uma preparação que excedeu tudo que até hoje entre nós se tem feito em propaganda de tal género. Foram empregados os melho-

CALDAS DA RAINHA — PAVILHÕES DO PARQUE

CALDAS DA RAINHA — Um aspecto do pitoresco parque das faianças

Na parte industrial, salientam-se os tapetes de Arraiolos e da Ponte da Pedra, material de incêndios, eléctrico e agrícola, vidros e cristais, conservas, louças de Bordalo, porcelanas da Vista Alegre e Sacavém, mosaicos, azulejos, rendas de Peniche, salsicharias, licores, automóveis, etc.

As festas que acompanham a exposição devem ser brilhantíssimas, muito concorrendo, sem dúvida, para a afluência de forasteiros, cujo número, já nos anteriores certames, se costumava elevar a mais de 30:000. Durante a tradicional festa de Santo Isidro, Lavrador, será vendida uma medalha comemorativa, cujo produto se destina a construir um monumento à rainha D. Leonor.

São também muitos os divertimentos que figuram no programa, e devem constituir um dos mais poderosos atrativos. Mas não podemos entrar em mais pormenorizações, mesmo porque poderiam ter perdido oportunidade à data da publicação desta revista.

Queremos apenas salientar o esfôrço prodigioso que êste certame representa, realizado pela gente moça das Caldas da Rainha, que constitui a Câmara Municipal, a Comissão de Iniciativa e a Comissão organizadora da Exposição, e a cuja tenacidade e persistência se devem os grandes melhoramentos e obras de valor que ultimamente se levaram aefeito naquela vila.

E não poderemos esquecer, visto falarmos dessa encantadora nesga de terra portuguesa, que a pena brilhante de Ramalho Ortigão tão admiràvelmente descreveu, esquecer dois nomes ilustres aos quais as Caldas da Rainha devem relevantes serviços: Rafael Bordalo Pinheiro, de quem a *Ilustração Moderna* já se ocupou, reproduzindo hoje duas das suas esculturas, que representam a vida de Cristo; e o grande pintor e mestre Malhôa. E aproveitamos o ensejo para informar os nossos leitores de que noutra oportunidade reproduziremos parte da obra dêste notável artista português.

Oxalá que êste exemplo das Caldas da Rainha frutifique. Se tôdas as terras do país assim trabalhassem, Portugal seria uma nação rica e respeitada, porque é pelo trabalho que os povos prosperam e se dignificam.

res meios publicitários, desde os programas e cartazes à divulgação em jornais, em revistas, e até em volume, merecendo especial menção o livrinho que tem por título *Caldas da Rainha — Rainha das Termas de Portugal,* belamente editado e enriquecido com numerosas gravuras e uma cuidada parte descritiva. Mas a comissão organizadora não se contentou com a chamada propaganda geral. Fêz também propaganda directa por todo o país, desde o Sul ao Norte, vindo delegados especiais ao Pôrto, a Braga, a Guimarães, a Gaia, a Matosinhos e a outras povoações, a fim de conquistarem adesões para o grandioso certame por meio de palestras e conferências.

Não nos é possível esmiuçar o programa da exposição, aliás já conhecido do público. Mas, para que se ajuíze da sua importância, basta dizer que os expositores são mais de 600, idos de todos os pontos do país, desde o Minho ao Algarve.

CALDAS DA RAINHA — Trabalho de Rafael Bordalo Pinheiro, destinado às Capelas do Bussaco

CALDAS DA RAINHA — Trabalho de Rafael Bordalo Pinheiro, destinado às Capelas do Bussaco

A TRICANA DE AVEIRO HÁ 75 ANOS

A tricana de Aveiro que teve há dias, na Curia, uma verdadeira apoteose com a eleição da sua congénere Isabel Gomes Teixeira de Barros, como rainha das rainhas escolhidas por muitos dos concelhos dos distritos de Coimbra, Aveiro e Viseu, foi há 75 anos descrita por um publicista distintíssimo, o dr. Tomás de Carvalho, num folhetim, escrito em casa do seu velho amigo Manoel José Mendes Leite, uma das mais lídimas glórias de Aveiro, que, como voluntário académico, tomou parte nas campanhas da liberdade de 1828 a 1834, que o teve por seu hóspede no outono de 1852, publicado no número 58 do *Campeão do Vouga*, de 31 de Outubro dêsse ano, jornal fundado meses antes por José Luciano de Castro e Manoel Firmino de Almeida Maia. São dêsse folhetim, que se intitulava *Aveiro no Circo*, êstes belos trechos:

CALDAS DA RAINHA — TORRE DA IGREJA MATRIZ

«Aveiro é Paris descalço. Assim o disse pessoa de agudo e profundo engenho.

. . . .

«Assente na foz do Vouga, que lhe vem beijar as plantas com as suas ondas prateadas, com vista para o oceano, de que apenas a separa uma legoa de ria formosissima; cercada de aprazíveis quintas, e de sitios amenos e deleitaveis em todas as estações do anno, Aveiro está destinado, se a barra se melhorar, se a via ferrea se fizer, a ser uma das cidades mais florescentes e crescidas da monarchia. Patria de homens notaveis, de pregadores insignes, de eximios oradores, de poetas afamados, de advogados ilustres, de medicos sapientissimos, os seus annaes regorgitam de factos memoraveis na historia de Portugal.

. . . .

«Mas não foram, nem as recordações historicas, nem os antigos monumentos, nem a barra do Oudinot, nem o *caes do desembargador*, que fizeram dar a Aveiro o nome de Paris descalço.

«Foi a tricana, esse typo immortal da belesa popular. Percorrei o reino inteiro, e não encontrareis formosuras como n'este pequeno canto de Portugal. Olhos vivos, alegres e travessos, dentes de uma alvura de jaspe, incomparaveis; feições regularissimas, o corpo estatuario.

«A tricana é positivamente um enxerto da Georgia ou da Circassia. Assim o afirmam pelo menos os que se dão a essa especie de espinhosas averiguações. Com um talento decidido para toda a casta de artes, em nenhuma parte ouvireis mais afinadas e sentidas cantigas populares, como em nenhuma vereis mais graciosas e requebradas danças. O *Ai Jesus* de uma originalidade incomparavel. Qual Ramilda, nem qual Cappam, nem qual Constansa, nem qual theatro de S. Carlos. Aconselhamos os janotas de Lisboa, que se desprendam d'esse habito grosseiro e absurdo de habitar sempre na capital, e façam uma volta pelas provincias até Aveiro, se querem regalar por uma vez os olhos e ouvidos. Deixem esses pasmatorios perpetuos do Marrare nojento, e do Passeio Publico, e venham aqui refocilar os seus instinctos artisticos.

«Uma tricana, com a sua saia de pano azul finissimo, com a sua capa gentil e graciosa, com o lenço de seda lavrado, a cobrir-lhe dos raios do sol as dinas ondas de seus abundantes cabellos, vale — a conta foi feita por bom entendedor — vinte das mais aperaltadas e dengosas janotas da capital. Agora acrescentae, que quanto d'uma vida dura e cortada de trabalho, o seu tracto é por extremo polido e delicado, as maneiras palacianas, o conversar finissimo e espirituoso. — *A tricana é o enlevo dos olhos.* — Isto vem da raça.

«Mas é preciso vel-as em dia de festa e domingo houve-a e grande e aparatosa. Senhoras e tricanas deram-se *rendez-vous* no circo equestre. Era ahi que o famoso *Lustre* devia atrahir a aristocracia burgueza e popular de Aveiro. Em cima o chapeu *Levaillant*, em baixo o lenço de seda airosamente lançado em volta do colo gracioso; nos camarotes o chaile de cachemira, no ampitheatro a capa tricanesca. Nas janellas o sapato de verniz, ou botinas de setim, no terreiro a sapata gentil e apertada, podendo conter apenas a extremidade de um pé o mais chinezmente formoso.»

Marques Gomes.

SUA MAJESTADE A RAINHA DA BELEZA

A SALINEIRA

Pobresinhas das damas da terra
Quando eu quero trajar de função!
Quando visto o meu fato de pano,
Tenho dó das senhoras então.
A tricana é o enlevo dos olhos
A tricana é que inspira paixão.
. . . .
. . . .

Aveiro, Maio de 1852.

BERNARDO DE MAGALHÃES.

(Do *Campeão do Vouga*).

DESDE muito novo sustentei sempre a doutrina de que é um crime de lesa-pátria alguém sair a viajar em países estranhos sem que, primeiramente, conheça as belezas indiscutíveis que se estadeiam por êsse país fora. E, fiel a essa sã doutrina, que ainda hoje sustento e defendo calorosamente, antes de sair pela primeira vez as fronteiras do nosso lindo Portugal, eu tinha corrido o meu país largamente.

Aconteceu, porém, que sendo as minhas melhores e maiores excursões as de entusiasta admirador de Nemrod, eu não conhecia Aveiro exactamente porque o próprio Nemrod aqui não tinha que fazer. . .

Ora nasceu dum facto real e verdadeiro o meu pasmo ao entrar a vez primeira, a 2 de junho findo, nesta linda, nesta adorável cidadezinha da minha província natal. Sendo vulgar ouvir hosanas à Veneza das lendas e às suas românticas e doiradas gôndolas com proa de cabeça de cisne, e doiraduras por tôda a parte, não atino o que poderemos dizer de Aveiro com a sua encantadora ria, com o sumptuoso estuário de S. Jacinto, com as suas margens verdejantes e ubérrimas e as suas matas frondosas. É claro que Aveiro não possui o palácio dos Doges, a Praça de S. Marcos, nem os notáveis monumentos históricos que engrandecem Veneza. Mas é muito susceptível de comportar palácios e praças. Bastaria transformar o Rossio, superfície sêxtupla da praça consagrada ao precursor e multiplicarem as construções no género da instalação da Capitania do Pôrto e teríamos uma Veneza mil vezes mais linda do que a dos Capuletos e Montecchios.

Cliché foto. de Manuel de Abreu

Isabel Gomes Teixeira de Barros, eleita rainha da beleza nas festas da Curia

Cliché foto. de Manuel de Abreu

Rainha da beleza depois de coroada

E em Amsterdam é melhor não falar, porque, para a comparação com a capital comercial holandesa, bastaria iluminar suficientemente os edifícios que marginam a ria, alindar alguns e desenvolver o comércio forçando assim a abertura de grandes armazens e estabelecimentos elegantes.

Depois, Aveiro possui ainda lindas mulheres, tipos encantadores de graça e sedução. E eu que sempre fui um devotado admirador das tricanas minhas patrícias, as dolentes tricanas do meu querido Mondego, as inesquecíveis tricanas companheiras inseparáveis dos estudantes, eu que por tôda a Europa pugnei sempre a grandesa e superioridade indiscutíveis das minhas patrícias sôbre quantas encantadoras mulheres, muito pintadinhas de pós de arroz e carmim, encontrei por êsse mundo de Cristo fora, eu tenho de confessar que a aveirense pode enfileirar com as habitantes da minha linda Coimbra, sem receio de desastre no concurso.

Na Curia consagrou-se uma festa com carácter regional, adrede organizada para eleger a rainha da beleza. O júri, para êsse fim nomeado, escolheu, e muito bem, Isabel Gomes Teixeira de Barros, coroada solenemente pelas mãos patrícias de artistas como Lucinda, Palmira Bastos e Leitão de Barros.

Tive ensejo de ver e falar à rainha em casa do meu santo amigo e ilustre arqueólogo, o académico snr. Marques Gomes, e que encanto de minutos! Buffon afirmava que o estilo é o

homem e não me resta dúvida que, parafraseando, a moral é a mulher.

Depois de uns cumprimentos banais de parabens, embevecido na formosa e cativante modéstia de Isabel de Barros, preguntei-lhe:

— Porque não concorreu a *miss Portugal*, no certamen americano? Dificilmente poderiam arrancar-lhe o primeiro logar!

E ela, baixando os seus formosíssimos olhos garços, deixando cair sôbre as pupilas scintilantes de graça o véu das suas pálpebras orladas de recurvas pestanas, balbuciou timidamente, como que a mêdo:

— Ó meu senhor, então eu havia de me mostrar em fato de banho diante daquela gente tôda?!

Estava definida a mulher, símbolo augusto da ternura e do amor. Era a mulher honesta de outros tempos, a espôsa casta, a donzela tímida e recatada tal qual há sessenta anos a conheci na minha adolescência. E tive ânsia de a levantar nos braços ainda robustos e gritar a essa degenerescência feminil que por aí estadeia as pernas e as formas numa provocação constante e permanente: Flecti os joelhos oh! donzelas dos tangos e *Fox-trots* e admirai essa linda rapariga, modesta, obscura, e que a multidão compacta que trasbordava na Curia, sagrou rainha da formosura!

E com uma tal rainha até o meu querido amigo pessoal, está entendido, o sr. Dr. José Lopes d'Oliveira, o mais assanhado jacobino que tenho conhecido, até êsse, com o seu cérebro de fôgo ao serviço duma alma de anjo, até êsse jacobino-mór, beijaria a mão duma rainha!!

Salvé Aveiro das formosas tricanas, avé! Isabel rainha da beleza a quem respeitoso beijo a mão.

PROF. CUNHA BELLEM.

N. da R. — Ao distinto fotógrafo amador Snr. Manuel de Abreu, de Aveiro, ilustre colaborador artístico da *Ilustração Moderna*, devemos a gentil oferta das primorosas fotografias da rainha da beleza, especialmente obtidas para a nossa revista.

Cliché foto. de Manuel de Abreu

Cliché foto. de Manuel de Abreu

A RAINHA DA BELEZA COM OS SEUS TRAJOS DE TRICANA (à esquerda, o trajo antigo; à direita, o trajo moderno)

ILUSTRAÇÃO MODERNA

PUBLICAÇÃO MENSAL — EDITOR-DIRECTOR — MARQUES ABREU

2.º ANO — PORTO — NOVEMBRO — 1927 — NÚMERO 17

IMPRENSA "MARQUES ABREU, LIMITADA„ — Avenida Rodrigues de Freitas, 310 — PORTO

MARQUES DE OLIVEIRA — ESTUDO PARA O QUADRO «CONSAGRAÇÃO DA HÓSTIA»

MARQUES DE OLIVEIRA

O mestre bem pessoal, que todo o Norte acatou com sentida veneração pelas suas excelsas qualidades artísticas e pedagógicas, desapareceu há pouco do scenário desta vida de inenarráveis lutas e de justiça tardia, em regra resultante antes do capricho irreflectido do que da razão calma e ponderada dos homens mais ou menos compenetrados do valor das capacidades em pleito.

Lembramo-nos, ao presente, do tempo — quarenta e quatro anos decorridos já — em que Êle, recem-chegado do estrangeiro, onde, como pensionista do Estado português, cumpriu exemplarmente a sua missão de estudo, em companhia do grande António Carvalho da Silva Pôrto, se tornou desde logo o ídolo duma brilhante pléiade de rapazes, alunos da antiga e fecunda Academia Portuense de Belas-Artes, pujantes talentos da categoria de José Júlio de Souza Pinto, de Henrique Pouzão, de Custódio da Rocha e de outros.

A fundação do Centro Artístico, onde o nosso homenageado juntamente com o insigne estatuário Soares dos Reis e Joaquim de Vasconcelos, o ilustre arqueólogo, êste, felizmente, vivo ainda, pontificavam, serviu como ponto inicial dum período de actividade considerável nesta terra de feitos gloriosos, de tôda a ordem. Então, aquilatavam-se os méritos pelas obras produzidas em fraternal e ardente convívio nesse modesto salão da rua dos Caldeireiros, em que o modêlo-vivo alvo fôra de pacientes estudos plásticos, preparatórios educativos para futuras obras-primas. Trabalhava-se e discutia-se aí livremente, acordando, no ânimo dos assíduos freqüentadores, faculdades e entusiasmos frutuosos. O que, infelizmente, hoje se passa numa atmosfera viciada de suspeições, de vigorosa e feroz maledicência, onde esvoaçam apenas afirmações gratuitas, sem fundo justificativo, contrasta com êsse passado de intensivos e virtuosos esforços e de assinaladas conquistas intelectuais, fugaz fenómeno, pelo visto, de que vemos agora só relíquias...

Tentar o renascimento dessa singular actividade, de resultados apreciáveis, bem verificados, no campo da Arte, é quási pretender o impossível, dadas as provas de falta de coesão dos espíritos da actualidade, muito à mercê da nevrose do ineditismo heteróclito que hoje avassala certos temperamentos doentios.

Foi Marques de Oliveira, também, um crítico autorizado, verdadeiro oráculo dos novos. Liberto do pecado da Inveja, grangeou, pela probidade dos seus juízos, a confiança de todos aqueles que lhe pediam conselhos e opiniões.

Não deixou Marques de Oliveira, segundo determinada crença, uma obra de fôlego; em compensação, porém, legou-nos uma pluralidade de trabalhos de arte, embora de reduzido tômo, verdadeiras amostras de génio, que muito nobilitam a sua memória. Era um estilista inconfundível, atreito a sínteses grandiosas, sublinhando com notável intuição as particularidades de forma e de côr de tudo quanto se lhe deparava digno de interêsse.

A sua mentalidade definiu-se numa época em que imperava o realismo filosófico, mas realismo intransigente, eliminador, em absoluto, de convencionais creações e de sofismas de interpretação para a expressão mais concreta das materialidades. Sustentando-se até à morte nesta disposição de carácter, crente na perpetuidade do seu ideal, a-pesar das históricas e fatais intermitências do gôsto artístico através dos tempos, merece o respeito votado pelos seus admiradores e discípulos que julgam sensatamente os actos de consciência e de saber do Mestre inolvidável que foi o prestigioso professor da Escola de Belas-Artes do Pôrto.

Apóstolo da Verdade tangível, em conformidade com os mais preclaros génios da Arte de todos os países e de tôdas as idades, passou à Eternidade essa alma de eleição, êsse amigo generoso, bom e culto a quem a *Ilustração Moderna* hoje consagra estas singelas palavras de respeitosa homenagem e de saüdade infinita.

João Augusto Ribeiro.

ILUSTRAÇÕES DE BEJA

O MOSTEIRO DA CONCEIÇÃO

Horas calmas de sesta alentejana...

As avezinhas, recolhidas, em religioso silêncio, ajoelham, entre a verde ramaria das árvores, no culto amoroso dos tépidos ninhos, onde azas novas ensaiam vôos para o alto.

Ali perto, na bucólica paz da campina circunjacente, dorme Pan, com seus rústicos pegulhais, à sombra lentejante dos barrancos, onde emudeceram agora os ternos e dolentes balidos dos alabões.

Os ceifeiros, corpos fatigados pela afanosa labuta das empreitadas tradicionais, desta quadra transcorrente, em que Céres pontifica, descansam nos ásperos restolhos das loiras messes de trigo. A torreira do sol é calcinante, curvando homens, animais e plantas, languidamente, para a terra, cujas seivas quentes parecem estancar os seus galgões de vida, num hausto de congestiva dormência. Êste hiato de energias, levedura fecunda de repouso, acordará, em breve, quando a maré despontar, novas harmonias de fôrça, dilatando-se pela vasta planice transtagana, com maior vigor de elaboração...

* * *

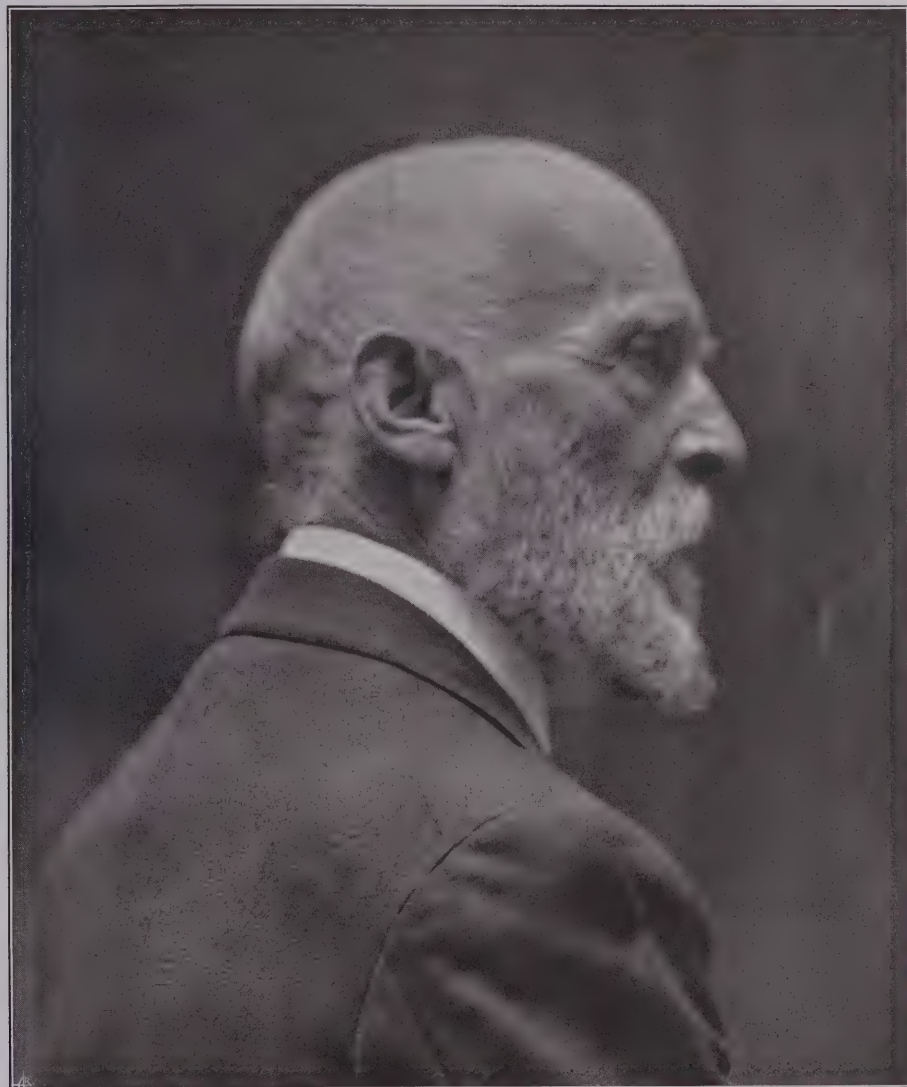
É, pois, neste momento augusto, de recolhimento e de calma, que esta despretenciosa pena traceja as ligeiras notulações presentes, pedidas à minha insuficiência. Descoloridas, como são, dar-lhes-há relêvo o primor do artista, revelado nas fotografias parcelares do histórico mosteiro da Conceição de Beja, que as páginas cintilantes e

educativas do belíssimo mensário portuense—*Ilustração Moderna*—vão receber com galhardia gentilíssima.

¡Difícil situação a minha, sempre que tenho de ressuscitar coisas e personalidades mortas!

É certo que Beja possui uma história vasta e insigne, onde pulsa ainda, através das fusões étnicas, a sua alma antiga, para que no campo das ilustrações, que a glorificam, se possam respigar elementos de apoteose. ¡Essa história, porém, olvidada está, à míngua de ser conhecida!

Por isso, arrancar pedaços à sua monografia e cerzi-los e fixá-los, nestas pálidas e desataviadas linhas, não é trabalho sorridente.

Nas Bibliotecas Nacional de Lisboa e Municipal de Évora existem manuscritos preciosos, respeitantes a esta vetustíssima terra, de origem inenarrável, porventura galo-céltica, onde certo é que

Cliché da Fotografia Medina

MARQUES DE OLIVEIRA

Júlio César, ao diante, celebrou pazes com os habitantes da Lusitânia — terra que foi colónia e convento jurídico dos romanos.

Os pulverulentos manuscritos do estudioso filho de Beja, Félix Caetano da Silva, quanto às memórias e antiguidades históricas da sua terra natalícia, que enriquecem os arquivos da Biblioteca Nacional, são valiosos subsídios, que merecem a luz da publicidade. E a obra de Vasco Freire, natural de Abrantes, juiz dos órfãos em Beja (1609), o qual trata da história desta terra, sob o domínio dos romanos, godos, árabes e cristãos, é um trabalho metódico, vasto, de notável merecimento, que lamentàvelmente ninguém perlustra, por não ser conhecida.

É de crer que naquele repositório nacional das letras se encontrem ainda outras obras apreciáveis, como aquela que o clássico bispo de Portalegre, D. Frei Amador Arrais, preclaríssimo filho de Beja, cita em seus *Diálogos* (4.º, cap. VI), ordenada em onze livros, acêrca das antiguidades dos lusitanos e da *Civita Paca,* ou *Pax Julia,* ou ainda *Pax Augusta,* remotíssimo nome de Beja moderna. Tal obra encontrava-se *em letra de mão,* no mosteiro de Alcobaça, em 1604, quando foram impressos os *Diálogos,* havendo sido escrita no tempo do último rei dos visigodos, D. Rodrigo, por um ilustrado filho de Beja, Laymundo Ortega, confessor dêsse imperante guerreiro, que destronara Witiza e que morreu a 26 de Julho de 711, na célebre batalha do Guadalete, em que os árabes, comandados por Tarik, derrotaram os visigodos. Deixo esta indicação aos estudiosos.

Na Biblioteca Municipal de Évora, a par de outros trabalhos notáveis, há as *Memórias de doutores e de varões ilustres de Beja,* mencionadas em seus catálogos, emquanto que na Biblioteca Municipal de Beja, além de fragmentadas notícias, nada há que ilumine e esclareça a sua história famosa.

Portanto, para esmalte da sua cultura, a Câmara Municipal desta cidade, quando se convencer de que é uma necessidade espiritual e regional, quási tão útil como o pão que nos alimenta e a luz que nos alumia, há-de tomar uma decisão eficiente.

¿Qual? Exumar do pó daqueles arquivos tão preciosos manuscritos, trasladando-os e publicando-os, a expensas suas, para com êles enriquecer as escolas públicas, a Biblioteca e o Arquivo concelhios.

¿E, na Repartição de Finanças Distrital, para onde foram atirados, a êsmo, os documentos das extintas congregações religiosas, quantos segredos históricos se ocultarão ao exame dos estudiosos?...

¡Que rosário de elementos!... É interessante recordar, também, que por esta região abundam antigualhas, demonstrativas de que passadas civilizações aqui estão jacentes, na imobilidade milenária das sepulturas.

Em 1863, por exemplo, quando a Estação do Caminho de Ferro foi construida, um vasto cemitério surgiu do sub-solo, onde exuberavam, sem inscrições algumas, os túmulos de fôlhas de mármore, encerrando ossamentas humanas, que o contacto do ar pulverizava. Essa distinta necrópole funerária estendia-se além do terreno ocupado pela Estação, em largo perímetro. Muitas medalhas, garrafas de vidro, acicates, espadas e outros objectos, hoje inusitados, que êsses túmulos encerravam, foram vendidos para Inglaterra, pelo construtor Lloyd. O Museu Municipal de Beja, mais tarde, quando fundado em 1890 e inaugurado em 1892, pelos edís de então, recolhera, em suas apreciáveis colecções, alguns dêsses objectos antiqüíssimos, que arquivara.

* * *

Tôdas as ontologias deixaram por aqui as pègadas da sua viagem errante e aventureira, através do globo, havendo rastros da filosofia do espírito humano, em suas crenças, idealismos, doutrinas, opiniões, arrebatamentos, esbrazeando inteligências e dinamizando almas. A tradição cristã foi a que mais se enraizara e mais vestígios conseguira gravar neste solo, até aos dias presentes.

Nos tempos que precederam esta época de vertiginosa decadência, vincado em sulcos fundos, pompeou o fenómeno social da exaltação religiosa, objectivado na exuberância das suas festas, nas relíquias da sua arte e na arte dos seus monumentos.

Se revocamos as labaredas seculares dêsse fenómeno psicológico, numa visualidade retrospectiva, deparam-se-nos factos numerosos a atestá-lo. Ocorre-me evocar a lembrança da antiga procissão de N. S. das Dores, saída do convento de S. Francisco, onde é hoje aquartelado o regimento de infantaria 17, promovida pela sua brilhante irmandade, procissão em que o povo, devoto e reverente, chorava de alegria, ao contemplar a linda imagem da Mãe de Jesus, que os santorais e os hinários da poesia cristã celebram e cantam como Rainha dos Anjos. ¡São tantos os sinais demonstrativos!... ¿E a procissão de Ao Pé da Cruz, saída ao som da matraca, da sua antiga e elegantíssima capela, com panejamentos de azulejos formosos, nas paredes de sua nave, e revestida de rica talha com lavores dourados, em sua âbside, — capela que fôra sagrada pelo erudito bispo de Beja, e, depois, arcebispo de Évora, D. Frei Manuel do Cenáculo de Vilas Bôas?

¿E a procissão de *Corpus Cristi,* que se estadeava pelas ruas da cidade, em que luzia e preluzia o elemento popular, militar, civil, eclesiástico, na qual figurava a imagem de S. Jorge, todo fardado, hierático, firme, bem pôsto, no seu cavalo branco, ladeado pelos pajens e cavaleiros da sua respectiva Ordem, precedida dos vereadores municipais *(homens bons do concelho),* com as suas bandas bi-colores e o estandarte da cidade, onde se exibiam as suas armas, bordadas a matiz e ouro, flutuando sob a cromática sinfonia de semi-tons, revelada nas sêdas e lhamas e colgaduras e arrazes, que pendiam, drapejantes, das janelas?

¿E o jantar aos presos da cadeia civil, de impressionante *filantropia,* na tradicional festividade do Santíssimo Sacramento, cujos oradores sagrados, empolgantes e magistrais, provinham sempre do veio límpido da mais alta eloqüência

MARQUES DE OLIVEIRA — SCENA DE FAMILIA

MARQUES DE OLIVEIRA — PAISAGEM DO RIO VIZELA

do púlpito português? ¿E os arraiais dessa festividade, iluminados e brilhantes, em que a pirotecnia, reverberante, se patenteava no melhor fogo de artifício, preso e aéreo e flamejava por entre mastros virentes, galhardetes, flâmulas, luminárias multi-côres, — arraiais em que as bandas de música mais selectas do país se distinguiam, — provocando o entusiasmo das multidões? ¿E a procissão dessa festividade, deslisando pelas ruas cobertas de rosmaninho e de alecrim, com suas carradas típicas de espadana, às quais iam jungidos nédios e pachorrentos bois, — procissão onde abundavam andores faustosos, colares preciosos, veneras rebrilhantes e opas vivamente puníceas? ¿E a apoteose da *posse* da vara de prata do reitor, posse conferida à confraria, que tomava o encargo da festividade para o ano seguinte, na qual estridulavam muitas girândolas de fogo, durante alguns quartos de hora, cujo efeito era feérico, deslumbrante, variadíssimo?

¿E as festividades da Conceição e da Ressurreição, privativas do mosteiro daquele nome, celebradas com a poesia magnificente do ritual litúrgico, em que os belos andores de prata, ainda existentes, marchetados de pedras preciosas e os paramentos filigranados de ouro, uns, matizados com tôdas as côres do arco-iris, outros, pompeavam aos olhos da multidão extática e respeitosa, que se deliciava, educava e divertia nestas manifestações cultualistas, pacíficas e alegres, que não voltam mais, por diversíssimas razões? . . .

São capítulos escritos no antigo devocionário de Beja, o qual ainda está aberto nas páginas das suas relíquias históricas.

* * *

Isto pôsto, direi perfuntóriamente que, entre os monumentos arquitectónicos de Beja, posteriores à fundação da nossa nacionalidade, que escaparam às mãos dos *desmoronicidas*, sobressai, para regalo do espírito, uma formosa parte do antigo mosteiro da Conceição.

Enorme colmeia de freiras franciscanas (mais de duzentas almas) habitara êsse tabernáculo cristão, tão opulento de rendas êle fôra.

A parte subsistente compõe-se do claustro, com sua quadra e cisterna, casa de capítulo, de portal de pedra, ogivado, com lavores, casa guarnecida de bons azulejos hispano-árabes; de algumas dependências abobadadas, onde funcionam a Biblioteca e sala de leitura municipais; e a igreja, externamente graciosa, em suas grimpas, adornadas de agulhas, ornatos, rendas de pedra, laçarias, realces elegantes, gárgulas epigramáticas, é internamente revestida de painéis de azulejos, em que a simbologia bíblica embeleza o quadro, e de talha dourada muito rica, muito apreciável.

Brilha nesse templo um altar formosíssimo, de mosaico e de mármore policromo florentino, dedicado ao Baptista, cujo valor orça por milhares de contos, conforme opiniões abalizadas.

MARQUES DE OLIVEIRA—CEPHALO E PROCRIS

Cliché foto. do Dr. Eduardo Ferraz

BEJA — MOSTEIRO DA CONCEIÇÃO — VISTA GERAL

Foram seus fundadores, em 1467, os infantes primos-co-irmãos — D. Fernando e D. Brites (ou Beatriz), casados em 1447, nas Alcáçovas, ambos filhos de

Inclita geração, altos Infantes,

cantados nos *Lusíadas* por Camões, — progenitores de D. Leonor de Lencastre, glorificada como excelsa benemérita das Caldas da Rainha, onde fundara o seu excelente balneário, e de D. Manuel I, rei de Portugal.

D. Fernando era filho de D. Duarte e irmão de D. Afonso V. Acompanhou êste à África, tendo ido também só, em uma armada sua, com dez mil homens seus, à sua custa, onde se batera contra os mouros, com galhardia guerreira e anseio ardente de *dilatar a fé e o império,* como proprietário opulentíssimo que era.

Afonso V foi o primeiro rei português, que, pelas conquistas da espada, que efectivara no continente negro, começou de intitular-se *Rei de Portugal e dos Algarves, d'Aquém e d'Além-Mar, em África.* Foi êle quem instituiu a Ordem Militar de S. Tiago da Espada, erigindo-se grão mestre, com vinte e seis cavaleiros, em memória dos vinte e seis anos seus; — instituiu essa Ordem como alusão ao facto subseqüente: Quando estava em África, soube que na cidade de Fêz havia uma tôrre, por cujo remate passava uma espada, que a superstição dos mouros receava fosse arrancada por um príncipe cristão, o que marcaria o fim do domínio agareno, em África. Ocorreu-lhe então a lembrança de criar aquela Ordem. A venera de ouro, redonda, pendente dum colar, também de ouro, em esmalte branco, mostrava uma tôrre atravessada por uma espada. Em semelhante Ordem só podiam ingressar pessoas de grande categoria social e estados, que prometiam inviolável fidelidade ao rei, o qual deviam seguir na guerra, nomeadamente contra os mauritanos.

O manto, que os cavaleiros usavam, era de damasco branco, sobreposto de murça de veludo negro e barrete encarnado. Além do príncipe D. João, herdeiro da coroa, e do infante D. Henrique, o vidente de Sagres, que era seu tio e mestre da Ordem de Cristo, o infante D. Fernando, fundador do Mosteiro da Conceição de Beja, foi

Êste mosteiro, que revive scenários famosos da nossa história pátria, se não é epopeia de concepção grandiosa, com polistilos e cristalizações geniais, que o cinzel gravara na pedra dos Jerónimos e da Batalha, é, todavia, uma página sugestiva da arquitectura portuguesa do século XV, com belos ornatos cinzelados em seu pórtico e outros lavores dispersos em armilas.

Os salmos, os hinos, os cânticos, a música do órgão cessaram as suas harmonias; as luzes apagaram-se; o incenso e as preces exalaram-se em espirais místicas para o alto; os sacerdotes e as monjas e os crentes atufaram-se nas cinzas e no pó da terra, — mas o ar de religiosidade, perfumado de suavíssima poesia, penetra e vibra secretamente a sensibilidade, como se as figuras do passado, enriquecidas de emotiva fé, que legaram a esta época de idealismos prosaicos essa cristalização arquitectónica dos seus anseios de piedade, de amor e de paz, revivessem a sua voz e nos falassem enternecidamente ao coração, esterilizado pelo êrro.

cavaleiro e mestre, governador e administrador da Ordem de S. Tiago da Espada. Tal a razão porque eu notulo aqui esta notícia histórica.

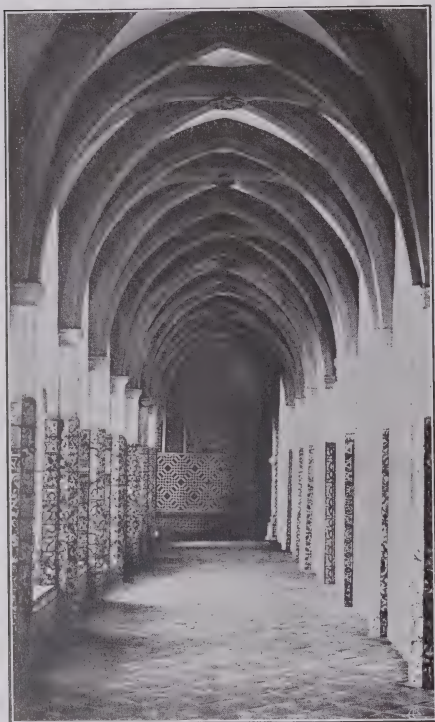
D. Fernando foi ainda duque de Vizeu e de Beja, condestável de Portugal e fronteiro mór do Alentejo, falecendo em Setúbal (1470), trinta e seis anos antes da infanta, sua espôsa. O cadáver de D. Fernando, por determinação desta senhora, foi mandado trasladar para o mosteiro da Conceição de Beja, acompanhando, no mesmo leito da morte, quatro filhos, de entre nove, que geraram. Estão juntos, ligados no mesmo abraço eterno, em um túmulo de pedra, sem inscrição alguma exterior, colocado na capela-mór da igreja, na grossa parede, do lado do Evangelho.

D. Beatriz, em um documento existente na Tôrre do Tombo, a que dá o nome de *Instituição,* escrito em Beja, a 15 de Outubro de 1505, que acabo de ler, inserto no tomo VI das *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa,* a páginas 353, de D. António Caetano de Sousa — documento pelo qual dôa muitas propriedades e rendas suas à abadessa e donas do mosteiro da Conceição, — declara que nesse túmulo também está seu filho mais velho, D. Diogo, que simboliza um capítulo de tragédia portuguesa.

¡D. Diogo! Sabido é que êsse filho de D. Fernando e de D. Brites, duque de Vizeu, chefe nominal (o verdadeiro era o arcebispo de Évora) da conspiração da fidalguia portuguesa, contra D. João II, antonomásticamente apelidado *príncipe perfeito,* fôra por êste apunhalado em Setúbal, a 23 de Agosto de 1484, aonde o chamara, quando êsse principesco titular, seu primo e cunhado, se encontrava em Palmela, de visita a sua egrégia mãe.

Egrégia, sim, foi D. Beatriz, bisneta de D. Nuno Álvares Pereira, neta de D. João I, mestre de Aviz, e filha do glorioso infante, seu filho, D. João, por seus dotes de peregrinos primores espirituais. Foi ela quem se opôs, quanto pôde, ao entrechocar de torvos ódios, havidos entre o *príncipe perfeito,* seu primo e genro, e a fidalguia do país, reprovando, com risco da própria vida, o acto violento dêste monarca, ao preparar-se para justiçar seu parente, o duque de Bragança. Êsse imperante, que de-certo reunia em si as notáveis qualidades de valente e de político arguto, não obstante ser irmão da angélica princesa Santa Joana, a qual glorificara Aveiro, tão perto de Ílhavo, meu querido berço natalício, com todos os primores da sua alma de eleição, e a-pesar-de haver deixado testamentalmente três mil missas, em proveito próprio, quis que o seu

Cliché foto. do Dr. Eduardo Ferraz

BEJA — MOSTEIRO DA CONCEIÇÃO — ANTIGA PORTA PRINCIPAL DA IGREJA

Cliché foto. do Dr. Eduardo Ferraz

BEJA — MOSTEIRO DA CONCEIÇÃO — ALA DO CLAUSTRO

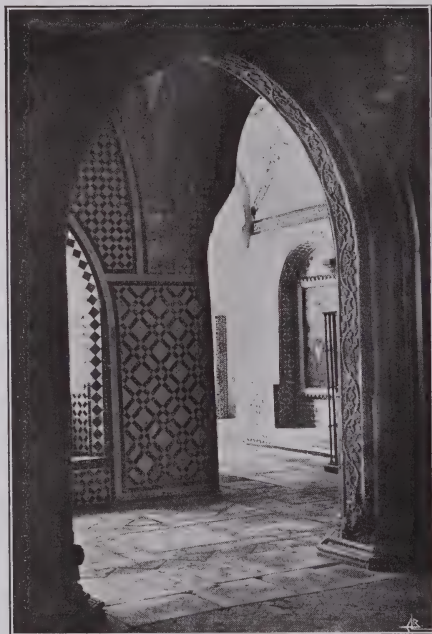
ódio se estendesse além dos penetrais do túmulo; para isso, recomendava a seu escolhido sucessor, D. Manuel I, a proscrição contra os vivos, adversários seus, que êle havia perseguido com rudeza ferina. Pois bem: a mimosa infanta D. Beatriz, revelando a tenacidade do anjo bom, em favor das almas condenadas a flagícios perpétuos, forcejou por apagar os vincados escrúpulos de seu filho, o novo rei, D. Manuel, no sentido de serem restituidas casas, fazenda e liberdade às vítimas da intolerância e despotismo do monarca defunto. ¡E conseguiu êsse triunfo dignificante!

Egrégia, sim, foi D. Beatriz, porque além de concorrer para a glória literária do famoso iniciador do teatro português, Gil Vicente, animando-o a escrever alguns dos seus apreciáveis autos, protegeu a indústria de lanifícios, então existente nesta região, ao pé do Guadiana.

Egrégia, sim, porque antes dos factos precedentes, já havia desempenhado um altíssimo papel na península, como espírito de pacificação, colocado entre as perfídias, intrigas e dissídios renhidos de Portugal e Castela. O tratado de paz, celebrado entre estas duas coroas, no mês de Outubro de 1479, é obra das prudentes negociações da infanta D. Brites, viuva do infante D. Fernando, prima-co-irmã do rei Afonso V, que então reinava em Portugal, e tia da rainha católica D. Izabel, filha de sua irmã, a rainha D. Izabel, com a qual mais de uma vez se avistou e patrioticamente tratou, apagando com a sua autoridade inconfundível as discórdias entre os dois reinos vizinhos.

Faleceu esta notável senhora infanta em 1506, nesta cidade, com setenta e sete anos. Hoje, esquecida do povo, que é fácil em esquecer méritos e benefícios, dorme o sono da morte, em sepultura rasa, com simples inscrição, envolvida por camadas de cal e de terra, no claustro do mosteiro da Conceição, junto do altar — um lindo altar de mármore, consagrado ao Baptista.

Existem o seu retrato e o retrato de D. Fernando, pintados a óleo, dentro daquele edifício; e os relevos e os lavores que cinzelaram os artistas, coevos dêstes beneméritos infantes, sobrepostos ao entablamento exterior da igreja, foram mutilados, sôbre o pórtico primitivo, a fim de serem colocadas as duas estátuas de pedra, representativas de tão ilustres fundadores, as quais ainda ali estão erectas.

O claustro do mosteiro, muito airoso, revestido de azulejos, interiormente, até meia altura das paredes, onde há alguns oratórios, que noutro tempo a mística piedade das freiras embelezava de flores, com suas mãos delicadas, fôra mandado construir por D. Manuel, cuja infância lhe deslizara em Beja, onde prestou assinalados serviços,

Cliché foto. do Dr. Eduardo Ferraz

BEJA — MOSTEIRO DA CONCEIÇÃO
PORTA DA CASA DO CAPÍTULO E CANTO DO CLAUSTRO

em obras, instituições e fundações, que os pósteros olvidaram.

E de D. João II, que teve casa nesta cidade, existe a obra do cemitério do claustro, primitivamente formado em cantaria, sendo há pouco destruido, em parte, sem utilidade pública alguma, quando ali foi assente um cabo eléctrico, subterrâneo.

Para as suas sepulturas, tôdas rasas, sob o pavimento, eram conduzidos os cadáveres das freiras, num esquife de pau santo, lavrado, que ainda ali perdura.

Da mimosa capela de mármore, sob a invocação do Baptista, erecta no claustro, em 1614, foi retirado um medalhão, assaz valioso, do autor Luca della Robbia, artefacto de azulejo, ou louça de Florença, chamado da Senhora do Espelho. O desvio deu-se no tempo da Monarquia, sob o viável pretexto de ir ser exibido numa exposição de arte ornamental. Depois... em vez de ser restituido a Beja, foi levado para o Museu de Belas Artes, onde ficou para sempre, à sombra da fácil explicação de que êsse rico objecto, obra autêntica daquele notável artista—Luca della Robbia, que descobrira o segrêdo de aplicar o esmalte à estatuária, para reproduzir as suas graciosíssimas Madonas, é hoje parte integrante duma preciosa colecção, ali existente.

Junto desta capela, em sua frente, por cima da sepultura da infanta D. Brites, ardia perpétuamente uma lâmpada de prata, cuja luz se extinguira com a morte da última freira e abadessa, D. Maria Felizarda Mendes Góes, falecida a 28 de Fevereiro de 1892, por efeito duma congestão cerebral.

O *palácio dos infantes,* fundadores do mosteiro, que se erguia do lado norte, ligado a êste por meio de dois *passadiços,* que mediam dois metros de largura por cinco de comprimento, foi demolido antes da implantação da República, em nome da estética citadina, e as suas cantarias foram sepultadas nos caboucos do mercado, que perto é construido.

O mosteiro, pelo nascente, na sua extremidade do lado norte, ficava fronteiro à *casa dos corvos,* célebre casa, que, se verdadeira é a tradição, fôra habitada por Santo Aprígio, bispo de Beja, muito nomeado nas actas dos concílios, celebrados pela Península Ibérica fora, no tempo dos godos.

* * *

As monjas da Conceição, durante séculos, viveram scindidas em dois partidos, que mutuamente se degladiavam, com mística veemência — o partido das *Baptistas* e o das *Evangelistas.* ¡Quantas ocorrências típicas dão testemunho das suas rivalidades devotas!

Em 1740, por exemplo, uma águia encimara a porta regral do mosteiro, segurando em suas

Cliché foto. do Dr. Eduardo Ferraz

BEJA — MOSTEIRO DA CONCEIÇÃO — ALA DO CLAUSTRO E PORTA MANUELINA

garras uma inscrição, na qual era vitoriado o grande Evangelista.

Foi o bastante para que o emblema do discípulo amado de Jesus despertasse as iras... inofensivas das Baptistas. O facto, algo escandaloso, deu causa à visita do guardião do convento de S. Francisco de Beja, sendo tal personalidade recebida aos gritos:

— *¡Fóra! ¡Não queremos o pássaro por cima da porta!*

Levado o conhecimento do conflito ao provincial, determinara êste que a águia ficasse onde estava e que o cordeiro, símbolo do Baptista, fôsse colocado sôbre a porta principal da igreja.

Era inalterável esta ocorrência: Se as partidárias do Baptista lhe mandavam erigir uma imagem maior e melhor, as partidárias do Evangelista apressavam-se em obter uma outra, de iguais proporções, figurativa do meìgo desterrado de Pátmos, cuja capela, na igreja, é obra magnífica de talha, lavrada e dourada, assaz elegante. Se aquelas compravam à joalharia um andor, ou uma banqueta de prata, com credências de madeira, de lavores dourados, onde eram assentes, estas acorriam logo a imitá-las, como émulas, por seus piedosos estímulos. Dest'arte, foi-se enriquecendo o tesouro das alfaias sagradas daquele mosteiro, que, após tantas vicissitudes políticas, com suas vesânias iconoclastas, sucedidas em Portugal, encontra-se bastante diminuido, no somatório da sua rara opulência.

Tais prélios, entre Baptistas e Evangelistas, reflectiam-se nas simpatias devotas, esparsas pela cidade, no seio das famílias, amigas das monjas, que freqüentemente as visitavam. Estas, recebiam-nas sem véu, primando pela elegância e pelo enfeite, à moda francesa, arrebicadas e perfumadas, no côro de baixo, convertido em sala de cavaco.

(Conclue).

MANUEL ANÇÃ.

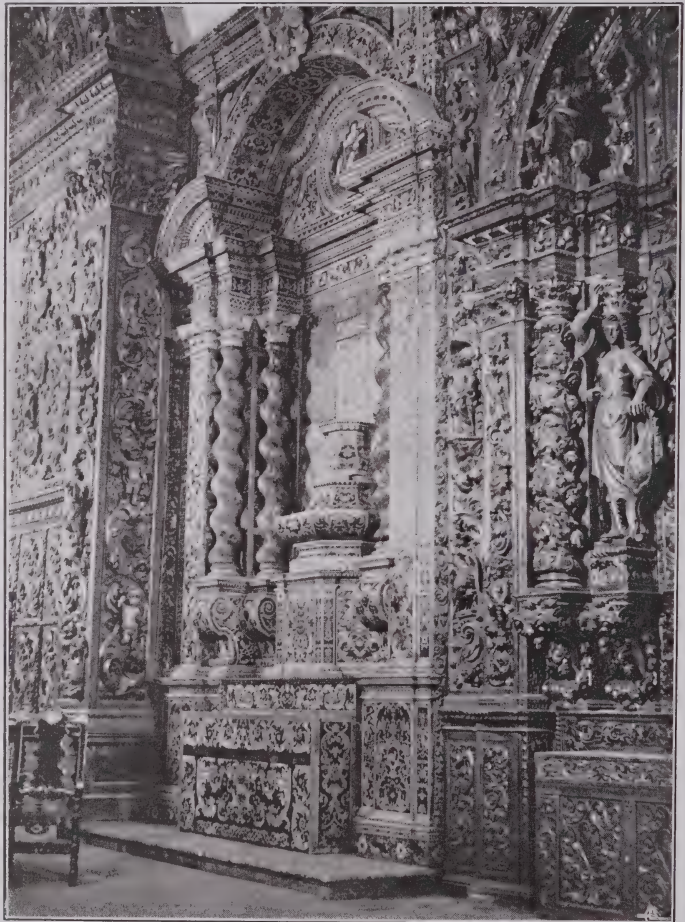
N. R. — As gravuras que ilustram o artigo do nosso distinto colaborador, Ex.mo Snr. M. Ançã, são reproduzidas de clichés do Ex.mo Snr. Dr. Eduardo Ferraz, ilustre Reitor do Liceu Fialho de Almeida, a quem agradecemos a gentileza da cedência para a sua publicação na *Ilustração Moderna*.

CARTAS INÉDITAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO AO 1.º CONDE DE AZEVEDO (1)

PELO 2.º CONDE DE AZEVEDO

O NOBRE Conde de Azevedo, dr. Pedro de Barboza Falcão d'Azevedo e Bourbon, é uma figura sympathica e insinuante, muito conhecido no Norte do paiz, não só por ter representado alguns dos seus Circulos eleitoraes em Côrtes, mas tambem pelo logar proeminente que desempenha na Federação dos Syndicatos Agricolas.

O illustre Conde de Azevedo, senhor d'uma importante casa de lavoura, composta de muitas propriedades, distribuidas por differentes concelhos, dispõe d'uma actividade

(1) Edição da Coimbra Editora, Ld.ª — Coimbra, 1927.

Cliché foto. do Dr. Eduardo Ferraz

BEJA — MOSTEIRO DA CONCEIÇÃO — ALTAR FLORENTINO EM MÁRMORE MATIZADO

immensa, que põe intelligentemente ao seu serviço e ao dos seus amigos.

Sempre affavel, delicado e mesmo gentil, nunca na sua vida publica ou domestica se desviou um só ápice da linha recta do dever, em que timbra todo o fidalgo, que sabe honrar as tradições da sua familia; tal, qual seu tio, o 1.º Conde de Azevedo, que «correspondeu em tudo ás obrigações da sua nobreza e dos seus pergaminhos, que só recordava, a bem dizer, no fôro intimo da sua consciencia para, na vida particular e publica, mais e mais mostrar como o nobre, para manter e merecer o logar que o nascimento, que é um acaso, lhe assignalou, deve conduzir-se».

Egualmente, como seu tio, o 2.º Conde de Azevedo, «não quiz figurar só nos titulos genealogicos como representante ou descendente dos que conquistaram terras aos Arabes, e, Ricos Homens, ajudaram leal e valentemente os seus Reis e Principes a firmar a independencia do reino, a defendê-la do castelhano, e a alargar, nas descobertas e conquistas, os dominios e a fama do nome lusitano; mas procurou ainda salientar-se na Politica e nas Lettras patrias, defendendo tambem a Religião dos seus avós com intelligencia, caracter e honra».

O 2.º Conde de Azevedo diz, no seu bello livro, que tomou por modelo o tio, 1.º Conde, de quem gratamente se confessa devedor de muito, e aponta-o nobremente aos filhos, como sendo um grande exemplo a imitar.

O 1.º Conde de Azevedo deixou a politica e voltou á charrúa; tinha uma fortuna avultada, e, dedicando-se com louvavel empenho á cultura das lettras patrias, chegou a possuir a maior e melhor bibliotheca particular do Norte do paiz, e pertenceu á Academia das Sciencias de Lisbôa.

O 2.º Conde de Azevedo entrou para a politica, e, na qualidade de homem de bem que se preza de ser, tomou a sério o seu papel; por isso não lhe teem faltado desgostos amargos nem dissabores pungentes, e concomitantemente um logar elevado no martyrologio da causa; regressando, porém, como seu tio, da politica á charrúa, adquirira cincoenta e tantas cartas de Camillo Castello Branco, dirigidas por este notavel romancista e mestre da lingua portugueza ao 1.º Conde de Azevedo, tambem escriptor emerito e academico illustre.

Essas cartas, escriptas ha mais de cincoenta annos, pois a primeira é de 1869 e a ultima de 1876, além de tratarem de assumptos variados, referem factos e citam nomes desconhecidos da geração presente.

Era preciso, pois, não só coordená-las, mas tambem annotá-las, d'outra sorte resultariam inintelligiveis.

O illustre Conde de Azevedo deliberou ainda, e muito bem, acompanhar essas cartas de duas palavras sobre o seu auctor, e d'outras tantas sobre o seu destinatario.

Para falar de Camillo commetteu o encargo ao eminente academico e laureado escriptor snr. dr. Augusto de Castro, nosso Ministro em Roma junto do Vaticano, e que d'elle se desempenhou d'um modo brilhante, sendo sobremaneira encantador na forma e no conceito; para tratar do 1.º Conde de Azevedo reservou o 2.º Conde para si essa tarefa; e, se não tem a exuberancia de estylo do seu parente e amigo dr. Augusto de Castro, descreve, comtudo, n'uma linguagem vernacula e n'uma forma litteraria muito agradavel, os traços biographicos d'uma das maiores figuras da nossa antiga nobreza nas phases mais salientes da sua vida de politico por patriotismo, e de erudito por paixão.

O 2.º Conde de Azevedo evoca a memoria d'esse grande caracter de velho portuguez e de catholico sincero, que foi o 1.º Conde de Azevedo, desconhecido da geração presente, pois fallecera em 1876, e, portanto, ha mais de cincoenta annos.

Depois de dar as notas genealogicas d'esse fidalgo de velha estirpe, informa-nos de como pôde o 1.º Conde de Azevedo, *convencionado de Evora-Monte,* ingressar na politica constitucional, onde entrou pela porta do generalato, acceitando o difficil cargo de Governador Civil de Braga na conjunctura de 1846, e de como Passos Manoel fez appêllo ao patriotismo d'aquelle generoso fidalgo, que soube corresponder-lhe com a lealdade propria d'um caracter honesto, integro na sua fé, e coherente com o seu passado.

Abandonando a politica, que para elle fôra apenas um incidente de momento, o 1.º Conde de Azevedo, por uma paixão immanente ao seu formoso espirito, dedicou-se intensamente ao cultivo das lettras patrias, estudando e escrevendo, até que foi arrebatado pela morte na edade ainda esperançosa de 65 annos!

Camillo Castello Branco manteve com o 1.º Conde de Azevedo uma sincera, profunda e inalteravel amizade durante muitos annos; porquanto não só em 1865 lhe dedicou a sua obra — *Divindade de Jesus e Tradição Apostolica,* escripta para refutar a *Vida de Jesus,* imaginada por Ernesto Renan, mas tambem o mostram eloquentemente essas cincoenta e tantas cartas do notavel romancista agora publicadas, nas quaes ha sempre expressões affectuosissimas: n'uma d'ellas, que tem n'essa valiosa collecção o n.º 18, Camillo chega a dizer ao Conde: «Deseja-lhe a minha sincera amizade dias felizes para garantia das muitas pessoas que encontram em V. Ex.cia remedio aos seus infortunios, e para que V. Ex.cia sinta as alegrias da beneficencia — que são as ultimas que fazem apreciavel a vida»; e nas cartas n.os 24 e 25 subscreve-se amigo, *discipulo* e creado do 1.º Conde de Azevedo; quer dizer, o valor moral e intellectual d'este titular era de tão subido quilate, que Camillo, apezar da sua prosapia, julgava-se pequeno deante d'elle!

Essas cartas, acompanhadas de notas eruditas pelo 2.º Conde de Azevedo, algumas das quaes enriquecem o texto, e outras até o excedem, versam sobre assumptos bibliographicos e historicos, havendo em muitas um ou outro periodo em tom faceto, tão peculiar no modo de escrever do genial romancista; pois na carta n.º 49 diz Camillo ao Conde: «Eu por mim se tivesse os carros de pão e as inscripções que V. Ex.cia tem, assignava de cruz, e a respeito de livros apenas teria os do Theofilo para sustentar o horror ás lettras.»

Doze d'essas cartas, talvez as mais interessantes, estão publicadas em zinco-gravura, trabalho de Marques Abreu, director d'esta Revista, e meu respeitavel amigo.

Agora para rematar este já longo artigo devo dizer que se mostrou sempre o 1.º Conde de Azevedo um catholico de firmes crenças e de profundas convicções, como tambem aliás o 2.º Conde, e por isso, encontrou-se na brecha e no fogo defendendo o Christianismo no *Congresso Catholico do Porto* (1871-1872), onde pronunciou um discurso notavel e digno do mesmo Congresso, do qual resultou não só a fundação da *Associação Catholica,* mas tambem a creação do jornal catholico *A Palavra,* que muitos e bons serviços prestou á causa da Igreja. N'esse jornal collaborou com muito brilho e erudição o 1.º Conde de Azevedo em defeza dos principios da Religião catholica, sendo muitos d'esses artigos reeditados em opusculos, dos quaes quero destacar aquelle, em que o 1.º Conde de Azevedo com uma argumentação solida e erudita, pulverisou a celebre carta de Alexandre Herculano, escripta a proposito da suppressão das «Conferencias do Casino», feita pelo Governo, por serem attentatorias da Religião official e das Instituições politicas do Estado, e nas quaes, diz Camillo na carta n.º 28, *«se estavam educando os futuros petroleiros».*

N'aquelle documento Herculano, ferrenho cartista, secundou a theoria dos *Velhos Catholicos,* para combater principalmente os dogmas da Immaculada Conceição de N. Senhora e da Infallibilidade pontificia.

O 1.º Conde de Azevedo reuniu os artigos de resposta em um opusculo, que teve duas edições no mesmo anno!

Vê-se, portanto, que não estava o 1.º Conde de Azevedo eivado das doutrinas liberaes do Constitucionalismo, onde entrou incidentalmente, como disse, por motivos patrioticos; porquanto a orthodoxia da doutrina religiosa, por elle apresentada n'essas publicações, foi reconhecida pela Santa Sé, segundo se mostra dos documentos constantes do notavel livro do 2.º Conde de Azevedo.

E, para fechar, disse possuir o 1.º Conde de Azevedo a primeira bibliotheca particular do Norte do paiz, conforme muitas vezes o ouvi ao dr. Pereira Caldas, distincto bibliophilo bracarense; ora, entre as notas bibliographicas dadas pelo 2.º Conde de Azevedo de seu tio, avulta, sem duvida, uma sobre a *Historia dos Trabalhos da Sem Ventura Isêa,* obra rarissima, que muitos bibliophilos suppunham ser original portuguez, e outros, traducção do hespanhol; o 1.º Conde de Azevedo affirmava ser uma traducção, e pelos documentos publicados agora pelo 2.º Conde vê-se — o que estava inédito — que seu tio attribuia essa traducção ao Sá de Miranda.

E aqui encerro estas notas fugidias da impressão que me ficou da leitura rapida da esplendida obra do 2.º Conde de Azevedo com o pedido muito sincero a Sua Ex.cia de que continue no caminho tão auspiciosamente encetado; pois quem d'este modo se revela com talento e estudo, é pena distanciar-se um pouco da tradição dos seus, e gastar-se em coisas, que, melhor ou peor, podem ser feitas por outros.

Felicito, pois, cordialmente o nobre Conde de Azevedo, meu respeitavel amigo, por ter legado á litteratura portugueza um bom livro, e com elle prestado uma luzente homenagem

á saudosa memoria de seu tio, digna d'ambos, não sendo menor aquella que recebe o grande mestre da lingua portugueza.

Concluo agradecendo a Sua Ex.cia reconhecidamente, não só a amabilidade da offerta do valioso livro com uma dedicatoria que me confunde, mas tambem as immerecidas referencias n'elle gentilmente feitas aos meus pobres trabalhos.

Braga, dia de S. Carlos Borromeu,
4 de Novembro de 1927.

MGR. AUGUSTO FERREIRA.

EX-LIBRIS PORTUGUESES

IV *(Continuado do n.º 15)*

REPRODUÇÕES

14

CARLOS FERNANDES DE PASSOS JÚNIOR

(PONTE DO LIMA)

Ex-libris — geral — individual — gravado (zincografia) — simbólico — armoriado.

Desenho de João Augusto Ribeiro.

Impressão: a azul.

Composição: uma mulher com um copo na mão, rodeada pela divisa: «*Mon verre est petit, je bois mon verre.*» Ao alto o timbre das armas dos Passos (de Probem).

Há uma tiragem posterior, em papel *couché*, tendo sob a composição a legenda tipografada: «*Livraria de Carlos de Passos.*»

*

Carlos de Passos, é bacharel em letras pela Universidade de Coimbra. De uma grande e inteligente cultura, faz já parte de várias agremiações scientificas nacionais e estrangeiras e tem publicado uma bela série de trabalhos interessantes e valiosos, que passamos a enumerar:

Navegação portuguesa dos séculos XVII e XVIII; Esbôço de um vocabulário aryano; Lembranças da terra — crónicas históricas do Pôrto; As muralhas do Pôrto; Luis António Verney, secretário régio em Roma; Verney e o método de estudar; Barcos de pesca; Beresford e o tenente rei da praça de Almeida; Pôrto — Arte portuguesa; D. Sebastião — rei e mártir (notas críticas ao livro *D. Sebastião* de Antero de Figueiredo).

Possue uma livraria de duas mil e tantas obras, onde emprega o *ex-libris* que reproduzimos pela chapa original e que é inédito. Da nossa colecção.

15

JOÃO DE VILANOVA DE VASCONCELOS CORREIA DE BARROS

(VIDIGUEIRA)

Ex-libris — individual — geral — gravado (zincografia) — armoriado.

Desenho: do possuidor.

Impressão: a preto.

Composição: escudo esquartelado de *Barros, Vasconcelos, Vilanovas* (de Espanha) e *Correias,* com o timbre dos *Barros.* Por divisa: «*Laboremus*».

Há outro formato menor do mesmo *ex-libris,* e um carimbo, representando um livro aberto, em cujas páginas se lê: — «Sê útil a todos, não prejudiques a ninguém.»

O livro sôbre um sol que tem escrito «Fiat lux», e sôbre tudo um elmo com o timbre dos Barros. Em volta o nome.

*

Natural da Vidigueira, é Vilanova de Vasconcelos, filho de César de Vilanova de Vasconcelos Correia de Barros, e de D. Catarina Correia de Barros da Mata Veiga, neto paterno do General de Engenheiros, Lente da Escola do Exército, Moço Fidalgo da Casa Real, etc., João de Vilanova de Vasconcelos Correia de Barros e de D. Adelaide de Melo de Vasconcelos Botelho de Matos e Noronha, e neto materno de José Francisco da Mata Veiga da Silveira e de D. Ana Olímpia Correia de Barros de Morais.

*

Os *Vilanovas* são espanhóis e vieram para Portugal durante a guerra da Sucessão, na pessoa de D. Francisco de Vilanova e de sua mulher D. Josefa de Castro Borja de Sandoval e Hoyos.

D. Francisco de Vilanova teve os seus bens confiscados em Espanha, mas a-pesar disso ainda sustentou em Portugal exército à sua custa, razão porque teve o seu brazão acrescentado das Caldeiras.

Seu filho, D. Francisco de Vilanova e Castro, foi Governador das Armas da Beira Baixa e fidalgo da casa de El-Rei D. José I.

Pelos Vilanovas está ligado às mais nobres e distintas famílias de Espanha, assim como pelos Noronhas, Vasconcelos

e outros apelidos ilustres de que blasona, a muitas das primeiras casas fidalgas e titulares de Portugal.

*

Vilanova de Vasconcelos é um cultíssimo espírito, sendo prova disso as distinções com que o marcam.

É da Associação dos Arqueólogos Portugueses, da Sociedade de Geografia de Lisboa e sócio fundador da Academia de Heráldica e da Sociedade dos Estudos Históricos.

Tem colaboração vária em jornais e revistas, onde aparece sempre sob a máscara de um pseudónimo.

É possuidor de uma rica livraria de 10:300 volumes, onde conta entre outras muitas raridades um *Armorial Português,* manuscrito e iluminado por seu avô paterno. É um precioso trabalho em seis volumes, que ainda se conserva inédito, infelizmente.

*

Ex-libris inédito, reproduzido por exemplar da nossa colecção.

S. João da Foz — 1926.

ARMANDO DE MATTOS.

*

Um dos maiores acontecimentos artísticos, dos últimos anos, é sem dúvida a Exposição de Ex-libris que em Lisboa se abriu ao público no dia 4 de Outubro. De iniciativa do Director da Imprensa Nacional, snr. Luís Derouet, foi-lhe dada carácter oficial, num decreto inserto no *Diário do Govêrno,* que nomeou a comissão organizadora. Esta exposição, marca, pelo ineditismo, e pela riqueza e variedade dos exemplares expostos. As mais raras espécies do mundo, ali se observam.

É uma grande lição de arte, cujos frutos se deverão colhêr em muitos ramos. Interessa à pintura, ao desenho, à

gravura, à encadernação, à história, à heráldica, à bibliografia, etc., etc.

É-nos grato, ver como estas coisas começam a interessar o nosso público. A prova do que dizemos, está no elevado número de visitantes, pois cêrca de *50:000* pessoas terão visitado a 1.ª Exposição de Ex-libris Nacionais e Estrangeiros.

A. DE M.

*

Expediente — Poucos dias antes de aparecer o n.º 15 da *Ilustração Moderna*, foi distribuido o 6.º e último volume da *Revista de Ex-libris Portugueses*, de que é director o erudito académico Ferreira Lima. Nesse volume, vinha reproduzido um *ex-libris* que poucos dias depois a *Ilustração Moderna* apresentava como inédito. Referimo-nos ao lindo *ex-libris* do snr. António Vieira Natividade.

Se tal fizemos, foi porque, quando da entrega do original na redacção da *Ilustração Moderna* (há perto de sete meses), era *inédito* o referido *ex-libris*.

O facto de só nos ter sido possível folhear o citado número da *Revista*, após o aparecimento do n.º 15 da *Ilustração Moderna*, é que nos não deixou retirar a tempo o *ex-libris*, em questão.

Como no nosso programa está, só, o apresentar *ex-libris inéditos*, e o ineditismo dêste pertence à *Revista de Ex-libris Portugeses*, apressamo-nos a fazer a devida rectificação.

*

Uma outra emenda se nos impõe fazer. Ao tratarmos do *ex-libris* do Dr. Carlos de Mesquita, dissemos que êle era de sua autoria.

Fizemos essa afirmativa por informação errónea, pois é certo que o desenhador dêsse ex-libris, foi o snr. Hipólito de Vasconcelos Maia, íntimo amigo do Dr. Carlos de Mesquita.

*

Informamos os leitores desta secção, do aparecimento dos seguintes livros e publicações sôbre *ex-libris*: 6.º e último volume da *Revista de Ex-libris Portugueses; Super-libris portugueses inéditos*, por Matias Lima, e o *Arquivo Nacional de Ex-libris*, de que somos director, com o snr. A. de Gusmão Navarro.

Desta publicação já saíram dois números, que teem tido um acolhimento extraordinàriamente satisfatório.

Também se realizou, de 4 a 31 de Outubro, em Lisboa, uma Exposição de ex-libris portugueses e estrangeiros, que constituiu um verdadeiro sucesso.

ARMANDO DE MATOS.

OS CURSOS DE FÉRIAS NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA — Grupo tirado em Lorvão, entre as ruinas do Mosteiro

OS CURSOS DE FÉRIAS NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A TAREFA dos *Cursos de Férias*, que vem sendo realizada com teimosa persistência há três anos pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra merece ser contada como um acto de positiva benemerência patriótica. Emfim, são algumas dezenas de estrangeiros que teem transitado por Portugal e feito, alguns, demorada assistência quer como estudantes, quer como professores. E que a sua vinda não terá sido estéril para nós proclamam-no algumas centenas de artigos em jornais e revistas, um pouco de tôda a parte e de todos os matizes. Proclamam-no ainda as permutas de livros e de publicações em que se dedicam à história, à arte, etc., de Portugal, comentários e elucidações, que até então ninguém jàmais vira. Não terá sido debalde que pelos *Cursos de Férias* de Coimbra hajam passado individualidades do maior destaque no mundo dos sábios ou dos simples estudiosos. Junto de nós, conhecendo-nos, estudando-nos, todos teem aprendido certamente a amar o carácter do português — estruturalmente bondoso, tolerante e acolhedor. Visitaram os nossos monumentos, apreciaram a nossa paisagem, viram como eram recebidos e acolhidos por tôda a parte — com cortezia e até com afabilidade.

Só esta — ¡que grande, que fecunda, que nobre propaganda!

Os *Cursos de Férias* de Coimbra não são uma fria condescendência com a moda, que os criou e implantou um pouco por tôda a parte e, nalguns países, até com excessiva abundância. Nem com a moda, nem com os interêsses de quem quer que seja. Nasceram dum impulso generoso e patriótico, por conseguinte, desinteressado e nobre. Não se trabalha neles por ofício, mas por dedicação. Os egoístas, os indiferentes, os contraditores, de tôdas as iniciativas altruistas e generosas, os derrotistas emfim, qualquer que seja a capa hipócrita com que se cubram e encubram terão, porventura, um sorriso de superior desdem, de indiferença, de desprezo. Há desta fauna perigosa exemplares numerosos, que nos cercam, nos apertam as mãos e, se fôr necessário, nos abraçam e felicitam.

¿Que fazer? Deixá-los. A vida é assim. ¡E ai de nós se supomos que o caminho se nos estende sempre e por todos os lados juncado de flores! A vida é antes um caminho áspero e duro, disse-o o vidente Florentino há uns poucos de séculos.

Não sejamos pois, pessimistas, embora nos não deixemos embalar pelo perigoso sorriso do optimismo.

As iniciativas como a dos *Cursos de Férias* devem ter por seu lado tôdas as almas bem formadas, todos quantos avaliam o que é trabalhar sem desfalecimentos durante um período, que não é pequeno, e isto após um ano lectivo, de canseiras e de fadigas — para os que tomam a sério a sua missão.

*

Publicamos algumas gravuras alusivas aos *Cursos de Férias,* nos quais figuram professores e alunos nacionais e estrangeiros. São tôdas extraídas de colecções fartamente documentadas pelos *Kodacs* dos alunos por ocasião das excursões a Lorvão, Lousã e Batalha.

Coimbra — Outubro — 1927.

MENDES DOS REMÉDIOS.

OS CURSOS DE FÉRIAS NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA — Um grupo de excursionistas no píncaro da Serra da Lousã

OS CURSOS DE FÉRIAS NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA — Grupo tirado na Lousã, próximo da Ermida da Senhora da Piedade

Clichés fotográficos de Júlio Worm

LISBOA — 1.º — ESCALER COM AS URNAS DE ANTÓNIO FEIJÓ E SUA ESPÔSA REBOCADO PELO ESCALER A VAPOR SUECO
2.º — O ESCALER COM AS URNAS ATRACANDO AO ARSENAL

ANTÓNIO FEIJÓ

Certo é que a posteridade faz sempre justiça, reconhecendo o valor a quem o teve. Mas às vezes tarda, leva muitos anos, séculos mesmo.

Com António Feijó, porém, não aconteceu assim. O poeta ilustre que morreu de saüdade — saüdade pela espôsa adorada e pela pátria que sempre estremeceu — acaba, dez anos após a sua morte, de receber a consagração a que o seu altíssimo talento e a sua incomparável perícia de lavrante do verso tinham direito.

Deixaríamos, todavia, de ser sinceros se escondessemos que essa consagração foi um pouco forçada. Promoveu-a um grupo de amigos de Feijó, — que muitos lhe haviam grangeado, quando moço, a impecável correcção do seu porte, a vivacidade do seu espírito e a bondade ingénita do seu coração. Secundou-os, gostosamente, a fina-flor dos intelectuais portugueses. Não faltou, nessa fúnebre solenidade, a nota candente e sempre marcante da juventude académica. Alguns populares, dêstes que uma curiosidade mórbida atrai sempre aos lugares onde as notícias dos periódicos lhes preanunciam um espectáculo mais ou menos interessante... O elemento oficial, que, por dever do cargo, tanto iria esperar um poeta, como um aviador, como uma autoridade ultramarina... Senhoras ansiosas por espanejarem ao bom sol do outono os seus novos vestidos da estação hibernal... Bastantes *snobs*... Meia dúzia de cabotinos...

Foi esta a gente que saíu a receber os féretros de António Feijó e da musa inspiradora dos seus últimos versos. Foi esta a atmosfera que, logo no pontão do desembarque, e quási até à inhumação no túmulo definitivo, os rodeou.

ANTÓNIO FEIJÓ

Algum trigo, e da melhor qualidade. E, à mistura, como é da praxe, uns tantos grãos de joio.

Mas, bem ou mal, com sinceridade ou sem ela, está satisfeita a última vontade do Poeta:

> Ó meus amigos, quando eu morrer,
> Levae meu corpo despedaçado,
> Para que eu possa, já sem sofrer,
> Dormir na Morte mais descansado!

*

António Feijó, um dos maiores líricos portugueses dos últimos tempos, nunca foi um poeta popular. Êsse adorável artista da Rima — ao mesmo tempo romântico, parnasiano e naturalista — possuia três qualidades que concorriam poderosamente para que o seu nome se não incrustasse na memória e na admiração do público: uma grande modéstia, um invencível horror ao exibicionismo e ao rèclamo, e uma natural repulsa — porventura proveniente do sangue aristocrático que lhe girava nas veias — pelo contacto com as multidões. Além disso, tendo ingressado muito novo na carreira diplomática, cedo se ausentara da pátria, que raras vezes visitou ao depois, e sempre com escassa demora.

Desta maneira, se os jornais — êsses grandes fazedores de reputações literárias — lhe citavam de quando em quando o nome, era só para se referirem, em meia dúzia de linhas, ao aparecimento de qualquer seu novo livro. Conheciam-no apenas os amigos e a *élite* intelectual do país. A própria mocidade das escolas, ordinàriamente tão amiga de ler, ignorava o seu nome e a sua obra. Por ocasião do aparecimento do livro póstumo *O sol de inverno*, li eu num periódico um artigo curioso — firmado, se bem me recordo, por Eduardo de Noronha — no qual se narrava o desconsolador episódio de dois estudantes lisboetas pararem em frente da montra de uma livraria, e preguntar um deles:

Cliché fotográfico de Júlio Worm

LISBOA — FÔRÇA DE MARINHA SUECA NO ARSENAL PARA A GUARDA DE HONRA AOS FÉRETROS DE ANTÓNIO FEIJÓ E SUA ESPÔSA

Cliché fotográfico de Júlio Worm

LISBOA—O SNR. BISPO DE TRAJANÓPOLIS À FRENTE DO CORTEJO FÚNEBRE DOS FÉRETROS DE ANTÓNIO FEIJÓ E SUA ESPÔSA

—¿Quem será êste *novo poeta* chamado António Feijó?

E há dias um homem inteligente e bastante culto, que no Pôrto exerce uma profissão liberal, confessava-me que nunca tinha lido um livro do poeta limarense acrescentando:

—¡Mas deve ter sido uma grande figura, êsse homem a quem o govêrno da Suécia prestou a alta honra de o transportar para Lisboa a bordo de um navio de guerra!

...Creio bem que o cruzador *Fylgia* valeu mais para a glória de António Feijó, do que os seis admiráveis volumes que êle legou à literatura nacional...

*

E contudo, Feijó—nunca é de mais repeti-lo—foi um altíssimo poeta. Tinha ideias, tinha sentimento, inspiração, uma extraordinária riqueza de rimas, uma técnica perfeita na modelação dos versos, uma ânsia de perfeição só comparável à de Eça de Queiroz. Citava a miudo, segundo afirma o snr. Conselheiro Luiz de Magalhães, seu velho e constante amigo, o preceito de Gautier: *ce qui n'est pas bien fait, n'est pas fait*. Citava-o, e cumpria-o religiosamente. Em tôda a sua obra não há um verso mal burilado, uma rima pobre, uma cacofonia, um hiato. E, sendo um parnasiano, na definição integral do qualificativo, possuia uma qualidade que aos parnasianos ordinàriamente falece: o sentimento. As suas poesias eram esculturas, sem dúvida, mas esculturas cujo mármore se animava, vivia, sofria, tinha gestos e gritos humanos. A beleza da forma não lhes conturbava a emoção. Quási tôdas as produções parnasianas se lêem como foram escritas: com o cérebro. As de António Feijó lêem-se com o coração,—tal como foram tracejadas também. ¿E quem poderá ler sem lágrimas alguns dêsses versos lapidares em que êle, entre o inverno rude de Estokolmo, vibra na funda nostalgia do seu ameno Lima transparente, das veigas e dos vinhedos do seu edénico Minho e do luminoso céu do seu Portugal?

*

Poeta, vate, profeta são termos sinónimos. António Feijó, ainda em pleno gôzo da sua opulenta mocidade, teve a previsão do seu futuro triste.

Nas *Líricas e Bucólicas,* dadas a lume pouco depois da sua formatura, há uma linda poesia intitulada *Versos à Lua,* que parece escrita num dêstes momentos em que o nosso especial modo de sentir descortina, numa inspirada subconsciência, a visão remota de acontecimentos futuros. Olhando a lua, o Poeta sonha:

> Julgo desembarcar n'algum paiz do norte,
> em distantes regiões inhospitas e antigas,
> entre homens bestiaes de aspecto rude e forte
> e crianças gentis loiras como as espigas.
> E fico a imaginar uns climas singulares,
> com montanhas de neve e lagos e geleiras...

Suprimam o termo «bestiaes» ou dêem-lhe o significado de Prudêncio—corpulentos, fortes—e terão o seu desembarque na Scandinávia, a estranha e gelada região, de prolongadíssimo e duro inverno, onde os seus olhos de meridional não encontravam a exuberância luxuriosa da Natureza que êle amava, nem o resplendor do sol glorioso que é a alegria e a fecundidade do seu país natal.

Ainda no mesmo livro, em que o Poeta toma como divisa o dístico de Shakespeare—*Love is my sin*—há uns versos fatídicos em que perpassa a visão da sua morte, viuvo da espôsa e da pátria, sob um céu nevoento e baço onde o meio dia é um crepúsculo:

> Como um cravo que murcha, debruçado
> n'uma jarra fantastica da China...
> . . . .
> O cravo morre á mingua, abandonado,
> sem ver o sol e a estrela vespertina...

¿E não seria a si próprio, ao desterrado que êle havia de ser dali a trinta anos, que Feijó se retratava inconscientemente no soneto *Diogo Bernardes?*

> ... longe, bem longe, n'um distante clima,
> julgando-se embalado, á lua cheia,
> n'um tristissimo canto de sereia
> entre as nereides a boiar no Lima...

Bem como no

> Cysne branco, esquecido a sonhar no alto Norte
> . . . .
> ... a cantar sem que ninguem o escute...
> . . . .
> E... abandonado ao seu destino expira...

OS FÉRETROS DE ANTÓNIO FEIJÓ E SUA ESPÔSA À SAÍDA DA ESTAÇÃO DE VIANA

Assim, de facto, expirou o Poeta: esquecido, abandonado ao seu destino, morrendo de amor — o amor, êle o dissera, era o seu pecado — e ansiando sempre por que, ao cabo da viagem da vida, o seu corpo descansasse na terra amiga e amada de Portugal.

Está cumprido o seu desejo, — e também uma das suas previsões:

E penso navegar na tolda de [um navio,
entrar n'um porto amigo ao cabo [da viagem. . .

A última viagem que faz na terra: viagem de repatriação e de núpcias. Com um sol de encanto a cobri-lo. Com o leito da mulher adorada a par do seu. Agora, sim, é verdadeiro e eterno o seu alexandrino: «*Para sempre um ao outro, eu e tu, pertencemos.*» E se quiserem inscrever-lhe no túmulo um epitáfio sem risíveis hipérboles laudatórias, sentido, e também verdadeiro, encontram-no ainda em versos seus:

Ninguem mais penas sofreu,
nem maior dôr suportou.

CAMPOS MONTEIRO.

Carros dos Bombeiros de Viana, conduzindo os féretros de António Feijó e sua espôsa, a caminho de Ponte do Lima

⁂

N. da R. — A excelente reportagem fotográfica obtida em Lisboa à chegada dos féretros de António Feijó e sua espôsa, e que ornamenta o artigo do nosso ilustre colaborador Dr. Campos Monteiro, devemo-la à obsequiosa amabilidade do distintíssimo fotógrafo amador Snr. Júlio Worm, que à sua competência técnica alia um delicado temperamento de artista, a quem agradecemos a deferência dispensada à *Ilustração Moderna*.

Cliché foto. de Marques Abreu

EM PAÇO DE SOUSA — O snr. dr. Alfredo de Magalhães, ilustre Ministro da Instrução, discursando no banquete de homenagem ao arquitecto snr. Baltazar de Castro, tendo à sua direita o maestro Francisco de Lacerda, e, à esquerda, sua gentil sobrinha, D. Natália de Magalhães

EM PAÇO DE SOUSA

UMA LINDA FESTA DE HOMENAGEM AO ARQUITECTO BALTAZAR DE CASTRO

NAQUELA formosa e lêda manhã do dia 4 de setembro, ido da capital do norte, descia do combóio-correio, na linda e ridente povoação de Cête, um pequeno grupo de homens e senhoras, que se dirigiam à pitoresca frèguesia de Paço de Sousa.

A magia da Arte, por meio de requintado sortilégio, sugerira-lhes uma peregrinação ao local onde, no doce bucolismo da região e na quietude bem-aventurada dos justos, assenta o sepulcro da majestosa figura nacional — *D. Egas Moniz de Riba do Douro que criou el-rei D. Affonso de Portugal, o primeiro que hi houve, e fege erguer o emperador que jazia sobre Guimarães com companha á guisa de lealdade, . . .*

À saída da estação, estacionam camponesas lindas, de trajos garridos, boninas e malmequeres rescendendo a alfazema, e aldeões de fatiota domingueira, alegres e simples, em meio dos quais se recorta a figura imponente do seu pastor, rev.º Manuel de Castro, moço culto e inteligente, que, ao lobrigar o arquitecto Baltazar, o saúda afectuosamente em nome do seu povo.

Nesta conjuntura, tôda aquela multidão que, no seu olhar rude, reflecte a pureza dos saüdosos campos da nossa terra, acarinha os seus hóspedes e segue-os, num entusiasmo louco, através de um formosíssimo lanço de estrada, entre pâmpanos frondosos, que, vergados ao pêso dos cachos, negros como azeviche, se amparam, quási a despenhar-se, ao tronco carcomido de velhas árvores e se casam admiràvelmente com festões de heras e madre-silvas, entre macissos de perfumadas rosas e pelargónios rubros como desejos.

De onde a onde, por entre a policromia luxuriante da vegetação, com penumbras delicadíssimas, começa a negrejar ao longe a silharia do vetusto mosteiro dos beneditinos de Paço de Sousa, relíquia veneranda do nosso passado artístico, exuberante de fé religiosa e prenhe de feitos estrondosos, tanto em terra como no mar.

No logar da Ponte de Areias, porém, onde nesta quadra o rio Sousa deslisa com lirismo impressionante, uma multidão compacta dêsse bom povo de Paço de Sousa, à entrada de portas da sua pitoresca frèguesia, aclama agora, delirantemente, Baltazar de Castro.

Cachopas lindas, calhandras da devesa, cobrem-no de pétalas de flores; estoiram foguetes, por entre os acordes da música dos Bombeiros Voluntários de Cête; as aclamações ressoam por todos os lados; e, a distância, a repercutir-se pelas quebradas e pelos outeiros, chega até nós o repicar festivo da música dos sinos.

Um pouco mais de caminho a andar; mais uma volta e, de um e outro lado, portões brazonados, desafiando o tempo, entre a verdura das heras e a sombra amiga de frondoso arvoredo.

Uma pequena descida e estamos entranhados no peito da aldeia. Ao fundo, garrido e fresco como uma moçoila, o presbitério embandeirado e engalanado com colchas e grinaldas de murta e rosmaninho, salpicadas de flores dos eirados com enormes manchas azuis de mimosas hortênsias.

À esquerda, entronizado em elevado morro, a cujos pés um fio de água murmura docemente embalado na espessura dos choupos e dos salgueiros, eleva-se para o céu, a pulsar ritmicamente, no meio da intempérie das grandes convulsões sociais, o coração da aldeia, essa maravilhosa jóia da arquitectura românica do século XIII, a igreja do venerando mosteiro, onde se destilam e condensam as lágrimas das misérias que o homem verte e chora, nos grandes éstos das suas paixões, e onde as almas puras, ávidas de perfeição, se vão aproximar de Deus.

*

Tôda aquela multidão sobe a ampla escadaria que conduz ao adro da vetusta igreja que aparece agora, em frente de nós, elegante e majestosa em sua traça românica.

O dobar dos séculos deu-lhe a côr respeitável da velhice a que se mistura, aqui e acolá, uma tinta esfumada, mercê de um incêndio que, há meses, lhe abriu imensas chagas que as qualidades brilhantes de talento, zêlo e dedicação do arquitecto Baltazar de Castro estão a curar maravilhosamente, com acrisolado afecto e acendrada dedicação.

Pelo artístico pórtico do vasto templo, cheio de andaimes e madeiras, que denotam grande azáfama na sua restauração, vai entrando aquele bom povo que, na casa do Senhor, e à face do túmulo onde dorme sono eterno o maior símbolo da lealdade e do cavalheirismo português, quer render homenagem sincera, de gratidão ilimitada, ao artista que tam desvelada e desinteressadamente lhe está a restaurar o seu majestoso Templo.

Numa religiosidade encantadora, cheia de paz e doçura, tem início a missa conventual, por entre o ciciar das orações, que se evolam até Deus, envolvidas na melodia das notas de um harmonium. Ao Evangelho, êsse admirável condutor de homens, P.e Manuel de Castro, orador eloqüente e de vastos recursos, numa brilhante oração, a trasbordar de patriotismo, tece a apologia da Arte e esboça a têmpera do carácter de eleição de Baltazar de Castro, pondo em relêvo a inteligência e o talento do moço artista a quem testemunha, em seu nome e no dos seus paroquianos, imperecível reconhecimento pelos relevantes serviços de que lhe é credora a linda frèguesia de Paço de Sousa.

Surprêsa agradável para todos foi, porém, a visita inesperada do ilustre Ministro da Instrução Pública, snr. dr. Alfredo de Magalhães, que espon-

Cliché foto. de Marques Abreu

EM PAÇO DE SOUSA — O nosso distinto colaborador, sr. dr. Vilas-Bôas Neto, falando em nome da *Ilustração Moderna.*
Sentados, da esquerda para a direita: os snrs. Marques da Cunha, representante do *Diário de Notícias;* José Mesquita, reporter fotográfico do *Jornal de Notícias;* arquitectos Rogério de Azevedo e José Vilaça; arqueólogo P.e Aguiar Barreiros

Cliché foto. de Marques Abreu, Filho

EM PAÇO DE SOUSA — UM ASPECTO DO ARRAIAL

Cliché foto. de Marques Abreu, Filho

EM PAÇO DE SOUSA — UM DOS CARROS ALEGÓRICOS DO CORTEJO

tâneamente veio associar-se a esta festa, sendo recebido delirantemente pelo povo que o cobriu de flores e aclamações, em testemunho de reconhecimento pelo interêsse que sua excelência tem votado não só a êste como a muitos outros monumentos nacionais.

Ilustrado e culto, êste titular da pasta da Instrução Pública tem sido, como poucos, um desvelado amigo dos nossos monumentos, empenhando-se dedicadamente pela conservação de uns e restauramento de outros, merecendo por isso a veneração e estima dos artistas e a admiração e respeito de todos aqueles que se interessam pelo nosso património artístico, que de há muito estava votado ao ostracismo.

Acompanhado de povo e de grande número de homens ilustres nas artes e nas letras, visitou sua excelência o Monumento, tecendo louvores pela forma como está sendo executada e dirigida a restauração arquitectónica dêste notável exemplar de estilo românico.

Durante a visita ministerial, o insigne *maestro* Francisco Lacerda, em profundo recolhimento, executou, no harmonium, deliciosos trechos de música sacra, cujos acordes, reboando misticamente pela arcaria das naves, enchiam a serenidade do ambiente com a doçura da paz angélica.

O Orfeão de Lordelo fêz-se ouvir, também, num admirável trecho religioso.

Pelas treze horas e com carácter íntimo, foi ótimamente servido, na residência poroquial, um suculento almôço ao qual assistiram senhoras das famílias do snr. Ministro da Instrução e do nosso amigo Baltazar de Castro, a snr.ª Viscondessa de Fraião e muitas outras pessoas, predominando, principalmente, artistas ilustres e arqueólogos eruditos, todos amigos pessoais do homenageado.

Ao *champagne,* saúdaram Baltazar de Castro o rev.º Abade de Paço de Sousa, em nome dos seus paroquianos, dr. Vilas-Bôas Neto, pela *Ilustração Moderna,* rev.º Aguiar Barreiros, José da C. Vilaça, Rogério de Azevedo, Marques da Cunha, pela imprensa ali representada e, por último, o snr. Ministro da Instrução que foi eloqüentíssimo no seu brinde.

À tarde, no amplo largo fronteiro ao presbitério, houve um animado e alegre arraial, executando o Orfeão de Lordelo, Paredes, inspirados trechos dos nossos lindos cantares regionais.

Todavia, um dos números mais interessantes foi, sem dúvida, o deslumbrante e vistoso cortejo de carros de bois alegóricamente ornamentados, que lindas camponesas guiavam e donde, numa apoteose delirante, saíam mãos cheias de rosas.

E, quando o sol ia agonizando, mergulhado em poeira de oiro, terminava esta festa aldeã, maravilhosa de simplicidade, na Harmonia e na Beleza de quem tece glória a Deus nas alturas e deseja, na terra, a paz aos homens.

Setembro de 1927.

JOSÉ LUSO.

Cliché foto. de Marques Abreu, Filho

EM PAÇO DE SOUSA — OUTRO CARRO ALEGÓRICO DO CORTEJO

Cliché fotográfico de Marques Abreu, Filho

EM PAÇO DE SOUSA — Sentados, da esquerda para a direita: arquitecto Rogério de Azevedo, dr. Vilas-Bôas Neto, arquitecto Baltazar de Castro, Marques Abreu, arquitecto José Vilaça. De pé: Pires de Morais, funcionário das Obras Públicas; senhoras da família de Baltazar de Castro, maestro Francisco de Lacerda, dr. Alfredo de Magalhães, D. Natália Magalhães, P.e Aguiar Barreiros, dr. Pedro Vitorino e arquitecto Emanuel Ribeiro

CÂNDIDO DA CUNHA

Os mortos devem ser recordados, até pelo velho princípio de que os mortos mandam. A sua memória, persistindo ou avivando-se, através das vicissitudes do tempo e das épocas, muitas vezes serve ainda de estímulo e de norma, de lição e exemplo, aos que desamparadamente ficam ainda trilhando as veredas da vida. E a um homem notável, pelo seu valor mental, artístico ou moral, se deve aplicar a frase de Horácio: *non omnis morior.* Não irei todo para a cova, de mim alguma coisa há-de perdurar pelos evos além.

Cândido da Cunha não deixou uma obra grande, mas deixou uma obra que fica, e não desaparece, devendo longamente memorar o seu nome na recordação dos admiradores e cultores da Arte. Foi o nosso poeta-pintor, o artista da saüdade e da nostalgia, verdadeira alma de lusíada, que soube compreender em espírito e interpretar na tela, dando côr e expressão aos sentimentos, a complexa idiosincrasia da raça.

Mas de Cândido da Cunha falaram em devido tempo, com acêrto e brilho, críticos, jornalistas e escritores. Não pretende agora a *Ilustração Moderna* focar novamente a sua alta personalidade artística. É seu intuito apenas desfolhar um modesto ramo de saüdades sôbre a campa dêsse gentil espírito de eleição, que tam enamorado foi de beleza e de ideal, modêlo de bondade e de dedicação, amigo sincero e devotado entre os que verdadeiros amigos se podem chamar.

E porque êle foi, desde início, não só um colaborador distinto mas um abnegado e fervente propagandista desta publicação, deviamos-lhe mais esta homenagem, singela mas sincera, no primeiro aniversário da sua morte, que ocorreu em 16 de Outubro de 1926.

EM COIMBRA

O SNR. MINISTRO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA VISITA ALGUNS MONUMENTOS DA CIDADE DO MONDEGO

Sant'Iago, Santa Cruz, a Sé Velha e Santa Clara-a-Nova, preciosas jóias arquitectónicas da que foi Conimbriga dos romanos e é hoje formosa cidade de tricanas e estudantes, tiveram a visitá-las, há pouco, um seleccionado grupo de artistas, que mostraram ao snr. ministro da Instrução os males que as afligem e as chagas que as consomem.

Na realidade, conferências desta ordem, junto de enfermos desta natureza, devem ser amiudadas, para salvar, dos ultrages do tempo e da incúria dos homens, os padrões da nossa gloriosa história, que, se confirmam o foral que nos garantiu independência, servem também para marcar o estado do nosso lugar, na grande meza da Civilização, da qual andamos um pouco arredados, apenas por termos encurtado os passos, no caminho dos progressos humanos.

Nos tempos que vão correndo, felizmente, apareceu um homem que, às Artes e aos artistas, tem prestado relevantes serviços, o actual ministro da Instrução, snr. dr. Alfredo de Magalhães, que religiosamente tem peregrinado, por montes e vales, a ver o que é mais necessário, para que se não desmantele, em absoluto, a majestosa silharia dos nossos monumentos, nem se desbarate a rica e formosa decoração de seus interiores.

Fazendo acompanhar-se do erudito arqueólogo e notável historiógrafo, snr. dr. António Garcia de Vasconcelos, de abalizados arquitectos, snrs. Adães Bermudes e Baltazar de Castro, e de outros investigadores ilustres, sua excelência teve ensejo de verificar o estado ruinoso em que se encontravam os abandonados monumentos e prometeu tomar vivo interêsse, junto de seus colegas do ministério, pela restauração urgente das preciosidades artísticas que se lhe depararam.

Visitas desta natureza são úteis ao país. Só desta maneira é que os nossos governantes, longe de peias burocráticas das secretarias, podem aplanar dificuldades, resolver questiúnculas e conhecer as necessidades da grei.

Cliché foto. de Marques Abreu

EM COIMBRA — O arquitecto Adães Bermudes, Director dos Palácios e Monumentos Nacionais, expondo ao snr. Ministro da Instrução o plano de obras a realizar na igreja de S. Tiago

Cliché foto. de Marques Abreu

EM COIMBRA — OUVINDO A EXPOSIÇÃO DO SNR. ADÃES BERMUDES. — Da esquerda para a direita: D. Natália Magalhães, dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, dr. Alfredo de Magalhães, arquitecto Baltazar de Castro, Adães Bermudes, dr. Carvalho Maia

UMA EXCURSÃO DE JORNALISTAS

Santo Tirso é uma das mais belas vilas minhotas e uma das terras também em que a iniciativa particular melhor tem vincado a eficiência da sua acção. Limpa, arejada, garrida de árvores e flores, beijada por um rio poético, — o Ave —, com paisagens encantadoras e panoramas surpreendentes, outros atractivos artificiais, preparados pela mão do homem, concorrem para que essa linda povoação constitua hoje um importante centro de atracção, ponto forçado de passagem para turistas que percorrem as mais interessantes localidades de Entre-Douro-e-Minho.

Êste facto provocou, em fins de Agosto do ano corrente, uma excursão de jornalistas do Pôrto e de Lisboa, a que se agregaram os homens de influência e de prestígio na vila, e ainda o ilustre escritor teatral, snr. dr. Alfredo Cortez. Um caso prodigioso que ali ocorrera pouco antes, — uma menina da localidade, D. Maria Celeste Carneiro da Cunha, que recuperara miraculosamente a vista—, justificou uma subida ao Monte Córdova, celebrizado num romance de Camilo. Visitaram a capela da Senhora da Assunção, que empresta agora ao monte o seu nome, e que tirsenses devotados pretendem transformar num grande templo, que seja mais tarde incentivo de peregrinações e festividades religiosas.

Admiraram os soberbos pontos de vista que do alto da montanha se disfrutam, saborearam, na sua encosta, à sombra reconfortante de grandes árvores, um esplendido almôço, foram depois oficialmente recebidos na Câmara Municipal e visitaram, por fim, o balneário e hotel das Caldas da Saúde, uma estância termal magnífica, situada a pouca distância da vila.

Por tôda a parte foram admiràvelmente acolhidos, prodigalizando-lhes gentilezas e atenções os snrs. dr. Mário Carneiro Pacheco, presidente da Câmara; dr. João Santarem, presidente da Comissão de Turismo; dr. Lima Carneiro, director do estabelecimento termal, um grupo de formosas damas tirsenses e outras pessoas de representação social.

Foi um dia de recordações inesquecíveis para todos que fruiram as delícias dêsse passeio encantador.

Cliché foto. de Marques Abreu

EM COIMBRA — Um trecho da igreja de S. Tiago

ESCLARECIMENTO AOS NOSSOS ESTIMADOS ASSINANTES E COLECCIONADORES

Por várias vezes temos dado notícia de que nos meses de Setembro e Outubro não se publicava a *Ilustração Moderna,* como consta das condições da sua assinatura. O presente número é o seguimento do último publicado no mês de Agosto, seguindo-se, no entanto, a numeração das páginas como se não tivesse havido interrupção alguma.

EM SANTO TIRSO — JORNALISTAS E ESCRITORES NO MONTE DA ASSUNÇÃO

EM SANTO TIRSO — Grupo de gentis senhoras que no Hotel das Caldas da Saúde organizaram a recepção aos jornalistas e escritores que ali foram de visita.
Da esquerda para a direita: D. Angélica Vieira da Silva, D. Alcide Pinto, D. Vitória Moreira da Silva, D. Maria José Santarem, D. Isaura Vieira da Silva, D. Maria Antonieta Santarem.

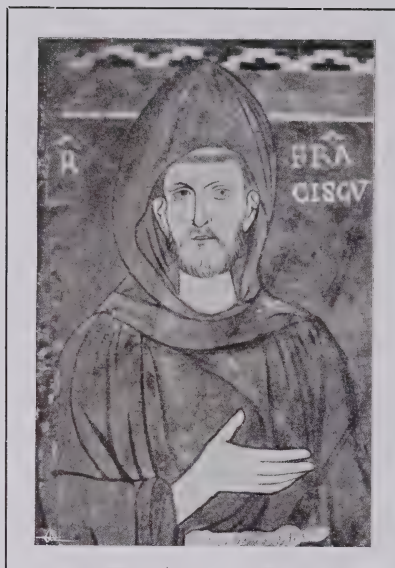
S. FRANCISCO DE ASSIS, CÁLICE DA VIDA

Desde 1890 até hoje, desde que a *Itália mística* de E. Gebhart me iniciou na contemplação do milagre de Assis até que os nossos dias glorificaram o seu profeta, na apoteose descomunal e esplêndida que tem sido e continua a sêr, pois ainda não findou, a celebração do 7.º centenário da morte de S. Francisco, nunca o império dessa divina aparição cessou de me fascinar com uma tenacidade inflexível. Não ficarei talvez muito longe da verdade dizendo que, mal o Santo se me revelou na sua auréola, logo me tornou em um culto quotidiano a visão. Hoje lhe peço conselho, amanhã lhe sofro a severidade, depois me enleva na sua alegria e me mostra o mundo na sua luz, e eis que me extasia na sua beleza, e agora me enternece e move a piedade, e afinal e sempre, por infinitos modos, me exalta e manda, e me convence, e esclarece, e é meu companheiro, no alarido como no silêncio, no tumulto como na solidão, e é guia, e mestre, e sacerdote, intérprete constante da divindade e insinuando-a em o nosso sêr, para êste a conceber e receber purificado por magia e arte daquele peregrino medianeiro enviado dos céus.

De um mestre senês anónimo — S. Francisco (Academia de Sena)

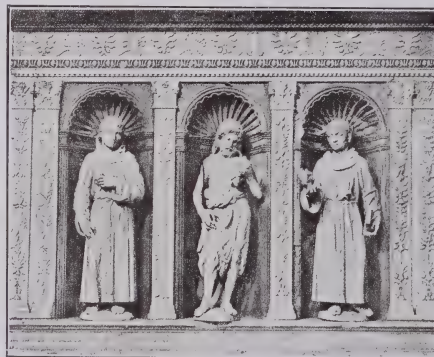
Parecerá que, por um mistério singular, o mundo inteiro e quanto êle pode sonhar, tudo se conteve na alma do Santo, e, desde que conhecemos e se gravou em nosso ânimo a consciência de semelhante prodígio, não mais podemos viver no mundo sem nos identificarmos com a alma do Santo, nem tão pouco podemos identificar-nos com a alma do Santo sem que imediatamente não se sinta a derramar-se em tôrno de nós a salutar efusão do seu anseio, como uma vaga de fulgor, como uma atmosfera cristalina, só de orvalho e aurora, abrangendo e vivificando tôdas as palpitações e tôda a forma da nossa existência e do mundo. É como um acto de sagração cósmica.

Haverá neste comércio da alma do Santo e do mundo um fervor oculto de consubstanciação que nos arrebata e escapa à razão, uma súbita imersão em ingenuidade, uma absorpção de todo esquiva à disciplina e crítica do pensamento ordenado, um impulso violento cujos fios lógicos apenas se suspeitam sem jámais se destrinçarem nem serem susceptíveis de destrinça, nos termos positivos ordinários em que costumamos apartar e graduar e classificar as nossas reflexões e ideias.

A compreensão e o amor de S. Francisco de

Anónimo — O mais antigo retrato de S. Francisco (Subiaco, Sacro Speco)

Assis importará da nossa parte uma rendição total e só nessa integridade se realiza e opera seus efeitos de redenção.

* * *

Longo tempo imaginei que esta confusão em que a assiduidade de convívio com S. Francisco me precipita, fôsse simplesmente insuficiência ou inépcia fundamental do meu entendimento, ou perplexidade ingénita da minha sensibilidade, nìmiamente sujeita a desvairar-se ao mais leve estímulo que a desperte. Mas hoje, ao alongar-me

António Rossellino — S. João Baptista entre S. Francisco e Santo António de Pádua (Veneza — Igreja de S. Job)

ANDRÉ DELLA ROBBIA — S. FRANCISCO E S. DOMINGOS
(Florença — Praça de Santa-Maria-Nova)

na leitura e exame das omnímodas devoções franciscanas de inumeráveis talentos soberbos e génios autênticos que a figura e a crença do Santo atraíram e absolutamente cativaram — sobretudo, perante a soma colossal de nobilíssimas actividades de tôda a espécie que acudiram com o seu tributo próprio a celebrar o 7.º centenário da morte de S. Francisco — hoje persuado-me de que a minha sorte, esta impotência mental em que cedendo a uma entranhada fraqueza me confio à fascinação do Santo, não será enfermidade exclusiva da minha debilidade mas sòmente uma impossibilidade de domínio da nossa alma, um limite de robustez e liberdade, comum a tôda a condição dos homens, por mais altos e ricamente dotados de fôrças espirituais que a fortuna os tenha criado.

Certo será que, para quantos verdadeiramente foram tocados pela irradiação franciscana, há nessa captação qualquer coisa tão sòlidamente rigorosa como subtilmente impalpável, certo resíduo de obscuridade em que nos abismamos felizes, e entretanto não ignorando que excede a mais aguda capacidade de apreensão consciente. Em as nossas relações com S. Francisco, desde que entramos a obedecer-lhe, há uma prostração, uma humilhação insondável, na qual a transfusão da humildade do Santo em o nosso peito se tornou o viático essencial da adoração, ou antes da abdicação de tôda a nossa vontade e energia na vontade e energia do Santo.

* * *

Porventura o segrêdo último dêste mistério da nossa oração e da nossa renunciação em face do Santo estará em que S. Francisco, diferentemente de outros santos que apenas reflectem fragmentos da vida, S. Francisco contém em si e em tôda a emanação da sua alma o cálice total da vida. S. Francisco encontra-se, e fala-nos, e vence-nos na estrêla como na treva, na rosa como no mármore, no anjo como no verme, na miséria como na glória, na queda como no vôo, na voz como no silêncio, e em Deus e na terra e na luz e em tôda a vibração que nos acorde o corpo como em todo o bafejo que nos envolva o coração. Em tôda a forma e em todo o sêr criado, e em tôda a atitude da carne e em todo o dardejar do espírito, mora e é visível e ouve-se e é amada uma partícula de S. Francisco; porque, realmente, por tôda a forma criada e por todo o ser sentido, S. Francisco comungou da eternidade divina e reviveu-a, e emquanto por ela foi possuído, por consubstanciação imediata a possuíu, e porque por ela foi possuído e a possuíu, nela reside, e aí o encontraremos indefinidamente, emquanto no espaço houver uma consciência.

A vida de S. Francisco é um acto de reincarnação ininterrompida; vive por uma união constante e constantemente renovada da sua alma com a alma de tôdas as criações. Para S. Francisco, o mundo é uma comunidade de corajosas simpatias inexauríveis; não é o sistema premeditado e timorato de eliminações, repulsões e privações que constitui a farinha de que habitualmente se fabrica a maior parte das santidades ácidas. Em vez de buscar o que separa e aparta, procura e cultiva e afaga quanto pode juntar e irmanar, e logo consigo nos junta e irmana no ser estranho, que não mais é estranho, e antes nos é próprio, desde que um momento nos confundiu no seu

respirar. S. Francisco é em tôda a conjuntura, abstracta ou concreta, uma taça de abundância; nunca é a queimadura das avarezas beatas. Não é a sombra trágica de um tribunal nem o pelourinho de réprobos; é uma alâmpada dulcíssima, de uma luz que sara as feridas, não as envenena.

Assim, a vida, para S. Francisco e para quem êle protege, rola como a bola de neve, crescendo pela adesão contínua de cristais sôbre cristais, purgados de tôda a mácula pelo labor da candidez que vinda da alma repassa a terra e a renasce em brancura.

Lembrar S. Francisco de Assis, renovar em a nossa memória a sua imagem e o seu exemplo, será, até onde a nossa experiência psicológica compreende claramente os movimentos do nosso pensamento e acção, beber filtros de vida, dar à vida uma aspiração e um arrôjo que a dilatam e a prolongam e lhe dão razões do desejo de se dilatar e prolongar, porque a prolongam não só no tempo e na forma mas gradualmente refundida na pureza. Diferente da santidade como egoísta dos demais santos, a santidade do Pobresito de Assis, por sua febre de amor universal, converte-se em contágio balsámico, não demanda o sacrifício; redimia-o e redimia a terra, porque pelo ardor sobrenatural da sua inflamação, emquanto abrasava a sua alma aquecia do seu calor e santificava quanto ela tocava e louvava, arrancando o universo inteiro a todos os poderes satânicos, salvando-o da orgia em que por falta de um princípio agonizasse, restituindo-o a Deus, e à sua graça, e à sua perfeição, da qual emanava.

Agora, na significação divina que o Santo atribuíu e nos ensinou a atribuir ao mundo, não mais haverá pó que não contenha uma scentelha de fé nem pensamento que não murmure um hino de glória ao Criador; e eis que a santidade, que para tantos era o caminho da morte, para S. Francisco e para quem o seguir será sempre a estrada da vida.

Quanto mais de perto e assìduamente nos acolhemos ao império de S. Francisco, mais amamos; e quanto mais amamos, mais queremos à vida para em amor a convertermos; e no amor cessou o desalento estéril e a oposição mortífera entre Deus e a terra; e a terra e os seus bens e os céus e a sua beatitude, reconciliados em uma só fé, humedecem-nos os lábios e distilam-nos o vigor contido no cálice da vida milagroso que o Santo nos fabricou e nos legou.

Eixo — Quinta de S. Francisco, 26-X-1927.

Jaime de Magalhães Lima.

ASSIS — BASÍLICA DE S. FRANCISCO — IGREJA INFERIOR
(Fresco de Cimabue)

GENIALIDADE DE S. FRANCISCO DE ASSIS

Eram muito amigos Santo Tomás e S. Boaventura. Viveram em grande intimidade e, quando residiam na mesma terra, a amizade encurtava o caminho da cela dominicana à cela franciscana e ora um ora outro vencia essa distância num momento como se fôsse um pequeno corredor, ¡e vá de palestrar sem fim sôbre as interessantes coisas da sciência e magnificências da sabedoria!

Ora um dia bateu Santo Tomás à porta de S. Boaventura e, sem reparar se lhe respondiam ou não, entrou familiarmente para o *frontistério* (frontistério é o logar onde se pensa)... entrou na cela de S. Boaventura.

O dono, nessa hora, andava alheado por muito longe, talvez em demanda duma certa *matéria prima*, — pensaria Santo Tomás — elemento ultra-nebuloso e hiper-metafísico que por fôrça há-de entrar na constituïção de anjos e mais espíritos criados, aliás seriam êstes simplicíssimos, o que sem temeridade se não pode afirmar, pois que a *simplicimidade* é predicado que só a Deus convém... Quero dizer, S. Boaventura o estar, estava; mas era como se não estivesse. Seu espírito, na verdade, pairava alto, muito alto... Desta vez, porém, não se perdia nas pesquisas quiméricas sôbre a natureza, essência e qualidades da sombra do fumo: olhos meio-cerrados, a pena suspensa na mão inerte, o santo escritor parecia extasiado e entristecido por uma grande, imensa e irreparável Saüdade...

Santo Tomás, como quem no gesto amplia o pulsar do coração afectuoso, poisara a mão ao de leve sôbre o ombro de seu amigo; e, ao mesmo tempo, cedendo à curiosidade de *doutor angélico,* sempre foi aproximando o nariz, salva reverência, da escrita do colega *seráfico*. E leu:

«Manifestou-se nestes últimos tempos a graça de Deus, Salvador nosso, no seu servo Francisco a todos os verdadeiros humildes e amigos da santa pobreza, os quais, venerando a misericórdia de Deus que superabundava nêle, aprendem com seu exemplo a deixar de todo a impiedade e as cobiças mundanas, a viverem na conformidade de Cristo e a sentirem um desejo constante da esperança bem-aventurada. Porque sôbre êste

ASSIS — BASÍLICA DE S. FRANCISCO — IGREJA INFERIOR
(Fresco de Cimabue)

ASSIS — Basílica de S. Francisco — Os Cinco companheiros de S. Francisco de Assis
(Fresco de Simone Martini)

verdadeiro pobrezinho e contrito desceu com tão benigna complacência o olhar do Altíssimo, que não só o elevou, sendo êle pobre, acima do pó da vida mundana, senão que até o fêz mestre, guia e apóstolo da perfeição evangélica; e o apresentou para servir de luz aos que crêem, a fim de que, dando testemunho da luz, preparasse para os corações fiéis ao Senhor o caminho da luz e da paz.»

Lidas estas palavras, Santo Tomás desandou suavemente, murmurando: «deixemos o santo que trabalha pelo Santo»; e em passos rápidos, ganhou o seu convento e foi entregar-se à *Summa*. S. Boaventura continuava em seu êxtase a rememorar a vida de S. Francisco de Assis.

Grande perda foi o não ter havido um curioso que se pusesse à escuta e escrevesse os colóquios dos dois doutores: àparte o gótico latim, dariam um livro admirável, como os Diálogos de Platão. Aqui não houve, contudo, perda alguma; ainda neste caso o *silêncio de oiro* prevaleceu sôbre as *línguas de prata:* a Biografia de S. Francisco vale mais que tôda a Escolástica, que todo o *Platão.* — Não sou eu só a dizê-lo, afirma-o tôda a gente que tem o gôsto das coisas supremamente belas e sabe discernir os altos valores da civilização. Por exemplo, ainda há pouco afirmava o grande escritor brasileiro, Snr. Afránio Peixoto:

«S. Francisco de Assis foi o homem que mais perto chegou do seu Criador.

«Dificilmente e vãmente se procurará na história da humanidade outro homem igual. A todos, aos maiores, aos que assombram como génios, heróis, mesmo santos, distingue uma qualidade que obriga e impõe à admiração: neste confluem tôdas. Com efeito a sensibilidade que faz o poeta ou o santo; a inteligência que faz o génio que impressiona ou converte persuadindo; a vontade que domina e faz o político e o director de consciências, tôdas essas faculdades excessivas,

ASSIS — BASÍLICA DE S. FRANCISCO — IGREJA INFERIOR
Nossa Senhora com o Menino Jesus entre S. Francisco e S. João
(Fresco de P. Leorenzetti)

Monumento a S. Francisco, inaugurado em Assis, comemorando o sétimo centenário da sua morte

que dão grandeza aos homens, ainda quando singulares ou insignemente desenvolvidas, se encontram, complexamente, e no seu limite humano de desenvolvimento, atingidas por Francisco de Assis. Os génios parciais nos dão admiração; os duplos e triplos pasmo e vertigem; Platão, filósofo, estilista, que veste a ideia sublime do encanto da forma perfeita; Miguel Ângelo, que faz sonetos, pinta a *Sixtina,* esculpe o *Moisés* e edifica *S. Pedro;* Leonardo da Vinci, poeta, prosador, pintor, escultor, sábio, inventor; Wagner, mímico, poeta, músico, até místico... para não citar senão alguns, têm, em um homem só, muitos homens de génio. S. Francisco de Assis, êsse, tem todos. Daí a sua grandeza. Incomparável. Único. O homem que mais se aproximou da Divindade.»

Estas palavras entusiásticas, arrebatadas, de extraordinária veneração, são bem, em nossos dias, a reprodução do assombro de Santo Tomás e de S. Boaventura ante o prodígio da natureza e da graça, que foi S. Francisco de Assis. Mas esta simultaneidade de *génios,* que elas evocam e exaltam, perturbam a atenção e obrigam a um certo esfôrço para compreender a excelsa Personagem que assim fica como desfocada na multiplicidade de imagens. ¡De Santo António se diz que reduplicava e multiplicava a sua presença, arengando aqui, cantando noutra parte ao mesmo tempo, sendo capaz, por êste andar, de fazer de si mesmo... uma tropa! A personalidade de S. Francisco nada oferece de tumultuoso, de multiplicidade, de *politropia,* à maneira de Ulisses... ou de Santo António: não se fragmenta jàmais. É perfeita harmonia. Revelou alma de poeta; foi grande santo; inteligência quási infalível, limpidíssima; vontade poderosa, invencível: mas tudo isto, nêle, foi sempre a mesma coisa; a alma de S. Francisco acode inteira a qualquer de suas manifestações. Comecemos pela sua feição de poeta. Certa graciosidade de espírito, viva e ingénua, uma das suas características inconfundíveis, revela em cada objecto um lado favorável, quási sempre inédito: é uma espécie de estilização moral. As coisas revestem-se do encanto da poesia. A afeição vai-se prendendo... Depois, por êsse milagre de sensibilidade finíssima, o espírito vibra de simpatia e goza da presença de quanto existe. Vem, por fim, a abundância de alma, larga e intensíssima, bem manifesta na impagável bonomia que o leva a travar relações íntimas com todos e com tudo, dando acolhida na conversa e amizade a lobos, cordeiros, lebres, cigarras, abelhas, rouxinóis, andorinhas, falcões, fibras, cedros, pedras, estrêlas. Ora, como o *animal racional* não é jàmais nem exclusivamente

CASTELO DE ASSIS

animal, nem puramente *racional,* a ideia não se pode estremar completamente da sensação, como também esta se não pode degradar ao ponto de lhe serem negados quaisquer vislumbres de idealidade; doutra parte, S. Francisco não foi nunca um poeta pagão: por isso, nas vibrações da sensibilidade principia o seu hino ao Criador.

«Pela manhã, quando o sol se eleva todos os homens deveriam louvar ao Senhor, que o criou para nosso contentamento, pois é por êle que nossos olhos vêem a luz do dia; e depois quando a noite desce, todos os homens deveriam dar graças pelo irmão fogo, porquanto é por meio dêle que nossos olhos vêem claro nas trevas, tanto é verdade que somos todos como os cegos e que é o Senhor que ilumina nossos olhos por intermédio dêstes dois irmãos (1).»

¡Nosso espírito era o ceguinho dêste mundo se os belos irmãos, o Sol e o Fogo, não fizessem a caridade de o alumiar!

¿Para que servem, diante disto, as inépcias das *espécies sensíveis* e *inteligíveis* ou ridículas pretensões ontologistas de mirar o mundo através das próprias ideias de Deus?

¡Como é admirável de profundidade e limpidez e ao mesmo tempo de naturalidade e singeleza a visão de Deus e do universo em S. Francisco de Assis!

O Sol do cântico franciscano é um Sol novo, o Sol moderno, o Sol actual, liberto de tôdas as fábulas, mas sujeito à lei de Deus, à fraternidade universal, à caridade absoluta. Não admite o Santo um Sol cruel como seria um Sol ateu. Corteja-lhe levemente a coroa de oiro, mas obriga-o a acalentar os bichinhos da terra com um hálito fraterno.

Os animais, para o sentimento de S. Francisco, ocupam o meio termo entre a singeleza ignara do vulgo — *quando os animais falavam*... — e a dura estupidez dos sábios da teoria dos animais-máquinas, e mereciam-lhe real e sincera afeição; e, com inundar assim o mundo de sua ternura, não baixava um ponto o grande potencial de amor e por fim esta universal benevolência transformava-se em adoração do Criador e baixando de novo à terra, era, entre os homens, caridade omnipotente.

Grande poeta, grande inteligência, grande santo, grande condutor de almas, S. Francisco caracteriza-se sobretudo por sua indomável fôrça de vontade, revelada na permanente tensão de heroísmo que foi tôda a sua vida de santo (1206 a 1226). Desde a sua chamada conversão aderiu invencìvelmente ao bem, aspirando constantemente ao melhor, ao óptimo. Que êste heroísmo de vontade era esclarecido por uma inteligência de primeira ordem mostra-o o facto raro de em relação a S. Francisco não ser preciso recorrer nunca a êstes critérios de bondade relativa: *dados os costumes do tempo, atentas as circunstâncias, os preconceitos de então, as ideias da época*...

Em S. Francisco a acção mais heróica tem sempre perto a ideia mais bela.

*

O que distingue bem, é o que ensina melhor, diziam os antigos. A mim, o que me parece é que, nestas coisas, quem muito distingue... estraga o assunto. O aforismo que nos assegura

(1) *Speculum perfectionis,* c. CXIX.

que *a união faz a fôrça,* de tanta evidência em física como em política, é aplicável outrossim, e com enorme vantagem, à psicologia.

Não digo que seja absolutamente idêntico o significado das palavras inteligência e vontade, verdade e bondade, intelecção e volição, ideia e acção. Se êstes termos, dois a dois, não se ajustam completamente, hão-de ser quási a mesma coisa.

A ideia, por exemplo, se lhe tiram o que pertence às categorias acção e relação, pouco há-de deixar. Talvez se possa dizer que a ideia e a acção assinalam os termos, primeiro e último, do *acto humano;* ou que intelecção, volição, acção são três fases ou momentos do *acto moral.*

Seja como fôr: se o compreender e amar não são de todo a mesma coisa, é em todo o caso evidente que sem muito amor a inteligência se não alarga muito e portanto não pode apreender ou compreender muito. É tão verdade em psicologia que as faculdades mentais se dilatam com o amor, como o é em física que os corpos se dilatam com o calor.

Benevolência não será bem o mesmo que inteligência; mas a diferenca, se existe, há-de ser bem pequena. A bondade está em relação às outras funções do espírito como uma sorte de integral que não só as reforça, anima e absorve mas lhes dá também o supremo significado.

S. Francisco de Assis pode dizer-se a genialidade personificada, não porque fôsse o possesso do pandemónio dos génios, mas simplesmente porque foi o génio da bondade.

Como muito bem dizia S. Boaventura, *sôbre êste verdadeiro pobrezinho desceu com benigna complacência o olhar do Altíssimo.*

O doce Pobrezinho mais não teve que deixar reflectir sôbre o mundo, sôbre a humanidade, a complacência e benignidade daquela Luz divina.

FREI MANUEL ALVES CORREIA.

O SANTO DE ASSIS E AS LENDAS

No dealbar do século XIII, tôda a Europa Central, incluindo a Itália, era um revôlto oceano político, agitado pelas mais desencontradas ambições, pelos ódios mais acendrados, pelas mais violentas paixões e por uma desorientação geral a que não eram isentas as cabeças coroadas, nem, por vezes, as que cingiam a tiara.

Ainda o feudalismo pesava, com mão de ferro, sôbre os servos da gleba, só aliviando a

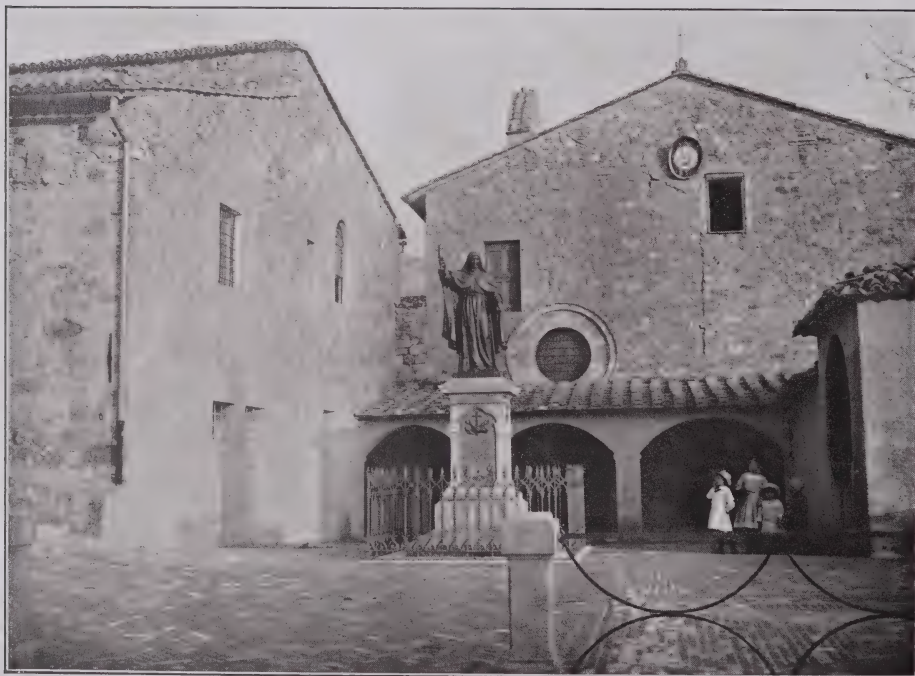
UMA RUA DE ASSIS

pressão tirânica quando dêles necessitava para a luta contra os chefes de estado ou contra as repúblicas que, ainda pisando um solo movediço, procuravam firmar-se. Nestas mesmas, que tenazmente se entredegladiavam, a fraternidade e o bem comum eram palavras vazias de sentido. Os podestades ou o doge comportavam-se como verdadeiros déspotas, roubando o erário, desrespeitando as liberdades comunais, exercendo uma justiça violenta e ordinàriamente arbitrária, que ia até à pena capital e à destruição completa dos bens do criminoso. O ódio era respeitável, a vingança um dever, a ambição o mais legítimo dos sentimentos. O carrasco tinha trabalho todos os dias. E, mais expedito que o cutelo ou o baraço do algoz, trabalhava nas trevas da noite o punhal do assassino. Rara era a manhã em que as ondas do Arno, do Tibre ou das Lagunas não alvorecessem carreando para o mar um corpo humano horas antes prostrado à traição.

As estradas e os campos eram percorridos por quadrilhas de bandidos dispostos a roubar, a saquear, a matar. Algumas, matavam por conta alheia, tendo prèviamente recebido o preço do assassinato destinado a enriquecer de pronto qualquer herdeiro impaciente e farto de esperar. A maior parte dêsses sicários usofruíam a protecção das autoridades, dos nobres, dos senhores, dos próprios governos, visto que os serviam nos seus secretos interêsses e, com a mira no saque, armavam em soldados quando fôsse preciso.

Paralelamente, os partidos guerreavam-se com inaudita ferocidade, combatendo-se sem tréguas, em verdadeiras batalhas de ruas que ensangüentavam as povoações. Mais sangue faziam correr ainda as rivalidades entre as cidades principais, freqüentemente abotoando em prélios fratricidas a que só o extermínio de uma delas vinha pôr termo. E ao mesmo tempo que guelfos e gibelinos se matavam mutuamente, e Modena declarava guerra a Bolonha por causa de um balde roubado, mais intensa e sanguinária guerra se travava entre o Papado e o Império, disputando a posse de um balde bem maior, qual era a supremacia sôbre todo o mundo civilizado.

Por seu turno, o Papa não se limitava a guerrear o poder civil. Inocêncio III, a quem o sólio dourado fizera esquecer os sensatos e oportunos ditames expressos no livro *Do desprêso do mundo*, que escrevera quando simples presbítero, não se restringia a propugnar a primazia da Igreja: defendia também a sua pureza. E emquanto, com uma das mãos, feria Henrique VI em pleno peito, com a outra ordenava o morticínio dos herejes.

Fluía o sangue a torrentes. Se a história regista épocas de feroz individualismo, em que o egoísmo soberanamente reinasse, esta foi uma. Sêde de opulência, ânsias de gôzo, ódios profundos, desprêso pelo semelhante, esquecimento completo das máximas cristãs, aspiração de subir e engrandecer-se cada qual galgando sôbre os

ASSIS — ESTÁTUA DE SANTA CLARA

ASSIS — Panorama e Basílica de S. Francisco da *Rocca Maggiore*

cadáveres ou a miséria dos vizinhos, revoltas periódicas contra a opressão, lutas pessoais constantes, a guerra arvorada em indispensável meio de dirimir contendas... Incomportáveis ambições na nobreza, na burguesia, no próprio clero, enriquecido pela veniaga, pelas doações e pela captação das heranças, ávido de prazeres, ostentando um luxo insultuoso e um desmarcado orgulho...

E é neste momento que, numa pequenina cidade da Umbria, surge um homem profligando pacificamente tôda esta podridão moral e prègando, com a palavra e com o exemplo, a pobreza voluntária, o amor universal, o olvido das injúrias, a renúncia, a humildade, a obediência, a paz entre os homens, o cumprimento integral das leis divinas...

ASSIS — Convento e Basílica de S. Francisco

A EXCURSÃO FRAN

E as suas palavras foram escutadas, porque a sua vida condizia com elas. E, setecentos anos depois, precisamente numa época em que as pessoas e os Estados tanto se assemelham aos homens e aos governos de 1200, são ainda essas palavras o que os pensadores encontram de melhor para atirarem às multidões, procurando fazer germinar no ingrato terreno das almas hodiernas os gérmenes morais do filósofo de Assis. Filósofo infinitamente superior a todos os outros, que semeiam ideias, nem sempre arrazoadas... Francisco semeou sentimentos, — justamente aquilo que a humanidade precisa.

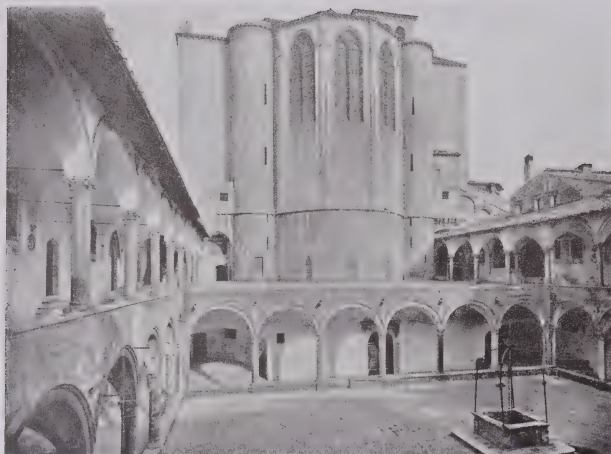
⁂

De quantas personalidades os Agiológios registam, a do Poverelo de Assis é a que mais encanta os espíritos, desde os mais simples aos mais especulativos. Sabido é que muitos insignes cultores das artes plásticas teem aproveitado os mais comoventes episódios da sua amorável

SCANA EM LOURDES

existência para a confeição de verdadeiras obras primas, na tela como no mármore. Poetas e prosadores ilustres se teem apropriado dêle para o cantarem ou descreverem. Excelsos compositores teem vertido em música os seus principais cânticos. Os próprios sábios, em cujas almas a frieza da análise exclui tôda a emoção sentimental, teem praticado, sôbre a sua figura, a sua obra de apóstolo e de poeta, e a tradição da sua vida, já cobertas com o pó de sete séculos, demorados trabalhos de excavação e de exegese.

E também êsse grande poeta que se chama Povo tem lentamente acumulado aos pés do fradinho da Porciúncula uma espêssa estratificação de lendas, qual delas mais formosa, que vão dia a dia alevantando mais alto o pedestal que êle ergueu no seu coração para venerar a bemdita imagem do antigo João Bernardoni.

Todavia, para o caso especial de S. Francisco de Assis, seria preferível que a filigranada teia entretecida pelas lendas lhe não velasse a figura. Há santos que, para persistirem na tradição, neces-

ASSIS — Igreja de S. Francisco — Vista do poente

sitam talvez disso: os que, tendo passado uma vida de contemplação, ou de oração, não tiveram um contacto directo com o resto da humanidade. Os seus olhos, sempre cravados no céu, não se abaixaram para admirar os encantos da natureza. A sua bôca abriu-se apenas para rezar, nunca para prègar ou cantar. As suas mãos, sempre coladas e erguidas para o alto no ardor da prece, não se despegaram para lançar uma benção, nem se estenderam para acariciar. Os seus joelhos gastaram as lages dos cenóbios ou das tebaidas, mas nunca os seus pés ganharam chagas nos caminhos ínvios e dolorosos que levam às terras inhóspitas onde os gentios permanecem em funda cegueira espiritual. Viveram solitários, emquanto os homens tinham necessidade da sua palavra e do seu exemplo. Os louvores que ergueram a Deus ficaram encerrados entre as quatro paredes da sua cela. Almas floridas, decerto, mas cujos aromas ascendiam verticalmente no espaço sem que a terra os sentisse. E vinte, trinta anos de reclusão, num ergástulo ou no deserto, não valem a cruzada pacífica de Francisco de Assis ao Egito. Nem os trinta anos que Simeão Estelita passou sôbre a sua coluna valem os trinta versos do *Cântico do Sol*...

Êsses, sim, precisam da lenda, porque a sua vida pode afigurar-se estéril aos espíritos simplistas. S. Francisco, não. Rico, fêz-se voluntàriamente pobre, dando tudo aos necessitados. Formoso, entusiasta, galanteador, brigão — sempre um madrigal na bôca e um florete no punho — amigo do prazer, das ceias caras e turbulentas, do

ASSIS — Basílica de S. Francisco

vestuário luxuoso, da existência descuidada e fácil, diz adeus às louçanias e aos prazeres mundanos, e renuncia a tudo quanto não seja amar a Deus e às criaturas que Deus formou. Veste como o maior dos miseráveis. Alimenta-se como o último dos mendigos. Quem tanta esmola deu, passa a pedir esmola. Quem fôra orgulhoso a ponto de não permitir um olhar mais agressivo, freqüenta propositadamente as ruas onde sabe que será insultado e, estendendo-se no solo, pede a um discípulo que lhe ponha três vezes os pés sôbre o pescoço e sôbre a bôca. Quem tanto amara, entra numa castidade perfeita, nunca mais quebrada. O seu único deleite é a natureza: as irmãs árvores, o irmão sol, a irmã lua, a relva, a água, o céu azul, as searas, os rochedos, os passarinhos. Uma ordem sua, enviada a todos os mosteiros, determina que em cada um dêles haja um canteiro de flores. Nesta prescrição está tôda a sua alma de poeta e de santo.

Não. Um homem assim não precisa da lenda para viver em todos os corações. Que tenha nascido numas palhas ou entre rendas, é indiferente. É talvez peor, mesmo. Vir ao mundo num estábulo indica uma predestinação. Ouvir vozes celestes a chamá-lo em meio de uma festa esturdiosa marca uma influência sobrenatural. E tanto aquela como esta não fazem senão apoucar a figura do Santo, apoucando-lhe o esfôrço feito para refugir às tentações do mundo externo. S. Francisco, antes de ter sido um herói da Santidade, foi um herói da Vontade. E não sei qual das duas heroicidades será maior.

Que descansem, pois, na paz dos arquivos, as *Fioretti*. A engrinaldar-lhe gloriosamente a figura, tem êle as flores eternas dos seus actos, das suas palavras, dos seus hinos de amor e de glória.

CAMPOS MONTEIRO.

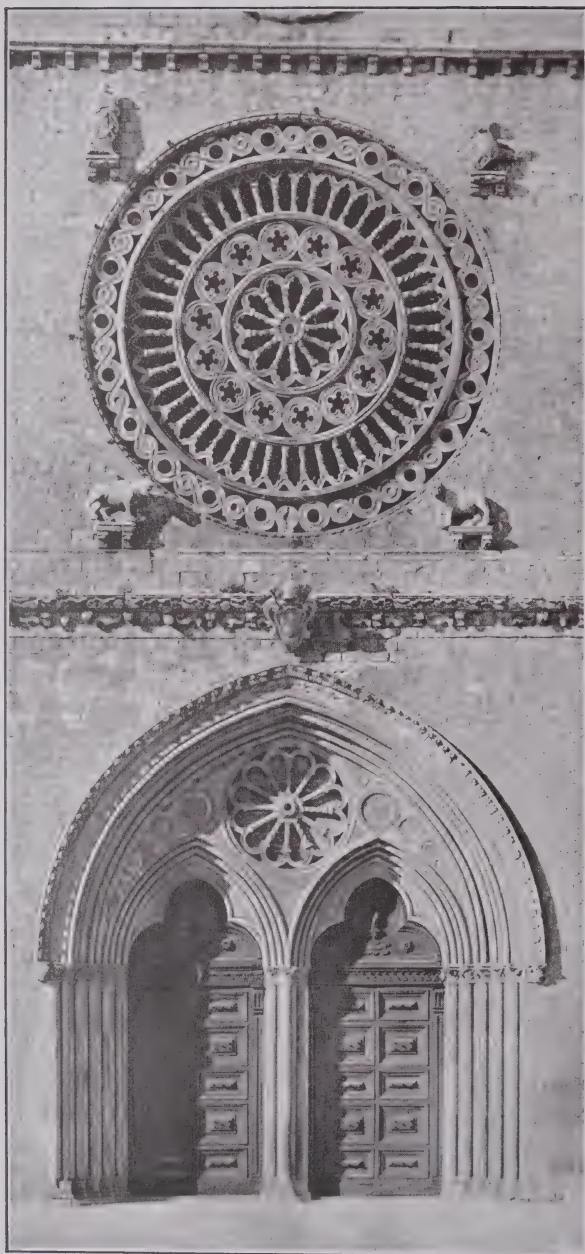
ASSIS — Pórtico (sul) da Igreja inferior do Convento de S. Francisco

A GRANDE ALMA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

QUANDO poiso os olhos do espírito na fecunda confusão da Edade-Média, oscila-me o entendimento entre a figura de bronze de Dante e o perfil angélico do Patriarca de Assis. Dante assombra-me, como a encarnação duma forte síntese de disciplina filosófica e de poesia épica, a dominar um passionalismo ainda mais platónico do que profundo. Lembra-me um edifício colossal e estranho, cheio de majestosa beleza, mas com aspectos nitidamente terrenos nas suas linhas, opulentas embora de realismo religioso.

Em Dante avista-se Deus através das convulsões frementes da alma humana, rendida diante do poder e da justiça da Lei Divina, mas atraída, com mal oculto pendor, para as vibrações passionais do homem, embora nêle palpite, com soberania e com disciplina rígida, a maior obediência ao Ensino de Jesus-Cristo, ao Evangelho e à Igreja.

Em S. Francisco de Assis — macilento e convulso, mendigo e sublimemente amoroso — vejo Deus na dissipação prodigiosa da Carne em benefício do avultamento triunfal do Espírito. Do homem, fica ùnicamente o Coração, mas tão unido ao Amor Divino, que a mente, fortificada na sua Fé, logo se converte em serva humilde da Caridade. A inteligência não corre o perigo da soberba, porque a humildade ilumina-a e orienta-a com tanto poder e graça, que o Pensamento encontra-se suavemente aliado ao Sentimento. E assim se forma o Carácter, a Loucura angélica que nos assegura melhor a Realidade do que a análise pautada e positiva da Sciência profundamente humana. Assim se dignifica a Vontade do Homem, porque executa a Vontade de Deus.

Em S. Francisco de Assis, a alma só procura a Sciência depois de se humilhar na Oração. A grande alma do Patriarca é principalmente um bom caminho do Saber, que deriva da prática amorosa da humildade. Por isso mesmo, S. Francisco de Assis é um grande filósofo na enver-

ASSIS — BASÍLICA DE S. FRANCISCO
PORTA PRINCIPAL DA IGREJA SUPERIOR

gadura dum grande poeta. Não há filosofia maior do que a da alma que, renunciando a tôda a glória terrena, avista o Senhor nos êxtasis da sua poesia íntima.

E assim S. Francisco de Assis se me afigura um poderoso e incomparável reflexo do Divino Jesus, porque nêle o Amor e a Dôr, ao produzirem a maior dignificação da Caridade, deixam nas almas a presença de Deus, a noção adorável do seu poder e da sua misericórdia e o aspecto mais belo e positivo da missão humana, à procura da Beleza Divina.

S. Francisco de Assis condensou na sua grande alma tôdas as virtudes cristãs. Por isso, a Arte franciscana é a maior de todos os tempos, porque é a mais pura e digna da humanidade a caminho de Deus. Por isso o misticismo franciscano é tão eminentemente prático, que, cheio de simplicidade, alimenta a inteligência com a inefável disciplina dos movimentos do coração, consolidando o poder e a eficácia da vontade. Por isso, a aparente ignorância de S. Francisco de Assis é Sciência transcendente e indestrutível, porque, baseada na humildade superior, atrai a luz segura do Espírito Divino na vibração pura da prece e da penitência.

*

Emfim, a grande alma de S. Francisco de Assis eleva-se tanto acima da alma gloriosa de Dante, como um luar enternecido e puro se eleva acima da montanha que mais alterosamente procura tocar nas constelações e nas nuvens. Dante é um vôo sublime. S. Francisco de Assis é um êxtasis permanente e angélico acima de todos os pairos do génio. Dante arrebata, porque convulsiona. O Santo conquista, porque enternece, ao mesmo tempo que edifica. O poeta de Florença troveja mais do que canta. O poeta de Assis canta sempre com alegria adorável, embora a Dôr lhe troveje aos pés.

Dante escreve a *Divina Comédia,* e exclama: — *¡ Justiça, Ordem e Verdade!*

S. Francisco de Assis, nos seus versos e na sua regra, nos seus gestos, vozes e passos, diz singelamente: — *¡ Amai o Amor e tereis o Reino do Senhor na Terra!*

¿ Ora que é o Reino do Senhor senão a Justiça, a Ordem e a Verdade dentro do Amor Divino?

José Agostinho.

A BASÍLICA DE ASSIS

Partira da *Cidade Eterna* à noite, horas depois do *Duce* ter falado aos romanos na praça *Colonna.* Ainda me retiniam nos ouvidos os sons decisivos e fortes da *Govenezza,* o bramido daquela multidão delirante a glorificar o *Uuomo* que da varanda do Palácio Chigi se mostrava ao povo, após o atentado, com a sua face enérgica de *imperator* a comunicar-lhe a sua fé nos destinos da pátria e do fascismo.

Mil impressões vividas nestes dias de Roma tumultuavam no meu espírito, no momento de a deixar imersa em sombra, recolhida na sua imensidade histórica, com as ruínas do seu Forum e com a grandeza da basílica de S. Pedro, dois símbolos da sua potestade no tempo, com a beleza das suas fontes monumentais...

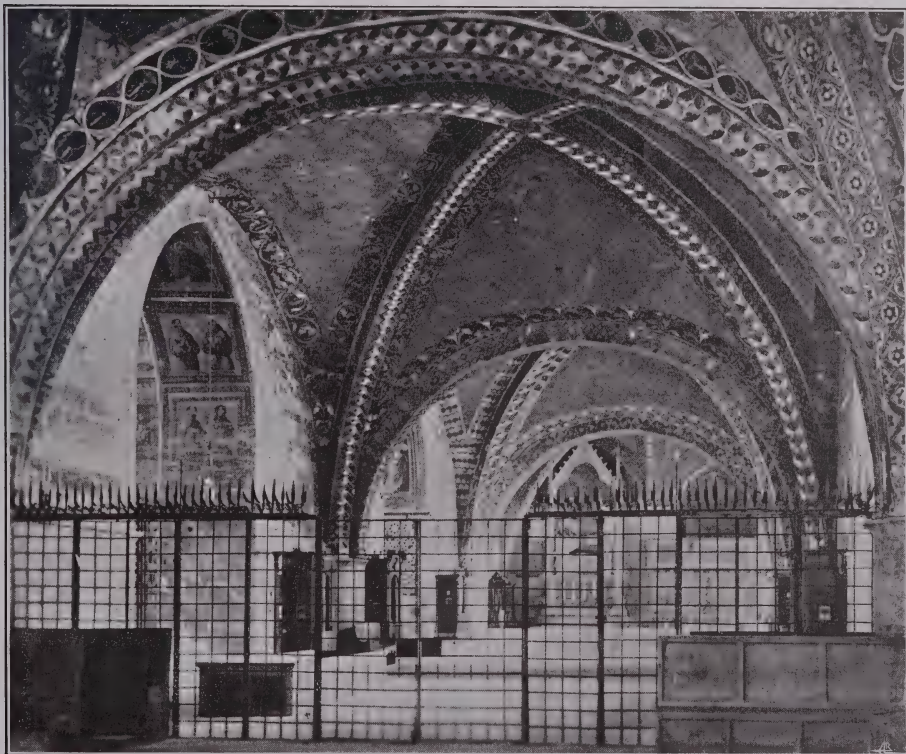
O combóio arrastou-se da gare; a sua marcha foi adquirindo velocidade, e eu da janela ia olhando o horizonte onde avultavam silhuetas de casario, miríades de pontos luminosos a constelar a noite.

Pareceu-me ouvir depois um grande coral — eram sombras que o cantavam num ritmo glorioso, até ao apogeu, para depois se delir na distância. E antevi então a humildade de Assis tocando mais de perto a alma de graça e de ternura...

Quando lá cheguei, já o sol iluminava todo êsse vale que se estende de Perugia a Spoleto. ¡E não me tinha enganado naquela antevisão!

A cidade engasta-se na montanha, domina a planura, tôda aquela paisagem de linhas calmas, cheia de oliveiras que aumentam a impressão de profunda paz que logo nos invade.

Percorro de longe, num relance comovido, a terra do *Fraticello,* e logo os meus olhos pousam num edifício enorme, com a sua arcaria imponente, dominado pela basílica flanqueada por uma tôrre quadrada a delinear-se no azul. É ali o *Sacro convento.* E depois distingo outros edifícios monacais, o castelo, alguns palácios e outros templos com os seus campanários austeros.

Saio da estação entre peregrinos vindos de tôdas as partes do mundo. Subo a encosta, passo na porta de S. Francisco e chego á *Piazza Inferiore* que tem o nome do Santo, e eis-me diante da sua basílica onde centenas de almas afluem para o recordar em comum ascese. A multidão de Roma desfilava na *Piazza Colonna* em ritmo de marcha, orgulhosa e forte, desafiando; a de Assis movia-se lentamente, com humildade,

ASSIS — Basílica de S. Francisco — Interior da Igreja inferior

ASSIS — Basílica de S. Francisco — Igreja inferior

em silêncio e contrição. Era um outro mundo que todos demandavam naquela terra da Úmbria onde surgira o *homem novo modelado por Jesus*.

Há em Assis dois monumentos que contrastam: a basílica e o castelo, a *rocca maggiore*.

A primeira domina ainda e dominará sempre: é um perene símbolo de paz; o segundo está em ruínas, com as suas tôrres e panos de muralha a esboroar-se: é um símbolo extinto.

Não foi, certamente, um *zelante* puro, o geral da ordem que iniciou aquela construção franciscana: Frei Elias, ao que parece, um profundo conhecedor da arquitectura, porventura até um verdadeiro técnico artista, traíu, ainda que *por bem*, o pensamento do *Poverello*. Mais dêste mundo que o Mestre, êle entendeu que a melhor glorificação que se lhe podia consagrar era uma basílica construída segundo um plano monumental, atraente, acolhedora, cheia de imaginária que contasse a todos a vida do Seráfico, os passos mais belos da sua existência fervorosa sempre no amor de Deus. E os canteiros começaram a levantá-la naquele estilo arrebatado, aéreo das catedrais que já tinha penetrado na Itália com os cistercienses.

Foi escolhido aquele lugar chamado anteriormente do Inferno, e onde já havia uma capelinha a Nossa Senhora, para a construção do templo franciscano, templo duplo formado de duas igrejas sobrepostas que se harmonizam como partes de um mesmo poema, tão enleadas se encontram segundo uma inspirada lógica mística. E o flanco da montanha onde se alicerçou tão espiritual morada passou a denominar-se o Paraíso, um lar de bênção e de indulgências para a pobre humanidade pecadora que vai ali mirar-se no cristalino espelho da perfeição.

Dalgum *studium artium*, como Fossanova, viriam os artistas e os operários, tendo primeiro como *Magister Operae* Jacopo Tedesco, e depois Philippus de Campello, que muito novo ali apareceu a trabalhar, e ainda Frei Giovanni della Penna (?).

Há uma grande unidade arquitectónica neste edifício maravilhoso: o plano inicial não sofreu sensíveis alterações com o que posteriormente lhe foi adicionado para o engrandecer.

Entro na igreja inferior pela dupla porta ogival, de tímpanos trilobados e vasada por uma rosa de ténue rendilhado. Passo pelo seu átrio, um verdadeiro transepto onde repousam em belos moimentos a família Cerchi e uma personagem inominada que a tradição diz ser uma rainha do Chipre. E começo a envolver-me na obscuridade da nave, ladeada de capelas. Vinha com os olhos inundados de luz. Comecei por não distinguir nitidamente as coisas. Apercebi vagamente a decoração da abóbada, o altar mór, a silhuetar-se no fundo, na luz dos vitrais da ábside, numa claridade ambarina, misteriosa . . .

Ouvia murmúrios de prece. ¡Não se falava ali alto como na igreja pontifícia de S. Pedro, tão majestosa mas sem aquele ambiente que nos ensimesma! ¡Junto do altar parei uns instantes abismado num encantamento de evocação dêsse vulto que encheu a Úmbria santa, a Itália tôda, o mundo cristão, levantando os braços como o Nazareno, sempre a acolher como êle não apenas os virtuosos mas as almas tresmalhadas dos que pecam esquecendo a lei de Deus!

E comecei a olhar a abóbada semeada de ale-

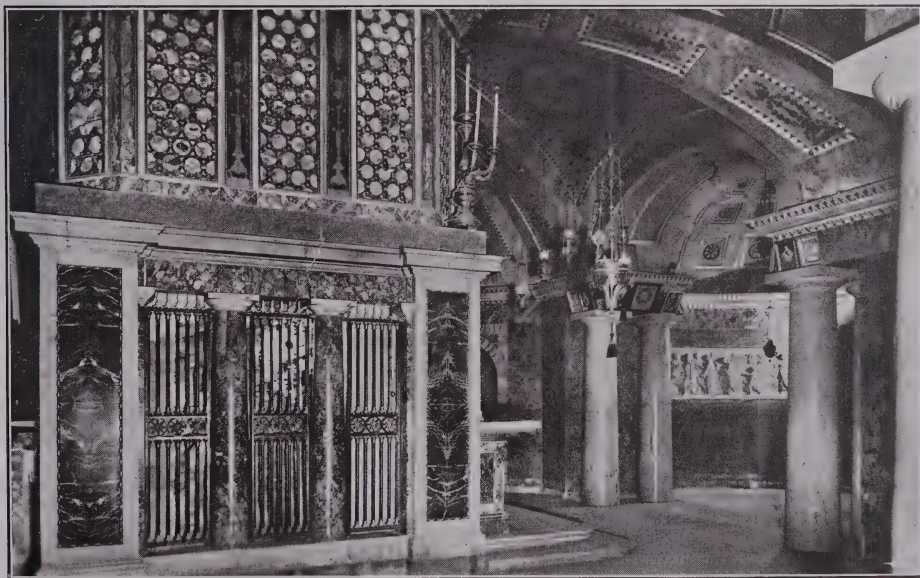
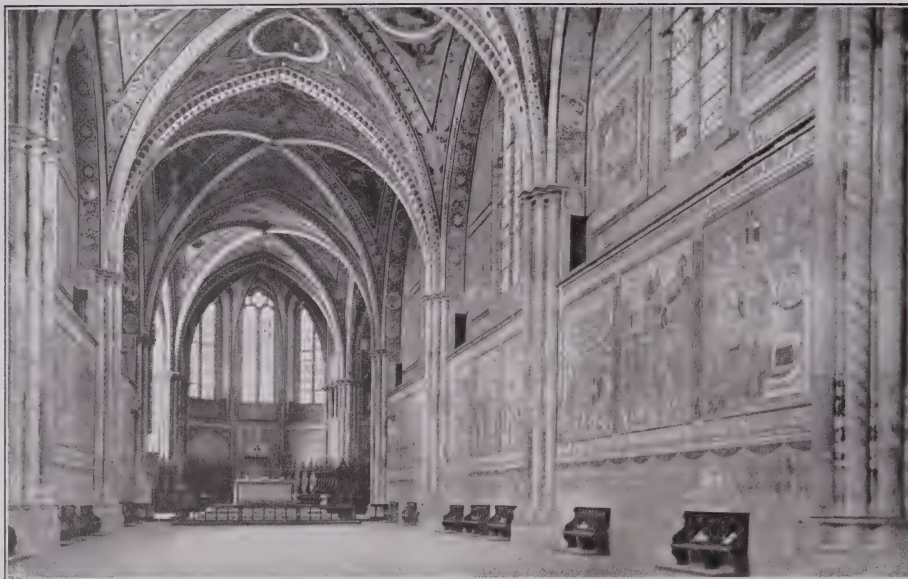
gorias, as paredes revestidas de imagens da Escritura, tudo ali executado pelos artistas mais afamados de Pisa, de Siena, de Florença, de Roma, em louvor do apóstolo medieval, ingénuo, primitivo, orante de Deus e da sua obra cantada no Hino das Criaturas, versos de eterna beleza que êle ditou quási ceguinho, pouco antes da sua alma deixar o corpo febril, quási mirrado dos ultimos sofrimentos.

A basílica de Assis é um foco irradiante de Arte do *trecento*. Os tentamens dos primitivos pintores dos altares portáteis, dos crucifixos, dos móveis litúrgicos, cheios de tradições que nada deviam a Bizâncio, que obedeciam a uma iconografia local, italiana, as tradições tão continuamente mantidas dos mosaistas romanos e dos artistas do Montecassino, tiveram em Assis a sua primeira e mais definitiva resolução.

Vamos surpreender nesta cidade tão medieval o extraordinário momento da pintura italiana, animado por um génio renovador que prepara o advento da Renascença. Os escultores foram os que indicaram aos pintores o novo caminho do realismo.

Em 1236, Giunta pinta um crucifixo onde aparecia a efígie do irmão Elias ajoelhado; é a data em que provavelmente êste artista pisano ou seus discípulos (?) deviam ter começado a decoração pictural da basílica inferior com uns frescos, hoje quási destruidos, e onde a *analogia* não é feita entre os dois *Testamentos*, mas entre o *Novo Testamento* e a *Vida de S. Francisco*, facto notável que marca um desvio da tradição consagrada, e ainda pelos temas novos que oferece aos vindouros, como Giotto, que certamente receberam de Giunta uma grande sugestão.

Gerações de pintores trabalharam aqui com intensidade, revestindo tôdas as superfícies disponíveis com quadros inspirados na sagrada Escritura e no agiológio não só franciscano mas também pertencente a outros santos como S. Nicolau e S. Martinho. É um conjunto complexo de autores diversos, pertencentes a escolas diferentes que se podem caracterizar, embora sôbre os nomes paire uma grande incerteza. As atribuíções são freqüentes, instáveis e discutíveis. Destrinçam-se porém certas peculiaridades, colhem-se maneiras, pormenores de estilo que contribuem para designar êste ou aquele mestre eminente, êste ou aquele discípulo como o artista realizador da obra. Quem visita a basílica inferior, procura em geral e em primeiro lugar ver os frescos que estão no cruzeiro sôbre o altar mór. Êles constituem o centro de atracção dos visitantes, exactamente pelo facto de serem considerados feitos pela mão do próprio Giotto, designado pelos guias, por muitas histórias de Arte de um modo tão positivo que não permite dúvidas. Representam essas pinturas as virtudes fundamentais da regra franciscana — a Pobreza, a Obediência e a Castidade — e a glorificação do Santo. São alegorias de uma figuração complicada, abundante e de algum modo incompatíveis, pelo sentido severo de algumas das suas expressões, com o pensamento do *Fraticello*, com a sua atitude na vida.

Não posso pelo restricto espaço de que disponho aludir às pinturas, cada uma de per si, referir-me a tudo; mas direi, por exemplo, que a representação da *Obediência* e da *Senhora Pobreza* não se harmoniza com a ternura, com a simplicidade de S. Francisco, tão análoga à de Cristo na suavidade dos seus princípios mantidos com uma

ASSIS — Basílica de S. Francisco — A cripta da Igreja inferior

ASSIS — Basílica de S. Francisco — Interior da Igreja superior

disciplina hígida que não era sombria nem depressiva. Quanto à glorificação do Santo: ¿como o representou o pintor? ¿À maneira de Giotto?, como o vemos na basílica superior ou em Pádua, na capela da Arena? Não, é um vulto pesado, inexpressivo e rígido. A discussão trava-se à volta dêstes frescos sem dúvida notáveis: a sua atribuìção a Giotto é contestada. E na verdade, se compararmos estas pinturas com as do mestre florentino achamos legítimas tôdas as dúvidas. Podemos até ser levados a desviarmo-nos da sua escola e a procurar o rumo da estética sieneza... Sim, justifica-se o desacôrdo.

Mas além dos frescos sôbre o altar, outros se destacam no claro-escuro do templo inferior. Cito os mais importantes: os da capela de Santa Maria Madalena, êstes sim, de Giotto coadjuvado por alguns discípulos; aqui aparece um retrato onde se nota já individualidade que é o do bispo Teobaldo aos pés de Madalena; no *noli me tangere* sente-se muito o dramatismo giotesco. Os frescos da capela de S. Nicolau indicam um discípulo do florentino, embora mais contrafeito, menos equilibrado, diminuído em energia e desigual. E junto a esta capela revela-se outro discípulo de Giotto, na pintura da abóbada do braço direito do transepto, diferenciando-se todavia do Mestre no facto de ser mais retórico, mais exasperado e ainda pela luzida indumentária de algumas das suas figuras. Neste mesmo lugar: outro sequaz e *mais fiel* de Giotto pinta duas scenas da taumaturgia franciscana — a rapariga despenhada do terraço e o rapaz soterrado pelas ruínas de uma casa, ambos salvos pela intervenção maravilhosa do Santo; uma obra capital, sem dúvida, ainda dêste lado, figura sôbre um altar, e é um fresco de Cimabue representando a Virgem entronizada, rodeada de anjos, e a um canto, humildemente, a figura do Seráfico nimbada de santidade. ¡Aqui repousam os seus cinco primeiros companheiros, identificados pelos seus retratos em grupo que valem pela unção das suas atitudes em prece!

Passando ao braço transeptal esquerdo, destaca-se como uma maravilha a Virgem com o Menino ladeada por S. Francisco e S. João Evangelista: é um quadro que fala. Jesus interroga a Mãe que lhe aponta com o polegar o *Fraticello,* adolescente ainda mas estigmatizado. Esta e algumas das restantes pinturas da Paixão de Cristo e sua Ressurreição que ornam a abóbada e as paredes são atribuídas a Pietro Lorenzetti, que com Simone Martini, o pintor da capela de S. Martinho, representam a colaboração da escola sieneza na basílica inferior, com caracteres tão próprios como a sua sensibilidade cheia de requinte, como o seu recolhimento, a sua compostura e a sua serena beleza. Da basílica inferior desço à cripta onde repousa S. Francisco num túmulo aberto no próprio rochedo; dezenas de luzinhas azuis marcam o seu lugar na igreja baixa sob o altar mór. Os crentes ajoelham e meditam. Há um silêncio que ninguém impõe, mas que o sentido da Sua presença misteriosamente incute...

Subimos à igreja superior, mais esbelta, mais lançada, cheia de luz... onde quási se não reza. Sob a sua abóbada sente-se pairar a alma gótica. Os olhos distinguem tudo, cessando aquele recolhimento que paira no tabernáculo penumbroso.

Admira-se o seu altar cheio de *cosmatesco* e nos muros altos as composições de Cimabue e de Cavallini muito degradadas, quási a perder-se, com os seus vultos já espectrais, alguns tão enegrecidos que lembram negativos fotográficos. Depois, outro centro de atracção, o ciclo giotesco dedicado à vida de S. Francisco, a série de vinte e oito frescos que enriquecem a nave com os passos do *Fraticello* relembrando as suas virtudes, o seu génio místico, a sua humanidade e a sua transcendência, o seu amor pelas criaturas, a sua alma de poeta dotada com o poder de comunicar com todos os seres... essa epopeia iluminada dos *Fioretti* tão repassada do odôr da santidade.

Não são de Giotto todos êstes quadros. Alguns, sem dúvida, acusam a sua mão nervosa, trágica, obedecendo a uma ideação bem humana, a um naturalismo vigoroso e por vezes cheio de eloqüência no patético. Apontam-se discípulos seus a cooperar nesta narrativa impressionante, tão animada e tão colorida; mas êsses discípulos que se citam foram guiados e inspirados por êle, obedeceram ao seu plano e seguiram as suas indicações.

Esta série com alguns dos frescos do templo inferior formam um marco miliar na história da Arte. Giotto é uma súmula de esforços que veem desde os artistas inominados dos velhos incunábulos da pintura. Com êle há uma mutação notável: êsses esforços, depois de condensados na sua personalidade, seguem uma outra directriz mais ousada, muito para além do que até ali se realizava.

Giotto com o seu poder descritivo comunicou-nos a história do Santo, a sua passagem por êste mundo. ¿Deu a sua expressão mística? ¿A sua sobrenaturalidade?...

Fiz a ascensão do Subásio e entrei na celasinha rupestre onde o *Fraticello* repousava Ali o vi melhor na sua intangibilidade, tal como Sassetta o pintou. Poucos conhecem êste artista sienez, profundo poeta na interpretação que deu do Santo, espiritualíssimo até na *realidade* em que colocou o Pobrezinho, pedinte e sonhador tal como mo fêz reviver o burel surradinho e remendado que eu vi, entre outras relíquias suas, na basílica de Assis.

. . . .

AARÃO DE LACERDA.

ASSIS — Basílica de S. Francisco — O côro da Igreja inferior

A EXCURSÃO FRANCISCANA
EM FRENTE AO VATICANO

A JORNADA DE ASSIS

Havia mais de hora que, através das janelas das carruagens, os nossos olhos deslumbrados contemplavam a mais bela região da Umbria.

Saíramos de Portugal a 30 de Maio, e os seis frades directores, vestidos com seus hábitos de estamenha, transformando o combóio em convento ambulante, davam à excursão uma nota de profunda religiosidade.

A cantar e a rezar, viéramos por aí fora, atravessando a Espanha, a França e a Itália, com o espírito voltado para Assis, numa ânsia mal contida de conhecer bem de perto as pègadas luminosas que por lá deixara o grande amigo de Deus e dos homens.

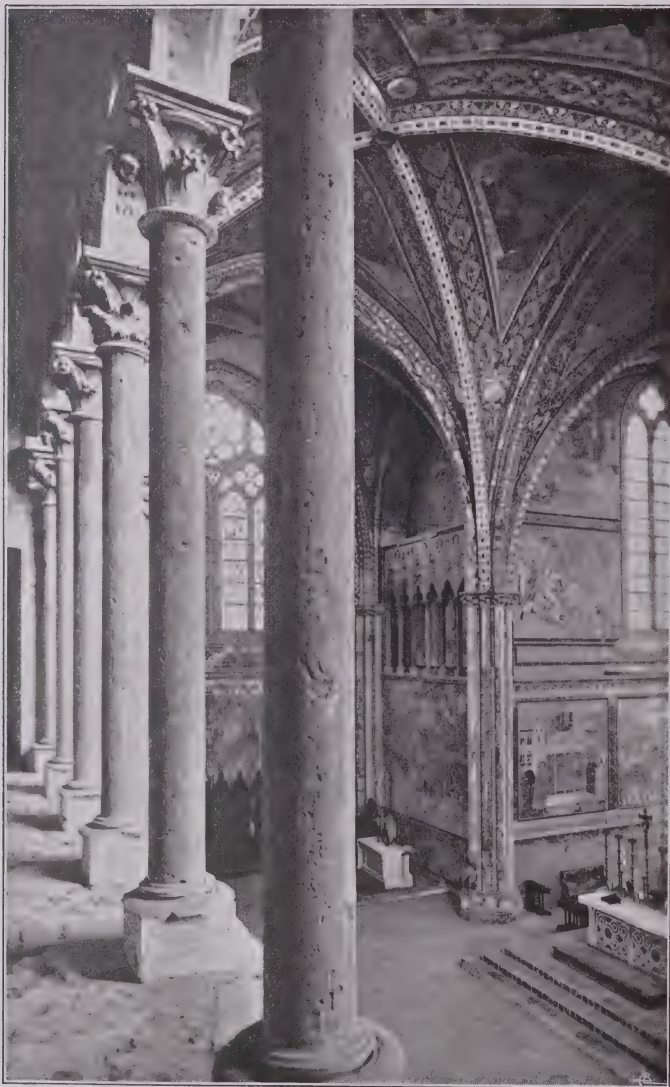
Se nos detivemos em Lourdes, foi para saüdar a Virgem e melhor nos prepararmos para a mística romagem; se nos demoramos na cidade dos Papas, foi para implorar a bênção de sua Santidade e observar os vestígios que na velha metrópole ficaram da passagem de Francisco.

Íamos a caminho de Assis, já em pleno vale de Rieti.

Era Portugal inteiro que, na piedade de trezentos peregrinos, vinha testemunhar ao Santo que lá ao longe, na orla ocidental da Europa, um povo crente não esquecia o muito que sua história deve aos humildes filhos da Penitência.

Em tôdas as cidades e vilas do País já se haviam celebrado festas em sua honra, e de-certo a nação portuguesa foi uma das que melhor sentiram e compreenderam o ideal franciscano.

Mas não nos contentáramos com os discursos que ouvíramos: íamos ao túmulo do glorioso Patriarca aquecer a alma ao calor intenso de sua Caridade.

Durante os cinco dias de permanência em Roma, tivemos, na verdade, ocasião de ver que não fôra em vão que Francisco deambulara um dia em trajos de mendigo pelas ruas da cidade. Em S. Pedro tem logar de destaque a sua estátua, entre as dos fundadores de Ordens. Depois é S. Francisco «*ad ripam*», é Aracoeli, a Basílica dos XII Apóstolos, a Igreja de S. Boaventura, S. Sebastião, S. Francisco das Chagas, o Convento de Santo António. Emfim, para prova de que ainda hoje é viva a sua memória, lá está o grandioso

ASSIS — BASÍLICA DE S. FRANCISCO
Cruzeiro da Igreja superior

ASSIS — BASÍLICA DE S. FRANCISCO — O CLAUSTRO

monumento erguido em frente de S. João de Latrão, com a legenda: *A San Francesco de Assisi — Roma — L'Italia — Il Mondo — MCCXXI — MCMXXVI.*

A-pesar-de tudo, pareceu-nos que a figura do Pobrezinho andava ali contrafeita, só por necessidade: dava-se com certeza melhor, andaria mais a seu geito, na vasta campina, face a face da natureza, rodeado de vastos e livres horizontes, conversando com os simples, os humildes, à clara e franca luz do sol. E era precisamente essa campina sorridente e meiga que se nos oferecia à vista na doce quiètação da manhã. Orte, Narni, Calvi, Terni, Todi. Todos êstes sítios pertencem já aos domínios franciscanos: por êles andam espàlhadas as legendas dos *Fioretti,* em viva candura e milagre.

Os romeiros trazem a vista dispersa pelas suaves colinas, donde se dependuram cidadelas vèlhinhas, mas graciosas em sua decrepitude.

Trevi, Foligno, Spello. Não devemos estar distantes, pois que o Santo visitava com freqüência êstes logares.

Num flanco do monte, batida pelo sol do meio-dia, surge, por fim, a cidade seráfica, tal qual nos habituamos a conhecê-la através das fotografias: recolhida, vestida de burel cinzento, despreocupada de si mesma, pensativa—ar que lhe deu S. Francisco há sete séculos.

Em baixo, rente ao caminho de ferro, a pequena distância da estação, fica Santa Maria dos Anjos—a Parciúncula.

A sombra do Pobrezinho anda estampada nas almas e nas coisas. O canto das aves tem melodias franciscanas e a fisionomia das pessoas é resignada e tranqüila. Nas ruas afigura-se-nos ver o jovem filho de Bernardone, em noites de luar, com a rapaziada do seu tempo, em folguedos e descantes, ou, mais tarde, de escudela na mão, esmolar os míseros mendrugos da pobreza.

Entre os inúmeros logares em que se presta culto à sua memória, três chamam a nossa atenção: o Sacro Convento, Santa Clara e S. Damião.

O Sacro Convento ergue-se no lado ocidental da cidade, dominando-a e dando-lhe, com seu elevado campanilho, a sua característica mais saliente.

Santa Clara é mais além, da banda oposta, e com sua cúpula magnífica domina também tôda a extensão do vale, e parece está ali para completar o pensamento de Francisco, prendendo o burgo num grande amplexo de paz e de amor. Todavia o que em Assis mais nos seduziu foi o conventinho de S. Damião, pela simplicidade e cândida pobreza que todo êle respira. Ficam olhos e coração prêsos às preciosas lembranças que ali se conservam: o jardimzinho onde a irmã Clara vinha espairecer por momentos e onde o irmão Francisco entoou pela vez primeira o seu cântico das criaturas. Depois é o refeitório da pequenina comunidade das senhoras pobres, tão rude, tão humilde, que mais convida à penitência que ao prazer dos manjares.

Subindo uma escadinha estreita, entra-se numa sala de telha vã. Servia de dormitório às irmàzinhas. Num recanto, à esquerda, há uma cruz dependurada da parede: foi ali que a Santa deixou a terra para voar ao Céu.

Quási ninguém deixou de subir lá cima, aos Cárceres, êrmo de que Francisco tanto se enamo-

rou. A capelinha, que não comporta mais de três pessoas, o convento cavado na rocha, e, ao pé, o ribeiro que secou por ordem do Santo, as grutas em que se refugiavam o bom frei Bernardo de Quintavale, frei Silvestre, frei Rufino e os demais companheiros, a árvore em que as avezinhas poisavam para ouvir a prédica de seu bemfeitor e amigo.

¡Como nos sentimos bem neste novo Tabor! Mas era mister descer ao vale.

Despedimo-nos de Assis, depois de irmos a Santa Maria dos Anjos visitar a Porciúncula, a cèlinha em que o Santo morreu, a roseira milagrosa.

Faltava apenas visitar o Calvário franciscano, o monte Alverne. De Rassina ao alto da montanha sagrada medeiam 20 quilómetros. Tem algo de empolgante esta subida. De ascensão em ascensão chegamos aos verdadeiros domínios do Poverello, ao seu inexpugnável «castelo da alma». ¡Ah! ¡que inédito é tudo quanto se observa! Foi naquelas grutas inacessíveis, naquela solidão imensa que o seu corpo mais sofreu e o espírito mais se regozijou. A Capela das Chagas, a Gruta do Lobo, o Penedo da Tentação, tudo nos fala do Santo Pai com vozes tão eloqüentes que a gente fica-se extasiada a ouvir e a meditar. ¡Quem pudera viver aqui, longe da terra, tão pertinho do Céu, dominando os largos horizontes, não querendo saber nada do que vai lá por baixo, pelo mundo!

A descida foi rápida, vertiginosa, mas, voltando-nos para o sacro recesso, ainda houve tempo de lhe dirigir as palavras com que o santo outrora se despedira: «¡Adeus, santa montanha; adeus, monte Alverne; adeus montanha dos Anjos: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo reservaram para ti a sua bênção!».

De Rassina seguimos por Arezzo, caminho de Florença, cidade de arte e beleza. Mas a nossa peregrinação era espiritual, franciscana, e depois da contemplação do Alverne, coisa alguma podia haver na terra que nos seduzisse. Ficamos para sempre cativos da grande cumiada.

E, devido a isso, alguns romeiros, com receio de perturbarem em sua alma as doces recordações que lá do alto haviam trazido, não quiseram ver Florença. Fecharam-se em casa com suas lembranças.

Passando por Bolonha, subimos a Pádua para venerar o túmulo do insigne franciscano português — Santo António de Lisboa. E terminava a nossa romagem. Estivemos ainda em Veneza e Milão, mas nada mais nos merecia aprêço: S. Francisco roubara-nos o coração.

FREI JOAQUIM CAPELA.

ILUSTRAÇÕES DE BEJA

O MOSTEIRO DA CONCEIÇÃO

(Continuação do n.º 17)

¡O que teria dito, se zelos sentisse, nesse arquipélago de mundos, irradiantes de luz, que gravitam no firmamento, lá no seio da congregação dos santos, onde pontifica, de-certo, como um dos ornamentos mais altos do agiológio cristão, o austero Poverelo de Assis, que, entre os eleitos de Jesus, era o menos venerado em sua casa, quando a velha ideologia do racionalismo, que explodira no drama sangrento e gigantesco da Revolução francesa, já gargalhava por aí, como a alma de Mefistófeles, que se expandia irreverente e pérfida, com a alma remoçada do doutor Fausto, a horas mortas da noite à porta da inocente Margarida!

¡Caprichos da psicologia feminina, que no mosteiro rezava, cantava e foliava, quási olvidando aquele angélico Patriarca, tão bom, tão humilde, tão poético, tão cristão, a quem o Baptista e o Evangelista ganharam a primasia do culto! ¡Oh tempos!...

Iam já muito recuadas as prístinas eras religiosas.

A tradição da vida monacal perdera a pureza e austeridade, na intercadência dos séculos, de que é reflexo nitente aquele facto de uma grandeza única, retratado por Alexandre Herculano, no seu admirável poema em prosa — o *Eurico*. Real, ou transplantado, a pena prestigiosa e feiticeira do sábio mestre fixa-o no mosteiro da Virgem Dolorosa, erguido junto à encosta da cordilheira dos Nervásios, na vizinhança das serras das Astúrias — mosteiro povoado de inocentes donzelas, capazes de tentarem os pincéis de Ossian e de Rubens.

Eram tôdas reunidas em sua cripta, quando o estandarte do Islam se aproximara, no meio do terror geral, com o seu exército ovante, enorme floresta de lanças árabes e de alfanges mouriscos, comandados pelo terrível Tarik, o qual tinha por guias e auxiliares alguns godos despeitados e traidores.

Sim, reunidas eram na cripta do mosteiro, em corpo e alma, sob as mesmas inspirações e sentimentos de sacrifício virginal. ¡Ajoelhadas e cobertas de luto, aos pés da venerável abadessa Cremilde, esta mulher, heróica e trágica de sublimidade, foi derribando as jovens açucenas da fé cristã, puras como as virgens do templo de Sion, embebendo-lhes nos ebúrneos colos o ferro dum punhal, para as libertar das prometidas e brutais profanações dos sectários do Koran!

Est'outra nota da vida conventual, no mosteiro da Conceição de Beja, ficara impressa até ao fim da clausura feminina. Na minha mocidade, que passara rápida, qual meteóro fugaz, já rôtas e dispersas pelo sôpro da morte as fileiras aguerridas das monjas, por ocasião das respectivas festas anuais, ainda se ouviam vozes argentinas e suaves — as vozes das recolhidas donzelas — sob os

tectos daquele convento, como se fôra um éco do passado, quási a extinguir-se, erguendo estas aclamações triunfais:

—¡Viva o Baptista! ¡Viva o Baptista!...
—¡Viva o Evangelista!... ¡Viva!...

* * *

¡Lembranças do passado! Parece que palpitam ainda, nas ondulações do ar, dentro do mosteiro da Conceição de Beja, como eflúvios dulcíssimos da alma, sobrepostos ao tempo, aquêles arrulhos de afecto e de ternas queixas, que o formoso coração de sóror Mariana Alcoforado ali diluíra, em suas mimosas Cartas — monumento perdurável de literatura, — perfumadas de paixão ardente, que lhe acendera no peito joven e leal o ingrato conde de Chamily, que aqui servira, como militar, às ordens de Schomberg, desde 1663.

¡Que grande poema de espôsa, e, talvez, que epopeia de mãe excelsa a brutalidade dêsse homem cínico rasgara, calcara, desprezara vilmente! Ela, porém, graças ao milagre operado pela sua desilusão e pela sua dôr, soube resgatar-se e transfigurar-se, com meiga resignação, vivendo depois a sua longa vida, de mais de três quartos de século, entre a devoção mais sublime. A quebra do seu encantamento e a vingança contra o destino, traduziu-as na renúncia de tôdas as vaidades humanas, que lá dentro se lhe ofereceram e negacearam, até adormecer inefàvelmente no seio da morte, santificada pela bondade, em que embalara sempre o coração. ¡O seu cadáver ali está, no modesto cemitério do claustro, ignorado, sem epitáfio, que indique o seu nome e a data do seu passamento, emquanto que a sua maviosa alma, afinadíssima nas harmonias delicadas do amor, que é grande como o Universo e universal como Deus, depois de ascender, de degrau em degrau, até à perfeição do ser, anda pairando nas scíntilas da luz e nas ondulações do ar, que se difundem sob aquelas arcadas e abóbadas!

¡Na ambiência do mosteiro, as suas donas quiseram-lhe, com acrisolada estima; e, no volver dos tempos, seduzidos pela emotividade e reverberações do sentimento, que sóror Mariana Alcoforado revelou, os espíritos cultos, impregnados de carinho e de poesia, como o idílio dum noivado místico, hão-de reviver e beijar a cada passo a sua memória, que desperta e vibra, em lira de ouro, a nota bemdita do perene Amor!

* * *

Após a morte da última freira, o palácio dos infantes, os dormitórios com seus nichos floridos, corredores e arcarias, habitações e jardins, lagos e repuchos, donde o perfume espiritual, meio pagão e meio cristão, se exalava, — tudo ruiu, em obediência ao determinismo inexorável dos tempos transcorrentes e à voz imperante dos estetas, modernizantes das cidades. O que ficou de pé, foi então cedido pelo Govêrno, para instalação da Sé Catedral, por Decreto de 25 de Abril de 1892, ao venerando bispo, D. António Xavier de Sousa Monteiro, que, milénio e meio após Santo Aprígio, talento impregnado de ilustração e de subtileza, revelado nos seus comentários sôbre o Apocalipse e os Cânticos de Salomão, e dois séculos depois do imortal Cenáculo de Vilas Boas, letrado, polígrafo, scientista, amigo e cooperador do marquês de Pombal, nas suas reformas de instrução, é na galeria dos antístites de Beja, se bem que pese aos negros inimigos da sua glória, a figura mais representativa de sábio e de artista, cuja bibliografia notável o culmina à maior ilustração moderna da igreja pacense, onde merecia ter um túmulo condigno.

Falecido êste egrégio bispo, em Junho de 1906, o qual havia conseguido importantes subsídios para a conservação dos restos daquele edifício, classificado de monumento nacional, caíu êste no mais triste abandôno, em que azulejos e talha se deslocavam e tombavam despedaçados a todo o momento. ¡Felizmente, os espíritos simianos de vandalismos brutalíssimos, que mandam a picareta e o camartelo arrancar as páginas da nossa história, escritas nos arcos romanos, nas ogivas, nas muralhas, nos templos, nas capelas, nas sepulturas, nas colunas, nos coruchéus, nas inscrições, nos monumentos, não mandaram derribar o mosteiro da Conceição, pelo que se lhes devem tributar rendidas graças!

Em 26 de Dezembro de 1917, a instâncias da Junta Geral do Distrito, foi decretado que ali se efectivasse a instalação do Museu regional, com todo o belo escrínio de jóias, alfaias e quadros da antiga Mitra de Beja e do componente do Museu municipal. Todavia, só nos últimos tempos, graças à continuidade de aspirações e a trabalhos iniciados, consubstanciando desejos colectivos, que actuaram qual vara de condão mágico, nas vontades adormecidas, é que surgiram do cáos do abandôno as suspiradas obras de restauração e alindamento do mosteiro, onde já o Museu regional me sorri, na visão do meu espírito. Tais obras, sob o influxo e à custa da Junta Geral do Distrito, encontram-se quási ultimadas (1). É motivo de honra para a cidade de Beja e de contenta-

---

(1) Na presente ocasião, quando as provas tipográficas deferentemente me são enviadas (2 de Novembro), já o Museu Municipal de Beja, instalado em algumas dependências térreas dos Paços do Concelho, foi entregue pela Câmara ao Distrito e transferido para o mosteiro da Conceição, que se abrira definitivamente em 5 de Outubro pretérito.

Graças ao disvelo constante do snr. cap. José Pedro Canelas, vice-presidente da Com. Adm. da Junta Geral do Distrito, as obras primaciais para a instalação do museu regional encontram-se realizadas, com mimosa visão artística, não obstante a falta do subsídio, acessório às receitas distritais, prometido para aquele objectivo, pelas entidades culminantes dos Monumentos Nacionais.

Oxalá a necessária construção de uma sala para pintura não seja adiada, e os quadros preciosos e as alfaias sacras venham, quanto antes, tomar posição neste belo *certame*, que lhes pertence, onde o seu ilustrado conservador e bibliotecário municipal, snr. Bolinhas Nogueira, tudo ordenará, com o brilho e predicados de mestre culto, sensato e talentoso, que o distinguem.

Há, pelos concelhos do Distrito, objectos arqueológicos e artísticos, sem aplicação ao conhecimento público. Será, portanto, meritório que os atuais representantes da Junta Geral de Beja, que professam ideais de beleza, tomem a iniciativa de solicitá-los, para serem engastados, como jóias de valor, no relicário do museu regional.

mento para os espíritos cultos, nacionais e estranhos — romeiros da beleza, peregrinos do sentimento estético, — que freqüentemente veem pousar seus olhos e recrear a sensibilidade artística neste belo relicário de lêdas graciosidades e de memórias idas — ¡o mosteiro da Conceição de Beja!

Beja — Junho — 1927.

Manuel Ançã.

ROTEIRO BIBLIOGRAPHICO

MARIA NO CALVARIO

pelo *Conego Correia Pinto*

Nem só, em boa hora, de doutas dissertações theologicas, de graves casuisticas ou orthodoxias austeras, d'eruditas theses philosophico-moraes, constou o recheio da parenética do Congresso Marianno de Braga. N'elle, tambem, pela voz fiel e piedosa do Dr. Correia Pinto, orador sagrado d'alta valia, correu lenemente o veio affectivo do sentimento, soou a terna e amoravel licção do coração.

Maria no Calvario é um commocionante e harmonioso cantico votado ao melhor dos amores, o maternal, cuja consubstanciação pura e maxima está na Virgem, mãe de Jesus e dos homens. É o seu ingente soffrimento, repassado da maior nobreza d'alma, o que propulsa o author; é a sua dôr unica e soberana o que o attrahe e compelle a riscar linhas tam enternecidas e vehementes, com as quais realisou uma carinhosa e fervida panegyris do amor de Mãe. Se para Christo foi pezada a Cruz, não o foi menos para Maria, bem o soube reconhecer Bossuet, principe da sacra oratoria.

Decerto, sobravam recursos ao Dr. Correia Pinto para bizarrear largas sabedorias, profundas erudições; preferiu, porém, e bem o fez, immergir-se nas pias e purissimas commoções que insufla o contemplar espiritual do coração magoado, exulcerado, da Virgem, o qual lhe deu azo a urdir, n'uma linguagem sã e vivaz, firme e sóbria, uma peregrina apologia que, como oração, bem póde ser rezada pelos bons corações crentes.

Compassivamente, finalisa o Dr. Correia Pinto o seu encantador trabalho por ponderar o miserrimo estado moral-espiritual das sociedades actuaes, rebaixadas por um ignaro e salaz materialismo, submersas no pantano da bestialidade, cujas ultimas e justissimas palavras estas são: *corremos á perdição, quando fugimos da cruz; caminhamos com segurança, e para a luz e para o céo, quando sobre as nossas dôres correm maternalmente, piedosamente, as lagrimas de Maria.*

* * *

ETHNOGRAPHIA DA BEIRA

por *Jayme Lopes Dias*

Vasto campo d'estudos, de gran utilidade nacional, é a ethnographia. Tarde principiou sua lavra, mas, comquanto pequena, tem sido sã e proficua. Effectivamente, poucos são e tem sido seus cultores. Entre os novos inclue-se agora o Dr. Jayme Lopes Dias e de modo honroso. Das rudes e viris terras beirôas do districto de Castello Branco, quanto ás suas lendas, costumes, tradições, crenças e superstições, se ocupa o seu livro. Tais trabalhos são sempre interessantes, mesmo que se apresentem descuidadamente ataviados, como este, pelo que se escusa o encarecer o merito da *Ethnographia da Beira,* demais que é o primeiro livro publicado sobre aquella região.

Do confronto com outras regiões do paiz, reconhece-se a analogia, por vezes a egualdade, de muitos costumes e lendas, como seja na do rei Ramiro, na do chorar o Entrudo com o jogo das pulhas, na do queimar o madeiro do Natal, etc. Já as folias e as danças beirenses não acham par cá no norte. Todavia, deve notar-se que a veia poetica beirôa é monotona e inferior á duriense e á minhota.

O livro, comquanto despretencioso é realmente agradavel e util para o acremento ethnographico do paiz. Cumpre ao author, agora, honrar o compromisso que elle constitue, proseguindo na róta marcada.

* * *

VERBO HUMILDE

por *Alipio Rama*

Nem toda a poesia d'estes ultimos annos é fomentada por vesanicas ou esdruxulas inspirações, nem todos os poetas se desgarram por caminhos malignos ou burlescos. Ha-os, louvores a Deus, senhores de sãos processos, impellidos por um proficuo objectivo, bella e gentilmente inspirados. D'estes, cumpre agora destacar Alipio Rama, cujo livro bem merece uma carinhosa e cuidosa leitura, pois é, na verdade, um livro de muita belleza, quer technica quer espiritual. Decerto, algumas jaças apresenta, leves, todavia.

Reconheceu a mal-ditosa Elisa Loeve Weimar que Portugal é geographicamente obrigado a ser um alfôbre de lyristas. Alipio Rama é, tambem, um poeta lyrico. N'elle, o lyrismo constitue a sua estructura espiritual, embora seja devéras influenciado pelas formas parnasiana e symbolica, mórmente manifestas nas peças *Versos Nossos* e *Livro de Horas.* N'esta, é de notar que o poeta se perde em aridas divagações sentimentais.

Mas, tais influencias ressumbra-as claramente todo o livro, por certo com alheamento do author, que, ás vezes, suscitam a lembrança de Junqueiro e Eugenio de Castro, como se póde exemplicar com a peça *Pelas Primeiras Rosas,* na qual se divisa o pantheismo d'aquelle.

A despeito d'isto, são patentes e largos os recursos proprios de Alipio Rama, bastantes não só para eliminar esses influxos como para appôr nos seus bellos versos o cunho pessoal.

Bem concebidas são as suas ideias e offerta-nos graciosos e originais pensamentos, de que é uma prova o *Voluptuoso Soneto,* cujo thema, apezar de gasto, é tratado com raro engenho e novidade.

Póde haver-se como perfeita a technica, sem imperfeições a metrica, ainda que, por vezes, a rima deslise na trivialidade e certos versos se tornem frouxos, arrastados, o que prejudica a melodia, o rythmo, decididamente esplendidos n'algumas composições, tal *Escreve a pena do lavrador.*

Não é descabido, pois, recordar a licção de Eça de Queiroz: o sentimento mais artificial posto n'um verso maravilhosamente feito é uma obra d'arte, o mais verdadeiro grito de paixão n'um alexandrino desageitado é uma semsaboria.

Do livro, a melhor peça, aquella onde o author attinge o maior grau de belleza e de perfeição poetica é *A Coimbra, meu primeiro amor,* que por si só basta para firmar o valor do poeta.

Carlos de Passos.

NOTA — Esta secção termina com o presente número.

A *Ilustração Moderna*, dentro dos princípios estético-sociais que a orientam, não podia ser estranha ao movimento espiritualista que em todo o mundo civilizado provocou a comemoração do VII Centenário da morte de S. Francisco de Assis. Literatos, artistas, filósofos, pensadores, homens de sciência — todos prestaram homenagem, sem distinção de crenças, ao vulto mais notável da Idade Média, de cuja ordem saíram os homens que prepararam o Renascimento filosófico, artístico e literário. Consagrando-lhe o último número do seu segundo ano, a *Ilustração Moderna* cumpre um simples dever, patriótico e humanitário, que lhe era imposto pelo seu programa.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME (1.º e 2.º Ano)